



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Alberto Dias Mendes

**O Brasil entre a vassoura do político e o fuzil do guerrilheiro:
Tramas da condecoração de Che Guevara nos meandros da Guerra Fria
(1958-1973)**

Rio de Janeiro

2018

Alberto Dias Mendes

**O Brasil entre vassoura do político e o fuzil do guerrilheiro:
Tramas da condecoração de Che Guevara nos meandros da Guerra Fria (1958-1973)**



Tese apresentada, como requisito para obtenção do Título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política e Cultura.

Orientadora: Prof^a Titular Dra. Lená Medeiros de Menezes

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

M538

Mendes, Alberto Dias

O Brasil entre a vassoura do político e o fuzil do guerrilheiro: tramas da condecoração de Che Guevara nos meandros da Guerra Fria (1958-1973) / Alberto Dias Mendes. – 2018.
329f.

Orientadora: Lená Medeiros de Menezes.

Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Brasil – História – Crise de 1961 - Teses. 2. Quadros, Jânio, 1917-1992 – Teses. 3. Guevara, Ernesto, 1928-1967 – Teses. 4. Brasil – Relações exteriores – Teses. I. Menezes., . Lená Medeiros de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 981.65

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alberto Dias Mendes

**O Brasil entre vassoura do político e o fuzil do guerrilheiro:
Tramas da condecoração de Che Guevara nos meandros da Guerra Fria (1958-1973)**

Tese apresentada, como requisito para obtenção do Título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política e Cultura.

Aprovada em 16 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Profª Dra. Lená Medeiros de Menezes (orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Oswaldo Munteal Filho
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Profª Dra. Monica Leite Lessa
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Carlos Henrique Aguiar Serra
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Renato Luis do Couto Neto e Lemos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que me educaram nos valores.

Ao amigo Carlos César dos Santos (*in memoriam*).

Aos trabalhadores da Uerj, que confiaram em mim para representá-los.

Ao Sindicato que ajudei a construir e ao Pré-Vestibular do Sintuperj que ajudei a conceber e
coordenar.

AGRADECIMENTOS

Viver é um ato histórico. A vida fica extremamente entediante sem emoções ou desafios. O produto que ora apresento é fruto de uma vida militante. Como cantou Violeta Parra: *Gracias a la vida!*

Agradeço aos meus pais, irmãos e filho, minha querida família que me apoiou e incentivou. À minha companheira que participou de todo o processo. Aos meus netinhos, que cantavam e brincavam, acalmando minha ansiedade.

Agradeço à Minha orientadora, Professora Lená Medeiros, pois teve paciência e compreensão, conduziu meus passos para o amadurecimento teórico, apontando caminhos e, fundamentalmente, confortando-me com palavras amigas e gestos que traduziram profunda sapiência.

Ao Professor Oswaldo Munteal que me incentivou ao doutorado e acompanhou meus passos, indicando leituras e questionando interpretações.

Meu agradecimento à Professora Lúcia Maria Bastos e ao Professor Luiz Edmundo Tavares, que me apoiaram nos momentos mais difíceis.

Aos professores do Departamento de História, à Coordenação da Pós-Graduação, aos funcionários e Direção do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, pelo estímulo, compreensão e apoio.

Aos entrevistados, que me acolheram em suas residências, onde pude desfrutar bons momentos ouvindo histórias emocionantes: Theotônio dos Santos, Moniz Bandeira, Saturnino Braga, Marcelo Cerqueira e Jaques D'Ornellas. Especialmente a Claudia Furiati, de imensurável conhecimento sobre Cuba, que me agraciou com relatos e documentos inéditos.

A todas as pessoas amigas que participaram e contribuíram com a investigação e também aos trabalhadores de arquivos e bibliotecas, destacando-se a atenção especial dos funcionários do Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores ("bolo de noiva") onde os dias de confinamento renderam excelentes resultados. Aos amigos que me acolheram em Brasília. Peço que compreendam os motivos pelos quais citar tantos nomes poderia dar margem à injustiça do esquecimento.

RESUMO

MENDES, A.D. *O Brasil entre a vassoura do político e o fuzil do guerrilheiro: tramas da condecoração de Che Guevara nos meandros da Guerra Fria (1958-1973)*. 2018. 329 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

O presente trabalho de investigação buscou compreender as conjunturas nacional e internacional nas quais se movimentou Jânio Quadros, a fim de responder à seguinte questão: Por que Jânio Quadros condecorou Che Guevara? O trabalho demonstra seu ineditismo nas fontes analisadas, nas questões levantadas e na abordagem escolhida, passíveis de preencher lacunas históricas que, até então, pareciam intransponíveis. Apoiado em um quadro teórico-metodológico de concepção dialética da história, busquei compreender o contexto histórico de agravamento da luta de classes no Brasil e o acirramento das tensões internacionais, em função da derrota dos Estados Unidos no ataque perpetrado contra Cuba em abril de 1961. Foram utilizadas fontes recolhidas nos arquivos públicos do Ministério das Relações Exteriores (DF), Biblioteca Nacional (RJ), Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Câmara dos Deputados, Senado Federal, Biblioteca do Ministério da Fazenda (RJ), meios digitais, entre outros locais. Com base nas fontes pesquisadas foi possível contestar a ideia da motivação única e identificar que houve várias motivações para Jânio Quadros condecorar Che Guevara, dentre as quais a de que o presidente Jânio confirmaria a independência dele em relação a partidos e políticos com um ato de Política Externa Independente, no contexto do não-alinhamento defendido a partir de Bandung.

Palavras-chave: Revolução Cubana, Aliança para o Progresso, Política Externa Independente, Condecoração de Che Guevara.

ABSTRACT

MENDES, A.D. *Brazil between the politician's broom and the guerrilla's rifle: plots of the decoration of Che Guevara in the meanders of the Cold War (1958-1973)*. 2018. 329 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This research aimed to understand the national and international conjunctures in which Jânio Quadros moved, in order to answer the following question: Why did Jânio Quadros decorate Che Guevara? The work demonstrates its originality in the sources analyzed, in the questions raised and in the chosen approach, capable of filling historical gaps that until then seemed insurmountable. Based on a theoretical-methodological framework for the dialectical conception of history, I sought to understand the historical context of the worsening of the class struggle in Brazil and the intensification of international tensions, due to the defeat of the United States in the attack against Cuba in April 1961. It was used sources collected in the public archives of the Ministry of Foreign Relations (DF), National Library (RJ), Public Archive of the State of Rio de Janeiro, Chamber of Deputies, Federal Senate, Library of the Ministry of Finance (RJ) among other places. Based on the sources researched, it was possible to challenge the idea of single motivation and to identify that there were several motivations for Jânio Quadros to decorate Che Guevara, among which was that President Jânio would confirm his independence in relation to parties and politicians with an act of Politics Independent, in the context of non-alignment defended from Bandung.

Keywords: Cuban Revolution, Alliance for Progress, Independent Foreign Policy, Che Guevara Award.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Recorte de jornal informa sobre o triunfo.....	26
Figura 2	– Exército popular feminino de defesa da Revolução.....	33
Figura 3	– Guarda popular do Exército feminino.....	34
Figura 4	– Pontos de lutas sociais.....	38
Figura 5	– Mikoyan e Fidel assinam acordo sobre o açúcar.....	46
Quadro 1	– Dados comparativos 1950-1961.....	101
Figura 6	– Jânio em duas direções.....	103
Figura 7	– Varre varre vassourinha.....	114
Quadro 2	– Trajetória política de Janio Quadros.....	115
Figura 8	– Autógrafo na vassoura.....	118
Figura 9	– Propaganda de Jânio em jornal.....	119
Figura 10	– Eleitora com o filho.....	120
Figura 11	– Jânio Quadros com Fidel em Cuba.....	124
Figura 12	– O terno e o coldre.....	125
Figura 13	– Safari na administração.....	134
Figura 14	– O terno e a batina.....	139
Figura 15	– Distribuição das escolas radiofônicas.....	140
Figura 16	– Exército reprime estudantes no Recife.....	149
Figura 17	– Guerrilheiro em Montevideú.....	197
Figura 18	– A bandeira de cubana.....	198
Figura 19	– O caminho é curto e a jornada é longa.....	199
Figura 20	– Agradeçam a Cuba por esse encontro.....	200
Figura 21	– Cuba não se rende.....	202
Figura 22	– No encontro entre Mariani e Guevara, o gesto de amizade.....	208
Figura 23	– Encontro de Ministros (Mariani e Guevara).....	209
Figura 24	– Medalha do Cruzeiro do Sul.....	231
Figura 25	– Bandeira brasileira agita com a passagem de Che.....	234
Figura 26	– Oficial ao lado de Che Guevara.....	235
Figura 27	– O planalto em prontidão.....	236
Figura 28	– Che de frente ao militar.....	236

Figura 29	–	Em revista à Guarda Presidencial.....	237
Figura 30	–	Ministro ou guerrilheiro?.....	238
Figura 31	–	Olhares atentos dos que assistiram à cerimônia.....	240
Figura 32	–	Jânio fixa a insígnia no uniforme de Guevara.....	241
Figura 33	–	A faixa é colocada em Che.....	242
Figura 34	–	Um gesto de amizade.....	243
Quadro 3	–	Condecorações concedidas em 1961.....	248
Figura 35	–	Vai medalha vem acordo.....	261
Figura 36	–	Foto de Che Guevara disfarçado.....	289

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFP	Agence France-Presse
ALPRO	Aliança para o Progresso
ALALC	Associação Latino-Americana de Livre Comércio
ALN	Ação Libertadora Nacional
ANL	Aliança Nacional Libertadora
APERJ	Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro
APM	Arquivo Público Mineiro
AHMRE	Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores (DF)
BIRD	Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento
BM	Banco Mundial
BN	Biblioteca Nacional
BDC	Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
CIES	Conselho Interamericano Econômico e Social
CM	<i>Correio da Manhã</i>
CPDOC-FGV/RJ	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Fundação Getúlio Vargas/Rio de Janeiro
CLI	Coleção de Leis do Império
CLR	Coleção de Leis da República
DCN	Diário do Congresso Nacional
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau International
FMI	Fundo Monetário Internacional
FSP	Folha de São Paulo
JB	Jornal do Brasil
JC	Jornal do Comércio
MNR	Movimento Nacional Revolucionário
NSC	National Security Council
NSSM	National Security Study Memorandum
NYT	New York Times
OLAS	Organização Latino-Americana de Solidariedade
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PCB	Partido Comunista do Brasil
PDC	Partido Democrático Cristão
PNA	Países Não-Alinhados
POLOP	Política Operária
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático

PSP	Partido Socialista Popular
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
RAU	República Árabe Unida
TIAR	Tratado Interamericano de Assistência Recíproca
UDN	União Democrática Nacional
UNE	União Nacional dos Estudantes
UPI	United Press International
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A REVOLUÇÃO QUE JÂNIO CONDECOROU	24
1.1 Uma Revolução no "nariz" do imperialismo	26
1.2 O Comandante Che Guevara	50
1.3 Impactos da Revolução cubana na política externa dos EUA	61
1.4 Operações encobertas contra Cuba.....	75
1.5 Efeitos colaterais do fracasso em Praia Girón	89
2 O BRASIL DE JÂNIO QUADROS	101
2.1 A herança nacional-desenvolvimentista	104
2.2 Jânio vem aí...a vassoura meteórica	113
2.3 Jânio e a política dependente	127
2.4 Recife: a prova de fogo.....	140
2.5 A Política Externa Independente	153
3 A ALIANÇA PARA O PROGRESSO	171
3.1 A Segurança Hemisférica	171
3.2 Discursos: marcando posições.....	186
3.3 A participação cubana na conferência	195
3.4 Dos bastidores de Punta del Este à exclusão da OEA	213
4 A "CRUZ" DE JÂNIO QUADROS	224
4.1 A Ordem do Cruzeiro: do Império à República	224
4.2 Brasília recebe o Ministro Che Guevara.....	233
4.3 Das críticas ao apelo religioso: uma cortina de fumaça?.....	250
4.4 O Papa ou Kennedy?	264
4.5 Religião ou revolução	272
4.6 A tentativa de cancelar a condecoração.....	280
CONCLUSÃO	282
REFERÊNCIAS	299

INTRODUÇÃO

O dia 19 de agosto de 1961 ficou definitivamente marcado na história da República brasileira¹. O Presidente Jânio Quadros condecorou Ernesto Che Guevara, um dos Comandantes da Guerrilha de *Sierra Maestra* e Ministro da Indústria de Cuba, com a Ordem Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul. Em um dos poucos testemunhos sobre aquele fato histórico, Carlos Castello Branco, assessor de imprensa do presidente, afirmou que "Jânio saudou rapidamente o ministro revolucionário de Cuba" e, em seguida, que "O presidente colocou-lhe o colar no pescoço e entregou-lhe a caixa com o diploma e a medalha" (1961, p.61).

Concordando com a tese de que nós fazemos a história, mas não em condições que escolhemos e sim com as quais nos defrontamos e herdamos (MARX, 1978, p. 329), o ato Jânio Quadros extrapolou quaisquer previsões. Ali estavam dois Chefes de Estado: um, o anfitrião, presidente do maior país da América Latina; o outro, visitante, na condição de Ministro da Indústria de Cuba, embora na prática tivesse sido recepcionado também² como Comandante das Forças Revolucionárias cubanas.

Alguns jornais, como atores históricos, publicaram textos contra o ato de Jânio que pareciam verdadeiros bombardeios linguísticos, imputando ao visitante qualificações como "apátrida" e "aventureiro internacional" (*A Noite*, de 21/08/1961, pág. 03).

Ernesto Che Guevara, Ministro e Guerrilheiro, vinha de Punta del Este (Uruguai), onde havia participado da Conferência que lançou a *Aliança para o Progresso*. Nos aeroportos por onde passou, "No Rio de Janeiro e em São Paulo, as massas lançaram-se às ruas. Traziam grandes retratos de Che e bandeiras de Cuba", afirmou o embaixador argentino Ricardo Rojo³ (1983, p.130). Che Guevara, porém, figurava na lista da CIA⁴ como um dos líderes mundiais que deveriam ser assassinados (RATNER&SMITH, 1997).

¹ Algumas fontes indicaram que a cerimônia deveria ocorrer no dia anterior (*Correio da Manhã*), quando foi, inclusive, publicado o Decreto da Condecoração. Em função da visita de Che a Frondizi e o atraso no voo, não restou alternativa em realizá-la pela manhã do dia 19 de agosto, às 7 horas, já que Jânio deveria voar para Espírito Santo, a fim de inaugurar obra naquele Estado.

² Em solenidades oficiais, Che Guevara era tratado como "Ministro". Na palestra que proferiu na Universidade de Montevideú, durante o evento de Punta del Este, fora tratado como "Comandante". A imprensa alternava os dois tratamentos, ora "Ministro" ora "Comandante".

³ Ricardo Rojo conheceu Che Guevara na Bolívia, um ano depois da revolução que uniu mineiros e camponeses, sob a direção do Movimento Nacional Revolucionário (MNR): "foi na casa de Nougués [Isaías Nougués, deputado da oposição argentina], sem dúvida o argentino mais rico e bem relacionado entre todos os que havia em La Paz, que vim a conhecer, numa noite, Ernesto Guevara" (ROJO, 1983, p.25). Rojo havia participado da

Em sua passagem pela América do Sul, Che encontrou-se com o presidente da Argentina, Arturo Frondizi. Teve uma conversa, que ficou em segredo por trinta anos, com o assessor de John Kennedy, Richard Goodwin. Em seguida, dirigiu-se ao Brasil para encontrar-se com o presidente Jânio Quadros.

O mundo vivia, naquele momento, novas configurações da Guerra Fria, conflito construído ideologicamente (CHOMSKY, 2003) com base na bipolaridade entre Estados Unidos e União Soviética. Dependentes de uma economia de guerra, os Estados Unidos criaram um novo inimigo: o comunismo, representado pela União Soviética. Político-ideológico, o conflito entre os dois polos ganhou dimensões de confronto econômico e científico.

Como precursores do processo de domínio econômico norte-americano, encontrar-se-á o acordo de Bretton Woods, no qual foram criados o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Bird (Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento-Banco Mundial), com objetivos claros do financiamento de projetos para as "importações de equipamentos industriais, matérias primas e alimentos", além do estabelecimento de uma "autoridade internacional" com relação ao comércio e "práticas monetárias" (AYERBE, 2002, p. 68). O FMI passou a ter ingerência sobre as economias nacionais, ao mesmo tempo em que financiou as nações europeias no pós-guerra, obrigando-as a associarem-se a ele, para obtenção de empréstimos. Mais do que isso, passou a definir as políticas a serem adotadas pelos governos que dele faziam uso.

A política externa norte-americana, nos anos imediatamente posteriores a 1945, foi confirmando a tendência imperialista de busca da hegemonia mundial (PECEQUILO, 2005), definindo a reconstrução da Europa como plano fundamental para conter o avanço do comunismo. Os Estados Unidos estabeleceram, para tanto, duas frentes de controle internacional: uma na América Latina, instituindo o "sistema interamericano", por meio do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar); a outra, na Europa, por meio do Plano Marshall, um projeto de ajuda econômica. Este último aumentou o fluxo de capitais, por meio de empréstimos aos países europeus. Em consequência, o dólar passou a ser moeda

União Cívica Radical na Argentina (partido anti-peronista), formando comissão de defesa dos presos políticos, a qual compunha também Arturo Frondizi (seis anos depois seria eleito presidente). Ricardo Rojo havia sido preso sob acusação de oposição ao regime. Escapou e pediu asilo na Embaixada da Guatemala. Após autorização de Perón, Rojo foi conduzido pelo embaixador guatemalteco ao aeroporto, onde pegou avião para o Chile de Carlos Ibañes, amigo de Perón. Chegou a La Paz quando se contavam oito dias após o assalto ao quartel Moncada em Cuba. Rojo e Che tornaram-se amigos desde então.

⁴ *Central Intelligence Agency*. Agência Central de Informações. Tradução em Agee, s/ data, p.1.

forte, substituindo o tradicional padrão-ouro, considerando que este último perdera sua capacidade de manter o equilíbrio financeiro internacional. A Guerra Fria garantiu aos Estados Unidos confirmarem-se como o centro do capitalismo mundial vocacionado para intervenções militares e operações secretas.

Ao enfraquecimento dos países europeus como França, Inglaterra e Bélgica, somaram-se o crescimento do movimento comunista na Ásia, impulsionado pela Revolução Chinesa (1949), e o fortalecimento das lutas de independência na África, onde se destacou a liderança nacionalista de Gamal Abdel Nasser no Egito. Incentivados por uma conjuntura favorável, caracterizada por movimentos de insurreição ou de libertação nacional, vinte e nove países da África e Ásia reuniram-se em Bandung (Indonésia), em 1955, para demarcar uma terceira posição, afastando-se da bipolaridade. Em decorrência da nova organização afro-asiática, entre 1955 e 1961, os dois continentes registraram a maior quantidade de conquista de independências e criação de Estados Nacionais⁵.

Na América Latina, a incapacidade das burguesias nacionais em impulsionar o capitalismo industrial permitiu a dominação imperialista norte-americana num formato neocolonialista, no qual se acentuaram as contradições de classe. O aumento da extração de mais-valia, com o conseqüente acúmulo de capital enriqueceu os monopólios privados internacionais, ao mesmo tempo em que elevou o grau de miserabilidade da população. A ausência de projetos de ajuda econômica e o crescimento dos movimentos de esquerda elevaram o sentimento anti-norte-americano por parte da população latino-americana. A fim de manter a "segurança hemisférica" contra a "ameaça comunista", Juscelino Kubitschek propôs, ao presidente dos Estados Unidos, a *Operação Pan-Americana* em 1958.

No campo político, os setores nacionalistas aliaram-se à esquerda comunista⁶, redimensionando a correlação de forças. A nova política de alianças permitiu vitórias expressivas do campo democrático e popular, de caráter anti-imperialista, nas eleições para as chefias do Executivo. A fragilidade da democracia representativa e as limitações econômicas das reformas implantadas pelos governos populares, entretanto, eram julgados, pela esquerda revolucionária⁷ como insuficientes para alterar a lógica da exploração capitalista. Nessa

⁵ O ano de 1960 registrou o maior número de independências nacionais na África.

⁶ Esquerda comunista doravante denominada aquela ligada aos partidos comunistas nos respectivos países.

⁷ Esquerda revolucionária será designada àquela defensora da revolução armada para alcançar o socialismo.

perspectiva, teve lugar, em Cuba, a primeira experiência bem sucedida de revolução armada⁸ no continente, com o triunfo da guerrilha em 1959. A partir de então, o cenário político no continente apresentou alterações profundas e significativas, obrigando os Estados Unidos a também mudarem sua política externa. Em abril de 1961, um conjunto de erros dos Estados Unidos levou-os à derrota na tentativa de retomar o controle de Cuba por meio de um ataque com forças mercenárias comandadas pela CIA. O fracasso da invasão obrigou o país a tomar um conjunto de medidas com o intuito de isolar Cuba do "sistema interamericano", impedir o avanço da revolução e manter o controle sobre os países latino-americanos. Dentre as ações a serem adotadas, o presidente John Kennedy apresentou a *Aliança para o Progresso*.

No Brasil, as Ligas Camponesas⁹, coordenadas por Francisco Julião¹⁰, organizavam o movimento rural pela reforma agrária radical, principalmente em Pernambuco. O Nordeste era castigado pela seca, fome e miséria; a população, chamada de "flagelada". Em Recife, a mãe de Che Guevara proferiu palestra na Faculdade de Direito, no dia 31 de maio, sob escolta dos estudantes, os rebeldes brasileiros que desobedeceram às ordens do diretor. No dia seguinte, uma greve tornou a cidade governada por Miguel Arraes uma praça de guerra. No Rio de Janeiro, não mais Capital Federal, barracos, lixo e esgoto configuravam a realidade do povo, enquanto, em Duque de Caxias, camponeses armados garantiam a posse de suas terras após setenta e duas horas de intenso combate. Um árduo debate sobre reforma ou revolução cindia o Partido Comunista do Brasil (PCB), principal força política da esquerda.

Com "o predomínio da agenda anticorrupção no debate político" (MELO, 2016), em 1960, a vitória do moralista Jânio Quadros nas eleições presidenciais possibilitou à União Democrática Nacional (UDN) um desjejum de quinze anos para o cargo máximo do Executivo. Empossado, Jânio Quadros almejava a "plenitude dos poderes" (MONIZ BANDEIRA, 2016) e adotou uma estratégia de ambiguidades, nomeando Afonso Arinos de Melo Franco para conduzir uma controversa Política Externa Independente, cujo princípio era

⁸ No pós-1945, houve a Revolução boliviana (1952) e a experiência da Guatemala com Jacobo Arbenz. Nos dois casos, golpes interromperam as mudanças que estavam em curso, principalmente a reforma agrária.

⁹ O surgimento das ligas camponesas ocorreu no pós-45, por iniciativa do Partido Comunista do Brasil (PCB), como estratégia de ampliação das bases políticas, numa "aliança operário-camponesa" (AZEVEDO, 1972, p. 1982, p. 55).

¹⁰ Francisco Juliano Arruda de Paula (1915-1999). Nascido em Bom Jardim (Pernambuco), teve contato com o marxismo aos 13 anos de idade. Julião formou-se em direito e foi eleito Deputado Estadual por Pernambuco (PSB). Procurado pelo líder camponês do Engenho da Galileia, José dos Prazeres, prestou assessoria jurídica para a criação da Sociedade de Agricultura e Criação de Gado de Plantadores de Pernambuco - SAPP (conhecida posteriormente como *Liga Camponesa da Galileia*), iniciando o contato com as Ligas Camponesas. (PAGE, 1972, p. 53)

romper a lógica da inserção do Brasil no mundo, à medida que intencionava a aproximação com países socialistas e não-alinhados da África e Ásia (GONÇALVES, 2016). Em função dessa nova orientação na política externa, o governo enfrentou a oposição sistemática dos setores reacionários, comprometidos com o capital monopolista internacional. Ao mesmo tempo, o presidente adotou, internamente, medidas de caráter liberal, como a Instrução Sumoc 204, elogiada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

No campo político, as contradições evidenciaram-se desde o início, com a posse do trabalhista João Goulart¹¹ no cargo de Vice-presidente¹². Goulart desentendeu-se com Jânio por causa da abertura de comissões de sindicância contra ele (Jango). Como resultado de entendimentos entre os mandatários do governo, em julho de 1961 instituiu-se uma Comissão para visitar os países socialistas, sendo nomeado João Goulart para chefiar a Missão.

Nesse contexto conturbado, por vezes opaco, ocorreu a condecoração de Che Guevara, razão pela qual busquei, nesse trabalho, responder à pergunta: Por que Jânio Quadros condecorou Che Guevara? Questão central, dela decorreram outras questões: Que fatores teriam levado o Presidente a colocar a insígnia no líder guerrilheiro? A quem servia Jânio, à direita ou à esquerda? Jânio renunciou por causa da reação contra a condecoração? O que veio fazer Che Guevara no Brasil? Que conversas estabeleceu o líder guerrilheiro com o assessor de Kennedy, com Frondizi e com Jânio? O que Jânio tratou com Frondizi no encontro realizado entre os dois "a portas fechadas" em Uruguaiana? O que Jânio teria dito a Che Guevara quando com ele ficou sozinho em Brasília?

A fim de localizar o objeto no tempo histórico, uma datação foi fundamental (Koselleck, 2006, p. 13). Sendo assim, defini como parâmetros históricos o período compreendido entre 1958 e 1973. O ano de 1958 foi estabelecido marco inicial em função da eleição de Jânio Quadros para Deputado Federal, mandato que ele instrumentalizou para a campanha para presidente. Nesse mesmo ano foi feita a proposta da *Operação Pan-Americana* por Juscelino Kubitschek, em carta ao presidente dos Estados Unidos, Dwight

¹¹ Conhecido como Jango.

¹² João Goulart (Jango), considerado "herdeiro" Getúlio Vargas, derrotou o candidato de Jânio para o cargo de Vice-presidente, o udenista Milton Campos. Naquela época, presidente e vice poderiam ser eleitos em chapas separadas. Somada à vitória de Jânio representando a oposição, a eleição de Jango, em posição ideológica oposta, tornou o pleito de 1960 mais singular.

Eisenhower¹³. O recorte final deveu-se ao fato da condecoração de Che Guevara ter-se mantida na pauta dos debates na Câmara dos Deputados até 1973.

O título "*O Brasil entre a vassoura do político e o fuzil do guerrilheiro - tramas da condecoração de Che Guevara nos meandros da Guerra Fria (1958-1973)*", merece breve comentário. Ele é alusivo não somente aos líderes em questão, Jânio Quadros e Che Guevara, mas aos debates que permearam aquela época histórica. Jânio Quadros, um anticomunista, moralista, por vezes puritano, condecorando sua antítese, Che Guevara, guerrilheiro revolucionário e marxista. Nos dois, a encarnação do momento que o mundo vivia.

A tese aqui apresentada teve sua relevância confirmada à medida que a pesquisa foi sendo aprofundada, seguindo caminhos inexplorados, principalmente a análise do fato nos "meandros" da Guerra Fria e frente aos objetivos de Jânio de se tornar um líder messiânico "não-alinhado" na América Latina. Preenchidas algumas lacunas, acredito que a abertura de outras tenham sido relevantes para incentivar novas investigações, pois a busca pela "verdade dos fatos" nunca se esgota.

Coerente com os argumentos anteriormente apresentados, defini os seguintes objetivos gerais: compreender o contexto histórico no qual esteve inserido o objeto da pesquisa; compreender as relações que o Brasil estabeleceu em termos de políticas interna e externa no contexto do governo Jânio Quadros; compreender os impactos da Revolução cubana para o Brasil e para o mundo; compreender as relações do governo brasileiro com Cuba e EUA. Como objetivos específicos: identificar e analisar as versões sobre as motivações que levaram Jânio Quadros a condecorar Che Guevara; recolher fontes variadas a respeito do objeto; mapear fontes que noticiaram a vinda de Che Guevara ao Brasil; discutir a versão sobre a influência do Papa ou do Núncio na decisão de Jânio em condecorar Che Guevara.

Consoante os objetivos propostos, minha hipótese central contesta a ideia de motivação única e defende que houve várias motivações para Jânio Quadros condecorar Che Guevara: 1 - confirmar sua independência frente aos partidos e políticos com um ato, prioritariamente, de Política Externa Independente; 2 - barganhar ajuda econômica internacional; 3 - atender a uma demanda de John Kennedy, sinalizando que o Brasil tinha relações amistosas com Cuba; 4 - interceder pelos religiosos em Cuba com pedido verbal; 6- desviar atenção dos setores de esquerda.

Definidos os objetivos e as hipóteses, utilizei um quadro teórico-metodológico dentro da concepção dialética da história, tomando cuidado para não me deixar envolver pelo

¹³ Carta enviada em 28 de maio de 1958.

dogmatismo ou vícios que permeiam nossas escritas, consciente, todavia, de que não há neutralidade (Lowy, 1994). Ou ainda mais apropriado: "não se deixe hipnotizar por sua própria escolha" (BLOCH, 2001, p. 127), consciente de que a história, ao ser concebida como ciência, nunca esteve isenta de ideologia. O conflito entre "julgar e compreender" permeou a construção da escrita, apresentando-se, como diria o fundador dos *Annales*, Marc Bloch (2001), sob a forma do problema da "imparcialidade histórica". Nesse sentido, o diálogo com as fontes ocorreu a partir da consciência de que existem diferentes olhares sobre um mesmo objeto, ensejando diferentes interpretações.

Procurei ficar atento à leitura, compreendendo-a como "uma prática encarnada em gestos, práticas e hábitos" (CHARTIER, 1991, p. 173), e não uma mera "operação abstrata de intelecção" (1991, p. 181). Ler, portanto, não foi um ato simples, mas esteve envolvido por múltiplos fatores, tendo em vista que o texto tem uma forma e "não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido)" (1991, p.182). A compreensão do texto escrito esteve condicionada ao formato recebido, por vezes, sem condições de leitura ou manuseio.

O trabalho inscreve-se no âmbito da História do Brasil Contemporâneo em sua relação com a América Latina e o Mundo, na perspectiva de uma História Política e Cultural. Em função do objeto da pesquisa, tornou-se imprescindível o estabelecimento de um diálogo com as ciências sociais.

As fontes foram agrupadas da seguinte forma: 1- jornais impressos, publicações de 1961; 2 - anais com discursos parlamentares de agosto de 1961 (Câmara e Senado) disponíveis em meio digital; 3 - correspondências do Ministério das Relações Exteriores, consultadas e copiadas no Arquivo Histórico do Itamaraty-Brasília, de 1960 até 1962; documentos consultados no Arquivo da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV/RJ); 4 - registros dos órgãos de segurança ou investigação policial: CENIMAR/DOPS, desclassificados e consultados no Arquivo Público do Rio de Janeiro; Documentos da CIA, consultados em meio digital; 5 - Diários Oficiais da União, publicações do ano de 1961; 6 - documentos de política externa do CHDD (correspondências entre funcionários e os "bilhetinhos" de Jânio Quadros), consultados em meio digital.

Com relação à imprensa escrita, qualifiquei-a ora de burguesa¹⁴ ora de pró-imperialista, quando referentes àquela ideologicamente de direita. Em outra matriz político-ideológica, considerei de esquerda publicações como *Novos Rumos* (órgão oficial do PCB) referenciado, por vezes, como jornal operário, dos trabalhadores ou popular. Os cubanos

¹⁴ Na perspectiva proposta por Sodré (1999).

Avante e Revolución, como órgãos de informação do governo revolucionário. Do ponto de vista teórico-metodológico, “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeru como digno de chegar até o público” (LUCA, 2008, p. 139), o que demonstra a necessidade do historiador problematizar a identificação da narrativa do acontecimento com o próprio acontecimento, já que a imprensa não possui a exclusividade da questão.

Uma análise geral do Brasil esteve alicerçada nas obras de Moniz Bandeira (1979) e Dreifuss (1981) no campo político; Weffort (1978) e Capelato (1998) na análise do populismo; Singer (1984) no campo econômico; Santos (1995) e Marini (2008) sobre a inserção dependente do Brasil no sistema capitalista mundial; e Sodré (1999) sobre a imprensa. Para uma análise geral da América Latina busquei em Moniz Bandeira (1978) e Löwy (1999) os fundamentos das principais questões em disputa no período analisado.

Para um quadro teórico geral sobre a Guerra Fria, fiz um diálogo entre o preconizado por Hobsbawm (1995), Chomsky (2003), Ayerbe (2002) e Pecequillo (2005). Para uma leitura do anticomunismo no Brasil e na América Latina, fundamentei os estudos em Tota (2009), Motta (2000) e Parenti (1970). Como o fazer histórico não é passivo (BLOCH, 2001, p.128), busquei compreender o passado a partir de uma diversidade de fontes documentais, iconográficas, de história oral e bibliográfica. Como fontes primárias, considerei: as correspondências do Itamaraty; os jornais impressos; depoimentos orais e os já publicados.

O texto está estruturado em quatro capítulos, acrescido da introdução e da conclusão. Em todos eles, foram utilizadas as fontes documentais elencadas acima, de forma a não concentrá-las em uma ou outra parte da tese.

O primeiro capítulo tem como objetivo discutir a Revolução Cubana, como marco central da ruptura política no continente latino-americano, relacionada com a Guerra Fria e a política externa dos Estados Unidos de forma a compreender as questões principais que envolveram a condecoração de Che Guevara por Jânio Quadros em 1961. Apresenta-se, para tanto, dividido em subtópicos com os elementos que julguei mais relevantes para a pesquisa: o governo revolucionário, com o aprofundamento das medidas nacionalizantes, a aproximação com o bloco soviético e a projeção de Fidel Castro como líder latino-americano; a constituição de Che Guevara como guerrilheiro internacionalista e seu monitoramento pela CIA; a política externa norte-americana para a América Latina e a execução de operações secretas; a invasão de Cuba pelos Estados Unidos, a derrota norte-americana e a definição do caráter socialista da Revolução, o que deslocou, definitivamente, a Guerra Fria para a América.

Utilizei como referencial geral do processo cubano as obras de Sader (1992), Moniz Bandeira (2009), Furiati (2016) e Szulc (1987). Para uma análise de Che Guevara, trabalhei com textos do próprio, com Löwy (1971), Péres (2001) e Pericás & Barsotti (1998) em diálogo com as biografias escritas por John Lee Anderson (2012), Paco Taibo Mahajo (2011) e Jorge Castañeda (1997). Também foi consultado com relação ao monitoramento da CIA e FBI, além de Ratner and Smith (1997), os arquivos disponíveis em meio digital.

Para uma análise da política dos Estados Unidos na América Latina, usei como fontes os discursos dos três presidentes do pós-Segunda Guerra e *Os objetivos de guerra* de Lippmann (1944), estabelecendo um diálogo com as obras de Moniz Bandeira (1978) e Cervera (2007). Fiz uso ainda das análises econômicas de Furtado (1970). Os demais tópicos estiveram fundamentados na bibliografia descrita e nos arquivos já mencionados. Fiz uso ainda das correspondências do Itamaraty como um olhar da diplomacia brasileira sobre os fatos referentes ao ataque norte-americano a Cuba.

No segundo capítulo proponho uma discussão sobre as questões centrais do contexto histórico brasileiro: a carreira meteórica de Jânio Quadros, as relações políticas e sua pretensão de ser líder latino-americano; os conflitos no Nordeste e o incidente com a mãe de Che Guevara; e a Política Externa Independente.

Amparado na ideia de que "passado e futuro realinham-se recíproca e alternadamente" (Koselleck, p.17), julguei fundamental iniciar pelo governo Kubitschek, para compreender as continuidades e rupturas apresentadas em Jânio Quadros. Nesse sentido, discuto, inicialmente, o legado do nacional-desenvolvimentismo, para, em seguida, analisar o governo Jânio. Fundamentei minhas análises nos escritos biográficos de Bojunga (2001) e nas análises políticas de Benevides (1979) e (1989), Moniz Bandeira (1978) e Hippolito (1985), a partir das quais passei a analisar o governo de Jânio Quadros, localizando aspectos específicos de suas contradições. Nesse capítulo busco evidenciar as ambiguidades do governo Jânio Quadros e como o presidente adotou um inteligente sistema de propaganda política.

Por essa perspectiva, procuro relacionar os conflitos de classe no Nordeste com o comportamento de Jânio Quadros em relação às Ligas Camponesas e à presença da mãe de Che Guevara na região. Utilizei como referenciais sobre o tema as obras de Page (1972), Azevedo (1982) e César (2015). Naquele momento, as teses sobre reforma e revolução permearam os debates no seio da esquerda, para o quê tomei como base a obra de Prado Jr. (1977).

A Política Externa foi analisada tomando como parâmetro as transformações ocorridas a partir da Conferência de Bandung em 1955, cuja fonte principal foi Adolpho Bezerra de

Menezes, observador do Brasil no evento. O quadro teórico sobre a Política Externa Independente (PEI) está fundamentado em Gonçalves (2016) no sentido de compreender a gênese e os aspectos gerais que a circundam. Os documentos básicos da PEI, entretanto, são de seus protagonistas, San Tiago Dantas e Afonso Arinos de Melo Franco quando à frente do Ministério das Relações Exteriores, organizados por Franco (2007) e (2008), editados pela Fundação Alexandre de Gusmão.

O terceiro capítulo é dedicado a analisar a *Aliança para o Progresso* e as relações que dela decorreram entre Brasil, Cuba, Argentina e Estados Unidos. O capítulo foi discutido à luz dos conceitos propostos em Lessa (2008) e Gonçalves (2016). Tratei da questão da segurança hemisférica e dos programas de ajuda econômica, como formas de contenção da "ameaça comunista" e do "perigo cubano". A Conferência de Punta del Este foi vista, assim, como o resultado do ataque fracassado à Cuba em abril daquele ano. Foram utilizados como fontes os discursos de Che Guevara e Clemente Mariani, para propor um diálogo sobre o olhar de cada um para aquele encontro e seu significado. Foram utilizadas imagens de Che Guevara a fim de auxiliar a compreensão da participação do líder cubano naquela conferência. As estratégias discursivas por vezes, apontavam-no como "Ministro" e outras horas como "Comandante". Nesse aspecto, utilizei a obra *Meus 13 dias com Che Guevara* de Flavio Tavares (2013) como fonte principal para essa discussão.

Os aspectos principais do capítulo dizem respeito aos encontros realizados por Che Guevara com Leonel Brizola, Clemente Mariani, Arturo Frondizi e Richard Goodwin, registrados em correspondências, que utilizei para fundamentar as análises.

O quarto capítulo trata da condecoração que foi conferida a Ernesto Che Guevara por Jânio Quadros. Para uma compreensão do significado histórico da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, fez-se relevante retornar ao decreto que a criou, ainda no império, até seu restabelecimento por Getúlio Vargas na década de 1930. Nesse sentido, amparei-me nas teses de Olival (2008) e Silva (2014), esta última, tese de doutoramento da PUC-RJ. Compreendida a finalidade da insígnia, passei a discutir a presença de Che Guevara no Brasil, sua passagem às tropas, o recebimento do colar e a estada no Brasil, relacionando-a com três aspectos principais: a invasão da Baía dos Porcos, a *Aliança para o Progresso* e a liderança brasileira na mediação do conflito EUA e Cuba. Após analisar as reações contrárias à condecoração de Che, compreendendo-as como uma repercussão da Guerra Fria no Brasil, proponho uma discussão sobre duas razões históricas, apresentadas até o momento, que justificariam o ato de Jânio: o Papa e Kennedy. Ao final do capítulo, evidencio a tentativa de cassar a condecoração por meio de Projeto de Lei na Câmara dos Deputados.

Obras bibliográficas de autores que viveram o momento e registraram o fato histórico da condecoração foram por mim utilizadas como fontes primárias: o ex-Ministro Afonso Arinos, que escreveu, com Jânio Quadros, *História do Povo Brasileiro* (1968); A socióloga Aspásia Camargo, que publicou *O intelectual e o político: encontros com Afonso Arinos* (1983); Jânio Quadros Neto e Eduardo Lobo Botelho Gualazzi, que escreveram *Jânio Quadros - Memorial à história do Brasil* (1996), onde foi publicada entrevista feita pelo neto ao avô; Moniz Bandeira e Carlos Castello Branco escreveram, respectivamente, sobre o fato em *A renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64* (1979) e *A renúncia de Jânio - Um depoimento* (1996)¹⁵, com perspectivas diferentes, mas circunscrevendo o tema da renúncia de Jânio. A narrativa de Ricardo Rojo na obra *Meu amigo Che* (1983) constituiu-se fonte de grande relevância, já que ele esteve em Montevideu com Che Guevara, a pedido do próprio Che.

Os depoimentos que representam minha incursão no campo da história oral, relacionam-se a entrevistas feitas com Theotônio dos Santos, Luiz Alberto de Moniz Bandeira, Roberto Saturnino Braga, Marcelo Cerqueira e Daltro Jacques D'Ornellas. Também foi realizada entrevista com a autora de *Fidel: uma biografia consentida* (2016), Claudia Furiati, especialista em assuntos sobre Cuba, a fim de compreender os objetivos do governo revolucionário cubano ao destacar Che Guevara para a missão na América do Sul.

Foram consultadas as obras dos seguintes biógrafos de Che Guevara: John Lee Anderson (2012), Paco Taibo Mahajo (2011) e Jorge Castañeda (1997), este último foi o que deu maior destaque à condecoração, utilizando, para tanto, Ricardo Rojo como referencial para análise. A obra de Frei Betto (1985) *Fidel e a Religião* foi de relevante presteza para elucidar algumas questões, principalmente com relação ao debate sobre a participação da Igreja Católica no episódio.

No Banco de Teses da Capes¹⁶, identifiquei apenas um trabalho que versou sobre a condecoração, não como objeto principal, mas como parte das circunstâncias que levaram Jânio à renúncia em 1961. Trata-se de *A visita de Che, a mídia e a renúncia de Jânio Quadros - o feitiço contra o feiticeiro: como a mídia contribuiu para o isolamento político do presidente midiático*, dissertação escrita por Molon (2006).

¹⁵ Registre-se que os livros de Quadros Neto e Castello Branco foram publicados no mesmo ano de 1996, dez anos após a posse de Jânio para o segundo mandato no cargo de Prefeito de São Paulo. Castello Branco era assessor de imprensa do presidente Jânio Quadros.

¹⁶ Termos da busca: "condecoração de Che Guevara".

A tese que apresento se diferencia das abordagens feitas sobre o tema porque, além de rica em fontes e inéditas, traça uma perspectiva que amplia o debate para o plano das relações internacionais, apresentando a condecoração inserida numa trama dinâmica e dialética. Nesse sentido, afasto-me das conclusões fundamentadas apenas nos elementos aparentes, como se a imagem do outro lado do espelho fosse a real.

A partir de um diálogo com as teorias sobre os "indícios" de Ginzburg (1989) e os conceitos de "vestígios" em Koselleck (2006), analisei os diversos documentos e evidenciei as contradições conforme as fui encontrando. Creio, assim, que a partir do diálogo amplo com as fontes, consegui responder, satisfatoriamente, às questões inicialmente por mim levantadas.

1 A REVOLUÇÃO QUE JÂNIO CONDECOROU

E deve ser nossa a liberdade, porque a liberdade nos tem custado muitos sacrifícios conquistá-la; (...) e tudo quanto existe aqui de riqueza, a tem produzido nosso povo com seu suor e seu trabalho.
*Fidel Castro*¹⁷

A Revolução Cubana foi o fato histórico de maior impacto na América Latina após a Segunda Guerra Mundial: (a) alterou a lógica do poder continental; (b) rompeu o paradigma dos partidos comunistas como dirigentes da revolução; (c) desencadeou o novo método da *Guerra de Guerrilhas*¹⁸; (d) atualizou conceitos como marxismo e revolução; (e) converteu em realidade histórica o sonho da esquerda latino-americana; (f) forçou a adoção de novos parâmetros nas relações internacionais; e (g) introduziu, de forma mais eficaz e prática, o socialismo¹⁹ na América. Do ponto de vista interno, ela destruiu as estruturas de exploração capitalistas, desmontou os esquemas de corrupção e inaugurou uma nova forma de democracia: o poder popular.

No plano internacional, Cuba teve sua experiência revolucionária, a partir de meados dos anos 1950, no contexto das lutas das colônias afro-asiáticas por independência; do interstício entre as Conferências Bandung e Belgrado, das quais emerge o conceito de

¹⁷ Primeira Declaração de Havana. CASTRO, 02/09/1960. Original: "Y debe ser nuestra la libertad, porque la libertad nos ha costado muchos sacrificios conquistarla; y debe ser nuestra y plena la soberanía, porque por la soberanía ha venido luchando nuestro pueblo desde hace un siglo; y debe ser nuestra la riqueza de nuestra tierra y el fruto de nuestro trabajo, porque por eso se ha tenido que sacrificar mucho nuestro pueblo; y todo cuanto hay aquí creado lo ha creado el pueblo; y todo cuanto hay aquí de riqueza, lo ha producido nuestro pueblo con su sudor y su trabajo". Tradução do autor.

¹⁸ O texto de Guevara transformou-se, para a esquerda revolucionária latino-americana, em "guia para a ação" revolucionária. Nele, Che escreveu sobre a experiência da guerrilha cubana e o que poderia ser tomado como paradigma para a América Latina. Várias experiências foram realizadas posteriormente tomando como base as análises de Che Guevara. O texto original, ver: Guevara, in Tabio & Soto (orgs), 1972. Uma análise sobre as ideias de Che, ver: Pericás, in Barsotti & Pericás (orgs.), 1998.

¹⁹ Utilizo o termo "socialismo" porque foi esse o usado por Fidel Castro na declaração de que a Revolução era socialista (CASTRO, 1961 - Discurso em memória das vítimas de Playa Girón). Há diferença entre socialismo e comunismo. A tradição marxista defende o socialismo como uma transição para o comunismo. O texto tradicional político é o Manifesto Comunista de Marx e Engels. Após a Revolução Russa de 1917 e as transformações ao longo do século XX, várias teses surgiram sobre o tema, atualizando e adaptando as ideias marxistas. Uma análise geral sobre o pensamento de Marx pode ser vista em DUMÉNIL, et. all., 2011. Para uma discussão sobre o marxismo na América Latina, ver: LÖWY(org.), 1999.

Terceiro Mundo; da Guerra Fria²⁰ tal qual enunciadas por Truman (1947) e da coexistência pacífica reivindicada por Krushev (1956).

Os impactos puderam ser notados nas duas maiores potências, o que provou a força incontestável da Revolução²¹. Por conta dela, o imperialismo²² norte-americano (a) multiplicou sua atenção com a América Latina; (b) criou um sistema militar de defesa interamericano com métodos sofisticados de intervenção; (c) intensificou a propaganda anticomunista e as operações secretas (MARTINS FILHO, 1997).

Em relação à União Soviética, a Revolução Cubana representou: (a) a emergência de uma frente de batalha no continente americano diante do perigoso inimigo; (b) o estabelecimento de uma nova rota comercial, via América; (c) a possibilidade de uma base militar próxima dos Estados Unidos e (d) um relevante instrumento de barganha no jogo das disputas mundiais.

A Revolução Cubana representou também uma ruptura com o neocolonialismo dos Estados Unidos. Ao reivindicar os ideais de José Martí²³, o movimento revolucionário declarou-se anti-imperialista, antifeudal e nacionalista. Não se dizia comunista²⁴, muito menos proletária, em que pese comunistas e proletários terem aderido posteriormente ao movimento revolucionário. Mais tarde, na Conferência de Montevidéu, em 1961, Che Guevara chamaria

²⁰ Considerei a Guerra Fria como um período da história mundial, cuja datação inicial é controversa, com as principais características: conflito indireto; iminente risco de guerra nuclear; corrida armamentista; corrida espacial; anticomunismo; consagração da bipolaridade (EUA X URSS); e disputas econômicas mundiais. Para Hobsbawm (1995, p.223), a primeira experiência atômica poderia demarcar um episódio mundial. Entretanto, ele preferiu estabelecer a "enunciação formal da Doutrina Truman" (1947) como o marco do início da Guerra Fria (1995, p.226). Em Chomsky (2003), Guerra Fria foi analisada como um "constructo ideológico" pelos Estados Unidos, a fim de mitigar conflitos locais como, por exemplo, a Guerra da Coreia. Segundo Ayerbe (2002, p.64), a Conferência de Yalta representou o início da Guerra Fria, em virtude de ter sido o momento em que as duas nações principais, Estados Unidos e União Soviética, dividiram o mundo por "esferas de influência".

²¹ O conceito de "Revolução" é deveras complexo e tem causado cisões no interior do movimento de esquerda, principalmente após a Revolução Russa (1917). Aspectos gerais do conceito de revolução na tradição marxista, ver Bottomore, 2001, pp. 324-327. Uma perspectiva brasileira, no período em discussão, ver: Prado Jr., 1977, p.133.

²² Imperialismo está tomado como internacionalização da acumulação capitalista, em sua fase monopolista, na qual o capital financeiro é fruto da fusão do capital bancário com o capital industrial. Sobre o conceito, consultar o verbete "imperialismo e mercado mundial" em Bottomore, 2001, pp. 187-190. Ver também verbete "imperialismo" em Bobbio, 1998, pp. 611-621.

²³ José Martí (1853-1895). Líder cubano que se destacou na luta revolucionária pela independência de Cuba. Foi morto brutalmente em combate contra tropas espanholas.

²⁴ Raul Chibás, Manuel Urrutía e Mario Llerena exilados em 1957, pelo governo ditatorial de Batista, disseram que os guerrilheiros recusaram ajuda dos comunistas. *Folha de Minas* - 1957 (sem data) Arquivo Público Mineiro. Notação: FM-1-3-351.

atenção das delegações ali presentes afirmando que, se não fosse a Revolução Cubana aquela reunião talvez não tivesse acontecido²⁵.

O presente capítulo tem como objetivo discutir questões do processo revolucionário cubano, pós-triunfo da guerrilha, que permitam compreender as questões principais que envolveram a condecoração de Che Guevara por Jânio Quadros em 1961. Para tanto, apresenta-se dividido em subtópicos, considerando os elementos que julguei mais relevantes para a pesquisa: a Revolução Cubana, com o aprofundamento das medidas nacionalizantes, a aproximação com o bloco soviético e a projeção de Fidel Castro como líder latino-americano; a constituição de Che Guevara como guerrilheiro internacionalista e seu monitoramento pela CIA; a política externa norte-americana para a América Latina e a definição das operações secretas; a invasão de Cuba pelos Estados Unidos, a derrota norte-americana e a definição do caráter socialista da Revolução Cubana, o que desloca, definitivamente, a Guerra Fria para a América.

1.1 Uma Revolução no "nariz" do imperialismo

Na virada de 1958 para 1959, enquanto alguns soldados desavisados, fieis ao ditador Fulgêncio Batista, ainda comemoravam o ano novo, tropas rebeldes, sob o Comando de Che Guevara e Camilo Cienfuegos, ganhavam a decisiva batalha em Santa Clara. No dia seguinte, entrariam em Havana. A Revolução havia triunfado. No Brasil, a imprensa escrita substituiria a dúvida pela certeza, dando a dimensão do que realmente acontecera.

Figura 1 - Recorte de jornal informa sobre o triunfo da revolução



Fonte: *Correio da Manhã*, 03/01/1959, p. 01. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/>>, acesso em 10/02/2015.

²⁵ "Está concebida contra o exemplo que Cuba significa para todo o Continente americano". Tradução do autor. Ver: (GUEVARA, Ernesto Che. Discurso na Conferência de Punta del Este, 1961)

A manchete do *Correio da Manhã*²⁶, do dia 03 de janeiro de 1959, tornava incontestável a vitória dos revolucionários cubanos sobre o exército de Fulgêncio Batista, então presidente da jovem República de Martí. A palavra unia-se à imagem, tornando mais verídica a notícia, como parte da construção ideológica do fato. A imagem intermediava as manchetes secundárias "Caiu a ditadura de Batista" e "Créditos do Eximbank para a América Latina". O periódico brasileiro chamava Batista de ditador, quando o mesmo já não tinha mais poder e os ecos da Revolução Cubana encantavam a população latino-americana. Ao mesmo tempo, aproveitava para anunciar que o imperialismo estendia a mão para a América Latina.

A palavra escrita, reforçada pelo "efeito de realidade"²⁷, criado pela imagem fotográfica, não deixava dúvidas de que Fidel Castro estava vivo²⁸ e triunfara em Havana. Uniformes verde-oliva e as barbas por fazer, braços e fuzis erguidos, a imagem conduzia ao grito de triunfo, após 26 meses de batalhas desde a *Sierra Maestra*²⁹.

A Revolução Cubana virava notícia obrigatória dos órgãos de imprensa, deixando em segundo plano o lançamento de mais um foguete soviético em direção à Lua. Enquanto os Estados Unidos, sob a administração militarista de Dwight Eisenhower, preocupava-se com a corrida armamentista, a União Soviética acelerava a corrida espacial. Numa órbita bem próxima, o imperialismo era desafiado por outro foguete chamado "Movimento 26 de Julho"³⁰.

O repórter Herbert Mathews, do *New York Times*, continuava acompanhando os passos dos guerrilheiros. Quando a luta ainda estava em *Sierra Maestra*, ele foi o primeiro

²⁶ Em FURIATI (2016, p.309) a fotografia consta da agência CBS tirada em 1957 na *Sierra Maestra*. O crédito da foto na edição do jornal foi atribuído à UPI.

²⁷ Napolitano citou Barthes (1980) para afirmar que as imagens criam um "efeito de realidade" unindo "o referente (a "realidade" fotografada) à representação (o registro fotográfico em si)" (2008, p. 236).

²⁸ O governo ditatorial de Batista divulgava notícias rotineiramente dizendo que Fidel estava morto.

²⁹ Montanha onde instalaram-se os guerrilheiros. Densa e de difícil acesso, localizada no extremo oriente da ilha de Cuba, a Serra foi o refúgio e local de organização da guerrilha até o triunfo da Revolução. As fontes primárias são os diários dos revolucionários. Para uma obra comentada, Ver: GUEVARA; CASTRO, 1996. Décadas após *Sierra Maestra*, novas descobertas e interpretações foram se incorporando aos diários. Para uma edição mais recente, ver: GUEVARA, 2012. Uma bibliografia pouco conhecida, de um dos Comandantes de *Sierra Maestra*: ALMEIDA BOSQUE, 1994.

³⁰ Nome dado ao grupo que organizou o assalto ao quartel Moncada em 26 de julho de 1953. A ação tinha objetivo de conseguir armas para a revolução, mas fracassou. A data não só deu nome ao movimento guerrilheiro como passou a ser considerada marco histórico que desencadeou o processo revolucionário na década de 1950.

jornalista a entrevistar Fidel Castro e falar sobre o movimento revolucionário que se desenvolvia em uma das selvas cubanas:

O alvorecer de 17 de fevereiro de 1957, em um bosque de selva da Sierra Maestra de Cuba, foi um simples relâmpago da escuridão e da umidade. Uma semana de negociações de capa e adaga em Havana, uma viagem que durou a noite toda até o extremo leste da ilha, a penetração delicada do cordão de exército ao pé das montanhas na noite seguinte, a longa e escorregadia subida no escuro depois da meia-noite, as duas horas de sono bem-vindas no chão no posto rebelde - tudo isso agora levava ao momento esperado.

Um crepitar rápido de galhos e folhas, uma comoção arrebatadora, como se uma rajada repentina de vento nos atingisse, e lá estivesse Fidel Castro. Seu irmão mais novo, Raúl, estava com ele. E também Vilma Espín, agora esposa de Raul; Haydee Santamaria, esposa do atual ministro da Educação, Armando Hart; Celia Sanchez, ainda fiel companheira de Fidel. No acampamento estavam Ernesto (Che) Guevara, o médico argentino; Juan Almeida, o negro que se tornaria um líder da coluna de outsourcing; Camilo Cienfuegos, agora chefe do Estado-Maior cubano; Faustino Perez, Ministro do Recuperação no atual governo; Frank País, que foi morto. (*The New York Times*, 08/03/1959, p. 22)³¹

Mathews voltou ao passado próximo para retomar seu ponto de partida. Lembrava a densa e fria *Sierra Maestra*, a escuridão e a umidade. As movimentações constantes da guerrilha, seus passos para despistar o exército de Batista eram reproduzidos pelo jornalista norte-americano. Após o triunfo, a imprensa concentraria as atenções em Fidel Castro, afirmando que "Agora Castro enfrenta a luta mais difícil" (*The New York Times*, 08/03/1959, p. 22). Mantendo uma estratégia comunicacional voltada para a personalização, dizia o subtítulo: " Sua revolução contra a ditadura de Batista foi conquistada; Mas para fazer funcionar a revolução, com democracia e justiça social, ele deve dominar as complexidades do poder político" (*The New York Times*, 08/03/1959, p. 22). Os revolucionários que lutaram ao lado de Fidel eram citados como se fossem atores coadjuvantes de uma aventura que, "por acaso", tinha sido vitoriosa.

Dois meses depois da vitória, Mathews retornou a Cuba, dessa vez, com o governo revolucionário no poder, várias medidas já estavam em prática:

³¹ Texto original: " The dawn of Feb. 17, 1957, in a jungle grove of Cuba's Sierra Maestra was a bare lightening of the gloom and wetness. A week of cloak-and-dagger negotiations in Havana, an all-night drive to the eastern end of the island, the tricky penetration of the army cordon at the foot of the mountains the nex evening, the long, slippery climb in the dark after midnight, the two hours of welcome sleep on the ground in the rebel outpost - all this had now led to the anticipated moment.

A swift crackling of branches and leaves, a sweeping commotion as if a sudden gust of wind had hit us, and there was Fidel Castro. His younger brother, Raúl, was with him. So were Vilma Espín, now Raul's wife; Haydee Santamaria, wife of the present Minister of Education, Armando Hart; Celia Sanchez, still Fidel's faithful companaion. In the encampment were Ernesto (Che) Guevara, the Argentine doctor; Juan Almeida, the Negro who was to become an outsanding column leader; Camilo Cienfuegos, now Cuban Chief of Staff; Faustino Perez, Minister of Recuperation in the present Government; Frank País, who was killed". Tradução do autor.

Agora ele ganhou e está começando uma nova luta, mas os termos desta vez não podem ser vitória ou morte, apenas sucesso ou fracasso ou algo intermediário para a revolução social que é seu objetivo. Dois anos atrás, Fidel Castro era um idealista confirmado e fanático. Outros ao seu redor, como seu irmão mais novo Raul, ou Che Guevara, ainda podem ser, mas não Fidel. As responsabilidades e as realidades do poder estão forçando-o a se comprometer, a ceder, a se adaptar.

Para criar uma Cuba honesta, eficiente e democrática, é uma tarefa infinitamente mais difícil do que Fidel enfrentou quando conversamos na Sierra Maestra em 17 de fevereiro de 1957. Tudo o que se pode dizer hoje é que ele sabe e está confiante. Circunstâncias, e não Fidel Castro, mudaram. (*New York Times*, 08/03/1959, p. 74)³²

Advertia o jornalista que os tempos de idealismo haviam passado e Fidel entrava no mundo da realidade. Será mesmo que os revolucionários eram tão idealistas como a representação que deles se faziam? É possível que houvesse mais sensacionalismo nas matérias, com um certo toque de romantismo atrativo ao consumo, do que propriamente uma mensagem real sobre um movimento guerrilheiro. Apontando, ao final, que Fidel mantinha-se confiante, o articulista confirma, isso sim, uma característica fundamental da personalidade de Castro: seu otimismo constante.

Não me detive com longas análises históricas a respeito da Revolução, pois existem imensuráveis obras sobre o tema, muitas cujos autores escreveram com mais propriedade e autoridade, até em melhores condições³³. Retomei, sim, alguns de seus pontos essenciais. Como disse Bloch " a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que constrói, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações sobre eles" (2001, p.79). Por essa perspectiva, encontrei em Rubem Braga uma boa resposta para a seguinte pergunta: que país foi esse que fez uma revolução no "nariz" do imperialismo? O escritor respondeu:

Lamento horrivelmente, meu caro Sr. leitor de SR³⁴, mas o assunto é Revolução. Procurei fazê-lo ameno, e para começar, direi que a ilha de Cuba tem mais ou menos

³² Texto original: " Now he has won and is beginning a new struggle, but the terms this time cannot be victory or death, only success or failure or something in between for the social revolution which is his goal. Two years ago Fidel Castro was a confirmed, fanatical idealist. Others around him, like his younger brother Raul, or Che Guevara, can still be, but not Fidel. The responsibilities and the realities of power are forcing him to compromise, to yield, to adapt himself.

To create an honest, efficient, democratic Cuba is an infinitely harder task than Fidel faced when we first talked together in the Sierra Maestra on Feb. 17, 1957. All one can say today is that he knows it and is confident. Circumstances, not Fidel Castro, have changed". Traduzido pelo autor.

³³ Sobre a luta guerrilheira em Sierra Maestra, ver: Guevara, 2012. Uma análise sociológica da revolução pode ser lida em FERNANDES, 1979. Uma análise relacionada à América Latina, ver Sader, 1992. Uma narrativa no calor dos acontecimentos pós-triunfo pode ser consultada em Huberman, 1971 e Sartre, 1960.

³⁴ Senhor (SR.) foi uma revista criada em 1959 e durou até 1964. Era destinada a um público masculino, da elite. Editada no Rio de Janeiro, ela era distribuída nos principais centros metropolitanos do país. Teve várias fases

a forma de um jacaré, um jacaré de mais de 1.200 km de comprimento com a largura média de 100km. A ponta da cauda está a 210 km da península de Yucatán, no México; o lombo, a 180 km da Flórida, nos Estados Unidos; o focinho, a 77 km do Haiti e as patas dianteiras, 140 km acima (ao norte) da Jamaica.

Com 114.524 km quadrados, Cuba é maior do que Pernambuco (98 mil) e menor do que o Ceará (148 mil) mas sua população, de uns 6.400.000 habitantes em 1957, é igual ou pouco superior à população desses dois Estados juntos.

Naturalmente o Sr. sabe que a ilha de Cuba produz açúcar, ouviu falar em rum Bacardi, charutos de Havana e Fidel Castro. (in Sartre, 1960, p. 189)

Braga esteve em Cuba, como correspondente da revista *SR.*, acompanhando o candidato à presidência, Jânio Quadros. Fez uma descrição como nenhum outro até o momento havia feito. As comparações davam ao leitor da revista *SR.*, da qual ele era correspondente, uma ideia bem original da relevância daquela Revolução, que ele grafou com "R" maiúsculo. Era preciso ainda caracterizar a figura central da Revolução. Com originalidade, Braga assim descreveu Fidel Castro:

Tem apenas 33 anos (faz 34 em agosto) e é bacharel em Direito, divorciado, pai de um menino. Sua letra, inclinada para a direita em ângulo de 45 graus, mostra um emotivo. As maiúsculas não têm a simplicidade tipográfica própria dos intelectuais; a ligação das letras dentro das palavras descobre uma inteligência muito mais dedutiva, lógica, do que intuitiva, artística; o tamanho das vogais finais em relação às iniciais diz que seu forte não é o espírito crítico; tem, mesmo, algo de um ingênuo, de um "crente", mas a quem a experiência ensinou a ser desconfiado. Sua maneira de cortar o *t* mostra força de vontade e vontade de mando (nunca deixa de cortar, e o faz no alto da haste) mas sem espírito despótico pois, a não ser na assinatura, em que é um pouco maior, o corte é modesto.

Direi ainda que a letra é monótona, prolixa, equilibrada, sem qualquer sinal de violência ou brutalidade, e respira bondade não excessiva e paciência enorme. Não tem nada de pão-duro; é generoso sem ser desperdiçado. Tem orgulho e constância, lealdade e firmeza - uma firmeza não livre de hesitações, entretanto. Seu idealismo é sensível no tamanho das maiúsculas, nas hastes longas; nenhum sinal da maior sensualidade. (in Sartre, 1960, p. 190)

Associando a caligrafia à personalidade, Braga descreveu, para os leitores da revista, as impressões que teve sobre o líder da Revolução, o Comandante em Chefe. Braga acentuou que Fidel não lhe parecia cultivar estilo despótico, sendo generoso e paciente. Leal e firme, dono de um otimismo inigualável, Fidel possuía, segundo eles, elevada força de vontade, espírito crítico, tornando-se desconfiado pelas circunstâncias em que viveu. Cuba e Fidel Castro passaram a ser quase sinônimos.

Quando as forças rebeldes chegaram a Havana, o poder político já estava nas mãos da guerrilha. Fidel Castro não assumiu a Presidência e sim o Comando das Forças Armadas, que não era mais o Exército de Batista, pois este havia se desintegrado. Como Primeiro-Ministro,

foi empossado José Miró Cardona³⁵, também associado às elites nacionais. Os Estados Unidos nutriam esperanças de que Fidel Castro seria apenas um jovem com ideias libertárias, que deixaria o governo nas mãos da burguesia. Manuel Urrútia foi nomeado presidente.

A aliança com os comunistas viria em seguida, provavelmente para facilitar os contatos junto à União Soviética e à China. O Partido Socialista Popular (PSP)³⁶ não apoiou, de início, a Revolução, considerando Fidel e o 26 de Julho como representantes burgueses. Ainda inspirados por uma leitura ortodoxa e enviesada do marxismo, somada à política confusa da coexistência pacífica proposta por Krushev, o Partido Socialista Popular conclamava o governo de Fidel a entregar o poder à "classe operária" para instauração de um "governo democrático de libertação" (FURIATI, 2016, p. 393). Uma polêmica tomou conta, então, dos dois grupos, pois o Movimento 26 de julho lembrava que os comunistas haviam apoiado Batista na década de 1940 (SZULC, 1987, p.583).

A profundidade do debate político remontava às guerras de independência, no século XIX, protagonizadas por proprietários e nacionalistas, movimento protagonizado por José Martí, Màximo Gómez e Antonio Maceo, destacando-se o primeiro como símbolo da luta de independência em Cuba (SADER, 1992). O comando guerrilheiro pretendia fazer uma transição suave, sem amedrontar setores da burguesia nacional, que haviam apoiado os revolucionários. A primeira crise governamental veio no mês seguinte à vitória, em 13 de fevereiro, quando o então Primeiro-Ministro José Miró Cardona renunciou. Imediatamente, Fidel foi nomeado para o cargo e percebeu que Urrútia não tinha condições político-ideológicas de defender o programa revolucionário, principalmente a reforma agrária e a nacionalização de empresas (SZULC, 1987, p.583).

As divergências com Urrútia levaram Fidel a renunciar ao cargo em 17 de julho de 1959, causando comoção nacional e nova crise na esfera de comando da revolução. Fidel propôs um debate ao vivo em rede nacional de televisão, o que foi recusado pelo presidente Urrútia (SADER, 1992, p.72). O ato firme do Comandante Fidel Castro inverteu a situação e obrigou Urrútia a renunciar, sendo escolhido para a condução do governo Osvaldo Dorticós Torrado, um combatente da guerrilha na *Sierra Maestra*, que articulou o retorno de Fidel ao

³⁵ Veremos mais à frente que Cardona atuaria na contrarrevolução.

³⁶ O PSP era considerado o partido comunista cubano na época, alinhado à União Soviética.

cargo de Primeiro-ministro. No dia 26 de julho, Fidel foi empossado novamente, dessa vez, com o testemunho de Salvador Allende³⁷ e Lázaro Cárdenas³⁸.

A revolução tomaria, a partir de então, o rumo preconizado pelo Movimento 26 de Julho, cujo programa fez parte da defesa jurídica no episódio do quartel Moncada³⁹. A primeira delas, a Reforma Agrária. O governo seria o "governo revolucionário". Outra lei revolucionária, editada imediatamente após a tomada do poder, foi a proibição do culto à personalidade. Não havia placas, cartazes, figuras ou bustos. Como havia sido traumático o processo de mudanças a partir de Krushev, o qual os cubanos não desconheciam, era provável que já tivessem definido entre si essa questão. Nenhuma pessoa poderia ser homenageada se ainda estivesse viva (SABINO, in Sartre, 1960, p.207)⁴⁰.

A luta de classes não encerrou com o triunfo revolucionário, muito menos as contradições econômicas e sociais. O que havia acabado era a ditadura, passando a condução do poder político para as mãos do governo popular revolucionário⁴¹. Ao longo dos primeiros anos, com uma população militarizada, em função da luta empreendida a partir da *Sierra Maestra*, foram sendo formados grupos de defesa da Revolução, conhecidos como milícias populares⁴².

³⁷ Salvador Allende havia sido eleito Senador no Chile em 1961 pelo Partido Socialista (PS). Após disputar várias vezes a eleição para presidência, sagrou-se vitorioso em 1971 por uma Frente Popular, sofrendo um golpe militar em 1973.

³⁸ Lázaro Cárdenas foi um dos fundadores do Partido Nacional Revolucionário e presidente do México (1934-1940).

³⁹ O assalto ao Quartel de Moncada, em Santiago de Cuba, no ano de 1953, foi a primeira ação de Fidel Castro e seus companheiros. Eram 165 pessoas. Cerca de 50 morreram. Fidel foi preso e, em seu julgamento fez a própria defesa jurídica, cujo texto ficou conhecido pela expressão utilizada ao final: *A História me absolverá*.

⁴⁰ Confirmado em SADER, 1992, p. 71.

⁴¹ Compreender o processo revolucionário cubano décadas após seu triunfo constitui tarefa extremamente difícil. No final da década de 1970, o sociólogo Florestan Fernandes ofereceu um curso livre na USP sobre a Revolução Cubana, que resultou na obra *Da Guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana* (1979). Nela, advertiu o mestre que seria impossível alcançar a totalidade das questões implicadas naquele processo, mesmo com a infinidade de leituras disponíveis e sem vivenciar fisicamente o processo.

⁴² As construções semânticas precisam ter atenção especial. A expressão "milícia" tinha significado completamente antagônico ao que é praticado na atualidade brasileira. É preciso, portanto, adaptar o conceito ao contexto (KOSELLECK, 2006).

Figura 2- Exército popular feminino de defesa da Revolução



Fonte: *Revolución*, 02/06/1960, p. 01 (Foto: Calderín).

Telegrama 137/621.5(24h) de 10/06/1960, AHMRE.

O governo revolucionário, desde a *Sierra Maestra*, tinha grande preocupação com a opinião pública. Che Guevara ficou responsável pela edição de *El Cubano Libre*, o primeiro jornal da guerrilha. Em seguida, criaria a *rádio rebelde*. Quando o jornalista argentino Jorge Ricardo Masetti foi à *Sierra Maestra* para entrevistar os rebeldes, ela ganhou um reforço, pois o repórter passou a simpatizar e colaborar com a guerrilha⁴³. A convite de Che e Fidel, Masetti organizou a *Prensa Latina*, uma agência de notícias criada em Cuba para divulgar fatos que eram omitidos e "refutar informações veiculadas pelas agências internacionais" (FURIATI, 2016, p. 392). A Revolução, aos poucos, constituía um novo cenário no cotidiano dos cubanos, mesmo com as dificuldades causadas pelo bloqueio e pelas sabotagens.

⁴³ Masetti convenceu-se de que a experiência cubana poderia libertar a América. Organizou, em conjunto com Che, um grupo guerrilheiro no norte da Argentina. Após a vitória cubana, a repressão intensificou-se e os serviços de informações ficaram mais sofisticados. Masetti, chamado Comandante Segundo (o Primeiro seria Che), foi assassinado pelo exército argentino.

Figura 3 - Guarda popular do Exército feminino



Fonte: *Revolución*, 02/06/1960, p.1.

Telegrama 137/621.5(24h) de 10/06/1960, anexo único, p.2, AHMRE⁴⁴

Publicada no jornal *Revolución*, o conteúdo imagético sob a legenda de "milícias do Sindicato de Empregados no Comércio" não deixava dúvidas quanto à participação das mulheres. Numa sociedade de influência machista nos governos anteriores, elevava-se a moral revolucionária feminina, quebrando o paradigma tradicional masculinizado. Constituíam-se ainda como uma mensagem aos opositores, de uma aliança do exército rebelde com as trabalhadoras da cidade, cujo objetivo principal era defender a Revolução.

No plano econômico, a Revolução se deparou com dois problemas imediatos: "o desemprego e a escassez de divisas" (GUEVARA, 2011, p.205)⁴⁵. Para resolver o primeiro problema (o maior deles), o governo revolucionário cumpriu sua meta, realizando a reforma agrária. Além de distribuir terras, foi adotada a diversificação da produção. Formaram-se granjas estatais e cooperativas de produtores rurais, o que fez cair vertiginosamente a taxa de desemprego rural. A diversificação cumpriu a meta do abastecimento interno, para uma população anteriormente faminta. O mecanismo, entretanto, mostrou-se ineficaz a longo

⁴⁴ Legenda da foto: "As milícias do Sindicato dos Empregados do Comércio de Havana, além do manejo de armas, receberam também noções de auxílios". As mulheres, conforme se pode ver pela mensagem iconográfica, não tiveram papel secundário na Revolução. Ao contrário, estiveram presentes nas esferas de poder e, fundamentalmente, de decisão.

⁴⁵ A fonte é o texto de Che Guevara, escrito para a revista *International Affairs*, publicado em 1964. Ver: GUEVARA, Ernesto Che. *Política*. In: SADER, Eder (org.). São Paulo, Ática, 1988, pp. 199-216.

prazo, em função dos "níveis de eficiência tão altos" (GUEVARA, 2011, p.205) que a cana-de-açúcar proporcionava. Percebeu-se, assim, que o problema não estava tanto na monocultura, mas" nas relações capitalistas de produção e no intercâmbio desigual" (GUEVARA, 2011, p.205).

O segundo problema, da escassez de divisas foi resolvido "quando o governo monopolizou o comércio exterior e inaugurou uma política protecionista contra as importações de bens" (GUEVARA, 2011, p. 209). Cuba passou a elaborar as políticas exteriores, garantindo vantagens ao consumidor interno. A questão principal estaria no desenvolvimento da indústria, cuja experiência foi de incrementar a demanda pelos bens de produção. Por sua vez, o sistema gerava contradições, em função da balança de pagamentos, dependente de importações de "matérias-primas, combustível, peças e equipamentos para reposição" (GUEVARA, 2011, p. 209) cujos valores eram elevados para o padrão cubano.

Tão logo sentiu-se uma certa segurança em Cuba, Fidel Castro reuniu uma equipe de especialistas em finanças, junto com o Ministro López-Fresquet, e dirigiu-se à ameaçadora nação vizinha: os Estados Unidos. A visita tinha um caráter eminentemente de propaganda da Revolução. Não houve pedidos de empréstimos financeiros, mesmo que o país tivesse apenas um milhão de dólares em reservas (SZULC, 1987, p. 569).

O presidente Eisenhower evitou o encontro com o líder cubano e retirou-se para uma folga em seu campo de golfe, durante os dias em que Fidel encontrava-se em Washington. Falando fluentemente o inglês, Fidel almoçou com Nixon, com quem teve uma conversa de menos de 30 minutos. Ao ser perguntado sobre eleições, Fidel simplesmente disse: "primeiro a Revolução"(SZULC, 1987, p.575).

Em Washington, Fidel foi procurado por um alemão, disfarçado (certamente agente da CIA). O contato foi o Ministro López-Fresquet. Após o contato, o alemão Gerry Drecher (pseudônimo Frank Bender) disse a Fresquet que Fidel havia determinado que ele (Fresquet) seria o contato para troca de informações sobre atividades comunistas em Cuba. Rufo López-Fresquet sairia do governo revolucionário e partiria para o exílio um tempo depois. O alemão seria uma peça-chave na operação que resultaria na invasão da Baía dos Porcos. Fidel mostrava-se sempre atento, principalmente com os que eram solícitos demais. Ele disse a seu ministro: "olha Rulfo, estou deixando os comunistas saírem da toca para saber como eles são. E, quando eu os conhecer bem, vou me livrar de todos" (SZULC, 1987, p. 576)⁴⁶.

⁴⁶ Curiosamente, Jânio Quadros, dois anos depois, teria dito algo semelhante sobre os comunistas: "-Reato relações com a Rússia e ponho-os na cadeia". No caso de Fidel, ele estava testando o próprio Ministro que

Dos Estados Unidos, Fidel viajou para a América do Sul, em visita a alguns países que poderiam dar apoio político e estabelecer relações comerciais futuras com a ilha. A questão é que Fidel já era considerado, pela esquerda, o líder do hemisfério, principalmente da América Latina, título que, pretensiosamente, Jânio Quadros tentará disputar e Juscelino imaginou conquistar, ambos pela centro-direita. Em sua passagem pela América do Sul, a atividade de maior relevância foi, sem dúvida, sua participação na Conferência da OEA em Buenos Aires⁴⁷. No dia 2 de maio, Fidel discursou para o *Comitê dos 21*⁴⁸, propondo aos Estados Unidos que destinassem 30 bilhões de dólares para o desenvolvimento da América Latina, pelo prazo de dez anos. O governo norte-americano negou a ajuda, alegando ser demagógica. Dois anos depois, porém, Douglas Dillon anunciava em Punta del Este a disposição de liberar 25 bilhões pelo mesmo período que Fidel havia proposto, o que provocou risos em Fidel (SZULC, 1987, p. 579).

No curso dos acontecimentos daquele primeiro ano da Revolução, o Embaixador brasileiro Vasco Tristão Leitão da Cunha foi indicado para assumir o posto em Havana. Ele havia sido secretário de Estado de Agricultura quando Kubitschek foi Governador de Minas Gerais e era anticomunista declarado⁴⁹. Em dezembro de 1959, Tristão da Cunha informou a composição do governo cubano:

Primeiro Ministro: Fidel Castro; Ministro de Estado de Relações Exteriores: Raul Roa; Ministro da Justiça: Alfredo Yabur; Ministro da Fazenda: Rufo López Fresquet; Ministro da Economia: Regino Boti; Ministro das Forças Armadas: Raúl Castro; Ministro do Trabalho: Augusto Martínez Sánchez; Ministro de Saúde Pública e Assistência Social: Serafín Ruíz de Zárate; Ministro de Obras Públicas: Osmani Cienfuegos; Ministro da Recuperação de Bens Malversados: Orlando Díaz; Ministro da Educação: Armando Hart; Ministro da Agricultura: Pedro Miret; Ministro do Bem Estar Social: Raquel Pérez de Miret; e Ministro da Previdência: Luis Busch.⁵⁰

Contando com o Primeiro Ministro, ao todo o governo era composto por quatorze ministérios, liderados por treze homens e uma mulher, esta no Ministério do Bem Estar

provou não ser de confiança, seguindo para o exílio após a saída do governo. Jânio era declaradamente anticomunista.

⁴⁷ O principal orador da Segunda Sessão realizada no dia 29/04/1959 foi Raúl Prebisch, economista e um dos fundadores da Comissão Econômica Para América Latina (CEPAL) (*O Estado de São Paulo*, 30/04/1959, p.2).

⁴⁸ Grupo de 20 países da América Latina e Estados Unidos.

⁴⁹ DIAS, Sônia. In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. CPDOC-FGV.

⁵⁰ Carta-Telegrama Nº 57 de 14.XII.59. Seção de Correspondência Especial, Havana, Cartas-Telegramas, Volume: 01431, Anos 1959-61-62, p.1, AMRE

Social. Che Guevara não figurava na composição, designado para assumir o Banco Nacional de Cuba, o que lhe rendeu mais tarde o título (mas não o cargo) de "Ministro da Economia". As Câmaras legislativas haviam sido fechadas e o Conselho de Ministros funcionava como o Executivo. Fidel Castro assumiu concomitantemente o Instituto Nacional de Reforma Agrária - INRA (SZULC, 1987, p. 580). Aos poucos, o exército rebelde assumiria os principais postos.

Com relação à imprensa, ao contrário do que se propagava, o governo revolucionário manteve os vários periódicos, com seus respectivos diretores. Os principais jornais eram: *Diario de La Marina*: José Ignacio Rivero; *El Mundo*: Raoul Alfonso Gonsé; *Revolución*: Carlos Franqui; *El Crisol*: Alfredo Izaguirre Riva; *Información*: Dr. Santiago Claret y Martí; *Diário Nacional*: Eduardo Héctor Alonso; *Prensa Libre*: Sergio Carbó; *Avance*: Jorge Zayas; *El País*: Guillermo Martínez Marques; *Excelsior*: Manuel Braña. Destacavam-se ainda as revistas: *Bohemia*: Miguel Angel Quevedo; *Carteles*: Antonio Ortega. Também atuavam em solo cubano jornais estrangeiros e editores: *The Havana Post*: Clara Park de Sánchez Pessino e *The Times of Havana*: Clarence Moore (Carta-Telegrama Nº 57 de 14.XII.59. AHMRE).

Duas preocupações passaram a incomodar o imperialismo norte-americano. A primeira era sobre o caráter que seria assumido pela revolução. A burguesia nacional, os latifundiários e setores industriais alimentavam esperanças de que a ajuda para derrubar Batista converter-se-ia em participação no governo⁵¹. A indicação de Manoel Urrútia para a Presidência fazia parecer que aquela possibilidade era real.

A segunda preocupação era, no caso da revolução assumir uma tendência "comunista", se ela seria "exportada" para o restante da América Latina. A conjuntura no continente era bastante favorável aos movimentos de esquerda, principalmente às lutas de insurreição. A imprensa internacional mantinha atenção total aos desdobramentos do processo revolucionário cubano. O *New York Times* havia registrado, inclusive, as possíveis influências da Revolução Cubana na América Latina⁵²:

⁵¹ Ver reportagens *Jornal do Brasil*, 09, 10 e 11 de janeiro de 1959.

⁵² Tradução livre: Pontos problemáticos na América Latina (Título). Rodapé: "Em Cuba (1) o rebelde Fidel Castro derrubou o ditador Batista depois de dois anos de guerra civil. No Haiti (2) uma ditadura instável suprime as liberdades. Na Venezuela (3) e Colômbia (4) novos governos democráticos enfrentam oposição dos militares. No Brasil (5) a inflação reforça a oposição ao regime. Na Bolívia (6) o governo reprimiu duas revoltas no ano. Na Argentina (7) o regime de Frondizi e o suporte militar derrubaram os Peronistas. MATTHEWS, Herbert L. ProQuest Historical Newspapers *The New York Times* (1851 - 2003), Jan 4, 1959, pg. E6. Disponível em: <www.nytimes.com>, acesso em 10/02/2016.

Figura 4 - Pontos de lutas sociais



In Cuba (1) Fidel Castro rebels overthrow Batista dictatorship after two-year civil war. In Haiti (2) unstable dictatorship suppresses liberties. In Venezuela (3) and Colombia (4) new democratic governments face opposition from military. In Brazil (5) inflation stirs opposition to regime. In Bolivia (6) government has suppressed two revolts in year. In Argentina (7) Frondizi regime and military supporters have cracked down on Peronists.

Fonte: *The New York Times* (1851 - 2003), Jan 4, 1959, pg. E6.

Disponível em: <www.nytimes.com>, acesso em 10/02/2016.

O jornal veiculou, segundo sua visão, um mapeamento das lutas sociais na América Latina, destacando pontos que ele avaliava serem os mais "problemáticos". A reportagem chamava o presidente fugitivo de "ditador", parecendo, assim, reprovar os métodos adotados pelo governo do sargento Fulgêncio Batista e, ao mesmo tempo, conferir certo crédito à guerrilha. À sombra da Operação Pan-Americana, o *New York Times* apontava seis países, com exceção de Cuba, que estariam propensos a movimentos de esquerda receptivos à ideia cubana: Haiti, Venezuela, Colômbia, Brasil, Bolívia e Argentina.

A ordem seguida pareceu obedecer à proximidade geográfica com Cuba e também com os Estados Unidos. O Haiti vivia, então, uma guerra civil, com intervenção direta norte-americana. Venezuela e Colômbia apresentavam relativo avanço no processo político, mas comporiam a lista dos primeiros a romper com Cuba. A referência ao Brasil acentuava a questão econômica (a inflação). A Bolívia havia passado por um processo insurrecional em 1952, mas as forças conservadoras conseguiram reverter a situação. Na Argentina, a

preocupação norte-americana era o retorno de Juan Domingo Perón e Evita Perón, exilados na Espanha⁵³.

O governo revolucionário cubano colocou em prática a política internacionalista, consciente de que seu isolamento levaria à derrota mais rápido. Nesse sentido, foram organizados comitês de solidariedade à Revolução Cubana em diversos países do mundo, inclusive no Brasil.

Em março de 1960 o governo revolucionário convidou os candidatos a Presidente da República do Brasil, que disputariam as eleições daquele ano. Somente Jânio Quadros aceitou⁵⁴. A Embaixada brasileira em Havana solicitou ao Ministério das Relações Exteriores informações sobre a composição da comitiva do então deputado Jânio Quadros:

Da Embaixada em Havana
Em 28/28/III/1960
DC/SRC/SI/430.1(42)(24h)
Visita do Deputado Jânio Quadros a Havana
60 - SEGUNDA-FEIRA - 12hs15 - Fui informado de que o Deputado Jânio Quadros e numerosa comitiva devem chegar no dia 29 a Cuba a convite do Movimento 26 de Julho. Rogo dizer-me a composição da comitiva e quantos pensam permanecer.
VASCO TRISTÃO LEITÃO DA CUNHA⁵⁵

Leitão da Cunha, que residia à Avenida 21 nº 15003-Reperto Cubanacán, Marianao, pedia, ao então Ministro Lafer, que informasse a comitiva de Jânio Quadros, tanto para viabilizar as acomodações quanto para inteirar-se do perfil de quem acompanhava o candidato de oposição a Kubitschek. A comitiva era composta por mais de 40 participantes, entre assessores, políticos e jornalistas.

Jânio não havia comparecido às Sessões da Câmara dos Deputados, talvez como estratégia política. Visitava, porém, todos os lugares onde era chamado, principalmente aqueles que lhe rendiam mais dividendos eleitorais. Cuba revolucionária era um destes. Ele já havia conhecido Che Guevara no Egito de Nasser⁵⁶. Confessou a Fernando Sabino, que compunha sua comitiva: "- Desde então êste homem já me impressionou

⁵³Na Argentina, o governo Frondizi tentou um processo de "desperonização", pois o programa nacionalista constituía uma ameaça ao capital monopolista internacional.

⁵⁴ O candidato da esquerda, Marechal Lott, não aceitou o convite do Movimento 26 de Julho, por ser anticomunista. Para os apoiadores de Lott, foi um erro grave, pois afastou parte da militância, que Jânio habilmente aproximou. MONIZ BANDEIRA e SANTOS, em entrevista ao autor (2016).

⁵⁵ Telegrama 60. DC/SRC/SI/430.1(24h) de 20/21/04/1961. AHMRE. A grafia dos documentos originais foi mantida em todas as transcrições, como, por exemplo, a escrita em maiúsculas.

⁵⁶ Gamal Abdel Nasser, líder egípcio, Presidente da República Árabe Unida (RAU).

profundamente"(SABINO, 1960, p. 217). Os cubanos tinham informações de que Jânio seria um candidato difícil de ser derrotado⁵⁷. Além da propaganda garantida pelos órgãos de direita, que certamente cobririam a visita de Quadros, o governo cubano pretendia o compromisso, assumido pelo possível Presidente do Brasil, de que a Cuba seriam garantidos os princípios de soberania e não-intervenção.

Apesar de Jânio já acalantar pretensões à liderança continental (MOURA, 1960), os holofotes mundiais estavam voltados para Fidel Castro. A Operação Pan-Americana (OPA) havia sido disparada pelo então Presidente Juscelino Kubitschek, em conversa com Dwight Eisenhower. O Presidente norte-americano, naquele mesmo mês de março de 1960, havia dado o sinal verde para a CIA preparar o plano de "ações encobertas", que resultariam na fracassada invasão da Baía dos Porcos um ano depois⁵⁸. Reunidos com Jânio Quadros, na casa do Embaixador Vasco Leitão da Cunha, o núcleo dirigente da Revolução propôs a Jânio Quadros que participasse de uma reunião, ainda naquele ano, dos países subdesenvolvidos⁵⁹, em Havana.

Esquivando-se Jânio Quadros, característica que matinha nas relações políticas, coube ao futuro Ministro Afonso Arinos dar a resposta. O então Senador da República disse aos cubanos que via precipitada a reunião de países subdesenvolvidos, principalmente porque, em termos de correlação de forças, a América Latina ficaria em minoria: "vamos perder o controle da Conferência para os países da Europa e do Oriente, muito mais numerosos que nós" (MELO FRANCO, 1983, p. 169). Certamente, os cubanos devem ter entendido o recado de Arinos, mesmo porque os latino-americanos eram maioria em órgãos como a OEA e os Estados Unidos sozinhos ditavam as regras. A questão, vista dessa forma, provava ser mais político-ideológica do que numérica.

Na dinâmica das lutas internas e da defesa aos ataques externos, a revolução avançava e aprofundava seu caráter anti-imperialista e anti-feudal. Desde a experiência guerrilheira, o Exército Rebelde foi assumindo posições e tomando o lugar do antigo exército oficial. A Revolução mudou não apenas a economia ou a política, mas também as tradições, a cultura e as relações sociais. Algumas palavras passaram a ter um significado maior e mais relevante do que poderia nos parecer, como descreveu Sartre:

⁵⁷ MONIZ BANDEIRA, em entrevista ao autor (2016).

⁵⁸ Analisado mais à frente.

⁵⁹ Termo utilizado na época. Che Guevara no discurso em Montevideú, comparou o subdesenvolvimento a um "anão", uma deficiência que não permitia o crescimento. Ver GUEVARA, 08/08/1961.

Certo dia, falava a um jovem militar, motorista do auto que me transportava, e cometi o erro de fazer-lhe perguntas sobre os *soldados*. Ele havia respondido alegre e vivamente a todas as outras perguntas, mas esta o perturbava, e ele me fitou com certa desconfiança, como se lhe falasse um idioma desconhecido. Terminou por lançar a Franqui⁶⁰, que estava ao seu lado, um olhar que era um pedido de ajuda.

- Ele quer dizer *soldado rebelde*, explicou-lhe Franqui.

Foi o suficiente para devolver ao jovem a confiança e o bom humor. Franqui acrescentou, voltando-se para mim:

- Entre nós, a palavra *soldado* perdeu qualquer sentido. Isolada, é de significação indeterminada. Ou então significa *mercenário de Batista*. Da mesma maneira, exército, sem outro qualificativo, é a instituição militar do antigo regime. Quando se referir ao nosso exército, deve acrescentar *rebelde*. Para os que o compõem basta dizer *rebelde*, como se pronunciasse dum jato, num alento: *soldado rebelde*. (1960, p. 137 - grifos do autor)

A gafe indesejada teria custado caro a Sartre não fosse a ajuda do diretor de *Revolución*, Carlos Franqui. Compreendendo o constrangimento do filósofo francês, Franqui interveio de pronto e corrigiu a frase, qualificando a palavra *soldado*, que jamais deveria ser dita isoladamente na Cuba revolucionária, como explicou.

Os camponeses e a juventude foram a base e o fundamento da Revolução, imprescindíveis para enfrentar as sabotagens internas da burguesia e as investidas (de fora pra dentro) do imperialismo, fazendo da experiência cubana um processo singular na história das revoluções populares latino-americanas. No plano estratégico, as milícias eram uma prova de que não poderiam ser cometidos os mesmos erros da Guatemala, lembrava a todo instante o comandante Che Guevara (ANDERSON, 2012, p. 424).

A Revolução Cubana desmontou vários dogmas até então cristalizados na América Latina, principalmente nas esquerdas. Cuba reinventou a democracia. Criou a Assembleia Popular, substituindo o antigo parlamento, corrompido e inoperante. Ela funcionava na forma de comícios e propostas eram submetidas à votação. A intensa propaganda imperialista no mundo defendia a "democracia representativa", cuja expressão suprema era o "voto" por meio de "eleição", um modelo que havia entrado em crise na Europa na primeira metade do século XX, principalmente por causa das práticas que cercavam esse instituto. Cuba inaugurou a "Democracia participativa", por meio das Assembleias do Poder Popular naquele primeiro ano. Sobre os sinais do novo paradigma democrático cubano, Sabino escreveu:

Eis aqui o surrado slogan eleitoral, usado pela primeira vez ao pé da letra: a vontade do povo - ou pelo menos de sua esmagadora maioria. Não existe nem ao menos um exército rebelde: existe o próprio povo que se armou em Sierra Maestra e o povo que se está armando agora, incentivado pelo governo revolucionário: cada camponês que recebe o seu quinhão de terra, como decorrência da reforma agrária, recebe

⁶⁰ Carlos Franqui era editor do jornal *Revolución*, órgão oficial do Movimento 26 de julho. Ele rompeu com o governo cubano anos depois e exilou-se na França. Ver FRANQUI, 1981.

também uma arma para defendê-la. Não há hierarquia militar nem oficialidade organizada, nem batalhões, nem continências, nem cavalgadas e clarinadas: há rebeldes e seus chefes - também chamados de capitães. Não se apresenta arma ao Comandante Fidel Castro.

Não havendo exército regular - senão as forças de policiamento da Cidade estritamente necessárias - a defesa da soberania ficará a cargo da totalidade da população. Nenhum ditador ousaria tanto: armar o povo, para que este fizesse prevalecer sua vontade. (SABINO, 1960.,p. 137)

Fernando Sabino, que também esteve em Cuba, acompanhando a comitiva do candidato Jânio Quadros, trabalhava para o *Jornal do Brasil*. Sua narrativa da viagem desconstruía as imagens depreciativas e caricatas que eram feitas por setores reacionários, influenciados pela contrarrevolução. As palavras de Sabino permitiam associar, em certo sentido, parte do processo cubano ao programa de Ayala, assinado por Emiliano Zapata durante a Revolução Mexicana, no qual clamava: "Povo mexicano, apoiari com armas nas mãos este Programa e fareis a prosperidade e o bem-estar da pátria"⁶¹.

A democracia revolucionária, ou "Democracia Verdadeira" ia se configurando ao longo do processo. Como afirmou o Presidente Oswaldo Dorticós, ela era ressignificada. Em discurso em frente à antiga sede do parlamento cubano, acentuou Dorticós:

Y observan, compañeros, qué curiosa situación que se haya celebrado esta noche esta gran asamblea popular, precisamente junto al Capitolio Nacional; esto significa todo un símbolo y el hecho mismo contiene una respuesta rotunda a los que frente a nuestro proceso revolucionario, han esgrimido la mendaz afirmación de que estamos destruyendo la democracia. Frente a esta multitud cabe preguntar-se y puede responder a la pregunta con severidad nuestro pueblo, ¿Donde se ejercía la democracia si ahí dentro de los salones del Capitolio Nacional en épocas pasadas, bajo la falsa estructura de la llamada democracia representativa, o si se ejerce ahora o no la democracia, mediante las expresiones del pueblo en las calles mismas de nuestras ciudades? (*Revolución*, 15/08/1960, p.18)

A praça era, literalmente, do povo. Nos primeiros anos da Revolução, o mecanismo de realização de Assembleias públicas foi o instrumento mais utilizado pelo governo revolucionário para deliberar sobre as questões mais relevantes que estavam em curso para a vitória do processo revolucionário. Dorticós chamou de "autêntica democracia" e reafirmou: "-Não retrocederemos"! A cada investida norte-americana, Cuba respondia com ações, sempre envolvendo a população. Essas assembleias reuniam milhares de pessoas, num processo simbólico, altamente significativo, cujas decisões eram tomadas com participação popular.

⁶¹ ZAPATA, In: REIS, 2009, pp.164-167.

No sábado, 15 de agosto de 1960, a Assembleia reafirmou a decisão de nacionalizar as indústrias norte-americanas, principalmente do setor açucareiro. O discurso de Dorticós foi extenso e contundente. Os revolucionários prepararam um texto chamado "Juramento", para ser lido ao final da oração do Presidente e aprovado por todos. Aquela era uma assembleia de grande relevância, pois ali seria "formulado um solene juramento de fidelidade à Pátria e à Revolução" (*Revolución*, 15/08/1960, p.18). Assim foi iniciado o "Juramento":

JURAMENTO

Pela Revolução e pela Pátria

Considerando as agressões criminais que os imperialistas yanquis têm promovido contra Cuba e contra nossa Revolução.

Considerando as conspirações e provocações dos contrarrevolucionários, dos traidores e desertores, dos esbirros e fariseus, dos aventureiros, mercenários e confusionistas que estão como servis lacaios dos Estados Unidos imperialistas.

Considerando que a próxima reunião da OEA, servidora de sistema semi-colonial que Estados Unidos impõem à América Latina, pretender-se-á condenar a defesa que de Cuba faz a União Soviética diante da ameaça de intervenção militar yanqui, e, ao mesmo tempo, condenar a Cuba em nome de uma solidariedade continental e um sistema interamericano que somente serve para justificar o submetimento e subordinação da América Latina aos Estados Unidos.

Considerando que, com o fim de derrotar a Revolução Cubana e restabelecer o velho regime, semi-colonial de humilhação nacional, de miséria, de ladrões e torturadores, planeja-se o bloqueio econômico de Cuba e a agressão armada em uma ou outra forma, para render-nos pela fome e a morte.

Considerando que os imperialistas norteamericanos e seus lacayos contrarrevolucionários e traidores, plattistas e vendidos, estão dispostos a recorrer a todos os meios, crimais e odiosos que sejam para combater ao Governo Revolucionário e a seu Chefe e dirigente Fidel Castro. (*Revolución*, 15/08/1960, p.18)

Havia um forte significado naquele juramento, pois todos os presentes dividiriam as responsabilidades sobre as decisões ali tomadas. Além do mais, manter-se-ia uma constante mobilização popular com um sistema de vigilância permanente, a fim de impedir a retomada do poder pela contrarrevolução. Na mensagem ao público, o texto tecia críticas à OEA⁶², que Atílio Boron (2012) chamou de "cadáver fétido"⁶³, acusando-a de "servidora de sistema semi-colonial". Diante de uma população atenta e armada, Dorticós alertava que havia planos de "intervenção militar yanqui" em Cuba.

Sob os olhares de milhares de pessoas que ocupavam as ruas de Havana, continuava a leitura:

Nós, Trabalhadores, Camponeses e homens e mulheres do povo, conscientes de nosso dever e nossa responsabilidade nesta hora gloriosa da Pátria; conscientes do

⁶² Organização dos Estados Americanos.

⁶³ Ver BORÓN, Atílio. Disponível em < <https://pcb.org.br/porta12/2451>>, acesso em 26/10/2016.

que significa a Revolução e seu povo para a América Latina e para o mundo; animados pela combatividade e fraternal solidariedade que nos dão os povos irmãos da América Latina, os países afroasiáticos, os países socialistas com a União Soviética e a China em primeiro lugar, e os trabalhadores, os povos e os partidários da Paz em todo o mundo, e seguros de que VENCEREMOS,

JURAMOS: Defender por todos os meios, com nosso esforço e nosso sacrifício decidido, com nosso sangue e com nossas vidas, a Revolução que faz nossa a Pátria, que faz nossa a terra, que faz nossa a liberdade, que faz nosso o direito de decidir nosso destino e de lutar pelo progresso, o bem-estar derivado do trabalho próprio, a felicidade e a Paz.

JURAMOS: Ingressar nas milícias operárias e camponesas, aprender o manejo das armas, guardar as armas com responsabilidade para evitar acidentes, fortalecermos no exercício e na marcha, observar a disciplina e estar preparados para combater a sangue e fogo, com toda coragem, a qualquer agressor que invada nosso País, seja sob a bandeira da OEA, da intervenção direta ou da contrarrevolução, ou a qualquer que conspire ou se levante contra a Revolução e contra o Governo Revolucionário.

(...)

JURAMOS: Rechaçar as manobras imperialistas, as condenações da OEA em nome de um mentido sistema interamericano e uma hipócrita solidariedade continental e levantar ainda mais a solidariedade com a América Latina.

JURAMOS: Agradecer a quantos nos ajudam a defender Cuba e a Revolução Cubana com sua solidariedade, como os povos da Latino-americanos, os países Afro-asiáticos, a União Soviética, China, Checoslováquia, a República Democrática da Alemanha e demais países socialistas.

(...)

JURAMOS: Lealdade perene à grande causa e às tarefas da defesa e avanço da Revolução Cubana.

JURAMOS: Apoiar com toda nossa força e defender até a última gora de nosso sangue o Governo Revolucionário sob a direção de seu líder Fidel Castro.

JURAMOS: Fortalecer a unidade de nossos Sindicatos, nossas Federações e nossa CTC.

JURAMOS: Prestar solidariedade aos povos e aos trabalhadores do Mundo.

JURAMOS: Mantermo-nos firmes por "CUBA SIM; YANQUES NÃO", com a consigna de PÁTRIA OU MORTE, seguros de que VENCEREMOS. (*Revolución*, 15/08/1960, p.18)

O "Juramento" foi lido e votado por toda a população presente, cujo compromisso assumido, como escrito ao final do documento, era de "Pátria ou Morte!". A palavra de ordem "Cuba sim, Yanques não" acompanharia os dirigentes revolucionários no mundo inteiro, como, por exemplo, em Montevideu e no Brasil, quando Che Guevara ouviu esse mesmo grito dos que lho assistiam. No texto extenso, o internacionalismo esteve patente, comprovado pelas afirmativas de uma aliança com os países "afro-asiáticos", com os socialistas e com "a União Soviética e a China em primeiro lugar". Esses dois últimos países ocupavam lugar preferencial nas relações exteriores cubanas, confirmado pelos acordos comerciais, tecnológicos e culturais firmados.

O "juramento" fez parte de um processo de reeducação do povo, criando uma nova relação política entre governo e população, por meio da qual esta última via-se participando da esfera de poder político. Entre os vários objetivos possíveis, destacaríamos: 1- reafirmar a dimensão internacional da luta revolucionária; 2- defender e preservar o Comandante em

Chefe, Fidel Castro, como figura central da Revolução; 3- orientar o ingresso nas milícias armadas, instrumentos de defesa da Revolução; e 4- ratificar a nacionalização da economia, principalmente das empresas norte-americanas. Em alguns aspectos, Cuba já apresentava sinais de que aquela Revolução caminhava para o campo socialista.

No mês seguinte, Fidel explicaria o sentido da "assembleia geral do povo", num discurso que ficou conhecido como a *Primeira Declaração de Havana*:

Em primeiro lugar, porque esta é uma assembleia geral do povo? Que quer dizer isto, uma assembleia geral do povo? Quer dizer, em primeiro lugar, que o povo é soberano, quer dizer que a soberania radica no povo e que dele emana todos os poderes. O povo de Cuba é soberano. Ninguém poderia discutir que aqui está representada a maioria do povo; ninguém poderia discutir que aqui está representado o povo. Nos anais da história da nossa pátria jamais se reuniu semelhante multidão; nos anais da história da nossa pátria jamais se viu um ato semelhante; nos anais da história da América jamais se reuniu semelhante multidão; nos anais da história da América jamais se viu um ato semelhante. (CASTRO, 1960)⁶⁴

Após um ano e meio do triunfo da Revolução, Fidel estava seguro do poder político que a população lhe conferiu, falando para uma multidão armada de fuzis e ideias. A *Primeira Declaração de Havana* fez parte dos três documentos históricos mais relevantes que a Revolução Cubana nos legou, sendo os outros dois: *A História me absolverá* (1953) e a *Segunda Declaração de Havana* (1962). Os três foram proferidos por Fidel Castro em situações distintas, entretanto com objetivos semelhantes: "Não seremos mais escravos". Na primeira Declaração, diante de um milhão de pessoas na Praça da Revolução, Fidel reafirmaria a "total independência de Cuba em relação aos Estados Unidos" (ALI, 2009, p. 11)⁶⁵.

Intensificavam-se as ações do governo revolucionário, principalmente com relação à Reforma Agrária. Em meados de 1960, as exportações cubanas para os países capitalistas somaram 75,1%, enquanto para os socialistas eram de 24,9%. Para 1961, a estimativa era inversa, com 25,4% das exportações destinadas aos países capitalistas e 74,6% aos socialistas.

⁶⁴ Original: "En primer lugar, ¿por qué es esta una asamblea general del pueblo? ¿Qué quiere decir esto de una asamblea general del pueblo? Quiere decir, en primer lugar, que el pueblo es soberano, es decir que la soberanía radica en el pueblo y que de él dimanar todos los poderes (APLAUSOS). El pueblo de Cuba es soberano. Nadie podría discutir que aquí está representada la mayoría del pueblo; nadie podría discutir que aquí está representado el pueblo. En los anales de la historia de nuestra patria jamás se reunió semejante multitud; en los anales de la historia de nuestra patria jamás se vio un acto semejante; en los anales de la historia de América jamás se reunió semejante multitud; en los anales de la historia de América jamás se vio un acto semejante (APLAUSOS)". Tradução do autor. CASTRO, Fidel. *Primeira Declaração de Havana*. Discurso pronunciado em 02/09/1960. Disponível em : <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>, acesso em 27/02/2016.

⁶⁵ Textos completos e a apresentação de Tariq Ali, ver: CASTRO, 2009.

A mesma estimativa estava sendo feita para o caso das importações. Em 1958, as importações de bens de consumo somaram 61%, enquanto as de bem de produção eram de 39%. Já em 1961, a previsão era de inverter a proporção para 73% de bens de produção e 27% bens de consumo. Com uma espetacular ajuda internacional e o envolvimento interno da população, confiante no desenvolvimento econômico, Cuba apresentou índices comparáveis aos de nações de capitalismo avançado.

O ano de 1960 apresentou elevados índices de produtividade, mesmo com toda a campanha de boicote e sabotagens imperialistas. O caráter nacionalista e anti-imperialista das medidas adotadas pelo governo revolucionário foram interpretadas por Washington como socialistas. Em tempos de Guerra Fria e crise do capitalismo, a retirada dos produtos cubanos do comércio norte-americano representaria perda de divisas e, conseqüentemente, afetaria a balança comercial dos Estados Unidos.

Como reforço ao declínio do capitalismo norte-americano, a União Soviética e a China declararam apoio à Revolução Cubana, cuja relação passava a ser mais vantajosa para Cuba. Um ano após a primeira grave crise política, Cuba assinou acordo comercial com a União Soviética. Uma das pessoas mais influentes do governo russo foi a Cuba para firmar o convênio.

Figura 5 - Mikoyan e Fidel assinam acordo sobre o açúcar



Fonte: *Avance*, 13/02/1960, p. 01

Telegrama 46/890(24h) (74) de 15/02/1960, anexo 1, p. 1. AHMRE.

Mikoyan⁶⁶ e Fidel foram retratados no momento da assinatura do Convênio que garantiria a compra do açúcar cubano por um preço vantajoso para a Revolução. Naquele momento da Guerra Fria, Cuba era estratégica para a União Soviética. A inscrição acima da foto "Firma del historico convenio de Rusia y Cuba" (assinatura de histórico convênio entre Rússia e Cuba) acalmava os ânimos internos, em virtude das dúvidas sobre as vendas, e indicava para o mundo que Cuba tinha parceiros e estes eram poderosos. A visita de Mikoyan repercutiu no mundo, principalmente nos Estados Unidos. A parceria com a União Soviética esvaziaria o bloqueio econômico, além de criar um novo mercado para o país socialista.

Em maio de 1960, uma Missão Especial-Comercial cubana visitou a União Soviética, Polônia, Tchecoslováquia e Alemanha Oriental. Foram quarenta e cinco dias de negociações, estabelecimento de contatos e convênios internacionais. Participaram da Missão o Capitão Nuñez Jimenez, diretor do INRA, os engenheiros Arnaldo Rodrigues Sainz, Raúl Maldonado Ortega e José Paglieri, além dos Tenentes Evidio Mendez Perez e Orlando Borrego. Dirigiu-se para Roma, a fim de resolver a questão do petróleo, o engenheiro Edmundo Cintra Mata, do Instituto Cubano de Petróleo. Ao retornar, o Capitão Nuñez anunciou que um total de trinta fábricas seriam instaladas em Cuba, com recursos provenientes dos países que visitou⁶⁷. De Moscou, Nuñez Jimenez havia trazido um convênio assinado, garantindo a entrega de 900 mil toneladas de petróleo russo. A Missão voltou a Cuba com um contrato assinado, comprometendo-se a entregar 450 mil toneladas de açúcar para a União Soviética, o que completaria o compromisso russo da compra de um milhão de toneladas de açúcar cubano⁶⁸.

A parceria com os países socialistas não se restringiu apenas a trocas comerciais. A Missão cubana também estabeleceu convênios culturais, principalmente com a União Soviética. De acordo com o convênio assinado, Cuba e URSS realizariam programas de intercâmbio cultural, por meio do qual exibiriam, tanto em Cuba quanto na URSS, conjuntos artísticos de ambos países, prevendo ainda viagens de jornalistas e artistas⁶⁹.

No final desse mesmo ano, o Embaixador brasileiro encaminhou correspondência ao Ministro das Relações Exteriores, relatando as medidas nacionalizantes adotadas pelo governo revolucionário:

⁶⁶ Ministro de Estado de Comércio Exterior da União Soviética.

⁶⁷ CT-83 de 14.VII.59. p.1, AHMRE.

⁶⁸ CT-83 de 14.VII.59. p.2, AHMRE.

⁶⁹ CT-83 de 14.VII.59. p.2, AHMRE.

No dia 13 de outubro de 1960, os bancos nacionais e norte-americanos em Cuba foram encampados, passando a funcionar como agências do Banco Nacional. Também foram encampados, na mesma data, 382 empresas, sendo 105 usinas de açúcar, 16 moinhos de arroz, 6 fábricas de bebida, inclusive a Baccardi, 11 torradores de café, 6 fábricas de leite condensado, 1 moinho de farinha, 7 empresas de produtos alimentícios, 2 fábricas de chocolate, 47 firmas importadoras de secos e molhados, oito estradas de ferro, 1 companhia de eletricidade, 13 instalações portuárias, 19 empresas de material de construção, 3 fábricas de produtos químicos, 6 empresas metalúrgicas, 4 fábricas de tinta, 8 fábricas de vasilhame, 61 fábricas de tecidos e confecções, 1 gráfica, 3 fábricas de sabão e perfume, 2 empresas de óleo e graxa, 18 destilarias, 13 grandes lojas, 3 drogarias e 7 papelarias.

O governo passou a ter o controle quase total da economia cubana, necessário para implementação do sistema de planificação. Para que pudesse ter êxito, Che Guevara tinha viagem marcada para a União Soviética, a fim de discutir com técnicos de planejamento a instituição de um Plano Quinquenal em Cuba.

Em outubro de 1960, Guevara partiu em visita aos países socialistas. O objetivo da viagem era discutir o Convênio de Comércio assinado com a União Soviética, que previa a ida a esse país antes do fim do ano.⁷⁰

O Embaixador brasileiro mantinha-se atento às transformações econômicas promovidas pelo governo revolucionário, bem como os passos de Che Guevara, uma dos maiores expoentes da economia cubana na época. O processo de nacionalização era uma resposta às investidas norte-americanas. As empresas petrolíferas haviam se recusado a refinar o petróleo comprado da União Soviética. Além disso, já circulavam as informações do iminente ataque norte-americano, financiado em parte, pela burguesia ainda existente em Cuba. Sendo assim, o Estado passou a controlar o capital, para que não fosse investido na contrarrevolução e sim no desenvolvimento do país.

No final do ano de 1960, o jovem jornalista Eric Hobsbawm esteve em Cuba como correspondente da *New Statesman*⁷¹ e confirmou as mudanças. Escreveu um artigo, também publicado pela *Prensa Latina* e *Novos Rumos* (Brasil), no qual fez a seguinte previsão:

Cuba será, relativamente cedo, o primeiro país socialista no hemisfério ocidental, a menos que os norte-americanos levem a cabo uma intervenção armada. 70% de sua indústria, todas as usinas açucareiras e 60% da agricultura (inclusive o açúcar) estão sob controle do governo ou das cooperativas, sem falar no comércio exterior. Já há mais de duas mil cooperativas de consumo ("tiendas del pueblo"), quase todas no campo, as quais vendem artigos aos camponeses por preços pouco acima do custo. O ritmo de transformação acelerou-se recentemente com a expropriação das companhias petrolíferas e bancos norte-americanos, a nacionalização da indústria do tabaco, a encampação das usinas de açúcar, de grandes lojas e das indústrias têxteis. (*Novos Rumos*, 30/12/1960 a 05/01/1961, p. 9)

As previsões de Hobsbawm não demoraram a se confirmar. Em abril de 1961, Fidel faria o célebre discurso definindo o caráter da Revolução. O historiador inglês confirmou as

⁷⁰ Telegrama 336. DPo600(24h) de 28/29/X/1960, AHMRE.

⁷¹ Revista britânica de análise política.

informações do Embaixador brasileiro, antevendo, ainda, uma "intervenção armada" por parte do imperialismo. Durante as comemorações do aniversário da Revolução, em janeiro de 1961, os revolucionários desfilaram em tanques doados pela União Soviética, numa demonstração de que estariam prontos para a recepção aos invasores.

No campo social, a erradicação do analfabetismo levou pouco tempo. A Revolução "desarmou as fortalezas e transformou os quartéis em escolas" (SABINO, 1960, p. 212). Brigadas de jovens educadores foram montadas e destinadas aos lugares mais afastados da ilha. Em 1961, o "ano da educação" em Cuba, uma outra revolução aconteceu no campo educacional, básico e superior. As escolas confessionais (religiosas), a maioria católicas, foram nacionalizadas e o ensino passou a ser totalmente público e gratuito⁷². Teve início a Reforma Universitária, cujos debates envolveram intelectuais, governo e população.

A experiência cubana tornou-se singular, unindo intelectuais e massa camponesa, além de superar as noções preconcebidas. Dois elementos resultaram fundamentais para as sucessivas vitórias nos primeiros anos da Revolução: o cumprimento do programa prometido e a formação das milícias populares.

O primeiro, a começar pelo completo repúdio ao nepotismo e ao personalismo, deu aos dirigentes a legitimidade e admiração da população mais humilde. Todos os pontos que haviam sido anunciados em *A História me absolverá*, quanto no período em Sierra Maestra, foram devidamente colocados em prática. Ao mesmo tempo, Fidel e o comando guerrilheiro descobriram que nenhum programa poderia ter continuidade se não contasse com o apoio da população armada. No início de 1961, o exército havia sido dispersado e Cuba contava com "uma vasta milícia urbana e 400.000 camponeses armados para protegerem a revolução" (*Novos Rumos*, 30/12/1960 a 05/01/1961, p. 9).

A maior preocupação do governo dos Estados Unidos foi com a "exportação da Revolução". Cuba se transformaria, ao longo de 1961, em uma peça-chave no jogo das barganhas políticas e econômicas internacionais. Seus desdobramentos trariam novas implicações à conjuntura latino-americana, entre elas a trama que envolveu a condecoração de Che Guevara.

⁷² A decisão de encampar as escolas particulares religiosas reforçou-se quando parte da cúpula das Igrejas apoiou a invasão em *Playa Girón* e desarticulou-se a *Operação Peter Pan*. Os temas são abordados mais à frente.

1.2 O Comandante Che Guevara

Che Guevara, se tal se pode dizer, já existia antes de ter nascido, Che Guevara, se tal se pode afirmar, a continuou a existir depois de ter morrido. Porque Che Guevara é só o outro nome do que há de mais justo e digno no espírito humano. O que tantas vezes vive adormecido dentro de nós.

José Saramago

As revoluções socialistas do século XX projetaram seus líderes. A Revolução Cubana projetou Fidel e Che. O primeiro com uma tarefa mais interna, como o próprio Che afirmou em sua carta de despedida. Ernesto Guevara, transformado em Che, tornou-se símbolo da luta anti-imperialista na América Latina. Não sem motivos, pois a proposta revolucionária implicava o internacionalismo como princípio. Desdenhava os opositores que tentavam desqualificá-lo como "apátrida", e refutava lembrando Bolívar⁷³, para quem a Pátria era a América Latina.

Che Guevara nasceu Ernesto Guevara de la Serna, filho de Ernesto Guevara Lynch e Celia de la Serna. O pai descendia de imigrantes irlandeses e a mãe de uma família de militância política na Argentina. A linha paterna apresentava espírito aventureiro, enquanto a materna contestava as tradições machistas, cortando o cabelo curto, cruzando as pernas em público, fumando e participando de reuniões feministas (MAHAJO, 2011, p. 15). O desafio às tradições resultou no casamento com Ernestito a caminho. Mudaram-se de Buenos Aires para Las Misiones. Ao retornar para o parto, na capital argentina, a parada em Rosário foi obrigatória, devido a fortes contrações. O menino nasceu fraco e pequeno, registrado no dia 14 de junho de 1928, mesmo dia em que haviam nascido o marxista José Carlos Mariátegui (1894-1930) e o revolucionário cubano Antonio Maceo Grajales (1845-1896)⁷⁴.

Adulto, viajou pela América Latina, estagiou em um leprosário, formou-se em medicina, foi para a Guatemala, onde conheceu Hilda Gadea⁷⁵, sua primeira esposa e

⁷³ Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios Ponte-Andrade y Blanco (1783-1830) nasceu em Caracas (Venezuela). Ele foi considerado herói da independência e o "libertador" de cinco nações da América: Colômbia, Venezuela, Peru, Equador e Bolívia.

⁷⁴ Em uma das biografias consultadas, Anderson afirmou que Guevara nascera em 14 de maio de 1928, tendo sua certidão adulterada em função da data do casamento dos pais (2012, p.25). Em nota, disse que sua fonte era uma amiga da mãe de Che, Julia Constenla de Giussani (p. 817).

⁷⁵ Em 1954, encontrou-se com Hilda Gadea, sua primeira esposa, "que pertencia à esquerda do APRA peruano e da Aliança da Juventude Democrática" (LOWY, 1971, p.7). Segundo Lowy (1971), foi Hilda quem contribuiu para a definição e consolidação de Che Guevara no marxismo. Mario Dalmau (cubano que conheceu Che na Guatemala) e Fidel Castro testemunharam que Che possuía uma pensamento marxista muito claro e bem definido quando se conheceram (LOWY, 1971, p.8).

militante do APRA⁷⁶ peruano. Testemunhou a deposição de Jacobo Arbenz na Guatemala (1954), de onde seguiu para o México. Encontrou-se com os exilados cubanos, de quem não se afastaria mais e receberia o apelido de Che. Ernesto Guevara teve uma vida curta e intensa. Como ideias não morrem, o pensamento de Che Guevara imortalizou-se. Após a vitoriosa e determinante experiência em *Sierra Maestra*, foi um dos Comandantes, ao lado de Camilo Cienfuegos, a travar a batalha decisiva em Santa Clara. Em primeiro de janeiro de 1959, Cuba estava livre e Che era reconhecido como herói.

O *New York Times*, de plantão desde Sierra Maestra, apresentou-o da seguinte forma:

O Major Guevara tem cerca de 1,5 metro, magro e leve. Seu rosto está rodeado pela franja de barba tornada famosa por seu líder, e ele tem os mesmos cabelos longos que os muitos que juraram não cortá-los até o general Fulgêncio Batista ter sido derrubado.

O Comandante Guevara quebrou seu braço esquerdo há várias semanas em um acidente e o carrega em um pano de seda preta. Não havia nenhuma insígnia em seu uniforme khaki indescritível. Um revólver e daga pendiam de seu cinto.

Ele falou com uma voz suave. Sua voz é notavelmente baixa e seu sorriso inesperadamente suave. Ele disse que sua esposa e filha o esperavam no Peru, sua esposa era peruana. Perguntado sobre o que ele faria agora, ele repetiu, "estamos esperando por Fidel". (*The New York Times*, 04/01/1959, p. 7)

Guevara era descrito como uma pessoa doce, de feições suaves. Em Punta del Este, Goodwin (assessor de Kennedy) disse que Guevara tinha contornos femininos. O uniforme khaki (quer dizer empoeirado) era uma novidade, pois os revolucionários ficaram conhecidos pelo tom verde-oliva. Che revelou ao jornalista que tinha uma esposa e uma filha que o esperavam no Peru.

No dia 7 de fevereiro, um decreto do governo revolucionário, publicado no *Diário Oficial*, conferiu cidadania cubana aos estrangeiros no exercício do cargo de Comandantes do Exército Rebelde por um período de dois anos (MAHAJO, 2011, p. 287). Enquanto a Raúl Castro coube, de início, conduzir o governo militar na província do Oriente, Che Guevara foi nomeado Comandante da *Fortaleza de Las Cabañas*⁷⁷. No Forte, Che montou uma academia militar e participou da criação de dois jornais: *La Cabaña Libre* e *Verde Olivo*. Este último, tornar-se-ia órgão do Movimento 26 de Julho, dando lugar, mais à frente, ao *Revolución*, dirigido por Carlos Franqui.

⁷⁶ Aliança Popular Revolucionária Americana. Movimento peruano de esquerda, ligado ao Partido Aprista Peruano (PAP), fundado por Víctor Raul Haya de la Torre. Defendia o anti-imperialismo e a união das esquerdas latino-americanas.

⁷⁷ Fortaleza militar. Nos primeiros anos da Revolução aconteciam os "Tribunais Revolucionários". Entendi não pertinente ao objetivo da pesquisa. Além disso, não há fontes confiáveis acessíveis sobre o tema. Os biógrafos de Che trataram do assunto, porém sem aprofundamento. Ver: MAHAJO, 2011, p.282.

Em junho, dois dias antes de completar 31 anos e alguns anos depois de seu casamento com Aleida March, em meio aos debates sobre as transformações sociais e econômicas, Che Guevara foi enviado em visita a países da África, Ásia e Europa (ANDERSON, 2012, p.461). Ele iniciaria funções revolucionárias, levando Mahajo a chamá-lo de "embaixador itinerante" (2011, p. 297). As especulações sobre sua saída de Cuba foram as mais variadas, desde a versão infantil de ser ela fruto de divergências com Fidel Castro até, contraditoriamente, a ideia de ser política do mesmo Fidel Castro para formação de quadros para o embate internacional. Sobre isso, escreveram RATNER&SMITH:

Os exilados cubanos e as agências de espionagem desejavam uma divisão entre Fidel e o Che, por isso há numerosos relatos de lutas entre Che e Fidel sobre quem é o verdadeiro líder, as relações com a União Soviética e a China e outros assuntos. Há até um relatório de que Che é baleado depois de uma briga com Fidel. Existe a reivindicação, que algumas pessoas ainda acreditam, que o discurso de Che em Argel, um discurso bastante crítico de certos países socialistas, forçou-o a sair de Cuba. No entanto, é óbvio ao ler os documentos que a intenção do Che sempre foi levar a revolução cubana a outros lugares. Depois de uma longa análise, uma das agências de espionagem reconhece que a ausência do Che "não foi motivada por problemas com Fidel". (RATNER&SMITH, 1997, p. 6)

Como se pode observar, havia muita especulação sobre os revolucionários cubanos e suas leituras sobre os processos vividos. Os serviços secretos norte-americanos investiam no fracionamento interno das organizações, com estratégias de infiltrar-se nos movimentos considerados inimigos para derrotá-los. Os guerrilheiros de Sierra Maestra pareciam adiantar-se às ações imperialistas. As agências de notícias ocupavam-se de informações supérfluas:

Muita tinta é desperdiçada pelas agências sobre se o Che é ou não um comunista. Eles não conseguem entender. Por que ele odeia o governo dos EUA, a menos que seja um comunista? Ele favorece Pequim ou Moscou? Os políticos dos Estados Unidos só podiam ver o mundo através das lentes da Guerra Fria; Eles nunca entenderam as autênticas queixas de alguém que cresceu na América Latina, que viu de primeira mão a exploração dos Estados Unidos e a derrubada do presidente Arbenz na Guatemala. (RATNER&SMITH, 1997, p. 6)

Os autores de *Che and the FBI* asseguravam o que a História demonstraria, que as ideias eram forjadas pela realidade. O contato com o quadro latino-americano de exploração capitalista e extremamente desigual, vivenciado nas viagens pelo continente, fizeram com que o Doutor Ernesto Guevara tomasse consciência da necessidade de uma inadiável transformação social.

Che era extremamente inteligente e rápido no raciocínio. Comandou os debates econômicos em Cuba, dialogando com as teses de Carlos Rafael Rodríguez⁷⁸ sobre a transição ao socialismo⁷⁹. Foi, por outro lado, preservado em relação a um dos momentos mais difíceis do governo naquele primeiro ano da revolução: a troca de mandatários. Durante a viagem de Che à Europa e aos países socialistas, o Presidente Manuel Urrútia foi afastado, José Miró Cardona (o traidor) renunciou e Fidel assumiu, definitivamente, o comando do país como Primeiro-Ministro, isentando Guevara da responsabilidade direta pela guinada à esquerda do governo revolucionário.

A viagem de Che obedecia às estratégias da Revolução Cubana, tendo em vista que, quando Fidel voltou de sua visita aos Estados Unidos e à América Latina, pareceu convicto de que a Revolução Cubana não triunfaria sozinha. Os Estados Unidos haviam investido na dependência econômica latino-americana e no "sistema interamericano", atuando, prioritariamente, na Ásia e Europa para a contenção do "avanço comunista". Do ponto de vista cubano, era preciso criar uma rede internacionalista e o dirigente que reunia as qualidades fundamentais para aquela tarefa, naquele momento, era Che Guevara⁸⁰. Ademais, se Washington alimentava ódio pelo Comandante da Fortaleza de *Las Cabañas*, países da África e Ásia nutriam simpatia pelo revolucionário que desafiava o Império.

A "missão da boa vontade" de Che Guevara visitou os países que haviam organizado a Conferência de Bandung⁸¹. Percebia-se, assim, que a missão de Che era o embrião da Tricontinental⁸², que ele começava a conceber. Além de Che, a delegação cubana contou com a participação de: "Pancho" García Vals, seu auxiliar e membro do PSP; Alfredo Menéndez, economista especialista na questão do açúcar; Omar Fernandez, capitão do Exército Rebelde; José Argudín, segurança pessoal; e Salvador Vilaseca, membro da junta executiva do Banco

⁷⁸ Carlos Rafael Rodríguez (1913-1997), era economista e dirigente do PSP cubano. Dirigiu o partido na luta clandestina contra a ditadura de Batista e foi o "contato" do partido com a guerrilha em *Sierra Maestra*. Ingressou para as esferas do governo após o triunfo, quando reuniram-se as forças de esquerda anti-imperialistas.

⁷⁹ Che Guevara desenvolveu uma tese sobre a "teoria do valor", tomando por base, fundamentalmente, textos marxistas. Ele defendia que os "estímulos morais" deviam ter prevalência sobre os "estímulos materiais", para que se pudesse criar o "homem novo".ver: LÖWY, 1971, pp. 67-78. A polêmica está referenciada também em SADER, 2011, p.25.

⁸⁰ De acordo com Furiati (em entrevista ao autor), os cubanos entenderam que Che era o mais habilitado "quadro político" para desenvolver o trabalho de construção da rede de solidariedade internacional, ao mesmo tempo em que desenvolveria sua tese da "tricontinental".

⁸¹ Conferência na Indonésia, em 1955. Ver Capítulo 2.

⁸² Proposta cubana, atribuída a Che como mentor intelectual, para formação de um bloco de países dos três continentes: América, Ásia e África.

de Fomento Agrícola e Industrial de Cuba (Banfaic); e pardo Llada, um comentarista radiofônico.

Seu circuito no exterior começou pela República Árabe Unida de Gamal Abdal Nasser, depois ele foi para Índia, China e Indonésia. Esteve no Japão, Ceilão e Paquistão. Foi também à Grécia, Sudão, Itália, Marrocos e Iugoslávia, onde ficou seis dias. A viagem de Che durou quase três meses e cumpriu os objetivos de conhecimento dos países de outros continentes. Fez contatos com lideranças revolucionárias, discutiu projetos de Reforma Agrária e industrialização, além de especular sobre a venda do açúcar cubano. Cumprida a missão, voltaria a Cuba. Em agosto, a CIA assim descreveu a visita de Che à Iugoslávia:

Guevara, estreitamente associado a Fidel Castro, sublinhou em sua entrevista com o correspondente da BORBA que Cuba desejava o desenvolvimento de relações diplomáticas e comerciais, culturais e outras formas de cooperação com a Iugoslávia. Ele falou amplamente da política do governo revolucionário cubano que estava contra a influência das empresas estrangeiras, primeiro passo chave para o desenvolvimento econômico geral de Cuba e sua industrialização. (RATNER&SMITH, 1997, p. 43)

Os programas de televisão eram utilizados como uma prática comum em Cuba. O governo revolucionário havia adotado essa política a fim de mostrar à população as opiniões divergentes entre os revolucionários e quem eram os que ainda pretendiam manter as políticas do governo de Batista. O fragmento acima constou de um relatório da CIA sobre a entrevista de Che a respeito da missão dele no exterior. As movimentações de Guevara há tempos estavam sendo monitoradas pela CIA e FBI:

Na realidade, se não legalmente, [...], o FBI estava interessado no Che, não importa onde ele viveu ou o que ele fez. A profunda radicalização dos anos 60 e a pressão exercida sobre as elites governamentais americanas causaram profundas divisões táticas entre eles. Nas décadas de 1960 e 1970, foram expostas histórias sobre os verdadeiros crimes da CIA e do FBI: assassinatos, golpes reacionários em todo o mundo, operações de desestabilização, remunerações e subornos a políticos corruptos e ditadores sangrentos nos cinco continentes. (*idem*, p. 5)

A CIA e o FBI sofreriam críticas contundentes por seus métodos violentos de investigação e operações secretas que previam, inclusive, assassinatos de líderes mundiais⁸³. O "interesse" em Che Guevara era fruto da avaliação dos setores investigativos imperialistas que o viam como o "agente do comunismo internacional" (SADER, 2011, p.23). Uma das preocupações dos Estados Unidos e dos governos latino-americanos a ele alinhados era saber

⁸³ Ver, como exemplo, os arquivos disponíveis em <<https://www.jfklibrary.org/JFK/JFK-in-History/The-Bay-of-Pigs.aspx>>, acesso em 02/10/2015.

se Cuba exportaria sua revolução. Jânio Quadros esteve na Ilha, em 1960, e, numa das conversas com Fidel Castro, falou sobre exportações de produtos primários, quando Che Guevara completou "*y revolución...*" (MARKUN, 2011,p.24).

Assim que chegou a Cuba vindo da viagem à Europa, foi nomeado Presidente do Banco Nacional de Cuba, assumindo responsabilidades sobre a economia cubana. Nessa função, começou um amplo debate sobre o desenvolvimento de Cuba, principalmente em relação à industrialização, que ele compreendia como ponto fundamental para o país. Che afirmava-se como homem da prática e da teoria, participando diretamente do trabalho forçado e também dos grandes debates sobre política e economia.

Sobre a nomeação de Che Guevara, um relatório opinativo foi preparado pela CIA e encaminhado, por memorando, ao Conselho de Segurança Nacional:

A nomeação de Ernesto Che Guevara como presidente do Banco Nacional confirma a última estimativa apresentada ao DCI, que anunciou a intenção de Castro de subordinar a cada unidade do governo cubano ao Instituto de Reforma Agrária. O pressuposto de Guevara sobre esta posição poderia ser facilmente o primeiro passo para a nacionalização de todos os bancos em Cuba e a emissão de títulos sem valor em troca de depósitos agora nos bancos.⁸⁴

O Instituto de Reforma Agrária (INRA), conforme visto, estava sob a presidência de Fidel Castro. Ao ser nomeado para o Banco Nacional, concomitantemente Che Guevara assumia também a direção do INRA, subordinado ao Primeiro Ministro cubano. Era a resposta cubana às pressões imperialistas e o cumprimento, internamente, do programa proposto pela Revolução. A CIA previa a nacionalização do sistema bancário em Cuba e a mudança do câmbio, o que não tardou a acontecer, em função do bloqueio imposto pelos Estados Unidos e da política de sabotagem contra as ações revolucionárias.

O maior problema para Washington, entretanto, continuava sendo a "paranóia anticomunista"⁸⁵. Os Estados Unidos, confiantes de que o governo de Cuba ainda poderia ser, ideologicamente disputado⁸⁶, investia em informações sobre a movimentação dos dirigentes revolucionários cubanos. No Brasil, para a imprensa burguesa, Che Guevara era comunista:

⁸⁴ EUA. CIA. Memorandum for the Record, ESC Meeting (427 th), 16 December 1959. Disponível em: <<https://archive.org/stream/CheGuevaraCIA/CIA#page/n23/mode/2up>>, acesso em 12/01/2017.

⁸⁵ Ver Tota, 2009.

⁸⁶ Na conferência de Punta del Este, Che diria a Goodwin que o processo cubano era irreversível e Fidel Castro não seria convencido a retomar o passado colonialista. Ver Capítulo 3. Che Guevara era considerado um "agente do comunismo internacional" (LOWY, 1972, p.7).

As declarações em que Batista, através das agências noticiosas internacionais, acusava os revolucionários de seguirem uma orientação comunista - induzida pela presença circunstancial, entre os rebeldes, de Ernesto (Chê) Guevara, ex-membro do Partido Comunista argentino - e pretenderem a divisão indiscriminada de terras particulares, na execução de uma futura Reforma Agrária, haviam amedrontado os grandes plantadores, os concessionários da exploração petrolífera e os círculos influentes na política econômica do País. (*Jornal do Brasil*, 11/01/1959, 1º caderno, p.8.)

Desde os tempos da guerrilha, o Che era tido como o mentor intelectual dos revolucionários e filiado a algum partido comunista. No caso, o *Jornal do Brasil* filiou Che Guevara ao Partido Comunista argentino, cometendo várias impropriedades. A aversão de Che pelo sistema partidário era latente, pois sua formação marxista era antidogmática (LOWY, 1972, pp. 10-12) e seu horizonte era da revolução latino-americana por meio da luta guerrilheira.

O líder revolucionário foi um dos primeiros a ingressar para a lista dos "procurados" pelas forças do exército do ditador de Cuba e dos órgãos de terrorismo de Estado norte-americanos: a CIA e o FBI. A imagem de Che Guevara deveria ser associada, assim como também dos comunistas, a valores pejorativos, como ímpio, bestial, depravado. Os métodos do FBI ficaram mais sofisticados depois que assumiu, como diretor, J. Edgar Hoover, que intimidava pessoas consideradas comunistas e mantinha arquivos sobre Che Guevara. Hoover ficou no comando do FBI por quatro décadas e juntou farta documentação. Che Guevara era monitorado desde 1952 (RATNER&SMITH, 1997), mas não conseguiam capturá-lo até a emboscada na Bolívia.

Nos arquivos da CIA de abril de 1958, Che era chamado de "Ernesto Guevara Serna, Comandante da coluna nº 4 das forças de CASTRO" (RATNER&SMITH, 1997, p. 31).

GUEVARA é bem educado, de fala suave e hesitante na conversa. Ele é extremamente popular em todo o movimento 26 de julho, tanto entre os componentes civis e militares da organização. Apesar de sua natureza gentil, ele costuma ter um comando militar melhor do que a maioria dos líderes do movimento. Ele é enérgico, atlético, participa em qualquer tipo de atividade sobre o campo, independentemente de ser softball, recreação geral ou cuidar de animais de estimação. Seus homens o respeitam porque ele é ousado em combate e nunca deixa passar a oportunidade de um encontro. (RATNER&SMITH, 1997, p. 33)

Combinando os aspectos políticos com as qualidades individuais, os agentes da CIA descreviam o guerrilheiro como uma pessoa de grande influência no Movimento 26 de Julho. O comunicado, por outro lado, ressaltava que ele tinha um comando maior do que os demais líderes do grupo. Destacava ainda a extrema capacidade que Che tinha para participar de

qualquer tarefa para a qual fosse designado, além de ser pessoa ousada, que não perdia oportunidades em um confronto físico.

Um informante (desconhecido) da CIA, em Cuba, apresentava Che Guevara como o mais inteligente entre os membros do grupo do 26 de Julho. Para os agentes, Che não era uma sombra de Fidel Castro, mas teria uma personalidade própria, com alto poder de influência. "Ele certamente é um marxista", afirmava o documento da CIA (RATNER&SMITH, 1997, p. 50). E também "um grande admirador da União Soviética", completava. Associar Che Guevara ao comunismo era não só comum, como uma poderosa estratégia.

Quando triunfou a Guerrilha em Cuba, a América Latina vivia uma avalanche de propaganda anticomunista, tendo por referência o "modo de vida americano" (PARENTI, 1970, p. 66). Como o anticomunismo era transformado, segundo o autor, em uma cultura de massa (PARENTI, 1970, p. 66), associar um personagem ao comunismo equivalia a uma sentença de morte. Insistentemente, as perguntas giravam em torno de "você é comunista?" ou "você é filiado a um partido comunista?". Em uma análise sobre a excepcionalidade da Revolução cubana, o líder guerrilheiro assegurava que "emissários do Departamento de Estado, disfarçados de jornalistas, vieram tomar a temperatura da revolução" (GUEVARA, 2011, p. 60). Tal afirmativa revelava a complexidade dialética do processo revolucionário, que necessitava da imprensa imperialista para fazer-se conhecida pelo mundo. O *The New York Times*, assim divulgou as respostas de Che Guevara logo após a tomada do poder:

HAVANA, 3 de janeiro - O Comandante Ernesto (Che) Guevara, um médico argentino que é o mais famoso dos tenentes de Fidel Castro, fica com apenas uma queixa.

O Comandante Guevara, que liderou o ataque a Santa Clara que encerrou a revolução cubana, foi entrevistado esta manhã na antiga fortaleza espanhola de La Cabaña, com vista para o porto de Havana. Ele e sua coluna entraram na capital três horas antes.

"Eu nunca fui um Comunista", disse o Comandante Guevara. "Os ditadores sempre dizem que seus inimigos são comunistas, e isso me doía por ser chamado de comunista internacional o tempo todo. Quando uma coisa é dita com frequência suficiente, as pessoas começam a duvidar e acreditar, como eu acho que seu Departamento de Estado fez". (*The New York Times*, 03/01/1959, p. 7)

Ernesto Guevara havia percorrido toda a América Latina e conhecido diversas organizações políticas. Na maior parte delas, ele encontrou divergências que o distanciaria de dogmas e teses pré-concebidas. Os partidos comunistas na América Latina adotavam uma linha não-revolucionária na época da Revolução Cubana e a imprensa tinha conhecimento de todos esses fatores. A ligação de Guevara ou Castro com o "comunismo" era uma estratégia de propaganda ideológica, com a finalidade de alimentar, no campo do consumo editorial, os

elementos fundamentais da Guerra Fria. Che Guevara, porém, respondia posicionando o inquisidor ao lado de ditadores, a quem atribuía a estratégia discursiva da associação imprópria. Ele encerrou a entrevista com uma frase considerada regra básica da propaganda: "Quando uma coisa é dita com freqüência suficiente, as pessoas começam a duvidar e acreditar" (*The New York Times*, 03/01/1959, p. 7).

No registro pessoal de Guevara nas Forças Armadas Revolucionárias, constava que ele havia comandado as colunas 1, 4 e 8. A linha correspondente à raça, ele riscou e disse que era uma informação irrelevante (MAHAJO, 2011, p. 294). Che Guevara havia se projetado como líder e um dos melhores combatentes, sendo a ele destinadas tarefas das mais difíceis. O Embaixador brasileiro, responsável por manter o Brasil informado sobre os acontecimentos, assim descreveu Che:

Figura grandemente discutida e apontado como agente do comunismo internacional, o médico argentino, hoje, por decreto, cidadão nato de Cuba, é personalidade fundamental no cenário político deste país e de suas atitudes poderá depender a orientação do Govêrno revolucionário. Quando no aludido programa se lhe perguntou se era comunista, respondeu que não era afiliado ao Partido Socialista Popular (ramo local do PC) e que se qualificava como comunista a todos os que haviam sentido na própria carne as injustiças sociais e lutavam por um efetivo melhoramento social e econômico. Negou que houvesse considerável número de comunistas no Exército rebelde e esclareceu que apenas três membros do PSP tinham postos importantes de mando no Exército e, mesmo êsses, tinham conseguido sua posição não em virtude da ideologia mas por suas ações na campanha da Revolução. (CT-15 de 29.IV.59. Seção de Correspondência Especial, Havana, Cartas-Telegramas, Volume: 01431, Anos 1959-61-62, p. 01, CDO-MRE)

A correspondência do Embaixador Coimbra assemelhava-se, no conteúdo, à reportagem publicada pelo *New York Times* em janeiro. Ao afirmar "apontado como agente do comunismo internacional", não deixou claro o Embaixador quem é que imputava essa qualidade ao revolucionário⁸⁷. Ao dizer que era "personalidade fundamental no cenário político deste país", demonstrava-se a relevância de Che para a Revolução, e ainda apontava o "cidadão nato de Cuba" como definidor das políticas do governo cubano. Em seguida, o embaixador confirmava a preocupação dos setores reacionários e do governo brasileiro: a de Cuba caminhar para o comunismo⁸⁸. Ao revés, o Encarregado brasileiro revelava, em sua narrativa, o caráter democrático daquela Revolução, cujos rumos eram discutidos pelos revolucionários em rede de televisão. Ao submeter-se ao debate público, Che Guevara admitia

⁸⁷ Os jornais brasileiros, conforme será visto mais à frente, também representavam Che Guevara dessa maneira.

⁸⁸ Na verdade, em termos conceituais, não havia nenhuma nação comunista. Havia medidas socializantes. A palavra "comunismo" foi utilizada como estratégia imperialista de propaganda para sustentar a necessidade da Guerra Fria e alimentar economicamente a indústria bélica (TOTA, 2009).

a possibilidade de questionamentos, ao vivo, "em prestigiado programa de televisão" de Havana, conforme acentuou Salvo Coimbra.

No ápice de uma sensação inestimável do que representou aqueles dois anos de construção, na luta revolucionária guerrilheira, embrenhados na selva, com escassez de comida e vencendo todo tipo de obstáculos, o líder rebelde confirmava sua inquietude com a escrita. Preocupado em deixar um legado sistematizado de ideias, assim escreveu sobre a revolução:

Nunca na América se havia produzido um fato de tão extraordinárias características, tão profundas raízes e tão transcendentais consequências para o destino dos movimentos progressistas do continente como a nossa guerra revolucionária. A tal ponto que foi por alguns qualificada de acontecimento capital na América e que segue em importância a trilogia constituída pela revolução russa, a vitória contra as armas hitlerianas com as transformações sociais decorrentes e a vitória da revolução chinesa. (GUEVARA, in: SADER, 2011, p. 57)⁸⁹

O guerrilheiro intelectual⁹⁰ fazia uma avaliação crítica sobre as interpretações da revolução cubana, afirmando que havia excepcionalidades, de fato, no processo revolucionário, mas considerava o caso cubano muito mais pioneiro na luta anticolonialista do que uma "exceção histórica" à uma possível regra sobre o movimento revolucionário na América Latina. Desde o encontro no México, Che Guevara era apontado como intelectual entre os líderes guerrilheiros, tanto pela capacidade de compreensão da realidade quanto por nutrir o gosto pela escrita.

Quando do triunfo revolucionário, o líder guerrilheiro confirmou-se intelectual, pessoa de confiança, como poucos naquela conjuntura. Cuba possuía poucos técnicos e tudo era novidade para aquele grupo de jovens barbudos. Como tinham clareza das propostas que compuseram o programa da Revolução (*A História me absolverá*), tornava-se menos obscuro o caminho a seguir. Naquele tempo, as economias capitalistas cresciam a uma taxa de 2,0 a 2,5% ao ano, enquanto as socialistas chegavam a 10% e estavam menos suscetíveis às crises cíclicas. Nesses termos, não restariam muitas dúvidas sobre os paradigmas a serem adotados.

Che Guevara diferenciou "exceção" e "excepcionalidade". Ele o fez para posicionar a Revolução em seu tempo e qualificar o debate sobre os processos revolucionários na América

⁸⁹ O título original do artigo de Che é "Cuba, exceção histórica ou vanguarda na luta anticolonialista?", in: GUEVARA, 1970, pp. 403-419.

⁹⁰ Uma análise sobre Che Guevara como intelectual, ver: MENDES, 2015, pp.1-9. Disponível em: <<https://onedrive.live.com/?cid=B479A3D56D22F93B&id=B479A3D56D22F93B%21769&parId=B479A3D56D22F93B%21761&o=OneUp>>, acesso em 10/09/2016, acesso em 11/03/2016.

Latina, no início dos anos 1960⁹¹. Para ele, a experiência cubana teria três excepcionalidades: 1- "a força da natureza chamada Fidel Castro Ruz" (GUEVARA, 2011, p. 58)⁹²; 2- a desorientação do imperialismo, pois não esperava que os guerrilheiros lograssem êxito, além do mais chegaram a acreditar que os rebeldes, ao vencer, deixariam a burguesia governar; 3- a proletarização do camponês, com uma elevação considerável no grau de consciência de classe, que o tornava potencialmente revolucionário.

A produção intelectual de Guevara concentrou-se no período de 1959 a 1964 (SADER, 2011, p. 27). As maiores elaborações sobre a luta guerrilheira, entretanto, ocorreram nos dois primeiros anos do triunfo, 1959 e 1960. Em 1959: *O que é um guerrilheiro; Guerra e população camponesa; Projeção social do exército rebelde*. Em 1960: *Notas para o estudo da ideologia da revolução cubana; e A guerra de Guerrilhas*. Este último foi, naquela conjuntura, o texto mais relevante dele, pois representou uma espécie de manual do guerrilheiro⁹³, talvez seu mais importante texto militar. Vários outros artigos avulsos foram escritos por Che, mas esses foram os mais significativos. O manual *A Guerra de Guerrilhas* destacou-se por ser didático com relação à luta armada, seus princípios, a organização da guerrilha, os combates.

Quando o revolucionário assumiu o Ministério da Indústria de Cuba, em 1961, ele era uma das pessoas mais procuradas pela CIA. Não escondia suas posições radicais em defesa da Reforma Agrária e da planificação da economia do país, impulsionada por uma industrialização que a fizesse desenvolver. Ele tinha convicção de que o momento era adequado para uma revolução na América Latina e o campo (área rural) seu lugar prioritário. Por isso era uma ameaça ao imperialismo que tentava assassiná-lo. A reação dos Estados Unidos seria, como Che mesmo previu, violenta e covarde, utilizando-se de operações secretas a fim de manter uma imagem democrática.

⁹¹ O texto sob o título "Cuba: um caso excepcional", editado no Brasil pelas Editoras Zahar e Civilização Brasileira, foi considerado material subversivo após a ditadura de 1964. Eles eram distribuídos entre os estudantes. Fonte: ARQUIVO PÚBLICO ERJ. Informes DOPS-Sector de Atividades Antidemocráticas, Sector Estudiantil, notação 26, Caixa 526, 1967.

⁹² Essa condição que Che atribuiu a Fidel foi relatada Furiatti (2016) na obra *Fidel, uma biografia consentida*. A autora afirmou que, desde a infância, o poder de liderança de Fidel Castro era impressionante. Na escola, na família, nos jogos, em todos os espaços ele liderava os demais.

⁹³ Carlos Marighella publicará, em 1969, o "Manual do Guerrilheiro Urbano", algo semelhante ao texto de Che, adaptado à realidade brasileira. Marighella participou foi membro do Partido Comunista do Brasil (PCB), do qual se desvinculou em virtude de divergências.

1.3 Impactos da Revolução cubana na política externa dos EUA

Àquelas nações que se fazem de si
mesmas nossos adversários, nós oferecemos não um penhor
mas um pedido: que de ambos os lados comecemos de novo os
esforços pela busca da paz, antes que as forças negras da
destruição libertadas pela ciência venham engolfar toda a
humanidade numa auto-aniquilação planejada ou acidental.
John Kennedy

O Estados Unidos se viram obrigados a uma revisão completa em suas políticas, após o triunfo da Revolução Cubana. Os rumos que Cuba estava trilhando somavam-se às lutas de libertação na África e na Ásia. Isso porque os *barbudos* da Sierra Maestra estavam realmente dispostos a cumprir, sob a proteção de seus fuzis, o programa pelo qual lutavam. A consolidação do poder revolucionário, a definição do caráter socialista da Revolução e a proposta de construção da guerrilha em nível continental colocaram de vez a América como uma das prioridades dos Estados Unidos.

Distantes do epicentro da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos conseguiram manter suas linhas de defesa relativamente protegidas, sofrendo menor número de baixas humanas⁹⁴. Uma nova ordem mundial resultante da Guerra foi estabelecida, favorecendo a hegemonia política e econômica dos Estados Unidos.

A política externa adotada pelos Estados Unidos, na primeira década do pós-Segunda Guerra, priorizou, com um certo desprezo pela América Latina, a reorganização do capitalismo a partir da reconstrução da Europa e a contenção do que chamaram de "ameaça comunista". Antes que a Guerra terminasse, no ano de 1944, um dos teóricos do novo liberalismo econômico, o norte-americano Walter Lippmann⁹⁵, fazia análise, publicada sob o título de *Objetivos de guerra dos Estados Unidos*, na qual afirmava que

O nosso país é hoje o reduto supremo dentro do qual se encontram os arsenais e as principais reservas estratégicas para a defesa de toda a zona atlântica. Duas vezes, no curso de um quarto de século, verificamos o fato de que a defesa da Europa Ocidental não pode ser bem sucedida sem o auxílio dos Estados Unidos. Estas duas guerras nos vieram ensinar que a Europa Ocidental e a América do Norte e do Sul são, do ponto de vista da segurança e da defesa, uma unidade ou um sistema estratégico indivisível. (LIPPMANN, 1944, pp.94-95)

⁹⁴ Os Estados Unidos ingressaram na Guerra somente após o "ataque" japonês a Pearl Harbor, ocorrido em 07 de dezembro de 1941. O número de vítimas: EUA - 300 mil; URSS - 20 milhões; Alemanha - 6,5 milhões; Japão - 2,3 milhões; Itália - 500 mil; e China - 10 milhões. A maioria foram civis. Gastou-se cerca de um trilhão e meio de dólares no conflito (VISENTINI, 1989, P.118). Os números seriam aproximados.

⁹⁵ Lippmann participou da reunião no Hotel Mont Pèlerin, Suíça, junto com Friederick Hayek e que fundou uma nova "sociedade doutrinária e política" (SANTOS, 2004, p. 32), o novo liberalismo econômico.

Lippmann (1944) propôs que um grupo de países tomasse nas mãos os rumos da humanidade. Esse grupo se chamaria a *Comunidade Atlântica* e seria formado por Estados Unidos e Canadá, na América, e Inglaterra e França, na Europa Ocidental, por serem nações independentes. O teórico do sistema que daria origem ao neoliberalismo propôs ainda, como objetivos dos Estados Unidos: reconhecer a órbita soviética e reconhecer que a China formaria um terceiro núcleo de poder (LIPPMANN, 1944). Essas formariam, em parte, as bases para a nova ordem do pós-Guerra.

Os norte-americanos tiveram, no período compreendido entre 1945 e 1961, dois presidentes: Harry Truman (1884-1972) e Dwight Eisenhower (1890-1969). De valor histórico fundamental para compreender a nova fase mundial do pós-Guerra, a mensagem de Truman ao Congresso dos Estados Unidos, em 12 de março de 1947, lançou as bases da estratégia que criava a falsa dicotomia entre o "bem" e o "mal"; o "mundo livre" *versus* "regimes totalitários". Por essa lógica, os Estados Unidos construiriam uma identidade entre países capitalistas, geograficamente denominados como o "ocidente", em oposição aos países comunistas posicionados no "oriente". O presidente norte-americano afirmou ainda que

No momento atual da história universal, praticamente todas as nações têm de decidir entre dois modos de vida alternativos e essa escolha não é frequentemente feita de modo livre.

Uma maneira de viver é baseada na vontade da maioria e distingue-se pela existência de instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias de liberdade individual, liberdade de opinião e de religião e ausência de opressão política.

O segundo modo de vida baseia-se na vontade de uma minoria imposta pela força a uma maioria. Ele repousa no terror e na opressão, no controle da imprensa e do rádio, em eleições fraudadas e na supressão das liberdades pessoais. (TRUMAN, in MAY, 1964, p.194)

A mensagem apelava para o *American Way of life*⁹⁶, o modo de vida no qual os norte-americanos deviam ser a referência para o mundo. A instrumentalização do cinema contribuiu para a difusão da cultura norte-americana, mudando "hábitos e costumes, padrões de comportamento, consciência e linguagem" (MONIZ BANDEIRA, 1978, p. 309). Personagens como *Super Homem* e *Capitão América* ganham notoriedade para incutir uma "mentalidade de guerra" cuja ideia do herói individual (MONIZ BANDEIRA, 1978, p. 309) está representada com as cores do imperialismo norte-americano⁹⁷. No plano político, o sistema

⁹⁶ Modo de vida americano.

⁹⁷ Para uma compreensão do Cinema norte-americano e a construção de uma ideologia, ver: PEREIRA, 2012. Sobre a construção do anticomunismo pelo cinema norte-americano, ver: TOTA, 2009, pp. 175-229.

representativo, por meio de eleições, seriam garantias fundamentais das nações "do bem" contra aquelas representantes "do mal", consideradas inimigas da democracia.

Influenciado pelo *Longo Telegrama* de George Frost Kennan, Embaixador norte-americano em Moscou, Truman reorientaria a política externa dos EUA. Kennan avaliava, num telegrama de mais de cinco mil palavras, que Stalin tinha planos expansionistas⁹⁸ para a União Soviética. A fim de convencer a maioria republicana do Congresso dos EUA, o presidente assim advertiu o parlamento para a nova geografia mundial:

Basta dar uma olhada para um mapa para perceber que a sobrevivência e a integridade da nação grega são da maior importância numa situação mais ampla. Se a Grécia cair sob o controle de uma minoria armada o efeito sobre seu vizinho, a Turquia, será sério e imediato e a confusão e a desordem poderão muito bem espalhar-se por todo o Oriente Médio.

Além disso o desaparecimento da Grécia como país independente teria um efeito profundo sobre as nações europeias cujos povos lutam com grandes dificuldades para conservar suas liberdades e sua independência enquanto reparam os danos causados pela guerra. (TRUMAN, in MAY, 1964, pp.194-195)

Obedecendo ao preconizado pelos teóricos liberais, o presidente norte-americano chamou atenção para a geografia da região e a posição da Grécia, um país limítrofe com a Turquia, passagem para o Oriente Médio, regiões que os Estados Unidos pretendiam que não caíssem na esfera de influência soviética. Essa nova política externa norte-americana respondia também ao alerta de Churchill sobre o avanço das forças soviéticas pelos países do Leste e a descida de uma "Cortina de Ferro" sobre a Europa (CHURCHILL, 2012, p. 732)⁹⁹. Devastada pela guerra contra o nazi-fascismo, a reconstrução da Europa seria prioridade em investimento, para o quê foi desenvolvido o *Plano Marshall*¹⁰⁰. Em relação à conjuntura interna, Truman pavimentava sua campanha eleitoral à reeleição.

Concomitantemente, tomava medidas para manter a unidade na América. Em Petrópolis, no Rio de Janeiro, entre 15 de agosto de 2 de setembro de 1947, foi realizada a reunião dos delegados das Repúblicas americanas. Abandonando a tese da "unanimidade" nas votações, a opção pelos 2/3 (dois terços) possibilitou aprovação do Tratado Interamericano de

⁹⁸ Segundo Kennan, a expansão soviética dar-se-ia mais por meios políticos e psicológicos do que por meios militares (BRAGA, 2002, p.50).

⁹⁹ Churchill realizava uma palestra em março de 1946 no Missouri- EUA e nesta, para além de um discurso dicotômico que diferenciava democracia e tirania, separadas pela "cortina de ferro, proclamava a união dos povos anglo-saxões, a partir da constatação da fragilidade da Inglaterra defender sua área de influência.

¹⁰⁰ Antes que a Guerra terminasse, foram criados, em Bretton Woods, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD)¹⁰⁰. A complementação do sistema estratégico contra o comunismo viria com a criação, ainda em 1947, da CIA (Agência Central de Inteligência), a partir da transformação da antiga Agência de Serviços Estratégicos (OSS).

Assistência Recíproca - Tiar. Dessa forma, ficou estabelecido o "Sistema Interamericano", cujo objetivo principal era manter todos os países do continente na "esfera de influência" norte-americana, com o acordo de que um ataque armado contra qualquer país membro seria considerado um ataque contra todos do sistema. No ano seguinte, seria criada a Organização dos Estados Americanos, instituição que executaria as diretrizes estabelecidas nos tratados anteriores, incluindo o Tiar. Assegurada a estratégia para as Américas, os Estados Unidos teriam mais tranquilidade para aplicar os planos de contenção comunista na Europa.

No Brasil, durante o governo do Marechal Eurico Dutra, os reflexos da política adotada por Washington expressaram-se na cassação do registro do Partido Comunista do Brasil e de seus parlamentares. Passavam os militantes comunistas à clandestinidade, somente revista na década de 1980. A Constituição liberal de 1946, dita "democrática", expressou os interesses dos trustes estrangeiros, interessados nas reservas minerais brasileiras e na acumulação capitalista. Em 1949, complementando a estratégia de segurança do hemisfério, foi criada a Escola Superior de Guerra, com apoio e orientação do Pentágono.

Nesse mesmo ano de 1949, do outro lado do mundo, Mao Tsé-Tung triunfava à frente da Revolução Chinesa, cuja força propulsora fora o campesinato. No segundo mandato de Truman (1949-1953) foi estabelecida a *United States Agency for International Development* (USAID), "uma organização que permitiu legitimar o planejamento de segurança para a América Latina" (BRAGA, 2002 , p. 50). Nesse período, o mundo enfrentou ainda o trauma da Guerra da Coreia.

O Plano Marshall foi o complemento econômico da Doutrina Truman, constituindo-se como um sofisticado plano econômico proposto e adotado pelos Estados Unidos para atender aos seus interesses imperialistas na Europa. A recuperação econômica da região, devastada pela guerra, representou um extraordinário estímulo à própria economia estadunidense, que financiou seu próprio desenvolvimento, com a reabertura de um enorme mercado estratégico para as mercadorias e as inversões dos Estados Unidos no Velho Continente (CERVERA,2007).

Outra das consequências do Plano Marshall foi ter dividido, por definitivo, a Europa em dois mercados, ao que se somou a divisão militar resultante da criação de pactos defensivos, que converteram o território europeu em zona de guerra, eliminando possibilidades de entendimento estratégico. Mediante a criação da Organização do Tratado do

Atlântico Norte (OTAN)¹⁰¹, cujas bases o neoliberal Lippmann havia anunciado em 1944, os Estados Unidos transferiram para a Europa antigos princípios da Doutrina Monroe¹⁰² e estabeleceram suas tropas em solo europeu. A União Soviética lideraria, em 1955, a criação do Pacto de Varsóvia e, dessa forma, o mundo ficou dividido em dois blocos antagônicos, reforçando a bipolaridade. O elemento determinante dessa nova polarização mundial foi a bomba atômica, até então utilizada apenas pelos Estados Unidos.

Em 1952, uma guinada interna nos Estados Unidos interrompeu o longo ciclo de governos do partido Democrata. Elegeu-se, por dois mandatos seguidos, o General Milton Eisenhower, conhecido como "Ike", que representava o grande capital monopolista (industriais, banqueiros e comerciantes) e uma política intervencionista. O período em que ficou à frente do governo norte-americano combinou com o final do governo Getúlio Vargas e todo o mandato de Juscelino Kubitschek. Em termos de América Latina, em seu primeiro mandato, ocorreu o golpe de Estado na Guatemala (1954), a proposta da Operação Pan-Americana (1958) e a Revolução Cubana (1959). Na Ásia, os países libertos do colonialismo europeu realizavam a Conferência de Bandung (1956).

No plano interno, a vitória de Eisenhower representou o aumento do poder de dois milionários norte-americanos com interesses comerciais na América Latina, em particular, no Brasil, Nelson Rockefeller e George Humphrey (MONIZ BANDEIRA, 1978, p. 342)¹⁰³. Estavam em jogo, à essa altura, as reservas minerais brasileiras, principalmente o petróleo, pois Vargas acabara de criar a Petrobrás, o manganês e a monazita. O grupo Rockefeller era dono da *Standard Oil*, uma das principais exploradoras de petróleo, responsável, inclusive, por negar refino do petróleo soviético comprado por Cuba em 1960.

Em meados dos anos 1950, a crise do Canal de Suez no Egito obrigou os Estados Unidos a uma posição. Escolhida a "neutralidade", o Egito governado por Abdel Nasser, ganhou o conflito com a Inglaterra e a França, enfraquecendo esses dois países na região. A estratégia norte-americana impediria um avanço das nações europeias para o Norte da África.

¹⁰¹ O Tratado foi assinado em Washington, em abril de 1949. Entre seus fundadores estavam: Estados Unidos, Inglaterra (Reino Unido), Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega e Portugal. Grécia e Turquia entrariam em 1952 e Alemanha em 1955.

¹⁰² Um dos princípios da Doutrina Monroe era "a América para os americanos" (do Norte).

¹⁰³ Rockefeller havia ingressado na esfera de poder norte-americana ainda no mandato de Franklin Roosevelt, com doação de vinte e cinco mil dólares. A amizade cultivada com o chefe do FBI, Edgar Hoover, garantia a ele as condições para exportar o *maccarthismo* para o Brasil, combinando os negócios econômicos com uma campanha ideológica (BRAGA, 2002, p. 55).

Os Estados Unidos investiram na chamada indústria militar após a Guerra, dando prioridade à corrida armamentista. O crescimento do orçamento para serviços ligados a operações militares aumentaram consideravelmente. Tomando como referência o ano inicial do confronto global, por exemplo, os gastos atingiram 11 bilhões de dólares entre 1947 e 1948 e chegaram a 15,2 bilhões em 1949, enquanto antes da Guerra esses gastos somavam perto de 1 bilhão de dólares. Por outro lado, o índice de desemprego aumentou, passando de 3,5 milhões para 4,6 milhões o número de pessoas que perderam empregos nos Estados Unidos logo após a Segunda Guerra¹⁰⁴. Curiosamente, os lucros de grandes grupos econômicos americanos cresceram em progressão geométrica, saindo de 9,3 bilhões em 1940 para 25,7 em 1944 e chegando a 30 bilhões em 1947¹⁰⁵. A guerra representou, para determinados ramos industriais e comerciais, a possibilidade de acumulação de capital numa ordem de grandeza colossal, em contraste com o cenário de devastação que o conflito causou.

A morte de Joseph Stálin estabeleceu uma nova disputa de poder na União Soviética. Precisamente em fevereiro de 1956, ocorreu o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), sob a direção do Primeiro-ministro Nikita Krushev, no qual algumas diretrizes foram modificadas. Ainda com o método do centralismo-democrático, as decisões do PCUS gerariam obrigação para os demais Partidos comunistas do mundo todo, inclusive no Brasil, que nesse período estava sob a liderança de Luís Carlos Prestes.

Dentre as modificações aprovadas constavam duas principais, associadas diretamente à questão da revolução cubana: uma delas estabelecia que, em função da crise em que se encontrava o imperialismo, não haveria necessidade de um confronto direto, mas sim a possibilidade de uma "coexistência pacífica"; a outra, ligada a esta, pregava que o socialismo era um processo inevitável, que poderia prescindir das revoluções armadas. Ainda durante o XX Congresso, Krushev fez o famoso discurso sobre o que ele intitulou de "crimes" de Stálin, acusando o ex-dirigente máximo da URSS de promover o "culto à personalidade". A partir do *Relatório Krushev*, uma crise política atingiu o movimento comunista internacional, estabelecendo rachas nas direções em diversos países¹⁰⁶. A maioria dos Partidos Comunistas, porém, seguiu a orientação do Comitê Central russo.

¹⁰⁴ Data desse período a famosa foto nos Estados Unidos em que uma fila de desempregados está abaixo de um *outdoor* com a inscrição *American way of life* (modo de vida americano).

¹⁰⁵ cf. KUZMINOV, 1949.

¹⁰⁶ O relatório Krushev foi, para alguns autores, o marco de uma guinada que resultaria numa crise do marxismo como inspiração de lutas por libertação (TIMM, Paulo, 2016). O PCB soube das denúncias de Krushev pela imprensa burguesa. Enviou um emissário, Diógenes Arruda, para a Rússia, a fim de saber a veracidade dos fatos. Quando retornou e, na reunião do Comitê Central, confirmou as afirmações de Krushev, uma tristeza profunda

Com a hegemonia dos Estados Unidos, decorrente dos efeitos econômicos da Segunda Guerra, a Guerra Fria se desenhava, ainda, em um panorama mundial, distanciado da América com avanços e recuos, definição e redefinição de fronteiras, insurreições e revoluções. Em 1º de janeiro de 1959, em pleno Caribe, a poucos quilômetros de distância da maior potência capitalista do mundo, porém, um grupo de guerrilheiros anunciava o triunfo da Revolução Cubana e o fim da ditadura de Fulgêncio Batista, acontecimento que provocaria grandes alterações na política internacional.

Confiante de que o triunfo revolucionário em Cuba teria desdobramentos favoráveis, o governo norte-americano permaneceu, durante os tempos iniciais, concentrando as atenções na Europa e na Ásia. Intensificou as linhas de defesa, potencializou a indústria bélica norte-americana e aumentou os efetivos militares. No final do mandato de Eisenhower, registrava-se um elevado gasto com a indústria bélica, reconhecido no seu próprio discurso de despedida:

Gastamos anualmente mais dólares com a segurança militar que as somas dos lucros líquidos de todas as empresas dos Estados Unidos. A conjuntura da manutenção de um imenso poderio militar e de uma indústria maciça para a produção de armamentos é nova na experiência norte-americana. Sua influência total - econômica, política e até espiritual - é sentida em cada cidade, em cada estado e no governo federal no âmbito de seus respectivos departamentos e assembleias. Reconhecemos a necessidade imperiosa desse desenvolvimento. Mas não devemos deixar de reconhecer suas graves consequências. Nosso trabalho, nossos recursos e nosso meio de vida estão todos envolvidos, como também a própria estrutura de nossa sociedade. Nos conselhos de governo nos devemos guardar contra a aceitação de influências descabidas, solicitadas ou não, feitas pelo complexo militar-industrial. O potencial para um desastroso desenvolvimento do poder, deslocado, existe e poderá persistir. (EISENHOWER, in: MAY, 1964, p. 226)

O presidente que entregava o mandato ao seu sucessor falava dos riscos do que ele mesmo construiu: o extremo poder da indústria de armamentos. Os interesses de guerra haviam oportunizado ao setor bélico um elevado peso na economia norte-americana, o que explicaria que, ao final da década de 1950, os interesses norte-americanos na América Latina envolvessem as seguintes ações:

1) missões militares americanas em dezoito países, com quinhentos e cinquenta e oito assessores das três forças; 2) cerca de oitocentos oficiais americanos na América Latina (sem contar os militares estacionados no Panamá); 3) intenso treinamento de oficiais do Sul em bases no Panamá e nos EUA; 4) amplas vendas de material militar, a vista ou a crédito; 5) visitas regulares aos EUA por parte de oficiais latino-americanos; e 6) um comando unificado americano para a América

abateu-se sobre os dirigentes. "Marighella chegou a chorar", afirmou Clara Sharf em depoimento. A partir de então, o imperialismo teria uma vitória parcial e o fracasso público e eficaz da esquerda comunista.

Latina, estabelecido na Zona do Canal: o SOUTHCOM. (MARTINS FILHO, 1999, p. 69)

As estratégias norte-americanas para a região ainda não a colocavam nas primeiras posições na ordem de prioridade. A segurança dos "interesses" dos Estados Unidos estaria garantida com a efetivação de planos militares, já que os governos latino-americanos mantinham com ele certa aproximação política-estratégica. Entre as zonas de maior atenção dos Estados Unidos estava o Nordeste brasileiro (MARTINS FILHO, 1999, p.70). Os rumos do processo cubano, contudo, demonstravam que as avaliações otimistas do imperialismo estavam equivocadas com relação à Revolução.

No final de 1959, um memorando do Secretário de Estado Christian Herter alertava para a necessidade de uma ação mais contundente em relação à Cuba. Em janeiro de 1960, um relatório da CIA foi encaminhado para a Casa Branca, propondo uma ação encoberta para retirar Fidel Castro e seu grupo do poder. O plano enviado, *A Program of Covert Action Against the Castro Regime*, foi aprovado em março de 1960 e uma mega-operação teve início, cujo desfecho trágico para os EUA ocorreria em abril do ano seguinte. Com a operação secreta da invasão de Cuba em curso, o republicano afirmava em sua despedida:

Defrontamo-nos com uma ideologia hostil - global no seu raio de ação, ateuista em caráter, desapiadada no seu propósito e insidiosa no seu método. Infelizmente o perigo que ela apresenta promete ser de duração indeterminada. Para enfrentá-la com êxito será necessário, não tanto os sacrifícios emocionais e transitórios próprios das crises, mas sim aqueles que nos permitirão levar adiante com firmeza, com certeza e sem queixas os encargos de uma luta prolongada e complexa - com liberdade como prêmio. Somente dessa forma poderemos permanecer, a despeito de qualquer provocação, no curso que nos traçamos visando à paz permanente e à melhoria da humanidade. (EISENHOWER, in: MAY, 1964, p. 224)

Após oito anos de mandato e assegurada considerável acumulação de capital às empresas norte-americanas, Eisenhower deixava o mandato com baixíssima popularidade. O Vice-presidente Richard Nixon amargou a pior recepção que um chefe de Estado poderia ter, em sua viagem pela América do Sul e, dois anos depois, seria derrotado nas eleições norte-americanas. A "ideologia hostil" a que se referia traduzia-se na mensagem direcionada para os países socialistas, principalmente Cuba. O enfrentamento dessa ideologia far-se-ia "com firmeza", sem emoções, a fim de garantir o "prêmio" que seria a liberdade. Com tom incisivo, conclamava os "cidadãos" norte-americanos a manter a fé, "sob a orientação de Deus" para alcançar a paz desejada.

O elevado nível de dependência econômica dos países da América Latina, expresso em uma acirrada luta de classes, fez crescer o sentimento anti-norte-americano¹⁰⁷ no continente, com resultados catastróficos para os Estados Unidos. No início da década de 1960, a dívida externa da América Latina estava próxima dos U\$ 7 bilhões e os capitais norte-americanos aplicados na indústria manufatureira giravam em torno de U\$2 bilhões (FURTADO, 1978, pp. 232-233).

Nessa conjuntura foi eleito Presidente dos Estados Unidos, em 1960, John Fitzgerald Kennedy, reconduzindo o Partido Democrata ao poder, após um interstício de oito anos. Kennedy foi o primeiro presidente norte-americano nascido no século XX (por ironia do destino, no ano da Revolução Russa)¹⁰⁸. A nova linha a ser implantada teria o efeito de uma gangorra, ora pendendo para um acirramento da Guerra Fria, ora para a ideia da coexistência pacífica.

Sob os olhos atentos de uma multidão que o acompanhava de pé em frente ao Capitólio, em Washington, Kennedy fez seu juramento à Pátria¹⁰⁹, com a imposição da mão direita na Bíblia à sua frente, tornando-se o trigésimo quinto Chefe do Executivo da maior potência capitalista. Convertia-se no primeiro e único Presidente de confissão católica da história dos Estados Unidos da América. Presentes estavam os ex-presidentes Truman e Eisenhower, bem como o vice desse último, Nixon. Despercebido, Lyndon Johnson tomou posse na vice-presidência antes do presidente.

O tom inicial do discurso de Kennedy anunciava uma possível renovação:

O que vemos hoje não é a vitória de um partido, mas a celebração da liberdade, simbolizando tanto um fim quanto um princípio, significando renovação tanto quanto mudança (...)

O mundo está muito diferente agora, pois o homem detém em suas mãos mortais o poder de abolir todas as formas da pobreza humana e todas as formas da vida humana. (KENNEDY, in MAY, 1964, p. 228-229)

Ao mesmo tempo em que o novo presidente dos Estados Unidos anunciava a "celebração da liberdade", alertava para o fato de que um novo conflito mundial teria proporções devastadoras para a humanidade. A lógica do perigo atômico estava mantida e, contra ele, os Estados Unidos estavam dispostos a lutar. Atuariam, porém, no plano defensivo,

¹⁰⁷ Mais utilizado é o termo "anti-americano". Julgo, entretanto, que se deve fazer uma correção linguística a bem dos povos da América Latina.

¹⁰⁸ Kennedy (1917-1963) nasceu também no mesmo ano em que Jânio Quadros (1917-1992).

¹⁰⁹ O novo presidente dos EUA tomava posse sob os protestos do mundo contra o assassinato, com apoio da CIA, do líder congolês Patrice Lumumba, que havia ocorrido três dias antes, em 17 de janeiro.

lutando, de qualquer forma, para manter os ideais que os tornaram independentes. Nesse sentido, acrescentou Kennedy:

Façamos com que cada nação, queira-nos bem ou mal, saiba que pagaremos qualquer preço, suportaremos qualquer fardo, enfrentaremos qualquer dificuldade, apoiaremos qualquer companheiro, confrontaremos qualquer adversário para garantir a perpetuação e o êxito da liberdade. (KENNEDY, in MAY, 1964, p. 228)

A palavra-chave do "sonho" americano continuava sendo a "liberdade", repetida nos sucessivos discursos dos presidentes norte-americanos. O tom ameaçador por eles usados buscava inibir o inimigo, colocando o país, por vezes, como vítima em caso de "agressão", disposto a não poupar esforços para defender sua "liberdade".

O novo Presidente mencionou as "nações livres", numa mensagem à África e Ásia, ao afirmar que os "acolhemos nas fileiras da liberdade, empenhamos nossa palavra de que uma forma de controle colonial não há de ser derrotada para que uma tirania ainda mais ferrenha a substitua" (KENNEDY, in MAY, 1964, p. 228). A política externa dos Estados Unidos seria, pois, renovada em termos táticos, mas não na concepção anticomunista. Para a América Latina, com voz serena, Kennedy ofereceu a *aliança para o progresso*:

Às repúblicas irmãs ao sul da nossa fronteira oferecemos algo especial: converter nossas boas palavras em bons atos, numa nova *aliança para o progresso* [grifo nosso], assistir aos homens e aos governos livres na sua tarefa de se livrarem das correntes da miséria. Mas essa revolução pacífica de esperança não pode tornar-se prêsas das potências hostis. Façamos com que nossos vizinhos saibam que nós estaremos com eles para nos opormos à agressão e à subversão em qualquer parte das Américas. E façamos com que qualquer outra nação saiba que este hemisfério pretende continuar a ser dono de seus próprios domínios. (KENNEDY, in: MAY, 1964, p. 230)

Os Estados Unidos anunciavam uma nova proposta de relação com a América Latina. Certos de que a Revolução Cubana emitia sinais de fortalecimento e suas medidas visavam à estatização dos meios de produção, com uma autêntica reforma agrária, restava ao imperialismo conter o avanço da independência e libertação dos povos subjugados pelo capital. O anúncio da *Aliança para o Progresso* representou, assim, a tentativa norte-americana de agraciar os países do "sistema interamericano" com ajuda econômica e financeira, a fim de comprar sua dependência e acomodação, isolando Cuba do mercado regional.

Às nações "hostis", lembrando o discurso de seu antecessor, pedia Kennedy "esforços pela busca da paz". Seu discurso fazia entender que os Estados Unidos estavam na condição

de vítimas de uma ameaça iminente, de países "que se fazem de si mesmos nossos adversários". Oferecia, portanto, a mão amiga norte-americana para selar um pacto de paz. Perto de encerrar a oratória que levou pouco mais de quinze minutos, Kennedy assim se dirigiu aos presentes: "concidadãos do mundo, não pergunteis o que a América pode fazer por vós, mas perguntai o que todos juntos poderemos fazer pela liberdade do homem" (KENNEDY, in MAY, 1964, p. 232). Numa lógica de inversão de atores, o novo presidente conclamava os norte-americanos a defender o ideal inatingível da liberdade.

No Brasil, a repercussão do discurso de Kennedy se fez sentir nos círculos dos letrados por meio da imprensa burguesa. Os jornais o saudaram, como de praxe, em primeira página. O *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt, trazia a manchete: "Kennedy propõe aliança global contra a pobreza e a guerra" (*Correio da Manhã*, 21/01/1961, p. 01). A foto de Kennedy disputava o espaço da capa com o aceno de Jânio Quadros, também eleito Presidente no Brasil, que tomaria posse onze dias depois. Abaixo da chamada principal, o jornal reproduziu, na íntegra, o discurso do presidente norte-americano. Cuba também voltaria a ser notícia de primeira página dos jornais. No dia seguinte ao da posse de Kennedy, o *Correio da Manhã* divulgou a opinião de Fidel Castro sobre Kennedy:

O primeiro-ministro, aliás, depositou a responsabilidade do futuro das relações cubano-americanas nas mãos de Kennedy. Ao dar a entender ver veladamente que o regime cubano está disposto a cooperar para restabelecer as boas relações entre os dois países. Castro não deixou lugar a dúvida de que isso terá de ser feito de acordo com as condições que Cuba reclama. (*Correio da Manhã*, 22/01/1961, p. 1)

Fidel falou para uma multidão de cem mil pessoas em Havana e acusou Eisenhower de acirrar as tensões entre os dois países (*Correio da Manhã*, 22/01/1961, p. 1). O governo cubano já sabia da invasão e procurava um acordo com o novo presidente, a fim de evitar o que, de fato, ocorreu: um desastre. Kennedy assumiu o governo norte-americano com alta popularidade e a responsabilidade de contribuir para a paz, com uma economia voltada para a guerra. Com as atenções voltadas para Europa, a partilha da Alemanha, a Ásia, a intervenção no Laos, os Estados Unidos foram obrigados a redirecionar seu farol para a América, pois uma luz vermelha começou a brilhar e irradiar pelo continente.

As relações Cuba - Estados Unidos e a Aliança Para o Progresso eram temas constantes de debates na imprensa brasileira. O *Estado de São Paulo*, por exemplo, publicou: "Kennedy assume a presidência dos EUA oferecendo a todos cooperação e segurança na paz" (*O Estado de São Paulo*, 21/01/1961, p. 01). O paulista também divulgou a íntegra do discurso do presidente norte-americano e reverenciava o imperialismo: "Preconizada no

discurso de posse a revolução pacífica da esperança" (*O Estado de São Paulo*, 21/01/1961, p. 01). Pelo mundo, Kennedy foi exortado também como uma esperança de paz e nas chancelarias latino-americanas a avaliação era do retorno de velhas doutrinas:

Nos círculos diplomáticos de Washington, acolheu-se com extrema satisfação o discurso de posse do presidente Kennedy, pronunciado após o juramento constitucional. Salienta-se que o presidente Kennedy se referiu em primeiro lugar aos mais velhos aliados dos Estados Unidos com os quais cooperará ao máximo para criar a necessária unidade que deve existir entre eles.

Os diplomatas latino-americanos acolheram com grande satisfação a frase presidencial que volta a pôr em vigor a doutrina de Monroe e a política de "boa vizinhança". (*O Estado de São Paulo*, 21/01/1961, p. 02)

A euforia nas embaixadas tinha suas causas na promessa de atenção especial para a América Latina, com o anúncio da Aliança para o Progresso, e na efetivação da invasão de Cuba pelos contrarrevolucionários. Os dois planos caminhavam concomitantemente, para cujo êxito o trabalho diplomático seria de vital importância.

A Aliança para o Progresso (ALPRO) foi anunciada em março do mesmo ano, dois meses depois da posse do presidente norte-americano. Em reunião com os embaixadores creditados em Washington, Kennedy anunciou seu plano para o Hemisfério. O discurso era sempre de exaltação, seguido de menção ao que ele chamou de novo "perigo":

Na longa história do nosso Hemisfério, em nenhuma outra ocasião este sonho esteve mais perto de se concretizar - e nunca esteve em maior perigo. (...)

Todavia, neste momento de oportunidade máxima, nós nos defrontamos com as mesmas forças que ameaçaram a América durante toda a sua história - as forças alienígenas que mais uma vez procuram impor os despotismos do Velho Mundo aos povos do Novo Mundo". (*O Estado de São Paulo*, 14/03/1961, p. 01)

Repetidamente a lógica da paz em oposição à hostilidade se fazia presente. Os Estados Unidos seriam a nação soberana que comandaria a realização do "sonho", que estaria correndo perigo por parte de "forças alienígenas". A estratégia de manutenção do medo constituía relevante código subliminar de convencimento. Em sua mensagem de lançamento do programa da aliança para o progresso, John Kennedy ressaltou "os conceitos da operação pan-americana" para acentuar a necessidade de solucionar o problema da fome e da pobreza que "milhões de homens e mulheres sofrem diariamente". Kennedy citou, inclusive, Bolívar e o sonho de tornar a América uma única nação "por sua liberdade e glória" (*O Estado de São Paulo*, 14/03/1961, p. 01).

Para a região, Kennedy propôs um "plano decenal" para o qual a Comissão Econômica para a América Latina - CEPAL -, o Conselho Interamericano Econômico e Social - CIES¹¹⁰ - e o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID - atuariam em conjunto com seus especialistas, a fim de contribuir com os países para encontrarem medidas cabíveis a cada caso. Para tanto, convocaria uma reunião do CIES com objetivo de "iniciar o esforço maciço de planejamento que constituiria a alma da Aliança para o Progresso" (*O Estado de São Paulo*, 14/03/1961, p. 01). Na mensagem que leu aos 250 presentes na reunião, Kennedy lembrou a Ata de Bogotá, para cujos objetivos estavam destinados, de imediato, 500 milhões de dólares a título de investimentos para diminuir a pobreza na região (*O Estado de São Paulo*, 14/03/1961, p. 01).

A mensagem enviada por Kennedy datou de um mês antes do início da invasão de Cuba pelos contrarrevolucionários capitaneados pela CIA. O plano, concebido um ano antes, durante o mandato de Eisenhower, deveria contar com um apoio ideológico, por meio da propaganda massiva nos meios de comunicação. A política externa norte-americana vinha incorporando e adotando métodos dos regimes que ajudara a derrotar: o nazismo e o fascismo, lançando-se ao combate doentio a quem havia escolhido como inimigo: o comunismo¹¹¹.

Um anticomunismo inexplicável foi disseminado pelo mundo e, nos Estados Unidos, tornou-se verdadeira obsessão. Em síntese, toda prática política de propaganda durante a Guerra Fria esteve fundamentada numa perspectiva anticomunista. O objetivo principal era difundir o anticomunismo, transformando o socialismo/comunismo num mal que destruiria a humanidade. Constituíram-se Institutos¹¹², Associações, Partidos, Grupos, Igrejas, slogans,

¹¹⁰ O CIES foi criado no âmbito da União Pan-Americana (UPA) pela Conferência Pan-Americana de Chapultepec-México, em fevereiro de 1945, como órgão de estudos sobre os problemas latino-americanos para propor soluções. Dentre os objetivos da Conferência, destacou-se o de "alcançar, dentro do prazo mais breve possível, a aspiração comum das repúblicas americanas de encontrar fórmulas práticas internacionais para reduzir as barreiras aduaneiras de todo tipo, as quais dificultam o comércio entre as nações", o que favorecia os Estados Unidos. Ver: GONÇALVES, 2011.

¹¹¹ O anticomunismo iniciou na Europa quando Karl Marx e Friedrich Engels lançaram o Manifesto Comunista (1848). Após a vitória da primeira Revolução de caráter socialista, o anticomunismo renovou-se, a fim de atender à nova conjuntura. O Nazismo e o fascismo eram anticomunistas. Com a Guerra Fria, a crise do capitalismo e ascensão das experiências socialistas, o imperialismo, principalmente os Estados Unidos, tornaram o anticomunismo uma política de Estado, refletindo em algumas Constituições, cassação de registros de Partidos Comunistas e de militantes. A prática do anticomunismo incorporou os métodos nazifascistas de ódio e intolerância, lançando mão de perseguições, torturas e assassinatos de militantes ou pessoas simpáticas à ideologia comunista. Essa análise baseou-se na perspectiva de SODRÉ, 1989. Para uma leitura sobre a paranoia norte-americana anticomunista, ver: TOTA, 2009, 175-229. Para uma análise a partir do olhar de um norte-americano, ver: PARENTI, 1970.

¹¹² No Brasil, foram criados dois Institutos para difusão do anticomunismo: o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), foi criado em fins dos anos 1950, tendo como um dos membros Ivan Hasslocher, apontado como "agente de ligação da CIA dos Estados Unidos para o Brasil, Bolívia e Equador" (DREIFUSS, 1981, p.

tudo para introjetar um sentimento de ódio - exteriorização do anticomunismo - nos formadores de opinião, com vistas a atingir o cidadão comum. Parenti (1970, p. xiii) afirmou que o "anticomunismo é a mais poderosa força política do mundo". Ele é dotado de "brilhantes imagens e sagrados dogmas", dispendo de "recursos psíquicos e materiais do mais potente arsenal industrial-militar da história da humanidade" (PARENTI, 1970, p. xiii).

O anticomunismo atuou em duas frentes principais: uma por meio de jornais, revistas, livros e demais instrumentos de formação político-ideológica; outra, utilizando-se de uma vertente metafísica, a fé, a religiosidade. O comunismo foi, para esta última, a imagem do demônio (PARENTI, 1970), o que causou a repulsa dos cristãos, contingente considerável da população das Américas. A estratégia discursiva pautava-se no seguinte sentido:

Ao considerar a relação entre as palavras e as ações dos comunistas, os teóricos americanos da guerra-fria utilizam os mecanismos da percepção seletiva, como mostramos acima. Quando a afirmação dos comunistas são moderadas, nós as qualificamos como simples palavras e as referimos às ações correspondentes, aparentemente hostis. Assim, quando os comunistas pregam a coexistência e a negociação pacífica dos conflitos, o anticomunista tende a considerar isto como verborragia, e ressalta o comportamento ostensivamente hostil dos comunistas (exemplos: os mísseis soviéticos, o Pacto de Varsóvia, a Hungria, o bloqueio de Berlim). Quando as ações dos comunistas são reservadas e conciliadoras (o tratado de paz com a Áustria, os cortes no orçamento militar, o acordo de proibição dos testes nucleares, a manutenção de relações políticas e econômicas amistosas com nações não-comunistas, etc.), somos advertidos a não perder de vista suas palavras hostis. Por conseguinte, enquanto às vezes nos recordamos que "as ações falam mais alto que as palavras", em outras ocasiões é-nos solicitado acreditar que "as palavras falam mais alto que as ações". (PARENTI, 1970, p. 29)

A proposta de massificação do anticomunismo fazia-se, assim, pela repetição de cenários e linguagens que colocariam em oposição dois lados da moeda: o "bem" e o "mal", conforme já abordado. Esse foi um processo iniciado ao tempo da Revolução Russa, que ficou adormecido durante a guerra de 1939-1945, em virtude da Grande Aliança, para ganhar novamente visibilidade durante a Guerra Fria¹¹³. Uma proposta positiva de nações consideradas do campo socialista seria desqualificada, considerada como "verborragia". Essa propaganda foi intensificada durante os meses que antecederam a ação secreta contra Cuba. Nos jornais brasileiros, voltava-se a carga sobre os "fuzilamentos em Cuba", como forma de construir no imaginário social uma repulsa ao governo cubano. Che Guevara, em Punta del Este, acusou o imperialismo norte-americano de desumano e a imprensa de silenciar no caso

102); e Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (IPÊS), foi concebido em 1961, ainda no governo Quadros, passando a funcionar, efetivamente, após a renúncia, quando o bloco do poder viu-se aliado político da presidência. (DREIFUSS, 1981, p.162).

¹¹³ Sobre o tema, para o período 1919-1921, ver: MENEZES, 2000.

dos Rosenberg, o casal judeu sentenciado à morte, acusado de espionagem, nos Estados Unidos (GUEVARA, Ernesto Che. Discurso em Punta del Este, 08/08/1961).

Em termos continentais, a chegada de Kennedy ao poder coincidiu com a crescente preocupação dos Estados Unidos com a situação da América Latina. Em alguns países, principalmente naquelas em que havia um avanço do neocolonialismo norte-americano, colocava-se em risco a capacidade das oligarquias em continuar no poder. Alguns mercados de exportação, quase feudais, refreavam a expansão dos mercados. Somados a esse fator, o caráter reacionário da ideologia e uma tendência à repressão brutal constituíam entraves para a política expansionista que o novo presidente planejava implementar. A ousadia kennedyana era realizar uma "revolução da classe média" (CERVERA, 2007, p. 196), cujos elementos primordiais seriam as reformas estruturais na questão agrária, mudanças sociais e distribuição de riqueza. No plano militar, em 1960 a indústria bélica respondia por 10% do Produto Interno Bruto dos Estados Unidos e contribuía com o mesmo percentual em postos de trabalho.

Dentre as várias iniciativas norte-americanas contra o movimento de esquerda na América Latina, destaquei duas ações encobertas com participação ativa dos Estados Unidos visando derrubar o governo revolucionário cubano¹¹⁴. Uma delas chamou-se "Operação 40", desdobrando-se em várias outras, como "Operação Pluto", "Operação Liborio" e "Operação Mangusto"¹¹⁵, que consistia em um plano elaborado pela CIA para invadir Cuba. A outra ação chamou-se "Operação Peter Pan"¹¹⁶.

1.4 Operações encobertas contra Cuba

O vice-presidente Richard Nixon, hostilizado pela população latino-americana em sua visita pelo continente, lançava-se, nesse momento, a candidato a Presidente da República. Cuba entrou na pauta do debate eleitoral e também em um jogo eleitoral subterrâneo que

¹¹⁴ A indústria de jogos norte-americana lançou vários produtos como campanha contra Fidel Castro: "Tropico", "Se busca dictador", "Guerrilla" e "Call of Duty - Black ops kill Fidel Castro mission", este último é uma reprodução da batalha da Baía dos Porcos. Os jogos permanecem disponíveis na internet.

¹¹⁵ Teve início em 1962 e consistia em propaganda ideológica por meio de mensagens subliminares, desenhos animados e jogos infantis criando uma caricatura de Fidel Castro (FURIATI, 1993, p. 53).

¹¹⁶ A "Operação Peter Pan" consistiu na migração ilegal de crianças, de Cuba para os Estados Unidos, entre os anos de 1960 e 1962.

envolvia bilhões de dólares. Antes de completar o primeiro semestre da Revolução, Nixon reuniu-se com diretores da *Pepsi Cola International*, da *Standard Oil*, da *Ford Motor Co.*, da *United Fruit Company* e representantes da máfia cubana e um pacto foi selado: Nixon assumiria o compromisso de derrubar o governo revolucionário de Cuba, tendo por contrapartida o apoio dos grandes grupos econômicos à sua candidatura à Presidência¹¹⁷. Nixon vendeu o peixe aos seus credores e afirmou que venceria facilmente o desconhecido Kennedy.

Para dar garantias aos robustos apoiadores, Nixon mandou dar início à "operação secreta". Os relatórios posteriores e as denúncias nos jornais comprovaram que o plano tinha os seguintes objetivos: devolver o poder aos aliados norte-americanos e assassinar Fidel Castro, Raul Castro e Ernesto Che Guevara, os três considerados líderes radicais da Revolução. A eliminação dos revolucionários seria efetuada durante a invasão da Baía dos Porcos, a fim de evitar suspeitas de assassinato.

Os principais operadores do plano secreto foram Allen Dulles, então Diretor da Cia; George Bush (ex-presidente dos EUA), homem de negócios dos Estados Unidos e empresário; Richard Bissel, subdiretor de operações secretas da CIA; Howard Hunt, escritor e espião. O time estava montado e outras centenas de pessoas foram recrutadas para trabalharem diuturnamente. Em janeiro de 1960, o diretor da CIA, Allen Dulles, entregou ao Conselho de Segurança Nacional (NSC) dos Estados Unidos uma proposta de operação encoberta com vistas a devolver o poder em Cuba à burguesia exilada. A operação recebeu o nome de "Operação 40", em homenagem ao seletivo grupo que trabalhava no interior do Conselho de Segurança (FURIATI, 2016, p. 422)¹¹⁸.

A invasão de Cuba obedeceu, assim, a dois aspectos: atendia aos grupos de pressão da máfia cubana, grandes corporações e classe média descontente, ao mesmo tempo em que favorecia um pacto político interno norte-americano.

Entre os objetivos, estariam a invasão de Cuba e estabelecimento de um novo governo paralelo que logo seria reconhecido pelos Estados Unidos. Contrarrevolucionários, formados por mercenários e a burguesia exilada cubana, haviam formado uma "Força Revolucionária Cubana", que atuava a partir de Miami, principal ponto de atividades dos exilados contrários

¹¹⁷ Cf. Artigo de Paul Kangas: "The Nixon-Bush Connection To The Kennedy Assassination", disponível em: <<http://johnfitzgeraldkennedy.net/thenixonbushconnectiontothekennedyassassination.htm>>, acesso em 21/07/2017. Paul Kangas (1937-2007) foi jornalista investigativo.

¹¹⁸ As fontes documentais que confirmam as informações utilizadas nesse tópico constam de *Official History of the Bay of Pigs Operation* (História Oficial da Operação Baía dos Porcos), volumes I a V, disponíveis em: <<https://www.cia.gov/library/>>, acesso em 01/10/2016.

ao regime que depôs Batista. Informações fornecidas ao governo dos Estados Unidos diziam que o grupo de Fidel Castro não tinha apoio da população. Estavam enganados. Uma pesquisa realizada por um instituto particular na época apurou que 88% da população apoiava, integralmente, Fidel Castro e o Movimento 26 de Julho (FURIATI, 2016, p. 422).

A estratégia da dupla republicana Eisenhower-Nixon consistia em três elementos: militar, propagandístico e político. Em relação ao primeiro, haveria treinamento e orientações realizados pela CIA, em bases na Nicarágua e na Guatemala¹¹⁹. Neste sentido, as ditaduras apoiadas pelos Estados Unidos estavam oferecendo a contrapartida no momento necessário. Partiriam tropas por mar e ar a partir daqueles países até a Baía dos Porcos, onde um foco de resistência estaria aguardando na Ilha para anunciar o novo governo, assim que se formasse a Cabeça de Ponte¹²⁰.

Em termos de propaganda, uma série de notícias seriam veiculadas em Cuba e em vários países do mundo, a fim de construir uma opinião pública favorável. Panfletos foram atirados de helicópteros e aviões que sobrevoaram as principais cidades de Cuba, com informações mentirosas e confusas sobre a Revolução. Uma delas dizia que o governo cubano editaria uma lei contra o pátrio poder, ou seja, o Estado assumiria a responsabilidade pelos menores de idade.

Essa propaganda fez parte de uma operação encoberta destinada a apoiar a contrarrevolução, ficando conhecida como *Operação Peter Pan*. Ela foi executada por meio de uma conjugação de esforços do governo dos Estados Unidos com a alta hierarquia da Igreja Católica¹²¹ para facilitar o fluxo migratório de crianças de Cuba para os Estados Unidos. A operação consistia numa campanha psicológica, cujos objetivos principais eram: (a) manipular a opinião pública cubana e (b) enviar os menores de Cuba para serem educados nos Estados Unidos. Ela foi, nesse sentido, o "ingrediente psicológico" para as outras operações de invasão (FURIATI, 1993, p. 47).

Como era uma ação circunscrita ao período da consolidação da Revolução Cubana, ela ocorreu, precisamente, entre dezembro de 1960 e outubro de 1962. Coincidiu, portanto, em

¹¹⁹ A participação da CIA na invasão está confirmada em Agee, Dentro da "Companhia": Diário da CIA, s/data.

¹²⁰ Cabeça de Ponte é um termo militar utilizado para designar um posicionamento provisório em um território inimigo, no lado oposto do rio ou mar, a fim de assegurar o desembarque ou avanço de tropas aliadas.

¹²¹ CRESPO, Ramon Torreira. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/49T15.pdf>>, acesso em 03/04/2017. s/d. Dois documentários encontravam-se disponíveis até o fechamento desse trabalho: Operacion Peter Pan. Direção: Estela Bravo, tempo: 57: 32, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F1rr6lPHiMA>, acesso em 22/03/2017. *BBC News*. Operación Peter Pan., tempo: 2:48, 2010. Disponível em: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PbQJ5NvXYDM>, acesso em 22/03/2017.

seu início, com o momento de nacionalização da maioria das empresas particulares e com a decisão de romper relações com Cuba (efetivada em janeiro de 1961) e, ao final, com a crise dos mísseis. Este foi ainda o interstício no qual os exilados ainda alimentavam esperanças em derrubar Fidel Castro.

A Operação Peter Pan transportou cerca de 14 mil crianças de Cuba para os Estados Unidos, por organizações clandestinas. A ideia teria sido concebida pelo sacerdote Bryan Walsh, Monsenhor responsável pela *Catholic Service Bureau* do Estado da Flórida, com apoio da CIA, na pessoa de Harold Bishop (FURIATI, 1993, p. 47) Segundo Leitão,

inúmeras organizações de direita e até mesmo a cúpula da Igreja Católica cubana estimulam o fluxo migratório para os Estados Unidos, registrando-se inclusive envio de crianças desacompanhadas dos pais para acampamentos montados em território estadunidense, como foi o caso da insólita *Operação Peter Pan* [grifo original], em que centenas de meninos e meninas deixaram sua terra natal ante o temor paterno de que os "comunistas" cassariam o direito da pátria poder e mandariam os filhos da burguesia para a URSS. (LEITÃO, 2008, p. 147)

Sobre a campanha psicológica implementada pela CIA, em conjunto com uma cúpula religiosa, o pesquisador nos diz que o "vínculo do alto clero cubano com as elites locais e a ditadura de Batista eram notórios" (LEITÃO, 2008, p. 79), ao ponto de lançar mão de informações duvidosas para contribuir com a derrubada do governo revolucionário. O fluxo de crianças que saíram de Cuba alcançou a cifra de 14 mil (MARET&ASCHKENAS, 2011, p.172). A propaganda deveria massificar a informação de que os pais perderiam o poder sobre os filhos que seriam enviados para trabalhos forçados na União Soviética.

Setores conservadores da Igreja não concordaram com as medidas do governo revolucionário, como a expropriação de terras e a privatização de escolas. A reforma agrária teve início em Cuba de forma branda, com distribuição de terras, seguindo-se, no curso do aprofundamento da Revolução, pela expropriação. Em 1960, Che Guevara, então presidente do Banco Nacional de Cuba, chamou ao seu gabinete um rico industrial do ramo de açúcar, Julio Lobo, para fazer-lhe uma proposta de nacionalização de suas terras. Lobo pediu um tempo para pensar e "tomou o primeiro avião para Miami" (CASTAÑEDA, 1997, p.232). A Revolução demonstrava, dessa forma seu caráter gradual e irreversível.

Após o episódio de Playa Girón, houve mudanças na condução da Revolução. Como forma de compensar os danos causados por instituições que o governo permitira a continuidade de suas atividades, como as Igrejas cristãs, houve mudanças no tratamento da questão. Primeiro, foram as escolas confessionais particulares, a maioria delas católicas. O

governo ocupou-as com as milícias populares e estabeleceu uma jornada de alfabetização¹²². Algumas Igrejas eram instrumentalizadas contra a Revolução (CASTRO, in: BETTO, 1985, p. 206). A decisão, então, foi de estatizar todas as escolas particulares, a fim de universalizar o número de crianças e adolescentes com a educação gratuita.

No nível político, a operação encoberta para a invasão traria dividendos contraditórios. Caso fosse exitosa, Eisenhower e os diretores da CIA estariam bem, recebendo os louros de terem reassumido o controle sobre Cuba. Além disso, deixariam o novo governo democrata de Kennedy em posição desconfortável, principalmente pelas posições menos favoráveis às intervenções militares. Por outro lado, se a operação fracassasse, Kennedy reforçaria a posição de não intervencionismo, conseguindo os recursos necessários para a Aliança para o Progresso. O governo dos Estados Unidos poderiam ainda justificar-se jogando toda a responsabilidade nas costas da CIA. Com isso, manteriam a capa de "regime democrático". A operação, contudo, deveria ser realizada por cubanos, fundamental para encobrir a direção e o comando pelos Estados Unidos.

Durante o ano de 1960, Fidel Castro, informado sobre o plano¹²³, começou o cerco sobre as atividades de sabotagens ao regime. O principal foco dos contrarrevolucionários na Ilha era a Serra de Escambray. Várias colunas de milicianos patrulharam o local durante todo o ano, recolhendo armas dos insurgentes (SZULC, 1987). A ação do governo foi fundamental para a vitória contra os invasores em abril do ano seguinte.

Tanto Brasil quanto Estados Unidos empossavam seus novos Presidentes. A posição brasileira foi divulgada nos principais órgãos de comunicação de Cuba. O novo Ministro das Relações Exteriores, Afonso Arinos, declarava:

O Brasil manterá as relações mais cordiais com Cuba, sem nenhuma interferência nos problemas internos. Particularmente posso declarar que visitei Cuba em companhia do Presidente Quadros e quero dar aqui o testemunho de minha admiração pessoal pelos vários líderes da Revolução Cubana. (*El Mundo*, 07/02/1961, p.1)

Sob o título de "Brasil com Cuba", a mesma declaração foi publicada no órgão oficial do Movimento 26 de Julho: o jornal *Revolución*. A notícia circulou no mesmo dia nos órgãos

¹²² Telegrama 111. DPo/(sem numeração) de 08/09/05/1961. AHMRE.

¹²³ Em um artigo virtual, Jorge Masetti escreveu que o responsável pela confirmação da invasão pelos norte-americanos foi Rodolfo Walsh, um jornalista que trabalhava com Masetti na Prensa Latina. Segundo contou, no meio de jornais que lia diariamente havia uma mensagem cifrada. Por curiosidade de jornalista de contos policiais, Walsh perdeu noites de sono até decifrar o código e confirmar que os norte-americanos invadiriam Cuba. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/noticias>>, acesso em 23/08/2016.

de comunicação em Cuba, o que representou um reforço à política cubana e um alerta na Casa Branca. O governo brasileiro declarava, assim, sua pretensão por uma Política Externa Independente, que será analisada no capítulo que se segue. O Ministro acrescentou ainda, que seguiria os ideais da Operação Pan-Americana, de que o mais importante para a América Latina era erradicar a fome e a miséria, uma mensagem de que era preciso resolver o problema econômico. O Embaixador em Cuba, Vasco Leitão da Cunha, passava à Secretaria Geral do Itamaraty, segundo de Afonso Arinos, e era substituído, na Ilha, pelo Encarregado de Negócios Marcos de Salvo Coimbra¹²⁴. Removido também para a embaixada, Carlos Jacyntho de Barros assumiria a função de Conselheiro e, logo em seguida, a Embaixada¹²⁵.

No dia 03 de janeiro de 1961, duas semanas antes da posse de Kennedy, os Estados Unidos anunciaram o rompimento diplomático com Cuba. Uma confusão tomou conta da Embaixada em Havana, por causa dos vistos que seriam suspensos e do pessoal diplomático que deveria sair da ilha. As tensões aumentaram significativamente. O Ministro das Relações Exteriores de Cuba, Raul Roa, não poupou críticas aos Estados Unidos e afirmou com veemência que Cuba estaria esperando "unida e firme" os mercenários norte-americanos. O chanceler cubano acrescentou que Cuba defenderia sua revolução até o último homem cair morto em solo, mas não abriam mão da liberdade que haviam conquistado (*JB*, 05/01/1961, p.1).

O governo cubano havia denunciado a trama estadunidense, pois, ao perceber que o número de funcionários da Embaixada norte-americana somava mais de três dezenas, Cuba notificou o governo dos Estados Unidos para que diminuísse o efetivo, como ato de defesa contra as espionagens e sabotagens (*Novos Rumos*, 06 a 12/01/1961, p.1). Foi o estopim de uma série de medidas que o Presidente dos Estados Unidos utilizou para anunciar o rompimento de relações com Cuba. Era a senha para intensificar os preparativos para a invasão da Ilha.

Começava uma correria nas Embaixadas. No Brasil, o *Correio da Manhã* noticiava o desfile cívico em Cuba, atribuindo destaque aos veículos blindados "numa ostensiva demonstração militar para enfrentar a "iminente agressão" americana (*Correio da Manhã*, 01/01/1961, p. 1). A operação norte-americana, capitaneada pela CIA, não era mais segredo. O jornal *Novos Rumos* pedia solidariedade com Cuba e denunciava:

¹²⁴Mineiro de Curvelo, teve a vida dedicada à diplomacia. Antes de Cuba, esteve servindo no Paraguai de Stroessner. Em seguida, foi para Gênova. Voltou ao Brasil em 1967 para servir ao governo de Artur da Costa e Silva. Cunhado do ex-Presidente Collor de Melo, saiu do governo antes do processo de *impeachment*, em 1992. In: Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro (DHBB), CPDOC-FGV.

¹²⁵ CT-10/312.4 de 17 de janeiro de 1961. AMRE.

Na verdade, o rompimento de relações EUA-Cuba é apenas mais um passo dentro da ofensiva diplomática e militar dos Estados Unidos para isolar o govêrno cubano dos demais governos latino-americanos e lançar depois uma invasão de fuzileiros navais contra a Ilha das Caraíbas. Não é por acaso que já se anuncia que dois navios de guerra ianques se preparam para ir buscar cêrca de 50 funcionários norte-americanos em Cuba. Como diz o velho ditado, "é muita banana por um tostão": porque dois navios e logo navios de guerra? (*Novos Rumos*, 06 a 12/01/1961, p.2)

Uma aliança de esquerda havia unido os comunistas com o Movimento 26 de julho, grupo que não apresentara filiação ideológica desde a guerrilha em *Sierra Maestra*. O PSP participava do governo cubano e jovens brasileiros, ligados aos movimentos de esquerda, eram recrutados para brigadas de solidariedade em Cuba, o que permitia o envio de informações ao Brasil, via Partido Comunista do Brasil (PCB)¹²⁶, com maior credibilidade.

Sábado, dia 15 de abril de 1961, um bimotor Martin B-26, bombardeiro de médio alcance conhecido da Segunda Guerra Mundial, sobrevoava Cuba e lançava bombas sobre vários pontos da Ilha. Enquanto isso, em vários pontos estratégicos, navios chegavam com mercenários, cubanos contrarrevolucionários e agentes da CIA dando início à invasão. O Embaixador brasileiro assim narrou o episódio:

Da Embaixada em Havana
Em/15/15/IV/61

URGENTÍSSIMO
DPo/600.(24)
Situação política interna de Cuba. Bombardeio aéreo

87 - SÁBADO - 9hs30 - Aviões quadrimotores de procedência ignorada, e não identificados, atacaram, às 6,10 da manhã de hoje, o depósito de munições em Campo Columbus, situado próximo a residência da Embaixada. Pude ouvir perfeitamente os ruídos dos aviões, das bombas e dos disparos que se prolongaram por alguns minutos e, em seguida, durante cêrca de uma hora, explosões e tiros de canhão. O comunicado oficial que ouvimos pelo rádio informa terem sido igualmente atacados, por aviões, vários pontos das cidades de Santiago de Cuba e Santo Antônio de Los Banhos. Acrescenta o comunicado oficial que o ataque aéreo será denunciado perante a ONU pela Delegação Cubana, a qual acusará os Estados Unidos da América como responsável por esta agressão a Cuba. Estou convocado para a reunião do Corpo Diplomático Estrangeiro no Ministério das Relações Exteriores, às 10 horas. Informarei imediatamente após terminarmos a reunião.
CARLOS JACYNTHO DE BARROS¹²⁷

Às nove e trinta da manhã do dia 15 de março de 1961, o Encarregado de Negócios da Embaixada do Brasil em Havana começou a enviar uma série de Cartas-Telegramas,

¹²⁶ O órgão oficial do PCB era o jornal *Novos Rumos*.

¹²⁷ Telegrama 87. DPo600.(24) de 15/04/1961, AHMRE.

informando o Ministério das Relações Exteriores sobre os acontecimentos em Cuba. Evitando comprometimento, dizia que os aviões eram de "procedência ignorada". Como uma prática rotineira do governo cubano, todas as atividades relacionadas à invasão foram divulgadas por todos os meios de comunicação. O governo revolucionário não abria mão da disputa ideológica, mantendo a população informada dos fatos. Ao final do documento, Barros comunicava que fora convocado todo o corpo diplomático acreditado em Havana para uma reunião com o governo cubano.

Ao retornar da reunião, Jacyntho de Barros enviou nova correspondência, na qual informava:

DA Embaixada em Havana
Em 15/15/IV/1961
URGENTÍSSIMO
DPo/600.(24) 602.(04)

Situação política interna de Cuba. Bombardeiro aéreo.

88 - SÁBADO - 12hs30 - Acabo de regressar do Ministério das Relações Exteriores onde, após longa espera, o Corpo Diplomático foi recebido pelo Ministro das Relações Exteriores, Doutor Carlos Olivares que, vestindo uniforme de miliciano e cercado pelos altos funcionários do Ministério das Relações Exteriores, quase todos uniformizados, leu comunicado oficial sobre as graves ocorrências desta manhã, a que me referi em meu telegrama nº 87. Após a leitura do comunicado, o Ministro Olivares fez forte acusação ao Governo americano, afirmando que o Corpo Diplomático, aqui acreditado, havia podido presenciar uma brutal agressão a um país, cujo único crime era o de desejar a própria independência. Qualificou o ataque desta manhã como um ato dirigido, financiado e estimulado pelo Governo americano, acentuando que se tratou de uma ação prévia para uma agressão em grande escala a Cuba.¹²⁸

No comunicado, enviado às 12:30 de Havana, o Encarregado de Negócios informava que a reunião havia ocorrido com o Ministro Carlos Olivares. Para o governo cubano, não havia dúvidas de que o ataque havia sido "dirigido, financiado e estimulado" pelo governo norte-americano. Certo da vitória, por contar com a determinação política e o povo armado, o governo de Cuba preparava o corpo diplomático para decisões que viriam a seguir. Continuava o relatório:

Os aviões da Fôrça Aérea cubana levantaram vôo a fim de persegui-los. Foram várias as baixas humanas. O Ministro das Relações Exteriores renovou a afirmação, já contida no comunicado oficial desta manhã, de que o Ministro Roa, atualmente na Chefia da Delegação cubana às Nações Unidas, foi instruído no sentido de fazer, perante àquele organismo internacional, uma acusação ao Governo dos Estados Unidos da América, responsabilizando-o pelo ataque desta manhã às principais

¹²⁸ Telegrama 88. DPo600.(24) de 15/04/1961. p.1. AHMRE.

idades cubanas e às importantes bases de Santo Antônio de los Baños. Finalmente, informou o Ministro das Relações Exteriores que o país se encontrava em estado de alerta e que foi determinada a mobilização de todas as forças de combate, declarando enfaticamente que o povo cubano lutará pela sua liberdade até a vitória final.¹²⁹

Como estratégia política, o governo cubano informava aos diplomatas que várias baixas foram contabilizadas, lembrando aos presentes que o Ministro Raul Roa encontrava-se em missão na Organização das Nações Unidas (ONU), onde denunciaria o ataque. Uma das possibilidades consideradas era de que a escolha da data para o ataque tivesse ligações com a reunião política da ONU em Nova Iorque, que acontecia naquele momento, pois, em caso de vitória dos mercenários, o feito seria divulgado na própria reunião das Nações Unidas. O Ministro Raúl Roa disse ainda que "o povo cubano lutará pela sua liberdade até a vitória final" (*JB*, 18/04/1961.p.1), demonstrando a convicção dos revolucionários que haviam lutado dois anos em *Sierra Maestra*. Roa mostrou fotos dos ataques e exigiu um pronunciamento do organismo internacional para que cessassem as agressões (*JB*, 18/04/1961.p.1). O representante norte-americano, Adlai Stevenson, defendia-se dizendo que os Estados Unidos "não lançaram nenhuma agressão nem invasão contra Cuba, nem das costas americanas nem de nenhuma parte" (*Correio da Manhã*, 18/01/1961, p. 1).

O Embaixador da Argentina, Mario Amadeo, havia apresentado na reunião da ONU, em Nova Iorque, dois dias antes do ataque à Cuba, um projeto que retomava uma decisão do Conselho de Segurança de 18 de julho de 1960. Segundo a proposição, a ONU recomendaria que os Estados-Membros da OEA buscassem "lograr uma solução por meios pacíficos" e que deveriam "abster-se de qualquer ação que possa agravar as tensões existentes" (*Correio da Manhã*, 14/04/1961, p. 1). Doze países assinariam a resolução: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Chile, México, Costa Rica, Honduras, México, Panamá, Uruguai e Venezuela. Nessa mesma reunião da ONU, foi aprovada, por 41 votos a favor, 32 contra e 21 abstenções, sanções à União Sul Africana, por sua política de segregação racial¹³⁰. A votação demonstrava que, na ONU, dependendo das questões apresentadas para deliberação, os Estados Unidos poderiam ficar em situação desfavorável.

¹²⁹ Telegrama 88. DPo600.(24) de 15/04/1961, p. 2. AHMRE.

¹³⁰ Junto com os Estados Unidos, com os membros da OTAN e com a Commonwealth, doze países latino-americanos votaram contra, quase os mesmos que seriam favoráveis a Cuba: Brasil, Colômbia, Venezuela, México, Honduras, El Salvador, República Dominicana, Panamá, Peru, Argentina, Costa Rica e Chile. A Resolução aprovada orientava os países membros da ONU a romper relações diplomáticas e comerciais com a União Sul Africana (*Correio da Manhã*, 11/04/1961, p. 1)

No Brasil, o governo Jânio Quadros acompanhava as notícias por intermédio do Itamaraty. Somente à noite, no final do primeiro dia da ataque, o governo brasileiro emitiu nota sobre os acontecimentos:

O Brasil, reiterando sua decisão inabalável de defender neste Continente e no mundo os princípios de autodeterminação dos povos e de absoluto respeito à soberania das nações, manifesta a sua mais profunda apreensão pelos acontecimentos que se desenrolem em Cuba. (*JB*, 18/04/1961.p.1)

O Brasil mantinha, com tal declaração, sua Política Externa, anunciada pelo Presidente Jânio quando da posse no cargo. Cuba, naquele momento, representava, em certo sentido, uma "moeda de troca" a ser utilizada tanto pelas potências em conflito no jogo da bipolaridade, quanto pelos países latino-americanos interessados nos investimentos financeiros daquelas.

A repercussão que a imprensa burguesa no Brasil deu ao fato demonstrava certa tendência favorável aos invasores. Com uma chamada de primeira página "Revolucionários atacam Cuba por mar e ar", o *Correio da Manhã* noticiou:

Forças revolucionárias invadiram Cuba pelo ar e por mar, travando, hoje, sangrenta batalha nos pântanos situados a cerca de 150 quilômetros a Sudeste de Havana, parecendo ter feito recuar as tropas de Fidel Castro, segundo informações radiofônicas incompletas. A frente revolucionária comandada por José Cardona lançou em combate aproximadamente cinco mil homens, no espaço de 48 horas. Castro assumiu o comando das Forças Armadas. (*Correio da Manhã*, 18/01/1961, p.1)

As "forças revolucionárias" a que o jornal fazia referência foram criadas por exilados cubanos que viviam em Miami. Eram empresários, industriais e mercenários, insatisfeitos com os rumos que a Revolução havia tomado, principalmente o confisco de terras. Para cumprir o plano de manter "encoberta" a operação, divulgava-se o nome de José Miró Cardona como o chefe dos mercenários. Com a divulgação de que "revolucionários" tentavam depor Fidel Castro, o jornal invertia a lógica interpretativa da revolução e personificava o tema cubano. Atribuía-se a Fidel Castro toda a responsabilidade pela Revolução e condução do processo revolucionário, um equívoco que a própria esquerda, em certa medida, acompanhou, mesmo após a experiência do Relatório Krushev.

As provas da agressão começavam a surgir, embora a imprensa internacional tendesse a omitir a informação. No terceiro comunicado no mesmo dia, informou o Encarregado brasileiro:

DA Embaixada em Havana

Em 15/15/IV/1961

DPo/624.2(24h)

Apreensão de armamentos.

89 - SÁBADO - 19hs15 - o Governo cubano apoderou-se, ontem, em Pinar del Rio, de um depósito de oito toneladas de armas e munições que estavam destinadas ao preparo de um levante na Província de Oriente. Foram presas quinze pessoas, indicadas como responsáveis por êste plano, inclusive um cidadão americano residente em Cuba que seria o chefe do grupo. Segundo a imprensa, os detidos revelaram que o referido armamento, que compreende morteiros e bazucas, foi transportado às costas de Pinar del Rio, em 22 de fevereiro, por um barco salvavidas norte-americano.

CARLOS JACYNTHO DE BARROS¹³¹

Aquele deveria ter sido um dos sábados mais longos da história cubana. Em pouco tempo, as forças revolucionárias do governo tomavam posse dos armamentos inimigos. Quinze pessoas foram presas, dentre eles um norte-americano. No mês anterior havia chegado a Cuba um arsenal de guerra, "transportado às costas de Pinar del Rio", em barco norte-americano, informação que Stevenson contestaria na ONU.

Diante de condições mais do que favoráveis, duas decisões de impacto foram tomadas. Unificaram-se as forças políticas, dando origem às Organizações Revolucionárias Integradas. Nela estariam unidos o Movimento 26 de Julho, o PSP e o Diretório Revolucionário. Era um passo em direção à formação do Partido Comunista Cubano. Antes dele seria criado o Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC)¹³².

No dia seguinte ao primeiro bombardeio, em frente ao Cemitério de Cólón, Fidel Castro pronunciou um de seus mais duros discursos e assim narrou os acontecimentos:

Três ataques simultâneos ao amanhecer, na mesma hora, na cidade de Havana, em San Antonio de los Baños e em Santiago de Cuba, três pontos distantes uns dos outros, e sobretudo um deles com respeito aos outros dois, levados a cabo com aeronaves de bombardeio tipo B-26, com lançamento de bombas de alto poder destrutivo, com lançamento de foguetes e com metralhadoras sobre três pontos distintos do território nacional. Tratou-se de uma operação com todas as características e todas as regras de uma operação militar.

Foi, ademais, um ataque surpresa; foi um ataque similar a esses tipos de ataques com que os governos vândalos do nazismo e do fascismo costumavam agredir às nações. Os termos da declaração de guerra não foram termos que conheceram os governos fascistas da Europa. Os ataques armados sobre os povos da Europa pela hordas hitlerianas foram sempre ataques deste tipo: ataques sem prévio aviso, ataques sem declaração de guerra, ataque arteiro, ataque traiçoeiro, ataque surpresa. (CASTRO, 16/04/1961)

¹³¹ Telegrama 89. DPo600.(24) de 15/04/1961. AHMRE.

¹³² A coalizão entre os grupos que participaram da Revolução foi breve, em virtude de divergências, ora pelo sectarismo de alguns membros ora por equívocos de avaliação. O Partido Comunista de Cuba somente passou a funcionar a partir de 1965, por decisão do Comitê Central do PURSC, a partir de proposta de Fidel Castro. A nova organização adotaria o leninismo como guia de organização da vanguarda e o "centralismo democrático" como disciplina. (CERVERA, 2011, p. 229)

O desembarque das forças imperialistas e mercenárias ocorreu em três locais diferentes e distantes. Cerca de 300 mil milicianos foram mobilizados para lutar contra os invasores. Fidel tinha característica de ser bastante didático em suas exposições, por vezes prolixo, como descreveu Rubem Braga (1960). Comparava os ataques às práticas nazifascistas, principalmente com relação ao elemento surpresa. Conforme assegurou o Comandante em Chefe, as regras internacionais definiam os protocolos até em casos de guerra. A advertência de Fidel podia ser dirigida ao corpo diplomático acreditado em Cuba que, em alguns casos, enviava correspondências para seus respectivos países, com o assunto "guerra em Cuba" (inclusive a Embaixada brasileira). Em casos de Guerra, dizia Fidel, deveria haver declaração de guerra e os termos de seus proponentes, o que não ocorreu.

A declaração mais significativa naquele momento, que se transformou num marco histórico para Cuba e para o mundo, ocorreu ao final do discurso às vítimas da invasão, quando Fidel Castro Ruz assim pronunciou:

Isso é o que não podem nos perdoar, que estejamos aqui sob seus narizes, e que tenhamos feito uma Revolução socialista no nariz dos Estados Unidos!
E que essa Revolução socialista seja defendida com estes fuzis!; e que essa *Revolução socialista* [grifo nosso] a defendemos com o valor com que antes nossa artilharia antiaérea tenha derrubado a balas os aviões agressores! E essa Revolução, essa Revolução, essa Revolução não a defendemos com mercenários; essa Revolução a defendemos com os homens e as mulheres do povo. (CASTRO, 16/04/1961)¹³³

A partir daquele momento, os cubanos não teriam mais dúvidas sobre o caráter de sua Revolução: Cuba era socialista. Sob os olhares atentos e entristecidos de centenas de cubanos, Fidel afirmou: foi uma "Revolução socialista debaixo dos seus narizes"¹³⁴.

Durante o discurso ao povo e às forças milicianas, Fidel Castro recebia uma informação de que os mercenários desembarcavam em um determinado ponto de Cuba. Sua experiência desde o Moncada até a Guerrilha de *Sierra Maestra* ensinara que, numa guerra, informações fáceis podiam ter o objetivo de confundir. Sua intuição o conduziu para o lado contrário (FURIATI, 2016, p.440). Ele estava certo. A vitória seria uma questão de horas.

As informações da Embaixada, por vezes, chegavam com atraso, plenamente justificável em virtude da situação. A maioria das correspondências eram criptografadas,

¹³³ Discurso pronunciado em frente ao Cemitério de Colón, Cuba, em honras fúnebres às vítimas de bombardeios. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>>, acesso em 20/02/2016.

¹³⁴ Para uma imagem em movimento daquele momento histórico da declaração, ver: Girón: seguimos en la victoria. Direção: Arturo Mora Iglesias, Division de Programas Variados - TVC, tempo 3:20'. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-GsvPVE34U>>, acesso em 02/03/2015.

prática comum nas comunicações via Embaixada, por significar, muitas vezes, segredo de Estado. Um dos Telegramas da Embaixada brasileira sobre a invasão chegou ao Brasil com atraso:

Da Embaixada em Havana
Em 17/19/IV/1961
URGENTÍSSIMO
DPo/601.3 (24h)
Guerra civil de Cuba.

90 - SEGUNDA-FEIRA - 11hs45 - O Govêrno cubano acaba de emitir comunicado oficial em que confirma a notícia de invasão, circulada às primeiras horas da manhã de hoje. Diz o comunicado que a invasão se efetuou por mar e ar em vários pontos ao sul da Província de Las Villas, acrescentando que as fôrças do Govêrno estão contra-atacando com êxito. Segundo notícias oficiais, houve ataque de diversão na província Oriente, enquanto principal desembarque se efetuou na Baía de Cochinos, situada na Província de Las Villas, próximo à Província de Matanzas. Após a leitura do comunicado, o rádio divulgou a mensagem, assinada pelo Presidente da República e pelo Primeiro Ministro, apelando a todos os povos do Mundo e, particularmente, às Nações irmãs americanas para que façam sentir ao Govêrno dos Estados Unidos da América a fôrça incontestável de sua ação. A situação em Havana é de completa calma.
CARLOS JACYNTHO DE BARROS

NOTA da DCo: Êste telegrama, de segunda-feira, só chegou hoje dia 19 às 18hs30.¹³⁵

A partir do Telegrama nº 90, enviado pela Embaixada brasileira em Havana, as correspondências apresentariam como assunto "Guerra civil em Cuba", diferente das outras que anunciavam "situação política em Cuba". A nota, ao final, esclarecia que o telegrama chegara dois dias depois. Pelo horário, o telegrama havia sido emitido entre o primeiro de 6:30 da manhã, e o de meio-dia, que informou acerca da reunião com o corpo diplomático. O primeiro comunicado do governo cubano constituía documento de grande relevância e seu atraso significou também retardo das declarações do Brasil. Embora não haja registros sobre as motivações do atraso, os outros três telegramas emitidos naquele dia chegaram ao destino no prazo adequado, o que suscitaria diversas interpretações sobre o caso. Ademais, o teor do documento registrava, ao final, pedido de solidariedade dos países e acusava, de imediato, os Estados Unidos de orquestrar a agressão. Registre-se que a "mensagem" oficial do governo cubano era "assinada pelo Presidente da República e pelo Primeiro Ministro". Os holofotes da imprensa mundial voltar-se-iam, entretanto, apenas para o Primeiro-Ministro.

No Brasil, manifestações multiplicavam-se pelo país. Estudantes no Recife marcharam sobre o consulado dos Estados Unidos, gritando "imperialistas e covardes" (*JB*, 18/01/1961, p.1). A União Nacional dos Estudantes e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

¹³⁵ Telegrama 90. DPo600.(24) de 17/19/04/1961. AHMRE.

enviaram a Jânio Quadros telegrama em solidariedade a Cuba e pediram que o Presidente fizesse pronunciamento no mesmo sentido.

Quatro dias após o primeiro bombardeio, a Embaixada encaminhava correspondência com novas notícias. Não pairavam mais dúvidas da vitórias das forças revolucionárias do exército popular cubano. A maioria dos invasores foi feita prisioneira e outra parte conseguiu fugir. De ambos os lados houve baixas. Assim notificou o Encarregado de Negócios:

Da Embaixada em Havana

Em 19/19/IV/1961

DPo/601.3(24h)

Guerra civil cubana

91 - QUARTA-FEIRA - 15hs00 - até esta manhã apenas dois sóbrios comunicados oficiais haviam sido emitidos, referentes aos combates entre as forças do Governo e os invasores na província de Las Villas e por fonte não oficial, inclusive por estações de rádio americanas e canadenses. Fomos informados de que, durante tódo o dia de ontem os combates se intensificaram e que as baixas para ambas as partes eram de 400 mortes e algumas centenas de feridos. Soubemos, igualmente que foram utilizados pelos governantes aviões a jato russos e americanos, cujos bombardeios causaram sensíveis baixas e notáveis danos materiais aos invasores. O terceiro comunicado oficial hoje divulgado, informa que foi abatido, ao sul da província de Matanzas, um avião de caça americano, cujo piloto foi também identificado como cidadão americano. Declara ainda que, com a derrubada dêste avião, se eleva a nove o total de aviões invasores abatidos. O comunicado finaliza dizendo que a eliminação total dos invasores é já questão de horas. [p.2] Em Havana, a não ser o aparecimento de aviões de bombardeio B-26, às 20 horas de ontem, a situação tem sido de completa calma desde a invasão. Os jornais publicam hoje que o referido avião atacou a base aérea de Santo Antonio de Los Baños, vindo, em seguida, a Havana. Da Chancelaria da Embaixada pudemos ouvir perfeitamente os disparos das baterias anti-aéreas. Tropas da milícia transportadas em caminhões se têm feito notar com frequência. Os pontos importantes desta cidade estão fortemente guarnecidos. Foram prêsas algumas centenas de pessoas nos últimos dias, inclusive correspondentes de jornais americanos. Inúmeros casos foram registrados pelas autoridades. Tôdas essas medidas asseguraram ao Governo o contrôle da capital, que se revela na calma aqui existente. CARLOS JACYNTHO DE BARROS¹³⁶

O Telegrama 91 informava que Havana estava em "calma". Em 72 horas, as forças populares e a principal frente de combate comandada por Fidel Castro haviam eliminado qualquer tentativa de reaver o poder em Cuba. O Telegrama falava de aeronaves e pessoal norte-americano, mesmo timidamente. Confirmavam-se as denúncias de Roa na ONU, que, descaradamente, Adlai Stevenson negara. O armamento russo, que não era negado por Cuba, determinou, do ponto de vista bélico, a vitória do governo revolucionário.

¹³⁶ Telegrama 91. DPo600.(24) de 19/04/1961. AHMRE.

1.5 Efeitos colaterais do fracasso em Praia Girón

A operação perpetrada pelos Estados Unidos contra o governo revolucionário de Cuba constituiu-se como um dos maiores desastres da história das relações exteriores norte-americanas. Em Washington, o representante diplomático brasileiro, Carlos Alfredo Bernardes, teve um encontro com o assessor especial de Kennedy para assuntos de América Latina, Richard Goodwin, de quem ouviu queixas sobre a desastrada tentativa de invasão de Cuba:

Para conhecimento exclusivo e imediato do Senhor Ministro de Estado e do Secretário-Geral tive hoje longa conversa com Goodwin, pessoa de absoluta confiança de Kennedy e encarregado dos assuntos de América Latina da Casa Branca. Goodwin declarou-me que a situação em relação a Cuba é "catastrófica". As forças invasoras contavam com 1.200 homens e foram completamente destruídas. Ficou claro que não se pode contar com um levante interno de grandes proporções e que o Governo cubano tem forças militares suficientes para enfrentar, com vantagem, qualquer ataque que não conte com a participação direta de tropas norte-americanas. Goodwin acredita que um ataque frontal, por parte dos Estados Unidos, contra Castro teria péssimas consequências para a política norte-americana na América Latina, na Ásia e África. Tenho a impressão de que a administração está confusa e não sabe ainda qual o melhor caminho a seguir. (Telegrama N° 282 de 20/04/1961. AHMRE)

Os papéis invertiam-se. O governo norte-americano, vendo-se sob forte pressão internacional em virtude de uma manobra "catastrófica", assumida pelo próprio assessor pessoal de Kennedy, recorria aos países latino-americanos, principalmente ao Brasil, para reverter o quadro desvantajoso para os Estados Unidos. Às vésperas do encontro de Uruguaiana, entre Quadros e Frondizi, Goodwin afirmava que o governo de seu país estava disposto a "apoiar firmemente" o Brasil e "estender créditos imediatos no valor de 300 milhões de dólares 'em dinheiro novo'", pedindo urgência nas negociações (Telegrama N° 282 de 20/04/1961. AHMRE).

Segundo Bernardes, uma possibilidade apresentada por Goodwin foi de invadir a República Dominicana, o que deveria contar os Estados Unidos com o apoio dos países do sistema interamericano, alegando que a Venezuela já havia sinalizado positivamente. Ainda no telegrama, Goodwin fala a Carlos Bernardes que o Presidente Kennedy desejava ter uma entrevista com o presidente Jânio Quadros, mas não poderia ser no Brasil pois o levaria a ter que ir a outros países latino-americanos. Ele apresentou duas possibilidades: a primeira de encontrarem-se na reunião da OEA, até mesmo de essa acontecer em Brasília; a outra, de que Kennedy enviaria uma carta a Jânio, manifestando "desejo de com êle consultar e aconselhar-

se em matéria de política interamericana" e o Presidente brasileiro então tomaria a iniciativa de ir aos Estados Unidos (Telegrama Nº 282 de 20/04/1961. AHMRE).

Enquanto isso, no mesmo 20 de abril, telegrama, enviado pela Embaixada em Havana, informava o conteúdo do comunicado nº 4 do governo revolucionário de Cuba: "comunicado oficial nº 4. Este anunciava a vitória final das fôrças de Fidel Castro sobre os invasores"¹³⁷. A vitória estava assegurada, porém mantinha-se o receio, conforme escreveu o representante da Embaixada:

Da Embaixada em Havana
Em 21/21/IV/1961
URGENTE
DPo/601.3(24h)
Guerra civil cubana

96 - SEXTA-FEIRA - 10hs30 - Havana está calma. Apesar da vitória anunciada, entretanto, reinava ontem certo nervosismo na cidade. O discurso pronunciado pelo Presidente John Kennedy aumentou a preocupação geral aqui existente e alguns interpretam como indício de que os Estados Unidos intervirão abertamente em Cuba. Notícias de fontes ligadas ao Govêrno revelam que os contingentes que invadiram o país no dia 17 eram de cêrca de três mil homens dotados dos mais modernos equipamentos de fabricação americana. A mesma fonte informa ainda que, apesar da vitória sôbre os invasores, o Govêrno admite a possibilidade de novos ataques, pelo que mantém medidas de segurança tomadas desde o dia 17. Quatro aviões de bombardeio sobrevoaram Santo Antonio e Havana à noite de anteontem, e embora não tenham lançado bombas o Govêrno preocupa-se ainda pela presença, a 20 milhas de Havana, de um navio de guerra, informação que confere com a que me foi transmitida por um diplomata europeu.
CARLOS JACYNTHO DE BARROS¹³⁸

A calma aparente em Havana escondia um "nervosismo" preventivo. O pronunciamento de Kennedy aumentava as esperanças dos mercenários e a apreensão das forças revolucionárias cubanas. Os cubanos e todo o corpo diplomático estavam preocupados se haveria uma intervenção direta por parte dos Estados Unidos. Um clima de apreensão reinou durante muito tempo em Cuba. No Brasil, o *Jornal do Brasil* informava que Kennedy havia realizado reunião "ultra-secreta" com o alto escalão para decidir o que fazer em relação à Cuba (*JB*, 20/01/1961, p.1).

No dia seguinte, o *Jornal do Brasil* alterava a linha editorial e revelava que a tal reunião teria ocorrido entre Kennedy e o contrarrevolucionário Miró Cardona, que anunciava estar entrincheirado na Serra de Escambray, em Cuba. Kennedy afirmava:

¹³⁷ Telegrama 94. DPo600.(24) de 20/21/04/1961. AHMRE.

¹³⁸ Telegrama 96. DPo600.(24) de 21/21/04/1961. AHMRE. A Embaixada brasileira era uma das mais procuradas em Havana.

O povo americano - disse - não se sente satisfeito em presenciar tanques da União Soviética a menos de 90 milhas de nossas praias. Se chegar o momento de agirmos não admitiremos que nos acusem de intervencionismos, aqueles cujo caráter ficou perenemente marcado nas ruas sangrentas de Budapeste. Por outro lado não iríamos esperar ou aceitar resultado semelhante àquele a que se arriscou um grupo de valentes, pretendendo livrar Cuba das garras de um tirano. (*JB*, 20/01/1961, p.1)

O discurso do Presidente norte-americano foi proferido em reunião com a Sociedade Americana de Diretores de Jornais. Era preciso unificar os sentidos dados às notícias, a fim de que, em uníssono, a opinião pública recebesse as informações. O pronunciamento foi dúbio, permitindo ambos os lados especularem sobre a possibilidade de uma intervenção direta ou o afrouxamento das ações. Em seguida, oportunizando-se da palavra "liberdade", Kennedy exortou os países latino-americanos a defender-se contra as influências "comunistas".

O *Correio da Manhã* noticiava a vitória de Cuba como "um triunfo maior de Fidel Castro desde que chegou ao poder há dois anos" (*Correio da Manhã*, 20/01/1961, p.1). O matutino carioca destacava ainda as manifestações em solidariedade a Cuba em todo o mundo, inclusive em Nova Iorque. No Rio de Janeiro, informou o jornal, uma bomba havia explodido na Embaixada dos Estados Unidos (*Correio da Manhã*, 20/01/1961, p.1). O Secretário de Estado, Dean Rusk, confessava o "desastre" da operação, mas os setores reacionários continuavam defendendo uma "guerra preventiva" (*Correio da Manhã*, 04/05/1961, p. 01).

O Senador correligionário de Kennedy, William Fulbright, assegurou que não iriam "permitir que os que deram tão mau conselho ao governo sobre a invasão de Cuba nos levem ao que seria uma guerra desnecessária" (*Correio da Manhã*, 04/05/1961, p. 01). A fala do Senador no Congresso dos Estados Unidos era uma tentativa de arrefecer os ânimos internacionais e um recado forte aos "irresponsáveis" que levaram os Estados Unidos à derrota.

As notícias eram veiculadas via UPI e AP, com objetivo de convencer a opinião pública de que não seria uma "invasão", mas uma "insurreição" feita por "revolucionários" dirigidos por Cardona. Os aviões ianques eram pintados com a Bandeira de Cuba e insígnias cubanas. Uma falsa notícia foi plantada, na qual veiculava-se que três pilotos deserdaram e fugiram para Miami com aeronave cubana (FURIATI, 2016, p. 422).

O principal órgão de imprensa da esquerda repetia a palavra de ordem cubana: "Cuba sim, Ianques Não!". *Novos Rumos*, do Partido Comunista, mantinha a disputa ideológica com os jornais burgueses pró-imperialistas. Na edição de nº 111, publicou a mensagem de Luiz Carlos Prestes a Jânio Quadros:

No momento em que o heróico povo de Cuba sofre covarde agressão do imperialismo norte-americano nosso povo exige uma atitude firme e conseqüente do governo brasileiro, de efetiva defesa da autodeterminação do povo cubano.

Os trabalhadores e o povo brasileiro apoiarão decididamente a atitude inequívoca que fôr adotada por Vossa Excelência como supremo magistrado da Nação em defesa do povo cubano e do governo revolucionário de Fidel Castro, única compatível com os superiores interesses de nossa Pátria.

Em nome dos comunistas brasileiros, respeitosamente.

Luiz Carlos Prestes. (*Novos Rumos*, 21 a 27 de abril de 1961, p. 1)

A principal liderança do Partido Comunista exigia de Quadros uma posição favorável do governo cubano. Conclamava o Presidente do Brasil a defender a "autodeterminação dos povos", princípio insculpido no Tratado Internacional de Assistência Recíproca (Tiar). Com o apoio de movimento comunista no mundo, a Revolução Cubana ganhava um aliado em potencial. Isto porque, em termos numéricos, houve uma elevação vertiginosa do número de membros nos partidos comunistas no mundo e, em particular, na América Latina¹³⁹. Em uma perspectiva diametralmente oposta a Kennedy, o líder Luiz Carlos Prestes dizia:

Entra, assim, numa fase mais aguda a luta secular dos povos da América Latina pelo progresso e a libertação nacional. A Revolução Cubana não é apenas a vanguarda no processo pela verdadeira emancipação nacional de todos, e cada um dos países latino-americanos. É também um poderoso estímulo e um grande exemplo na luta de nossos povos contra o latifúndio e pela reforma agrária. Os obstáculos que opõem à realização dessas necessidades históricas são os mesmos no Brasil e em Cuba. (*Novos Rumos*, 21 a 27 de abril de 1961, p. 1)

O editorial de *Novos Rumos* polarizava com o discurso imperialista. Enquanto Kennedy apresentava os Estados Unidos como "defensor do mundo livre", cujas nações deveriam se unir contra a infiltração comunista, Prestes reforçava as ideias de Che Guevara, dizendo que Cuba era vanguarda na luta anti-imperialista, estímulo e exemplo para outros povos.

Os debates na Conferência da ONU reunida em Nova Iorque ficavam cada vez mais calorosos, com trocas de rusgas entre as delegação a favor e contra Cuba. Os Estados Unidos buscavam impedir uma resolução contrária à intervenção militar. O representante da Arábia Saudita acentuou que "se aceitássemos a ideia da intervenção continental, então a Europa estaria sob a dominação soviética e a Ásia sob o domínio da China" (*JB*, 21/01/1961, p.1). Jawaharlal Nerhu, no parlamento indiano, também denunciava os Estados Unidos como patrocinadores da invasão.

¹³⁹ Uma pesquisa quantitativa sobre o número de militantes comunistas em meados do século XX, ver: CLAUDÍN, 1986.

A partir de então, um jogo de tramas, informação e contrainformação repercutia no mundo inteiro. O governo norte-americano vivia uma situação conflituosa internamente. Os republicanos perderam as eleições, mas deixaram suas armadilhas, dentre elas a desastrosa "operação encoberta" de invasão à Cuba. O Presidente dos Estados Unidos John Kennedy, recém eleito, estava impensado entre a Guerra Fria e a Coexistência Pacífica. Escolheu não autorizar uma intervenção direta ostensiva e manter o efetivo já envolvido no conflito¹⁴⁰. Mesmo não impedindo a invasão, por falta de autoridade política ou experiência de governo, Kennedy "evitou um erro muito mais grave, que teria sido o de autorizar o ataque militar", avaliaria Fidel Castro (*apud* FURIATI, 2016, p.441).

Do lado cubano, a invasão fortaleceu as bases populares e o sentimento anti-imperialista. Che Guevara agradeceria, na Conferência de Punta del Este, ao assessor de Kennedy, Richard Goodwin, a ação desastrosa. O governo revolucionário de Cuba tomou várias medidas, dentre elas: ampliou seu sistema de defesa e aumentou o efetivo das milícias populares; realizou várias assembleias populares para explicar à população as medidas tomadas; denunciou na ONU o ataque e pediu providências ao órgão no sentido de impedir intervenções em Cuba; mobilizou suas embaixadas a fim de manter os respectivos países informados da situação; emitiu notas via *Prensa Latina* para a disputa ideológica da opinião pública mundial.

Do ponto de vista político, a fracassada invasão estabeleceu uma aproximação das forças que atuavam ainda em grupos separados no governo cubano. Conforme já abordado, abriu-se uma discussão para unificar e criar um partido único, que viria a se tornar, mais tarde, o Partido Comunista de Cuba. O novo partido ganhou, provisoriamente, o nome de *Organizações Revolucionárias Integradas* e congregou três correntes: o Movimento 26 de Julho, de Fidel, Raúl Castro, Che, Juan Almeida, os dirigentes da Revolução; o Partido Socialista Popular (PSP), de Blas Roca e Carlos Rafael Rodrigues; e o Diretório Revolucionário, composto por estudantes que participaram da guerrilha e de ações na cidade. Todos pretendiam ser dirigentes, mas o *26 de julho* como o principal protagonista, não abria mão da direção, mesmo porque foram chamados de aventureiros pelos outros e provaram que a revolução não fora apenas uma aventura.

No campo diplomático, duas questões passaram à pauta dos debates internacionais. A primeira dizia respeito ao caráter do conflito. Interessava aos Estados Unidos, invocando o

¹⁴⁰ Alguns estudos apontam a decisão de Kennedy como concorrente para a tese de seu assassinato, tendo em vista que vários agentes da CIA estavam implicados na operação. Sobre esse tema ver: FURIATI, Claudia. *ZR, o rifle que matou Kennedy*. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

"sistema interamericano", definido como multilateral. Aos países latino-americanos e Cuba, o conflito seria bilateral. A outra questão, tratava da disputa em torno da definição de qual instância seria competente para dirimir os litígios. Nesse campo, a correlação de forças se invertia. Para os Estados Unidos e a maior parte dos países latino-americanos, a instância deveria ser a OEA. Para Cuba, caberia à ONU julgar a situação. O Brasil emitiu nota apoiando a OEA, porém sensível a entendimentos diferentes, conforme analisado no capítulo que se segue.

Passada a fase mais tensa de combates, chamada nas correspondências de "Guerra civil", houve o retorno ao plano da "situação política interna em Cuba". Contabilizavam-se os prisioneiros, revelavam-se os planos da invasão, multiplicavam-se os asilados nas embaixadas. Dez dias após o início da invasão, o Encarregado de Negócios notificava o governo brasileiro do seguinte:

Embaixada em Havana
Em 25/25/04/1961
URGENTE
DPo/601.324h)
Situação política interna de Cuba.

98 - TERÇA-FEIRA - 15hs00 - O govêrno cubano, seguro da vitória alcançada sôbre o invasor e não temendo, no momento atual, uma revolta interna pôs em liberdade 7.000 pessoas. Alguns milhares de pessoas continuam presas. O movimento anti-castrista está inteiramente desarticulado, porque seus líderes se encontram detidos ou asilados. Quatro pessoas que, entre outras, asilaram-se nessa Embaixada nos últimos dias, pertencentes a três diferentes movimentos informam não terem sido avisadas da invasão e dela haverem tomado conhecimento pelo rádio ou pelo jornal da manhã, razão por que não puderam promover a articulação indispensável à ação revolucionária a que se propuseram. Não conseguem explicar porque não foram prevenidas. Como operavam em vários pontos de Cuba e pertenciam a diferentes grupos opositores, o *testemunho análogo*... dos quatro não deixa de ser impressionante, sugere mesmo um silêncio que pode significar uma posição política assumida pelos orientadores da invasão, no sentido de *fidelismo após a vitória*, uma preponderância dos políticos que se encontram nos Estados Unidos da América, *sôbre os chefes dos diversos movimentos anti-castristas que operavam em Cuba*. Em outros termos, o que pretendiam era uma simples volta ao passado, e desejavam garantir seu predomínio sôbre aqueles que pugnavam pela manutenção das medidas de *progresso* adotadas por Fidel Castro. Pela declaração dos prisioneiros, a invasão foi preparada nos Estados Unidos da América e na Guatemala. O embarque dos invasores foi efetuado em Nicarágua. O tema que preocupa o país [ilegível] [p.2] é o da possibilidade de invasão pelos norte-americanos. Nem mesmo a maioria dos asilados e detidos desejam essa invasão, segundo informação colhida diretamente por mim e por um correspondente norte-americano, que estêve preso.
CARLOS JACYNTHO DE BARROS¹⁴¹

¹⁴¹ Telegrama 98. DPo601.3(24h) de 25/25/04/1961. AHMRE. Os pontos no texto são do original. Os termos destacados parecem indicar escrita sobreposta a outras frases que foram apagadas. Na cabeça do telegrama dizia "SUBSTITUIÇÃO, AINDA, SUJEITO A RETIFICAÇÃO", em letras caixa alta.

As informações de Havana mantinham a preocupação com uma nova invasão, dessa vez de forma direta pelos Estados Unidos. Durante o período do confronto armado, milhares de pessoas foram presas, sendo 7 mil libertadas assim que o governo cubano sentiu-se seguro de que havia vencido. Os líderes do movimento que deu causa à invasão foram detidos ou estavam asilados, o que deu mais tranquilidade ao governo revolucionário. Entre os que pediram asilo, quatro deles eram pertencentes a movimentos contrarrevolucionários, porém não conseguiram, por motivos desconhecidos, participar dos confrontos porque foram surpreendidos pelos acontecimentos. A declaração dos asilados confirmava a participação dos Estados Unidos no plano, com apoio dos governos da Guatemala e da Nicarágua.

Uma nova reunião do corpo diplomático foi convocada pelo governo cubano, a fim de dar conhecimento da posição oficial sobre os acontecimentos:

Excelências, o governo revolucionário de Cuba consciente da alta responsabilidade que hoje assume diante do povo de Cuba e diante dos povos do mundo, decidiu dirigir por vossa respeitável condução uma mensagem especial aos respectivos governos que Vossas Excelências representam, para denunciar com a urgência que as excepcionais e dramáticas circunstâncias demandam o perigo em que se encontra nossa Pátria nesse instante de ser submetida a uma agressão armada direta por parte dos Estados Unidos da América.¹⁴²

A mensagem era assinada por Osvaldo Dorticós e Fidel Castro. O governo cubano renovava a apreensão que ainda pairava sobre a Ilha de que houvesse uma intervenção direta dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, mantinha negociações com os países do campo socialista, prioritariamente a União Soviética. A declaração de que Cuba era socialista e a formação de um partido único, reunindo, inclusive o PSP constituía um sinal de grande relevância para o mundo, em particular para Moscou. A mensagem, entretanto, não apenas condenava a agressão. Muito comum aos diálogos cubanos era o fato de serem propositivos, o que ficou também evidenciado no discurso feito por Che Guevara em Punta del Este, no qual reiterou a disposição de Cuba em continuar discutindo com os Estados Unidos os termos de uma "coexistência pacífica, relações diplomáticas e amistosas" (GUEVARA, in: *Novos Rumos*, 18 a 24/08/1961, Segundo Caderno, p. 3). No comunicado, o governo revolucionário

¹⁴² Telegrama 105. DPo601.03(24) de 28/28/04/1961. p.01. AHMRE Texto original: Excelencias, el gobierno revolucionario de Cuba consciente de la alta responsabilidad que hoy asume ante el pueblo de Cuba y ante todos los pueblos del mundo ha decidido dirigir por vuestro respetable conducto un mensaje especial a los respectivos gobiernos que Vuestras Excelencias representan para denunciar con la urgencia que las excepcionales y dramaticas circunstancias demandan el peligro en que se encuentra nuestra Patria en estos instantes de ser sometida a una agresion armada directa por parte de los Estados Unidos de Norteamerica. Traduzido pelo autor.

afirmava ainda que o povo cubano mantinha a disposição de lutar "até a última gota de sangue" em caso de agressão externa.

O Brasil possuía uma chancelaria no centro de Havana, na Avenida de *los Presidentes* e uma casa, em estilo colonial consideravelmente grande, em bairro afastado (AZAMBUJA, 2011). Os funcionários da Embaixada (Embaixador Plenipotenciário, Segundo e Terceiro Secretários) tinham residências distantes da Chancelaria. Na Embaixada brasileira aumentava o número de asilados:

DPo/922.31(24h)(42) URGENTE

Asilados na Embaixada.

112 - SEGUNDA-FEIRA - 24hs00 - Aditamento ao meu telegrama n. 106. Esta Embaixada foi invada por vinte e uma pessoas que pretendem asilo e que se negam a sair. Como já temos oitenta e um asilados nas duas casas, é matematicamente impossível abrigar mais esse grupo, por carecermos de instalações e possibilidades de alimentar a todos. O Ministério das Relações Exteriores prometeu a concessão de documentos para a saída, esta semana, de um primeiro grupo de quinze. (...)

Devo acrescentar que, neste momento, a quase totalidade das pessoas que nos procuram acham-se vagamente ameaçadas de prisão mas o instituto do asilo está hoje na cabeça de todos os que divergem do regime, inclusive daqueles que simplesmente desejam sair do país sem maiores complicações. Até mesmo a Nunciatura Apostólica foi hoje invadida por duas pessoas que se negaram a sair, fazendo a mesma espécie de chantagem de que estamos sendo vítimas. Além de dois asilos já prometidos para amanhã, não [ilegível]. A partir de hoje, fui obrigado a servir apenas uma refeição diária aos asilados, em face da incapacidade de nossa cozinha e dos racionamentos de vários produtos em Havana. Se continuar a asilar ou abrigar tôdas as pessoas que se intrometem na Embaixada, estarei apenas contribuindo para criar condições para um surto epidêmico ou para uma sublevação entre os próprios asilados, de que já houve alguns sinais.

CARLOS JACYNTHO DE BARROS¹⁴³

A situação crítica preocupava o Encarregado de Negócios na Embaixada. As invasões agora eram às embaixadas, territórios neutros, onde haveria determinada segurança aos que alimentavam a culpa pela participação nos episódios de Praia Girón, ou ainda para quem desejava simplesmente sair do país. O Diplomata desenhava uma situação desesperadora, tanto de segurança quanto de saúde pública. O problema não estava relacionado apenas à Embaixada brasileira, mas a todas as outras. Somavam-se, pelo comunicado, 100 pessoas asiladas no território brasileiro em Cuba.

O nervosismo era intenso em Havana. O Encarregado de negócios, ainda em tom desesperador, enviou novo telegrama ao Itamaraty, em função do número de asilados que procuravam a Embaixada, como meio de fugir aos julgamentos por terem participado das agressões ao próprio país. Relatou Barros:

¹⁴³ Telegrama 112.DPo922.31(24h)(42)de 08/9/05/1961. AHMRE.

Há casos diários de pessoas que pulam o muro da Embaixada e em seguida se recusam obstinadamente a sair, em uma imposição que desvirtua completamente as normas instituídas. Mandeí colocar grades nos pontos mais vulneráveis da Embaixada e acabo de pedir ao Ministério das Relações Exteriores melhor distribuição da guarda policial para proteger os fundos, única maneira de impedir essas invasões. outrossim, estou insistindo junto a este governo para a mais rápida e possível saída de 50 pessoas, que no momento atual gozam de nossa proteção, das quais 20 asilados após a invasão.¹⁴⁴

As notícias sobre invasão à Embaixada eram recorrentes. Em certo sentido, tinham o objetivo de pressionar o governo Jânio Quadros a negociar com o governo de Cuba, ao mesmo tempo que criava uma comoção internacional. Fracassada a invasão, uma alternativa provável era criar uma comoção, por parte dos asilados, para evitar um fortalecimento elevado do governo revolucionário cubano e, conseqüentemente, melhorar as condições de Cuba para negociação em nível internacional. Como se pôde perceber pela informação de "possível saída de 50 pessoas", havia um processo em curso para resolver os casos dos asilados.

O Encarregado de negócios enviou telegrama ao Brasil informando que havia entregue, em mãos do Ministro das Relações Exteriores interino de Cuba, a mensagem do Presidente Jânio Quadros a Dorticós e Fidel Castro:

Acuso o recebimento da mensagem transmitida por Vossas Excelências por intermédio de nossa Embaixada, pelo que retifico nesta oportunidade ao Ilustre Presidente e seu Governo o propósito várias vezes manifestado pelo Brasil de ver respeitado neste Continente o princípio de auto-determinação dos povos e a efetiva soberania de todas as nações. Coincidentemente meu Governo estará sempre pronto a promover quaisquer gestões julgadas úteis para a manutenção do clima de harmonia entre os países de nosso hemisfério em Benefício da paz e da prosperidade nas Américas e no mundo. recebam Vossas Excelências as expressões de meu respeito. Jânio Quadros, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.¹⁴⁵

Jânio havia confirmado a disposição do Brasil em manter os princípios da autodeterminação e soberania dos povos, dizendo-se satisfeito com a disposição de Cuba de, mesmo com a agressão, manter-se interessada em solucionar sua diferença com os Estados Unidos da América.

Em meados do mês de maio, nova correspondência da Embaixada em Havana retomou a questão da situação em Cuba:

Da Embaixada em Havana
Em 15/16/V/1961
DPo./601.3(24h)

¹⁴⁴ Telegrama 106. DPo922.31(42)(24h) de 28/29/04/1961. AHMRE.

¹⁴⁵ Ofício 98/960 de 03/05/1961. AHMRE.

Provável destino dos prisioneiros da invasão de Cuba.

124 - SEGUNDA-FERIA - 20hs00 - Em conversa com o Professor Carlos Rafael Rodrigo, Diretor do jornal comunista "Hoy" e pessoa de grande influência neste Governo, disse-me êle que dividiu em três grupos os prisioneiros capturados na invasão: o 1º grupo - composto de chefes militares e políticos da invasão e de criminosos da época de Batista, que será provavelmente fuzilado. O 2º - integrado, com plena consciência de causa, por pessoas que visavam a reaver seus privilégios antigos, será passível de severa pena de prisão. O 3º - constituído de pessoas frequentemente de boa fé, passível de se recuperar, sofrerá pena leve. Três sacerdotes espanhóis que tomaram parte na invasão, serão mandados de volta à Espanha.

CARLOS JACYNTHO DE BARROS¹⁴⁶

As informações de Jacyntho Barros terão implicações futuras, principalmente no tocante ao caso dos sacerdotes que "tomaram parte na invasão". Conforme a correspondência, a justiça cubana estabeleceu uma escala valorativa por grupos, a partir do grau de participação que as pessoas tiveram na invasão¹⁴⁷. Os sacerdotes, como se observou, foram expulsos de Cuba.

A situação havia acalmado, porém o imperialismo não perdera as esperanças em invadir Cuba novamente. O órgão da contrarrevolução, *Avance*, era utilizado para propaganda de ataques ao governo de Cuba. Os exilados avaliavam que Kennedy tinha planos para ajudá-los a invadir o país e retomar o controle político na ilha:

À vista dos reveses pelas forças do Conselho Revolucionário, a urgência dos planificadores pode parecer rara. Mas os exilados foram alentados pelas declarações do Presidente Kennedy de que os Estados Unidos não abandonariam Cuba aos comunistas. Eles esperam tentar novamente o derrocamento de Castro, talvez com apoio americano mais forte. (*Avance*, 16/06/1961, p. 30)¹⁴⁸

Os exilados cubanos pressionavam a todo momento o governo norte-americano por um golpe contra Fidel Castro. O governo de Cuba, entretanto, possuía um forte apoio popular. Campanhas como a de alfabetização, combinada com medidas que restabeleceram empregos e promoveram a reforma agrária, garantiram a confiança da população no governo

¹⁴⁶ Telegrama 1124. DPo/601.3(24h) de 15/16/05/1961. AHMRE. Mantida a redação original no documento, inclusive o nome de Carlos Rafael Rodriguez.

¹⁴⁷ Os tribunais revolucionários constituíram-se um tema polêmico na história da Revolução Cubana. Os debates têm acontecido de forma ideologizada e descontextualizada, o que tergiversa completamente a argumentação. Sobre os tribunais não encontrei bibliografia. O assunto foi tratado pelos biógrafos dos revolucionários Fidel Castro e Che Guevara. Há menção na entrevista de Frei Betto na obra *Fidel e a Religião*. Não teve relevância para o objeto e objetivo da pesquisa.

¹⁴⁸ Original: A la vista de los reveses sufridos por las fuerzas del Consejo Revolucionario, la urgencia de los planificadores puede parecer rara. Pero los exilados fueron alentados por las declaraciones del Presidente Kennedy de que los EE.UU. no abandonarían a Cuba a los comunistas. Ellos esperan intentar de nuevo el derrocamiento de Castro, tal vez con apoyo americano más fuerte. Tradução do autor.

revolucionário. A avaliação de que Kennedy apoiaria uma nova invasão tinha, porém, consistência.

O novo plano estabelecia algumas etapas. Os governos latino-americanos aproveitaram a oportunidade da derrota norte-americana e passaram a exercer pressão nos Estados Unidos para a realização da Aliança para o Progresso e a liberação de recursos. Nesse sentido, a reunião de Punta del Este ganhou maior importância. Ela definiria os rumos do continente e do sistema interamericano. O objetivo era fazer os Estados Unidos darem uma oferta "generosa" aos países da área, a fim de possibilitar investimentos no desenvolvimento econômico e social. Pelo lado norte-americano, havia a intenção de isolar Cuba e expulsá-la na reunião de agosto, o que não ocorreu.

Em uma demonstração de amizade do Brasil, o Embaixador Barros participou da comemoração do aniversário do Movimento 26 de Julho, ocasião na qual Fidel proferiu discurso de quatro horas e apresentou a decisão política de formar um partido único, afirmando ser esta uma preocupação central do governo cubano. No início de abril, a Indonésia havia enviado telegrama a Cuba, oferecendo seus serviços diplomáticos, como mediadora no diálogo entre Cuba e os Estados Unidos. O aceite de Cuba criou uma situação desconfortável aos governos aliados ao imperialismo, porque entendiam que a decisão cubana levaria a questão para fora do continente americano, o que era desfavorável para os Estados Unidos.

Nesse ínterim, estava sendo organizada a Conferência de Belgrado, por meio de várias rodadas de encontros internacionais, que incluíam negociações anteriores. O governo de Cuba havia emitido comunicado aos diplomatas, informando que iria participar da Conferência dos países neutros no Cairo, como prova de sua independência em relação à União Soviética¹⁴⁹, designando o Ministro Raul Roa como representante cubano na Conferência, que teria dois temas principais: a Paz e a situação dos países subdesenvolvidos¹⁵⁰. A participação de Cuba na Conferência de Belgrado era vista, pelos Estados Unidos, como uma forma do governo revolucionário cubano buscar fortalecimento extracontinental, tanto político quanto econômico. Por outro lado, as relações cubanas com a União Soviética não eram incondicionais, tampouco de confiança absoluta, pois, no jogo bipolar, o país do Caribe fazia parte do tabuleiro das negociações.

¹⁴⁹ Telegrama 123. DPo900.01(00) de 15/16/05/1961. AHMRE.

¹⁵⁰ Telegrama 132. DPo900.01(00) de 26/27/05/1961. AHMRE.

A vitória das forças revolucionárias sobre os mercenários representou para Cuba uma extraordinária projeção mundial. Para os países latino-americanos, o fortalecimento de Cuba no jogo político do continente transformou-se em uma nova moeda de troca para a negociação com os Estados Unidos.

O poder de barganha aumentou com a possibilidade de participação de alguns países na Conferência dos "neutros" em Belgrado (Iugoslávia). O Brasil participava ativamente, via embaixadas, das tentativas de convencer os países latino-americanos a participar da referida Conferência, que ocorreria em setembro de 1961. Por suas dimensões, posição geográfica e riquezas naturais, o Brasil reunia elementos que lhe conferia importância estratégica no jogo de poder internacional, disputando a liderança das negociações político-econômicas junto às nações dominantes, principalmente os Estados Unidos, tendo em vista que uma parcela da burguesia brasileira estava associada às empresas norte-americanas. O nível de empréstimos brasileiros avolumava-se e aumentava a dependência do país do capital norte-americano. Ademais, a influência cultural norte-americana, por imposição dessa mesma burguesia, criava vínculos e identidades de consumo entre a população dos dois países, conforme será abordado no capítulo que se segue.

2 O BRASIL DE JÂNIO QUADROS

No capítulo anterior foi analisada a Revolução cubana no contexto da Guerra Fria, com a transposição para a América do conflito bipolar. Decorreu dessa análise o fato da eleição de Jânio Quadros para a Presidência da República ter se dado no contexto de agravamento da crise política continental. Este capítulo tem o objetivo de dirigir o olhar para o governo Jânio Quadros e a conjuntura interna que o enquadrou.

Jânio Quadros concorreu à presidência da República num país que possuía 65 milhões de católicos, em uma população de 70 milhões, representando, em termos percentuais, mais de 90% do povo¹⁵¹. A família de Quadros se considerava católica apostólica romana. O Brasil de Jânio presidente, porém, já não era mais o mesmo do Jânio vereador, conforme demonstra o quadro:

Quadro 1

Dados comparativos 1950-1961¹⁵²

	Em 1950	1961
População	52,3 milhões	70.191.370
Não sabiam ler e escrever	24 milhões	27.578.971
% católicos	90%	90 %
Capital EUA	285 milhões	722 milhões (1965)
Dívida externa	US\$ 409 milhões	US\$ 1,8 bilhões

O aumento da população nos dez anos compreendidos entre 1950 e 1960 foi, em números absolutos, de 18 milhões de pessoas, montante do qual pouco mais de um terço não sabia ler nem escrever. A maioria desses excluídos do processo educacional formal elementar concentrava-se no Nordeste, região mais pobre do país, onde tiveram mais fôlego as Ligas Camponesas. Os capitais investidos no Brasil, por empresas norte-americanas, haviam dobrado e, em 1965, eram o triplo do que era investido em 1950. A dívida externa alcançou

¹⁵¹ IBGE, Censo 1950 e 1960. Segundo os pesquisadores do Instituto, no quesito religião, quando se tratava de crianças, foi atribuída a religião materna. Não esclarece, no entanto, qual faixa etária é considerada "criança". Caso compreenda os primeiros nove anos de vida, eram 8,5 milhões. Se considerar até os 14 anos, o número de crianças em 1960 sobe para 14 milhões, aproximadamente. Mesmo assim, continuaria considerável o número de católicos. Não consideramos na análise nenhum componente subjetivo sobre os fatores que influenciavam as pessoas na definição da religião.

¹⁵² Os dados sociais foram retirados do Censo-IBGE/1960. Dados econômicos constaram do relatório da CEPAL, 1974. Os dados referentes à confissão religiosa são relevantes em função das investigações sobre os motivos pelos quais Jânio condecorou Che Guevara.

proporções colossais. O grau de dependência do Brasil impedia uma definição soberana sobre os rumos a seguir. Como vimos, os planos econômicos reproduziam as orientações do FMI.

Vivia-se sob a égide de um sistema jurídico liberal da nova Carta Magna de 1946, que restabelecera um regime democrático representativo que, contraditoriamente, negou o direito de voto ao analfabeto, cassou o registro do Partido Comunista e permitiu a aprovação da Lei de Segurança Nacional¹⁵³. Nesse sistema, por 15 anos uma aliança de classe manteve no poder representantes da oligarquia agrária e dos trabalhadores urbanos. Foi com Jânio Quadros que a burguesia urbana industrial e a ala liberal dos militares, suspendendo momentaneamente as pretéritas práticas golpistas, conseguiram vencer uma eleição presidencial¹⁵⁴. Não conseguiram, porém, todo o poder político.

A expansão capitalista, por sua vez, criava suas próprias contradições. Cresciam os movimentos de esquerda, impulsionados pelo prestígio da União Soviética em função do acentuado avanço tecnológico, pela vitória da Revolução chinesa, pelas lutas de libertação na Ásia e na África e pela vitória da Revolução Cubana.

O triunfo guerrilheiro em Cuba havia reaberto a discussão no seio da esquerda latino-americana sobre "reforma ou revolução"¹⁵⁵. Fidel Castro e Che Guevara haviam virado símbolos de liberdade na América Latina e no Brasil, em particular. Em crítica à paralisia dos partidos comunistas, Che Guevara afirmava que "ficam esperando sentados que, de forma mecânica, todas as condições objetivas e subjetivas reunidas, sem se preocupar em acelerá-las" (GUEVARA, 2011, p.82).

O governo ambíguo de Jânio Quadros aproximou-se dos países socialistas na política exterior, ao mesmo tempo em que adotou medidas econômicas liberais, consideradas de direita. Jânio enfrentou a oposição do mentor político de sua candidatura: Carlos Lacerda, principalmente em relação à Política Externa Independente. Os movimentos operário e rural

¹⁵³ Lei 1.802, de 5 de janeiro de 1953. Define os crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social, e dá outras providências. DO 07/01/1953.

¹⁵⁴ Lemos (2014) identificou ainda que Jânio oportunizou-se da uma situação de "crise orgânica do regime", tal como previra Gramsci, uma "crise de representação".

¹⁵⁵ Esse debate sempre foi muito acirrado no campo da esquerda. Quem melhor sistematizou essa disputa teórico-prática, ainda no início do século XX, foi Rosa Luxemburgo, cuja obra *Reforma ou Revolução* tornou-se uma referência para a militância revolucionária. Rosa era judia e comunista. Nasceu no sudeste da Polônia, em Zamosc e aos 17 anos entrou para o Partido Socialista Revolucionário Proletário. Na obra de combate ao revisionismo da revolução socialista, Rosa abordou os aspectos contraditórios das ideias reformistas, delimitando o espaço da social-democracia como não revolucionária. Ver: LUXEMBURGO, 2010. No Brasil do pós-Segunda Guerra, tem significativo destaque a obra PRADO Jr., 1977. Vale destacar que a 1ª edição da obra de Caio Prado datou de 1966, portanto no calor da resistência à ditadura. A revolução era um processo tão popularizado e esperado que a burguesia e os militares se apropriaram do termo quando deram o golpe e tomaram o poder em 1º de abril de 1964 (1977, p. 22).

cresciam e cobravam do presidente as promessas de campanha: acabar com a fome e com a miséria.

A política externa do Brasil contra a intervenção em Cuba e a favor do reatamento com países socialistas, associada ao liberalismo econômico em favor do capital monopolista proporcionou a ideia de contradição no governo, retratada pelo fotógrafo Erno Schneider em Uruguaiana, no encontro entre Jânio Quadros e Arturo Frondizi:

Figura 6 - Jânio em duas direções



Fonte: Arquivo do Senado Federal.

Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/>>, acesso em 15/04/2016.

Schneider ganhou o Prêmio Esso de fotografia¹⁵⁶ e Jânio entrou para a história como o político que agia em duas direções. Uma política endógena considerada de direita, conservadora, contrastando com uma política exterior "independente", considerada de esquerda.

¹⁵⁶ A foto foi captada na ponte que Uruguaiana (Brasil) a Libres (Argentina), em 21 de abril de 1961. O fotógrafo, em entrevista ao programa *Fantástico*, afirmou que "Enquanto o Jânio ia encontrar o Frondizi na ponte, no meio da ponte, ele resolveu ir a pé. E tava andando, eu acompanhando ele do lado. De repente, deu um tumulto. Um tumulto muito grande. O Jânio levou um susto e se virou. Na hora, eu vi que ele tava todo estranho, todo torto. Eu senti que tinha uma foto diferente. Aí, eu dei um clique. Foi um só também". Ver: "Jânio: uma foto que interpretou a história". Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/08/25/janio-uma-foto-que-interpretou-a-historia>>, acesso em 15/04/2016.

2.1 A herança nacional-desenvolvimentista

O suicídio de Vargas desencadeou uma crise sem precedentes. Uma intervenção do Marechal Lott, com as forças legalistas do Exército, garantiu que não se antecipasse 1964. Sob a proteção das Armas, a população foi às urnas em 1955 e elegeu Juscelino Kubitschek e João Goulart, para Presidente e Vice, respectivamente. O mineiro alcançou pouco mais de três milhões de votos, apenas 400 mil a mais que o segundo colocado, Juarez Távara¹⁵⁷ que, por sua vez, teve a mesma diferença em relação ao terceiro colocado: Ademar de Barros¹⁵⁸. Este último amargou a mesma posição na eleição seguinte.

Um pacto de classes¹⁵⁹ foi selado para a manutenção do ciclo industrializante e as conquistas dos trabalhadores das cidades, mesmo conscientes das desigualdades na área rural. A coligação do Partido Social Democrático (ver HIPOLITO, 1985) com o Partido Trabalhista Brasileiro (ver GOMES, 2002), além de representar uma aliança classista, contou também com o apoio dos militares nacionalistas (BENEVIDES, 1979, p.199). O PCB, cujo líder era Luiz Carlos Prestes, relutou para apoiar Kubitschek. A tendência do Partido Comunista era a de pedir o voto em branco, em função da crise após o suicídio de Vargas. Após reavaliarem, passaram a apoiar Juscelino, com o entusiasmo da possibilidade de voltar a atuar fora da clandestinidade. No último comício de campanha, uma faixa foi estendida dizendo "Legalidade para o PC" (PRESTES, in: MORAES, 1982, p.138).

Juscelino foi eleito sob uma coalizão de seis partidos, PTB/PSD/PRT/PR/PTN/PST, enquanto Távara representava a UDN/PSB/PDC/PL e Barros era o candidato do PSP. O PCB apoiou a Chapa "Ju/Ju", como tática para manter sua aproximação com os trabalhadores das fábricas, cujos sindicatos eram hegemonicamente ligados a João Goulart (MONIZ BANDEIRA, 2001). O fato marcante do pleito de 1955 foi a votação do vice-presidente, na mesma aliança de Juscelino. O ex-Ministro do Trabalho de Vargas, João Belchior Marques

¹⁵⁷ Juarez do Nascimento Fernandes Távara (1898-1975). Nasceu no Ceará e fez Escola Militar de Realengo no Rio de Janeiro. Chegou a General do Exército. Foi diretor da ESG em 1952 e vice-presidente do Clube Militar em 1954. Perdeu as eleições pela UDN, em 1955. Elegeu-se Deputado Federal pelo PDC da Guanabara em 1962. CPDOC-FGV.

¹⁵⁸ Ademar de Barros (1901-1969), paulista, ingressou no Partido Republicano Paulista para as eleições de 1934. Em 1947 foi eleito governador de São Paulo. Seu sucessor foi Jânio Quadros, desfechando uma campanha de desmoralização de Ademar, o que resultou em pena de reclusão definida pelo Tribunal de Justiça paulista, conseguindo *Habeas Corpus* do STF. Tornou-se adversário feroz de Jânio Quadros. CPDOC-FGV.

¹⁵⁹ Termo utilizado por Benevides (1981).

Goulart, alcançou votação tão expressiva, com 3,51 milhões de votos (dados do TSE), que superou os votos do próprio candidato a presidente.

A posse de Juscelino, entretanto, não ocorreu com tranquilidade. Os militares golpistas que tentaram tomar o poder após a morte de Getúlio, fizeram nova investida. Oficiais da Força Aérea Brasileira, sob comando do major Veloso, voaram para Jacareacanga, onde pensavam montar um núcleo de resistência e depor o presidente. Mais uma vez, a ação do governo impediu que o grupo lograsse êxito (PRESTES, in: MORAES, 1982, p.138)¹⁶⁰.

Os "cinquenta anos em cinco" de Kubitschek alavancariam o desenvolvimento de alguns setores industriais e deixou, como maior legado, a construção de Brasília. Os anos JK tornar-se-iam decisivos (PRESTES, in: MORAES, 1982, p.138) para uma mudança em nível de desenvolvimento estratégico da indústria brasileira, com reforço ao capital internacional e crescimento acentuado da dívida externa. O governo JK foi também de grandes contradições, próprias do desenvolvimento capitalista, como afirmou Mattos:

O salário mínimo, que nos primeiros anos do governo JK atingiria o mais alto patamar de sua história, chegava em queda a 1960, com valor próximo ao de 1954, e cairia ainda mais nos anos seguintes. A principal causa das perdas salariais era a inflação decorrente do aumento das emissões e do endividamento do Estado (interno e externo) necessário à sustentação dos altos investimentos públicos previstos pelo "Plano de Metas" do governo Juscelino. A taxa anual de inflação, que em 1955 era de 19,1%, em 1959 atingiu 52,1%. Nos anos seguintes, apesar de uma pequena queda em 1960, a taxa inflacionária continuaria a subir, atingindo 79% em 1963. Os dados da época demonstram também que crescimento econômico e superação das desigualdades sociais não eram sinônimos, pois em 1960 os 70% mais pobres da população brasileira detinham 20% da renda nacional, contra os 40% apropriados pelos 6% mais ricos da população. (MATTOS, p. 56)

O quadro extremamente contraditório, com aumento inflacionário e crise foi reforçado pelo crescimento acelerado da população, sem o devido atendimento de sua demanda. Isto porque a um crescimento de 3% ao ano e com um investimento concentrado na indústria pesada de aço, petróleo e gêneros não alimentícios (FURTADO, 1978), a escassez de comida na mesa do trabalhador tornou-se uma constante. A crise acentuou-se, dentre outros fatores, em virtude do quadro de endividamento brasileiro, que subiu cerca de 37% e assumiu valores de US\$ 3.738 milhões no final de 1960, o que manteve o padrão dependente imposto pela burguesia capitalista subordinada aos interesses externos.

Não era, entretanto, um governo descolado das questões mundiais. Nenhum, aliás, na América Latina o era. Conforme afirmou Bojunga:

¹⁶⁰ Luiz Carlos Prestes, que havia liderado a maior marcha que levou seu nome, a "Coluna Prestes", listou dez crises militares pelas quais passou o governo Juscelino. Estiveram envolvidos: Almirante Pena Boto e o Almirante Silvio Heck (loc. cit.)

Havia no Brasil a convicção de que nenhum outro país latino-americano prestara aos EUA solidariedade comparável ao Brasil, tanto na guerra quanto nas conferências de mobilização do apoio continental. As visitas de Truman ao Brasil e de Dutra aos Estados Unidos haviam acentuado o comprometimento brasileiro com a Guerra Fria. Os interesses geopolíticos americanos coincidiam com o empenho da elite brasileira em domesticar a agitação sindical e deter a ascensão do Partido Comunista. Mas a expectativa de uma "relação especial" com Washington, que manteve viva durante algum tempo a ilusão de uma continuação da aliança dos tempos da guerra, preparou mal os políticos brasileiros para o atendimento muito parcial e insatisfatório das nossas reivindicações. (2001, p. 212)

Como observado, após a Segunda Guerra Mundial, a forma de inserção do Brasil no mercado econômico internacional agravava cada vez mais o grau de dependência econômica em relação aos países de capitalismo avançado. A política externa norte-americana, por sua vez, nos anos imediatamente posteriores, foi confirmando a tendência imperialista de busca da hegemonia mundial (PECEQUILO, 2005). A Guerra Fria garantiu aos Estados Unidos confirmarem-se como o centro do capitalismo mundial à base de intervenções militares e operações secretas.

Do ponto de vista político-partidário, Juscelino teve sua origem nos quadros do PSD. O partido era o que mantinha a maior representação no parlamento nas eleições, o que fez muitos de seus membros dizerem que era "bom de voto". Formado de "raposas e reformistas", o PSD era o típico partido político do "sistema" (HIPOLITO, 1985), como Juscelino comprovou ao dizer: "Quando um chefe municipal me procurava, fazia uma barganha política: trocava um delegado por uma ponte ou três funcionários por um posto de saúde" (KUBITSCHKEK, *apud* BOJUNGA, 2001, p.208). Até a UDN, partido à direita, caía nas sedução políticas daquele que inauguraria a nova Capital Federal. Juscelino, assim, reunia qualidades de político de tal forma que era considerado um mestre em cooptar a oposição (BOJUNGA, 2001).

O malabarismo político do criador do termo "desenvolvimentismo"¹⁶¹ fez com que Kubitschek conseguisse aliar otimismo e tolerância, construindo o ambiente democrático para sua estabilidade política, dentro dos "limites óbvios de uma democracia de elites, com forte tradição oligárquica, militarista e mesmo golpista" (BENEVIDES, 1991, p. 9).

Os dois primeiros anos de mandato de Juscelino coincidiram com o mandato de Jânio Quadros no governo do Estado de São Paulo. Quadros impunha ao governo um ritmo de "austeridade" fiscal, aproximando-se dos industriais do café (GONÇALVES, in: FREIXO, 2016) e abrindo processo contra seu antecessor, Adhemar de Barros, acusando-o de crime

¹⁶¹ Segundo Benevides (1991, p. 9), JK "consagrou, definitivamente o vocábulo 'desenvolvimentismo', como já salientou o escritor Antonio Callado. Antes de JK falava-se em 'fomento' e em 'fomentar o desenvolvimento'". Para uma discussão sobre o desenvolvimento como ideologia no período JK-JQ, ver CARDOSO, 1978.

contra o erário público. Jânio havia apoiado o adversário de Juscelino, o general Juarez Távora, candidato a presidente pela UDN, considerado da extrema direita.

O desenvolvimentismo que Juscelino empregaria à economia brasileira representaria, numa determinada perspectiva, uma ruptura do pacto de classe iniciado por Getúlio, permitindo que a burguesia industrial assumisse o controle do capitalismo. No meio da classe dominante, os debates giravam em torno da permissão ou não da entrada do capital estrangeiro e da remessa de lucros ao exterior. Os mais à direita defendiam a abertura completa ao capital às multinacionais, enquanto uma parte ainda vislumbrava a soberania da economia nacional. Nesse sentido, Kubitschek criou um Conselho de Desenvolvimento para elaborações da política econômica e aconselhamento do governo Juscelino, tendo também no ISEB¹⁶² um potencial formulador de políticas que influenciou ideologicamente na constituição do Plano de Metas estabelecido pelo presidente (BENEVIDES, 1979, p. 207).

A principal caracterização que pode ser feita sobre o governo Kubitschek aponta para uma acelerada industrialização, em todos os ramos industriais, com destaque para a indústria pesada, "sob a égide das multinacionais" (SINGER, 1984, p.226). Foi no período do nacional-desenvolvimentismo que houve a inversão do capital estatal com o capital multinacional. Enquanto no período de Vargas, o investimento na indústria era realizado com subsídio estatal, no governo Kubitschek ele foi realizado sobretudo com capital multinacional. A história comprovaria que saíam vencedores os defensores da abertura ao capital estrangeiro (SINGER, 1984, p.226).

A obra mais perene, a construção de Brasília, teria dois resultados antagônicos. O primeiro, a integração regional, impulsionando ainda as indústrias de transportes, petróleo, borracha, enfim todas aquelas a ela associadas e o comércio. O outro foram as conturbadas denúncias de corrupção, principalmente na NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital), empresa contratada para os serviços de construção e urbanização de Brasília.

Enquanto a industrialização alavancava o desenvolvimento capitalista, assegurando à burguesia industrial e ao mercado financeiro exploração de mais-valia e acumulação de capital, duas questões mantiveram-se latentes: a elevada miséria da população, principalmente no Nordeste, e os rumos a serem dados à política externa.

O Nordeste brasileiro vivia uma das piores secas dos últimos tempos. A miséria em que vivia o povo nordestino tornava inexplicável a quantidade de recursos gastos para erguer

¹⁶² O Instituto Superior de Estudos Brasileiros - ISEB foi criado pelo Decreto nº 37.608, de 14 de julho de 1955, como órgão do Ministério da Educação e Cultura. Entre seus principais intelectuais estiveram Helio Jaguaribe (1923- atual), Guerreiro Ramos (1915-1982) e Nelson Werneck Sodré (1911-1999).

Brasília no meio de um vazio no Planalto Central. Com a justificativa de geração de empregos, as obras de Brasília continuavam, com mão de obra nordestina, ao mesmo tempo que, no Nordeste, a fome e miséria aumentavam. O próprio Juscelino confessou:

Chegavam notícias inquietadoras. Em Pernambuco, no Ceará, o comércio fechara as portas, temeroso que tivesse início a pilhagem. Nas ruas da cidade, dez mil flagelados vagueavam, pedindo água e pão. O que ocorria no Ceará reproduzia-se no Rio Grande do Norte, na Paraíba, no Piauí e no interior de Pernambuco. Havia fome e desespero por toda parte. Finalmente, o dia de São José chegara sem chuvas. A impassibilidade da natureza era um aviso. (JK, in BOJUNGA, p. 517)

O desespero de pessoas famintas comprovava o extremo atraso do capitalismo no Brasil e a existência de um país de contrastes assustadores. A construção do açude de Orós mitigaria a situação, mas não a resolveria, como previu Celso Furtado. Somente em 1959, seria criada a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que ficaria responsável pela elaboração de políticas para a região.

Com relação à política externa, Kubitschek esforçava-se por manter relações de amizade com os Estados Unidos, principal credor e sede das principais empresas que exploravam o trabalho brasileiro. Ao assumir, visitou os Estados Unidos e tentou um acordo com Eisenhower. O Presidente norte-americano fez duas exigências a Kubitschek: a primeira que entregasse o petróleo às empresas norte-americanas; a segunda que aumentasse a segurança em relação à "infiltração comunista". Kubitschek disse que a Lei que criou a Petrobrás não poderia ser modificada, pois já estava pacificada como patrimônio nacional. Em relação ao comunismo, acreditava não ser preocupante o perigo que a paranoia norte-americana apontava (MONIZ BANDEIRA, 1978, pp. 374-375). A saída brasileira foi buscar capitais na Europa, que pretendia expandir seu mercado para América Latina, competindo com os Estados Unidos, que lhe eram credores do *Plano Marshall*.

O avanço das forças progressistas na América Latina preocupava o imperialismo. Em Cuba, os guerrilheiros de *Sierra Maestra* ocupavam posições vantajosas e preparavam-se para o desfecho final, na luta contra a ditadura de Batista. "O Governo dos Estados Unidos tratava os países da América Latina como um rebanho submisso" (MONIZ BANDEIRA, 1978, p.377), o que acarretava problemas nas relações internacionais entre os norte-americanos e parte dos países do continente. Em 1958, o imperialismo sentiu o clamor da América Latina, na visita que o Vice-Presidente Nixon fez por alguns países do Sul.

Ao passar pelo Peru, Argentina e Venezuela, Nixon recebeu a resposta da violência com que o imperialismo tratava a população. Na Venezuela, as manifestações anti-

imperialistas foram tão significativas que obrigou o governo venezuelano a colocar tanques nas ruas, para garantir a segurança de Nixon (MONIZ BANDEIRA, 1978, p. 378). *O Estado de São Paulo* publicou em primeira página: "apedrejado em lima o Vice-presidente Nixon" (*O Estado de São Paulo*, 10/05/1958, p. 1). Os estudantes fizeram barricadas e impediam a passagem do norte-americano.

A imprensa pró-imperialista alertou Washington de que o sentimento anti-norte-americano aumentava consideravelmente. Dentre os motivos que levaram à hostilização de Nixon, o periódico paulista informou que os Estados Unidos haviam diminuído as trocas comerciais com países como Peru, Argentina e Uruguai, ao mesmo tempo em que aumentava o fornecimento, por exemplo, de algodão para a França. O jornal assegurou que

Este é o dilema em que se encontram os Estados Unidos, como o maior país credor do mundo, já que constituem ao mesmo tempo um dos maiores produtores de excedentes agrícolas. O esforço para exportar estes excedentes provoca exigências que entram em contradição com os interesses do país como credor. A impopularidade que resulta da política dos Estados Unidos, seja como credor seja como fonte de empréstimos, causou em parte o que aconteceu ao sr. Nixon durante sua viagem à América do Sul. (*O Estado de São Paulo*, 10/05/1958, p. 1)

Os setores burgueses operavam com trocas comerciais e financeiras. Para os editorialistas, a passagem desastrosa de Nixon pela América do Sul devia-se à mudança de orientação da política externa norte-americana, que privilegiava a Europa em detrimento do "sistema americano". Soou um pouco como chantagem da imprensa, a fim de convencer os Estados Unidos de que a política externa que estava sendo adotada não era de bom grado para os capitalistas brasileiros, que se viam excluídos do sistema de trocas internacionais.

O Presidente Juscelino enviou, então, uma carta ao Presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, em solidariedade às hostilidades sofridas por Nixon e propõe uma reorganização do sistema interamericano:

Senhor Presidente,
Venho levar a Vossa Excelência, em nome do povo brasileiro e meu próprio, a expressão de solidariedade e estima que se impõe em face das agressões e dissabores sofridos pelo Vice- Presidente Nixon, na sua recente viagem aos países latino-americanos.
A reação que se seguiu aos atos reprováveis contra a pessoa do bravo e se Senhor Nixon, por parte dos Governos e da opinião pública das próprias nações que foram teatro de tão lamentáveis ocorrências, prova que partiram as referidas manifestações de simples minoria. (Carta de JK, 28/05/1958, in: GARCIA, 2008, p. 489)

Juscelino ressentia-se pelas "agressões e dissabores" porque passava Nixon em sua viagem pela América do Sul. Amparado pelas notícias veiculadas na imprensa burguesa,

Juscelino disse ao presidente norte-americano que a "opinião pública" não concordava com o ocorrido, que seria obra de "simples minoria".

Obviamente, um ofício diplomático para uma proposição de projeção acentuada não poderia ser diferente. Afinal, o documento também cairia em domínio público, o que elevaria a popularidade de Juscelino, além de aproximar os setores mais à direita. A CIA certamente estava monitorando os movimentos sociais latino-americanos e tinha informações suficientes para que o Presidente dos Estados Unidos tirasse suas próprias conclusões¹⁶³.

Como solução para o "anti-americanismo", Juscelino propunha uma ação que pudesse comprovar a unidade do "pan-americanismo":

Neste momento em que escrevo a Vossa Excelência, não tenho outro intento que o de levar-lhe a minha convicção de que algo necessita ser feito para recompor a face da unidade continental. Não tenho plano detalhado para esse objetivo, mas idéias que, posteriormente, poderei expor a Vossa Excelência, se a ocasião se apresentar.

Permita-me Vossa Excelência, que lhe adiante, porém, que a hora soou de revermos fundamentalmente a política de entendimento deste hemisfério procedermos a um exame do que se está fazendo em favor dos ideais pan-americanos em todas as suas implicações. Estaremos todos - nos é a hora de perguntar - agindo no sentido de se estabelecer a ligação indestrutível de sentimentos e interesses que a conjuntura grave aconselha e recomenda?

Soldado que conduziu a democracia à vitória, homem de Estado e experimentado e, mais do que isso, homem sensível à verdade, Vossa Excelência estará em condições, como nenhum outro, de apreciar a gravidade da pergunta que lhe formulo, na intenção exclusiva de delimitar, para logo depois extinguir, uma série de incompreensões que, neste momento, são facilmente sanáveis - mas que podem crescer, se não lhes dermos a devida atenção.

As contrariedades suportadas pelo Vice- Presidente Nixon devem ser utilizadas em favor de uma nobre tarefa, no sentido de criarmos algo profundo e duradouro em prol de nosso destino comum. (Carta de JK, In: GARCIA, 2008, pp.489-490)

Lançavam-se as bases fundamentais da Operação Pan-Americana (OPA). A proposta era a tentativa de resgate da "unidade pan-americana", atingida pelo apedrejamento de Nixon em plena capital do Peru, país que era considerado amigo dos Estados Unidos. Apelou o mineiro para a dramaticidade, atribuindo ao General norte-americano os louros do "soldado que conduziu a democracia à vitória" numa alusão à participação de Eisenhower no Comando das forças estadunidenses na Europa a partir de 1942. Ao final, Kubitschek outorgou ao presidente o comando da reorganização do pan-americanismo, "no sentido de criarmos algo profundo e duradouro" para os povos da América. Juscelino estenderia a mão ao imperialismo, num gesto de submissão e amizade, esperando que a outra trouxesse os recursos necessários para conclusão do Plano de Metas.

¹⁶³ Sobre o monitoramento da CIA em relação a JK, durante e depois de seu mandato presidencial, ver; PORTO, 2006. Uma análise política sobre as relações estabelecidas por Brasil e Estados Unidos, ver MONIZ BANDEIRA, 1978.

O responsável pelas articulações da Operação Pan-Americana, pessoa de confiança de Juscelino Kubitschek, era Augusto Frederico Schmidt. Ele havia conhecido Juscelino por intermédio de Paulo Bittencourt, dono do *Correio da Manhã*¹⁶⁴. O assessor pessoal de Juscelino queixara-se várias vezes de não ser bem recebido em Washington e das promessas não passarem de meras e evasivas retóricas. Em artigo publicado n'*O Globo* na semana de abertura da Conferência que lançaria a Aliança Para o Progresso, Schmidt escreveu:

Diante dos povos do Continente, o nosso País cedeu a bandeira que levantara em hora heróica, quando um *muro de silêncio* [grifo original] nos cercava, quando o mesmo preclaro e digno Sr. Douglas Dillon não tinha tempo em Washington para receber o chefe da delegação brasileira e o subsecretário Mann achava e afirmava (embora ficasse eu sabendo em Bogotá que Mann obedecia a contragosto ao seu Governo) que a simples fundação do Banco Interamericano, com seu reduzido poder operacional, satisfazia a tôdas as nossas necessidades o que a participação dos Estados Unidos nesse banco era tudo o que os nossos amigos americanos podiam fazer para minorar a grave situação dêste Hemisfério. Nessa hora aceitamos nós brasileiros o risco de enfrentar o próprio ridículo. Encontramos dentro do País as maiores resistências. Falar com franqueza aos norte-americanos (mas sempre num interêsse comum) parecia um crime aos que passaram hoje a achar insuficiente tôda a demonstração de hostilidade aos nossos tradicionais aliados. A carta escrita a Eisenhower, em meados de 1958, por Juscelino Kubitschek, pareceu até demência, pela ousadia em quebrar velhos preconceitos. (SCHMIDT. In: *O Globo*, 08/08/1961, p. 02)

No artigo, publicado três anos depois da carta de Juscelino a Eisenhower, Schmidt revelava o tratamento que lhe dispensavam os assessores do presidente norte-americano. A menção ao nome de Dillon¹⁶⁵, no momento em que ele estava em Punta del Este e havia passado pelo Brasil para entrevistar-se com Jânio Quadros, pode ter soado como uma provocação.

A forma como os atores envolvidos comportavam-se no curso dos acontecimentos soava, por vezes, como chantagem para adquirir certos apoios ou ajuda financeira. O presidente Eisenhower fez duas exigências pontuais ao governo brasileiro: entregar o petróleo às empresas norte-americanas e contribuir com o monitoramento da "infiltração comunista" na América a fim de conter o "perigo vermelho" (MONIZ BANDEIRA, entrevista, 2016). Sobre a primeira, já vimos anteriormente, Juscelino não possuía condições políticas internamente para atender. Ele acedeu em colher informações sobre os movimentos de esquerda que tivessem "inspiração comunista", esperançoso de que seria suficiente para melhorar as relações com os Estados Unidos.

¹⁶⁴ Informações disponíveis no verbete "Augusto Frederico Schmidt" do CPDOC-FGV/RJ.

¹⁶⁵ Subsecretário de Estado para Assuntos Econômicos (EUA) com Eisenhower e Secretário do Tesouro dos EUA no mandato de Kennedy.

A ideia principal era a da "segurança hemisférica", ou seja, incluir no "sistema interamericano" a preocupação permanente com a contenção da "ameaça comunista". Essa visão resgatou, em parte, a Doutrina Truman, no sentido de que a miséria e a pobreza serviriam aos interesses de ideologias extracontinentais. Sendo assim, a relação dialética entre segurança hemisférica e desenvolvimento econômico seria indissociável, orientando, a partir de então, a política externa brasileira. Quando Kennedy reuniu, em Washington, duas centenas de diplomatas para encaminhar sua mensagem de aliança para o progresso, ele citou a Operação Pan-Americana como o embrião de seu plano para a América Latina.

O governo Kubitschek foi muito bom para os industriais que acumularam riqueza, às custas dos planos desenvolvimentistas. O setor crescia à média de 10 a 11% (MONIZ BANDEIRA, 1978, p.391). O período econômico de expansão do capital teve início com Juscelino e seu "Plano de Metas", conforme afirmou Singer:

Pode-se dizer que o capitalismo monopolista, que antes de 1930 só existia nos serviços de infra-estrutura, lança raízes no Brasil entre 1933 e 1955 para passar a *dominar* [grifo do original] o processo de industrialização a partir de 1956. O capital monopolista continua sendo, em sua maior parte, multinacional ou estatal, mas alguns grupos privados brasileiros, em reamos como o da fabricação de máquinas, papel e metalurgia, começam a se transformar também em capitais monopolistas por essa época. (SINGER, 1984, p.228)

Os estudos de Singer demonstraram que o crescimento econômico brasileiro encontrou no período Kubitschek seu novo ciclo expansionista, com características monopolistas e multinacional. O grupo Rockefeller foi um dos que mais cresceu, adquirindo fazendas e constituindo empresas como a Sementes Agrocere S.A. (MONIZ BANDEIRA, 1978, p.393) Em contrapartida, acirrou a luta de classes, aumentando o número de greves no período, em função do arrocho salarial. Em 1958, foi editada a Lei do socorro aos flagelados da seca do Nordeste.

As negociações com o FMI permitiram a liberação de recursos na ordem U\$112,5 milhões. Os planos de estabilização econômica, sob o comando do Ministro da Fazenda José Maria Alkmin, não surtiram efeito desejado. Seguiu-se, como consequência do desastre econômico, a queda do Ministro, sendo substituído por Lucas Lopes, então presidente do BNDE, cargo que assumiria Roberto Campos. Com a modificação, a nova equipe econômica de Kubitschek atendeu aos ditames do FMI (BENEVIDES, 1979, p. 280).

O capitalismo brasileiro teve seu desenvolvimento tardio¹⁶⁶, cujo surto industrial mais significativo foi durante a década de 1950, nos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, com uma vantagem para esse último. A forma dependente¹⁶⁷ de inserção do Brasil na economia mundial assemelhava-se à lógica colonialista, com a nova denominação de "desenvolvido *versus* subdesenvolvido" ou ainda "Primeiro e Terceiro Mundo"¹⁶⁸.

O ciclo industrializante porque passou o Brasil, no período em que emergiu o nome de Jânio Quadros, manteve as estruturas rurais, com relativa ampliação do latifúndio (SANTOS, 1994). O modelo concentrador do capitalismo brasileiro beneficiou os estados do Sudeste e do Sul, com destaque para a indústria de São Paulo. A expansão econômica fez aumentar os fluxos migratórios para as áreas industrializadas, impulsionando o processo de urbanização, cuja ocupação do solo aconteceu de forma desordenada e acelerada. Em aliança com a burguesia industrial e bancária, alguns governos locais deixaram de investir em infraestrutura, alocando a população migrante nos morros, periferias ou regiões afastadas da cidade.

A chamada "segurança hemisférica" por meio da Operação Pan-Americana seria a garantia de que essa expansão capitalista não teria obstáculos, muito menos paralisias, com o crescimento dos movimentos revolucionários.

Nesse contexto de acirramento da luta de classes, despontava uma personalidade diferente, construída em antagonismo aos tradicionais parâmetros políticos: Jânio Quadros.

2.2 Jânio vem aí... A vassoura meteórica

*Varre, varre, varre vassourinha!
Varre, varre a bandalheira!
Que o povo já tá cansado
De sofrer dessa maneira(...)
Vamos vencer com Jânio!*
Jingle de campanha de Jânio Quadros (1960)

Um verdadeiro fenômeno político tomou conta do Brasil na virada dos anos 1950 para 1960: Jânio da Silva Quadros. Os métodos de propaganda por ele utilizados pareciam decifrar as angústias da população e traduzir no "anticandidato" a mensagem de revolta que o povo

¹⁶⁶ Sobre o desenvolvimento tardio do capitalismo brasileiro ver SINGER, In: FAUSTO, 1984, p. 209-245. Para uma visão histórica ver PRADO Jr., 1978.

¹⁶⁷ Para uma análise crítica da Teoria da Dependência ver MARINI, 2008.

¹⁶⁸ Mais à frente será apresentada a terminologia associada ao Movimento dos Não-Alinhados.

tinha engasgada. O estilo de Jânio, visto por uma ótica cinematográfica, permitiu que alguns analistas o comparassem à personagem *Jeca Tatu*¹⁶⁹, interpretado por Mazzaropi. Aproveitando-se da conjuntura adversa então vivida, Jânio Quadros e sua equipe souberam unir moralismo e revolução num símbolo da simplicidade do povo brasileiro: a vassoura. Como disse um dos maiores entusiastas de Jânio Quadros, o assessor desconhecido, Coronel Plínio de Moura, "a vassoura não foi um símbolo pré fabricado em laboratório ou nas mesas de engenharia ou na Sorbone (...). Foi um rasgo de entusiasmo de um popular. E estourou. Hoje por nada do mundo Jânio se desfaria dela, como símbolo" (MOURA, 1960, p.47).

Figura 7 - Varre varre vassourinha



Fonte: domínio público

<<http://historiaporimagem.blogspot.com.br/2011/10/o-presidente-janio-quadros-condecorando.html>>, acesso em 10/02/2016.

A utilização da fotografia como fonte contribuiu para a superação da primazia do texto verbal, operando "uma transformação da ótica tradicional da história" (CARDOSO E MAUAD, 1997, p.569). Jânio Quadros segurando uma vassoura, objeto popular, ao lado de correligionários, com um sorriso no rosto e olhar enviesado¹⁷⁰, tentava passar a mensagem de que ali estava o homem que limparia a sujeira da corrupção. Por outro lado, permitia uma interpretação de que estaria limpando o caminho para a chegada de um novo estado de exceção (BENEVIDES, 1989).

¹⁶⁹ Personagem criada pelo escritor Monteiro Lobato na obra *Urupês*, no início do século XX. *Jeca Tatu* era morador do Vale do Paraíba-SP.

¹⁷⁰ Jânio ficara quase cego do olho direito por conta de um lança-perfume num baile de carnaval (MARKUN, 2011, p. 32).

Matogrossense de família de poder aquisitivo considerável, tradicional nos costumes, conservadora na ideologia, Jânio Quadros destacou-se na política rapidamente, assumindo mandato de vereador (pelo PDC), em 1948, devido à vacância imposta a parlamentar do PCB, que teve o registro cassado pelo governo de Eurico Gaspar Dutra.

A trajetória política de Jânio Quadros foi meteórica, elegendo-se seguidas vezes até a presidência. Desde 1947, quando foi suplente de vereador¹⁷¹, Jânio revezava eleições para o parlamento e para a chefia do Executivo. Vejamos o quadro:

Quadro 02

Trajetória política de Janio Quadros				
Eleição	Períodos	Mandatos		
1947	1948-1951	Vereador Assume c/ cassação do PCB	PDC	1707 votos
1950	1951-1953	Deputado Estadual Mais votado	PDC	17.840 votos
1952	1953-1955	Prefeito	PDC/PSB (285 mil votos)	"tostão contra o milhão"
1954	1955-1959	Governador	PTN/PSB (660 mil x 641)	derrotou Adhemar por 1%
1958	1959-1961	Deputado Federal	PTN pelo Paraná	Não foi às Sessões
1960	1961	Presidente	PTN/UDN/PDC/PR/PL	5,6 milhões de votos

Fonte: Pesquisas realizadas pelo autor.

Jânio Quadros foi eleito Deputado Estadual por São Paulo ainda pelo PDC, cumprindo mandato durante os dois primeiros anos, 1951 e 1952, para logo saltar à cadeira de Prefeito. Ainda como Deputado, liderou a bancada do PDC e aproveitou a gestão para visitar o interior paulista, "pedindo sugestões da população para resolver os problemas de cada região" (MARKUN, 2011, p.32).

Jânio adotou o discurso moralista que caracterizou suas campanhas até a presidência. Pregou uma administração "limpa", criticando o governador Ademar de Barros, que derrotou nas eleições presidenciais. Fez uma surpreendente campanha para prefeito da cidade de São Paulo, conhecida como o *tostão contra o milhão*, ainda sob a sigla do Partido Democrata Cristão, dessa vez coligado ao Partido Socialista Brasileiro. O PSB havia sido formado a partir do racha da "esquerda democrática" com a UDN (BENEVIDES, 1989). Jânio teve uma

¹⁷¹ Jânio assumiu o cargo de vereador após a cassação dos mandatos dos parlamentares do PCB, cujo registro havia sido suspenso. (MARKUN, 2011, p. 31)

vitória com 284.922 votos, contra 18.666 votos de seu principal adversário André Luis Jr.¹⁷². Junto com Jânio, com apenas 500 votos de diferença, foi eleito para Vice-prefeito o militar reformado do Exército, José Porfírio da Paz, por conta da coligação com o PSB¹⁷³. Começou a governar por meio dos "bilhetinhos", pois dizia que eram rápidos e sem burocracia. Na verdade, exercitava sua veia autoritária.

Dois anos depois, Quadros disputaria a chefia do poder executivo estadual. Disputando com Ademar de Barros, Jânio teve uma vitória apertada, com uma diferença de cerca de 20 mil votos. Ao ganhar as eleições para governador, manteve os Atos Administrativos por meio dos "bilhetinhos":

Senhor Secretário,

Verifico que as minhas papelêtas não têm despertado, em vários funcionários, o senso de responsabilidade que se deve esperar no serviço público, sobretudo da parte daqueles que têm os maiores deveres e os melhores vencimentos.

Essas papelêtas não são brincadeira! Os servidores as cumprem à risca, ou puno todos, sem qualquer exceção, um a um. (QUADROS, in PEREIRA, 1959, p. 78)

Montou seu gabinete com homens que estariam sempre com ele. A Casa Civil foi atribuída a Quintanilha Ribeiro¹⁷⁴ (1915-1972); para a Secretaria de Trabalho foi designado Carlos Castilho Cabral¹⁷⁵ (1907- e Carvalho Pinto assumiria a área de finanças. Na Secretaria de Segurança colocou o general Honorato Pradel, indicado pelo Brigadeiro Eduardo Gomes.

Na qualidade de governador do Estado mais rico do Brasil, Jânio influenciou a política nacional. Durante a crise de 1954/1955, por conta do suicídio de Getúlio Vargas, Jânio entrou em cena, dizendo-se candidato a presidente. Fez acordo com Café Filho, indicando José Maria Whitaker para a vaga de Ministro da Fazenda no lugar do liberal ortodoxo Eugenio Gudín, então demissionário (SKIDMORE, 1982, p.233). Jânio apoiou a candidatura do General Juarez Távora (UDN) para Presidente da República em 1955, candidato da oposição anti-

¹⁷² Leitura da ata de votação para Prefeito de São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I7fzC_q6aBY>, acesso em 13/01/2016.

¹⁷³ Jânio pediu a Porfírio para assumir a prefeitura enquanto era candidato a governador, tendo em vista a legislação em vigor. O ex-presidente também convidou Porfírio para a chapa ao governo do Estado. Ainda na eleição, Jânio pediu que Porfírio renunciasse à candidatura, para ter um vice do PTB e conseguir o apoio desse partido. Uma vez eleito, Jânio teria sugerido a Porfírio que renunciasse para que colocasse o Presidente da Assembleia Legislativa, pessoa de sua confiança. Cf. CPDOC-FGV.

¹⁷⁴ Paulista de Franca, foi Ministro Chefe do Gabinete Civil de Jânio Quadros. CPDOC-FGV.

¹⁷⁵ Paulista, Castilho Cabral foi Secretário de Trabalho, Indústria e Comércio de Jânio. Ingressou na UDN, passando pro PSP e, posteriormente, para o PTN, partido do governador. CPDOC-FGV.

Vargas. O mandato de governador foi o único que Jânio da Silva Quadros cumpriu do início ao fim. Os demais foram interrompidos para concorrer a outro cargo eletivo.

Do Palácio de Campos Elíseos ele foi parar em Brasília. Ao final do governo, Jânio candidatou-se a Deputado Federal. Sua astúcia era tamanha que ele concorreu sob a legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), pelo estado do Paraná. A Câmara ele só conheceu no dia da posse, passando o mandato em campanha e viajando. Ele "esteve no Egito, na Índia, na Iugoslávia e na União Soviética e regressou convencido de que poderia tornar-se um líder como Nasser" (MARKUN, 2011, p.22). Suas pretensões eram bastante altas. A liderança da América Latina e do Terceiro Mundo era o projeto de Jânio Quadros (MARKUN, 2011, p.22).

Jânio Quadros foi caracterizado pelo brasilianista Thomas Skidmore como um "corpo estanho" (1982, p.231) e Benevides (1989) afirmou que ele seria um populista de direita. A desobediência às tradições políticas da época, mesmo sendo um conservador, e o desprezo pelos partidos foram características que levaram Jânio Quadros a vitórias sucessivas. Sua figura, por si só, conferiu uma característica singular à disputa eleitoral do ano de 1960. Muitos o tinham como uma "figura quixotesca" (MARKUN, 2011, p. 32).

Uma aliança de direita, sob o comando da União Democrática Nacional ("ansiosa pelo poder")¹⁷⁶, definiu o apoio a Jânio Quadros, uma alternativa viável para a classe dominante. A UDN¹⁷⁷ havia amargado sucessivas derrotas e não tinha um nome de expressão que pudesse concorrer com o Marechal Lott e João Goulart, candidatos apoiados por Juscelino Kubitschek. Jânio, que estava filiado ao Partido Trabalhista Nacional (PTN), lançou mão de um discurso agressivo contra a corrupção e aumentou o leque de alianças políticas.

Em outra candidatura, concorria Adhemar de Barros, pelo Partido Social Progressista (PSP), antecessor de Jânio do governo de São Paulo. Tal como faria com Juscelino, Jânio, quando assumiu o governo paulista, mandou abrir processo contra Adhemar e pediu investigação sobre os atos do ex-governador como administrador público. Barros amargaria o terceiro lugar na eleição presidencial.

Uma terceira chapa para Vice-presidente foi fomentada pelos círculos da direita, a fim de dividir os votos de João Goulart. O dissidente do PTB, Fernando Ferrari, tiraria votos de

¹⁷⁶Carlos Lacerda afirmou que a "massa eleitoral udenista estava ansiosa para chegar ao poder"(LACERDA, 1987, p. 239).

¹⁷⁷ A UDN não havia ganhado nenhuma eleição presidencial desde sua criação em 1945. A maioria era antigetulista e anticomunista, apesar de, no princípio, ter abrigado a "esquerda democrática", que veio a fundar o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Sobre a UDN, ver BENEVIDES, 1981.

Goulart principalmente no reduto deste, o Rio Grande do Sul. Com o slogan das "mãos limpas", Ferrari percorreu o Brasil com denúncias contra Goulart, mas perdeu a eleição.

Com o apoio de grande parte da imprensa burguesa, a propaganda de Jânio como o antipolítico tomou as "massas" urbanas e rompeu a tradição de um determinado populismo (WEFFORT, 1978). Carlos Lacerda, que condecoraria o antípoda de Che Guevara, defendeu a candidatura de Jânio na convenção da UDN, em novembro de 1959 (SKIDMORE, 1982, p. 235). Na campanha, a vassoura foi utilizada, inclusive, como local para autógrafa:

Figura 8 - Autógrafo na vassoura

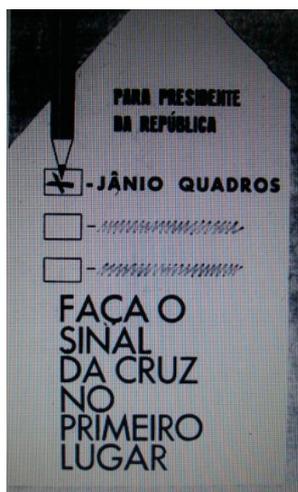


Fonte: Arquivo Público Mineiro. Disponível em:

<<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>, acesso em 22/10/2017.

Em comício na cidade de Lambari, Sul de Minas Gerais, Jânio Quadros autografou na vassoura de um eleitor. Sua demonstração de irreverência e cordialidade criava uma identidade entre o povo e o candidato. A UDN aproveitou o ensejo e intensificou sua campanha moralista "anticorrupção", distribuindo vassouras aos eleitores como plataforma eleitoral (BENEVIDES, 1989). A campanha anterior do "tostão contra o milhão" e da "vassoura" seriam mantidas pela propaganda ideológica em defesa de Jânio Quadros. Muitas eram as associações feitas com o nome de Jânio, a fim de criar uma atmosfera favorável ao candidato. Em alguns casos, a religião era utilizada como apelo eleitoral, como demonstra essa propaganda, publicada no *Diário de Notícias*:

Figura 9 - Propaganda de Jânio em jornal



Fonte: *Diário de Notícias* - 30/09/1960, p. 1, disponível em:

< <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 02/02/2016.

No panfleto, a união entre política e religião apresentava-se de forma subliminar. Com os nomes dos outros dois candidatos riscados, o apelo de "Faça o sinal da cruz no primeiro lugar" representava mais do que um pedido para um país de maioria cristã. O "sinal da cruz" representava um ritual do cristianismo, por meio do qual os fiéis movimentavam as mãos no rosto, clamando pela "santíssima trindade": o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Duas questões fundamentais definiram o apoio dos neoliberais à candidatura Jânio: a abertura ao capital externo e o anticomunismo. O imperialismo norte-americano não teve boas experiências com Juscelino, por conta de seu vice, próximo da esquerda. Ademais, estava em curso a preparação da invasão de Cuba, para o quê os Estados Unidos dependeriam da unidade continental, mas sabiam, de antemão, não haver acordo com a chapa Lott/Jango, defensora da não-intervenção e da autodeterminação dos povos. O Marechal Lott era considerado legalista, defensor da Constituição, portanto contrário a ações golpistas. A esperança imperialista estava em Jânio e seu vice, Milton Campos¹⁷⁸, que havia sido candidato a Vice-presidente na chapa com o General Juarez Távora em 1955. O tostão que havia se transformado na vassoura, estava prestes a se transformar na espada¹⁷⁹.

No campo democrático-popular, a aliança classista, levada a cabo em 1955 repetiu-se, com o PTB e o PSD lançando as candidaturas do Marechal Lott para Presidente e João Goulart para Vice. A chapa contou com o apoio do PCB, principal liderança da esquerda

¹⁷⁸ Milton Soares Campos (1900-1972) foi da UDN, Governador de Minas Gerais (1947-1961) e viria a ser Ministro da Justiça de Castelo Branco (1964-1965).

¹⁷⁹ Em seu livro *O governo de Jânio Quadros*, BENEVIDES (1989) afirmou que a vassoura de Jânio "abria caminho para a espada", esta em alusão ao golpe de 1964.

naquele momento. Mesmo na clandestinidade, Luiz Carlos Prestes era um líder popular, principalmente no meio do operariado. No Nordeste, Francisco Julião assegurava o apoio das Ligas Camponesas.

Conscientes de que estavam disputando a eleição com a máquina eleitoral da coligação PSD/PTB, ainda no governo central, a estratégia montada para a campanha de Jânio foi a mesma que caracterizou o próprio candidato ao longo da vida pública: confundir. Jânio era uma pessoa muito inteligente e perspicaz. Professor de geografia e português, dominava a língua portuguesa e o que ela tinha de mais perigoso: as ambiguidades¹⁸⁰.

Com uma propaganda massiva, a população passou a venerar Jânio, o que tem visibilidade no exemplo que se segue:

Figura 10 - Eleitora com o filho



Foto: Arquivo Público Mineiro.

Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>, acesso em 22/10/2017.

O comitê de Jânio recebia milhares de cartas com fotos e mensagens ao candidato, comprovando que a propaganda massiva e a performance do candidato estavam surtindo efeito. Numa dessas cartas, uma eleitora enviou foto na qual ela pousava com o filho. No verso, uma mensagem a Jânio dizia: "Este é meu filho Ricardo Luiz, com 6 anos de idade, o qual chama à V. Excia de: Meu tio Jânio, xinga e briga com os amiguinhos que se atrevem a criticar-vos"¹⁸¹. Na parede, dois cartazes exibiam fotos de seu candidato: Jânio Quadros.

¹⁸⁰ Termo utilizado por Benevides (1981) para referir-se tanto à UDN quanto a Jânio Quadros.

¹⁸¹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Notação: JAO 0087(060). Fundo: José Aparecido de Oliveira. Local da foto: São Paulo, 01/10/1960. No verso estava escrito: Exmo Presidente da República. Este é meu filho Ricardo

Grupos de campanha foram criados com objetivo de neutralizar a candidatura identificada com o governo Kubitschek, apresentando Jânio como o "candidato do povo". Foi o caso do Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ), hegemonizado pelo "grupo de São Paulo", constituindo-se a Comissão Interpartidária do MPJQ, formada por José Aparecido de Oliveira(1929-2007)¹⁸², Quintanilha Ribeiro, Oscar Pedroso Horta (1908-1975)¹⁸³ e o secretário-geral, o cearense Virgílio Távora¹⁸⁴. A chefia do movimento, entretanto, coube ao general da ESG, Juarez Távora (DREIFUSS, 1981, p.123).

Em São Paulo, estado que Jânio adotara, um rico industrial, Roberto Gusmão, lançou o comitê Jan-Jan (Jânio e Jango), tão exitoso que foi copiado para todo o país. Jânio havia, anteriormente, chantageado seus apoiadores, para que ele mesmo escolhesse seu vice. Com o candidato em viagem, a convenção da UDN havia indicado o sergipano Leandro Maciel¹⁸⁵ (MARKUN, 2011, p.35). No retorno, em reunião com os correligionários, "Jânio isolou-se num canto, escreveu algumas linhas num pedaço de papel" (MARKUN, 2011, p.36) e pediu a José Aparecido que entregasse aos demais:

Nesta data renuncio à minha candidatura à Presidência da República. Não consegui, como é do conhecimento de V. Exa. e da opinião pública, reunir, em torno de meu nome, as diversas legendas e correntes políticas que procuram novos rumos para o país, com a unidade e a harmonia indispensáveis ao êxito de nossa jornada. Quero agradecer a V. Exa. e à UDN o apoio que recebi em memorável convenção, e este agradecimento é extensivo ao PL, ao PTN e ao PDC, que também adotaram meu nome. Se nesta fase é difícil, assim, coordenar os esforços e somar os anseios dos homens de bem que militam nos vários partidos, impossível será governar no atendimento das reivindicações do povo e das necessidades brasileiras. Receba presidente, as expressões do meu respeito. Jânio Quadros (in MARKUN, 2011, p.36)

O futuro Presidente apresentava forte personalidade, com um elevado desprezo pelas organizações partidárias (BENEVIDES, 1989). A renúncia causou uma grave crise política na campanha e teve repercussão nacional. Mantinha ele, assim, seu perfil autoritário, o

Luiz, com 6 anos de idade, o qual chama à V. Excia de: Meu tio Jânio, xinga e briga com os amiguinhos que se atrevem a criticar-vos.

¹⁸² Mineiro, tornou-se amigo de Jânio e assessor pessoal, indo a todos os lugares com o candidato. (MONTEIRO & BARROS. In: CPDOC-FGV)

¹⁸³ Oscar Pedroso Horta. Paulista, udenista, foi Ministro da Justiça de Jânio Quadros. (PANTOJA, Silvia. In: CPDOC-FGV).

¹⁸⁴ Virgílio de Moraes Fernandes Távora. Sobrinho de Juarez Távora. Foi da UDN. Foi Ministro de Obras de João Goulart e apoiou o golpe de 1964, tendo ingressado na Arena. CPDOC-FGV.

¹⁸⁵ Leandro Maynard Maciel (1897-1984). Filiado à UDN, foi governador de Sergipe, seu estado natal. Após eleito, Jânio nomeou Maciel para a presidência do Instituto do Açúcar e do Alcool. CPDOC-FGV.

isolamento e a chantagem como práticas políticas. Jânio Quadros desapareceu do cenário e o pessoal da UDN ficou desesperado. Carlos Lacerda voou para São Paulo a fim de localizar Jânio. Conseguindo encontrar o candidato, um acordo selou novamente o pacto¹⁸⁶. Em meio à dificuldade de arrumar outro nome, há poucos meses da definição dos registros de candidatura, não restou à UDN alternativa senão ceder. O nome escolhido foi o de Milton Campos, nome mais palatável para o cabeça de chapa, tendo em vista a trajetória do ex-governador de Minas¹⁸⁷.

O Comitê Jan-Jan, no entanto, tinha tamanha organização que enviava materiais para os Estados. A chapa paralela Jan-Jan a partir de então virou um trunfo nas mãos de Quadros. A vitória de João Goulart representou uma reserva política fundamental para Quadros, pois deixou a direita (diga-se a UDN) em sua mão, já que Goulart representava a classe operária urbana organizada em sindicatos, tinha apoio do Partido Comunista e de parcela expressiva da população rural.

A antiga campanha do "tostão contra o milhão", que fez Jânio ganhar a prefeitura de São Paulo sete anos antes, transformava-se pela força do empresariado ao pleito janista. Agora, era o "milhão contra o tostão". Se, por um lado, trabalhistas¹⁸⁸ e nacionalistas¹⁸⁹ esforçavam-se pela candidatura do Marechal Lott, do outro, conservadores e a Cruzada Democrática¹⁹⁰ (anticomunista) tratavam de jogar todas suas cartas no "homem da vassoura". A popularidade de Jânio era crescente naquele momento. Com suas tiradas inusitadas

¹⁸⁶ Baseado na obra *Depoimento* de Carlos Lacerda (1987)

¹⁸⁷ Sobre o episódio da renúncia, o Coronel Bombeiro Plínio Rolim de Moura, registrou que haveria possibilidade de intervenção do Exército: "Poucos dias depois compareceram à minha residência quatro pessoas desconhecidas, dizendo-se oficiais do Exército e que teriam ido procurar-me afim de que lhes informasse a respeito da decisão de Jânio. Se ela fosse definitiva, êles iriam conspirar e aceitar a revolução que se gestava, naquele momento, contra o govêrno federal.

(..)Contudo lhes pedi e insisti, mesmo, no sentido de que abandonassem qualquer plano desesperado, porque tinha a mais absoluta certeza de que Jânio seria o Presidente da República e, para sê-lo, não poderia deixar de continuar candidato, como é óbvio.

Apesar de convencidos, os oficiais pediram-me que lhes desse uma palavra mais segura sôbre o assunto, porque se tratava de um acontecimento que comoveu uma parte do Exército (...)" (MOURA, 1960, pp.180-181).

¹⁸⁸ Trabalhismo esteve associado à ideia da relação entre a classe operária e o Estado. Sobre o significado e as questões que giram em torno do tema, ver GOMES, 1988.

¹⁸⁹ No período histórico em questão, nacionalismo constitui uma corrente de pensamento defensora da prevalência da nacionalização da economia em oposição à entrega da exploração das riquezas nacionais ou exploração do mercado interno por multinacionais. Para uma abordagem sobre o nacionalismo, ver: JAGUARIBE, 2013.

¹⁹⁰ Movimento anticomunista, iniciado em 1952 para disputa nas eleições do Clube Militar. Sobre a criação e relação com os Clube, ver: CARVALHO, 2005.

comovia a população na ruas da cidade, que gritava "Jânio vem aí...!", conforme relatou em seu livro Afonso Arinos (1968, p.208).

Mantendo seu jogo de duplicidades, Jânio Quadros esteve em Cuba para uma visita a convite do Movimento 26 de Julho¹⁹¹, na qualidade de Deputado Federal. O Deputado trabalhista Sérgio Magalhães comentou a viagem de Jânio a Cuba, afirmando que esta implicaria mudanças no cenário político brasileiro, conforme afirmou:

A visita de Jânio Quadros a Cuba terá grande influência na política externa do Brasil. É um gesto independente que reforçará o sentimento anti-imperialista e a solidariedade continental. Terá, sem dúvida, profundas repercussões na conduta do outro candidato. Cada passo que dá um deles, procurando responder às aspirações nacionalistas do povo, arrasta o outro e radicaliza o processo político do Brasil. (*El Mundo*, 02/04/1960, p. 2.)

A presença de Jânio em Cuba foi utilizada também como propaganda política, pois ele costumava levar jornalistas em todas as atividades que julgava relevantes para a opinião pública (CASTELLO BRANCO, 1996). Com a viagem, acirraram-se as contradições no seio da candidatura do Marechal Lott, que recusou o mesmo convite. Cuba, afinal, havia se tornado um símbolo das esquerdas que apoiavam Lott.

O Embaixador em Havana, Vasco Tristão da Cunha, informou como foi a recepção do Deputado Jânio Quadros: "Creio que a firmeza do Deputado Jânio Quadros e do Senador Afonso Arinos a respeito da OPA impressionou seriamente este Governo" ¹⁹². Jânio, em seguida, iria para Caracas, na Venezuela, para compromissos de campanha. Tristão afirmou, no mesmo telegrama, que ouviu o governo cubano dizer que, em termos de política externa, "o Governo brasileiro e a oposição têm pontos de vistas coincidentes"¹⁹³.

¹⁹¹ Informação disponível no jornal cubano *El Mundo*, 02/04/1960. Alguns periódicos brasileiros também veicularam a mesma informação.

¹⁹² Telegrama 63, de 3/4/IV/1960. AHMRE.

¹⁹³ Telegrama 63, de 3/4/IV/1960. AHMRE.

Figura 11- Jânio Quadros com Fidel em Cuba



Fonte: MONIZ BANDEIRA, 2009, p.392

Jânio Quadros levou à Cuba uma comitiva de mais de quarenta pessoas. Entre elas, conforme abordado no capítulo anterior, os escritores Rubem Braga e Fernando Sabino. Braga era correspondente da revista brasileira *Senhor* (sigla *SR.*); Sabino foi enviado pelo *Jornal do Brasil*¹⁹⁴. Ambos estavam responsáveis por redigir matérias sobre a situação em Cuba, já que as informações que chegavam via *agências de notícias* eram duvidosas e, nesse aspecto, obedeciam ao clima da Guerra Fria. Sabino relatou:

Não me ocorre nada mais sugestivo como comparação do que dizer que o povo me parece estar reagindo com uma alegre, saudável, generosa e contagiante euforia, semelhante à que vivemos, nós, brasileiros, nos dias que se seguiram à nossa vitória no Campeonato Mundial de Futebol. E alguém que ouse criticar os campeões da revolução cubana, ou mais precisamente Fidel Castro, não será prêso, nem perseguido, nem ao menos tolhido na livre manifestação de seu pensamento: mas despertará ao redor a mesma reação apaixonada que provocaria se falasse mal de Garrincha - ou melhor, de Belini - no dia da chegada de nossos campeões. (SABINNO, 1960, p.206)

Empolgado com a viagem e com o que presenciou, Sabino aproveitou o êxtase da população brasileira com a primeira vitória em uma Copa do Mundo de futebol (1958) para relacionar a viagem àquela situação. A euforia visível na população cubana era o combustível que alimentava o motor da Revolução, pensava o escritor.

No encontro com Fidel, Jânio discutiu assuntos como reforma agrária, mercado internacional e trocas comerciais.

¹⁹⁴ Os escritos foram publicados nos respectivos periódicos da ocasião e fizeram parte da obra de Sartre, que também narrou sua estada em Cuba em 1960 para o francês *France-Soir*. Ver SARTRE, Jean Paul. *Furacão sobre Cuba*. Apêndices de Rubem Braga e Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

Figura 12 - O terno e o coldre



Fonte: Arquivo Público Mineiro.

Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>, acesso em 22/10/2017.

O uniforme verde-oliva e a barba característica de Fidel Castro destacavam o líder guerrilheiro ao lado do terno surpreendentemente alinhado de Jânio Quadros. Em Cuba, Jânio participou de várias solenidades e atividades culturais. O Embaixador Vasco Leitão da Cunha promoveu um encontro entre o candidato e os líderes do governo cubano. Nesse encontro, Jânio perguntou o que Cuba poderia exportar e ouviu sobre vários produtos. No meio da conversa, Che Guevara inseriu: "E Revolução!" (MARKUN, 2011, p.24). Entre as questões principais que Cuba estava disposta a revelar sua experiência, destacava-se a Reforma Agrária, com a expropriação do latifúndio. Fidel assegurou-lhe que, no lugar de vassouras, distribuía fuzis ao povo e o ensinava a defender a si mesmo e à sua terra.

A esquerda, que apoiava Lott, fazia sua campanha por meio de seu principal veículo: o semanário *Novos Rumos*. Na semana anterior, o periódico havia publicado uma série de reportagens sobre as amizades e declarações de Jânio. Entre elas, uma declaração sobre a Petrobrás, onde o semanário denunciava o encontro de Jânio com Rockefeller, quando o magnata do petróleo esteve em São Paulo e foi recebido pelo então governador, como hóspede oficial (*Novos Rumos*, 25 a 31/03/1960). Rockefeller era considerado o símbolo do imperialismo norte-americano e possuía investimentos no Brasil. Sobre o FMI, afirmou o periódico:

Jânio não tem escondido a sua posição favorável a uma completa reforma cambial, que elimine o que ainda resta de nacional e progressista no sistema cambial brasileiro. Tem sido incidentes as suas declarações a favor da eliminação do chamado "confisco cambial" o que corresponde aos interesses dos grandes latifundiários e monopólios exportadores, especialmente os norte-americanos. (*Novos Rumos*, 25 a 31/03/1960, p.3)

Antes das eleições, a revista *O Cruzeiro* promoveu um jantar e convidou o candidato Jânio Quadros para uma entrevista, prevendo talvez sua vitória. Foi ao evento com uma biografia de Bolívar embaixo do braço (*O Cruzeiro*, 1961). Entre os temas, um dos que mais preocupava, a política externa. Jânio afirmou:

O Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, a Carta da Organização dos Estados Americanos e o Pacto das Soluções Pacíficas de Bogotá conformam o nosso sistema de segurança coletiva, consagrado pela Carta das Nações Unidas. Se avançamos na estruturação político-jurídica do Continente, resta ainda um campo enorme a conquistar: o da nossa expansão econômica. Só ela libertará os povos latino-americanos da miséria, conseqüência do dramático problema do subdesenvolvimento. A este respeito não pode haver contemporizações. A América Latina tem pressa, e tem consciência de sua força.

Pretendo, pois, apoiar a Operação Pan-Americana, que visa a integração econômica, cultural e política de nossas Pátrias em um quadro de planejamento harmonioso de execução possível em breve prazo. (*O Cruzeiro*, 15/10/1961)

As diretrizes apresentadas pelo candidato não surpreendiam. As estruturas criadas anteriormente, controladas pelos Estados Unidos seriam respeitadas. Jânio Quadros associava a miséria ao subdesenvolvimento, afirmando que não iria "contemporizar" com essa questão. Ressaltou a Operação Pan-Americana, cuja proposta de integração das nações do continente exigia execução rápida.

Durante a campanha, Jânio visitou os Estados e não rejeitava convites. Em um deles, feito pelo Sindicato de Trabalhadores de Itajaí, sua palestra aos trabalhadores centrou-se na crítica ao governo Kubitschek, com a acusação de que ele não recolhia os direitos previdenciários dos trabalhadores. Um dos presentes levantou-se e contestou, dizendo que ele havia feito o mesmo no governo de São Paulo. Jânio, visivelmente irritado, disse: "-Quem me deu o aparte é um provocador. Deve ser um comunista infiltrado na assembleia. Exijo da assembleia que êsse provocador seja expulso" (*Novos Rumos*, 15 a 25/02/1960, p. 03). O rapaz, serenamente, respondeu-lhe: "-O senhor comete dois enganos. Primeiro, não sou provocador, sou secretário do sindicato". Em seguida, completou, afirmando que Jânio era convidado dele e dos trabalhadores, portanto o candidato era quem deveria se retirar. O candidato saiu da assembleia constrangido (*Novos Rumos*, 15 a 25/02/1960, p. 03)¹⁹⁵.

A eleição de 1960 apresentou um elevado nível de participação popular para a época, em função da disputa acirrada que a campanha proporcionou. O índice de comparecimento

¹⁹⁵ *Novos Rumos* caracterizou Jânio como "hitlerista" (*Novos Rumos*, 15 a 25/02/1960, p. 03).

em 1950 foi de 72% enquanto em 1960 foi de 80%¹⁹⁶. No dia três de outubro de 1960, 12 milhões de pessoas compareceram às urnas para votar, representando menos de 20% da população brasileira da época.

Naquela época, a regra eleitoral definia as candidaturas para Presidente da República em chapa diferente do candidato a Vice-Presidente, o que acarretou um resultado não esperado. Jânio Quadros foi eleito Presidente com 5.671.528 de votos, contra 3, 8 milhões do Marechal Lott e 2,1 milhões de Adhemar de Barros. A UDN não reivindicou tese da maioria absoluta. João Goulart foi eleito Vice-presidente, obtendo 4.547.010 votos, cerca de 300 mil votos a mais que seu concorrente Milton Campos, apoiado por Jânio Quadros.

Inserida no contexto de transformações na América Latina, a eleição de Jânio Quadros para presidente e de João Goulart para Vice traria novas perspectivas à luta de classes no Brasil.

2.3 Jânio e a política dependente

A vitória de Jânio Quadros quebrava os paradigmas até então cristalizados na política brasileira. A posse ocorreu no dia 31 de janeiro de 1961, onze dias após o juramento de Kennedy no Capitólio. Em função do nível de dependência a que foi submetida a economia brasileira em relação aos Estados Unidos, as questões que Jânio enfrentaria dependeriam, em certa medida, das definições de Washington.

O "homem da vassoura" atuaria em duas linhas diametralmente opostas em seu governo: na política interna, com autoritarismo, anticomunismo e moralismo; no plano das relações exteriores, com relativa independência e "neutralismo"¹⁹⁷. Os aspectos principais, nesse sentido, que importaram em função dos objetivos traçados, foram: as relações enviesadas com a esquerda e os movimentos sociais; as relações com instituições como a Igreja Católica; a política externa; e a questão do Nordeste, que inquietava a todos, inclusive a CIA.

¹⁹⁶ Em números absolutos, nas duas eleições cerca de 3 milhões de eleitores não compareceram às urnas. No plano estadual, o PSD foi o grande vencedor, elegendo 11 governadores, enquanto a UDN apenas quatro e o PTB somente um. (Fonte: TSE)

¹⁹⁷ Aqui o sentido de "neutralismo" é utilizado como aproximação aos países do Terceiro Mundo, os "Não-Alinhados". Por adotarem posição de independência em relação a Estados Unidos e União Soviética, intitularam-se como "neutros". Ver tópico 2.5

Milhares de pessoas concentraram-se em Brasília para ver tomar posse o primeiro Presidente eleito após a inauguração da nova Capital Federal. Kubitschek havia dito que se Jânio agisse de forma indecorosa ele tirar-lhe-ia a faixa presidencial (BOJUNGA, 2001). A passagem de faixa foi rápida e obedecendo aos protocolos que a ocasião recomendava. Finda a cerimônia, Jânio partiu para a sua rotineira viagem à Europa pós-eleição. Não faria sem antes ler um outro discurso para a *Voz do Brasil*, programa noturno pelo rádio.

O pronunciamento, sem a multidão e sem seu antecessor, teria "cores sombrias" (MELO FRANCO, 1968, p. 224). Em discurso de tom acusatório, às vezes ameaçador, ao governo que se despedia, Jânio fez questão de comparar os números de 1956 com os de 1960, apresentando a dívida colossal que Juscelino deixava. "É terrível a situação financeira do Brasil", afirmou antes de apresentar as cifras:

Nos últimos 5 anos, o meio circulante passou de 57 bilhões para 206 bilhões de cruzeiros. Faltam-me as cifras da aluvião de papel-moeda relativa ao primeiro mês deste ano. Não me causaria estranheza que a tabela complementar denunciasse fluxo ainda mais incontinenti. Desenhadas em centenas de milhares, ao estrangeiro devemos 3 bilhões e 802 milhões de dólares, o que marca, só a este título e naquêle período, a elevação de 1 bilhão e 435 milhões de dólares sobre o passivo anterior. (QUADROS, 31/01/1961)

As palavras do Presidente foram o anúncio de que a vassoura passaria pelo Palácio. Começava o jogo de cena do mago da política brasileira. Jânio alarmava a população, afirmando que "a situação é tanto mais séria quando se sabe que somente durante o meu govêrno deverei saldar compromissos em moeda estrangeira no total de cêrca de 2 bilhões de dólares" (QUADROS, 31/01/1961). O alarme ainda não havia soado nas devidas proporções. A cada grupo de frases, uma apreensão. O discurso tecnicista era robustecido por dívidas:

Os déficits orçamentários, nos últimos dez anos, apavoram. Subiram êles, de 1951 a 1955, a 28 bilhões e 800 milhões de cruzeiros, alçaram-se, de 1956 a 1960, a 193 bilhões e 600 milhões de cruzeiros. O déficit em potencial, para o exercício de 1961 - o primeiro do meu govêrno - é de 108 bilhões de cruzeiros, que assim se decompõem: orçamento, 302 bilhões e 300 milhões de cruzeiros; créditos transferidos, 3 bilhões de cruzeiros; créditos a serem abertos, 30 bilhões de cruzeiros; liquidação de resíduos passivos, 15 bilhões de cruzeiros; outras despesas (Brasília): 10 bilhões de cruzeiros. Mesmo considerando que a receita do exercício, orçada em 246 bilhões e meio, pode atingir cêrca de 262 bilhões, isto é, 19% acima da arrecadada em 1960, a nossa estimativa de déficit está plenamente justificada. Os índices de elevação do custo de vida, nêsses mesmos 10 anos, apurados pela Fundação Getúlio Vargas, correm parilha com as demais, conseqüências do surto inflacionário. Atribuindo-se o índice 100 para média de 1948, alcançamos, em 1955, o marco 259 e, em dezembro último, acima de 820. Os investimentos efetuados e os que estão em via de execução em Brasília montam a 72 bilhões e 600 milhões de cruzeiros. (QUADROS, in QUADROS NETO, 1996, pp.11-12)

Jânio citou claramente o período de 1956 a 1960, numa alusão ao período dos "50 anos em 5", quando a dívida pública brasileira deu um salto astronômico. Mais de 90 milhões de dólares, ele dizia, foram dados em garantia como antecipação de receita, ou seja, deveriam ser debitados do orçamento de exportações com seu primeiro ano de mandato.

As contas públicas de 1961, segundo Jânio, não fechariam positivas. Os números, entretanto, imprimiam a dose certa para o que queria Quadros: sepultar a candidatura de "JK-65"¹⁹⁸ já no primeiro dia de seu mandato e justificar o desastre que seria seu governo, em virtude do *déficit* das contas públicas. Mais uma vez, ele atribuiu a elevação dos gastos e a falência do Estado ao período anterior, notadamente a Juscelino Kubitschek, citando, inclusive, a construção de Brasília, cujo ralo para o erário foi assustador. Jânio, com seu temperamento irônico e ar de reprovação afirmou: "Toca-me obter o numerário para repor o que outros consumiram (...)". A conta para pagamento entre 1961 e 1965 somava 370 bilhões e 730 milhões de cruzeiros. Em moeda exterior, a cifra era de 1 bilhão 853 milhões e 650 mil dólares.

O Ministério de Jânio foi composto a partir de várias interesses. Três udenistas: Relações Exteriores, Afonso Arinos de Melo Franco, Senador pela Guanabara; Ministro da Fazenda, Clemente Mariani, banqueiro baiano¹⁹⁹; Minas e Energia, João Agripino, da Paraíba. Pelo PSB, Brígido Tinoco assumiu a pasta da Educação. O Ministério da Justiça e Negócios interiores, que tinha função política coube ao ex-Secretário de Jânio no governo paulista, o advogado Oscar Pedroso Horta, do PSP paulista. O PTB também foi agraciado com Francisco Carlos de Castro Neves, no Ministério do Trabalho e Emprego. O industrial Artur Bernardes Filho, do PR carioca, ficou com o Ministério da Indústria e Comércio.

Os militares nomeados foram: General Odilio Denis, da Guerra; Almirante Silvio Heck, da Marinha; e Brigadeiro Gabriel Grun Moss, da Aeronáutica. A escolha dos militares coube ao homem de confiança de Jânio, Oscar Pedroso Horta²⁰⁰, sob a influência de Carlos Lacerda. A indicação dos Ministros da Marinha e Aeronáutica foi do paulista Julio Mesquita Filho, dono de *O Estado de São Paulo*, comprometendo assim um importante veículo de comunicação do reduto eleitoral do presidente (CASTELLO BRANC

¹⁹⁸ JK-65 era o termo utilizado visando à campanha de Juscelino à sucessão em 1965.

¹⁹⁹ QUADROS NETO (1996, p. 94) afirmou que Mariani foi uma imposição de Washington, por intermédio de Carlos Lacerda.

²⁰⁰ MONIZ BANDEIRA (1979) confirmou a informação de que Horta detinha maior confiança de Jânio.

O, 1996, p.54). O general golpista Cordeiro de Farias, completaria o time, indicado para o Estado Maior das Forças Armadas²⁰¹.

A composição do governo garantiu espaço suficiente de poder ao grupo norte-americano *Mellon Trust*²⁰² (MONIZ BANDEIRA, 1979,p. 27). A Leandro Maciel, que renunciou à candidatura a Vice em benefício de Milton Campos, Jânio agraciou com a Presidência do Instituto do Açúcar e do Alcool. Quando os Estados Unidos impuseram o bloqueio a Cuba e cortaram a compra da cota de açúcar, Maciel imediatamente sugeriu fornecer aos norte-americanos a referida cota.

Jânio adotou uma prática de reunir-se sempre com governadores e com os Ministros militares. Dos governadores ouvia as reclamações e os pedidos, que sempre eram muitos. Dos militares ouvia as avaliações sobre a segurança do país em relação aos movimentos sociais e aos grupos políticos revolucionários.

Como não poderia deixar de ser, uma das primeiras declarações de Jânio foi: "A vassoura que o povo me confiou, trago-a comigo, para os serviços empreitados" (*A Noite*, 01/02/1961, p.1). O verdadeiro sentido, que Jânio não explicitou na campanha, seria implementado no exercício do poder. Com a caneta na mão, varrer tanto "podia ser a 'sujeira da corrupção', como também a da 'plebe' que quer se mostrar — em toda sua 'sujeira' — participar, reivindicar..." (BENEVIDES, 1989, p.65).

O "antipolítico" que acabava de assumir o maior cargo político no Brasil, deu início a uma grande "caça às bruxas". O alvo imediato foi seu Vice-presidente, João Goulart. O objetivo era esvaziar a força política de Jango, a partir da desmoralização pública e transformação do Instituto de Previdência e Assistência dos Bancários²⁰³ (IAPB) em Ministério da Previdência, o que exigiria outra estrutura administrativa (*Novos Rumos*, 03 a 09 de fevereiro de 1961, p. 02). Dessa forma, os milhares de servidores lotados nesses órgãos dispersariam, diminuindo o poder de atuação de Jango.

O Presidente abriu dezenas de Comissões de Inquéritos e Sindicâncias, a fim de apurar supostas irregularidades. Nas sindicâncias, eram designados militares como membros

²⁰¹ Castello Branco afirmou que a escolha dos militares daria a "satisfação da revanche aos derrotados do 11 de novembro de 1955" (1996, p.54).

²⁰² Empresa de serviços financeiros, sediada nos Estados Unidos.

²⁰³ O IAPB foi criado pelo decreto-lei 24.615 de 9 de julho de 1934e redefinido pela a Lei Nº 3.322 de 1957. Ele passou a fazer parte da estrutura do Ministério do Trabalho, ocupado por João Goulart no mandato de Getúlio Vargas (1951-1954). O IAPB continuou sob a influência de Goulart quando este foi Vice de Juscelino.

titulares²⁰⁴. A maioria estava vinculada a ações do governo anterior, como a indústria automobilística e a construção de Brasília. Em relação à esquerda comunista, Jânio não agiria diferente, conforme escreveu Castello Branco: "- Reato relações com a Rússia e ponho-os na cadeia" (1996, p.58).

A enxurrada de Comissões de Inquérito contradiziam o discurso do Presidente na posse, ao dizer: "Candidato, não revidei; presidente, não tenho paixões a comprazer nem adversários a alcançar" (*Voz do Brasil*, 31/01/1961). Como afirmou Benevides:

A política autoritária e mesquinha, inspirada na máxima "governar é punir", transformara o país num imenso quartel de inquisição. O incentivo às delações, o aplauso às "apurações rigorosas" (em muitos casos sem direito aos processos competentes de defesa) nas numerosas comissões de sindicâncias, com a responsabilidade centralizada nas mãos dos militares abria o caminho para a instalação do esquema burocrático-punitivo após 64. (BENEVIDES, 1989, p. 65)

Jânio colocava em prática os desejos udenistas, de perseguições e punições indiscriminadas. Como salientou Benevides, as atribuições dadas aos militares para compor as comissões de sindicância era o prenúncio de tempos sombrios. O exagero nos procedimentos criava no imaginário popular uma aversão à política e ao político, aumentando o distanciamento da população do espaço político.

O Presidente da Petrobrás, General Idílio Sardenberg, foi preso em abril por dar declarações à imprensa sobre a verdadeira situação da Empresa. O Presidente Jânio Quadros havia dito que a Petrobrás vivia, no governo anterior em que Sardenberg era Presidente da empresa, uma grave crise, com *déficit*. O argumento de Jânio baseava-se em um pedido de empréstimo de 1,5 bilhão de cruzeiros. Sardenberg afirmou que esse valor já havia sido pedido no ano anterior e não significava que a empresa era deficitária. O General apresentou números informando que o ativo da Petrobrás estava em torno 99 bilhões e que os lucros haviam sido, em 1960, de 15 bilhões de cruzeiros (*Novos Rumos*, 21 a 27 de abril de 1961, p.3).

Uma crise política seria aberta entre o Presidente e o Vice, em função das Comissões de Inquérito. Com uma expressiva bancada na Câmara, João Goulart não se deixou intimidar por Jânio e enviou-lhe uma carta falando da estranheza sobre o assunto:

tendo em vista que essas comissões de sindicância são instauradas por determinação do Presidente da República, cabe-me expressar a V. Exa. estranheza pelo condenável procedimento de divulgar imputações como as que são objeto do

²⁰⁴ Fonte sobre todas as Comissões de Inquérito: *Diário do Congresso Nacional*, ano XVI, nº 16, 02/02/1961. Conservei os nomes da forma com que estiveram publicados, com a preposição "para".

noticiário dos jornais, sem a concretização que daria oportunidade de demonstração pública do quanto essa conduta é leviana e insidiosa. (GOULART, in LACERDA, 1987, 315)

O Vice-presidente João Goulart dizia-se surpreso pelo fato de o Presidente da República assinar as sindicâncias e, ao mesmo tempo, dar-lhes publicidade. O ato de divulgar investigações sobre o outro mandatário, também eleito para o cargo, levou Goulart a não ter dúvidas de que a tentativa era de desmoralização. A ebulição das notícias sobre possíveis "irregularidades" em órgãos diretamente vinculados a João Goulart ocorria paralelamente à intensificação das notícias sobre a invasão de Cuba um mês antes.

Convém lembrar que João Belchior Marques Goulart havia sido eleito com apoio da esquerda, principalmente comunista. Ao Vice-presidente ligava-se a maior parte da esquerda brasileira naquele período. Uma desmoralização da esquerda representaria, nesse sentido, o esvaziamento e desqualificação do discurso em defesa da Revolução cubana. O jornal *O Estado de São Paulo*, em editorial, aumentava o ataque ao governo Kubitschek:

É difícil encontrar, nos léxicos da língua, palavras capazes de definir com propriedade o que, numa expressão verdadeiramente eufêmica, os membros da comissão classificam de "herança de uma levandade militante e continuada". Os termos roubalheira, saque ou assalto, já não bastam para qualificar o que se passou, no decorrer daquele sinistro período de predomínio dos partidos fundados pelo ditador Getúlio Vargas, na administração pública federal. (*O Estado de São Paulo*, 11/06/1961, p. 3)

O periódico paulista tratava de intensificar a campanha ideológica contra os antecessores de Jânio. Ao que parecia, o esquema dos antigos golpistas estava funcionando e pretendiam uma revanche. O alvo principal naquele momento era Juscelino Kubitschek. O ex-presidente era candidato ao Senado pelo Estado de Goiás e ganharia fácil a eleição. Com as notícias sobre apuração de irregularidades ficava mais palatável aceitar as medidas "austeras" para "apertar os cintos", à medida que a justificativa para o aumento dos preços e os acordos com o FMI era a corrupção desenfreada que teria causado a "sangria" dos cofres públicos. Ao mesmo tempo, desmoralizavam-se os que haviam ganho as eleições em 1955.

Amparado em mais de cinco milhões de votos e no otimismo que ainda tomava conta das classes urbano-industriais, Jânio Quadros enviou, no dia 13 de março, mensagem ao Congresso brasileiro para aprovar mudanças na área econômica. No mesmo dia, John Kennedy enviou mensagem ao legislativo dos Estados Unidos, na qual pedia recursos para a Aliança para o Progresso.

Editada a Instrução 204 da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC)²⁰⁵, ela representou um "passo grave" (MELO FRANCO, 1968, p.226) para o governo que havia adquirido a confiança popular. Entre outros efeitos, a medida retiraria os subsídios do petróleo e afins e do trigo importado, o que resultaria em aumento de preços ao consumidor desses produtos e de seus derivados. O reajuste atingiu o povo trabalhador, com elevação do preço do pão, bem como a classe média, com a gasolina. "O povo recebeu com assombro e tristeza" escreveu Afonso Arinos (MELO FRANCO, 1968, p. 228).

Uma mensagem de satisfação recebida do Fundo Monetário Internacional aumentou mais ainda a desconfiança no governo por parte da esquerda, pois o Fundo era uma instituição suspeita da opinião popular (MELO FRANCO, 1968, p. 228). O *Correio da Manhã* publicou, no dia seguinte, que o governo brasileiro "já os tinha consultado a respeito" (*Correio da Manhã*, 15/03/1961, p.01), confirmando que "passo grave" adotado cumpria não os anseios nacionais, mas os ditames imperialistas.

A Instrução 204 estabeleceu ainda o câmbio livre, eliminando o múltiplo e efetuando uma depreciação, de 100 para 200 cruzeiros por dólar, no câmbio para as importações. A liberalização do mercado, entretanto, diferenciou os industriais do café, conforme publicou o *Correio da Manhã*, afirmando que "Diz o Fundo Monetário que para eles continuará vigorando o câmbio de 90 cruzeiros por dólar americano" (*Correio da Manhã*, 15/03/1961, p. 01).

As medidas econômicas acirravam a luta de classes. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, as ruas eram tomadas por manifestações em solidariedade a Cuba, por conta do rompimento de relações que os Estados Unidos haviam imposto no início de janeiro. Em São Paulo, policiais e bombeiros lutavam por melhores salários e cobravam do novo governador Carvalho Pinto as mudanças prometidas. No Rio de Janeiro, moradores da Favela do Esqueleto eram desapropriados para dar lugar à av. Radial Oeste e a polícia de Lacerda invadia gráfica para confiscar material que o governo julgava "subversivo" (*Novos Rumos*, 27 de janeiro a 02 de fevereiro de 1961. p. 01). O jornal do Partido Comunista definia assim o novo governo: "Dólares para os EUA e miséria para o povo" (*Novos Rumos*, 03 a 09 de fevereiro de 1961).

A política interna de Jânio, conforme seu discurso de posse e a mensagem ao Congresso Nacional em março, previa o "aperto nos cintos" da classe trabalhadora. O volume

²⁰⁵ A SUMOC foi transformada no Banco Central.

de dívidas acumulado nos anos anteriores colocava ao governo um dilema: os trabalhadores ou a burguesia. Jânio escolheria a segunda.

Enquanto produzia seus efeitos no campo econômico, Jânio desviava a atenção para fatores secundários, por vezes distantes da política. Em maio ele assinou decreto no qual proibia a "rinha de galo"²⁰⁶. Restringiu o uso de maiôs em desfiles de moda, a fim de "atender a um abaixo assinado de milhares de damas de São Paulo"²⁰⁷. Polêmico seria, ainda, o uso de uniforme para os funcionários, que ele pediu para confeccionar, semelhante ao utilizado na África por Nasser, que ficou conhecido como "pijânio". A inspiração de Jânio começou quando ele foi ao Egito e esteve com Gamal Abdel Nasser²⁰⁸:

Figura 13 - Safari na administração



Em anúncio do jornal Última Hora publicado em 1961, loja de roupas mostra como era o 'pijânio'

Fonte: Agência Senado.

Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias>>, acesso em 02/10/2016.

O uniforme, que imitava roupa de *safari*, gerou vários debates no legislativo, destacando-se, nas discussões, os senadores Lima Teixeira e Venâncio Igrejas. O primeiro dizia que Jânio deveria preocupar-se com questões mais relevantes para o país. Já o segundo, da UDN da Guanabara, saiu em defesa do Presidente e disse que o uniforme promoveria a

²⁰⁶ Decreto nº 50.620, de 18 de Maio de 1961.

²⁰⁷ Arquivo N. Jânio Quadros, Produção Cecília Ritto, tempo: 13:40 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XYJPdjlwbU>>, acesso em 02/02/2016.

²⁰⁸ Presidente da República Árabe Unida (RAU). Lutou na guerra de libertação. Foi um dos organizadores das conferências de Bandung (Indonésia) e Belgrado (Iugoslávia). Lacerda (1987, p. 284) escreveu que "Jânio me disse que o homem público que mais o tinha impressionado na vida era Nasser".

"democratização" no funcionalismo, impedindo que alguns ostentassem roupas de rico, enquanto outros usavam trajes mais modestos²⁰⁹.

Assim que Jânio assumiu, o representante dos Estados Unidos, Adolf Berle Jr.²¹⁰, veio ao Brasil para negociar algumas questões de interesse de seu país. O tema principal da conversa era a Cuba revolucionária. O emissário norte-americano trazia uma mensagem de Washington para que o Brasil apoiasse a ação encoberta dos Estados Unidos, que ocorreria em abril seguinte. Esse foi um dos motivos pelos quais a classe dominante brasileira ficou tão otimista com a campanha de Quadros. Ela tinha esperança de que o governo contribuísse para a derrubada de Fidel Castro e o retorno da burguesia ao poder na ilha. A disposição dos Estados Unidos era de liberar U\$ 100 milhões de imediato. A ação do Brasil seria por intermédio da participação na OEA ou omitindo-se sobre o caso, deixando os EUA "com as mãos livres para intervir" (MONIZ BANDEIRA, 1979, p.12). O governo não aceitou a proposta de Berle, que relatou ao chefe do governo dos Estados Unidos o ocorrido.

O mentor da candidatura Jânio viraria seu principal opositor. Carlos Lacerda rompeu com Jânio, atribuindo à política externa o motivo da cisão. Ele governava o recém-criado Estado da Guanabara e controlava uma parte da UDN. Dois pontos se tornariam fundamentais para compreender a atuação da UDN no governo Quadros:

1) o revigoramento do golpismo (fugazmente amortecido na segunda metade do governo Kubitschek, graças às expectativas de vitória nas eleições presidenciais), desta vez ideologicamente apoiado no anticomunismo e no antinacionalismo, e não mais no antigetulismo; 2) a ascensão da "Bossa-Nova", que teria intensa atuação no Governo Goulart, em defesa das reformas de base, em aliança parlamentar com o PTB. O golpismo redivivo, consolidado na pregação de Carlos Lacerda — que se torna, para a opinião pública, o líder nacional do partido — dirigia-se para as supostas disposições golpistas do presidente, na reedição dos "contragolpes preventivos"; significava, também, o nítido distanciamento entre a ala radical da UDN carioca e o udenismo dos "históricos", representados, entre outros, por Milton Campos e Afonso Arinos. Significava, acima de tudo, que a nova frustração com uma falsa vitória não seria absorvida pela retórica dos bacharéis. (BENEVIDES, 1981, p.83)

A UDN era conhecida como partido golpista, desde sua fundação. Carlos Lacerda²¹¹, após fundar seu jornal, *Tribuna da Imprensa*, contra Getúlio, não perderia mais de vista a

²⁰⁹ WESTIN, 2014.

²¹⁰ Berle Jr (1895-1971) foi assistente do Secretário de Estado Dean Rusk a partir de 1961. Foi embaixador no Brasil em 1945-1946.

²¹¹ Lacerda em seu *Depoimento* diz que foi dissolvida a Federação da Juventude Comunista, nomeada de "Juventude Popular" na qual ele ingressou (1987, p. 38). Mais à frente, ele disse: "eu tinha rompido com o partido comunista" (1987, p.48).

ideia do poder. A eleição de Jânio havia sido uma saída conjuntural, pois os udenistas não suportariam uma nova derrota. O gosto da vitória, entretanto, não foi total, pois Jânio demonstrava desprezo pela política partidária e pelos políticos.

Lacerda mantinha seus contatos nos círculos militares. Ele mesmo afirmou em seu Depoimento, que conversava com o General Odilio Denys sobre Jânio Quadros e os rumos do Brasil (LACERDA, 1987, p. 286). Ele teria sido o emissário de uma mensagem do próprio General com o fim de tranquilizar Jânio com relação à posse no cargo (LACERDA, 1987, p.286). A ligação do governador da Guanabara com os militares remontava aos tempos de criação da UDN²¹² e do 11 de novembro de 1955²¹³.

O governo de Jânio manteve também uma relação muito estreita com a Igreja de Roma. Quando da divulgação da Encíclica *Mater Magistra*, o Ministro das Relações Exteriores, Afonso Arinos de Melo Franco, encaminhou, pessoalmente, telegrama à Santa Sé, saudando a Obra magistral do Papa João XXIII:

Queira transmitir ao Secretário de Estado da Santa Sé a seguinte mensagem do Ministro das Relações Exteriores: "Com emoção tomei conhecimento da Encíclica *Mater et Magister*, cujos conceitos básicos foram revelados ao mundo no fim da semana passada. Interpretando os sentimentos profundamente cristãos do Governo e do povo do Brasil, venho solicitar a Vossa Eminência Reverendíssima fazer chegar a Sua Santidade o Papa João XXIII, juntamente com a reiteração da minha [dedicação]²¹⁴ filial, o mais caloroso apoio do Brasil aos vigorosos conceitos emitidos sôbre a necessidade urgente de se dedicar especial atenção ao problema do desenvolvimento econômico das nações subdesenvolvidas.²¹⁵

O documento era a aceitação, no Brasil, da Encíclica Papal, de significado sagrado para a Igreja, pois representava a diretriz do "Sumo Pontífice" sobre as tradições e os mandamentos da Igreja. Um pedido de ajuda para a resolução do "problema do desenvolvimento econômico das nações subdesenvolvidas" compôs a mensagem do Itamaraty

²¹² Eventos que marcaram a ligação de Lacerda com os militares, especialmente os da Aeronáutica, foram: a campanha contra Vargas pela Tribuna da Imprensa, o Atentado da rua Tonelero e a República do Galeão.

²¹³ Data na qual um contragolpe preventivo do então Ministro da Guerra, Marechal Lott, evitou "o golpe contra as instituições e a implantação da ditadura" (MONIZ BANDEIRA, 1978, p. 374), garantindo a posse de Juscelino e João Goulart.

²¹⁴ A palavra "dedicação" está escrita à caneta, sobre-escrita a uma outra que fora riscada de caneta azul. Com um pouco de atenção, é possível identificar que a palavra originalmente datilografada era "piedade". É óbvio que não caberia a um Ministro dizer a Sua Santidade que tem "piedade filial", pois a piedade é um instituto divino, somente concedida por um sacerdote, a quem é conferido esse poder misericordioso.

²¹⁵ Telegrama nº 26, expedido em 17 de julho de 1961. AHMRE.

ao Papa. Essa aproximação levou ao estabelecimento de convênios com a Igreja Católica. Em correspondência, dizia o Embaixador brasileiro no Vaticano:

3. Como um dos objetivos principais do atual governo brasileiro é o de elevar o índice cultural das regiões que, até agora, tem encontrado menor desenvolvimento, como, por exemplo, o Nordeste, o Centro-Oeste, et., acredito, segundo o exposto no referido ofício, que um plano de incremento do ensino religioso naquelas regiões atenderia ao triplo objetivo de:
- a) elevar o número de alfabetizados e índice geral de cultura naquelas regiões;
 - b) combate às ideologias de esquerda que sempre proliferam onde há miséria; (grifo nosso)
 - c) entrosamento no plano geral de educação traçado pelo Ministério da Educação e Cultura para o atual período governamental.²¹⁶

O governo brasileiro estabeleceu convênios com a representação da Santa Sé para a construção de escola das primeiras séries até o antigo colegial. Dentre os objetivos destacados, era nitidamente pactuado "o combate às ideologias de esquerda".

Em março de 1961, o governo Jânio Quadros havia estabelecido convênio com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB - por meio do Decreto 50.370 de 21 de março. O decreto estabelecia o "incentivo" ao Movimento Educação de Base (MEB) criado pela Igreja Católica para educar a população mais carente de lugares afastados dos grandes centros. As regiões prioritárias para o trabalho eram o Nordeste, o Norte e o Centro-Oeste. A CNBB foi designada como coordenadora do projeto. A execução do programa dar-se-ia por meio de escolas radiofônicas.

O governo destinou uma dotação inicial de Cr\$ 414.300.000,00 (quatrocentos e quatorze milhões e trezentos mil cruzeiros), ao MEB²¹⁷, liberada em cotas bimestrais, pelo Banco do Brasil. A verba teria origem nos Ministérios envolvidos no planejamento da operação: Ministério da Educação, Ministério da Agricultura, Ministério da Saúde, Ministério da Aeronáutica, Ministério da Viação e Obras Públicas. A execução do programa contaria ainda com os seguintes órgãos cooperados: Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste; Serviço Social Rural; Comissão do Vale do São Francisco; e Superintendência da Valorização da Amazônia²¹⁸. O decreto foi baixado logo depois de Jânio Quadros apresentar o plano de governo ao Congresso Nacional. A Sudene ficou como órgão de apoio às escolas radiofônicas.

²¹⁶ Telegrama 93 de 09/06/1961. 64. AHMRE.

²¹⁷ Sobre o MEB e as escolas radiofônicas, ver: BAUMWORCEL, Ana. *As escolas radiofônicas do MEB*. Niterói: UFF, 2008. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/60-encontro-2008-1/As%20escolas%20radiofonicas%20do%20MEB.pdf>>, acesso em 02/03/2016.

²¹⁸ Art. 8º decreto 50.370/1961.

Jânio Quadros mantinha, assim, proximidade com a Igreja Católica²¹⁹. Esta atingiria, com essa aproximação, seu objetivo de ampliar seu trabalho doutrinário por meio de um programa educacional. A medida atendia aos objetivos do governo Jânio em pelo menos dois aspectos principais: 1- transferir para a Igreja a responsabilidade com a alfabetização, desonerando o governo em relação à solução de um problema social grave; 2- cumprir o plano ideológico de doutrinação anticomunista por meio do processo de educação de base; 3- estabelecer um freio nas organizações de base como as Ligas Camponesas; e 4- impedir a pluralidade das ideias.

Jânio Quadros reuniu-se com os cardeais para firmar o convênio e discutir os detalhes de sua execução. Estado e Igreja uniam-se, de várias formas, sob a égide do capitalismo dependente. O *L'oserbvatore Romano* (Órgão oficial de notícias do Vaticano) noticiou o encontro de Jânio com a hierarquia católica.

O sistema escolar, em muitas localidades do interior do Brasil, funcionava sob a forma radiofônica. As aulas eram transmitidas por rádio por um locutor. A distância entre as localidades e a dificuldade de transportes fazia desse sistema uma alternativa necessária para chegar aos rincões mais distantes do país. Some-se a esses fatores, no Nordeste, a questão da seca que, em 1961, tomou proporções alarmantes.

²¹⁹ Segundo Dreifuss, o IBAD tinha ligações com a extrema-direita católica e "a organização tecno-clerical de direita Opus Dei". A organização apoiou a candidatura de Jânio Quadros por meio do Conselho das Classes Produtoras (CONCLAP). Antonio Silveira Leopoldino, ex-auxiliar de gabinete de Jânio, era do Conselho da Ação Democrática Popular, um canal de comunicação do IBAD. (DREIFUSS, 1981, p.103).

Figura 14 - O terno e a batina

Foto: *L'osservatore Romano*, 1961.

Encaminhado pelo Telegrama 72 de 04/05/1961. AHMRE

Assim como em Cuba, a Igreja tinha um projeto mundial de escolarização, com um objetivo pontual de doutrinação filosófica anticomunista, porquanto compreendia como uma forma mais eficaz e pacífica de impedir o avanço das ideias ateístas e socializantes, contrárias aos dogmas confirmados na nova Carta Papal *Mater et Magistra*²²⁰. As relações que Jânio desenvolvera com a alta hierarquia da Igreja Católica vinham, conforme analisado, de muito antes de sua eleição para a presidência, pois, no exercício dos cargos públicos, cercou-se de assessores com ligações diretas com setores de ultradireita da Igreja, além do que a instituição religiosa representava uma organização consolidada socialmente. O convênio previa um aumento de cinco mil para quinze mil escolas radiofônicas, distribuídas conforme o mapa a seguir:

²²⁰ Telegrama 93 de 09/06/1961. AHMRE

Figura 15- Distribuição das escolas radiofônicas

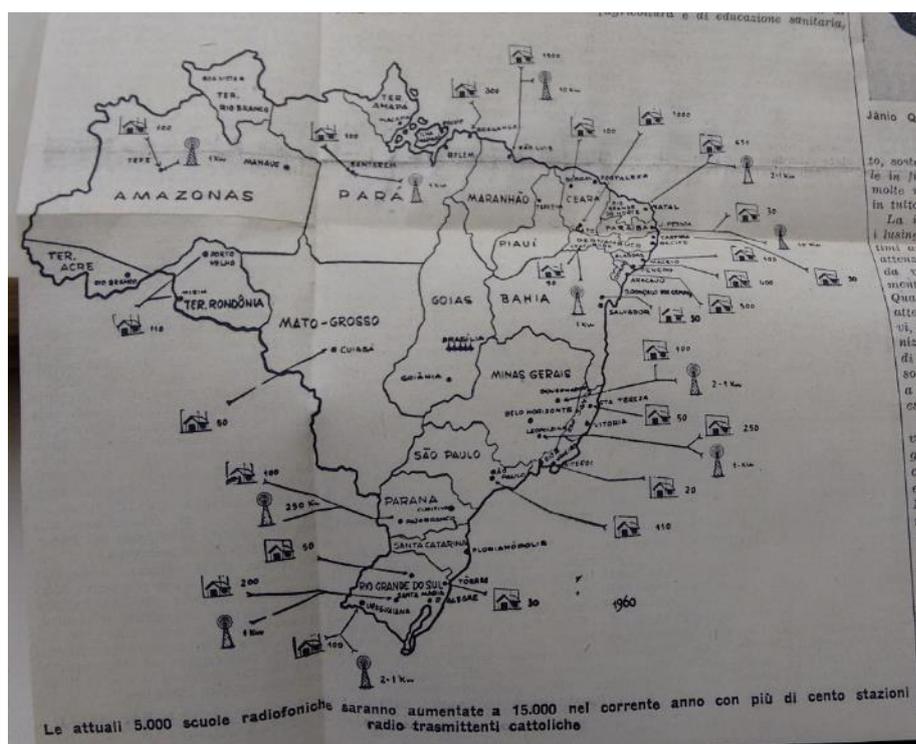


Foto: *L'osservatore Romano*, 1961. Telegrama 72 de 04/05/1961. AHMRE

Até 1960, conforme mostrado no mapa, as cidades de Crato, no Ceará, e São Luís, no Maranhão, eram as que possuíam a maior quantidade de escolas: 1.000 e 1.900 respectivamente. Seguiam, em números, as cidades de Aracajú, em Sergipe, com 500 e Maceió, nas Alagoas, com 400 escolas radiofônicas. Como se pode observar pelo mapa, previa-se maior concentração no Nordeste. Um dos fatores para essa previsão, era a importância da região no cenário político latino-americano.

2.4 Recife: a prova de fogo

O Nordeste brasileiro era a região do Brasil conhecida pela seca e pelo "coronelismo, enxada e voto" como diria Victor Nunes Leal (2012). Para os nordestinos parecia um lugar esquecido. Em decorrência desse "esquecimento", fome (ver CASTRO, 1984) e miséria assaltavam as vidas humanas sem ter a quem recorrer. O Nordeste continuaria a ser um lugar esquecido pelo governo federal durante o curto mandato de Jânio Quadros.

Das cerca de 58 milhões de pessoas economicamente ativas em 1960, perto de 23,7 milhões trabalhavam em atividades de "agricultura, pecuária e silvicultura". Na indústria, a empregabilidade chegava a 5,3 milhões. Sabe-se que, na divisão por regiões, o Nordeste concentrava muito mais atividades ligadas à terra do que as outras. No Nordeste estava concentrada a maioria dos analfabetos.

A luta de classes no Nordeste tomava contornos mais acirrados. Em Pernambuco, desenvolveu-se uma das maiores experiências daquele contexto histórico: as Ligas Camponesas (ver AZEVEDO, 1982 e BASTOS, 1984). O governo acenou com o projeto, via CEPAL, do desenvolvimento do Nordeste, cuja responsabilidade ficaria a cargo da SUDENE, dirigida por Celso Furtado²²¹. No campo da esquerda, o surgimento das Ligas Camponesas tornou Francisco Julião²²² a principal liderança. A bandeira de lutas das Ligas Camponesas era "Reforma agrária na lei ou na marra".

Após o triunfo da Revolução cubana em 1959, o olhar tanto da direita quanto da esquerda passou a ser mais atento: o Nordeste seria o lugar no Brasil onde se desenvolveriam melhores condições para fazer uma revolução. As teses sobre a revolução no Nordeste foram reforçadas pela produção teórica de Che Guevara. Guevara escreveu o manual da luta revolucionária *Guerra de Guerrillas*. Ele já estava convencido de suas teses sobre as transformações sociais e econômicas nos países considerados, à época, "subdesenvolvidos". Em *Guerra de Guerrillas*, já no primeiro capítulo *Esencia de la lucha guerrillera*, Che anunciou as "três lições fundamentais" que Cuba ofereceu à América:

1º As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército.

2º Nem sempre devemos esperar que todas as condições para a revolução estejam dadas: o foco insurrecional pode criá-las.

3º Na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve situar-se fundamentalmente no campo. (GUEVARA, 2011, p. 81)

Esses são os princípios fundamentais da guerra de guerrilhas que Che defendia, argumentando que não poderia ser perdido tempo em discussões teóricas, o que seria interpretado como uma crítica dirigida aos partidos comunistas da época. Seguindo a tese de

²²¹ Celso Furtado (1920-2004) integrou a CEPAL como um dos principais teóricos sobre desenvolvimento econômico e social para a América Latina e o Brasil, em particular. Por iniciativa e elaboração de Furtado, Kubitschek criou a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 1959.

²²² Francisco Julião (1915-1999) era pernambucano. Advogado e militante, filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro partido pelo qual foi Deputado Federal, eleito em 1962. Defendeu as causas jurídicas e políticas dos lavradores e lutou pela reforma agrária radical no Brasil. Em 1964, teve o mandato cassado pela ditadura.

que, na América, o lugar prioritário da luta era o campo, Francisco Julião defendia que, no Brasil, tratava-se do Nordeste.

A eleição, em 1958, do industrial Cid Sampaio, numa inusitada aliança entre UDN, PSB, PTN, PSP e PTB, pôs fim ao longo ciclo do PSD no governo do Estado. Eleito, ele nomeou seu cunhado, Miguel Arraes, Secretário de Fazenda. No ano seguinte, Arraes seria o prefeito da cidade de Recife, apoiado pelas esquerdas²²³. Com o poder político nas mãos da esquerda, o Nordeste transformou-se no centro de gravidade da revolução no Brasil, mais propriamente em Pernambuco.

Francisco Julião foi eleito Deputado Federal pelo PSB em 1962, no Recife. As teses que apresentou sobre a luta no campo encantaram Julião, que acreditava ser possível a realização da revolução com a conjugação de esforços da cidade e do campo, tendo neste último seu pilar fundamental. Francisco Julião era advogado e defendeu muitos camponeses, injustiçados por seus patrões, tendo participado da comitiva de Jânio Quadros a Cuba.

O Jornal carioca *A Noite* registrou que o vice-governador de Pernambuco, Pelópidas Silveira, havia ficado encantado com o governo cubano. Ao retornar da viagem à ilha, disse o dirigente estadual que Cuba era um "exemplo de poder popular" (*A noite*, 21/08/1961, p.04).

Francisco Julião tornou-se uma pessoa de confiança para os cubanos, por seu compromisso com a população. Seguida à renúncia de Jânio, o jornal *El Mundo*, de Cuba, publicou uma entrevista de Fidel sobre a crise brasileira, cujo título dizia "Guerra de Guerrilhas, aconselha Fidel ao Brasil". Em seu interior, na página 02, escrito em quatro colunas somente de textos, o periódico destacou o subtítulo "Las Ligas de Julião". No corpo da entrevista, dizia o Comandante Fidel que "Las Ligas campesinas, dirigidas por Juliao, lanzaron un manifesto llamando huelga general en defensa de la constitución brasileña" (*El Mundo*, 01/09/1961, p. 02)²²⁴.

Fidel destacou na entrevista quatro nomes de brasileiros que via como chaves nesse processo de crise: Lacerda, Brizola, Lott e Francisco Julião. Sobre o primeiro, Fidel tinha repulsa, reafirmando que era um traidor, laçao dos Estados Unidos. De Brizola e Lott, ele falava que eram heróis do nacionalismo, defensores da Constituição. Em relação a Julião, considerava um revolucionário, organizador das massas exploradas do campo (*El Mundo*, 01/09/1961, p. 02).

²²³ Nesse caso, foi apoiado pelo PSB e PCB (socialistas e comunistas).

²²⁴ "As ligas camponesas, dirigidas por Julião, lançaram um manifesto chamando à greve geral em defesa da Constituição brasileira". Tradução do autor.

Em agosto de 1960, a Embaixada do Brasil em Havana encaminhou correspondência ao Itamaraty informando sobre encontro com Julião:

Estamos seguramente informados de que o Ministro HART, acompanhado de seus auxiliares EDUARDO LARA e LESLIE RODRIGUEZ, teve um encontro secreto com FRANCISCO JULIÃO, líder das 'Ligas Camponesas' e membro do Partido Comunista brasileiro. A êsse encontro compareceram vários comunistas brasileiros, entre os quais os Professores HÉLIO MARQUES e JOSÉ ALMEIDA BARRETO.²²⁵

O Ministro da Educação de Cuba foi responsável pelo impulso educacional que teve a Cuba após a Revolução. O trabalho com as brigadas voluntárias de jovens fez o analfabetismo no país diminuir consideravelmente em dois anos. Por que o Embaixador falou em um "encontro secreto"? Onde estaria o segredo do encontro se a própria correspondência do Itamaraty é uma prova em contrário?²²⁶

Em documento secreto do Ministério das Relações Exteriores, a embaixada brasileira em Havana relatou as conversas que tiveram os cubanos com os dois principais líderes brasileiros: Francisco Julião e Luís Carlos Prestes. A simpatia foi muito maior pelo líder popular nordestino, não só pelos motivos já elencados, mas pela compreensão de Julião de que a via cubana era, de fato, a mais adequada para o caso brasileiro.

Tempos depois, antes do golpe de 1964, no dia 9 de agosto de 1963, foi encaminhado pela CIA, às autoridades norte-americanas, um Relatório Especial, intitulado *Cuban Subversion in Latin America*²²⁷. O Relatório informava o resultado das investigações das atividades de grupos que consideravam comunistas, atuando na América Latina. Sobre o Brasil, o documento fazia uma análise da atuação específica de dois "líderes comunistas": Luís Carlos Prestes e Francisco Julião. O primeiro foi chamado de "líder comunista da linha ortodoxa", mais simpático à Rússia, enquanto o outro "líder das Ligas Camponesas no Nordeste do Brasil", cuja ideologia estaria mais ligada ao "Comunismo chinês". Segundo o serviço secreto norte-americano, Prestes e Julião haviam encontrado com Fidel Castro em Cuba. Na avaliação da CIA, Fidel teria ficado mais impressionado com Julião do que com Prestes. "A revolução, diz o documento, poderia ser desencadeada no Nordeste, por meio das

²²⁵ Telegrama Secreto nº 89. AHMRE

²²⁶ O Embaixador escrevera que Julião era do Partido Comunista. Na verdade, ele era do Partido Socialista Brasileiro (PSB).

²²⁷ CIA-Special Report: *Cuban Subversion in Latin America*, OCI-292/63B, 09/08/1963. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/>>, acesso em 23/03/2015.

Ligas Camponesas, sob a liderança de Francisco Julião e Cuba estaria disposta a ajudar Julião em seus objetivos"²²⁸. Outro relatório da CIA falava de Francisco Julião:

No Brasil, a violência tem sido suave em comparação com o grande número de camponeses realmente organizados e liderados por comunistas. A atividade mais espetacular foi realizada pelas ligas camponesas (Ligas Camponesas), principalmente no Nordeste. Originalmente organizadas em 1957, foram assumidas em 1959 por Francisco Julião, um advogado radical com conexões castristas que defende a revolução sangrenta como o único meio para provocar mudanças. Julião fez viagens frequentes a Cuba, recebeu armas e dinheiro de Castro, queimou alguns campos de cana, e por um tempo quase estava em uma revolta aberta contra o governo.²²⁹

Não era apenas a liderança de Francisco Julião que assustava a burguesia. Os estudantes mantinham uma organização forte. A esquerda era maioria no Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Recife. A luta política que se desenvolveria na cidade não deixou dúvidas sobre as reais intenções de Jânio Quadros. Infelizmente tem sido muito pouco abordada pela historiografia brasileira.

Em sua obra *A Faculdade sitiada* (2009), a professora Ana Maria César narrou um dos maiores acontecimentos daquele ano de 1961, que demonstraria, por vez, a face autoritária de Jânio Quadros. No dia 31 de maio de 1961, os estudantes da Faculdade de Direito do Recife, ligada à antiga Universidade Nacional, sob a direção de Soriano Neto, marcaram uma Conferência com, nada mais nada menos, do que a mãe de Ernesto Che Guevara, Célia de la Serna. A mãe de Che estava viajando pela América Latina para divulgar a Revolução Cubana e formar comitês de solidariedade a Cuba, em virtude dos ataques imperialistas à ilha. A participação militante de Dona Celia foi fundamental para informar milhares de pessoas no continente sobre os reais acontecimentos em Cuba e fortalecer a luta anti-imperialista.

O presidente do Diretório Central dos Estudantes, ao solicitar autorização para presença de Célia Guevara, teve seu pedido negado pelo diretor da Faculdade. Uma comissão de estudantes tentou reiterar o pedido, mas foram rispidamente rechaçados pelo diretor, o que

²²⁸ CIA-*Special Report: Cuban Subversion in Latin America*, OCI-292/63B, 09/08/1963. Disponível em: < <https://www.cia.gov/library/>>, acesso em 23/03/2015.

²²⁹ EUA. CIA, 2001, Disponível em: < <https://www.cia.gov/library/>>, acesso em 23/03/2015. Texto original: "In Brazil, violence has been slight compared with the large numbers of peasants actually organized and communist-led. The most spectacular activity has been carried on by the Peasant Leagues (Ligas Camponesas), principally in the Northeast. Originally organized in 1957, they were taken over in 1959 by Francisco Juliao, a radical lawyer with Castroite connections who is for bloody revolution as the only means to bring about change. Juliao made frequent trips to Cuba, received arms and cash from Castro, burned a few cane fields, and for a time was almost in open revolt against the government." Tradução do autor.

os motivou a realizar o evento mesmo sem a devida autorização (CÉSAR, 2009). Diante da "desobediência" estudantil, o diretor Soriano Neto, ancorado na autoridade do cargo e de sua inabilidade política, mandou que apagassem as luzes, fechassem as portas e esvaziassem o prédio.

Por volta das 20 horas, Celia de la Serna chegou à Faculdade e dirigiu-se à sala que os estudantes haviam escolhido para o encontro. Após o apagar das luzes, a Conferência foi realizada à luz de velas. Dona Celia, com espírito o crítico que passou ao filho, iniciou a oratória, dizendo que "apaga la luz pero no apaga la verdad. Es mejor hablar a la luz de unas velas que a la luz de la light, una empresa corrupta e imperialista, explotadora del pueblo brasileño" (LA SERNA, apud CÉSAR, 2009). De acordo com César (2009), que também esteve como estudante de direito naquele dia, havia alunos de esquerda para apoiar o evento e de direita que tentaram hostilizar a mãe de Che.

O serviço de informações cubano tratara de dar conhecimento a Che Guevara sobre os incidentes envolvendo sua mãe, devido à hostilidade que vinha sofrendo por parte de grupos anticomunistas. O Comandante Guevara, imediatamente, mandou chamar o Encarregado de Negócios brasileiro. Em tom sereno, mas com firmeza característica, Che advertiu o brasileiro sobre o ocorrido e, por diplomacia, inverteu a proposta, informando que, se sua mãe estivesse causando problema, ele pediria que ela evitasse atividades políticas. Em Telegrama de Havana para o Ministério das Relações Exteriores no Brasil, o embaixador brasileiro Carlos Jacyntho de Barros transmitiu o recado do Comandante Guevara:

O Comandante Guevara chamou-me hoje à tarde ao seu Gabinete para manifestar-me que, no caso de estar a atuação da Senhora Célia de la Serna Guevara causando alguma dificuldade ao Governo brasileiro, êle se prontificava a intervir junto a sua mãe para que se abstinisse de qualquer atividade política no Brasil. Acrescentou que o Presidente da República estava ciente de que êle me ia falar sôbre o assunto e que o Governo cubano em nada estava vinculado às atividades da Senhora Guevara no Brasil.²³⁰

Os representantes das Embaixadas conheciam bem Che Guevara e a extrema seriedade com que lidava com seus compromissos. Guevara sabia também que precisava dar segurança à sua mãe. Ao chamar o Encarregado de Negócios, seu recado foi facilmente entendido pelo governo brasileiro, que fez o possível para evitar maiores contratemplos. Dona Celia encerrou

²³⁰ Telegrama 146, da Embaixada brasileira em Havana em 12/06/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondências Especiais. Havana, Telegramas, 1961, vol 01425, Caixa 07. AMRE.

a palestra e dirigiu-se para o hotel onde estava hospedada. A Presidência da República tratou de repassar o recado ao governo de Pernambuco e ao Diretor da Faculdade.

No dia seguinte, os alunos reuniram-se em assembleia convocada pelo DCE e aprovaram uma nota, sabedores que a direção da Faculdade tinha a intenção de puni-los. Em reunião do Conselho da Faculdade, foi decidido que os estudantes não seriam punidos, mas uma sindicância seria aberta para apurar os incidentes. Contrários ao objeto da sindicância, os alunos propuseram a troca do objeto, devendo ser investigadas as situações deterioradas da Faculdade e suas causas. A nota dizia:

Grande há muito tempo é o descontentamento dos alunos contra o regime e a estrutura da Faculdade de Direito. Professores que não dão aula e aqueles que não sabem ministrar, desatualização dos métodos de ensino com absoluta falta de aulas práticas, horários que visam apenas os interesses dos professores, ausência completa de cuidados da diretoria na parte de material da faculdade, pouca iluminação nas salas de aula, ventiladores sem funcionamento, sanitários estragados, cadeiras em estilo antigo. O Salão dos Espelhos em estado lamentável, bancas de estudo em deplorável condição. A demora na entrega dos programas das matérias cujo ofício da faculdade solicitando impressão chegou à imprensa universitária no dia 16 de maio. (Nota DCE da Faculdade de Direito de Recife, 1961)

A nota dos estudantes foi contundente, mostrando as principais reivindicações da categoria para um pleito que diziam ser de muito tempo. A direção da faculdade recebeu o documento como uma afronta e buscou, por meio de instrumentos repressivos, intimidar os estudantes, sem, no entanto, ater-se aos pontos elencados na nota. Sucessivas manifestações estudantis, em outras faculdades, começaram a despontar e tornar a atmosfera pernambucana mais quente do que o comum. Como não houve acordo entre as partes, os estudantes deram início a uma greve e ocuparam a Faculdade. O diretor chamou a polícia e Jânio enviou o exército para reprimir violentamente os estudantes.

Em mais uma de suas manobras, o presidente aproveitou-se de denúncias sobre contrabando no Nordeste para nomear outro comandante para o IV Exército no Recife. O *Correio da Manhã* publicou:

GUERRA

Rumo ao Recife o novo com. do IV Exército e Guarnições do Norte e Nordeste

Nomeado pelo Presidente da República por indicação do ministro da Guerra, viajou, ontem, via área, para o Recife o general-de-Exército Oswaldo de Araújo Mota, que foi assumir o comando do IV Exército e guarnições do Norte e Nordeste do país. O seu embarque foi muito concorrido, vendo-se no Galeão todos os altos chefes militares desta guarnição, bem como o representante do ministro Odylo Denys, amigos e camaradas do antigo subchefe do Estado-Maior do Exército. O general Mota, segundo estamos informados além do exercício natural daquele alto cargo, leva também a incumbência de importantes missões, inclusive no tocante a repressão

ao contrabando pois, como se sabe, o IV Exército é uma das mais destacadas Grandes Unidades das nossas Fôrças Armadas de terra. O comandante do I Exército, general Souto de Oliveira, acompanhado do chefe do seu Estado-Maior, general Lyra Tavares, também estêve presente ao embarque. (*Correio da Manhã*, 01/06/1961, 2º caderno, p. 04.)

A notícia sobre o deslocamento do comando do Exército para Recife, com o argumento de "repressão ao contrabando", gerou dúvidas sobre os verdadeiros objetivos da medida, pois não informou o quê estaria sendo contrabandeado ou quem seria o responsável pelo crime. Ao mesmo tempo causava apreensão nos estudantes, que se sentiam intimidados com a presença de tropas das Forças Armadas em frente à Faculdade. A greve continuou mesmo com Exército. No dia seguinte, o jornal noticiou:

Proibida a palestra de Celia Guevara
 RECIFE, 2 (correspondente) - Os estudantes da Faculdade de Direito entraram hoje em choque com a direção daquele estabelecimento por ter o professor Soriano Neto proibido a conferência da sra. Celia Guevara, que fôra convidada pelo Diretório Acadêmico. Os universitários insistiram na realização da palestra, mas o diretor manteve-se inflexível em sua decisão, ameaçando, inclusive, intervir no Centro. Inconformados, os estudantes invadiram o edifício da Faculdade, passando a fazer as salas de aulas de dormitórios. (*Correio da Manhã*, 03/06/1961, 2º caderno, p. 01)

A imprensa burguesa um tom ainda dúbio. O Presidente havia enviado um emissário, o assessor de imprensa Carlos Castello Branco, para acompanhar os acontecimentos e manter informado. Outros grupos políticos que disputavam espaços no governo também enviaram seus representantes (CASTELLO BRANCO. 1996,p.74)²³¹. A luta teria ficado a favor de Pedroso Horta, "senhor e intérprete incontestado do que se chama o dispositivo militar do governo" (CASTELLO BRANCO. 1996, p.74).

O *Correio da Manhã* foi o mais incisivo:

Ali, primeiro, têm de ser adotadas as medidas enérgicas que preconizamos, as únicas capazes de sufocar a rebelião:
 O plano e as verbas da SUDENE, os 20 bilhões que darão uma esperança aos desesperados;
 O projeto Ferrari que dá um pouco de dignidade humana aos ofendidos e humilhados;
 A reforma agrária que encerrará no Brasil a triste história da servidão, acendendo a luz de uma aurora, de um futuro.
 Ao criticar o Congresso por não votar as reformas, afirma o jornal que "espera a revolta":
 Agora, as revoltas começam a eclodir. Qualquer pretexto é bom, como no Recife a condenável indisciplina dos estudantes. Mas o perigo é real, é muito maior que o de uma rebeldia estudantil. É o perigo da explosão do desespero.

²³¹ Em *A renúncia de Jânio*, CASTELLO BRANCO (1996,p.74) avaliou que o episódio de Recife foi fundamental para entender o 25 de agosto.

Não prestamos ouvidos aos boatos e arengas alarmistas. O Estado brasileiro está bem armado e bem defendido. Uma revolução tem poucas expectativas de vencer. A repressão militar e policial restabeleceria perfeitamente a ordem. Mas já se sabe que se pode fazer tudo com as baionetas menos sentar-se em cima delas. (*Correio da Manhã*, 03/06/1961, 2º caderno, p. 01)

Os rumores de "revolução" tomavam conta dos noticiários. A presença da mãe de Che Guevara poderia representar, para a direita, uma propaganda que não lhes comprazia. As tropas militares e policiais permaneciam nas ruas. O General Osvaldo Araújo Mota, que havia assumido o comando do IV Exército, no dia 02 de junho, dirigiu-se aos pais dos estudantes, numa tentativa de manter o controle da situação pela via familiar. Os estudantes chamavam o Ministro da Educação, Brígido Tinoco, de traidor e gritavam palavras contra o presidente Jânio Quadros, por utilizar o Exército para reprimir a manifestação (CÉSAR, 2009).

Em Brasília, o clima quente do Recife reproduzia-se em plenário. A direita cobrava do governo uma ação mais contundente, enquanto a esquerda pedia tranquilidade para que não houvesse uso da força contra os estudantes. Uma Sessão Extraordinária foi convocada na madrugada do dia 8 de junho para discutir as medidas que caberiam àquela Casa Legislativa. O líder do governo Pedro Aleixo (UDN-MG) foi exitoso em sua manobra e convenceu os deputados que o melhor seria convocar o Ministro da Justiça para esclarecer os fatos e informar que ações o governo estaria realizando no sentido de encerrar o litígio em Pernambuco.

O maior receio da ala conservadora era a influência da esquerda revolucionária, o "perigo vermelho", o que poderia resultar em uma aliança entre estudantes e as Ligas Camponesas. O jurista *Correio da Manhã*, assim tratou essa possibilidade:

Na reunião vespertina, o sr. Aderbal Jurema (PSD-PE) havia ressaltado não existir o cunho vermelho no movimento grevista dos universitários de seu Estado. Leu trechos de nota oficial em que os acadêmicos repudiavam qualquer forma de ditadura. Quanto à alegação de que o movimento havia se iniciado com a conferência pronunciada pela mãe de "Che" Guevara, o parlamentar afirmou que também não procedia. Finalizou declarando que a CPI que preside vai amanhã para a Capital pernambucana. (*Correio da Manhã*, 09/06/1961, 2º caderno, p.01)

O governo e a imprensa silenciavam sobre detalhes do acontecimento. As entrelinhas, no entanto, falavam o necessário para que uma imagem sobre o assunto pudesse ser construída. O general Cordeiro de Faria conferenciou com o Presidente e o Ministro da Justiça, dizendo ao público que a situação estava caminhando para a normalização. Ao envolver Cordeiro de Faria, percebia-se que o governo tratava a greve dos estudantes com bastante preocupação. A FAB (Força Aérea Brasileira) entrou em regime de prontidão e

militares foram proibidos de sair do quartel enquanto não se encerrasse de vez o caso. O episódio do Recife tornava-se uma prova de fogo para o governo, permitindo que aliados e opositores fizessem os respectivos julgamentos. O PCB, como analisado pelas notícias publicas em *Novos Rumos*, caracterizava o governo como ditador, denunciando manobras de Quadros para manter-se no poder.

Em São Paulo, os estudantes organizaram-se para discutir as questões que ocorriam em Recife. A esquerda dirigia boa parte dos Diretórios em Universidades pelo Brasil. O Centro Acadêmico da Faculdade de Direito, onde estudou Jânio Quadros, deliberou pela entrada em greve em solidariedade ao movimento de Recife, o que criou uma situação inversa ao que esperava o governo.

Figura 16 - Exército reprime estudantes no Recife



Foto: *A Noite*, 10/06/1961, p.1

Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 02/10/2016.

A greve dos estudantes resistiu por muito tempo. As forças populares, apoiadas por Miguel Arraes, avançavam. A direita, por sua vez, não retrocedia e mantinha uma posição autoritária para a resolução do problema.

Os ecos de Recife agitavam outros estados. eclodiu no Rio de Janeiro manifestação estudantil que resultou em quebra-quebra na Faculdade Nacional de Engenharia, no mandato do professor Pedro Calmon como Reitor. O Presidente Jânio Quadros treinava as mãos ditatoriais que sonhou utilizar com a renúncia em agosto do mesmo ano. Em Memorando enviado ao Ministro da Educação, determinou abertura de sindicância e apuração enérgica dos fatos:

Excelência:

- 1) Registro, com espanto, que dezenas de desordeiros, fazendo-se passar por estudantes, depredaram a Escola Nacional de Engenharia, um dos mais altos e beneméritos institutos de ensino superior da Nação, e patrimônio nacional;
 - 2) Verifique V. Exa. se é possível identificar todo o bando, ou parte do bando para que os nomes sejam encaminhados, na hipótese que não aceito, de estudantes, à Reitoria da Universidade e às respectivas escolas, a fim de que recebam castigo exemplar;
 - 3) verifique ainda, se foi aberto inquérito, e a conveniência de acompanhar êsse inquérito por membro do Ministério Público.
- (a) Jânio Quadros (*Correio da Manhã*, 09/06/1961, 2º caderno, p. 01)

Os métodos policiaescos das sindicâncias não ficaram circunscritos a elas. A personalidade de Jânio emanava autoritarismo. O memorando que enviou ao Ministro da Educação "ordenava" que lhe fossem enviados os nomes dos manifestantes para que fossem punidos, chamando-os de "desordeiros" e "bando".

No dia seguinte estaria chegando, ao Rio de Janeiro, o representante dos Estados Unidos junto à ONU, Adlai Stevenson, com sua comitiva. Stevenson encontrou com o Presidente Quadros em São Paulo, longe do ar rarefeito de Brasília, devido aos acontecimentos de Recife. O representante do imperialismo norte-americano desceu do avião acompanhado de uma comitiva formada por nada menos que Lincoln Gordon (mais tarde ficará conhecido como um dos articuladores do golpe de 1964) na ocasião professor de Harvard; William Bradford, chefe-assistente de planejamento do Escritório de Operações Latino-Americanas do Ponto IV; Ellis O. Briggs, ex-embaixador dos EUA no Brasil e chefe da diplomacia norte-americana na Grécia; Charles Cook, especialista em assuntos políticas e de segurança; e Francis Carpenter, diretor dos Serviços Noticiosos da Missão dos EUA junto à ONU (*Correio da Manhã*, 09/06/1961, 2º caderno, p. 1).

A declaração de Stevenson sobre o Nordeste brasileiro revelou que a visita daquela comitiva ao país não era apenas uma cortesia ou para discutir assuntos referentes á Aliança para o Progresso. A região mais pobre do Brasil era vista como um "região explosiva do ponto de vista político" (*Correio da Manhã*, 09/06/1961, 2º caderno, p. 1). A liberação de recursos para desenvolvimento do Nordeste era uma estratégia para mitigar os movimentos de contestação, evitando que irradiassem para o restante do país. O norte-americano anunciava que seriam remetidos ao Brasil milhões de dólares para investimento específico no Nordeste.

O Nordeste era monitorado pelo governo norte-americano, por intermédio da CIA, conforme confirmado anteriormente. O *Correio da Manhã* divulgou:

Recentes distúrbios no Nordeste do Brasil e na Bolívia deram prioridade à formulação das propostas de ajuda. Os funcionários americanos, ao que se sabe, estão acompanhando de perto os acontecimentos no Nordeste brasileiro, onde forças

e tanques foram utilizados para dominar estudantes em greve. Os nove Estados do Nordeste, com uns 20 milhões de habitantes, têm sido palco de agitação política intermitente, comandada pelas "Ligas Camponesas", inspirados na revolução de Fidel Castro. (*Correio da Manhã*, 09/06/1961, 2º caderno, p. 1)

A imprensa parecia seguir um protocolo premeditado. As notícias sobre manifestações eram interpretadas como "distúrbios" ou "agitações" que mereceriam um tratamento "exemplar". Alai Stevenson acompanhou de perto o caso da greve dos estudantes, uma demonstração da preocupação dos Estados Unidos com a situação do Brasil, especialmente com o Nordeste. No dia 26 de junho, o Presidente Jânio Quadros encaminhou ao Ministro das Relações Exteriores, em seu famoso "bilhete", a seguinte mensagem:

De Brasília Em 26/6/61
 SOCORRO AOS FLAGELADOS DO NORDESTE, OFERECIMENTOS NORTE-AMERICANOS
 Os auxílios norte-americanos para o nordeste podem ser entregues ao ministro da Saúde ou à Presidência da República, consoante o caso.
 Comunicar a Washington.
 JÂNIO QUADROS (Cadernos do CHDD. Ano V, nº 8, 2006, pp.427-428)

Os Estados Unidos imediatamente encaminharam oferta ao Presidente Jânio de "socorro aos flagelados do Nordeste". Jânio, por sua vez, encaminhou ao Ministro das Relações Exteriores os órgãos competentes para receber os "auxílios" norte-americanos. Em março, havia sido criada grupo de trabalho sobre o Nordeste com coordenação pela SUDENE.

Na Câmara dos Deputados, os debates sobre os acontecimentos em Recife tornavam-se mais aquecidos. O Deputado Sérgio Magalhães (PTB-GB) fazia grave denúncia:

Sr. Presidente, a intranquilidade reinante no País, quando simples episódios de greves estudantis ou greves de trabalhadores são motivo de tantas apreensões, é o preço que a Nação está pagando pela ascensão de golpistas reacionários, inimigos da democracia, a posições-chaves no Exército, na Marinha e na Aeronáutica e na alta administração do País.
 Ocupo a tribuna, Sr. Presidente, para ver se consigo, com a ajuda dos nossos colegas, trazendo a debate assunto dessa gravidade, uma definição por parte de S. Exa. o Sr. Presidente da República, em face de toda essa situação de intranquilidade. Há quem diga que S. Exa. não estaria envolvido no chamado esquema golpista das forças da direita; e que, por isso mesmo, já teria abandonado o Governo em Brasília para fazê-lo em São Paulo onde possui maiores recursos para sua defesa pessoal. De qualquer maneira, parece-me inconstitucional a mudança de Governo sem que esta Casa tenha sido ouvida. (MAGALHÃES, 13/06/1961, in *Diário do Congresso Nacional*, p. 3975)

Estariam preparando um golpe? Essa foi a pergunta do Deputado Sérgio Magalhães naquela Sessão. Circulava nos bastidores políticos que um golpe estava sendo preparado²³². Como o Presidente havia viajado para São Paulo, o Deputado estranhou o espaço de tempo e usou a tribuna para o esclarecimento devido. Em tom incisivo, Magalhães exigiu de Jânio que se organizasse contra os golpistas que o estavam pressionando a mudar a política exterior. Reiteradamente o caso cubano entrava em cena, mesmo de forma subliminar.

O *Correio da Manhã*, na mesma matéria da edição do dia 13 de junho informou que Jânio não respondera à oferta de ajuda norte-americana para o Nordeste. O *Estado de São Paulo* publicou notícia mais preocupante, a partir dos acontecimentos no Recife. O jornal falava em "rumores sobre medidas de exceção":

A notícia de que alguns parlamentares foram sondados sobre uma possível remessa de mensagem presidencial no Congresso, pedindo o estado de sítio, bem como a afirmativa de que o ministro da Justiça estaria concluindo decreto ou projeto de lei sobre medidas de segurança nacional, provocaram abalo considerável, preocupando os parlamentares aqui presentes. A ausência de manifestações oficiais parece suspeita, ao mesmo tempo que ninguém se dispõe a dar crédito, por outro lado, às notícias oriundas de fontes oficiais. Desde o súbito agravamento da crise estudantil do Recife, os informes provenientes dos meios governamentais são recebidos com crescente descrédito por todas as facções, fenômeno que se agravou após o comparecimento do ministro da Justiça perante a Câmara. (*O Estado de São Paulo*, 13/06/1961, p. 3)

A notícia de *O Estado de São Paulo* tomava de surpresa a sociedade brasileira. Os setores golpistas preparavam novo golpe dentro do Estado de direito. O Ministro da Justiça, Pedroso Horta, ao que parecia, estava envolvido na trama. O silêncio do governo sobre as denúncias tornava-se mais preocupante do que o próprio fato em si. A credibilidade do governo, segundo o jornal, estaria em "crescente descrédito", agravando-se após os esclarecimentos que Horta deu aos deputados.

O desfecho do episódio deixou controvérsias na história. Carlos Castello Branco (1996) analisa que houve uma disputa interna pelo comando do governo. A professora Ana César (2011) questionou as verdadeiras intenções de Jânio, se não seria mesmo aproveitar o fato para o Estado de Sítio. O episódio do Recife devolveu ao Nordeste o papel de centro das decisões políticas, permitindo às diferentes tendências ideológicas verificar intenções e limites de seus adversários e dando a Jânio algumas das respostas que ele precisava sobre a organização da esquerda naquela região.

²³² Os anais da Câmara contém os debates sobre o tema.

2.5 A Política Externa Independente

Foi visto até aqui o contexto em que Jânio Quadros apareceu na política e os aspectos principais de seu governo. A abordagem esteve concentrada nos fatos da política interna. Esse tópico foi concebido para apresentar os fatores ligados à política externa que, articulados à conjuntura interna, deram a dimensão histórica das tramas que envolveram a condecoração.

A concepção de política externa adotada pelo governo Jânio Quadros resultou de um processo de reorganização do pensamento diplomático brasileiro e da reformulação da inserção do Brasil nas relações internacionais (GONÇALVES, In: FREIXO, 2016). Esse processo teve a influência incontestável dos efeitos produzidos pela Conferência de Bandung, realizada na Indonésia, em 1955.

A Conferência de Bandung²³³ promoveu uma ruptura na lógica da bipolaridade, estabelecendo um novo mapa da estrutura de poder e da correlação de forças entre os Estados constituídos naquele período. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, com a euforia da vitória contra o nazi-fascismo e o enfraquecimento de potências europeias colonizadoras como França e Inglaterra, ganharam mais força os movimentos de libertação nacional.

União Soviética e Estados Unidos buscaram influenciar as lutas nas antigas colônias, por vezes com programas de ajuda econômica e militar, a fim de adquirirem contrapartidas políticas de filiação ao respectivo campo de influência, transpondo a Guerra Fria para aquela região. Um forte sentimento nacionalista não permitiu, todavia, que a liberdade alcançada fosse desperdiçada para fortalecer os lados envolvidos na possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial (GONÇALVES, In: FREIXO, 2016).

Na dinâmica de construção de novos Estados nacionais na Ásia e na África, nasceu o movimento dos não-alinhados ao confronto bipolar. Como desdobramento das novas relações estabelecidas na região, entre os dias de 18 a 24 do mês de abril de 1955, realizou-se, na cidade de Bandung, Ilha de Java, "a primeira Conferência Ásio-Africana" (MENEZES, 2012, p.237). Patrocinaram o encontro: Índia, Indonésia, Ceilão, Paquistão e Birmânia²³⁴. Além desses, outros vinte e quatro países compareceram. Da Ásia participaram: Afeganistão, Camboja, China comunista, Irã, Iraque, Japão, Jordânia, Laos, Líbano, Nepal, Filipinas,

²³³ Relatório sobre Bandung foi escrito pelo observador à época, Embaixador Adolpho Justo Bezerra de Menezes. Ver: MENEZES, 2012.

²³⁴ Importante destacar que a Iugoslávia, sob presidência do Marechal Josip Broz Tito (1892-1980), participaria da Conferência seguinte, que sediou, em Belgrado(1961).

Arábia Saudita, Síria, Tailândia, Turquia, Vietnã do Norte, Vietnã do Sul e Iêmen. A África se fez representar por Egito, Etiópia, Costa do Ouro, Libéria, Líbia e Sudão.

Os vinte e nove países que participaram da conferência representavam, juntos, mais da metade da população mundial naquele período e tinham sua história caracterizada pelas lutas de libertação. Somente a Ásia possuía 1,3 bilhões de habitantes, enquanto a América Latina menos de 400 mil. Ao final, dez pontos foram aprovados por consenso:

1. Respeito aos direitos fundamentais;
2. Respeito à soberania e integridade territorial de todas as nações;
3. Reconhecimento da igualdade de todas as raças e nações, grandes e pequenas;
4. Não-intervenção e não-ingerência nos assuntos internos de outro país - (Autodeterminação dos povos);
5. Respeito pelo direito de cada nação defender-se, individual e coletivamente;
6. Recusa na participação dos preparativos da defesa coletiva destinada para servir aos interesses particulares das superpotências;
7. Abstenção de todo ato ou ameaça de agressão, ou do emprego da força, contra a integridade territorial ou a independência política de outro país;
8. Solução de todos os conflitos internacionais por meios pacíficos (negociações e conciliações, arbitradas por tribunais internacionais);
9. Estímulo aos interesses mútuos de cooperação;
10. Respeito pela justiça e obrigações internacionais. (MENEZES, 2012, p. 247-248)

Os resultados de Bandung foram expressivos, apontando um caminho que tinha a paz como questão central. Aprovados por consenso, os itens que compunham a resolução da Conferência eram comuns aos tratados de reciprocidade mundiais. Mais do que uma carta de intenções, Bandung deu uma demonstração de força política dos *condenados da terra*, como diria Fanon. Entre os aspectos mais relevantes da Conferência, Menezes destacou:

- c) marcou a nascença de um sistema regional que provavelmente virá pesar tanto ou mais na ONU que os blocos latino-americano ou europeu;
- d) deu maior coragem aos países ágio-africanos para persistir em suas reivindicações anticolonialistas;
- e) mostrou aos Estados Unidos e à Rússia que eles, embora não tendo potencial militar, formam uma força internacional a ser computada em qualquer estratégia mundial;
- f) fez com que os Estados Unidos tendessem a depreciar menos e a olhar com menos desconfiança a política do bloco neutralista asiático. (MENEZES, 2012, p.253)

Bandung fugiu à polaridade EUA X URSS. Ao contrário, buscou constituir um "sistema regional" que pudesse reposicionar os Estados emergentes a partir de uma nova perspectiva. A conferência possibilitou também estreitar os vínculos de solidariedade regional

para "encorajar" as lutas de libertação nacional²³⁵. O Terceiro Mundo emergia como uma força organizada.

A política do "neutralismo"²³⁶ obrigou Estados Unidos e União Soviética a reformular sua política externa. África e Ásia abasteciam boa parte dos mercados da Europa, Estados Unidos e União Soviética. Importantes fontes energéticas estavam na região, o que lhe atribuía valor inestimável. O neutralismo, nesse sentido, constituía-se como um entrave para o processo de acumulação capitalista. Os dois continentes unidos tornavam "o conjunto pan-americano um anão e a Europa liliputiana", afirmou Menezes (2012, 21).

Ainda em Bandung, após a Conferência, o Embaixador Adolpho Justo Bezerra de Menezes escreveu:

Precisaremos fazer o que o americano chama coloquialmente de *to think big* [grifo original], ou seja, pensar, planejar largamente, dentro de uma órbita maior que a continental. A mesquinhez de uma política apenas ativa na América do Sul e passivamente seguidora dos Estados Unidos no mundo em geral já não mais terá cabimento. Se vamos ser, muito em breve, companheiros ou sucessores dos gigantes contemporâneos, devemos, desde já, começar a por em ação um programa que nos impeça de reincidir nos erros por eles cometidos.

O relatório data de 1955. As mesmas forças políticas que disputavam o poder, apresentavam teses diferentes sobre a inserção do Brasil no plano internacional. Uma linha apoiava o "alinhamento" incondicional e outra um caminho autônomo e independente. Os ecos de Bandung reforçaram as ideias que preconizavam um Estado independente²³⁷. Passaram-se seis anos até que se pudesse implementar uma nova política externa.

²³⁵ Uma nova Conferência ocorreria em Belgrado, em 1961, sob a liderança de Josip Broz Tito (1892-1980), Presidente da Iugoslávia; Jawaharlal Nehru (1889-1964), Presidente da Índia, Sukarno (1901-1970), Presidente da Indonésia, a anfitriã; e Gamal Abdel Nasser (1918-1970), Presidente do Egito.

²³⁶ O neutralismo foi aceito até 1961 como um conceito similar a "não-alinhado". Em seguida, adotou-se pelos países membros, o termo "não-alinhados". (CASTRO, 2012, p.94). Como eram conceitos novos à época, as correspondências do Itamaraty ainda traziam os termos "neutralismo", "neutralista", "não-alinhado", "não-comprometido". Sendo assim, em algum momento os termos poderão ser utilizados, sendo todos nessa perspectiva de "não alinhamento".

²³⁷ Sobre os debates historiográficos da PEI ver: BRUM, Thiago Pereira Caldas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Mestrado em Relações Internacionais). Orientador: Williams Gonçalves. *Ruptura e continuidade: as correntes historiográficas da política externa independente*. 2008. 360 f.

Por essa perspectiva, a Política Externa Independente - PEI (ver DANTAS, 2011) - representou uma "ruptura no pensamento estratégico brasileiro" (GONÇALVES, 2016, p. 101)²³⁸. A PEI foi estruturada a partir de quatro princípios fundamentais:

- a) contribuição à preservação da paz, através da prática da coexistência e do apoio ao desarmamento geral e progressivo;
- b) reafirmação e fortalecimento dos princípios de não intervenção e autodeterminação dos povos;
- c) ampliação do mercado externo brasileiro mediante o desarmamento tarifário da América Latina e a intensificação das relações comerciais com todos os países, inclusive os socialistas;
- d) apoio à emancipação dos territórios não-autônomos, seja qual for a forma jurídica utilizada para sua sujeição à metrópole.(DANTAS, 2006, p.112)

Os principais eixos da PEI nortearam a atuação do Brasil nos governos de Jânio e Jango. Essa maneira independente de atuar nas relações internacionais também foi resultante dos debates acerca dos modelos de desenvolvimento que se desenvolveram ao longo da década de 1950, dos quais foi protagonista o ISEB²³⁹. Em tempos de Guerra Fria, nenhum outro aspecto da vida política causava tanta preocupação nas elites e em parcela significativa das Forças Armadas brasileiras quanto a política externa.

Condicionada pela imposição imperialista dos termos da Guerra Fria²⁴⁰, a implementação da Política Externa esteve a cargo do Ministro das Relações Exteriores, Afonso Arinos de Melo Franco²⁴¹: "Jânio precisava de um nome repousante, que oferecesse garantias de segurança, ou pelo menos de confiança ao elemento conservador, fazendo uma política anticonservadora", afirmou o ex-Ministro (MELO FRANCO, 1983, p.162)²⁴². Essa

²³⁸ Documentação sistematizada sobre o período do Ministro Afonso Arinos pode ser consultada em FRANCO, Alvaro da Costa (org.). Documentos da Política Externa Independente. Rio de Janeiro: Centro de História e Documentação Diplomática: Brasília: FUNAG, vol. 1, 2007.

²³⁹ Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Criado em 1955.

²⁴⁰ Chamo os termos da Guerra Fria: a política anticomunista imposta pelos EUA; a sustentação da bipolaridade EUA X URSS; a imposição de relações comerciais apenas com países da esfera de influência dos EUA; a imposição de políticas econômicas a partir das diretrizes do FMI/Banco Mundial.

²⁴¹ Afonso Arinos de Melo Franco destacou-se na política brasileira, seguindo os passos do pai Afrânio de Melo Franco. De sua biografia consta: "Jornalista; advogado; professor universitário; signatário do Manifesto dos Mineiros (1943); membro fundador da União Democrática Nacional (UDN); deputado federal (MG,1947-1959); senador (DF,1959-1961; Gb, 1961-1962; RJ, 1987-1990); ministro das relações exteriores (1961/1962); diretor do Instituto de Direito Público e Ciência Política (indipo) da Fundação Getúlio Vargas (1980); presidente da comissão provisória de estudos constitucionais (1985); senador constituinte (1987-1988)". CPDOC-FGV.

²⁴² Afonso Arinos relatou que "o grupo do Ministro demissionário Celso Láfer articulava a candidatura de Arthur Bernardes Filho para o Ministério das Relações Exteriores, apoiado pelos industriais paulistas. A indicação de Arinos teria deixado consternados os proponentes daquele pleito. Avolumava-se desde o início uma oposição carreirista ao governo Quadros". Entrevista ao CPDOC-FGV (1983, pp. 169-170)

relativa ruptura na política externa não foi acompanhada, porém, de um debate nacional sobre um modelo de desenvolvimento a ser adotado. Em certo sentido, houve prosseguimento de políticas anteriores, como as próprias declarações do Ministro Arinos confirmam²⁴³. A política externa somente confirmaria seu caráter "Independente", de fato, no governo de João Goulart, sob a direção do Ministro San Tiago Dantas. O discurso de posse do Ministro Afonso Arinos²⁴⁴ nas Relações Exteriores, em 1º de fevereiro de 1961, porém foi o marco inicial dessa alteração de rota brasileira na política externa:

O primeiro valor marcante da formação brasileira é o sentimento inato da independência nacional, ou seja, a própria tradição de soberania do Estado brasileiro. Não devemos esquecer, contudo, que o Estado brasileiro soberano tem-se afirmado historicamente, desde a independência, vinculado à democracia, que é o único sistema de governo capaz de respeitar os elementos transcendentais da dignidade humana, dentro da instituição estatal. Como bem disse Nabuco, o Império, assegurando-nos o mecanismo da democracia parlamentar, evitou-nos a moléstia infantil do caudilhismo continental. Além de historicamente democrático, o Brasil é também um país pacífico, melhor diríamos, um país pacifista, sempre disposto a resolver e a contribuir para que se resolvam pacificamente os dissídios internacionais de qualquer natureza. Temos, assim, o tríptico de valores que devem presidir ao planejamento da política internacional do nosso país: soberania, democracia, paz. (MELO FRANCO, 2007, p.33)

Arinos recorreu ao período do Império para lembrar os valores pelos quais deveria estar sedimentada a política externa, afirmando que "O primeiro valor marcante da formação brasileira é o sentimento inato da independência nacional, ou seja, a própria tradição de soberania do Estado brasileiro" (MELO FRANCO, 2007, p.33). O compromisso brasileiro seria com a busca da resolução pacífica aos conflitos internacionais.

O exercício da soberania, garantiu o Ministro, "nos levará, na política internacional, a apoiar sinceramente os esforços do mundo afro-asiático pela democracia e a liberdade" (MELO FRANCO, 2007, p. 35). Arinos acenava aos países da Ásia e África a disposição brasileira em manter relações de amizade e aproximação, o que seria praticado ao longo do governo com a abertura de Embaixadas e acordos bilaterais. Acentuando que a eleição de Jânio foi uma "lição e uma advertência para os políticos nacionais" (MELO FRANCO, 2007, p.35), Arinos tocou no ponto fulcral do momento histórico e afirmou que "o povo brasileiro repele as ditaduras de qualquer tipo, personalistas, caudilhistas, de classe ou de partido" (MELO FRANCO, 2007, p.35).

²⁴³ A OPA foi um dos exemplos.

²⁴⁴ Afonso Arinos exerceu por dois períodos o cargo: durante o mandato de Jânio Quadros e sucedendo San Tiago Dantas, de junho a setembro de 1962, no governo de João Goulart.

Somente no dia 15 de março, com o retorno dos trabalhos legislativos, o Brasil conheceria as diretrizes completas da nova política externa brasileira. Em Mensagem Presidencial ao Congresso Nacional²⁴⁵, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores, foram apresentadas as bases da Política Externa Independente. Afirmando que "a posição ideológica do Brasil é ocidental e não variará" (MELO FRANCO, 2007, p.50), o documento preconizava:

A política externa de um país democrático, como é o Brasil, não pode ser senão a projeção, no mundo, do que ele é intrinsecamente. Democracia política, democracia racial, cultura baseada fundamentalmente na ausência de preconceitos e na tolerância, país disposto a empenhar-se integralmente em vencer a pobreza e o subdesenvolvimento econômico, genuinamente renovador, sem ser rebelde, livre de compromissos externos anacrônicos ou oportunistas e já tendo alcançado uma significação, nas relações internacionais, que lhe dá considerável possibilidade de ação e conseqüente responsabilidade, o Brasil deve ter uma política externa que, refletindo sua personalidade, suas condições e seus interesses, seja a mais propícia às aspirações gerais da humanidade, ao desenvolvimento econômico, à paz e à segurança, ao respeito pelo homem porque homem, à justiça social, à igualdade das raças, à autodeterminação dos povos e sua mútua tolerância e cooperação.(MELO FRANCO, 2007, pp. 49-50)

Como princípio basilar, a defesa da paz estaria associado ao desenvolvimento econômico e à justiça social. A luta que empreenderia o Brasil para "vencer a pobreza e o subdesenvolvimento" seria integral, garantindo, porém "sem ser rebelde". A declaração de identidade "ideológica" com o mundo ocidental deixaria em dúvida a filiação brasileira por conta, inclusive, do polêmico conceito de "ocidente"²⁴⁶.

A nova política externa propunha que não se deveria "ignorar" as nações socialistas. Nesse sentido, foram determinadas orientações "pela aceitação plena das credenciais dos representantes da República Popular da Hungria e pela inclusão, na ordem do dia, da questão da representação da República Popular da China" (MELO FRANCO, 2007, p.53). Com relação à Europa, o governo afirmava "sem tergiversações" que a questão alemã era a mais relevante, afirmando que "o governo de Bonn é a verdadeira expressão política da Alemanha"

²⁴⁵ Para consultar o texto integral ver: MELO FRANCO, 2007, pp. 49-59.

²⁴⁶ Sobre uma discussão teórica dos conceitos, proponho pelo inverso da moeda. Discutir o conceito de "ocidente" a partir das letras do "oriente". Nesse sentido, acredito ser imprescindível uma leitura de SAID, 1990. O autor afirmou: "A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação" (p.17). Essa é uma premissa de onde se pode partir. Naquela época, os conceitos sobre "ocidente" guardavam várias significações no meio diplomático, conforme relatou Araújo Castro: "Por isso mesmo, não creio que tenhamos grandes vantagens políticas em repetir que pertencemos ao bloco ocidental, porque uma rígida identificação *com o moderno conceito político de Ocidente* [grifo nosso], caracterizado como aliança de países altamente industrializados, poderá dificultar nossos contatos com o mundo do subdesenvolvimento, onde poderemos encontrar excelente campo de ação para a dinamização da política exterior do Brasil". CASTRO, In: FRANCO, 2007, pp. 95-96. O Ministro Araújo Castro compôs a comitiva do Vice-presidente João Goulart aos países socialistas em agosto de 1961.

(MELO FRANCO, 2007, p.53)²⁴⁷. O mercado brasileiro, afirmava o governo, tinha na Europa um importante parceiro comercial.

Com relação ao "mundo afro-asiático", a nova política externa não aceitaria "qualquer forma de colonialismo ou imperialismo". O Brasil envidaria, assim, todos os esforços no apoio às lutas por libertação e defenderia a soberania e a auto-determinação dos povos, acentuando ser irrelevantes questões de "cor, religião ou filiação política" (MELO FRANCO, 2007, p. 55). Essas definições fariam com que os setores reacionários golpistas atribuíssem à política externa do governo uma definição de "esquerda".

No plano continental, o governo brasileiro manter-se-ia "fiel ao sistema interamericano". A orientação brasileira seria a da defesa dos termos acordados pela Ata de Bogotá, reafirmando os princípios "teórico e práticos da Operação Pan-Americana" (MELO FRANCO, 2007, p.57).

O que mais se esperava ficou nos epílogos da mensagem. O governo Jânio Quadros afirmava:

Quanto aos atuais acontecimentos, que perturbam as relações interamericanas, o governo brasileiro confia em que as nações irmãs neles envolvidas encontrarão, em breve e de acordo com os princípios consagrados pelo sistema interamericano, a solução pacífica e justa que eles requerem. O Brasil estará sempre pronto a prestar, em qualquer oportunidade, a sua colaboração mais completa para a pacificação da família continental. Não se pode permitir que o problema da América Latina assuma a feição de lutas e conflitos regionais. O problema real de nossa comunidade fraterna tem de ser o de evoluir rapidamente para a satisfação das aspirações comuns de desenvolvimento econômico, maturidade política e justiça social. O governo brasileiro está disposto à colaboração mais íntima e ao mais perfeito entendimento com as repúblicas irmãs da América Latina, tanto no que diz respeito aos problemas regionais, quanto às questões de âmbito mundial. (MELO FRANCO, 2007, p. 58)

O governo evitava detalhar o assunto, preferindo referir-se "aos atuais acontecimentos, que perturbam as relações interamericanas", em alusão implícita aos ditames imperialistas sobre Cuba. Atropelava-se, assim, nas próprias palavras, quando anteriormente anunciava que a política externa seria clara e sem tergiversações. Seria plausível pensar que os conflitos além-mar trariam maior conforto ao discurso do que os episódios que batiam à própria porta?

O Ministro, ao final, apresentou os pontos essenciais a serem adotados pela política externa brasileira no mandato em curso:

²⁴⁷ Em março ainda não havia estourado o conflito em Berlim. O muro foi construído no dia 13 de agosto de 1961. Havia, na Alemanha, um governo estabelecido em Bonn e outro em Berlim. As forças aliadas dominavam a primeira.

1. respeito aos compromissos e à posição tradicional do Brasil no mundo livre;
2. ampliação dos contatos com todos os países, inclusive os do mundo socialista;
3. contribuição constante e objetiva à redução das tensões internacionais, quer no plano regional, quer no mundial;
4. expansão do comércio externo brasileiro;
5. apoio decidido ao anticolonialismo;
6. luta contra o subdesenvolvimento econômico;
7. incremento das relações com a Europa, em todos os planos;
8. reconhecimento e atribuição da devida importância aos interesses e aspirações comuns ao Brasil e às nações da África e da Ásia;
9. estabelecimento e estreitamento de relações com os Estados africanos;
10. fidelidade ao sistema interamericano;
11. continuidade e intensificação da Operação Pan-Americana;
12. apoio constante ao programa de Associação do Livre Comércio Latino-Americano;
13. a mais íntima e completa cooperação com as repúblicas irmãs da América Latina, em todos os planos;
14. relações de sincera colaboração com os Estados Unidos, em defesa do progresso democrático e social das Américas;
15. apoio decidido e ativo à Organização das Nações Unidas para que ela constitua a garantia efetiva e incontestável da paz internacional e da justiça econômica. (MELO FRANCO, 2007, p. 58)

Os pontos do programa da política externa do governo Jânio Quadros reproduziam as discussões anteriores sobre as diretrizes que o país deveria seguir em âmbitos regional e internacional. Seguiam, em termos semelhantes, a carta de princípios de Bandung. Em destaque, ressaltamos o item 14, no qual o Brasil sinalizou seu apoio aos Estados Unidos. Não seria demais lembrar que, no dia 13 de março, Kennedy havia entregue ao Congresso dos Estados Unidos mensagem sobre sua política externa, na qual continha a proposta da Aliança para o Progresso.

O governo Quadros enviou a missão Dantas²⁴⁸ à Europa e a mesma estabeleceu contatos com a Alemanha Oriental, causando furor na direita reacionária; determinou abertura de Embaixadas em países da África e da Ásia; convidou Nasser, Nerhu, Sukarno e Tito para visitarem o Brasil. A Iugoslávia passou a fornecer mil toneladas de trilhos ao Brasil, em acordo firmado pela missão João Dantas (FRANCO, 2007).

Quando San Tiago Dantas assumiu as Relações Exteriores, o Embaixador Araújo Castro fez um relatório no qual avaliava haver desentendimentos na política externa anterior. Dizia Castro: "falta de entrosamento entre os quatro escalões políticos: presidente-ministro-Itamaraty-missões" (CASTRO, in FRANCO, 2007, 165). Reclamava o ministro de uma

²⁴⁸ Chefiada pelo Embaixador João Dantas.

diretriz única do governo em relação à política externa²⁴⁹. Do Itamaraty vinham as próprias ponderações:

Não reatamos com a URSS em março, logo após a enunciação da mensagem presidencial de 15 de março, num momento de distinção (possibilidade de aproximação Kennedy-Khrushchev) para tentar fazê-lo no momento preciso em que era mais forte a tensão leste-oeste, em consequência à crise de Berlim. Não reconhecíamos o governo central da China e a esse país o governo mandava o vice-presidente da República, em missão oficial, a negociar um acordo interbancário. Provocávamos o mundo todo, permitíamos especulações menos desejáveis em torno de nossa diplomacia e, na realidade, conservávamos a mesma trilha do passado, nas coisas substanciais. Não é assim, com *golpes de teatro*, que se aumenta o poder de barganha do país. (CASTRO, in FRANCO, 2007, pp. 165-166)

O reatamento com a União Soviética não havia ocorrido até o fim do governo de Jânio. No dia 14 de março, o Ministro das Relações Exteriores comunicava às representações diplomáticas da Lituânia, Letônia e Eslovênia o encerramento das relações diplomáticas com aquelas legações (MELO FRANCO, 2007, p. 60). Em que pese os discursos e algumas flexões do governo apontarem em direção ao Leste, tornava-se duvidosa a afirmação da política como "Independente"²⁵⁰. As liberações de recursos pelo FMI deixavam setores tanto da direita como da esquerda confusos em relação à política que seria adotada por Jânio. A que objetivos serviria então sua Política Externa? As ações de Quadros deixavam transparecer dois propósitos dialeticamente articulados: um da camuflagem das medidas impopulares na política interna; e o outro como instrumento de barganha no jogo bipolar.

Na América Latina, aumentavam os nervosismos devido ao plano de invasão à Cuba. Conforme visto no capítulo anterior, no plano diplomático havia duas propostas para resolução do conflito entre EUA e Cuba: uma via OEA e a outra por intermédio da ONU. Os cubanos defendiam esta última e os norte-americanos a primeira. Em abril, o presidente Jânio Quadros orientou a posição do Ministro brasileiro:

De Brasília Em 8/4/61

GP/MRE/55

Excelência,

Se Cuba recusar-se a recorrer à OEA, ou recusar essa intervenção para o fim de, através de discussões bilaterais ou multilaterais, dirimir os desentendimentos que ocorrem entre esse país e os Estados Unidos, sem embargo de reafirmar a nossa convicção de que a instância, neste momento, para os debates e discussões

²⁴⁹ Ver o relatório do Ministro João Augusto de Araújo Castro apresentado a San Tiago Dantas, em 19 de setembro de 1961. In: FRANCO, 2007.

²⁵⁰ Moniz Bandeira (2003) defendeu que a política externa de Jânio tinha finalidade de obscurecer as políticas internas: E aproveitou o problema entre Cuba e os Estados Unidos, que latejava, para neutralizar os efeitos negativos e desfavoráveis (aumento do custo de vida, desgaste do governo), provocados pela Instrução 204.

respectivas, deveria ser o daquela organização, o governo brasileiro examinará, no mérito, toda e qualquer proposta, com os mesmos propósitos, que venha a ser apresentada por qualquer outro Estado membro das Nações Unidas.
JÂNIO QUADROS (QUADROS, in Cadernos CHDD, 2006, p. 353)

A posição brasileira revelou-se pró-Estados Unidos. As reuniões da OEA, como as experiências históricas demonstraram, dificilmente aprovavam resoluções divergentes das apresentadas pelos Estados Unidos. Nesse sentido, talvez, Cuba tenha compreendido que a Organização das Nações Unidas naquele momento seria mais favorável.

No dia 8 de maio, menos de um mês depois da derrota imperialista em Cuba, o Primeiro Secretário do Itamaraty, Ramiro Saraiva Guerreiro, enviou memorando, com selo confidencial, ao Ministro Arinos, examinando a situação de Cuba. Convicto de que o ideal seria uma intervenção contra Cuba, o funcionário do Itamaraty descartou a possibilidade em função das consequências drásticas que teria. Ele sugeriu então:

Algumas dessas medidas indicadas são, na verdade, da maior relevância política e psicológica. Qualquer delas pode ser defendida, racionalmente, ante a opinião pública mundial. Na verdade, elas se limitariam a tirar as consequências de um fato inegável: que a questão de Cuba ultrapassou o âmbito interamericano, é um aspecto da Guerra Fria e que a reação estritamente interamericana só pode ser a de defesa contra um adversário ideológico e político implantado no âmbito geográfico do sistema.[grifo do original] Cortados os meios de conciliação pacífica, banidos os meios coercitivos eficientes, não vejo que outra atitude tomar. (GUERREIRO, in FRANCO, 2007, p. 73)

A Revolução Cubana transpôs a Guerra Fria para a América e exigiu novas elaborações sobre política externa, tanto das potências quanto dos países latino-americanos. Definida a matriz "ideológica" de filiação ao mundo "ocidental", o Brasil trabalharia para trazer Cuba de volta ao "sistema interamericano". A sugestão de Guerreiro era investir em operações "políticas e psicológicas" como única forma de resolver a questão conflituosa em relação ao caso.

O Ministério das Relações Exteriores, com base nas análises do Primeiro Secretário, emitiu comunicado oficial sobre os conflitos entre Estados Unidos e Cuba:

Em relação à situação cubana, o governo brasileiro aplica rigorosamente os princípios que espousa e, em consequência:

- 1) defende a autodeterminação do povo de Cuba;
- 2) opõe-se a qualquer intervenção estrangeira, direta ou indireta, para impor à Cuba determinada forma de governo e considerando-se intervenção indébita tanto a militar como a econômica ou ideológica;
- 3) não reconhecerá, de acordo com os compromissos internacionais vigentes, em qualquer Estado americano, regime político que resulte da ingerência claramente manifestada de potência estrangeira; acompanhará, neste caso, as medidas de

preservação da integridade continental, que não impliquem intervenção em qualquer dos países do hemisfério. (MELO FRANCO, in FRANCO, p. 76)

O governo brasileiro anunciava uma dúbia declaração sobre a questão. Sob pressão interna e externa, conforme visto no capítulo anterior, qualquer declaração acarretaria problemas políticos e ideológicos. O caso havia se agravado em função da declaração de Fidel Castro sobre o caráter socialista da revolução e o alinhamento com a União Soviética.

No mesmo mês de maio, Clemente Mariani esteve nos Estados Unidos para reunião de "negócios", da qual participaram o Secretário de Tesouro, Douglas Dillon; o Presidente do "Export Import Bank", Harold Linder; o Assistente do Secretário do Tesouro, Leddy; o Assistente do Secretário de Estado interino para a América Latina, Coeur; o Assistente especial de Kennedy, Richard Goodwin; e o Embaixador Walter Moreira Salles. A presença de assessoria política já demonstrava que o tema não seria apenas econômico. Richard Goodwin havia mandado mensagem a Quadros por Alfredo Bernardes após o fracasso de Praia Girón e estaria com He em Punta del Este. Na reunião com Mariani, Kennedy pediu para fazer distinção entre a questão financeira e a política e seguiu descrevendo:

Agora que estavam terminadas satisfatoriamente as negociações financeiras, se permitia pedir a atenção de Mariani e, por seu intermédio, a do presidente da República para certas questões de caráter político que o preocupavam seriamente. Declarou que, ao anunciar-se o resultado das presentes negociações com o Brasil, seu governo seria criticado, pois que uma parcela considerável da opinião pública americana interpretava a atitude do Brasil na questão cubana como, de certa forma, antagônica aos Estados Unidos. Mostrou vários recortes de jornais locais, em que a atitude brasileira em relação a Cuba é apontada como a principal dificuldade para uma ação conjunta do hemisfério em relação à ingerência comunista no Caribe.²⁵¹

Bernardes, que também estava no encontro, afirmou que Kennedy construía sua lógica argumentativa por meio de notícias dos jornais da época²⁵², nos quais era veiculada a posição do Brasil em relação à Cuba, o que se refletia na "opinião pública" como antagônica à posição dos Estados Unidos.

Antes que ocorresse o encontro em Washington, o Ministro Afonso Arinos havia divulgado comunicado, ratificando a decisão brasileira sobre Cuba, dizendo discordar da intervenção "direta ou indireta". Com a permissão do Presidente, Arinos afirmava em nota:

Em relação à situação cubana, o governo brasileiro aplica rigorosamente os princípios que espera e, em consequência: 1) Defende a autodeterminação do povo

²⁵¹ Telegrama Nº 343 de 16/V/1961, pp. 1-2. AHMRE.

²⁵² Bernardes relatou que Kennedy citou jornais norte-americanos e o editorial do *Jornal do Brasil*.

de Cuba; 2) Opõe-se a qualquer intervenção direta ou indireta, para impor a Cuba determinada forma de governo, considerando-se intervenção indébita tanto a militar como a econômica ou ideológica; 3) Não reconhecerá de acordo com os compromissos internacionais vigentes, em qualquer Estado americano, regime político que resulte da ingerência manifestada de potência estrangeira. Acompanhará, neste caso, as medidas de preservação da integridade continental, que não impliquem em intervenção em qualquer dos países do Hemisfério. (*A Noite*, 11/05/1961, p. 2)

O Brasil manteve sua posição independente, fortalecendo uma outra perspectiva de integração continental. A proposta brasileira era a de fortalecer os instrumentos jurídico-políticos existentes como o próprio Arinos havia afirmado, evitando que as decisões de Estado fossem pautadas por conveniências políticas ou econômicas. Em nota, o Ministro ressaltou o espaço da OEA como local pertinente para as discussões acerca dos problemas que envolvessem o sistema interamericano.

Consciente da posição do Brasil, Kennedy afirmou, na reunião com o Ministro da Fazenda, dois caminhos possíveis: o primeiro de "mater o 'status quo', permitindo que Cuba [continuasse] como foco de agitação comunista pondo em perigo a estabilidade de vários governos no Caribe e mesmo na América do Sul, citando expressamente a Bolívia"; o segundo seria "promover uma ação conjunta do hemisfério [que isolasse] o Govêrno de Fidel Castro, impedindo assim, que o comunismo internacional o [utilizasse] como base para suas operações na América-Latina"²⁵³.

A divergência de Kennedy estava no fato de que os países latino-americanos colocavam a "ingerência comunista no hemisfério" como "uma questão entre Cuba e os Estados Unidos", prestigiando Castro, ao passo que a questão seria, para o governo norte-americano, de interesse geral. Enquanto que, para a América Latina, era interessante manter uma ordem "bipolar", para os Estados Unidos, contraditoriamente, interessava posicionar o caso em termos de "multipolaridade"²⁵⁴, conforme será analisado posteriormente.

O Presidente Kennedy insistiu na defesa de que uma posição "neutra" do Brasil, ou como "mediador", enfraquecia os Estados Unidos e reforçava Fidel Castro, pois situava o conflito em uma dimensão bipolar "Estados Unidos *versus* Cuba", quando a intenção de Kennedy era tornar o caso do isolamento cubano uma questão continental. Mariani argumentou, conforme o relatório, que uma possibilidade não acentuada por Kennedy e prevista por Jânio Quadros era a da intervenção ideológica com relação ao caso cubano, o que

²⁵³ Telegrama Nº 343 de 16/V/1961, pp. 1-2. AHMRE.

²⁵⁴ ver capítulo seguinte.

teria, para o brasileiro, grande eficácia, contribuindo para, inclusive, progredir as relações entre Brasil e EUA.

Mariani propôs, então, uma reunião entre os dois presidentes, para tratar, pessoalmente, da situação pessoalmente, e lembrou a Kennedy que, em breve, ocorreria a Conferência da OEA, no Uruguai, momento em que os dois poderiam se encontrar²⁵⁵. A pressão norte-americana sobre o Brasil, era no sentido de isolar Cuba e que qualquer gesto brasileiro mais "amigável" com relação à Cuba seria visto como uma provocação aos Estados Unidos. Somente após a entrevista, diz o telegrama, os convênios foram assinados, entre o Banco do Brasil e o tesouro norte-americano. No dia anterior, havia sido assinado um outro com o "Eximbank" para "reescalonamento da dívida brasileira atual em 20 anos e um novo empréstimo no valor de 168 milhões de dólares"²⁵⁶.

O Ministro Afonso Arinos havia orientado, por determinação do Presidente, sobre uma possível negociação de caso político com a área econômica, entendendo como uma ingerência em seus assuntos. Enviou um telegrama a Washington, pedindo que a equipe econômica se abstivesse de discutir outros temas não pertinentes à sua pasta. O Ministro escreveu que "caso seja indagado sobre o 'problema cubano', orienta o Chefe de Estado brasileiro que a resposta seja genérica e que diga a Kennedy que está ali para resolver os 'problemas brasileiros com Washington'"²⁵⁷. Afonso Arinos foi chamado a dar esclarecimentos à Câmara dos Deputados, o que fez no dia 17 de maio. Defendeu a não-intervenção e a autodeterminação dos povos, reafirmando que não seria dever do Brasil incentivar um conflito armado, mas, ao contrário, buscar soluções por meios pacíficos²⁵⁸.

Em abril havia ocorrido o encontro de Uruguiana. Os presidentes da Argentina e do Brasil reuniram-se para tratar de assuntos "comerciais" e "intercâmbio". O encontro, entretanto, não ficaria restrito a esses assuntos. Era dia 20 de abril e fazia apenas 5 dias do bombardeio a Cuba. Argentina e Brasil consolidavam-se como intermediários na relação entre EUA e Cuba. Jânio e Frondizi trataram do tema cubano no encontro de Uruguiana. Eles ficaram sozinhos, inclusive, por cerca de 45 minutos, sem qualquer assessor ou jornalista (A

²⁵⁵ O próprio Mariani estaria em Montevidéu e empenhar-se-ia no encontro entre Cuba e EUA. Para os que alimentavam posições extremas e sectárias, um encontro entre os dois chefes de Estado era inconcebível.

²⁵⁶ Telegrama N° 343 de 16/V/1961, pp. 1-2. AHMRE.

²⁵⁷ Telegrama N° 218. 08/V/1961. AHMRE.

²⁵⁸ Pronunciamento do Ministro Afonso Arinos em 17/05/1961 na Câmara dos Deputados, ver: FRANCO, 2007, pp.77-89.

Noite, 22/04/1961, p.7). Em junho, o Presidente Frondizi encaminhou telegrama ao Brasil informando que estaria disposto a reunir-se com Kennedy e Jânio Quadros²⁵⁹.

Adlai Stevenson visitou os dois países para conversar sobre a situação de Cuba e o avanço da esquerda, que preocupava os Estados Unidos. O Embaixador brasileiro Agnaldo Boulitreau Fragoso informou:

260 - Sexta-feira - 17hs30 - Aditamento aos meus telegramas sôbre o assunto. Stevenson, nas conversas mantidas com o Presidente Frondizi, tratou, entre outros de dois temas: a aplicação do plano Kennedy e o problema cubano. Teria manifestado o desejo do Govêrno Norte-americano de ver aprovado, na próxima Reunião Econômica de Montevidéu, aquele plano, a que o meu informante chamou de produto genuíno da OPA. Stevenson teria declarado a Frondizi que o Presidente Kennedy está vivamente interessado em que se efetue, posteriormente à Conferência de Montevidéu, uma reunião política para tratar do problema cubano com vistas ao encontro de solução que promova o retôrno de Cuba ao sistema interamericano e impeça a propagação do Fidelismo no continente. Stevenson teria afirmado, ainda, que na hipótese do malogro dêesses esforços para a reintegração de Cuba na Comunidade Panamericana, ficaria patente o desejo daquela República de excluir-se por vontade própria do sistema interamericano. Frondizi, por seu turno, mostrou-se interessado na realização de uma reunião entre os Presidentes da Argentina, do Brasil, do Chile, do México, e, eventualmente, de algum outro Chefe de Estado americano. Êsse desejo do Presidente Frondizi foi transmitido à Washington por Stevenson. Não notei da parte do meu informante nenhum entusiasmo pela idéia de Frondizi. Disse-me, ainda, não estar Kennedy seguro de poder assistir à reunião de Montevidéu. Caso fôsse, poderia passar antes por Brasília, onde se avistaria com o Presidente Quadros. Já solicitei, conforme informei em meu telegrama 252, audiência ao Presidente Frondizi para tratar do assunto do telegrama 154. Devo esclarecer que o meu informante é pessoa que conhece perfeitamente os problemas latino-americanos e, por êsse motivo, foi incluído na comitiva de Stevenson.²⁶⁰

Kennedy evitava contatos diretos. A frustrada tentativa de invasão de Cuba havia criado uma atmosfera muito hostil aos Estados Unidos na América Latina. Brasil e Argentina dispuseram-se a fazer o trabalho de mediação entre Cuba e Estados Unidos, a fim de que se pudessem chegar a uma solução pacífica para o caso. O encontro de Uruguai teve grande relevância naquele momento de nervosismo internacional porque demonstrou uma amizade continental entre dois países fortes.

O Brasil encontrava-se numa posição extremamente relevante. Para qualquer lado que pendesse sua política externa, certamente parte dos países latino-americanos o acompanharia. Antes da invasão, a União Soviética havia enviado mensagem aos Estados Unidos via embaixada brasileira em Washington:

²⁵⁹ Telegrama 266. 15/15/VI/1961. AHMRE.

²⁶⁰ Telegrama 260. 09/VI/1961. AHMRE.

O Embaixador Soviético declarou-me estar persuadido de que os Estados Unidos procuram apoio no Hemisfério para ação armada contra o Governo Cubano. se assim for, a posição russa é muito clara. Caso a intervenção se faça indiretamente por meio de voluntários ou emigrados, a União Soviética promoverá idêntica operação em país da órbita norte-americana. Caso a intervenção seja direta, com utilização das Forças Norte-americanas a Rússia empregará suas próprias Forças Armadas contra um desses países. Citou como possíveis teatros de operações a Grécia, o Iran ou a Turquia. acrescentou que a ocorrência desta última hipótese, poderia deflagrar a terceira guerra mundial. Disse que o Brasil podia desempenhar um grande papel para a preservação da paz neste momento, aconselhando moderação ao governo americano e a utilização de meios pacíficos para solucionar seus problemas com Cuba.²⁶¹

A imprensa imperialista propagava que havia "influência soviética" em Cuba. Para os soviéticos, Cuba transformara-se num território estratégico, a poucas milhas dos Estados Unidos. A possibilidade da "terceira guerra mundial" colocava-se no cenário político, ou como possibilidade ou como forma de convencimento.

Paralelamente à pressão norte-americana em relação a Cuba, era organizada a Conferência de Belgrado, na Iugoslávia, marcada para setembro de 1961. A Conferência de *Punta del Este* no Uruguai havia sido marcada para um mês antes de Belgrado, tendo na pauta a apresentação da Aliança para o Progresso. Em editorial, *O Estado de São Paulo* diria: "Belgrado não será, nem poderá ser Punta del Este. Nem por isso deverá ser o seu contrário". (20/08/1961, p. 03).

Na conferência que ocorreria em setembro na Iugoslávia, o Brasil participaria novamente do encontro, nas mesmas condições que foi em Bandung, mantendo as credenciais de "observador" no evento, o que limitava consideravelmente a participação. Cuba, entretanto, já estava participando da organização e iria a Belgrado como membro efetivo.

Jânio Quadros havia convidado os principais Chefes de Estado dos países organizadores da Conferência de Belgrado para visitar o país, já que esquivava-se de participar pessoalmente do encontro no Leste Europeu. O presidente, nesse sentido, criou grupo de trabalho a quem determinou, como principal tarefa, elaborar agenda da visita, ao Brasil, do Marechal Tito, presidente da Iugoslávia:

De Brasília
Em 2/3/61
Para o Ministro das Relações Exteriores, GP/MRE/17
Para o Ministro da Educação
Excelências,
O ministro da Educação constituirá um grupo de trabalho integrado por três representantes desse ministério e um representante do Ministério das Relações Exteriores para, sob a presidência de um dos representantes da pasta da Educação,

²⁶¹ Telegrama 310. 04/IV/1961. AHMRE.

elaborar a agenda que, da parte do Brasil, servirá de objeto para as negociações com a Iugoslávia, [por] ocasião da visita que fará a nosso país o marechal Tito.
JÂNIO QUADROS (QUADROS, in CHDD, 2006, p.328)

Preocupado com as repercussões no Brasil da situação cubana, Jânio movimentava-se pelo Leste, buscando parcerias que fortalecessem a posição brasileira. Em maio determinou:

Presidência da República / Gabinete do Presidente Em 23/5/61

Para o Ministro de Estado

URGENTE

(...)

2) Os acordos dessa missão devem ser ratificados sem perda de tempo. O ideal é ratificá-los sucessivamente, o que prepararia psicologicamente a visita do presidente Tito. Parece conveniente chamar o embaixador desse país ao ministério. Trata-se de excelente amigo nosso.

JÂNIO QUADROS (QUADROS, in CHDD, 2006, p.409)

Jânio tinha consciência de que a presença de Tito no Brasil causaria reação na burguesia. Uma das formas de mitigar o descontentamento da classe dominante era apontando para ganhos econômicos.

Belgrado, assim, passaria a ter maior relevância, pois abrigaria países de três continentes, o que elevava o grau de apreensão imperialista. O Terceiro Mundo, como força política emergente, ampliava suas bases. A proposta do "não alinhamento" teria surgido por sugestão de Nasser (Egito) e Tito (Iugoslávia) ao convocarem os Chefes de Estado para uma reunião de "Não alinhados" (CASTRO, 2007, p. 94). Os organizadores da Conferência buscavam convencer a Jânio Quadros tomar parte na reunião, como Chefe de Estado. O Itamaraty, porém, descartou absolutamente a possibilidade (FRANCO, 2007, p. 97) e Jânio decidiu não ir, determinando que Araújo Castro representasse o Brasil na qualidade de observador.

A reunião do Cairo teve objetivos organizativos para a Conferência de Cúpula, que veio a ser realizada em Belgrado. Cuba, por meio do Ministro Roa, propôs, então que o próximo encontro ocorresse no Brasil, o que foi descartado antes mesmo da proposta seguir para o plenário. Dois grupos antagônicos disputavam a reunião com relação à ampliação do grupo: de um lado Cuba e Guiné, defendendo a ampliação dentro do escopo dos defensores da "coexistência pacífica"; de outro, a Índia, propondo limitações à participação de outras nações. Cuba pediu ainda que se convidasse o México, Brasil, Equador e Bolívia. A reunião definiu a realização da Conferência de Cúpula na Iugoslávia, a partir de 1º de setembro, estabelecendo que seriam convidadas as nações que obedecessem aos seguintes critérios:

1. O país deve ter adotado uma política independente baseada sobre a coexistência de Estados com sistemas sociais e políticos diferentes no não-alinhamento, ou estar demonstrando uma tendência nesse sentido (a ressalva “e no não-alinhamento”, foi proposta pela Índia para neutralizar as intenções do chanceler cubano).
2. O país deve ter apoiado, de maneira consistente, os movimentos de libertação nacional.
3. O país não deve ser membro de uma aliança militar concluída em função de conflitos entre grandes potências.
4. Se um país tem um acordo bilateral militar com uma grande potência estrangeira ou é membro de um pacto regional de defesa, o acordo ou pacto não deve ter sido concluído deliberadamente em função dos conflitos entre grandes potências.
5. Se o país tiver concedido bases militares a uma potência estrangeira, a concessão não deve ter sido feita em função de conflitos entre as grandes potências. (CASTRO, 2007, p.105)

A partir de então estavam definidas as características principais do que seria conhecido por não-alinhamento. A Conferência de Cúpula em Belgrado havia sido marcada para uma data estratégica, antes da Assembleia Geral das Nações Unidas, que ocorreria na segunda quinzena do mesmo mês. O Brasil, como observador em todas as reuniões, inspirava confiança nos países não-alinhados, ao mesmo tempo em que suscitava desconfiança por parte do grande país imperialista.

A direita, no Brasil, começava a animar-se para um novo golpe. Em agosto, Lacerda rompeu com Jânio e intensificou os ataques. Em São Paulo, berço eleitoral de Jânio, o empresário Julio Mesquita Filho colocava munição na metralhadora de Lacerda:

As declarações que o nosso chanceler acaba de produzir na cerimônia de lançamento em Brasília da pedra fundamental do edifício da embaixada iugoslava confirmam expressivamente essa tendência. Descobriu pelo visto s. exa. a viabilidade daquilo que se tinha por impossível. Foi peremptório o sr. Afonso Arinos no seio do mundo comunista pode perfeitamente existir "um Estado autônomo, com governo próprio e povo autodeterminado". Escusado será apresentar que esse Estado é o iugoslavo! Levado, porém, pelo desejo de justificar uma pseudo-aceitação da experiência iugoslava pelo povo brasileiro, recorreu o titular do Itamarati a uma expressão assaz nebulosa, insistindo no mútuo respeito pelas "convicções científicas internas" (*O Estado de São Paulo*, 20/08/1961, p. 03)

As críticas ao Ministro da UDN, apontavam uma alteração no rumo dos acordos no interior da classe dominante. Considerando também que o editorial trazia um subitem chamado "o exagero das condecorações", a crítica se generalizava. Soava um alerta para o imperialismo: a Conferência Belgrado com a participação de Cuba, elevava o "perigo vermelho", pois germinava a tricontinental²⁶².

A política externa praticada no período Jânio Quadros esteve, como visto, impactada por dois fatos internacionais marcantes: a obsessão norte-americana em isolar Cuba e retomar

²⁶² Termo utilizado por Che Guevara em 1967: "Mensaje aos povo do mundo através da tricontinental".

o controle da ilha e a emergência do Movimento dos Não Alinhados. A forma como o Brasil se inseriu nessas duas dinâmicas da história repercutiria nos acontecimentos de agosto de 1961.

3 A ALIANÇA PARA O PROGRESSO

Inserida no contexto de uma nova fase da Guerra Fria, com um confronto iminente em Berlim (Alemanha), a Conferência que teve lugar em Punta del Este/Uruguai, entre os dias 05 e 27 de agosto de 1961, foi a reunião do Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES) da Organização dos Estados Americanos - OEA -, convocado com o objetivo explícito de isolar Cuba do sistema interamericano, além de apresentar e formalizar as estruturas que proporcionariam a Aliança para o Progresso (ALPRO).

Nela, estiveram presentes vinte e uma nações das Américas. Uma enxurrada de jornalistas, fotógrafos, curiosos, militantes e representantes dos países atraíram parte das atenções mundiais. Mais de mil e duzentas pessoas aglomeraram-se pelas ruas e salões onde foi realizada a conferência, cuja decisão selaria o futuro da América Latina e dos Estados Unidos. Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, reuniam-se outros líderes mundiais para decidir o caso da Alemanha. Para lá, os Estados Unidos enviaram Dean Rusk, Secretário de Estado.

O presente capítulo tem o objetivo de analisar a Conferência de Punta del Este (Aliança para ao Progresso) como um elemento de ligação entre a agressão norte-americana à Cuba, com a invasão da Baía dos Porcos, e a visita de Che Guevara ao Brasil, ocasião em que foi condecorado.

3.1 A Segurança Hemisférica

A Reunião de Punta del Este foi um dos resultados da desastrosa invasão de Cuba. A vitória cubana deu mais esperanças às guerrilhas na América Latina. Por outro lado, foi reforçada a necessidade de impedir o avanço do movimento revolucionário. Os Estados Unidos ficaram diante do seguinte dilema: intervenção militar direta ou ajuda econômica sem descartar o apoio militar. Com o argumento de que as guerrilhas se alimentavam da fome e da miséria dos povos, os países contrários à intervenção direta retomaram a proposta da Operação Pan-Americana, proposta por Juscelino, cujo conteúdo previa ajuda econômica aos países latino-americanos.

Os elementos constitutivos dessa concepção de intervenção fundamentaram, de certa forma, a Operação Pan-Americana. A "segurança hemisférica" guardaria relação com o "desenvolvimento econômico" (LESSA, 2008). Em outras palavras, uma intervenção militar não lograria êxito, em termos de apoio popular, se não estivesse alicerçada em ações econômicas efetivas de diminuição da pobreza no continente.

A Europa estava com suas antenas voltadas para o Uruguai. De Londres, o semanário *The Economist* afirmava que os Estados Unidos seriam colocados à prova naquele pequeno balneário. O *Correio da Manhã* chamou de audaciosa a proposta do Secretário Douglas Dillon" (*Correio da Manhã*, 05/08/1961, p.01). O jornal brasileiro também mostrou que o *Financial Times* publicou: "a conferência de Montevideú é um acontecimento de grande importância na política latino-americana dos Estados Unidos" (*Correio da Manhã*, 05/08/1961, p.01). A Inglaterra aguardava o desenrolar do encontro.

Enquanto a América Latina recebia com desconfiança a proposta de *Aliança para o Progresso*, a Alemanha era dividida pelo Muro de Berlim. Kennedy designou Douglas Dillon, Secretário do Tesouro, para o Uruguai; a negociação sobre a Alemanha recaiu em Dean Rusk, Secretário de Estado dos EUA. Se na Europa as tensões impunham uma tratativa aberta sobre a questão de Berlim, na América do Sul a proposta de Aliança para o Progresso escondia a verdadeira intenção ianque: resolver "a questão cubana"²⁶³ e domesticar a América Latina.

A Conferência de Punta del Este foi impulsionada pelo cenário de avanço dos movimentos de luta por libertação, principalmente por parte da esquerda revolucionária.

A *Aliança para o Progresso* estava sendo chamada de o *Plano Marshall* para a América Latina. Em termos práticos, o objetivo principal dos Estados Unidos e aliados era conter os movimentos de esquerda, notadamente as guerrilhas, que já se organizavam no continente. Muito perspicaz, Che Guevara perguntou: "-Como conter a guerrilha apenas com estratégias econômicas?" se o imperialismo treinava mercenários em países submissos como Nicarágua e Guatemala, ao mesmo tempo em que reforçava a Escola das Américas²⁶⁴.

Os preparativos para a reunião do Uruguai iniciaram-se bem antes de agosto. A previsão era de que a reunião ocorresse em julho. O Brasil havia pedido, em junho de 1961, o adiamento da Conferência da OEA, que seria realizada em 15 de julho. Segundo o *Correio da*

²⁶³ Termo usado nas correspondências do Itamaraty.

²⁶⁴ "Escola de treinamento do Exército dos Estados Unidos, foi fundada em 1946, no Panamá, no início da Guerra Fria, com a finalidade de formar militares da América Latina e do Caribe na doutrina da segurança nacional – cujos desdobramentos militares incluíam os métodos de contrainformação, interrogatório (com métodos de tortura e execução sumária), guerra psicológica, inteligência militar e ação de contrainsurreição." Enciclopédia latinoamericana, disponível em: < <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/e/escola-das-americas>>, acesso em 02/10/2016.

Manhã, o Brasil teria apresentado o pedido verbal a Stevenson, embaixador norte-americano. Em seguida, o país formalizou o pedido, que foi acompanhado pela Argentina. As razões alegadas centraram-se na questão do tempo exíguo:

A razão apresentada pelo Brasil é a de que precisa de mais tempo para preparar-se para a conferência. Sabe-se que a petição do Brasil conta com o apoio da Argentina. Funcionários do governo americano indicaram que os Estados Unidos não se oporiam a um adiamento, contanto que não fôsse mais de duas semanas. (*Correio da Manhã*, 10/06/1961, p.01)

Para os Estados Unidos, o adiamento também era favorável, em virtude do cenário internacional ainda estar se desenhando, principalmente por causa do episódio da Baía dos Porcos, em Cuba, cujas feridas ainda estavam abertas. Kennedy havia marcado a conferência com a finalidade de apresentar a Aliança para o Progresso. O presidente dos Estados Unidos adiantou aos países do sul que poderia comparecer à conferência pessoalmente, o que não ocorreu. O anúncio pode ter sido uma manobra de Kennedy para convencer as nações do Cone Sul a marcar sua data, cuja promessa principal era a de destinação de recursos para o "desenvolvimento".

O representante norte-americano, Adlai Stevenson²⁶⁵, estava em visita pelos países da América do Sul, com o objetivo de obter apoio para o programa de Kennedy, o que incluía uma posição clara diante do que eles chamavam "questão cubana". Stevenson foi recebido com manifestações em todos os países por onde passou. No Uruguai, "a 'Aliança para o Progresso' de Kennedy [era] o compromisso dos Estados Unidos para com os povos da América Latina, visando eliminar do hemisfério a fome, a pobreza e o analfabetismo" (*Correio da Manhã*, 10/06/1961, p.01). Em La Paz ele teve sua recepção mais "calorosa", na qual as vítimas da política imperialista radicalizaram sua ação com coquetéis *molotov*. Houve repressão violenta por parte do governo, deixando feridos e até mortos na Praça São Francisco, local do confronto.

O governo brasileiro utilizou a postergação do conclave²⁶⁶ para mexer as peças do tabuleiro político. No plano nacional, reuniu chefes de executivos estaduais na IV Reunião dos Governadores, no final de junho. O encontro fora realizado reunindo o Rio de Janeiro, São Paulo e o recém-criado Estado da Guanabara. O objetivo era ouvir os Estados

²⁶⁵ Stevenson era do Partido Democrata e havia sido candidato duas vezes a Presidente dos EUA (1952 e 1956), derrotado em ambas eleições. Foi nomeado embaixador dos EUA junto à ONU em 1961, cargo que atuou até 1965, quando faleceu, em Londres.

²⁶⁶ Termo utilizado pelos jornais da época.

apresentarem propostas de ajuda financeira para o desenvolvimento dos Entes da Federação. O governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda²⁶⁷, que havia se tornado o principal opositor do governo Jânio, teve todos os seus pedidos aceitos.

O Brasil manteve negociações com os países latino-americanos a fim de encontrar soluções para o conflito que envolvia Estados Unidos e Cuba. O acirramento das relações entre a pequena ilha livre e o imperialismo norte-americano não havia arrefecido desde a batalha de *Playa Girón*. As lutas de libertação na Ásia e na África, as tensões na Alemanha e as guerrilhas na América Latina tomavam conta dos debates nos bastidores da conferência muito mais do que um encontro para decidir sobre perspectivas econômicas.

A reunião no Uruguai ocorreu no mês anterior à Conferência de Belgrado, onde foi consolidado o Movimento dos Não-Alinhados e seis meses antes da Reunião de Consulta da OEA²⁶⁸, quando foi decidida a expulsão de Cuba do "sistema interamericano"²⁶⁹.

Jânio Quadros enfrentava uma forte oposição, principalmente da UDN. Uma parte da Igreja Católica, por sua vez, também se movimentava. Em palestra para autoridades do Rio de Janeiro e da Guanabara, além de sacerdotes presentes, Dom Jaime de Barros Câmara propôs "uma cruzada contra a onda de materialismo que ameaça corromper os nossos tradicionais costumes" (*A Noite*, 04/08/1961, p.03).

Enquanto as delegações chegavam em Punta del Este, embarcava, nos primeiros dias de agosto de 1961, a missão brasileira chefiada pelo Vice-Presidente João Goulart com destino à Ásia²⁷⁰. Em nota bem pequena, *O Globo* divulgava "A missão especial do Brasil à China e países asiáticos" (*O Globo*, 05/08/1961, p.06).

A delegação brasileira no Uruguai foi chefiada pelo Ministro da Fazenda, Clemente Mariani. Ele havia entregue o cargo um mês antes e o Presidente não aceitou, pedindo que ele aguardasse um pouco, pois ainda precisava dos serviços do banqueiro (BANDEIRA, 1978,

²⁶⁷ Lacerda foi mentor da candidatura Jânio e passou a fazer uma forte oposição ao Executivo. Não há um estudo específico sobre as oposições a Jânio Quadros. É possível compreender as conspirações oposicionistas a partir de algumas obras como: BENEVIDES, 1981; BANDEIRA, 1979; CASTELLO BRANCO, 1996.

²⁶⁸ O encontro também recebeu o nome de Conferência de Punta del Este (jan-1962). Esta, entretanto, ficou conhecida como tal, enquanto a anterior manteve a denominação de *Aliança para o Progresso*.

²⁶⁹ A medida foi motivada por pressão dos EUA e de alguns países politicamente aliados aos norte-americanos. O Brasil, com San Tiago Dantas como Ministro das Relações Exteriores e João Goulart Presidente, definiu-se pela abstenção, reforçando a Política Externa Independente.

²⁷⁰ Segundo Jânio Quadros, o envio do Vice-Presidente para os países socialistas, principalmente para a China fazia parte do plano da renúncia. Fora do Brasil, o Vice não poderia assumir a chefia do Executivo (QUADROS NETO, 1996,45).

p.412). No dia da abertura dos trabalhos no Uruguai, O Presidente Jânio Quadros nomeou mais dois integrantes à Delegação brasileira:

O Presidente da República, resolve

DESIGNAR:

Para integrar a Delegação brasileira à Reunião Extraordinária do Conselho Interamericano Econômico e Social da Organização dos Estados Americanos, a realizar-se em Montevideú a partir de 5 de agosto do corrente ano, os seguintes membros:

Observadores: (com ônus para o Tesouro Nacional)

Paulo Frederico Maciel;

José Antonio Souza Leão; (*DO*, 05/08/1961, p. 7121)

Foi ainda nomeado, como integrante da delegação brasileira no Uruguai, o então governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, na qualidade de Conselheiro especial. O governador conversou com Che Guevara, a sós, e foi o único brasileiro convidado para o churrasco que o Presidente do Conselho Nacional do Uruguai, Eduardo Víctor Haedo, ofereceu ao Ministro cubano. Brizola, porém, não ficou na conferência, por manter divergências com o chefe da delegação brasileira.

No início de agosto, o Brasil havia recebido Yuri Gagárin, astronauta soviético, primeiro tripulante de uma nave espacial. A visita representou mais um passo para a aproximação entre os dois países e contribuiu para o convencimento da opinião pública, bombardeada com a propaganda anti-soviética. Gagárin foi condecorado com a Ordem do Mérito. A União Soviética dava mais um passo à frente na corrida espacial.

No dia três de agosto de 1961, o Embaixador brasileiro em Manágua informou, por meio do ofício secreto Nº 222, outra possível invasão à Cuba, o que exigiu da embaixada brasileira atenção redobrada. Felix de Faria apontou que os Estados Unidos, publicamente, não estariam na frente de batalha, mas, subterraneamente, com apoio logístico, forneceria armas e propaganda. Os mercenários e exilados cubanos seriam os organizadores, com treinamento militar, possivelmente pela CIA, a fim de retomar o controle em Cuba. Segundo o Embaixador Faria, houve atraso na operação por causa de divergências entre os líderes da operação. Chamou atenção a data em que o ofício foi enviado, no início de agosto de 1961, dois dias antes da Conferência de Punta del Este, no Uruguai:

Senhor Ministro,

Ao que tudo indica, está sendo preparada uma nova invasão a Cuba.

2. As forças de desembarque constarão quase exclusivamente de cubanos e terão o apoio, material bélico dos Estados Unidos da América.

3. Segundo consta, o quartel general das tropas de invasão está situado na zona do Canal do Panamá e as bases auxiliares se encontram em Pôrto-Rico, Guatemala e em Puerto Cabezas, na Nicarágua.

4. pequenos grupos de asilados cubanos estão chegando a Puerto Cabezas, possivelmente, para treinamento militar. Há um inusitado movimento de aviões de Fôrça Aérea dos Estados Unidos da América no aeropôrto da referida base.

5. No dia 11 de julho último, o General Anastasio Somoza Debayle, Chefe-diretor da Guarda-Nacional, acompanhado do Major Francisco Ulloa, Inspetor do Serviço de Segurança do Ministério da Aviação, compareceu a uma reunião realizada no quartel-general norte-americano da zona do Canal do Panamá, sob a Presidência do Tenente-General Andrew F. O'Meara, ocasião em que foram discutidos os planos relativos a uma operação contra Cuba.

6. No dia 17 de julho passado chegou à Nicarágua, o Tenente-General Andrew P. O'Meara, Comandante-Chefe americano da zona militar do Caribe, quem visitou, na companhia do Major-General Anastasio Somosa Debayle e do Major Francisco Ulloa a base de Puerto Cabezas.

7. Sabe-se que o desacôrdo entre os líderes das várias correntes políticas que compõe o conjunto de exilados cubanos tem atrasado o plano militar de ação.

Tenho a honra de renovar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Felix Baptista de Faria²⁷¹

O ofício secreto enviado de Manágua-Nicarágua confirmou que havia planos dos Estados Unidos para realizar uma nova invasão. Os preparativos para uma *Aliança para o Progresso* eram acompanhados de ações subterrâneas contra um dos países que tomariam lugar em Montevidéu. Talvez isso pudesse explicar uma correria da delegação brasileira, bem como de jornalistas e embaixadores preocupados com a causa cubana, em promover o encontro de Che Guevara com um representante dos Estados Unidos, durante a conferência (TAVARES, 2013).

O documento, com selo de secreto, revelou que vários países da América Central estavam participando das operações contra Cuba, inclusive alguns que tiveram assento ao lado de Che Guevara em Montevidéu. Guatemala, Nicarágua e Panamá formariam uma tríade de apoio para a conspiração contra Cuba.

O Brasil tornou-se passagem obrigatória para diversas delegações e Chefes de Estado antes da conferência. A delegação norte-americana já havia passado pelo Brasil antes de ir a Montevidéu. Che Guevara também fez pouso rápido no Galeão, recebido pelo embaixador João Dantas.

No mesmo dia da abertura da conferência, Jânio Quadros assinou o Decreto 51.152/1961, criando a Comissão Nacional de Planejamento, órgão vinculado e dirigido pela Presidência da República, cuja estrutura era composta de Conselho Deliberativo, Conselho Consultivo e Secretaria Técnica. Entre os objetivos estava o de "melhorar as condições de bem-estar do povo brasileiro, o que depende de um esforço de desenvolvimento da economia

²⁷¹ Of. 222 / 600 (24h) - Secreto, Manágua, 3 de agosto de 1961, AHMRE.

nacional". Para alcançá-lo, seria tarefa do Conselho a preparação do Plano Quinquenal, num prazo de seis meses. O governo de Jânio estava, assim, colocando em prática o que se esperava como resultado da Conferência no Uruguai. O ato de Jânio era um sinal de que aquele encontro em Montevideu iria apenas oficializar entendimentos previamente acertados.

O envio de recursos financeiros começou a aumentar, antes que a delegação brasileira partisse para Montevideu. O Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Felipe Herrera, acertou com Jânio um empréstimo de dez milhões de dólares para "desenvolvimento" do Nordeste. A conta total, segundo Herrera, chegava a U\$ 185 milhões em empréstimos negociados entre o Brasil e o banco. O dinheiro tinha destino certo: o aparelhamento e aperfeiçoamento da indústria nordestina. Os intermediários seriam a SUDENE e o Banco do Nordeste, com quem os convênios foram assinados. Após a assinatura, mais uma vez seria tratado o tema principal: Cuba. O acordo teria relação com as votações brasileiras na conferência que se avizinhava (*O Globo*, 04/08/1961, p.06).

Jânio Quadros recebeu, em 04 de agosto de 1961, a visita do Secretário do Tesouro dos EUA, Douglas Dillon; do irmão e "observador" (*O Globo*, 04/01/1961, p.06.) do Presidente John Kennedy, Edward Kennedy e Felipe Herrera, Presidente do BID. O assunto foi pauta dos jornais. Ao primeiro, coube acertar os ponteiros nas questões econômicas e comerciais. Dillon, chefe da delegação norte-americana em Montevideu, chegou no aeroporto de Brasília às 19 horas do dia 03 de agosto, a bordo do Boeing da Força Aérea dos Estados Unidos. Ao partir, rumo ao Uruguai, deixou um cheque de meio milhão de dólares e uma mensagem de John Kennedy com promessas de novos investimentos (*O Estado de São Paulo*, 05/08/1961). Ele foi recebido ainda no aeroporto, na Capital Federal, por seus conterrâneos, John Moors Cabot, Embaixador no Brasil, Lincoln Gordon, Consultor do Departamento de Estado (viria a ser Embaixador) e Arthenius de Freitas, Cônsul do Itamarati, encontraram-se, por alguns minutos, com Edward Kennedy, de passagem para o Rio de Janeiro (*O Globo*, 04/08/1961, p.06).

A delegação norte-americana estava composta de 42 pessoas. Dentre os que guardavam maior relevância, estavam: John Duncan, Secretário de Agricultura; Robert Woodward, vice-chefe da delegação e assistente-secretário para assuntos interamericanos; John Leddy, assistente de Dillon; Lesseps Morrison, representante dos EUA no conselho da OEA; Richard Phillips, responsável pelos contatos com a imprensa; e Richard Goodwin, assistente pessoal do Presidente Kennedy.

O irmão do presidente dos EUA disse à imprensa ter outras pretensões no país. Edward Kennedy não estava investido de missão especial e narrou assim sua visita:

Foi com o homem do povo, entretanto, que mantive contatos mais frequentes. Como os humildes em todas as partes do mundo, êles estão entregues ao trabalho com o intuito de melhorar a própria vida e a dos seus dependentes. Conversei pessoalmente em Pernambuco com favelados trabalhadores da indústria açucareira, pequenos fazendeiros, lavradores, estudantes e líderes do movimento trabalhista. Também aqui no Rio me encontrei proveitosamente com um grupo de estudantes e de líderes trabalhistas. Meu objetivo foi ouvir de tôdas essas pessoas, pelas suas próprias palavras, a maneira como encaravam seus problemas, as soluções que esperavam e o que achavam que deve ser feito pelo meu país, trabalhando em cooperação com o govêrno brasileiro, para tornar mais fácil a concretização dos seus objetivos. (*Correio da Manhã*, 05/08/1961, p.03.)

O visitante norte-americano informou estar realizando uma viagem "puramente pessoal", decorrente de seu grande interesse em aumentar seus conhecimentos sobre a realidade brasileira, os problemas do povo e do continente latino-americano. Por que Edward Kennedy iria a Pernambuco? O que de tão relevante teria naquele Estado? O curioso é que o "observador" interessou-se de pronto pelo Estado de Francisco Julião e pela mais incômoda organização de trabalhadores da época: as Ligas Camponesas. Conforme abordado no capítulo anterior, a mãe de Che, Dona Célia de la Serna, esteve em Recife (PE) onde palestrou para os estudantes. Por outro lado, palavras do próprio E. Kennedy, irmão de John Kennedy, confessavam que viera "observar" o Nordeste.

O irmão de Kennedy queria conversar com a Bancada de Deputados Federais do PTB, pois queria "ouvi-los". A reunião ocorreu na casa do Deputado Bocaiuva Cunha, no dia 3 de agosto, e teve apenas dois itens em pauta: a remessa de lucros de capital norte-americano para o exterior e Cuba. Participaram do encontro, além do futuro Embaixador dos EUA no Brasil, Lincoln Gordon, os Deputados da linha nacionalista: Wilson Vargas, Ivete Vargas, Temperani Pereira, Almino Afonso, Sérgio Magalhães, Artur Virgílio, Osvaldo Lima Filho, Paiva Muniz e Arlindo Porto, líder dos petebistas na Assembleia Legislativa do Amazonas (*O Globo*, 04/08/1961, p.06)²⁷². Sobre o primeiro ponto, os deputados defenderam que o Brasil deveria definir os planos com relação aos empréstimo financeiros, estes devendo ser exclusivamente de governo para governo. Com relação à Cuba, evidenciaram os parlamentares ao enviado norte-americano simpatia à Revolução, acreditando ter cumprido seus objetivos. Kennedy disse apenas que alguns aspectos da política externa dos Estados Unidos sofreriam alterações. Ao final, o Deputado Almino Afonso manifestou estranheza no encontro, avaliando ter sido ele um monólogo (*A Noite*, 04/08/1961, p.05). O homem de confiança do Presidente Kennedy assegurou-se do que veio fazer: ver e ouvir.

²⁷² Na edição, do mesmo dia, do periódico *A Noite* a lista de Deputados presentes à reunião com Edward Kennedy não incluiu os nomes de Ivete Vargas, Artur Virgílio e Arlindo Porto.

O Presidente Jânio Quadros confessou a Edward Kennedy sua preocupação com o avanço do movimento comunista no Brasil. Jânio Quadros indicou, ainda, a E. Kennedy "o Nordeste brasileiro, as Guianas, a Bolívia e o Paraguai, como os principais focos da infiltração comunista" (*JB*, 05/08/1961, p. 01). O "observador" dos EUA respondeu a Quadros que o governo norte-americano continuava tomando providências para impedir o avanço da esquerda comunista no continente.

Para completar a série de visitas às vésperas da Conferência de Punta del Este, chegou ao Brasil o Presidente do Peru, Manuel Prado. O Presidente Jânio Quadros aproveitou o "amigo"²⁷³ dos Estados Unidos para enviar um recado a Kennedy: "compete aos que podem ajudar-nos na empreitada, lançarem-se à tarefa, que tanto convém a eles, quanto a nós, objetivamente" (*JB*, 02/08/1961, p. 01).

No Rio de Janeiro, o Presidente Manuel Prado esteve com o Ministro Affonso Arinos, em jantar oferecido pelo Chanceler brasileiro. A conversa envolveu discussões sobre a fronteira entre os países, situada na região amazônica. Corria nos círculos diplomáticos informações sobre movimentos guerrilheiros de norte a sul da fronteira do Brasil com seus vizinhos. O Ministro Arinos advertiu o Chefe peruano:

A ordem democrática estará sob permanente ameaça, desde que não se revele capaz de além dos valores morais e intelectuais que exprime, ser, também instrumento eficaz de progresso social. Ou a elite latino-americana toma conhecimento disso, e age em consequência, ou o seu apêgo à democracia que seja, não criará, no Continente, confiança popular nesse regime, que é, entretanto, o único compatível com a dignidade da criatura humana. (*JB*, 02/08/1961, p.04)

O recado ao Presidente peruano foi claro. Não haveria, segundo Arinos, sistema democrático resistente à desconfiança popular. A Conferência de Punta del Este, batizada de Aliança para o Progresso, deveria ser prática. Após entrevistar-se com o Presidente e o Ministro das Relações Exteriores, o presidente peruano encontrou-se com Carlos Lacerda, principal liderança da oposição à Política Externa Independente do Presidente Jânio Quadros.

O Governador da Guanabara tinha prestígio em Washington. O Peru foi o primeiro Estado latino-americano a declarar o rompimento das relações diplomáticas de todas as nações com Cuba. O pedido do encerramento de relações foi formulado após o triunfo da Revolução anti-imperialista e não ao tempo da ditadura de Batista. Lacerda, ao receber o presidente peruano lançava o maior ataque à Política Externa Independente do governo,

²⁷³ O Peru havia rompido relações com Cuba por uma ação de sabotagem da CIA promovida em Lima, com a participação de exilados cubanos, que misturaram a documentos verdadeiros, papéis forjados pela Technical Service Division (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 375).

acusando-o de favorecer os "russos". Durante a inauguração de uma escola, Lacerda disparou contra a política externa:

Diante da invasão russa do continente americano, gravada sobre Cuba a garra de Moscou, o Brasil negaceia e alega até informações diplomáticas para negar a evidência, para negar o que os ditadores de Cuba afirmam diante do mundo com a franqueza de quem se sente garantido exatamente pelo Brasil. E sempre dizendo que mantemos os nossos compromissos, tratamos de organizar uma frente contra eles, isto é, uma frente para não cumpri-los. Estamos destruindo a unidade do continente americano e colocando o Brasil como cabeça-de-ponte diplomática para a Rússia completar o que militarmente iniciou em Cuba com a invasão dos "técnicos" que preparam para todos nós dias de agonia. (*A Noite*, 08/08/1961, p.03)

O Governador da Guanabara, esvaziadas as chantagens que buscava fazer com Jânio Quadros, inclusive por conta das dívidas acumuladas pelo seu jornal *Tribuna da Imprensa*, apegou-se à conjuntura internacional (MONIZ BANDEIRA, 1978). Criticar as relações exteriores do Brasil poderia proporcionar a Lacerda maior projeção, aumentando sua credibilidade junto aos Estados Unidos, com a política anticomunista.

Às portas da Conferência de Punta del Este, um volume grande de notícias sobre o assunto contribuiria na formação de uma determinada opinião pública e forçaria determinadas posições políticas no interior do encontro. Publicaram-se, por exemplo, os valores dos recursos que estavam sendo propostos. Determinadas estratégias de divulgação, via meios de comunicação, conforme visto anteriormente, constituíam campanha "psicológica" vetada a opinião pública. Os números, entretanto, eram divergentes. Douglas Dillon apresentou, no dia oito de agosto, a cifra que todos aguardavam: U\$20 bilhões, em dez anos, o dobro do apresentado no similar europeu. O *Estadão*, principal jornal do Estado, através do qual Jânio Quadros ganhou notoriedade, dizia que o valor chegaria a U\$15 bilhões. O chefe da editoria de economia de *O Estado de São Paulo*, o alemão Frederico Heller, na primeira página assim escreveu:

Os Estados Unidos estão dispostos a assumir, desde já, compromissos, concedendo à América Latina, no próximo decênio, uma ajuda no total de 15 bilhões de dólares. Esta quantia não foi casualmente determinada, mas corresponde precisamente às despesas norte-americanas com a execução do Plano Marshall em benefício do Velho Mundo. Só que este plano teve uma duração de cinco anos, ao passo que o plano relativo à América Latina se desenvolverá pelo prazo de dez anos. A diluição do tempo em que os 15 bilhões de dólares serão aplicados não significará, porém, que a ajuda a ser proporcionada aos países subdesenvolvidos do nosso Hemisfério será menos eficiente do que a concedida aos países devastados pela guerra. A percentagem sobre o Produto Nacional Real que aquela quantia representa no caso da América Latina é muito maior do que a do caso europeu. (*O Estado de São Paulo*, 05/08/1961, p. 01)

Os Estados Unidos anunciaram as exigências para liberação dos recursos. Os países deveriam realizar reformas estruturais na área econômica e fiscal, além da reforma agrária. Condiçionava, ainda, a potência do Norte, o apoio financeiro à criação de um comitê permanente de técnicos responsáveis pela definição da planificação das reformas e da aplicação dos recursos a serem ofertados.

O governo brasileiro submetia-se à propaganda de Washington e abandonava a paternidade do pan-americanismo. A nova "política da boa vizinhança" norte-americana ganharia o nome de Aliança para o Progresso. Augusto Frederico Schmidt, ex-assessor de Juscelino publicou artigo dizendo

(...) Como era preciso demolir inteiramente o Sr. Juscelino Kubitschek, como não era admissível que dêle sobrasse coisa alguma de certo, a nova política exterior dêste País resolveu considerar nula a Operação Pan-Americana e aceitar qualquer solução que apagasse das memórias o que o passado Govêrno brasileiro levou a efeito ou mesmo pensou. O compreensível impulso do Presidente Kennedy de ligar o seu nome a um já tardio mas louvável encontro das Américas coincidiu com a secreta intenção do atual Brasil em não deixar de pé qualquer coluna juscelinista. Daí a Operação Pan-Americana, depois de vitoriosa, ter passado a chamar-se Aliança para o Progresso, de Kennedy. (*O Globo*, 08/08/1961, p. 02.)

A política externa de Kubitschek era defendida por um de seus maiores expoentes, aquele que participou de várias discussões sobre a OPA. Não permitiria que tão significativo encontro ocorresse sem pronunciar-se sobre os antecedentes próximos do pan-americanismo, tão reivindicado no Conferência de Punta del Este. E completou o ex-assessor:

Tôdas as afirmações que acaba de fazer em mensagem enviada à Reunião dos 21, em Punta del Este, o Presidente norte-americano, tornando-as programa de sua Aliança para o Progresso, já faziam parte do corpo doutrinário e tático da OPA. Nunca se verificou uma vitória diplomática, pelo menos no plano das idéias, tão completa como essa, que hoje deveria estar consagrando a política exterior do Brasil e sob a presidência do Brasil. (...) Dizer-se que não tem importância o nome, nem a liderança brasileira, que devemos ceder as honras aos Estados Unidos - é uma teoria que não se sustenta de pé. As nações vivem certamente do trabalho se seus filhos e dos seu poder criador, mas também do prestígio que lhes dá a projeção externa, a capacidade de compreender as coisa, a visão antecipada dos acontecimentos. De Bogotá a Punta del Este houve um grande avanço dos Estados Unidos na direção da OPA. Levamos às três primeiras conferências dos 21 países a afirmação de que se tornava necessária uma política de desenvolvimento global do Continente. Os Estados Unidos não admitiam isso. Não queriam ouvir falar nisso. Recebi pessoalmente, e de forma oficial, o pedido de não continuar nessa conversa de desenvolvimento global - e em troca de renunciarmos a essa magnitude teríamos fecundos entendimentos bilaterais. (*O Globo*, 08/08/1961, p. 02)

Schmidt acusava Jânio Quadros de, contraditoriamente, admitir a propaganda dos Estados Unidos como precursor de ousado projeto quando, na verdade, era o Brasil o maior responsável pelos desdobramentos dos quais a Aliança para o Progresso era parte. De fato, os louros foram exclusivamente para os Estados Unidos. O resgate das premissas da liderança brasileira seria realizado no governo de João Goulart, pelo Ministro das Relações Exteriores San Tiago Dantas, quando afirmou que a política externa do governo não era criação sua, mas resultado de ações pregressas.

A pauta internacional tomava conta das primeiras páginas dos jornais. A imprensa escrita brasileira caminhava a passos largos para consolidar-se em nível nacional. O passado recente dos principais jornais de Rio (ex-Capital Federal) e São Paulo (capital econômica) demonstrava pouca isenção ou nenhuma imparcialidade nas notícias. O *Estado de São Paulo*, por meio de seu principal articulista do campo econômico, oferecia uma considerável ajuda ideológica ao plano norte-americano. Combinado entre valor e prazo, poder-se-ia chegar à conclusão de que a oferta para as "irmãs" do Sul representava a metade do valor oferecido aos europeus. Uma pequena reflexão considerava, em que pese os horrores da guerra, o parque industrial construído e o potencial técnico (humano e maquinário) na Europa do pós-Segunda Guerra. Não obstante, o mesmo Estado de São Paulo publicava o empréstimo à Inglaterra, no valor de US\$2 bilhões de dólares, para "sanear sua moeda e estabilizar sua deficitária balança de pagamentos" (*O Estado de São Paulo*, 05/08/1961, p.02).

Os Estados Unidos encontravam-se em um emaranhado de situações que os deixou com a imagem desgastada perante uma parte da opinião pública. A saída foi encontrar uma parceria que pudesse contribuir para o "bem" da América e propor a data da conferência, bem como envolver-se no convencimento aos países para dela participar. Veio da América do Sul, limítrofe ao Canal do Panamá, a voz que evocou para si a responsabilidade de articular as "nações irmãs" para aquela reunião, que prometia retirar as países da condição de pobreza em que se encontravam: a Colômbia que acertou os ponteiros com Washington.

A divergência centrou-se na questão de qual mecanismo deveria ser convocado inicialmente, se o Órgão de Consulta ou o CIES. O primeiro teria um caráter claramente político, já que seria uma reunião entre Ministros de Relações Exteriores para discutir casos de possíveis agressões entre Estados. No segundo caso, as discussões seriam mais no campo econômico, priorizando a participação de representantes dessa esfera.

Interessava aos Estados Unidos uma reunião do Órgão de Consulta, pois, desde a fracassada invasão de Praia Girón, o governo Kennedy tentava inverter a lógica dos fatos, como se o governo de Fidel fosse o agressor e não seus mercenários capitaneados pela CIA.

Como esta agia sob a égide de uma terrorismo subterrâneo de Estado, a contra-informação tratava de convencer a opinião pública de que teriam sido cubanos exilados os responsáveis pela patética ação contrarrevolucionária. Os Estados Unidos preconizavam invocar o artigo 6º do TIAR:

Se a inviolabilidade ou integridade do território ou a soberania ou independência política de qualquer Estado Americano for atingida por uma agressão que não seja um ataque armado, ou por um conflito extra-continental ou por qualquer outro fato ou situação que possa por em perigo a paz da América, o Órgão de Consulta reunir-se-á imediatamente a fim de acordar as medidas que, em caso de agressão, devam ser tomadas em auxílio do agredido, ou, em qualquer caso, convenha tomar para a defesa comum e para a manutenção da paz e da segurança no Continente. (art. 6º, TIAR, 1947)

A batalha das interpretações tornar-se-ia uma constante, já que o imperialismo impunha uma tensão semântica sobre quem era, de fato, o agressor, buscando a todo momento inverter a lógica simbólica dos acontecimentos.

O governo colombiano, em meio ao acirramento das tensões, enviou ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos uma resposta, com sua posição sobre como deveria ser organizado o encontro para discutir "Relações Políticas. Cuba-Estados Unidos. Debates na OEA". Em seguida chamou o Embaixador do Brasil em Bogotá e apresentou o que estava propondo:

1º) fortalecer o sistema interamericano, evitando qualquer ação unilateral e com o propósito de apressar a reunião do CIES, a qual contará com a presença dos Chanceleres e Ministros da Fazenda para a criação de uma "mística de progresso" que seja antídoto eficaz contra a revolução cubana e sua propaganda no Continente. Na reunião do CIES, os Chanceleres e os Ministros da Fazenda deverão estabelecer ambiente que traduza a restituição da confiança no sistema interamericano; 2º) Mais tarde poder-se-á convocar reunião do Órgão de Consulta, de acôrdo com o artigo VI do Tratado do Rio de Janeiro. O artigo 35 da carta da OEA, pela sua fluidez, poderia suscitar discussões intermináveis sôbre os procedimentos. Nesta altura se reafirmarão os princípios interamericanos e a fé no Tratado do rio de Janeiro. Ademais, se convidará Cuba a submeter-se à disciplina do sistema interamericano; se Cuba não aceitar, mover-se-á dentro da órbita do sistema, que então começaria a funcionar, da Comissão Política ad hoc (prevista na Conferência de São José da Costa Rica), a qual foi criada para resolver o problema bilateral Cuba-Estados Unidos da América, e não o multilateral Cuba-Sistema Interamericano. Se Cuba não aceitar a jurisdição da Comissão ad hoc, evidenciará seu vínculo com os soviéticos.²⁷⁴

A posição colombiana refletiu a maior parte do pensamento dos países envolvidos. A primeira questão, sob o ponto de vista da contenção dos processos revolucionários, era assegurar a união dos países latino-americanos, por via do Tratado assinado em 1947. Em

²⁷⁴ Telegrama nº 107, de 6/7/V/1961, pp.1-2.. AHMRE. Grafia original.

seguida, conforme o desenrolar dos acontecimentos, julgar-se-ia a viabilidade de novos ajustes no sistema. No ano anterior, a Venezuela havia pedido a expulsão da República Dominicana, baseada no mesmo artigo do TIAR (*Correio da Manhã*, 16/08/1960, p.07.), cujo roteiro teria sido escrito com uma antecedência de três meses.

Os objetivos estavam expostos claramente: pressionar Cuba para "aderir" ao "sistema interamericano". Caso não acolhesse a proposta, ela estaria assinando sua sentença, pois restava evidenciado para os signatários do Tratado Interamericano que o país estava sob a órbita soviética. Nesse caso, os próximos passos seriam:

3º) neste caso, o Órgão de Consulta, dentro das faculdades do artigo IX do Tratado do Rio de Janeiro, iria definir doravante os atos de agressão. Assim, poderia considerar ato de agressão o envio de armas, inclusive nucleares, de país americano a outro país americano, ou de países extracontinentais a países americanos, e o estabelecimento de bases sino-soviéticas em Cuba. Neste caso, o Órgão de Consulta, cuja jurisdição não teria caráter sancionador mas preventivo, estabeleceria um Comitê de Vigilância, integrado por cinco ou sete países americanos, que avocariam a si a investigação de quaisquer atos de agressão ao Continente americano, quer diretamente relacionados com Cuba, quer com qualquer outro país. O Comitê caracterizaria formalmente os atos de agressão previstos no artigo IX. Caracterizados tais atos, pôr-se-ia em movimento uma ação coletiva.

Articulava-se uma fórmula para resolver o litígio entre EUA e Cuba. Discutia-se, no âmbito das representações diplomáticas, uma tática de movimentação de forças no interior do chamado Sistema Interamericano para criar uma situação de afastamento de Cuba, transformando-a de agredida em agressora. Para ilustrar melhor, vejamos o que trata o artigo 9º do referido tratado:

Além de outros atos que, em reunião de consulta, possam ser caracterizadas como de agressão, serão considerados como tais:

- a) O ataque armado, não provocado, por um Estado contra o território, a população ou as forças terrestres, navais ou aéreas de outro Estado;
- b) A invasão, pela força armada de um Estado, do território de um Estado Americano, pela travessia das fronteiras demarcadas de conformidade com um tratado, sentença judicial ou laudo arbitral, ou, na falta de fronteiras assim demarcadas, a invasão que afete uma região que esteja sob a jurisdição efetiva de outro Estado. (art. 9º, TIAR, 1947)

A comunicação entre Bogotá e Washington ocorreu antes do dia 06 de maio, data do telegrama do Embaixador brasileiro. Ato contínuo, como informava o comunicado da Embaixada em Bogotá, os países latino-americanos formariam um bloco compacto para, em conjunto, realizar uma "ação coletiva". Ficou claro que a reunião que teria lugar em Punta del

Este seria menos uma “Aliança para o Progresso”²⁷⁵ do que o cumprimento de uma etapa para a contenção comunista na América Latina.

As tramas subterrâneas da *Aliança para o Progresso* traduziam-na, em certo sentido, como um suborno (TAVARES, 2012) cujo desfecho se daria no ano seguinte. Uma sucessão de correspondências entre os países latino-americanos deram pistas substanciais dos preparativos para uma ação mais contundente em relação a Cuba. As pressões dos exilados, das multinacionais e de setores ligados aos órgãos de espionagem aumentavam. A presença de Cuba no sistema interamericano encontrava-se em contagem regressiva.

O governo peruano enviou, via Embaixadas, telegrama secreto com proposta de convocação imediata do Conselho de Chanceleres para definir o "caso cubano". O Brasil estava entre os países que buscavam a protelação da decisão, naquele momento operando com San Tiago Dantas à frente do Ministério das Relações Exteriores. Por meio do Telegrama secreto nº 490, de 18 de outubro de 1961, o Ministro enviou mensagem ao Embaixador em Washington para que desse conhecimento ao governo norte-americano sobre a posição do Brasil:

A iniciativa do Govêrno peruano através do seu Representante na OEA de propor a convocação de uma reunião de consulta para tratar do caso cubano, com fundamento no artigo 6º do Tratado do Rio de Janeiro, despertou de nossa parte profundas apreensões que Vossa Excelência deverá transmitir ao Departamento de Estado. Em primeiro lugar, parece-nos juridicamente incorreta a transformação do Conselho da OEA em órgão provisório de consulta, com fundamento no referido Tratado, pois êsse procedimento de caráter excepcional só se justifica em caso de urgência, como seja aquêle em que um ataque armado foi deflagrado ou tornou-se iminente contra determinado país. Em segundo lugar, os aspectos políticos da convocação ocasionam preocupações ainda maiores: uma reunião de consulta, no momento atual, para tratar do caso cubano, não poderia deixar de ser precedida de consultas cuidadosas às principais chancelarias do hemisfério para que se conheçam as suas atitudes e bem assim os possíveis resultados da reunião. Nenhuma consulta prévia foi feita pelo Govêrno peruano e é provável que a matéria desperte em todos os países reações violentas de opinião pública que se refletiriam na conduta das delegações. Um resultado final não-unânime seria extremamente desfavorável ao prestígio do sistema interamericano e á própria causa democrática no hemisfério.²⁷⁶

O governo brasileiro sabia das intenções norte-americanas. As tentativas foram de esvaziamento de propostas que pudessem deixar margem a ações mais enérgicas por parte dos

²⁷⁵ O Chanceler San Tiago Dantas afirmou, em artigo de 1962 sobre a Aliança para o Progresso: "Limite-me, pois, a acentuar que a política externa independente viu na Aliança uma forma avançada e construtiva de americanismo, desde que a prestação de auxílio técnico e econômico vá ao encontro - como , aliás, recomenda a Carta de Punta del Este - de planos formulados pelos próprios países e aplicados por seus órgãos nacionais". (2006, p.119. In: Munteal *et all*, 2006)

²⁷⁶ Telegrama nº 490. secreto. AHMRE

Estados Unidos. Conforme visto anteriormente, não estava descartada a hipótese de nova invasão. Cuba, desde o triunfo da Revolução em 1959, mudou toda a correlação de forças no continente americano. Uma definição imediata da saída de Cuba da OEA significava menor poder de negociação para os países latino-americanos, cujos governos adotavam uma política de independência em relação aos Estados Unidos.

Ajustou-se, assim, a realização da conferência para o mês de agosto, a pedido do Brasil, já que a proposta inicial era julho. O Brasil contava com prestígio internacional, além do que seu tamanho e localização garantiam-lhe certa prerrogativa.

3.2 Discursos: Marcando posições

O pequeno balneário de Punta del Este fica no sul da República do Uruguai, banhada pelas águas do Atlântico. A cidade, na época com pouquíssimos habitantes, possui cerca de 20 Km². Abrigava, então, um hotel cassino e alcançou maior destaque com o turismo como atividade econômica principal. O *punteleño*²⁷⁷ não poderia imaginar, quando o local recebeu o nome de Punta del Este, em 1907, que seria palco de encontros de projeção mundial.

A jornada inaugural da Conferência Econômica Interamericana começou com a visita dos chefes das missões diplomáticas credenciados ao presidente do Uruguai Victor Haedo, em sua residência em La Azotea. Após o ato cordial das delegações, Haedo e os outros dirigiram-se para o Edifício das Américas, como ficou denominada a sede do evento. Passou às tropas militares o presidente Uruguai e hasteou a bandeira de seu país, seguido pelas demais vinte nações presentes.

As delegações debruçaram-se sobre os seguintes eixos temáticos: 1- Planos de desenvolvimento econômico para a América Latina; 2 - Integração econômica dos países membros da OEA; 3 - Problemas relativos aos mercados de exportação; 4 - Exame anual; 5 - Informação e Relações Públicas. Os pontos nevrálgicos seriam o primeiro e o terceiro. Os desdobramentos desses temas controversos resultaram em outros quatro itens para a pauta de debates:

²⁷⁷ Gentílico para quem nasce em Punta del Este.

1 - Os planos de desenvolvimento nacional ficarão a cargo exclusivamente dos respectivos países, como atributo de sua soberania, mas alguns projetos poderão ser submetidos a organismos, internacionais restritos, conseqüentemente, com certo caráter supra-nacional; 2 - A distribuição do financiamento pelo Banco Interamericano, problema que será discutido por diversas delegações e também o critério que poderá reger essa distribuição; 3 - A auto-ajuda exercida pelos países latino-americanos, como condição para o êxito do plano Kennedy, contém requisitos muito delicados: certas reformas de regimes políticos, sociais e econômicos, e principalmente dos regimes fiscais. Exemplo típico é o constituído pelos casos das regiões em que campeiam os latifúndios; 4 - Provável diversidade de critérios entre blocos ou grupos, como o núcleo de países centro-americanos, que constituem a ODECA²⁷⁸: a Zona de Livre Comércio sul-americana, e um conjunto de países que acabam de coordenar posições de alto nível, antes da conferência. (*Correio da Manhã*, 05/08/1961, p. 01)

Os países latino-americanos temiam, por seu lado, que as exigências norte-americanas fossem em nível elevado, impedindo, assim, a implementação e, conseqüentemente, a "ajuda" financeira. As divisões regionais e disputas de mercados eram outro complicador a ser enfrentado pelos membros participantes da Conferência. O Brasil dirigiu a Comissão que estudaria a integração econômica, sob a presidência do ministro Arthur Bernardes Filho, cuja indicação foi apoiada por Cuba.

A participação do Brasil na Conferência de Punta del Este, na Reunião Extraordinária do Conselho Interamericano Econômico e Social no nível ministerial (CIES), foi concebida no âmbito da Política Externa Independente²⁷⁹. Os antecedentes fundamentais foram a Operação Pan-Americana (OPA) e a Ata de Bogotá, conforme afirmou o Ministro da Fazenda, Clemente Mariani:

Encontro-me com satisfação nesta bela cidade de Montevideú; e saúdo no seu povo um notável exemplo de apego à democracia.

O Uruguai nos dá ambiente propício ao estudo das providências que nos ajudarão a todos a ingressar em novo estágio de vida econômica e social, justamente reclamado pela quase totalidade dos povos continentais. E o Brasil está confiante em que tais providências, para benefício geral e com a salvaguarda dos melhores interesses nacionais, serão aqui esquematizadas.

Há muito nos encontramos entre os que reconhecem ser demasiado pesada a tarefa de empreender o reerguimento econômico para que cada um dos países das Américas a tome isoladamente.

Os primeiros passos para uma ação em conjunto, única maneira pela qual poderemos aspirar a melhores dias, foram dados pelo Brasil ao propor a Operação-Pan-Americana, e é justo mencionar que a receptividade encontrada nos anima a

²⁷⁸ Organización de Estados Centroamericanos. Organização regional criada em 1951 por Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicarágua e El Salvador com objetivo de promover cooperação e integração entre seus membros.

²⁷⁹ O Brasil apresentou documento com "Sugestões sobre a formulação de uma política comum sobre produtos de base". Ver: CMA mf c 1961.06.26/2. CPDOC-FGV.

antever como uma realidade próxima a integração que possibilitará novos níveis de vida aos povos continentais. (MARIANI, in JB, 05/08/1961, p.3)²⁸⁰

Pontuava, assim, o Chefe da Delegação Brasileira as origens daquela Conferência. O Brasil fazia lembrar aos presentes os acordos anteriores, principalmente aquele no qual Juscelino havia proposto a OPA aos Estados Unidos. O alerta brasileiro era de que, durante os três em que vigorou a Operação Pan-Americana, poucas mudanças ocorreram. As expectativas com a Aliança para o Progresso eram positivas, porquanto mantivesse os compromissos preconizados pelo seu proponente. Acrescentou Clemente Mariani:

Muito nos anima, por outro lado, atestar a mudança favorável da posição do Governo norte-americano, iniciada com a Ata de Bogotá e robustecida desde que assumiu a Presidência dos Estados Unidos da América do Norte o Presidente Kennedy. Ademais, é de considerar a nova consciência, que têm os países latino-americanos da gravidade e de multiplicidade de aspectos do problema do subdesenvolvimento.

A delegação do Brasil, cuja conduta será pautada nos princípios que vêm orientando a ação do Presidente Jânio Quadros, visando a liberar o País dos entraves a seu progresso e de contribuir para liquidar a miséria na América Latina, compreende que na reunião de Punta del Este não poderão resultar concessões de créditos nem aprovação de projetos específicos, mas sim o estabelecimento de princípios e métodos de orientação de planos nacionais, com vista a futuros financiamentos. Nisto, aliás, tem o seu ponto fundamental a Aliança para o Progresso. (MARIANI, in JB, 05/08/1961, p.3)

A posição brasileira era cuidadosa. Tratou Mariani primeiro de enaltecer a mudança de orientação dos Estados Unidos a partir da "Ata de Bogotá", posição ratificada pelo governo Kennedy. Em seguida, ressaltou a "nova consciência" latino-americana em relação à "gravidade e multiplicidade de aspectos do problema do subdesenvolvimento". A explicação veio em seguida, ao notificar o Ministro da Fazenda que havia princípios definidos pelo governo Jânio Quadros, cujo objetivo principal era a superação da "miséria na América Latina". Advertiu ainda o líder da delegação brasileira que, da Conferência, não poderiam resultar "créditos ou financiamentos específicos", mas "princípios e métodos de orientação de planos nacionais" (MARIANI, in JB, 05/08/1961, p.3).

O Brasil defendia, em Montevideu, o que já havia feito internamente com relação à proposição de um Planejamento Quinquenal, pois visava impedir que os recursos da Aliança para o Progresso fossem destinadas com base em questões políticas, como denunciou Che Guevara em sua oratória inicial. Os planejamentos constituíam a contrapartida que o próprio governo norte-americano exigia para o repasse dos recursos. Mariani encerrou seu discurso, dizendo:

²⁸⁰ O texto refere-se ao discurso por ele proferido em Punta del Este, como Chefe da Delegação Brasileira.

Para esta racionalização dos processos de desenvolvimento econômico e social, através da programação adequada dos investimentos nacionais e estrangeiros, que constitui um dos principais itens da agenda, o Brasil dará a sua contribuição, decidido a realizar um esforço sério para um grande programa de desenvolvimento, incluindo as modificações estruturais que se tornarem necessárias, a exemplo da reforma agrária, já em discussão no seu Congresso.

Considerando a Associação Latino-Americana de Livre Comércio um dos mais recomendáveis meios de se promover a integração econômica do Hemisfério, a delegação do Brasil dar-lhe-á inteiro apoio, não poupando esforços para que venha a ter os elementos necessários a que possa se mostrar na prática o que dela tanto esperam os seus componentes.

Não menos importante, do nosso ponto-de-vista, são os problemas relacionados com os preços dos produtos primários. A este respeito procuraremos tomar medidas capazes de assegurar uma estabilidade indispensável ao desenvolvimento e de garantir seguro progresso do processo de integração econômica regional. Esperamos compor um mecanismo que evite as perigosas oscilações violentas de preços.

A delegação do Brasil vê, ainda, com particular interesse, o item da agenda relativo a mobilização da opinião pública continental como base para o vasto programa de reerguimento econômico e social. Na realidade urge que toda a população continental receba informações verdadeiras e possa, através delas, formar uma opinião democrática firme, resistente às infiltrações daninhas e tônicas para o esforço de recuperação. E oferecerá, para que isto seja conseguido, a experiência e o avanço técnico dos seus veículos de comunicações. (MARIANI, in JB, 05/08/1961, p.3)

Orientado para um discurso pontual, o Ministro da Fazenda manteve o debate na esfera do desenvolvimento econômico e social. A Associação Latino-Americana para o Livre Comércio - ALALC - "um dos mais recomendáveis meios de se promover a integração econômica do Hemisfério" seria confirmada ao final.

A maioria dos governos participantes da Conferência tinham semelhantes avaliações sobre desenvolvimento econômico. As teses que ampararam os debates teóricos estavam amparadas em "ideias-força" (LESSA, 2008) que tomaram corpo nos círculos intelectuais e diplomáticos brasileiros, consubstanciadas na carta de Kubitschek a Eisenhower em 1958. Os governos latino-americanos convenciam-se de que "existia íntima conexão entre desenvolvimento econômico e as condições da segurança hemisférica" (LESSA, 2008, p. 05). A "segurança hemisférica" nada mais significava do que afastar o risco de adesão às "ideologias estranhas ao continente americano", ou seja, o comunismo. Alinhavam-se, dessa forma, a OPA, em primeiro lugar e, em seguida, a Aliança para o Progresso, às estratégias de contenção ao avanço do comunismo nas Américas.

A participação brasileira em Punta del Este foi muito além dos discursos em plenário. Entre os objetivos principais do Brasil estava o de envidar esforços para o entrelaçamento de Cuba e Estados Unidos. O acirramento dos conflitos conduziria a tomadas de posição que

muitos pretendiam evitar. Chefes das Delegações, jornalistas, diplomatas e personalidades passaram os dias da Conferência buscando meios de colocar frente a frente os representantes dos dois países em litígio internacional. O Brasil teve papel tão preponderante que as duas delegações mais esperadas ao encontro, Cuba e EUA, fizeram escala em solo brasileiro.

O governo brasileiro mantinha relações de amizade com os dois países, o que garantia ao Brasil uma posição privilegiada na mediação dos conflitos. Cuba votou integralmente nos nomes apresentados pelo Brasil para as Comissões, dentre eles Arthur Bernardes Filho, para a Comissão de Produtos de Exportação. Bernardes era Ministro da Indústria e Comércio de Jânio e havia sido indicado por Douglas Dillon, o que demonstrou a diplomacia da Delegação cubana e a liderança de Che Guevara, ao contrário dos que o acusavam de radicalismo (*O Globo*, 07/08/1961, p.06).

O frio intenso que a brisa do Atlântico proporcionava àquela pequena cidade do Uruguai não foi capaz de amenizar o calor dos debates. No aeroporto de Montevideu desceu não apenas o líder guerrilheiro, acompanhado de sua comitiva, mas com ele, a própria Revolução, que subvertia a lógica imperialista da dependência latino-americana. A nova coluna “guerrilheira lutaria” na trincheira do inimigo, agora com outras armas: a caneta, a palavra e a imagem. Che Guevara assumira as funções de Ministro da Indústria de Cuba, mas ninguém o considerava como tal, chamando-o de “comandante”. Na mala, papéis, lápis, caneta. Na cabeça, além da boina, estratégias e uma causa. Nos pés, a bússola do combatente (TAVARES, 2013, p. 71).

Após todo o ritual prévio, que ainda contou com desfiles de estudantes das escolas que davam nome a cada nação presente, passou-se à abertura formal. O representante das delegações americanas, Ministro da Fazenda do Peru, Pedro Beltrán, enalteceu a defesa da “liberdade” necessária aos “cristãos” do Hemisfério: “Atrevo-me a sustentar, enfaticamente, que não há, para o Ocidente cristão, tarefa mais importante que fazer das Américas o baluarte da liberdade e o empório do bem-estar” (*JB*, 07/08/1961, p.07). Não seria coincidência alguma que as expressões “liberdade” e “bem-estar” constassem dos discursos da maioria dos Chefes de Estado ou diplomatas que representavam o mundo ocidental naqueles período. Estas eram (e continuam a ser) palavras-chave da estrutura discursiva do liberalismo contemporâneo. O cristianismo constituía, por vezes, um esconderijo perfeito para medidas contraditórias em relação à literatura desse credo religioso.

Em discurso repetitivo, Beltrán novamente afirmou que “A civilização cristã ocidental, a que pertencemos” estava diante de um grande desafio, “a respeito do qual sonharam nosso fundadores” [da América Latina]. A tarefa angular que motivou aquela Conferência,

acrescentou, ganhava maior responsabilidade "pelos perigos imediatos a que estamos expostos". O Ministro peruano chegou aonde desejava ao referir-se à "Ásia, África ou à própria Europa", "porque está em jogo o destino de todos nós, porque a responsabilidade é comum". O recado tinha um endereço certo: a União Soviética e a China, esta já com maior projeção no então Terceiro Mundo. Na receita, ele retomava o que havia pedido Kennedy: "a cooperação" (*JB*, 07/08/1961, p.07).

O governo dos Estados Unidos enviou, por sua vez, uma mensagem aos participantes, em nome de Kennedy. Iniciando com a locução "Cidadãos das Américas", a carta de Kennedy começava lembrando de episódio semelhante vivido por seu antecessor, Franklin Roosevelt, que discursara em Buenos Aires. Lida por um dos membros da delegação norte-americana, ela dizia:

A Aliança Para o Progresso também significa um esforço grandemente aumentado, da parte dos Estados Unidos, tanto em termos de recursos materiais, como de maior compreensão das necessidades básicas da América Latina. Meu país já começou a prestar sua colaboração. Durante o ano, que se iniciou a 13 de março com a divulgação do plano Aliança Para o Progresso, os Estados Unidos destinaram mais de 1 bilhão de dólares, para ajudar o desenvolvimento da América Latina. Esta soma é superior ao triplo da que se dispôs o ano passado. Inclui menos da metade dos 500 milhões de dólares consignados pela Ata de Bogotá. Não inclui os recursos adicionais que serão postos à disposição através do Banco Mundial, outras instituições internacionais e fontes particulares. (...) (*JB*, 06 e 07/08/1961, p.2)

A mensagem abordou o que as delegações esperavam: as cifras. Kennedy, no entanto, incluía na conta da época recursos anteriormente destinados a planos para a América Latina, afirmando que seria o Banco Mundial um dos responsáveis pela gestão financeira dos futuros empreendimentos financeiros. Informou, ainda, que a quantia havia aumentado:

Esse rápido aumento no nível de nossa assistência à América Latina é apenas o primeiro passo em nossos esforços, que prosseguem e aumentam dia a dia, no sentido de ajudar a forjar uma vida melhor para o povo do Hemisfério, esforços aos quais estou dedicando minha atenção pessoal. E, à medida que as nações da América Latina adotarem as medidas necessárias, formularem planos, mobilizarem seus recursos internos, empreenderem as reformas sociais - difíceis e necessárias - e aceitarem o sacrifício, que se faz exigência, a fim de que sua energia nacional seja inteiramente dirigida em prol do desenvolvimento econômico, creio que os Estados Unidos deveriam aumentar esse esforço, auxiliando a fornecer recursos de alcance e proporções adequadas, no sentido de realizar os ideais atrevidos e elevados a que se propõe a Aliança Para o Progresso. (*idem, ibidem*)

As reais intenções dos Estados Unidos apresentavam-se em espaços invisíveis, entre as palavras. A segurança hemisférica, vista no plano das disputas, constituía o pano de fundo

daquele encontro. Os Estados Unidos reconheceram a necessidade de aumentar os esforços a fim de efetivar a aliança para o progresso.

No Brasil, a imprensa burguesa anunciava a conferência como a "salvação para a América". As notícias pareciam indicar, metaforicamente, "o samba de uma nota só"²⁸¹. A Conferência de Punta Del Este foi notícia de primeira página dos principais jornais brasileiros, durante todo o período em que era realizada no país vizinho. O *Estado de São Paulo*, em sua primeira página de sábado, 05 de agosto de 1961, trazia a seguinte manchete: "Será instalada hoje a reunião de Punta del Este; chegaram ontem Dillon e 'Che' Guevara", continuando com a informação que

(...) a Conferência do Conselho Econômico e Social Interamericano não é uma assembléia Política, mas uma reunião para discutir problemas de cooperação econômica. Nenhum cabimento têm, pois, os propósitos de Havana. O Sr. Ernesto Guevara pensa confundir algumas delegações, obtendo pelo menos a sua neutralidade, quando iniciar as suas manobras para desviar o conclave do seu fim precípua. Esperamos que os representantes do Brasil não se enfileirem entre esses "inocentes úteis" e saibam situar-se à altura das nossas responsabilidades e tradições, impedindo, com a necessária firmeza, que a demagogia cubana desvirtue uma Conferência na qual as Américas tantas e tão justificadas esperanças depositam. (*O Estado de São Paulo*, 05/08/1961, p.03)

O editorial do jornal não escondia sua opinião sobre o que deveria ser a Conferência de Punta del Este. A imprensa burguesa manifestava sua preocupação com a reunião, já que a partir dela a conjuntura tomaria determinados caminhos. Pedia o periódico "a necessária firmeza" para impedir uma aliança os "inocentes úteis"²⁸².

O periódico, ademais, aumentava a carga sobre Cuba. Como vimos anteriormente (caso Kennedy), os governos, por vezes, utilizavam notícias divulgadas pela imprensa como parâmetro para determinadas decisões ou justificativas. Era evidente um certo temor dos Estados Unidos em relação ao "conclave"²⁸³ de Montevideú. O receio norte-americano tinha duas vertentes. Uma, a de que a ajuda viesse tarde demais para alguns países. A outra

²⁸¹ Alusão à música "Samba de uma nota só", de Newton Mendonça e melodia de Tom Jobim.

²⁸² O termo "inocente útil" foi utilizado por setores reacionários, principalmente no meio militar para referir-se a militantes de esquerda com pouco tempo de vida política. Consideravam que essas pessoas tinham pouco ou nenhum conhecimento teórico das ações que realizavam. Em 1978, o General direitista Ferdinando de Carvalho publicou o segundo livro de uma série, chamado "Os sete matizes do rosa", no qual um dos capítulos intitula-se "inocentes úteis", assim definindo: "são aqueles indivíduos que se prestam às manipulações dos comunistas por ingenuidade, vaidade, desconhecimento ou inconsciência". In: CARVALHO, F. de. op. cit. 1978, p.74.

²⁸³ Termo utilizado por jornais da época em relação a encontros e conferências mundiais. Denominação também do encontro de cardeais da Igreja Católica. Che Guevara também usou o termo em seu discurso: "Apelamos, sin embargo, en este augusto cónclave, al sentimiento de equidad y justicia de la delegación de los Estados Unidos, para que se normalice la situación de los robos respectivos de aviones" (Guevara, 1961).

reconhecia, em alguns países, uma falta de preparo para planejamentos econômicos, caso a ajuda não surtisse o efeito esperado, como seria o caso de Venezuela, Peru, Equador e Argentina²⁸⁴.

O *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, anunciou, no topo primeira página, ao lado da chamada sobre Berlim: "Conferência de Montevidéu decisiva para o hemisfério" (*Correio da Manhã*, 05/08/1961, p.01). A notícia, obviamente, vinha de Washington, e dizia:

WASHINGTON, 4 - Os Estados Unidos solicitarão às Repúblicas americanas participantes da Conferência de Montevidéu que firmem acôrdo para o estabelecimento da "Aliança para o Progresso", a qual será conhecida como "Declaração de Montevidéu".

O texto do documento, distribuído confidencialmente em julho aos governos latinos (exceto Cuba e República Dominicana) "visa mobilizar tôdas as energias dos povos e governos das Américas, objetivando acelerar o desenvolvimento econômico e social dos países do continente. (*Correio da Manhã*, 05/08/1961, p.01)

A matéria começava posicionando os "Estados Unidos" como sujeito da ação, apontando para uma perspectiva positiva em termos da "união" (acôrdo) para o "progresso". Em seguida, afirmava o periódico carioca que havia um documento confidencial circulando entre as embaixadas, "exceto Cuba e República Dominicana", os dois países contra os quais houve pedidos junto à OEA para rompimento de relações. Jogos de palavras; informações e contrainformações. A esperada "Aliança para o Progresso" apresentava um cenário de disputas ideológicas e discursivas e barganhas políticas de parte a parte.

O *Correio da Manhã* apresentou, ainda, em complemento ao já enunciado anteriormente, um detalhamento dos pontos a serem discutidos em Punta del Este:

COOPERAÇÃO

Os itens mais importantes do documento, nos quais os países menos desenvolvidos são convidados a cooperar no seu próprio interesse e do hemisfério:

1) Obter aumento substancial e permanente da renda *per capita* de crescimento econômico nos países latino-americanos participantes. O objetivo de cada nação deve ser determinado por sua capacidade de mobilizar recursos; 2) Fazer com que os benefícios do desenvolvimento econômico sejam distribuídos entre todos os cidadãos de todos os grupos sociais; 3) Estabelecer equilíbrio e diversificação nas estruturas econômicas nacionais, incluindo o marco para o funcionamento efetivo de forças competitivas e a participação do setor particular; 4) Aumentar o melhor possível a produção agrícola; 5) Assegurar para 1970 um mínimo de quatro anos de educação primária para tôdas as crianças em idade escolar na América Latina; 6) Fornecer abastecimento adequado de água potável nas regiões rurais, além das comunidades urbanas, para aumentar as instalações de Saúde Pública; 7) Substituir progressivamente, as habitações urbanas, e rurais miseráveis por casas adequadas e a

²⁸⁴ Argentina talvez estivesse na lista pelos motivos evidenciados em nota anterior.

baixo custo; 8) Conseguir distribuição mais equitativa das rendas nacionais; 9) Fortalecer e melhorar as instituições e práticas que permitam uso cada vez mais eficaz dos recursos internos para obter desenvolvimento autônomo; 10) Manter níveis de preços razoavelmente estáveis, evitando a inflação acentuada; 11) Assegurar que os benefícios do desenvolvimento econômico recairão numa maior distribuição, dando igualdade de oportunidades aos representantes de todos os níveis sociais e econômicos. (*Correio da Manhã*, 05/08/1961, p.01)

É possível perceber que os itens mencionados no jornal fizeram parte do cronograma que há muito era discutido na América Latina. Todos esse pontos constavam dos relatórios da CEPAL e das pautas de encontros progressos sem, no entanto, resultarem em uma consequência plausível. Esse era um dos motivos pelos quais alguns países depositavam pouco crédito nas novas propostas elencadas para o encontro.

As declarações de Kennedy sobre “sua” *Aliança para o Progresso* contrastavam com as medidas práticas que eram colocadas em execução. O Senado dos Estados Unidos autorizara o presidente, dois dias antes de ter início a conferência, a gastar bilhões de dólares numa guerra em nome da paz: "EUA: U\$47 bilhões para fazer frente ao comunismo", dizia a chamada do *Correio da Manhã*. No corpo da matéria, o detalhe:

WASHINGTON, 4 - O Senado aprovou, por unanimidade, o projeto de lei de gastos militares, num total de 46 bilhões e 800 milhões de dólares, o que constitui, recorde em tempos de paz. Tal importância apoiará, com adequados preparativos, a promessa do presidente Kennedy de manter firme sua posição em face do comunismo. (*Correio da Manhã*, 05/08/1961, p.01)

A conjuntura política interna apresentava contradições para o governo dos Estados Unidos, conforme visto em capítulo anterior. Os movimentos pela paz aumentavam, somando-se ao movimento negro²⁸⁵ pelos direitos civis, o que culminaria anos depois nos protestos massivos contra a guerra do Vietnã. Em meio a uma conferência que pretendeu retomar o caminho do desenvolvimento econômico, o parlamento norte-americano acentuava a corrida armamentista, sob o pretexto de fazer "face ao comunismo".

O progressista jornal “Última Hora” não poupou palavras ao referir-se à contraditória aprovação do Senado norte-americano, afirmando em manchete que os "Estados Unidos

²⁸⁵ A expressão "movimento negro" usada aqui não tem o significado atual. Está no sentido da época, conhecido como "movimento pelos direitos civis dos negros", que deram visibilidade a Rosa Parks, Angela Davis, Malcolm X e Martin Luther King. Ressalte-se que o movimento nos Estados Unidos era fracionado em duas vertentes principais, cujas expressões foram Luther King e Malcolm X. O primeiro, imortalizado pelo discurso "Eu tenho um sonho" (*I have a dream*) era considerado "pacifista", enquanto o segundo pregava um confronto mais aberto com as forças do Estado. Fontes sobre o movimento nos EUA: KING JR, Martin Luther. "Eu Tenho um Sonho (1963)"; MALCOLM X. "O Voto ou a Bala (1964)"; NEWTON, 1966; STRAIT, 1967, 1969 e 1971. Para um debate aprofundado, ver: REIS, Daniel Aarão (org.), 2009. Uma outra perspectiva, ver: PURDY, In: KARNAL, 2007.

aprovam 46 bilhões para a guerra". Em que pese a diferença em U\$1 bi nas notícias, o conteúdo revelava que as advertências de Krushev com relação aos Estados Unidos não estavam muito equivocadas, tendo em vista a movimentação inversa à retórica da paz mundial (*Última Hora*, 02/08/1961, p.06).

A cifra bilionária foi uma carta branca que recebeu Kennedy para aumentar o efetivo militar. O montante anunciado pelos Estados Unidos para os vinte países da América Latina representava menos da metade do valor que seria gasto somente em serviços de guerra, cujo teatro naquele momento era a Alemanha.

A manutenção da paz na concepção norte-americana parecia mesmo depender da guerra. Por outro lado, a nova orientação soviética de "convivência pacífica" a partir do XX Congresso do PCUS norteou as ações dos Partidos Comunistas espalhados pelo mundo.

Em meio aos preparativos da Conferência, que destacava, na esfera discursiva, ser um caminho para a paz, o anúncio de incremento em aparatos de guerra soava como uma contradição. O contexto da Guerra Fria levava ao aumento da carga. Seria uma demonstração de força diante das nações participantes em Punta del Este? O *Jornal do Brasil* também publicou sob o título "Kennedy sanciona foguetes", uma pequena nota:

Washington, 3 (AP-FP-JB) - O presidente Kennedy assinou hoje, o projeto de lei aprovado pelo Congresso, que autoriza a abertura de créditos suplementares, no valor de 1 bilhão de dólares, para aumentar o potencial militar dos Estados Unidos, com a compra de projéteis balísticos, navios de guerra e aviões. (*JB*, 04/08/1961, p.2)

O intervalo entre a fracassada invasão de Cuba e a Conferência de Punta del Este, onde seria apresentada a proposta dos EUA para a América Latina, foi ocupado por uma escalada de medidas do governo norte-americano com vistas a aumentar o que chamava de "mecanismos de defesa". As atenções norte-americanas não estavam voltadas, portanto, apenas para a América.

3.3 A participação cubana na conferência

No dia 2 de agosto do ano da educação em Cuba (1961), o avião *Britannia* partiu de Cuba com o comandante Che Guevara e mais 44 pessoas, entre tripulação, técnicos e a escolta

peçoal. A distância obrigou a uma primeira escala em Paramaribo, no precário Suriname, onde Guevara recebeu de nacionalistas "um simbólico remo lavrado, igual aos utilizados pelos nativos" (ROJO, 1983, p. 122).

A Delegação mais esperada pela população uruguaia faria ainda uma escala no Rio de Janeiro. Segundo os jornais, devido ao mal tempo, que havia fechado o aeroporto de Montevideú. Milhares de pessoas aglomeravam-se ao longo da estrada que ligava o local do pouso à Capital do Uruguai. Trabalhadores, estudantes e população em geral empunhavam bandeiras de Cuba e faixas; uma multidão que o recepcionou efusivamente (ROJO, 1983, p. 122). O Chanceler João Dantas foi designado para receber o convidado, que se dirigiu a um hotel para pernoitar. O líder guerrilheiro por pouco teria encontrado o irmão de Kennedy no Galeão (*Correio da Manhã*, 05/08/1961, p.3).

Chegando a Montevideú, o chefe da Delegação Cubana foi direto para o Hotel Playa, onde passou todos os dias de realização da conferência. Para a comitiva, um local reservado, porém de baixa infraestrutura, foi arranjado. O hotel ficava a cerca de um quilômetro do local onde seriam travados os debates sobre a economia latino-americana, trajeto que Che faria a pé, com sua escolta e um uruguaio como guia.

Ernesto Che Guevara foi, sem dúvida, a personalidade mais cortejada em Punta del Este. A presença do líder guerrilheiro transformou-se em grande acontecimento. Por onde ele passava, pessoas pediam autógrafos, fotos e respostas.

Che portava seu uniforme verde-oliva, a boina, a barba espessa e o espírito revolucionário. Ao seu lado, estavam oficiais da Guarda Nacional e outros representantes de Estados participantes da conferência. Com uma serenidade que lhe era muito peculiar, o líder cubano hasteou a bandeira de seu país.

Figura 17 - Guerrilheiro em Montevidéu



Fonte: TAVARES, 2013, p.23 (Foto: Flávio Tavares)

A disciplina de Che não lhe permitia nenhum segundo de atraso. Seu sucesso no Uruguai foi tão elevado que o Presidente do Conselho Nacional do país enviou um apelo ao Presidente Kennedy para que comparecesse à Conferência considerando que Kennedy seria a única personalidade capaz de dividir, à altura, as atenções que Guevara monopolizava entre a esquerda e a própria direita. Che, por sua vez, aproveitando-se da popularidade, desafiava os presentes, dizendo que levaria "apenas meio dia" em seu discurso (*O Globo*, 07/08/1961, p.06).

Figura 18 – Hasteamento da bandeira de cubana



Fonte: TAVARES, 2013, p.25 (Foto: Flávio Tavares)

O tema principal da conferência em Montevidéu, pode-se afirmar sem erro, foi Cuba²⁸⁶. As questões econômicas, mesmo pertinentes, constituíam-se em um manto a encobrir as verdadeiras intenções de isolar o governo cubano. Afinal no início de agosto, o governo da ilha havia feito a reforma monetária para evitar mais fuga de capitais do país²⁸⁷.

A maioria dos países, tendo o Brasil como um dos principais líderes, adotaram posição que reivindicava os princípios da não-intervenção e soberania dos povos, contrariando os Estados Unidos, que pediam uma posição mais enérgica em relação à Cuba. Esses países defendiam uma tática que atuava em duas frentes: 1- fazer Cuba abandonar o campo socialista e retornar ao sistema interamericano; 2- manter o diálogo, resolvendo pacífica e diplomaticamente a questão.

²⁸⁶ Esta afirmação pode ser confirmada pelas correspondências do Itamaraty e também em: Rojo, 1983 MAHAJO, 2011; CASTAÑEDA, 1997. A avaliação do governo cubano, expressa por Guevara em seu discurso, era de que a Conferência tinha como objetivo principal "isolar Cuba" no Continente.

²⁸⁷ As novas notas de pesos começaram a circular naquela semana. A medida visou evitar que o dinheiro ilícito que enriqueceu a burguesia imperialista alimentasse a contrarrevolução. Cf. *Correio da Manhã*, 06/08/1961, p.01.

Figura 19 - O caminho é curto e a jornada é longa



Fonte: TAVARES, 2013, p.21 (Foto: Flávio Tavares)

O clima frio do inverno afetava as crises de asma de Guevara, mas não sua disposição em caminhar pela orla da praia até a sede da reunião dos líderes latino-americanos. De um lado, de chapéu, um agente designado pelo governo anfitrião. Do outro, o sempre atento, Leonardo Tamayo, segurança e guerrilheiro, que havia conquistado a confiança de Che na Sierra Maestra, quando mais jovem (TAVARES, 2013, p.18). A boina, marca registrada do Che, uniforme verde-oliva e o coturno distinguiam-no dos demais, tanto quanto sua oratória na assembleia. Que diferenças haveria entre o Ministro e o guerrilheiro? Ele mesmo respondeu quando criado o Ministério da Indústria, em 23 de fevereiro de 1961, ele foi designado para o cargo: "Vamos passar cinco anos aqui e depois vamos embora" (MAHAJO, 2011, p.335). Para ele, o Ministério era passageiro; a guerrilha, uma missão constante.

Ernesto Guevara, Ministro da Indústria de Cuba e o Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Douglas Dillon, dividiram a cena. Do representante norte-americano, a expectativa era a de que ele levasse a confirmação de investimentos financeiros e o abandono das teses intervencionistas. Dillon desceu do avião no aeródromo de nome bem sugestivo, "carrasco". No mesmo dia, o Comandante responsável pela vitória de *Santa Clara*²⁸⁸ era saudado por uma grande massa de militantes de esquerda e simpatizantes da revolução que ele liderava em seu país.

As delegações presentes o chamavam de "doutor". Para os jornalistas, ele era o "Comandante" (TAVARES, 2012). Altivo, sem soberba, firme e sem submissão, Guevara,

²⁸⁸ A batalha de Santa Clara foi decisiva para a vitória dos revolucionários cubanos.

erguido em seu uniforme, falava como ministro, mas a projeção de sua imagem tornava irrefutável que ali estava o “Comandante Guerrilheiro de *Sierra Maestra*”.

Figura 20 - Agradeçam a Cuba por esse encontro



Fonte: Domínio público.

Disponível em: <<http://museuvirtualcheguevara.blogspot.com.br/2012/08/comandante-che-guevara-na-conferencia.html>>, acesso em 04/11/2016.

O ministro falou de pé, diferente dos demais. A tabuleta não deixava dúvidas de que ali estava o representante de Cuba. Guevara estava posicionado entre Chile e Costa Rica. O posto de Ministro da Indústria conferia-lha autoridade política e moral. A cidadania cubana, conquistada pela luta guerrilheira, garantia-lhe a legitimidade do povo cubano. Guevara deu o tom da Assembleia. Abandonou os papéis para falar de improviso sobre os infortúnios pelos quais havia passado Cuba, nos primeiros anos de triunfo revolucionário. O discurso foi dividido de tal maneira que cumpriu o ritual de saudação, passando a denúncias, análises e proposições. Cuba não tomava parte em nenhum evento daquela natureza sem apresentar propostas concretas de interferência na realidade. A partir de Praia Girón, não disfarçava mais o horizonte socialista.

A perspicácia cubana tinha em Che Guevara um de seus maiores exemplos. Ele “sacou” da mala um documento que “empalideceu” a delegação norte-americana (ROJO, 1983, p.125). Era um relatório de duas pessoas do governo de Washington com avaliações

pessimistas sobre os planejamentos econômicos do Executivo venezuelano. Constrangida, a delegação dos EUA confirmou a autenticidade do documento, porém argumentou que eram opiniões "pessoais" dos funcionários (ROJO, 1983, p.125).

Em tom sereno e pausado, ele pediu licença para fazer referência, sem dizer o nome, ao Secretário do Tesouro norte-americano, em cujo pronunciamento, no dia anterior, fora citado José Martí (GUEVARA, 08/08/1961)²⁸⁹. "Contestemos, pois, Martí com Martí", disse Guevara. Advertiu, porém, que era o Martí "anti-imperialista e anti-feudal". Fez uso, então de uma longa citação do líder da independência cubana, com palavras que, mesmo deslocadas no tempo e no espaço, encaixavam-se perfeitamente àquela situação. Martí defendia que o econômico era também político: "o povo que compra manda. O povo que vende, serve. É preciso equilibrar o comércio para assegurar a liberdade. O povo que quer morrer, vende a um só povo. E o que quer salvar-se vende a mais de um."²⁹⁰. Guevara estava convicto de que aquele espaço fora preparado para o isolamento de Cuba. Críticas ao país constavam, inclusive do próprio documento, como denunciou:

E para confirmar minha afirmação, para que não haja dúvida sobre o meu direito de falar de política, que é o que penso fazer em nome do Governo de Cuba, uma citação da página 7 do mesmo informe do Ponto V em questão: "o retrocesso em aceitar o dever que incumbe aos meios de comunicação na ordem democrática a defender os valores essenciais da nossa civilização sem desvios nem compromissos de ordem material, significaria um dano irreparável para a sociedade democrática e o perigo iminente do desaparecimento das liberdades que hoje gozam, como tem ocorrido em Cuba - Cuba, com todas as letras -, onde hoje só existem imprensa, rádio, televisão e cinema controlados pelo poder absoluto do governo. (GUEVARA, 08/08/1961)²⁹¹

O programa da conferência colocava em dúvidas o regime revolucionário, que levou o ministro cubano a afirmar que aquela não poderia ser uma conferência para construir "latrinas". Mencionou, ainda, que os documentos entregues pelos Estados Unidos apontavam a falta de condições de higiene na América Latina, como um dos pontos mais relevantes a serem combatidos. Disse, entretanto, que as políticas macro-econômicas não poderiam estar

²⁸⁹ Provavelmente a citação de Martí, líder revolucionário cubano do século XIX, foi direcionada a Che.

²⁹⁰ Citação original: "Quien dice unión económica, dice unión política. El pueblo que compra manda, el pueblo que vende sirve; hay que equilibrar el comercio para asegurar la libertad; el pueblo que quiere morir, vende a un solo pueblo, y el que quiere salvarse vende a más de uno".

²⁹¹ Texto original: "Y para remachar mi afirmación, para que no quede duda de mi derecho a hablar de política, que es lo que pienso hacer en nombre del Gobierno de Cuba, una cita de la página 7 de ese mismo informe del Punto V en cuestión: "La tardanza en aceptar el deber que incumbe a los medios de información democrática en orden a defender los valores esenciales de nuestra civilización, sin desfallecimientos ni compromisos de orden material, significaría un daño irreparable para la sociedad democrática y el peligro inminente de la desaparición de las liberdades que hoy gozan, como ha ocurrido en Cuba -Cuba, con todas las letras-, donde hoy sólo existen prensa, radio, televisión y cine controlados por el poder absoluto del gobierno". Tradução do autor.

restritas à construção de assentos sanitários para os países subdesenvolvidos (GUEVARA, 08/08/1961).

Figura 21 - "Cuba não se rende" (GUEVARA, 08/08/1961)



Fonte: Domínio público.

Disponível em: <<http://museuvirtualcheguevara.blogspot.com.br/2012/08/comandante-che-guevara-na-conferencia.html>>, acesso em 04/11/2016.

Com a sabedoria de um combatente, Che reafirmou que aquela era uma conferência política, porque econômica, explicitando, desde o início, a posição cubana:

Devo dizer que Cuba interpreta que esta é uma conferência política, que Cuba não admite que a economia esteja separada da política e que entende que marcham constantemente juntas. É por isso que não pode haver técnicos que falem de técnica, quando o destino dos povos está em jogo. E também vou explicar por que essa conferência é política; É política porque todas as conferências econômicas são políticas; mas também é política porque é concebida contra Cuba e é concebida contra o exemplo que Cuba significa em todo o continente americano (GUEVARA, 08/08/1961)²⁹².

A ênfase inicial no aspecto político era de grande valia. Ao determinar o caráter político da conferência, Che previa o desfecho seguinte e antecipava-se ao roteiro previamente definido entre os demais. Em seguida, “o Comandante” pronunciou uma frase

²⁹² Original: "Tengo que decir que Cuba interpreta que ésta es una conferencia política, que Cuba no admite que se separe la economía de la política y que entiende que marchan constantemente juntas. Por eso no puede haber técnicos que hablen de técnica, cuando está de por medio el destino de los pueblos. Y voy a explicar, además, por qué esta conferencia es política; es política, porque todas las conferencias económicas son políticas; pero en además política porque está concebida contra Cuba, y está concebida contra el ejemplo que Cuba significa en todo el continente americano." (Tradução do autor).

com a qual todos deviam concordar: "Uma nova fase começa nas relações dos povos da América", acrescentado porém que elas começavam sob "o signo de Cuba, território livre da América". Gostem ou não, disse Che, a América passou a viver um outro momento de sua história, quando uma pequena nação pegou em armas e enfrentou um "monstro invencível". E venceu!

Che Guevara não desconsiderou o medo da guerra nuclear que pairava sobre o mundo. Alertou para o fato de o imperialismo jogar sujo e utilizar-se de todos os meios para manter seu poder, o que, em sua visão, seria desastroso. O perigo da ameaça atômica apontava para a destruição da humanidade, para o que o líder cubano pediu máxima atenção.

O discurso foi acompanhado atentamente pelas delegações e jornalistas, com um efeito quase hipnótico²⁹³. Guevara demonstrou a visão universal de Cuba. Assegurou que, enquanto a União Soviética buscava a paz em Berlim, os Estados Unidos preparavam-se para a guerra. A Ásia, a África e a Europa viviam conjunturas tensas, cada continente com suas especificidades. Laos, Vietnã, Formosa, Argélia, Gongo, Berlim. Cuba não estava isolada, ele afirmou, ainda, lembrando Marx e Engels, que as lutas de libertação articulavam-se internacionalmente, e completou: a política externa de Cuba, era independente:

É uma revolução que tem uma política exterior independente, que vem aqui, a esta reunião de Estados americanos, como um a mais entre os latino-americanos, que vai à reunião dos países não-alinhados como um de seus membros importantes e que se identifica com as deliberações dos países socialistas, e estes o consideram um país irmão. (GUEVARA, 08/08/1961)

Salientou ainda o ministro que a União Soviética comprometera-se com ajuda econômica para Cuba de valor maior do que aquele que os Estados Unidos estavam oferecendo a toda a América Latina. O comércio com a União Soviética, ademais, provia a ilha do petróleo necessário para suas necessidades internas. As companhias norte-americanas, no entanto, decidiram não refinar o petróleo comprado na Rússia.

Um ano exatamente antes de Punta del Este, em agosto de 1960, havia se reunido, sob a égide da OEA, o Conselho do órgão, que definiu sanções à Cuba, com a alegação de que o país estava permitindo a ingerência de um país extra-continental. Os princípios do TIAR, que consolidaram o "sistema interamericano", eram, assim transfigurados, servindo de pretextos para impedir o comércio entre países latino-americanos com nações externas à esfera

²⁹³ Para assistir ao discurso, ver documentário: Che Guevara, discurso en la conferencia de la OEA, Punta del Este. *Archivo Historico de Rádio y Televisión Argentina* (RTA). Tempo: 29:14 min. Disponível em: <http://www.archivoprisma.com.ar/registro/che-guevara-discurso-en-la-conferencia-de-la-oea-punta-del-este1962/>, acesso em 01/03/2017.

continental. À decisão da OEA seguiu-se a resposta cubana, por dois caminhos: 1- a União Soviética enviou o suporte necessário para o refino do Petróleo, com maquinário e técnicos; 2 - a população foi convocada às ruas, numa manifestação com mais de um milhão de pessoas, aprovando com os braços erguidos, a primeira "Declaração de Havana".

Após narrar os aspectos relevantes da resistência cubana aos ataques dos Estados Unidos, Guevara procurou acentuar a solidariedade soviética em relação à Cuba em dois aspectos de grande relevância; 1- a compra de produtos primários e venda de industrializados; 2- o envio de técnicos soviéticos para as áreas em que Cuba propunha desenvolvimento industrial. Garantiu aos presentes que Cuba era um país beligerante e que queria a paz. Mesmo após os ataques, o governo cubano tinha consciência de que precisava negociar com os Estados Unidos:

O regime de Castro é relutante em negociar amigavelmente ..., embora muitas vezes dissemos que sentamos em pé de igualdade para discutir nossos problemas com os Estados Unidos e aproveito a oportunidade agora em nome do meu governo, Sr. Presidente, para afirmar, mais uma vez, que Cuba está disposta a se sentar e a discutir em pé de igualdade, tudo o que a delegação dos EUA queira discutir, nada mais que sobre a base estrita de que não haja condições prévias. Em outras palavras, nossa posição é bem clara a esse respeito. (GUEVARA, 08/08/1961)

O aprendizado cubano, forjado nas experiências pregressas conflituosas, conferiam a Guevara frieza de raciocínio e campo de visão diferenciado. A inflexão ao diálogo demonstrava que Cuba estava mais disposta à negociação do que os Estados Unidos, cujo representante apostou mais no caminho do isolamento.

Para Guevara, a proposta econômica apresentada pelos países estava muito aquém da realidade do continente. Segundo ele, o fio condutor do desenvolvimento das nações latino-americanas encontrava-se na industrialização. Ironizou a projeção boliviana de crescimento em 5%, anunciando que Cuba projetara para si 10% de progresso econômico. A receita para tal prosperidade estava na mobilização e apoio das forças populares, ensinou o ministro de Cuba. Os números apresentados por Guevara eram condizentes com os estudos econômicos do período, inclusive os da CEPAL.

Ao conferir àquela conferência a alcunha de "Conferência das latrinas", ele lançava uma crítica contundente, no seio das discussões, à sugestão de que o desenvolvimento da América Latina estava condicionado à melhoria das condições de higiene. Em que pese essa necessidade premente, atribuir à construção de latrinas um lugar de destaque no processo de desenvolvimento econômico seria um "canto de sereia", para o quê Cuba previa não lograr êxito, conforme o prometido. Em tom irônico, perguntou aos presentes se não tinham a

impressão de estarem "zombando com a cara" de cada um, pois os Estados Unidos ofereciam dólares para construção de estradas e de "latrinas", mas não os ofereciam para comprar máquinas e equipamentos que pudessem tornar os países autossuficientes (GUEVARA, 08/08/1961).

Com o olhar fixo e a mão direita inquieta, fez um desafio próprio a um Comandante: "Deixe-nos em paz, deixem-nos desenvolver e, dentro de vinte anos, veremos se o canto de sereia era de Cuba ou outro qualquer". Guevara parecia antever o que estava por vir. Tinha Cuba informações de uma nova invasão sendo gestada a partir dos Estados Unidos. O desafio, portanto, não era apenas retórico. Ele assegurava a possibilidade de crescimento econômico, desde que não houvesse boicote ou as sabotagens que Che havia denunciado.

À essa altura dos debates, os escritos serviam-lhe de guia, como forma de manter o foco em temas previamente fixados, dentre eles, a Reforma Agrária e a alfabetização. A primeira, era considerada fundamental para a alteração a que se propunham os países ali presentes. Com relação a reforma agrária, Che acreditava que ela só era possível com uma intervenção firme do Estado, pondo fim ao latifúndio e distribuindo as terras a quem produzisse. Com relação ao analfabetismo, disse que Cuba previa uma diminuição significativa no prazo de um ano. Efetivamente, o orçamento em educação em Cuba, em condições totalmente adversas, com uma guerra ainda em curso, aumentou de 78 milhões, em 1958, para 128 milhões de pesos, em 1961, um incremento de cerca de 75%, o maior de toda América Latina no mesmo período.

Após demonstrar que estas eram mudanças possíveis, o representante cubano assegurou: "A delegação de Cuba afirma com toda franqueza: queremos, dentro de nossas condições, estar dentro da família latino-americana", deixando claro a todo momento, que desejava manter-se no sistema interamericano. E completava as condições para essa convivência: "a garantia de não agressão para nossas fronteiras". Aos Estados Unidos, dirigia um desafio: "Não podemos deixar de exportar nosso exemplo"(GUEVARA, 08/08/1961).

Ao final de sua intervenção, Guevara retomou a questão da agressão em Praia Girón, advertindo os Estados Unidos que Cuba não se renderia e denunciando que a *Aliança para o Progresso* era como uma tentativa de afastar Cuba das demais nações latino-americanas. Ele citou as palavras de Fidel Castro, afirmando que se as condições da América Latina não mudassem, "a Cordilheira dos Andes seria a *Sierra Maestra* da América". Nesse sentido, as palavras finais de Che foram duras e diretas:

Para finalizar, Senhor Presidente, delegados, quero dizer-lhes que há algum tempo tivemos uma reunião do Estado-Maior das Forças Revolucionárias no meu país, o Estado-Maior Geral a que pertença. Era uma agressão contra Cuba, que sabíamos que viria, mas ainda não sabíamos quando ou onde. Achamos que seria muito grande, na verdade, seria muito grande. Isso ocorreu antes do famoso aviso do primeiro ministro da União Soviética, Nikita Khrushchev, de que seus foguetes poderiam voar além das fronteiras soviéticas. Não pedimos essa ajuda, e não conhecíamos essa disposição de ajuda. Por isso, nós nos reunimos sabendo da chegada da invasão, para enfrentar como revolucionários nosso destino final. Sabíamos que, se os Estados Unidos invadissem Cuba, haveria uma hecatombe, mas, em última análise, seríamos derrotados e expulsos de todos os lugares habitados do país.

Em seguida, propusemos aos membros do Estado-Maior Geral que Fidel Castro se retirasse para as montanhas e que um de nós assumisse a defesa de Havana. Nosso Primeiro-Ministro e nosso Chefe contestou com palavras que o enaltecem - como em todos os seus atos - que se, os Estados Unidos invadissem Cuba e Havana, defenderíamos como deveríamos defender, centenas de milhares de homens, mulheres e crianças morreriam antes o ímpeto das armas ianques, e que um governante de um povo em revolução não poderia ser convidado a se refugiar nas montanhas, que seu lugar era onde estavam seus mortos queridos e que com eles cumpriria sua missão histórica.

Não houve tal invasão, mas nós mantivemos esse espírito, cavalheiros delegados. Portanto, posso prever que a Revolução Cubana é invencível, porque tem um povo e porque tem um governante como o que dirige Cuba. (GUEVARA, 08/08/1961)

As últimas frases pronunciadas, na primeira intervenção, revelaram mais o guerrilheiro do que o ministro. O entusiasmo tomou conta dos presentes que, colocando-se de pé, ovacionaram o Comandante Che Guevara. De repente, um tumulto dividiu a cena com os aplausos a Guevara e uma correria por parte da segurança foi flagrada pelas câmeras no lado oposto ao que ele discursava. Uma pessoa gritou: "assassino!". Imediatamente, foi retirada do recinto. O Presidente da Conferência, para dar fim à confusão, chamou atenção das delegações e passou, rapidamente, à votação das composições das comissões. Che permaneceu sereno e sentado em seu lugar. Vários líderes foram congratulá-lo pelo discurso. A partir de então, a Conferência tomaria o caminho da disputa entre Cuba e Estados Unidos.

A passagem do líder cubano-argentino pelo Uruguai não prescindiu do encontro com os estudantes. A juventude, afinal, era considerada como dotada de potencial revolucionário inigualável. A articulação para a conferência de Che feita junto aos universitários teve a participação do Senador chileno Salvador Allende, da Central de Trabalhadores Uruguaios, do Movimento Estudantil e do Comitê de Apoio à Cuba. Em encontro na *Universidad de la República*, Che afirmou:

Claro que as circunstâncias históricas são muito diferentes, aos exemplos anteriores que pudemos citar. Nós temos empreendido o desenvolvimento econômico em condições especiais na história da humanidade, e quando a correlação de forças inclina-se cada dia mais a favor da paz, das forças que querem o progresso dos povos. Por isso não devemos pagar o mesmo preço tão exagerado que têm pago

outros povos do mundo - tão alto, porque nunca é exagerado o preço da liberdade, mas não tão alto. (CHE GUEVARA,17/08/1961)²⁹⁴

A avaliação cubana de que havia uma ascensão do movimento revolucionário na América Latina teve lugar central nas abordagens de Guevara. A guerra, segundo ele, representava um comprometimento elevado dos recursos financeiros dos países, o que exigia a defesa da paz como condição para o desenvolvimento econômico. A industrialização, ele voltou a afirmar, deveria ser a verdadeira pauta do progresso.

Os estudantes mal deixavam Che falar. O alto-falante humano produzido pela multidão não deixava dúvidas: "Cuba si, Yankis no!" [Cuba sim, ianques, não]. O público aglomerava-se, pois sabia que não poderia ter a mesma oportunidade de ouvir um dos maiores combatentes de *Sierra Maestra* outra vez. Na América Latina dos anos 1960, a impressão vigente era a de que a única pessoa a superar a popularidade de Che Guevara era Fidel Castro.

Ao final do encontro na Universidade, um incidente quase retirou a vida de Che. Um atirador anticastista disparou um tiro, acertando um professor. O tiro, segundo os jornais, era dirigido a Che. O atentado havia fracassado em seu objetivo principal, mas, infelizmente, atingiu o professor da Faculdade de Humanidades Ardelio Ramirez, deixando também alguns feridos. A polícia interveio com bombas de gás lacrimogêneo e dispersou a multidão, atônita com o ocorrido (*Correio da Manhã*, 19/08/1961, p.07). A segurança particular de Che Guevara tratou de retirá-lo do local a salvo, contando com a ajuda dos estudantes que organizaram o encontro. Esse seria apenas um dos atentados dirigido ao líder revolucionário.

A imprensa assediava, permanentemente, o chefe da delegação cubana, visto que não dispensaria a oportunidade de ouvir a fala de um símbolo da revolução latino-americana. Em entrevista coletiva aos jornalistas, ele foi bombardeado por perguntas, ao que ele retrucava dizendo que responderia o que perguntassem, mas que publicassem o que ele respondesse. Sobre os trotskistas, por exemplo respondeu: "resolvemos que não era prudente que o Trotskismo continuasse incitando à subversão".

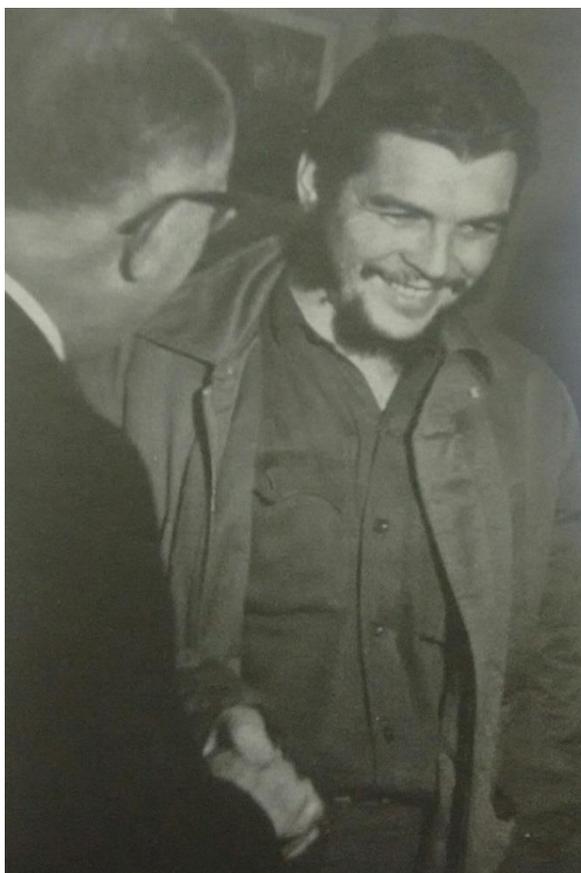
Provocado por um correspondente peruano sobre o racionamento de carne em Cuba respondeu desconhecer o fato, pois o que existia era o controle por conta do elevado consumo. E emendou com astúcia, afirmando que Cuba tinha consumo maior do que no Peru, onde "o racionamento é feito de forma diferente: os que têm dinheiro compram carne o pobre e índio

²⁹⁴ Original: Claro que las circunstancias históricas son muy diferentes, a los ejemplos anteriores que se pudieran citar. Nosotros hemos podido emprender el desarrollo económico en unas condiciones especiales en la historia de la humanidad, y cuando la correlación de fuerzas va cada días más inclinándose a favor de las fuerzas de la paz, de las fuerzas que quieren el progreso de los pueblos. (APLAUSOS) Por eso no debimos nosotros pagar el mismo precio tan exagerado que han pagado otros pueblos del mundo -tan alto, porque nunca es exagerado el precio de la libertad, pero no tan alto. (APLAUSOS). Tradução do autor.

morre de fome". O tema católico também foi abordado, já que a imprensa burguesa, costumeiramente, explorava a religiosidade cristã. Ao ser indagado sobre as escolas católicas, Che rapidamente respondeu: "agora são simplesmente escolas"! (MAHAJO, 2011:353).

A delegação brasileira encontrou-se duas vezes com Guevara. A orientação que havia sido dada aos representantes brasileiros era a de construir uma atmosfera que pudesse fazer Cuba voltar ao "sistema interamericano", conforme os documentos revelam. O Ministro da Fazenda Clemente Mariani, por exemplo, nos primeiros dias da Conferência, esteve com Che e garantiu-lhe que o Brasil seria favorável à Cuba, conforme orientação do governo brasileiro.

Figura 22 - No encontro entre Mariani e Guevara, o gesto de amizade



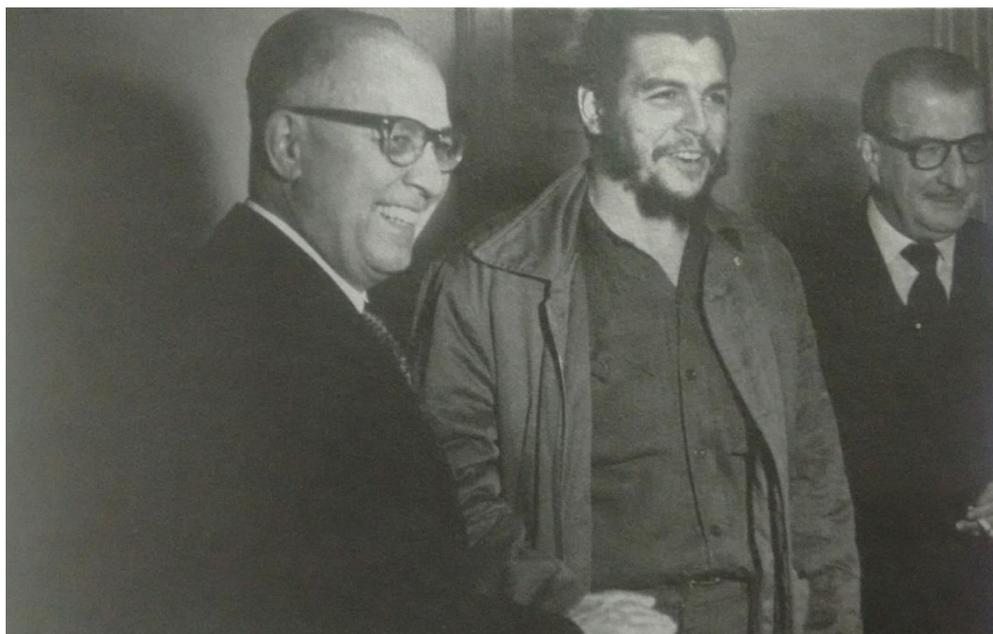
Fonte: TAVARES, 2013, p.59 (Foto: Flávio Tavares)

Mariani transmitiu a Guevara o convite para visitar o Brasil e avistar-se com o Presidente Jânio Quadros, o que foi aceito pelo Chefe da Delegação Cubana. A delegação brasileira procurava tomar posição cautelosa, que não aprofundasse o conflito entre EUA e Cuba em Punta del Este (TAVARES, 2012, p.58). Clemente Mariani, no entanto, esclareceu

ao ministro cubano que o Brasil adotara uma tática dúbia na Conferência propositadamente e Guevara entendeu os motivos brasileiros. A visita dele ao Brasil era de interesse mútuo.

Mariani, estava ao lado de Arthur Bernardes Filho, seu assessor, quando encontrou novamente Che Guevara. O líder cubano confirmou a visita ao Brasil e agradeceu a atuação brasileira na conferência.

Figura 23 - Encontro de Ministros (Mariani e Guevara)



Fonte: TAVARES, 2013, p.59 (Foto: Flávio Tavares)

O Chefe da Delegação brasileira fez um discurso no encerramento da Conferência. Nele, o ministro da Fazenda²⁹⁵ reafirmou a esperança com que o Brasil via aquele encontro e considerou positiva a participação norte-americana. Sobre a proposta consolidada, declarou que a

criação do Banco Interamericano e a reunião de Bogotá começaram a lhe dar substância, mas é aqui em Punta del Este que, ao apêlo do presidente Kennedy, ela se corporifica e se organiza, para transformar em mola propulsora do nosso desenvolvimento econômico e social os recursos que, num gesto de clarividência política, os Estados Unidos põem à nossa disposição para serem aplicados conjuntamente com aqueles outros que nos venham de outras origens e os que possamos mobilizar. (*Correio da Manhã*, 18/08/1961, p. 01)

O Ministro da Fazenda do Brasil não escondia, em suas palavras, o otimismo com as propostas norte-americanas para a América Latina. A passagem anterior de Dillon, em terras

²⁹⁵ Clemente Mariani esteve vinculado ao PSD até 1945, quando mudou para a UDN. Ver CPDOC-FGV.

tupiniquins já havia deixado o governo com certa tranquilidade em termos de ajuda financeira. O *Eximbank* havia aumentado o volume de créditos ao país, dias antes da conferência que viria a selar a *Aliança para o Progresso*. Mariani parecia ter uma estratégia de deixar os louros da iniciativa ao Presidente Kennedy, cujo apelo deveria ser atendido com o reforço das nações abaixo do Rio Grande. Em seu discurso de encerramento, ele afirmou que:

A democracia, tal como decorre dos princípios insertos na Carta da Organização dos Estados Americanos, não subestima, sem dúvida, os imperativos da igualdade, sobretudo a igualdade nas oportunidades, mas plantada firmemente nos princípios da liberdade. Não é um regime que possa existir, muito menos consolidar-se, em sociedade de baixo padrão de vida, mesmo sem incidirmos na utopia platônica de uma democracia ideal. Urge, para realizar-lhe o conteúdo econômico e social que lhe falta nas áreas subdesenvolvidas. (*A Noite*, 18/09/1961, p. 5)

O Ministro brasileiro ressaltou, assim, que o desenvolvimento econômico só poderia se dar com justiça social, reforçando a premissa do crescimento como promotor da estabilidade política na região e em cada país em particular. Presentes na maioria das oratórias, os ideais de liberdade e igualdade reiteravam mandamentos básicos internacionais ainda raros na vida da população latino-americana.

Guevara encontrou-se com várias personalidades da política internacional. Dentre eles o brasileiro Leonel de Moura Brizola²⁹⁶, governador do Rio Grande do Sul, que com ele conversou, em segredo. Brizola participou também do encontro entre Che Guevara e o Presidente do Conselho de Ministros do Uruguai, Victor Haedo. A conversa de caráter mais relevante, porém, foi, sem dúvida, com o assessor especial de Kennedy, Richard Goodwin. Fez parte, entretanto, do acordo para o encontro com Goodwin, os convites feitos por Frondizi e Jânio Quadros.

Brizola havia encampado empresas norte-americanas de energia elétrica e telefonia²⁹⁷. O Governador do Rio Grande do Sul apresentava-se assim, como a antítese de Lacerda, do Rio de Janeiro. Os dois, em lados opostos, viriam a ter papel decisivo no desenvolvimento da crise brasileira. Foi Brizola quem procurou o jornalista Flavio Tavares para pedir que

²⁹⁶ Segundo Tavares no documentário "Brizola e Che", Brizola foi o único da delegação brasileira a aplaudir Che Guevara. No vídeo, disponível no Arquivo Histórico da RTA, já mencionado, Che Guevara é aplaudido de pé por quase todos os presentes. É possível que Tavares tenha se referido ao segundo discurso de Che, no final da Conferência do Uruguai, quando ele afirmou que Cuba não assinaria a Carta de Punta del Este.

²⁹⁷ Companhia de Energia Elétrica Rio-Grandense, filial da *American and Foreign Power Co.* (*Electric Bond and Share*) após o período de concessão. A empresa foi denunciada pelo Governador por adulteração dos registros contábeis e remessas de capital nacional ao exterior. Cf. *Correio da Manhã*, 24/05/1958, p.03. Sobre a empresa de telefonia, ver BANDEIRA, 1978, p. 423.

intermediasse uma conversa com Che Guevara. A esse respeito o jornalista, uma melhores fontes sobre aquele encontro, escreveu:

Dois dias depois [do discurso de Che], Leonel Brizola me procura na reunião e, "em sigilo", conta-me que se retirará da delegação do Brasil, da qual é conselheiro especial. "As instruções do presidente Jânio Quadros, de apoio a Cuba, não estão sendo cumpridas e o Brasil só faz o jogo dos EUA", explica. Deixará uma carta ao ministro da Fazenda, Clemente Mariani, chefe da delegação, mas não se despedirá dele nem de ninguém. Pessoalmente, quer despedir-se apenas de Guevara. Pede-me que eu o localize e me dá, inclusive, seu carro com chofer.

Nessa tarde, o *Che* [grifo do original] saíra cedo da reunião e demoro a saber onde está. Vou encontrá-lo ao anoitecer, no quarto do hotel, às voltas com uma crise de asma. Conto-lhe de Brizola, ele me ouve em silêncio e responde apenas com uma pergunta:

- *Donde está él?* (TAVARES, 2012, P. 54)

Brizola, experiente na política, amigo e cunhado do Vice-Presidente da República, João Goulart, sentia uma estranha sensação conspiratória nos bastidores da conferência. A sua presença em Montevideú, segundo ele, estaria servindo a outros interesses que não os de conselheiro. O encontro com Guevara, seria portanto fundamental, pois o cubano possuía uma rede de informações privilegiada. Che Guevara, como de costume, não pensou duas vezes e foi ao encontro, dizendo que já sabia quem era o governador. Tavares (2012, 54) assim narrou o encontro:

Agarra a boina e, no carro do governo gaúcho (eu a seu lado, Tamayo [Segurança de Che Guevara] junto ao motorista), vamos à sede da reunião. Os dois se encontram e conversam de pé e a sós, numa salinha envidraçada. Do lado de fora da porta vejo tudo, sem ouvir. Brizola fala sem parar. Logo, é a vez do Che. Uns 20 minutos depois, despedem-se e o Che entra no salão da conferência.

- Esta é uma reunião das oligarquias das Américas, não uma reunião dos povos das Américas! - comenta-me Brizola, antes de rumar a Montevideú e, daí, retornar ao Brasil. A frase tinha a marca registrada do Che e só podia vir dele. (TAVARES, 2012, P. 54)

O encontro com Guevara foi determinante para Brizola manter sua posição de sair da conferência, com questionamentos à via pacífica (TAVARES, 2012)²⁹⁸. O governador retirou-se da Conferência, depois de enviar carta ao Chefe da Missão, Mariani:

A despeito dos gestos de cortesia e dos esclarecimentos de V. Excia. , dos embaixadores Barbosa da Silva e Roberto Campos e de outros membros de nossa representação, verifico que a Delegação Brasileira vem firmando orientação e

²⁹⁸ Para Tavares, a conversa com Che Guevara teria influenciado Brizola a tal ponto que este passou a considerar a luta armada como uma possibilidade. A resistência ao golpe contra Jango após a renúncia de Quadros, iniciando a "Campanha da Legalidade" (1961) e a formação anos depois a "Guerrilha do Caparaó" (1964) seriam exemplos da guinada nas concepções de Brizola. Entrevista de Tavares disponível no Documentário *Brizola: Tempos de Luta*.

assumindo posições em relação aos assuntos constantes da agenda da Conferência sem que me fosse dado particular ou ter prévio conhecimento dos estudos e decisões. Tal circunstância não teria maior significação se a todas as decisões e posições assumidas como também a muitos aspectos sob as quais vem a nossa Delegação considerando os problemas latino-americanos, pudesse eu emprestar a minha concordância e solidariedade. (Carta de Brizola a Clemente Mariani, 10/08/1961, p. 01)

Brizola não se dizia satisfeito com as discussões da conferência, o que motivou, a carta ao Chefe da Delegação brasileira, sua saída. Ele teceu críticas severas aos Delegados brasileiros por não lhe darem conhecimento prévio das decisões "em relação aos assuntos constantes da agenda da Conferência", tendo vem vista ter sido ele designado Conselheiro Especial. O Ministro Mariani, por sua vez, devolveu em tom não menos azedo, as críticas de seu conselheiro:

3. Bem sabe Vossa Excelência o prazer com que recebi as suas impressões e sugestões, na longa conversa que entretivemos e pode estar certo de que não deixaria de recorrer a elas se, no curso do exame dos casos concretos atribuído aos nossos Delegados, nas várias Comissões pelas quais foram distribuídos, houvesse, durante a sua permanência ao nosso lado, surgido alguma situação que o aconselhasse. Ainda que privado dessa oportunidade, acredito que o perfeito acordo sobre os problemas latino-americanos a que chegaram todas as Delegações, com a única exceção, perfeitamente compreensível e ainda assim não total da Delegação Cubana, autoriza-nos a considerar que adotamos as posições aconselháveis. (*Carta de Mariani a Brizola*, 15/081961, pp. 1-2)

O Ministro, em carta mais extensa, contestou todos os itens que Brizola havia abordado. Nela tratou de registrar uma "longa conversa" entre ele e o Governador, afirmando que os conselhos deste seriam ouvidos caso oportunidade se impusesse. Defendendo-se das acusações de Brizola, Mariani afirmou ter a Delegação Brasileira acertado na linha seguida, cujas orientações tinham vindo do Presidente. Disse ainda o Ministro da Fazenda:

2. Lastimo sinceramente o aparente mal entendido que o levou a adotar a decisão de desligar-se da missão que o Exmo. Senhor Presidente da República lhe havia atribuído, com grande honra e satisfação para mim, na Delegação sob minha chefia. Como longamente procurei explicar a Vossa Excelência, na conversação que mantivemos por minha iniciativa, o comportamento da Delegação brasileira na Conferência do CIES, fôra cuidadosamente traçado nas instruções escritas que nos forneceu o Itamaraty, depois de aprovadas pelo Exmo. Sr. Presidente da República e o meu procedimento pessoal, na sua chefia, por expressas recomendações verbais de Sua Excelência e do meu colega das Relações Exteriores, o Ministro Affonso Arinos. Tenho a convicção de que a orientação e as posições assumidas pela Delegação Brasileira, no curso da Conferência, corresponderam estritamente àquelas instruções e recomendações. E tenho a impressão de que os resultados obtidos, para os quais concorreu, de maneira bastante apreciável nossa atitude, comprovam o acerto com que foram emitidas e a correção com que foram executadas. (*Carta de Mariani a Brizola*, 15/081961, pp. 1-2)

O Chefe da Delegação Brasileira tomou o cuidado de documentar que Brizola estava se desligando da missão, o quê dizia lastimar. A resposta pode ser compreendida ainda como uma forma de tentar desqualificar as palavras de Brizola, ao acentuar dois aspectos: 1- houve diálogo com Brizola "longamente"; e 2- a atuação da Delegação seguia a diretriz recomendada pelo Presidente e o igualmente udenista Ministro das Relações Exteriores.

De volta ao Brasil, Brizola retomou suas atividades no governo do Estado, mantendo atenção aos acontecimentos no Uruguai. Ele não era, porém, o mesmo após o encontro com o Comandante Che Guevara. A saída de Brizola, da conferência, em que pese ter criado um incidente com a Delegação brasileira, não causou maiores transtornos, pois a referida conferência, voltou-se para a resolução dos problemas econômicos do hemisfério e para a blindagem ao exemplo revolucionário cubano.

3.4 Dos bastidores de Punta del Este à exclusão da OEA

O final da Conferência foi de intensa atividade para o Chefe da Delegação Cubana. Um acordo com o Comandante Che Guevara, possibilitou que ele se encontrasse com o Presidente da Argentina, Arturo Frondizi, o assessor de Kennedy, Richard Goodwin e o Presidente do Brasil, Jânio Quadros. O amigo de Guevara, convidado para estar com ele em Punta del Este, revelou uma trama até hoje ignorada ou desprezada pela historiografia e estudiosos do assunto:

O jogo era organizado de maneira que todos os participantes se sustentavam, uns aos outros. O convite de Jânio e a conversa com Goodwin protegiam Frondizi. A audiência com Frondizi e a reunião com Goodwin respaldavam Jânio Quadros. E Kennedy ficava descansado pelo fato de Guevara ser recebido pelos presidentes da Argentina e do Brasil, quando o Senado norte-americano quisesse saber os motivos do contato entre Goodwin e Che.

A questão era colocar todo este delicado sistema de equilíbrios e contrapesos em movimento dentro de uma velocidade conveniente, pois corria o perigo de ruir a qualquer momento. Se isto acontecesse, todos os protagonistas corriam grave perigo, com exclusão, é claro, de Guevara. (ROJO, 1983, p. 128.)

Ricardo Rojo foi um dos melhores amigos de Che e pessoa de sua confiança. Quando a Revolução triunfou, Guevara convidou-o para trabalhar em Cuba. O argentino não aceitou, acreditando poder ajudar seu país. A avaliação de Rojo ganha sentido quando verificamos não haver notícia de manifestações conservadoras contra a conversa de Che com Goodwin, o que

seria, para a época, o esperado. Corroboram essa afirmação as reações hostis aos encontros de Guevara com Jânio e Frondizi.

A reunião com o Presidente argentino deveria ser sigilosa. Guevara viu-se obrigado a entregar seu passaporte para identificação do visitante que ingressaria na Argentina. Um embaixador resolveu enviar um telegrama cifrado solicitando o visto ao Chefe da Delegação cubana. Como as Forças Armadas na Argentina controlavam os códigos secretos, a informação caiu nas mãos da CIA. Os militares, descontentes com o governo Frondizi, preferiram manter o encontro a fim de utilizá-lo em oportunidade ulterior (ROJO, 1983., p. 126).

Os temas do encontro de Che Guevara com Frondizi foram o desenvolvimento econômico da América Latina, a possibilidade de Cuba participar do pacto de Varsóvia e da industrialização. Sobre os três itens, o referente à aliança militar com a União Soviética constituía-se a maior preocupação, para o quê Guevara disse não ser do interesse de Cuba. Quanto aos temas do desenvolvimento e da industrialização, pareceu existir afinidade nas esperanças de cada país.

Guevara jantou com o Frondizi e a família deste. Em seguida, com a ajuda do chefe argentino, visitou uma tia enferma. O líder cubano ainda enfrentaria incidentes graves. Uma bomba foi colocada na porta da residência de um tio dele e outra na embaixada de Cuba na Argentina. Não houve feridos. Che, então retornou a Montevideú.

Após a reunião entre Che e Frondizi, instaurou-se uma crise na Argentina, em função de descontentamento por parte dos militares e do Ministro das Relações Exteriores, Adolfo Mujica. Os militares reacinários não concordaram com o encontro e exigiram explicações ao Presidente. O Ministro Mujica entregou carta de demissão, pois sentiu-se preterido por não saber sobre o encontro que o Presidente Arturo Frondizi teria com Che Guevara (Rojo, 1983).

Antes de estar com Frondizi, Che conferenciou com Goodwin²⁹⁹; o encontro cujos desdobramentos foram os mais significativos. As noites em Montevideú eram agitadas. Durante a conferência, jornalistas e diplomatas envidaram esforços com a finalidade de tornar real o diálogo entre Cuba e os Estados Unidos. Douglas Dillon estava em missão oficial, o que poderia comprometer demasiado os norte-americanos. Goodwin fazia parte da comitiva

²⁹⁹ Goodwin era o homem de ligação entre a Casa Branca e o Conselho Revolucionário Cubano, organização anticastrista, formada por exilados (ver: MONIZ BANDEIRA, 2009). As fontes sobre o encontro foram pesquisadas em arquivos no Brasil e os disponíveis nos arquivos digitais da CIA. Em contatos com o Centro Che Guevara em Cuba e com o Consulado cubano acreditado em Brasília fui informado não existir documentação sobre o assunto.

como assessor de Kennedy para assuntos da América Latina, qualificação mais adequada para uma entrevista casual, portanto não-oficial.

O argentino, simpático ao comunismo na juventude, Maurício Littmann ofereceu sua mansão para que fosse realizada uma recepção às delegações. Os diplomatas Edmundo Barbosa da Silva, do Brasil, e Horacio Rodríguez Larreta, da Argentina, comandaram uma verdadeira operação "Cuba-EUA", a fim de estabelecer os contatos necessários à reunião entre Che e Goodwin. Com uma significativa ajuda dos jornalistas, na virada do dia 16 para 17 de agosto de 1961, os dois encontram, frente a frente. O acordo anterior estabelecia que a conversa e seu conteúdo ficariam em sigilo (TAVARES, 2012). O encontro, porém, não resistiu ao ímpeto dos jornalistas, ávidos por notícias de primeira mão. A notícia vazou na imprensa. o Comandante Guevara, cumprindo o ritual cubano de informar a população sobre as ações de governo, concedeu entrevista na TV nacional. Preso, entretanto, ao pacto que permitira o encontro, não revelou os detalhes ao público.

Às duas horas da manhã do dia 17 de agosto de 1961, o diplomata brasileiro testemunhou, a pedido do representante de Cuba, o diálogo entre este e seu opositor, que manteve diálogo com o Comandante até as 5:30 da manhã. Esteve presente ainda o argentino Larreta. Os dois, além de testemunhas oculares, serviram de intérpretes.

Foram identificados vários registros sobre o duelo verbal mais relevante daquela reunião de líderes latino-americanos. A narrativa de Richard Goodwin chegou às mãos de Kennedy no dia 22 de agosto de 1961, mantido o caráter sigiloso. O Ministro das Relações Exteriores, Affonso Arinos de Melo Franco, encaminhou, no dia 19 de agosto, ofício confidencial a Jânio, relatando, minuciosamente, o teor da conversa, a partir das informações prestadas pelo Embaixador Edmundo Barbosa da Silva. Richard Goodwin, por sua vez, encaminhou suas impressões sobre a conversa com Che Guevara à Casa Branca, que ficou em sigilo até ser desclassificado pela Lei de Informação norte-americana.

No tratamento dado a Che por Goodwin em seu relatório, ora ele utilizava "Sr." (*Mr.*) ora apenas "Guevara", ou simplesmente "Che". O embaixador brasileiro narrou o encontro com o "Ministro" da Indústria de Cuba atribuindo-lhe a patente guerrilheira de "Comandante". É possível, pois, observar os olhares discrepantes a partir de elementos que, para alguns, não passariam de detalhes ou minúcias irrelevantes.

O assessor pessoal de Kennedy, entretanto, mostraria que as minúcias têm significado relevante, ao descrever:

Che estava vestindo fardas verdes, e sua habitual barba coberta e desgrenhada. Atrás da barba, suas características são bastante suaves, quase femininas, e seu jeito é intenso. Ele tem um bom senso de humor, e houve muita brincadeira de ida e volta durante a reunião. Ele parecia muito à vontade quando começamos a falar, mas logo nos relaxamos e falamos livremente. Embora não tenha deixado de duvidar de sua devoção pessoal e íntima ao comunismo, sua conversa estava livre de propaganda e explosão. Ele falou calmamente, de uma maneira incisiva, e com aparência de desapego e objetividade. Ele não deixou nenhuma dúvida, a qualquer momento, que ele se sentiu completamente livre para falar pelo seu governo e raramente distinguiu entre suas observações pessoais e a posição oficial do governo cubano. Tive a impressão definitiva de ter pensado cuidadosamente em suas observações - elas estavam extremamente bem organizadas. (GOODWIN, 22/08/1961)

Richard Goodwin transmitiu, assim, como estavam os ânimos de cada um naquele momento e como Che Guevara se apresentava a ele. O assessor da presidência dos Estados Unidos deveria ser preciso na reprodução aos pares, principalmente ao presidente, com relação às circunstâncias nas quais a entrevista fora realizada. Uniforme, sorriso, gestos, tudo constituía pistas para uma análise da relação entre palavras e ações. A explanação textual de Goodwin apresentou semelhanças com o relatório que Barbosa encaminhou ao ministro Affonso Arinos, que, imediatamente, enviou, com selo de confidencial, ao presidente da República para conhecimento.

A exposição do teor da conversa que tiveram os representantes de Cuba e EUA, feita por Edmundo Barbosa da Silva, foi precedida de sua impressão de que estavam "falando-se como inimigos". Ao abordarem os aspectos relativos à relação entre os dois países, coube a Guevara iniciar o debate e dar o tom, conforme Afonso Arinos reproduziu:

Afirmando estar Cuba hoje definitivamente fora da esfera de influência dos Estados Unidos, o Comandante Guevara declarou: 1) “a revolução cubana tem caráter irreversível; 2) não há possibilidade de deposição do governo, pois o povo participa integralmente da revolução; 3) devem-se dissipar os mitos de que os dirigentes da revolução possam ser recuperados; 4) é ilusório pensar-se que se possa esperar cisão no governo por força dos “moderados”; 5) prossegue celeremente a socialização da economia do país; 6) os dirigentes cubanos não tinham formação teórica marxista, sendo ele Guevara aquele que tinha maiores leituras nesse campo, considerando que o caso de Cuba iria ilustrar cabalmente o acerto da doutrina marxista para a solução do seu problema; 7) Cuba, por ser um Estado socialista, tinha simpatia natural pelos sistemas semelhantes, mas isto não implicava em alianças políticas [grifo do original]; 8) o governo cubano não pretendia invadir a base de Guantánamo; 9) os Estados Unidos prestaram grande serviço à revolução ao apoiar a fracassada invasão, pois esta levantara o povo em torno do governo. O sucesso transformara a posição do governo “de pequeno ofendido” à de igual a igual em qualquer negociação que se realizasse [grifo nosso]; 10) Cuba não pretendia “exportar a revolução”, mas não podia impedir que o seu exemplo influenciasse poderosos [corrigido no original] setores de opinião do Continente; 11) embora não financiasse ou participasse diretamente nos “clubes pró-Cuba” ou atividades semelhantes sabia o governo cubano que seu exemplo tinha, em muitos casos, o poder de arregimentar as esquerdas toda vez que Cuba fosse atacada. Essa arregimentação das esquerdas podia ser ilustrada por exemplo com o que ocorrera ao Uruguai. (ARINOS, Of s/n, 19/08/1961)

O relatório do Embaixador foi de grande relevância para o Chefe de Estado brasileiro, na medida em que se encontraria com o Ministro da Indústria de Cuba. As primeiras palavras trataram da Revolução e de sua consolidação. Serviram para reafirmar aos Estados Unidos a dimensão interna da unidade revolucionária e quão inócuas seriam as tentativas de invasão à ilha. A exportação da Revolução era algo que não dependia dos cubanos, uma exigência dos povos da América Latina, em situação de miséria.

O item nove, grifado, pontuou a frase mais difundida desde quando o conteúdo do memorando foi tornado público. Che Guevara, ironicamente, agradeceu a Richard Goodwin pela invasão de Cuba, pois esta teria tornado seu país mais forte. O efeito inverso ao que desejavam os Estados Unidos foi inquestionável, até para o assessor de Kennedy, que tentou devolver na mesma moeda, dizendo que eles agradeceriam se Cuba tentasse retomar Guantânamo. Guevara já havia declarado que Cuba não tinha interesse em disputar a base militar dos Estados Unidos em Cuba, pois tinham a consciência de que este seria motivo mais do que óbvio para uma invasão declarada e invencível do imperialismo norte-americano.

O auxiliar de Kennedy ouvia atentamente e fazia anotações. Segundo o ofício encaminhado por Arinos, Barbosa Silva descreveu:

O senhor Goodwin esclareceu ao Senhor Guevara que não tinha qualidade nem autorização para apreciar em concreto quaisquer aspectos dos problemas levantados na conversa. Esclarecia, entretanto, que não existiam ilusões em seu país quanto ao caráter irreversível da revolução e da irrecuperabilidade de seus dirigentes, mas que julgava serem possíveis outras soluções com outro governo... [reticências do original] Quanto à decisão do governo cubano de não atacar Guantânamo, lamentava-a por ficar privado da possibilidade de fazer agradecimento semelhante ao que lhe fora feito pela invasão fracassada. Não julgava possível qualquer negociação entre os dois governos dada a irredutibilidade de princípio que entre os dois existia. (ARINOS, Ofício s/n, 19/08/1961)

Por sua vez, além da resposta referida acima, Goodwin afirmou a Che Guevara que aquele era um encontro informal e não-oficial, e que relataria ao Presidente Kennedy as questões abordadas pelo representante cubano, não garantindo qualquer compromisso de negociação. As reticências no meio do texto podem indicar um "aviso". Os Estados Unidos, conforme já abordado, continuavam com planos de invasão de Cuba. Outra possibilidade, descartada por Che no diálogo, era a de realização de eleições antes da "institucionalização" da Revolução. Guevara, segundo Goodwin, acrescentou alguns problemas que ele identificava em Cuba:

1- Havia um sentimento revolucionário perturbador, armava homens e sabotava; 2- A pequena burguesia era hostil à revolução ou, na melhor das hipóteses, estava

morna; 3 - A Igreja Católica (aqui ele sacudiu a cabeça com consternação); 4- Suas fábricas olharam naturalmente para os EUA para obter recursos, especialmente peças sobressalentes e às vezes a escassez desses recursos tornou as coisas muito críticas.; 5- Eles acadelaram o processo de desenvolvimento com muita rapidez e suas reservas de moeda forte foram muito baixas. Assim, eles não conseguiram importar bens de consumo e encontrar as necessidades básicas das pessoas. Ele então disse que não queriam uma falta de identidade com os EUA, porque eles sabiam que isso era impossível. Eles gostariam de um *Modus vivendi* - pelo menos um *modus vivendi* provisório. Claro, ele disse, era difícil apresentar uma fórmula prática para tal *modus vivendi* - ele sabia, porque ele havia passado muito tempo pensando nisso. (GOODWIN, 22/08/1961)

As revelações de Goodwin à Casa Branca sobre os temas fulcrais que Cuba enfrentava incluíram aspectos econômicos e políticos. A economia cubana havia se desenvolvido de forma acelerada, pelo impulso da Revolução e o elevado grau de confiança da população nos primeiros anos. No campo político, por outro lado, a burguesia perdia espaço e seus bens acumulados foram divididos com as demais classes da população, em especial, as mais necessitadas. Uma parcela de contrarrevolucionários, porém continuava a sabotar o regime.

Segundo o informe tanto de Goodwin quanto de Barbosa da Silva, Che Guevara acrescentou à sua explanação que a reação da ala conservadora da Igreja Católica constituía um entrave ao avanço da Revolução. Isso porque a parte reacionária da Instituição tinha colaborado com os invasores de Praia Girón, acirrando mais ainda as relações entre esse setor da Igreja e o governo revolucionário³⁰⁰.

A rápida, porém importante entrevista, talvez a mais relevante em Montevideú, revelava os contornos do que estava por vir. Cuba não se renderia aos caprichos do imperialismo, às seduções da pseudodemocracia eleitoral, muito menos à uma investida militar. "Pátria ou Morte" continuava sendo o lema da Revolução e de seus dirigentes. O norte-americano, segundo os relatos "despediu-se com um aperto de mão", prosseguindo Guevara com o brasileiro e o argentino até pela manhã. Segundo Arinos, Barbosa da Silva cumprimentou o Comandante pelas palavras proferidas e reafirmou a posição do Brasil em relação à soberania cubana, alertando para "a gravidade da situação que se criaria para o Brasil, caso Cuba se viesse a inclinar para uma aliança com o mundo soviético" (ARINOS, 19/08/1961). O Embaixador salientou, ainda, a determinação do governo brasileiro em dar continuidade a política externa de caráter independente, com a finalidade de manter relações com todas as nações que assim o quisessem. O Ministro Affonso Arinos, por sua vez, complementou as avaliações de Barbosa da Silva:

³⁰⁰ Sobre a atuação da Igreja Católica no processo revolucionário cubano, ver BETTO, 1985.

A conclusão do Embaixador Barbosa da Silva é de que o Governo cubano demonstra tão fundamental interesse em negociar com os Estados Unidos e em apaziguar reações das Repúblicas americanas por temer a derrota da revolução pelo Jogo de fatores em três planos: 1) setor interno [grifo no original] onde atuam os fatores econômicos e políticos já mencionados ; 2) setor continental [grifo no original] onde existe a latente possibilidade de ação coletiva contra Cuba; 3) setor internacional [grifo no original] onde o conflito Leste-Oeste pode assumir tal magnitude que Cuba venha a ser barganhada entre os Estados Unidos e a União Soviética. O apelo para negociar com os Estados Unidos feito num discurso no momento da abertura da conferência e nessa conferência privada revelam uma preocupação tão forte que trai a pretendida confiança na estabilidade do regime. (ARINOS, Ofício s/n, 19/08/1961)

O Ministro Arinos abordou um ponto fulcral na relação entre os dois países: a conversa de Guevara com Jânio Quadros. A avaliação do chanceler brasileiro sobre a delicada posição cubana deixaria Quadros numa situação confortável de liderança em relação à Cuba, o que era o objetivo do Brasil.

Virava-se mais uma página da história brasileira e das relações do Brasil com o mundo, principalmente com a América Latina. A Conferência do Uruguai cumpria mais uma etapa das disputas continentais pela hegemonia política e econômica estadunidense. Venceram, momentaneamente, as forças da bipolaridade Cuba x Estados Unidos. Do outro lado do Atlântico, a Alemanha dividida e a Eurásia e África às portas da Conferência de Belgrado apresentariam novas conformações da Guerra Fria.

A correspondência do Itamarati ao Presidente Jânio Quadros foi assinada pelo ministro Afonso Arinos. Ao encerrar sua explanação, ele apresentou suas observações acerca da narrativa do embaixador e suas sugestões sobre a "questão cubana". Por que o Afonso Arinos enviou carta ao presidente Jânio Quadros sobre a conversa entre Che Guevara e Richard Goodwin e não o fez quando o cubano entrevistou-se com Clemente Mariani? Teria o presidente utilizado-se da referência à Igreja Católica como estratégia defensiva? É o que veremos a seguir.

Os eixos programáticos consolidados na "Carta de Punta Del Este" foram: 1- Desenvolvimento Econômico e Social; 2- Elementos dos Programas de Desenvolvimento Nacional; 3- Integração Econômica da América Latina; 4- Produtos Básicos de Exportação. Esses pontos fundamentais possuíam subitens, cujo conteúdo especificava melhor os objetivos de cada um deles participaram ao todo, 21 países, com delegações compostas de até seis membros responsáveis. Ao final, vinte países assinaram a Carta, somente Cuba não assinou. Mesmo assim, vários países, como o Brasil, recusaram a proposta americana de impor um isolamento à ilha socialista do Caribe, cumprindo, com fidelidade, o compromisso da "coexistência pacífica". Che Guevara assim justificou o voto de Cuba:

Senhor Presidente, senhores delegados

Cuba se vê na necessidade de abster-se na votação geral do documento e vai passar a explicar, com alguns detalhes, as razões desta abstenção. (...)

Cuba, senhor Presidente, trouxe 29 projetos de resolução, nos quais se tratavam muitos dos problemas fundamentais que, segundo nosso país, afligem a América, distorcem seu desenvolvimento e o condicionam à ação dos monopólios estrangeiros. (...)

Não se condena a agressão econômica, uma das mais importantes aspirações de Cuba, que tem sentido em sua carne os rigores desta agressão.

Insiste-se em solucionar os problemas da América através de uma política monetária no sentido de considerar que são as mudanças monetárias, o que vai mudar a estrutura econômica dos países, quando nós temos insistido em que somente uma mudança da estrutura total, nas relações de produção, é o que pode determinar que existam de verdade condições para o progresso dos povos. (...)

Portanto, Cuba ainda manifestando sua simpatia por uma grande parte das aspirações desta Carta de Punta del Este, lamenta não estar em condições de assiná-la no momento atual; reitera seus desejos de amizade para todos os povos do continente, estavelece claramente sua posição, disposta a discutir qualquer problema bilateral com algum país da América, e agradece ao espírito de cooperação com que todos os senhores delegados têm acolhido as intervenções da delegação cubana, suas palavras, suas advertências e seus, quiçá um pouco repetidas e cansadas, esclarecimentos contínuos.

Muito Obrigado. (GUEVARA, 16/08/1961)

O discurso final do chefe da delegação cubana manteve o mesmo tom conciliatório, porém contundente, que marcou sua participação na conferência. Salientou a insuficiência das propostas aprovadas para operar as mudanças reais de que os países da América Latina necessitavam e reafirmou o desejo de Cuba em negociar "qualquer problema bilateral". A mensagem estava destinada à delegação americana.

Entre os resultados da Conferência de Punta del Este, estava a criação da ALALC - Associação Latino-Americana de Livre Comércio. A declaração conjunta que criou o órgão de integração comercial dizia: "A expansão dos atuais mercados nacionais latino-americanos e a eliminação gradual das barreiras que os separam é condição indispensável para que se alcancem os objetivos do desenvolvimento econômico previstos no projeto da Aliança para o Progresso." (*Correio da Manhã*, 11/08/1961, p.03).

A conferência foi encerrada com a votação da Declaração de Montevideú, que aprovava os pontos apresentados, acusando o voto de abstenção de Cuba. Ao final, Che Guevara concedeu entrevista à rede de televisão *Canal 7* de Buenos Aires. Por relevância histórica da fonte, transcrevi a entrevista, que reproduzo na íntegra:

Locutor : Acaba de culminar a Conferência Econômica de Punta del Este. Nesse encerramento, diz-se que abre um novo capítulo na história dos países latino-americanos. Vinte países assinaram a Declaração final nos documentos. Um país não o fez e esse país é Cuba. Nesse momento, abrem-se diversas conjecturas. Foi dito que Cuba não firmou por sentir-se deliberadamente excluída dos benefícios da aliança para o progresso. Essa exclusão levou à consequência de não ter assinado as atas. Nós entendemos que ninguém está melhor capacitado para esclarecer esse

ponto do que o próprio Presidente da Delegação Cubana e Ministro da Indústria de Cuba, Comandante Ernesto Guevara. Comandante Guevara nos dirá em poucas palavras qual é a posição e qual a verdade sobre o assunto. Ademais, acreditamos que assim, cumprimos o dever jornalístico de objetividade, já que, diante dessa câmara tem passado diversos delegados e observadores de distintos países.

Comandante Guevara, explique-nos porque Cuba não assinou os documentos desta Conferência.

Comandante Guevara: A explicação de Cuba já está expressada claramente no discurso final na Plenária de Encerramento. Nós opinamos que esse documento contém muitas partes positivas, mas não ataca, no fundo, as raízes do mal da latino-américa. Ainda assim, podíamos ter subscrito. Se não foi, nossa pergunta, repetida em diversas ocasiões, em todas as oportunidades, à Presidência da mesa, à Presidência da Assembleia ou das Comissões e ao Delegado dos Estados Unidos, nunca foi respondida. E essa pergunta era: -Quem administra o Fundo da Aliança para o Progresso? Não se sabe. E, ademais, implícita estava na pergunta, Cuba participa ou não da Aliança para o Progresso? Quando há uma pergunta tão direta e tão fácil de contestar, se contesta com um, com um silêncio total. Por parte dos Estados Unidos. Cuba entende que não está dentro da aliança para o progresso.

Mas se for somente dito que Cuba não assina. Em que condições a participação na aliança para o progresso. Porque o Sr. Dillon, em seu discurso de encerramento, manifestou que não reconhecia o governo de Cuba. Se não reconhece o governo de Cuba, naturalmente que não poderia, tampouco, reconhecer a assinatura do governo de Cuba. De tal forma que importava pouco se houvesse assinado ou não. Simplesmente o governo dos Estados Unidos, todavia, não se dá conta que a história caminha todos os dias e que é irreversível.

Locutor: Comandante, qual vai ser a postura e atitude daqui pra frente dentro da Organização dos Estados Americanos?

Comandante Guevara: Simplesmente uma atitude de colaboração todo o possível com as repúblicas irmãs. Mas, sem permitir que sua independência seja limada, seja limitada por acordos de várias organizações. Cuba reconhece o direito de todos os países de a uma política exterior independente e a pratique. Tenham uma política de amizade com todos os países do mundo e uma política de intercâmbio comercial com todos os países do mundo. Ademais, reconhece que, culturalmente, está mais ligada com laços mais estreitos a alguns na América Latina e trata de mantê-los, dentro das características assinaladas anteriormente.

Locutor: Muito Obrigado Comandante. Senhoras e senhores, o Comandante Ernesto Guevara falou exclusivamente para os Senhores, os espectadores do Canal 7 de Buenos Aires. Muito Obrigado pela atenção e boa noite. (GUEVARA ao *Canal 7*, Ago/1961)

A Conferência de Punta del Este foi concebida, como analisado, no marco histórico da Revolução Cubana e do que ela representou para o continente. Tanto a posição de Cuba quanto dos demais países, incluindo os Estados Unidos, poderiam estar desenhadas de véspera.

As movimentações de brasileiros e argentinos para colocar, frente a frente, Guevara e Goodwin mudariam os rumos da história. Se era certo o que o Comandante Guevara disse na entrevista ao *Canal 7*, que os Estados Unidos não reconheciam o governo de Cuba, na conversa de Goodwin com ele, Guevara, jogaria por terra a afirmativa norte-americana. Esse talvez tenha sido um dos motivos pelos quais o assessor de Kennedy tanto relutasse em encontrar com o Guevara.

A *Aliança para o Progresso* soou, para os jornalistas presentes naquele encontro, como uma "tentativa de suborno" (TAVARES, 2013, p. 62), para o quê alguns jornalistas criaram, ao ritmo de "Me dá um dinheiro aí", a seguinte paródia:

Oi, seu Kennedy, /Me dá um dinheiro aí,/ me dá um dinheiro aí./ Não vai dar não?/
Então eu vou / Fazer Revolução. / Vou deixar a barba crescer, / Aliança para o
Progresso/ só com barba tem sucesso / Aliança para o Progresso só com barba tem
sucesso. (TAVARES, 2013, p. 62)

A paródia alcançou as delegações e foi traduzida para o espanhol e inglês, fazendo sucesso, inclusive com o representante norte-americano. Richard Goodwin teria dado gargalhadas quando viu a letra da música (TAVARES, 2013, p. 62). Antes que se perdesse de vez a aliança, o encontro com o assessor norte-americano estaria concluído, conforme o "combinado", com a visita de Che à Argentina e ao Brasil.

O desfecho derradeiro da *Aliança para o progresso* ocorreria seis meses depois, quando João Goulart governava o Brasil, numa correlação de forças mais favorável à pressão dos Estados Unidos. A iniciativa viria dos países vizinhos, possivelmente via Washington, mas não abertamente. O então ministro de Relações Exteriores, San Tiago Dantas, um dos fundadores da Política Externa Independente, apresentou, de forma irrefutável, o que, segundo ele, criava impasses aos pretendentes à exclusão de Cuba. Segundo o ministro, no mesmo documento:

Se por outro lado, a fim de preservar a unanimidade, caminhássemos para uma declaração incolor, os resultados seriam igualmente negativos para os próprios objetivos da consulta. Entendemos que nessa matéria será indispensável observar uma linha de cautela e de paciência para que se possam fazer sentir sobre o Governo cubano as influências dos países respeitadores de sua independência mas desejosos de verem modificadas as características do seu Governo. O Delegado brasileiro na OEA vai solicitar o adiamento da discussão da proposta peruana na reunião do dia 25 e estimaríamos contar para isso com o apoio do Delegado dos Estados Unidos. (DANTAS, 1962)

A iniciativa brasileira constituía demonstração de inteligência diplomática e autoridade política. O Brasil apresentava-se como país independente e de voz ativa. A busca de ponderações e diálogos pautava as ações da diplomacia brasileira nos governos de Jânio e João Goulart. A inversão do ônus, caracterizada na correspondência, revelava o elevado espírito nacionalista e de soberania com que o Ministério das Relações Exteriores tratava as questões internacionais.

O curso da história, entretanto, não é linear. As tensões da Guerra Fria mantinham os lados atuantes em contínuo movimento de forças. Em dezembro de 1961, dias antes de

instalada a conferência que excluiria Cuba da OEA, o governo colombiano, em correspondência secreta, aos países da América Latina e aos EUA, enviou uma proposta a ser apresentada na VIII Reunião de Consulta dos Chanceleres:

Ante-Projeto de Resolução, invocando os artigos VII e XX do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca e o artigo XXV da Carta da Organização dos Estados Americanos, a fim de assegurar a "paz e a segurança no Continente":

"1° - Condenar o Governo de Cuba por suas atuações como instrumento da política do bloco chino-soviético, atuações que ameaçam a paz e a segurança do Continente; e 2° - Instar com o Governo de Cuba para que acate rigorosamente as obrigações que impõem os tratados vigentes entre as 21 repúblicas americanas; que submete à Organização Regional os assuntos que são da competência dêsta; que repudie imediatamente sua subordinação à doutrina do bloco chino-soviético; que retome uma política nacional independente da política do bloco chino-soviético; e que renuncie a qualquer intenção futura de proceder como instrumento do bloco em quaisquer esforços para subverter ou derrocar os governos das outras repúblicas americanas. 3° - Encarregar o Conselho da Organização dos Estados Americanos da responsabilidade de : a) informar quando o governo de Cuba houver cumprido as disposições desta Resolução; b) manter vigilância e comunicar qualquer preparativo de atos de agressão, subversão ou outros perigos para a paz e a segurança que sejam o resultado da intervenção das potências chino-soviéticas neste Continente e informar e formular recomendações aos governos dos Estados membros a respeito.

4° - Aplicar a medida de ruptura das relações diplomáticas com o governo de Cuba, caso o Conselho da Organização dos Estados Americanos não houver informado dentro de 30 dias, com voto afirmativo de 2/3 dos Estados membros, que o Governo de Cuba tenha cumprido as disposições desta Resolução. 5° - Reafirmar que em caso de produzir-se qualquer perigo previsto no inciso (b) do parágrafo 2 anterior, o Estado afetado ou qualquer outro Estado Americano poderá solicitar ao Conselho da Organização a convocação do Órgão de Consulta de acôrdo com o artigo VI do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca para determinar a ação imediata e a adoção das medidas previstas no artigo 8° do mesmo tratado, sem prejuízo do direito iminente de legítima defesa. (Of. 375 da Embaixada em Bogotá, 22/12/1961)

Passada a conferência de Belgrado, na qual Cuba participou, os movimentos revolucionários na América Latina intensificavam-se. Por um lado, em virtude do aprofundamento das contradições de classe, pois os países latino-americanos mantiveram o modelo de desenvolvimento de capitalismo dependente, principalmente do mercado norte-americano. O investimento de parte da esquerda na luta guerrilheira foi, também, motivado por Cuba, na medida em que dispersava as forças norte-americanas pelo continente, diminuindo, por consequência, o poder militar contra a ilha. Os países latino-americanos foram, assim, pressionados a votar contra Cuba e por sua exclusão da OEA, a fim de facilitar os caminhos para uma nova invasão, hipótese suspensa somente após a crise dos mísseis. A posição brasileira foi de abstenção, um voto corajoso num momento de acirramento das tensões

4 A “CRUZ”* DE JÂNIO QUADROS

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS
ESTADOS UNIDOS DO BRASIL,
Na qualidade de Grão-Mestre das Ordens Brasileiras e nos termos do Decreto
20.610, de 4 de abril de 1933,
resolve conferir a
Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, no grau Grã-Cruz, a Sua Excelência o Senhor
ERNESTO GUEVARA,
Ministro da Indústria de Cuba.
Brasília, em 18 de agosto de 1961, 140º da
Independência e 73º da República.
a) Jânio Quadros
a) Afonso Arinos de Melo Franco³⁰¹
(DO, 18/08/1961, p.7527)

O dia 19 de agosto de 1961 ficou, definitivamente, marcado na história da República brasileira³⁰². Ernesto Che Guevara, um dos comandantes da guerrilha de *Sierra Maestra* e Ministro da Indústria de Cuba³⁰³, recebeu das mãos do Presidente Jânio Quadros a Ordem Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul, alta comenda destinada a estrangeiros.

Jânio Quadros condecorou não apenas Che, mas a própria Revolução: antifeudal, nacionalista e anti-imperialista. Uma Revolução, não mais "indefinida" pelos adjetivos "antitudo", mas declaradamente socialista.

O presente capítulo tem o objetivo, à luz dos fatos até aqui discutidos, analisar a condecoração de Che Guevara por Jânio Quadros, por meio das fontes investigadas, de forma a melhor objetivar a questão apresentada no início deste trabalho.

4.1 A Ordem do Cruzeiro: do Império à República

* O termo cruz está utilizado tanto para referenciar a comenda entregue por Jânio a Che Guevara, quanto como a filiação de Jânio à religião cristã, ou ainda no sentido de tormento ou castigo.

³⁰¹ Abaixo dos assinantes, duas frases escritas à mão. A primeira diz: "condecoração entregue" com uma rubrica ao lado. Mais abaixo, a outra diz: "Cancelado Dec de 3.9.64". Não foi encontrado documento que cancelou.

³⁰² Algumas fontes indicaram que a cerimônia deveria ocorrer no dia anterior (*Correio da Manhã*), quando foi, inclusive, publicado o Decreto da Condecoração. Em função da visita de Che a Frondizi e o atraso no vôo, não restou alternativa senão realizá-la na manhã do dia 19 de agosto, às 7 horas, já que Jânio deveria voar para Espírito Santo, a fim de inaugurar obra naquele Estado.

³⁰³ No plano das representações, Che Guevara, por vezes era tratado como "Ministro", outras vezes como "Comandante".

A Ordem do Cruzeiro do Sul carece ser contemplada pela historiografia. A maior parte dos registros tratam do tema apenas em função das pessoas que receberam os graus definidos pelo seu regulamento. O maior volume de material sobre o tema, certamente, trata da condecoração de Ernesto Che Guevara. Na era digital, das pesquisas virtuais, qualquer busca realizada com a diretriz "Ordem do Cruzeiro do Sul" trará entre os resultados, vários *links* alusivos à comenda recebida pelo Ministro de Cuba. A Grã-Cruz que recebeu Che Guevara das mãos de Jânio Quadros foi um dos graus instituídos pelo decreto que recriou a Ordem do Cruzeiro do Sul, cuja origem remonta a uma desconhecida história do Império. Nesse caso, consideramos necessário um resgate histórico de longa duração.

A posição geográfica do Brasil conferiu-lhe a sorte de estar sob a proteção da Constelação do Cruzeiro do Sul, disse D. Pedro I ao criar a *Imperial Ordem do Cruzeiro*”, por meio de decreto datado de 1º de dezembro de 1822³⁰⁴. Por este, era admitida sua concessão a brasileiros e estrangeiros. Além da Ordem do Cruzeiro, o Imperador criaria ainda outras duas: a Ordem de D. Pedro (1826); e a Ordem da Rosa (1829)

Desde o período medieval, foi instituída a prática de conceder honrarias pela Igreja Católica. A "Ordem dos Templários" e a "Ordem do Hospital" são alguns exemplos. “Ordens” como esta representavam honras ao mérito ou a título de nobreza, associando-se a poder e riqueza:

As ordens se afirmaram no domínio dos reis católicos através das grandes navegações, onde tinham a função de expansão da cristandade e era sob essa bandeira que elas continuaram a existir. Assim, serviram à expansão ibérica para os continentes africano, asiático e americano. (SILVA, 2014, p. 47)

Ao serem extintos, os bens oriundos da arrecadação por “serviços prestados” eram incorporados ao tesouro do governo que dera causa ao seu desaparecimento, em alguns casos destinados a "obras de caridade”:

Após a extinção da Ordem do Templo, o papa Clemente V, na bula *Ad providam* de 12 de maio de 1312, havia destinado todos os bens da Ordem do Templo à Ordem do Hospital, que estava sob jurisdição direta da Igreja Católica. Os reis ibéricos não aceitaram essa determinação temendo o enorme poder da Ordem do Hospital e, conseqüentemente, da Igreja após essa incorporação. Em Portugal, D. Dinis, logo após a extinção da Ordem do Templo, rapidamente incorporou os bens templários ao seu tesouro real para que eles não acabassem sob o domínio a Igreja. O rei Tiago II, de Aragão, propôs então que os bens templários em seu território fossem doados ou a uma nova ordem a ser criada ou a alguma ordem já existente em sua região, como, por

³⁰⁴ Os decretos do Império eram identificados pela data. A numeração foi iniciada a partir do governo provisório da República (15/11/1889).

exemplo, à Ordem de Santiago, sob a alegação de que grande parte desses bens era proveniente de doações reais, sobretudo na Península Ibérica. O rei português aderiu então a essa reivindicação. (SILVA, 2014, pp.46-47)

No Estado Moderno, as práticas de concessão de ordens honoríficas indicavam uma "ideologia de serviço/recompensa" (OLIVAL, 2001, p.188). Três ordens hierárquicas foram estabelecidas no século XVIII como gradações da Ordem do Cristo, de inspiração católica: cavaleiros, comendadores e grão-cruzes (SILVA, 2014, p. 51). Os títulos honoríficos continuavam associados, em alguns casos, à meritocracia, objetivando bens materiais, poder ou riquezas.

No Brasil, no reinado de D. João VI, havia várias distinções, com as mesmas características, em virtude da aliança com a Igreja Católica, instituição secular. O processo conturbado e de conspiração que resultou na Independência do Brasil havia criado um impasse para D. Pedro I em termos de poderes para conceder condecorações, tendo em vista que eram *ordens* pertencentes a Portugal. Era D. João VI, sob a tutela da Santa Sé, quem tinha, de direito, o poder sobre as honrarias³⁰⁵. A criação das ordens veio restituir ao Imperador o poder de concessão de ordens honoríficas, o que lhe renderia apoios ao governo do império.

No dia 1º de dezembro de 1822, D. Pedro I baixou o Decreto de criação da *Imperial Ordem do Cruzeiro*. O imperador intitulava-se seu "Grão-Mestre" no artigo 1º do referido decreto: "A Mim, e aos Imperadores que Me sucederem no Throno do Brazil, pertence o Titulo e Autoridade de Grão-Mestre desta Ordem Imperial" (BRASIL. Dec. [s/nº] de 1/12/1822. Grafia original). Aclamando-se como o "defensor perpétuo" do país, D. Pedro I, no preâmbulo do decreto, anunciou:

³⁰⁵ Alguns autores apontaram a maçonaria como movimento político anticlerical, decisivo para o processo de independência do Brasil. Cordeiro (2008) em estudo sobre D. Pedro I apontou que o imperador havia sido "iniciado" na Ordem maçônica por José Bonifácio (Grão-Mestre daquela Ordem) meses antes do "Grito de Independência". A criação da *Imperial Ordem do Cruzeiro* seria, assim, uma incorporação pelo Estado imperial da maçonaria. D. Pedro I havia recebido o grau de "Grão-Mestre" e, com o decreto da Ordem oficializou a honraria, com possibilidade remuneratória. O preâmbulo do decreto reproduziria, em parte, a ata de iniciação de D. Pedro: 1.º Que da ata da sessão em 13 do 5.º mês do ano 1822 (2 de agosto) consta ter o Grande Mestre da Ordem então, o Conselheiro José Bonifácio d'Andrada e Silva, proposto para ser iniciado nos mistérios da Ordem D. Pedro d'Alcântara, Príncipe Regente do Brasil e seu Defensor Perpétuo: e que sendo aceita a proposta com unânime aplauso, e aprovada por aclamação geral, foi imediata e convenientemente comunicada ao mesmo proposto, que dignando-se aceitá-la, compareceu logo na mesma sessão, e do também logo iniciado no primeiro grau na forma regular e prescrita pela liturgia, prestou o juramento da Ordem, e adotou o nome heroico de: Guatimozin. (CORDEIRO, 2008, p. 67). A participação de maçons na política brasileira foi registrada pela historiografia, por vezes, como "sociedades secretas". Neste sentido, adverte MOREL (2001), em artigo *Sociabilidades entre Luzes e Sombras: Apontamentos para o Estudo Histórico das Maçonarias da Primeira Metade do Século XIX*, que muitas afirmações carecem de fontes para a devida comprovação.

Desejando Eu assinalar por um modo solemne e memoravel a época da Minha Acclamação, Sagração e Coroação, como Imperador Constitucional do Brazil, e Seu *Perpetuo Defensor*[grifo nosso], por ser a mais importante para esta monarchia, acabando de firmar a sua Independencia, representação politica, e futura grandeza e prosperidade, manifestando-se assim ao mesmo tempo á face das Nações o brio, amor e lealdade do grande Povo que Me elevou, por unanime espontaneidade, ao Grau Sublime de Seu Imperador Constitucional: E sendo pratica constante e justa dos Augustos Imperantes, e particularmente dos Senhores Reis Meus Predecessores, Crear novas Ordens de Cavalleria, para melhor perpetuarem as épocas memoraveis de Seus Governos, e com especialidade de Meu Augusto Pai o Senhor D. João VI, Rei de Portugal e Algarves; que, pela sua feliz chegada ás plagas deste Imperio, renovou, e ampliou a antiga Ordem da Torre e Espada, em 13 de Maio de 1808; e alguns annos depois, Creou no dia 6 de Fevereiro de 1818, em que fôra Acclamado na Successão da Corôa, a Ordem Militar da Conceição; (...)(BRASIL. Dec.[s/n] de 1/12/1822. Grafia original)

O imperador julgava-se o "defensor perpétuo" do Brasil e de sua "independência". O golpe desfechado, do qual foi um dos protagonistas, transformava-se, assim, em "amor e lealdade do povo" que o teria elevado de forma "unânime e espontânea" ao "Grau Sublime de 'Seu' Imperador". Pretendia, segundo ele, perpetuar o nome de seu pai D. João VI e "as épocas memoráveis de seus Governos". Na sequência, acrescentou o imperador:

Por todos estes ponderosos motivos; e por Querer outrosim augmentar com a Minha Imperial Munificencia os meios de remunerar os serviços que Me têm prestado, e houverem de prestar os Subditos do Imperio, e os benemeritos Estrangeiros, que preferem estas distincções honorificas a quaesquer outras recompensas; e tambem para poder Dar mais uma prova da Minha Alta Consideração e Amizade ás personagens da maior gerarchia e merecimentos, que folgarem com este Meu Signal de estimação: Hei por bem (em allusão à posição geographica desta vasta e rica região da America Austral, que forma o Imperio do Brazil, onde se acha a grande Constellação elo Cruzeiro, e igualmente em memoria do nome que teve sempre este Imperio, desde o seu descobrimento, de - Terra da Santa, Cruz) Crear uma nova Ordem Honorífica, denominada - IMPERIAL ORDEM DO CRUZEIRO,- a qual será governada e regulada interinamente pelos artigos seguintes, que servirão de base aos estatutos geraes e permanentes, que se hajam de fazer para o futuro. (BRASIL. Dec. [s/n]de 1/12/1822. Grafia original)

Em uma sociedade cujos valores aristocráticos mantinham-se inertes nas elites, o imperador buscava consolidar seu poder, criando "os meios de remunerar os serviços que Me têm prestado, e houverem de prestar os Subditos do Imperio, e os benemeritos Estrangeiros, que preferem estas distincções honorificas a quaesquer outras recompensas". A natureza da *Imperial Ordem do Cruzeiro*, portanto, possuía caráter retributivo e honorífico, dirigido àqueles que, ao julgamento do império, lhe houvessem "prestado serviços". O Decreto autorizava, ainda, a remuneração da família do Imperador e estrangeiros que fossem condecorados por "hierarquia e merecimentos" (BRASIL, art. IV, Dec.[s/n] de 1/12/1822).

Quatro graus foram criados pelo referido decreto: Grã-Cruz, Dignitário, Oficial e Cavaleiro. Os agraciados deveriam financiar a feitura das medalhas, bem como o registro dos

diplomas. Ficavam ainda obrigados a doar uma joia para a Caixa de Piedade que visava ao financiamento dos membros da Ordem que fossem pobres.

Em 1889, quando o Império foi substituído pela República, os setores liberais e oligárquicos proclamaram o novo regime antes que as forças populares o fizessem. Os ecos republicanos chegavam ao Brasil pelas mãos de setores da elite brasileira. Tão logo a República teve início, o Marechal Deodoro da Fonseca, líder do Governo Provisório da República, baixou decreto extinguindo títulos anteriores do império, exceto as Ordens de Aviz e do Cruzeiro:

Art. 1º Ficam abolidos todos os títulos, fôros de nobreza e ordens honoríficas estabelecidos pelo antigo regimen, com excepção das ordens de Aviz e do Cruzeiro, as quaes permanecem com todas as honras, direitos e isenções indicados na legislação que as creou. (BRASIL. Dec. 227-F de 22/03/1890)

Instaurada a Constituinte em 1891, a *Imperial Ordem do Cruzeiro* foi também abolida pela nova Constituição republicana. Na Seção de "Declaração de Direitos", o parágrafo 2º do artigo 72 da Constituição de 1891 determinou:

Art. 72. (...)
 § 1º (...)
 § 2º Todos são iguaes perante a lei.
 A Republica não admite privilegios de nascimento, desconhece foros de nobreza, e extingue as ordens honoríficas existentes e todas as suas prerogativas e regalias, bem como os títulos nobiliarchicos e de conselho. (BRASIL. Const. de 1891. Grafia do original)

Os republicanos sepultavam, assim, não só as honras, mas também os valores imperiais, demonstrando, em parte, o choque que representou a mudança entre as formas de governo que se sucederam no século XIX. A Constituição de 1891 instituiu, ainda, o ensino laico nas escolas e excluiu analfabetos, "mendigos", sacerdotes e militares da participação política por meio do voto.

Um hiato temporal de trinta e nove anos separou a antiga da nova *Ordem do Cruzeiro*. Quando Getúlio Dornelles Vargas, gaúcho de São Borja chegou ao poder, em 1930, o mundo vivia ainda os efeitos da crise internacional do capitalismo iniciada com o *Crack* de 1929. A ascensão de Vargas representou mudanças significativas para as classes dominantes e para o povo, este ainda preterido do teatro político.

O retorno da Ordem do Cruzeiro do Sul ocorreu no contexto da Revolução Constitucionalista de 1932. O movimento pró-Vargas derrotou a revolta que eclodiu em São Paulo. Passado o conflito, dois meses após a rendição oficial, Getúlio Vargas restabeleceu a

velha "Ordem", denominando-a então de *Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul* - ONCS. Embora mantendo a maioria dos elementos do ato imperial, Vargas a ela conferia nova significação, agora destinada somente a estrangeiros. No mesmo mês em que D. Pedro havia criado a *Imperial Ordem do Cruzeiro*, Vargas restabeleceu a ordem honorífica como um novo instrumento de sua política externa. No dia 07 de dezembro de 1932, na Seção I, página 22.270 do Diário Oficial, foi publicado o novo Decreto, nº 22.165, que restabeleceu a *Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul*, cujos artigos iniciais assim determinavam:

Art. 1º Fica restabelecida a antiga - Ordem, do Cruzeiro - sob a denominação de Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Art. 2º Esta Ordem será concedida somente a estrangeiros, civis ou militares, que se tenham tornado, a juízo do Govêrno, mercedores desta distinção.

O restabelecimento da *Ordem do Cruzeiro* manteve os mesmos graus e a nomenclatura constantes da *Ordem* anterior. No preâmbulo do decreto, Vargas tornava público os motivos daquele ato:

Considerando o que expôs o ministro de Estado das Relações Exteriores sobre a conveniencia da instituição de uma Ordem Nacional, destinada a galardoar os estrangeiros, civis ou militares que por qualquer motivo se tenham tornado dignos da gratidão do Govêrno brasileiro;

Considerando que semelhantes instituições devem quanto possivel inspirar-se, sem prejuizo do espirito republicano da Nação, na grandeza e tradição do seu passado historico;

Considerando que a Ordem do Cruzeiro foi creada no advento da independencia politica do Brasil;

Considerando, finalmente, que a referida Ordem, desde a sua instituição em 1822 foi sempre concedida para premiar os mais relevantes serviços e as mais nobres virtudes civis e militares; (BRASIL. Dec. 277-F de 01/12/1932. Grafia original)

O maquiavelismo político de Getúlio Vargas (SKIDMORE, 1982, p. 34) buscou combinar os elementos contraditórios da conjuntura tensa que vivia. Nesse contexto, a responsabilidade pela revitalização de uma ordem imperial foi atribuída ao Ministro das Relações Exteriores. Como soubesse dos confrontos em torno da história da *Ordem* foram enaltecidos o "espírito republicano da Nação" e a "grandeza do seu passado histórico", para afirmar que a "Ordem do Cruzeiro foi criada no advento da independência política do Brasil". Vargas, portanto, sabia jogar com as palavras, ao buscar relacionar seu governo provisório com o "advento da independência", indicando que o Brasil estaria se tornando independente novamente, sendo ele o protagonista. Por fim, acrescentava ao leque de justificavas para o restabelecimento da Ordem a necessidade de "premiar os mais relevantes serviços e as mais nobres virtudes civis e militares".

As nomeações para as ordens ocorreriam por decreto presidencial, após proposta do Ministro de Estado das Relações Exteriores, na época Afrânio de Melo Franco³⁰⁶. Diferente do que fora estabelecido por D. Pedro I, a Ordem não geraria ônus para o agraciado, nem formaria fundo para "caridade". Os custos pela confecção da medalha, bem como os diplomas correriam por conta das dotações do Ministério.

Em 1933, foi publicado o regulamento da *ONCS*, por meio do decreto 22.610 de 04/04/1933. Foi instituído, então, um Conselho da *Ordem*, que passou a ter as atribuições de propor nomes para o agraciamento e homenagens, além de executar as proposições, conforme segue:

Artigo 14 O Conselho da Ordem será composto das seguintes pessoas: Chefe do Estado, Ministro das Relações Exteriores, Ministro da Guerra, Ministro da Marinha, Secretário Geral do Ministério e Introdutor Diplomático, que desempenhará as funções de Secretário do Conselho, auxiliado por um funcionário do Protocolo, que terá a denominação de Oficial do Registro.

Artigo 15 Compete ao Conselho da Ordem: a) estudar as propostas que lhe forem encaminhadas; b) aprová-las ou recusá-las; c) velar pela fiel execução do presente Regulamento; d) manter o prestígio da Ordem; e) propôr as medidas que se tornarem indispensáveis ao bom desempenho das suas funções; f) redigir o seu regulamento interno; g) suspender ou cancelar o direito de usar as insígnias concedidas, por qualquer ato incompatível com a dignidade da Ordem. (BRASIL. Dec. 22.610, de 04/04/1933. Grafia original)

A nova Ordem aboliu o título de "Grão-Mestre" destinado ao presidente, passando a constar "Chefe do Estado". O Conselho passou a ter, seis membros: o Chefe do Executivo, o Ministro das Relações Exteriores, os ministros militares, o Secretário Geral do Ministério e o Introdutor Diplomático. Em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial, foi ampliado o Conselho da Ordem para incluir o Ministro de Estado de Aeronáutica, ministério recém-criado por Getúlio, que teve como seu primeiro ocupante o magistrado Joaquim Pedro Salgado Filho.

Restabelecida com cinco "classes" e não mais com "graus", a Ordem conferia, conforme o cargo e nível de importância da pessoa homenageada, as distinções de: Gran-Cruz, Grande-Oficial, Comendador, Oficial e Cavaleiro. Permitia ainda o novo regulamento que instituições jurídicas recebessem a insígnia, sem atribuição das classes correspondentes.

³⁰⁶ Afrânio de Melo Franco (1870-1943) ocupou o cargo de Ministro das Relações Exteriores no período de 24 de outubro de 1930 a 29 de janeiro de 1934. Ele era pai de Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), que ocupou a mesma pasta ministerial no governo Jânio Quadros. Disponível em: Centro de História e Documentação Diplomática - CHDD - da Funag, <<http://funag.gov.br/chdd/index.php/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores>> acesso em 20/05/2017.

Figura 24 - Medalha do Cruzeiro do Sul



Fonte: Domínio público, disponível em: <<http://www.medal-medaille.com/national-order-southern-cross-commander-ordem-nacional-cruzeiro-comendador-model-issue-1933-1967-p-8674.html>>, acesso em 20/02/2015.

A insígnia (figura 24) teve seu desenho determinado pelo mesmo decreto que aprovou o regulamento da Ordem. A medalha era, ao mesmo tempo, título e objeto.

No plano geral, era uma condecoração concedida a pessoas estrangeiras que "[prestassem] relevantes serviços ao país". Conservando os aspectos da medalha criada pelo imperador, assim a nova medalha aparecia descrita no regulamento:

Art. 2.º A insígnia da Ordem é uma estrela de cinco braços esmaltados de branco e orlados de prata dourada, assentada sobre uma coroa e encimada por uma grinalda, ambas feitas de folhas de fumo e café, tendo, no centro, em campo azul celeste, a constelação do Cruzeiro do Sul, esmaltada de branco, e, na circunferência, em círculo azul ferrete, a legenda "Benemerentium Premium", em ouro polido. No reverso, a efígie da República, em ouro, com a legenda "República Federativa do Brasil", conforme os desenhos anexos. (BRASIL. Dec. 22.610 de 04/04/1933. Grafia original)

As classes foram discriminadas no artigo terceiro do Regulamento. A cada uma correspondia um tipo de ornamento:

Artigo 3º Os Gran-Cruzes usarão uma fita larga azul celeste, passada a tiracolo, da direita para a esquerda, da qual pende a insígnia da Ordem, além de uma placa dourada com as mesmas insígnias, que deverá ser usada do lado esquerdo do peito. Os Grandes Oficiais usarão a insígnia pendente de uma fita azul celeste ao pescoço e mais a placa referida, montada, porem, em prata. Os Comendadores usarão a insígnia pendente do pescoço. Os Oficiais usarão a insígnia do lado esquerdo do peito, tendo uma roseta sôbre a fita azul celeste. Os Cavaleiros usarão a mesma insígnia, sem a roseta, montada em prata e colocada do lado esquerdo do peito. (BRASIL. Dec. 22.610 de 04/04/1933. Grafia original)

Como expressão de símbolo nacional, as comendas não poderiam prescindir das cores e do tradicionalismo que representavam a Pátria, pilar do positivismo na primeira metade do século XX. O fumo e o café, produtos de notória importância para o desenvolvimento econômico e social do país, viram-se representados na insígnia destinada a personalidades estrangeiras. Agraciar alguém com uma medalha ou com um colar não deixava de ser expressão de poder, conforme é revelado no decreto de criação da Ordem.

O regulamento definia, ainda a quais autoridades deveria ser atribuída cada classe, sendo admitida a possibilidade de conferir uma gradação superior, por recomendação expressa do Ministro das Relações Exteriores. As classes do novo regulamento mantinham o padrão do decreto imperial, "Grão-mestre, Grande Oficial, Comendador e Cavaleiro", conforme dispunha o decreto de criação:

Artigo 10 As cinco classes de que se compõe esta Ordem serão concedidas de acôrdo com a seguinte classificação: Gran-Cruz: Aos Soberanos ou Chefes de Estado, Príncipes de Casas Reinantes, Embaixadores e Ministros de Estado;
 Grande Oficial: Aos Enviados Extraordinários e Ministros Plenipotenciários, Presidentes de Câmaras Legislativas, Presidentes do Côrtes Supremas de Justiça, Oficiais Gerais, Almirantes, Sub-Secretários de Estado, Ministros Residentes e demais funcionários de igual categoria;
 Comendador: Aos Encarregados de Negócios efetivos, Conselheiros de Embaixada ou Legação, Membros de Parlamento ou de Côrtes de Justiça, Coroneis e Capitães de Mar e Guerra;
 Oficial: Aos Primeiros Secretários de Embaixada ou Legação, Cônsules Gerais, Tenentes Coroneis, Capitães de Fragata, Majores, Capitães de Corveta, Juizes, Membros de Associações Literárias, Científicas ou Comerciais, Professores de Universidade, Cientistas, Escritores e Artistas;
 Cavaleiro: Segundas Secretários de Embaixada ou Legação, Cônsules, Adidos civís e comerciais, Oficiais do Exército e da Armada de patentes inferiores às anteriormente citadas, Particulares, etc. (BRASIL. Dec. 22.610 de 04/04/1933. Grafia original)

As entregas das comendas teriam lugar em território nacional. No texto dos decretos que restabeleceram a Ordem, indicava-se o Rio de Janeiro, já que era a Capital da República. Quando a pessoa ou personalidade jurídica estivesse em solo de sua própria nacionalidade, caberia ao Encarregado de Negócios brasileiro entregar a homenagem na referida Embaixada do Brasil.

A década de 1930, como se sabe, foi marcada pela ascensão dos fascismos na Europa. Na América Latina confirmavam-se os regimes, definidos por alguns, como populistas, no Brasil, México e Argentina. Às vésperas da irrupção do segundo conflito mundial, Getúlio Vargas instituiu, pelo Decreto 1.424, de 17 de julho de 1939, mais uma classe: a de Grande Colar, "destinado, exclusivamente, a Chefes de Estado que, por qualquer circunstância, tenham merecido especial gratidão do Governo Brasileiro" (BRASIL. Art. 2º, dec. 1.424/39).

O estabelecimento do "Grande Colar" por Vargas veio trazer uma diferenciação para os Chefes de Estado que, até então, deveriam ser condecorados com a "Gran-Cruz", mesma comenda conferida "aos Soberanos ou Chefes de Estado, Príncipes de Casas Reinantes, Embaixadores e Ministros de Estado" (BRASIL. Art. 10, dec. 22.610/1933)³⁰⁷. Desde que foram restabelecidas, as condecorações passaram a ser utilizadas pelos diferentes governos da República como forma de estreitar laços com governos estrangeiros

4.2 Brasília recebe o Ministro Che Guevara

Uma multidão havia comparecido, à noite, ao aeroporto de Brasília para receber Che Guevara, no dia 18 de agosto de 1961 (Rojo, 1983, p.131). O voo atrasou e a massa dispersou, ficando porém, os mais resistentes. O Comandante Guevara desembarcou do *Britânia*, da Companhia Cubana de Aviação, com uma comitiva de 50 pessoas, sendo recebidos pelo Encarregado de Negócios de Cuba no Brasil, Hélio Harmentegge, que os conduziu, imediatamente, para o *Brasília Palace Hotel* (*A Noite*, 19/08/1961, p.5).

Era um sábado e Brasília estava nublada naquele dezenove de agosto de 1961, confundindo-se com a nebulosidade de uma crise política que se avizinhava. Carlos Lacerda acabara de deixar a capital, rumo à Guanabara, onde, em ato de homenagem, entregou as chaves da cidade a Manoel Antonio de Varona, opositor do regime cubano³⁰⁸. Lacerda havia passado a noite em conversas com o presidente e o ministro Oscar Pedroso Horta, sendo convidado, conforme denunciou, para um golpe que implantaria um "estado de exceção" no Brasil (LACERDA, 1987, pp. 297-298)³⁰⁹.

Pela manhã, no Palácio do Planalto, encontravam-se o Presidente Jânio Quadros, a Guarda Presidencial, alguns funcionários e assessores. O ar era rarefeito naquela região seca

³⁰⁷ Não aprofundi os estudos sobre quem foram os chefes de Estado condecorados por Getúlio Vargas por fugir ao objeto da minha pesquisa.

³⁰⁸ Lacerda escreveu, em seu *Depoimento*, que sua chegada a Brasília na mesma ocasião que Che Guevara não teve nenhuma relação com a presença do líder guerrilheiro, sendo apenas coincidência (1987, p.294).

³⁰⁹ Conforme relatou Lacerda, ele teve uma primeira conversa com Jânio, muito rápida e evasiva. O presidente, então, pediu-lhe que se dirigisse à residência do ministro da justiça, Pedroso Horta, onde ficou até por volta das 5:00 horas da manhã. Ao retornar ao Palácio para falar novamente com o presidente, o funcionário disse que Jânio estava dormindo e entregou a Lacerda a valise que havia deixado no quarto de hóspedes. Dirigiu-se, então, para o aeroporto e embarcou de volta ao Rio de Janeiro (LACERDA, 1987, pp.283-316). No relato, Lacerda dá a entender que chegara a Brasília no dia 19 pela manhã (1987, p.294), enquanto a imprensa divulgou seu desembarque às 20:10 h do dia 18/08 (*O Estado de São Paulo*, 20/08/1961, p.3)

do Planalto Central. Às sete horas da manhã, sempre disciplinado em termos de horário³¹⁰, chegou à porta do Palácio do Planalto o comandante de uma das colunas guerrilheiras de *Sierra Maestra*: Che Guevara. Fez passagem às tropas, seguindo o rito de visitantes em missão oficial.

As fotografias documentaram esses momentos históricos relevantes, atestando "a existência de um passado vivido, mas o [fazendo] por meio de certa linguagem e por ações codificadas" (MAUAD, 2013, p.439). A memória iconográfica constitui-se em importante fonte histórica, à medida que, por meio de fotos, podem ser reveladas representações do fato ou mesmo das relações sociais existentes no momento em que fatos e pessoas foram documentadas.

Conforme transparece nas fotos relativas à visita de Che, soldados o acompanharam por todo o ritual. O sol de Brasília aquecia os uniformes e os pensamentos daqueles que, até o momento só tinham visto o guerrilheiro pelas páginas dos jornais ou nas raras notícias do rádio, pois a televisão ainda era instrumento que diferenciava as classes sociais. Ao longo do percurso: seguranças pessoais e da Presidência da República, além de assessores.

Figura 25 - Bandeira brasileira agita-se com a passagem de Che



Fonte: Domínio público. Disponível em: < <https://www.google.com.br/search?q=che+guevara>>, acesso, em 10/05/2016.

³¹⁰ Todos os biógrafos dele afirmaram que sua pontualidade e responsabilidade eram inigualáveis. Ao ponto de, por exemplo, ir para reuniões sozinho porque sua equipe não havia acordado (TAVARES, 2013).

Uma outra impropriedade histórica, que as imagens ajudam a desconstruir, foi o boato, transformado em fato, de que nenhum militar compareceu à cerimônia de outorga da homenagem a Ernesto Guevara, que afinal se apresentava na condição de Ministro de Estado. O jornal *Estado de São Paulo*, em edição do dia 20 de agosto de 1961, por exemplo, afirmou que nenhum oficial teria "comparecido à cerimônia em que o sr. Guevara foi condecorado":

Alguns militares, principalmente das altas patentes, ameaçaram entregar os cargos. Nenhum general, mesmo nacionalista, ficou no Palácio do Planalto para testemunhar aquele fato histórico. Quanto ao descontentamento de círculos militares, desmentido oficialmente, são apontados vários indícios de sua existência, como seria a circunstância de nenhum oficial ter comparecido à cerimônia em que o sr. Guevara foi condecorado. Nem mesmo o general Pedro Geraldo de Almeida, chefe da Casa Militar, ali esteve - parecendo essa ausência bastante sintomática, pois sempre foi assíduo a tais cerimônias. (*O Estado de São Paulo*, 20/08/61, p. 03)

A notícia sobre os militares seria o efeito argentino? Quando os jornais, dias antes, anunciaram que, na Argentina, as Forças Armadas reagiram contra o encontro de Frondizi com Che Guevara, possivelmente estariam criando as condições para uma atitude semelhante no Brasil? "Oficialmente", a notícia foi desmentida, mas os jornais, continuaram reforçando, mesmo contrariando o informe oficial, a existência de uma posição militar de hostilidade ao governo cubano.

Figura 26 - Oficial ao lado de Che Guevara



Fonte: Domínio público. Disponível em: < <https://www.google.com.br/search?q=che+guevara>>, acesso, em 10/05/2016.

Figura 27 - O planalto em prontidão



Fonte: Domínio público. Disponível em: < <http://www.jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/brasilia-assombrada/che-guevara-no-palacio-do-planalto-2/>>, acesso em 10/05/2016.

As imagens, nas figuras (25 e 26), registraram, além do vazio daquela manhã seca em Brasília³¹¹, a presença de, pelo menos, um oficial no ato prévio em que Che Guevara ouviu a execução do Hino e prestou homenagem à Bandeira, símbolos nacionais.

Figura 28 - Che de frente ao militar

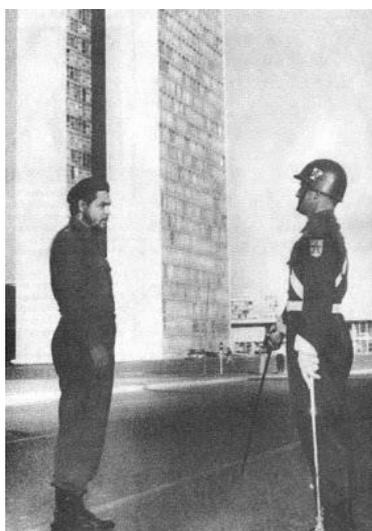


Foto: Domínio público. Disponível em: < <https://www.google.com.br/search?q=che+guevara>>, acesso, em 10/05/2016.

Na figura 28, o Comandante Che Guevara para em frente ao soldado da Guarda Palaciana, que lhe apresenta as armas. Ao fundo, o imponente monumento projetado por Oscar Niemayer, o Congresso Nacional, cujo luxo e privilégios eram rejeitados pelo Ministro

³¹¹ O então prefeito de Brasília, Paulo de Tarso (PDC), relatou que o esvaziamento deveu-se ao horário, definido propositadamente por Jânio, para ser discreto. (Programa *Provocações*, 2012)

da Indústria de Cuba. Nos dias que seguiram à vinda de Che, a pauta de debates no parlamento brasileiro acalorou-se com o tema da condecoração.

O uniforme verde-oliva, coturnos³¹² e a boina característica de sua personagem, que anteriormente haviam impactado a Conferência de Punta del Este, impactaram, igualmente, a elite conservadora brasileira, acostumada com o colarinho branco e o típico terno dos adaptados ao sistema. A indumentária do Che ministro conjugava-se com a barba que mantinha, não tão grande quanto na *Sierra*, mas ainda suficiente para remeter à imagem do guerrilheiro e comandante do exército rebelde. O clima mais ameno, porém seco, de Brasília daria uma trégua à crise de asma que o obrigara a tratamento intenso durante a sua estada em Punta del Este.

Figura 29- Em revista à Guarda Presidencial



Foto: Domínio público. Disponível em: < <https://www.google.com.br/search?q=che+guevara>>, acesso, em 10/05/2016.

Despido da boina (figura 30) que marcava definitivamente sua imagem, as palavras de Che confirmavam a personalidade que o havia feito ministro. Ao dizer "como *revolucionário* (grifo nosso), estou profundamente honrado com esta distinção do governo e do povo brasileiro", Guevara reforçava uma identidade por meio da qual sentia-se reconhecido. Para ele, ser ministro era passageiro: "vamos ficar cinco anos aqui e depois vamos embora. Com cinco anos a mais, ainda podemos fazer uma guerrilha" (GUEVARA, apud MAHAJO, 2013,

³¹² Nome comum utilizado, geralmente, por militares para calçados de cano longo (= botas).

p. 335). A natureza revolucionária absorvia-lhe de corpo e alma; a luta guerrilheira era seu “ministério” preferido.

Antes de iniciar o ato de entrega da medalha, os olhares de Che e Jânio entrecruzam-se numa conversa reservada que, somente os dois, poderiam narrar. A cerimônia teve início no Salão Verde do Palácio do Planalto. À frente do presidente brasileiro, de pé, apresentava-se o símbolo de uma época, representante de uma luta de libertação responsável por reinventar o marxismo para a América Latina e recolocar na ordem do dia, a luta armada como possibilidade para a tomada do poder político.

Figura 30 - Ministro ou guerrilheiro?



Foto: domínio público. Disponível em: <<http://luizcarlos2012.blogspot.com.br/2012/07/che-guevara-e-brasileiros-registros.html>>, 10/05/2016.

O ritual preliminar durou pouco tempo. O *Jornal do Brasil* publicou que "Che Guevara recebeu a Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul envergando a farda da Revolução Cubana"(21/08/1961, p.3). Entre tantos relatos, o assessor de imprensa da Presidência da República, Carlos Castello Branco, em sua obra *A renúncia de Jânio*, descreveu como foi aquele momento histórico. Testemunha ocular dessa história, ele esteve presente no dia da condecoração, o que não isentou, contudo, de uma narrativa de conteúdo explicitamente ideológico. Segundo o relato do jornalista:

Jânio saudou rapidamente o ministro revolucionário de Cuba, que, em uniforme simples, cansado e sonolento - viajava de avião a noite inteira - parecia não estar à vontade na cerimônia. O presidente passou-lhe o colar pelo pescoço e entregou-lhe a

caixa com diploma e medalha. Guevara agradeceu em poucas palavras. Depois, houve um silêncio constrangido. Jânio convidou o ministro a entrar no gabinete e já se moviam, quando o presidente, percebendo o sem-jeito do agradecido, voltou-se para o chefe do Cerimonial, Macedo Soares, e disse-lhe:

- Ministro, tire isso do Guevara.

O colar foi retirado e posto na caixa. (CASTELLO BRANCO, 1996, p.61)

O major Milton Câmara Sena e membros da Casa Militar, narrou ainda o assessor de Jânio, ficaram descontentes com o ato do Presidente e o reprovaram. O major tinha em sua ficha a recusa de participar o golpe de 11 de novembro de 1955, após ter sido convencido por Lott. A determinação pareceu estremecer as relações no interior do governo, com esse grupo das Forças Armadas (CASTELLO BRANCO, 1996, p.61). A decisão já havia sido tomada há um tempo, pois fora entregue a "um oficial de gabinete" uma nota para ser divulgada à imprensa, na qual informava a intenção do governo em condecorar Guevara³¹³:

O general Pedro Geraldo percebeu, desde o primeiro momento, as dificuldades que a condecoração de Guevara criaria. Certa manhã, ao chegar ao Palácio, encontrei recado do presidente, para que comparecesse com urgência ao seu gabinete. Fui lá, mas já não era preciso. Queria a divulgação imediata e por todos os meios de uma pequena nota, que entregara pouco antes a um oficial de gabinete. A nota dizia que o presidente da República decidira condecorar com a Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul o ministro Ernesto Che Guevara, de Cuba, no sábado seguinte, quando passaria ele por Brasília, de volta da Conferência de Punta del Este.

Encontrei o general Pedro Geraldo e dei-lhe a notícia.

- Não é possível, você não vai publicar isso, disse.

- Já está nas estações de rádio, respondi.

O general preocupou-se:

- Vai dar encrenca. (CASTELLO BRANCO, 1996, p. 60).

A narrativa do chefe da imprensa de Jânio desafiou outras versões que afirmaram ter sido uma decisão de "última hora" do Presidente. Acreditava-se, portanto, que os círculos militares já sabiam da decisão de Jânio de conferir a Che Guevara tal homenagem. O gesto de Quadros ficou marcado, definitivamente na história da República. Parecendo confuso e atônito, pois sairia logo em seguida para uma inauguração no Espírito Santo, Jânio atrapalhou-se ao tentar prender a insígnia no uniforme de Che Guevara. Nos círculos diplomáticos, um alvoroço tomou lugar.

O fato foi notícia na imprensa burguesa, que pareceu confusa com a demonstração de independência janista com relação à política externa. Tanto nas manchetes quanto no corpo das matérias, o tom raivosos dos jornais contrastava com um certo ar de descrença da própria realidade com que se deparavam. A mesma imprensa que, poucos dias antes, exaltava a

³¹³ O próprio decreto, conforme a epígrafe mostrou, fora publicado no dia anterior ao ato.

iniciativa norte-americana de agraciar a América Latina com a *Aliança para o Progresso*, passou, imediatamente, a criticar o ato do Presidente.

Dezenas de pessoas e jornalistas testemunharam a entrega da condecoração à Che Guevara. Jânio havia permitido que os fotógrafos pudessem se aproximar até dois metros do local da entrega da medalha (*Folha de São Paulo*, 20/08/1961, p.1).

Figura 31 - Olhares atentos dos que assistiram à cerimônia



Fonte: Domínio público.

Disponível em: <<http://luizcarlos2012.blogspot.com.br/2012/07/che-guevara-e-brasileiros-registros.html>>, 10/05/2016.

O presidente Jânio Quadros saudou o ministro Guevara e colocou a comenda, afirmando:

Ministro Guevara: v. exa. manifestou em varias oportunidades o desejo de estreitar relações econômicas e culturais com o governo e povo brasileiros. Esse é o nosso propósito também. E é a deliberação que assumimos no contato com o governo e o povo cubanos. E para manifestar a V. Exa., ao governo de Cuba e ao povo cubano, nosso apreço, nosso respeito, entregamos a V. Exa. esta alta condecoração do povo e governo brasileiros. (*Folha de São Paulo*, 20/08/1961, p.1)

Ao receber a homenagem, o líder revolucionário³¹⁴ afastou os propósitos personalistas que pudessem emergir daquele ato ao declarar:

Sr. presidente: como revolucionário, estou profundamente honrado com esta distinção do governo e do povo brasileiro. Porém, não posso considerá-la nunca como uma condecoração pessoal, mas como uma condecoração ao povo e nossa revolução, e assim a comunicarei com as saudações desse povo que V. Exa. pessoalmente representa. E a transmitirei com todo o desejo de estreitar as nossas relações. (*Folha de São Paulo*, 20/08/1961, p.1)

³¹⁴ O jornal *Folha de São Paulo* também utilizou esse termo para referir-se a Che Guevara.

Na qualidade de representante cubano, agradeceu a "homenagem" e, com palavras gentis, dedicou-a a quem ele acreditava ser o verdadeiro dignitário daquela honraria: o povo de Cuba. Ele mesmo afirmara que ali estava como "revolucionário". Neste sentido, como forjara-se, afinal, essa pessoa que Jânio Quadros, contraditoriamente³¹⁵, homenageou? O rigoroso argentino Ricardo Rojo dá uma resposta:

A intransigência de Guevara era total para a cobiça, a paixão desenfreada por acumular riquezas, a avareza. Sonhara sempre com uma sociedade onde cada um ganhasse o pão com o próprio trabalho, dando o melhor de si mesmo. Caminhara pela América Latina apenas com a roupa do corpo, trabalhando naquilo que a ocasião oferecia, recebendo em troca apenas o indispensável para viver. Parecia incrível, mas não aspirava a outra coisa. Tinha um espírito comunista primitivo e cristão, o que o fazia querer repartir naturalmente com seus irmãos o que ganhava com o seu trabalho. (1983, p. 97)

Dessa vez, despido da boina que o ajudou a constituir sua imagem para o mundo, Che Guevara recebia o reconhecimento brasileiro pelos serviços prestados a seu país. Seria este um reconhecimento pela batalha na Praia Girón ou pela denúncia, em Punta del Este, de que aquela conferência visava distribuir recursos para construir "latrinas"?³¹⁶ O que quer que passasse pelos pensamentos do Guerrilheiro/Ministro, o Brasil não mais seria o mesmo e fatos que se sucederiam à condecoração teriam lugar de destaque. Tanto é verdade que a ditadura militar apenou-se ao tentar revogá-la.

Figura 32 - Jânio fixa a insígnia no uniforme de Guevara



³¹⁵ O advérbio justifica-se pelas afirmativas recorrentes de Jânio Quadros contrária ao comunismo e aos comunistas.

³¹⁶ "(...)me da la impresión de que se está pensando en hacer la letrina como cosa fundamental." Trecho do discurso de Che Guevara em Punta del Este, 08/08/1961. "Tenho a impressão de que se esteja pensando em construir latrinas como algo fundamental" (tradução do autor).

Fonte: Domínio público. Disponível em: <<http://luzcarlos2012.blogspot.com.br/2012/07/che-guevara-e-brasileiros-registros.html>>, 10/05/2016.

As imagens acima guardam um significado inquestionável. A iconografia, como registro histórico, revela, também aqui, não só valores de uma época, uma cultura (Paiva, 2006), mas também cenários e atores. As imagens democratizam, assim, a leitura, pois conferem liberdade à subjetividade, permitindo, por consequência, variadas interpretações embora ilustrando, de forma objetiva, ações e presenças.

Permitem, ainda, indagar sobre as ausências. Neste caso, do vice-presidente da República, João Goulart, em missão aos países socialistas do Leste e da Ásia, por designação do presidente Jânio Quadros. No plano político-ideológico, as ideias de Goulart estavam bem mais próximas daquelas defendidas por Che Guevara do que as desenvolvidas por Quadros, que oportunizou-se da situação que ele mesmo criara.

Figura 33- A faixa é colocada em Che



Fonte: Domínio público. <<http://historiaporimagem.blogspot.com.br/2011/10/o-presidente-janio-quadros-condecorando.html>>, acesso em 10/05/2016.

Che acompanhou, atento, cada gesto de Jânio. O Presidente brasileiro ainda contou com a colaboração de assessores para colocar a faixa no Comandante-Ministro. Nos ombros do líder cubano, repousou a faixa que sustentava a medalha da condecoração oferecida por Jânio. No peito, a insígnia era fixada pelas mãos do próprio Presidente, com um cuidadoso gesto de anfitrião. Enquanto isso, "no Rio de Janeiro e em São Paulo, as massas lançaram-se às ruas. Traziam grandes retratos de Che e bandeiras de Cuba", afirmou Ricardo Rojo (1983, p.130).

Sempre ativo, sem jactância, com muita polidez e diplomacia, o ministro Guevara retribuiu o sorriso de Jânio e estendeu a mão ao Presidente e, através dele ao Brasil. Jânio e

Che Guevara apertavam a mão no gesto característico de amizade, traduzindo a aproximação entre os dois países e demonstrando ao mundo que Cuba não estava sozinha no sistema interamericano. Afinal, o maior país das Américas estendia a mão para o amigo que pretendia derrubar o poderio norte-americano, condecorando o único delegado a não assinar a *Aliança para o Progresso*. O que, nos bastidores, explicava o gesto, entretanto, permanece sendo objeto de disputas explicativas.

Figura 34 - Um gesto de amizade



Fonte: Disponível em:< <http://www.historiaillustrada.com.br/2014/03/fotos-de-che-guevara-no-brasil-o.html>>, acesso em 10/05/2016.

O Presidente Quadros, vestindo um terno básico, pousou para as fotos, apertando a mão de Che, um ato que traria forte desassossego ao conservadorismo moralista, invocado reiteradas vezes pelo próprio Jânio em sua campanha eleitoral. Ao redor, um contingente formado por homens de terno e gravata, de rosto raspado, contrastam com o convidado em uniforme verde-oliva e a tradicional barba por fazer. O sorriso, porém, sincero ou não, transparece em muitos rostos.

Alguns autores relatam a existência de um certo "mal estar" no ato. Castello Branco, assessor de imprensa de Jânio, afirmou em seu livro *A renúncia de Jânio* que houve um constrangimento tal que Jânio imediatamente pediu ao chefe do Cerimonial, Macedo Soares³¹⁷: "- Ministro, tire isso do Guevara" (1996, p.61). A imagem, estática, não permite, porém, visualizar o tal constrangimento mencionado pelo porta-voz do Presidente. Sabe-se,

³¹⁷ José Augusto Macedo Soares era Ministro do Itamaraty.

entretanto, o quanto Guevara era avesso a honrarias, o que se expressou, diplomaticamente, em sua frase de agradecimento.

Terminada a solenidade, o líder cubano concedeu rápida entrevista à imprensa, no hotel em que estava hospedado, versando sobre os motivos da visita. Ele respondeu que era de "cortesia". Sob o olhar atento de sua segurança pessoal³¹⁸, o comandante Guevara explicava aos jornalistas que não assinou a carta de Punta del Este porque Cuba fora excluída da *Aliança para o Progresso*. Ao regressar a Cuba, em entrevista à TV, Guevara explicou a conversa com o presidente brasileiro:

Quadros já anunciou os resultados dessa conversa, reafirmando a posição do Brasil de apoio decidido a Cuba, de apoio à autodeterminação dos povos. Falamos algo da missão econômica que está neste momento em Cuba, e da decisão do governo brasileiro de chegar a um acordo rápido para iniciar nosso comércio que, todavia, não foi iniciado. E, em comprovação de afeto a nosso governo, não se pode dizer nem sequer afeto pessoal, e sim ao governo cubano, deu-nos a mais alta condecoração brasileira (GUEVARA, apud BOTEGA, 2011, p.13. Tradução nossa).³¹⁹

Após a conferência com a imprensa, Che foi levado para a residência do prefeito de Brasília³²⁰, Paulo de Tarso³²¹, onde almoçou. O democrata cristão ciceroneou Guevara, levando-o para um passeio de avião pela cidade, até retornar ao aeroporto, onde dez deputados aguardavam o líder revolucionário³²².

³¹⁸ Os seguranças de Guevara ficaram mais atentos, pois havia dois agentes secretos da polícia brasileira, disfarçados de representantes das Ligas Camponesas monitorando as perguntas dos repórteres. (*Folha de São Paulo*, 20/08/1961, p.1)

³¹⁹ Texto original: "Quadros ya ha anunciado los resultados de esa conversación, donde hizo más que reafirmar la posición del Brasil de decidido apoyo a Cuba, de apoyo a la autodeterminación de los pueblos. Hablamos algo de la misión económica que está en este momento en Cuba, y de la decisión del gobierno brasileño de llegar a un acuerdo rápido para iniciar nuestro comercio que todavía no ha empezado. Y en testimonio de afecto a nuestro gobierno, no se puede decir ni siquiera afecto personal, sino al gobierno cubano, nos dio la más alta condecoración brasileña".

³²⁰ O cargo de prefeito de Brasília era ocupado por nomeação. Criada pela Lei nº 3.751 de 13 de abril de 1960, a Prefeitura do Distrito Federal teve seu primeiro Prefeito o então Presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil -Novacap - , Israel Pinheiro da Silva. A Emenda Constitucional nº1, de 17 de outubro de 1969, determinou que o Distrito Federal seria dirigido por governadores.

³²¹ Paulo de Tarso é mineiro de Araxá, nasceu em 12/01/1926, formou-se em direito pela USP e mora, atualmente em São Paulo. Filiou-se ao Partido Democrata Cristão (PDC) e apoiou Jânio Quadros para a prefeitura de São Paulo, contra Ademar de Barros. Esteve em Cuba na comitiva de Jânio, por quem foi nomeado prefeito de Brasília, quando era Deputado Federal. Foi Ministro da Educação de João Goulart e, após o golpe, teve o mandato cassado na ditadura. CPDOC-FGV.

³²² Segundo o ex-prefeito Paulo de Tarso, em entrevista ao programa *Provocações*, ao avistar a Embaixada dos Estados Unidos, Che perguntou: "- porque é tão pequena?". O prefeito explicou que ainda estava em construção. (*Provocações*, 2012).

Uma acentuada campanha contra o ato de Jânio Quadros agravou a crise iniciada pelos setores reacionários ligados à UDN e círculos militares. Por outro lado, a homenagem feita por Lacerda ao contrarrevolucionário cubano Manoel Varona não alcançou a mesma repercussão. Associando-se às análises dos capítulos anteriores, evidenciei que Kennedy havia utilizado os jornais como estratégia argumentativa para convencer Clemente Mariani de que o sistema interamericano estaria "ameaçado" em virtude da posição "neutra" assumida pelo Brasil. Por esta perspectiva, a partir publicação das imagens da condecoração, o presidente norte-americano teve outras notícias em suas mãos para utilizar, conforme a conveniência do jogo de forças apresentado. Do outro lado do mundo, possivelmente, Krushev estava tendo acesso às mesmas imagens e notícias.

No plano das representações políticas, Brasil e Cuba estreitavam laços de amizade em meio à Guerra Fria, cujo acirramento das tensões resultou na construção do Muro de Berlim dias antes da visita do ministro cubano. Jânio Quadros, aparentemente, contrariava a direita reacionária, a CIA e os monopólios contra quem Che Guevara lutava. Naquele mesmo mês de agosto de 1961, uma missão comercial brasileira desembarcava em Havana, para tratar de assuntos comerciais em relação ao café, cujos preços despencavam no mercado internacional.

O Brasil aproximava-se também da África, cujos movimentos de libertação levavam à independência frente às metrópoles europeias. No mesmo *Diário Oficial*³²³, de 18 de agosto de 1961, outras nove condecorações foram publicadas, na mesma página. Nenhuma causou tanta polêmica quanto aquela concedida ao Ministro da Indústria de Cuba: Ernesto Guevara. O presidente e o ministro das relações exteriores condecoraram os seguintes líderes: com o grau *Grande Colar*, já que eram Chefes de Estado³²⁴: "Sua Excelência Léopold Sédar Senghor, Presidente da República do Senegal"³²⁵; "Sua Beatitude Arcebispo Makarius, Presidente da República do Chipre"³²⁶; "Sua Excelência o Senhor Osagyefo"³²⁷ Doutor Kwame

³²³ Ainda não era DOU (Diário Oficial da União), mas simplesmente "Diário Oficial", regulamentado pelo Decreto 46.237 de 18/06/1959, por Juscelino Kubitscheck.

³²⁴ Ver D.O. na página 214.

³²⁵ Senegal acabara de conquistar a independência, de cuja luta Senghor (1906-2001) fora um dos protagonistas, elegendo-se sucessivamente até 1980. Senghor era defensor do socialismo em estilo africano.

³²⁶ Makarius III (1913-1977), cujo nome era Michail Christodoulou Mouskos, havia conquistado a liberdade do reino britânico em 1960. Foi arcebispo católico da Igreja Ortodoxa em seu país. Governou o Chipre entre 1960 e julho de 1974 e de dezembro de 1974 a 1977.

³²⁷ *Osagyefo* significa líder vitorioso, "redentor". Nkrumah (1909-1972) recebeu esse título após a guerra vitoriosa que libertou Gana do colonialismo do Reino Unido. Ele também recebeu, em 1962, o *Prêmio Lênin da Paz*. Governou Gana, após a luta de libertação, de 1960 até 1966, quando sofreu golpe de Estado.

Nkrumah, Presidente da República de Gana"; "Sua Excelência Nnamdi Azikiwe, P. C., Governador Geral e Comandante em Chefe da Federação da Nigéria"³²⁸.

Outras autoridades internacionais, cujas honrarias foram publicadas no mesmo Diário Oficial do dia 18 de agosto, receberam a mesma distinção de Che Guevara, a *Grã-Cruz*: "Sua Excelência o senhor Doutor Kojo Botsio, Ministro da Agricultura da República de Gana"³²⁹; "Sua Excelência o Senhor Doutor Tawiah Adamafio, Ministro de Assuntos Presidenciais da República de Gana"³³⁰; "Sua Excelência o Senhor Doutor Saéb Salam, Presidente do Conselho de Defesa Nacional da República Libanesa"³³¹; "Sua Excelência o Senhor Doutor J.K. Nyerere, Primeiro Ministro da Tanganika"³³²; "Sua Excelência o Senhor Mamadou Dia, Presidente do Conselho de Ministros da Defesa da República do Senegal"³³³.

Quatro dias antes de renunciar, o *homem da vassoura* concedeu mais algumas condecorações. A *Grã-Cruz* foi outorgada à Sua Excelência, Sr. Maurice Dorman, Governador-Geral de Serra Leôa; a Sir Richard Turnbull, Governador de Tanganika; ao Sr. Doutor Fazil Kotchuk, Vice-Presidente da República do Chipre; Sir Abubaka Taiawa Baiewa, Primeiro-Ministro da Federação da Nigéria; Sua Excelência Akim-Dako, Ministro da Agricultura da Federação da Nigéria; Sua Excelência Milton Margal, Primeiro Ministro de Serra Leôa. A classe de Grande Oficial foi outorgada a Mohamed Ali, então Ministro Conselheiro da Embaixada da República Árabe Unida no Brasil. Recebeu ainda o Grau de Grande Oficial o Professor Quintino Minzoja, cientista italiano.

Na ocasião, chegava também ao Brasil, a "Missão da Boa Vontade" da Nigéria, com uma delegação composta por treze pessoas. Os nigerianos traziam, além do conhecimento histórico sobre o Brasil, uma proposta de comercialização do cacau, seu principal produto de

³²⁸ Benjamim Nnamdi Azikiwe (1904-1996) tornou-se Governador Geral em 1960 e três anos depois, o primeiro Presidente da Nigéria livre, sendo deposto por golpe de Estado em 1966.

³²⁹ Botsio (1916-2001) também foi Ministro da Educação e das Relações Exteriores de Gana, no governo de Kwame Nkrumah.

³³⁰ Tawiah Adamafio Membro do Partido da Convenção Popular, ligado ao governo de Nkrumah.

³³¹ Salam (1905-2000) foi Primeiro-Ministro do Líbano alternando o mandato em seis momentos diferentes no interregno de 1952 até 1973. Foi considerado uma das maiores mentes libanesas em propaganda, construindo frases de impacto. Atuou como liderança incontestada no país e teve proximidade com Gamal Nasser.

³³² Julius Kambarage Nyerere (1922-1999) obteve o pioneirismo pelos estudos em universidade britânica. A Tanganika foi colônia da Alemanha até a Primeira Guerra, após o quê passou ao jugo britânico. Nyerere foi Presidente da Tanzânia, fusão da Tanganika com Zanzibar. Em 1985-1986 recebeu o Prêmio Lênin da Paz.

³³³ Dia (1910-2009), como era chamado, serviu ao governo de Senghor até 1962, quando foi preso acusado de planejar um golpe.

exportação. Assim como o café, o cacau estava com preços oscilantes no mercado internacional e a Nigéria propôs um acordo de estabilização dos preços ao governo brasileiro. Diferente das representações em relação a Che Guevara, *A Noite* noticiou a visita da missão nigeriana com elogios, que incluíam os trajes portados pela delegação:

Exibindo seus vistosos trajes regionais, desembarcou ontem pela manhã no aeroporto internacional do Galeão, a "Missão da Boa Vontade" da Nigéria, chefiada pelo ministro da agricultura daquele país, Sr. Akin Deko e integrada por treze delegados, acompanhados alguns por suas espôsas. A delegação foi recebida pelos senhores Arnaldo Taveira e Carlos Brandão, da CACEX e Alcides Osório, do Ministério da Agricultura e Narbal Lehmkuht, do Itamarati. (*A Noite*, 21/08/1961, p.3)

A delegação da Nigéria chegou primeiro ao Rio de Janeiro para, em seguida, seguir para Brasília. Os encontros entre os respectivos Ministros da Agricultura selariam um novo acordo entre os dois países para resguardar formas de comercialização.

Muitos países africanos encontravam-se, em 1961, libertos do jugo colonialista e buscavam, por meio das relações internacionais, mecanismos que assegurassem o seu desenvolvimento econômico. O Brasil, por sua vez, observador em Bandung e inscrito como observador para Belgrado, tinha interesse em ampliar as relações comerciais, por vários motivos, dentre os quais podem ser destacados: 1- a crise do capitalismo internacional; 2- a falta de segurança que os Estados Unidos pudessem suprir as necessidades do mercado brasileiro; 3- oportunizar-se da bipolaridade para ampliar mercado, prevendo negociações favoráveis nas contrapartidas. A África, recém-libertada, representava uma excelente via para a expansão do mercado brasileiro, em termos muito mais apreciáveis do que as nações centrais, como os Estados Unidos, que impunham elevadas taxas de juros, além de medidas capitalistas impopulares³³⁴.

Em termos quantitativos, um levantamento realizado por mim nos arquivos do Itamarati apontou as seguintes outorgas de condecorações³³⁵ no ano de 1961:

³³⁴ Para uma análise sobre as relações do Brasil com o mundo ágio-africano, ver: MENEZES, 2012.

³³⁵ Apuração realizada pelo autor a partir das informações contidas nos documentos disponíveis no Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores/Brasília.

Quadro 3

Condecorações concedidas em 1961					
Argentina	41	Grã-Bretanha	1	Peru	12
Áustria	1	Grécia	2	Polônia	4
Chile	7	Irã	1	RAU	1
Chipre	2	Itália	5	Senegal	2
Colômbia	1	Japão	1	Serra Leoa	2
Cuba	1	Líbano	2	Suécia	1
EUA*	1	México	1	Tanganika	2
França	4	Nigéria	3	URSS	9
Gana	3	Países Baixos	1	Uruguai*	1

TOTAL	112
-------	-----

* Após a renúncia de Jânio Quadros

O quadro acima, com o quantitativo de condecorações, permite uma melhor compreensão sobre a concessão de tais homenagens pelo governo brasileiro. Durante o governo de Jânio Quadros, a Argentina teve o maior número de pessoas condecoradas, num total de 41, seguida do Peru, com 12 honrarias. Ao todo, foram vinte e cinco países cujos líderes receberam condecorações em sete meses de governo. Desses, um terço foi para representantes que desempenharam papel de destaque nas lutas anticolonialistas das nações africanas. Considerei, pelo tempo de mandato de Quadros, que o mesmo outorgou uma quantidade razoável de homenagens. Ao utilizar a outorga de honrarias como um elemento para ratificar a política externa independente, o presidente Jânio mantinha uma aproximação com o Terceiro Mundo, principalmente a África, buscando repercutir na América Latina como liderança continental³³⁶.

O tom das críticas à condecoração de Che Guevara parecia exagerado. Seria um sentimento anti-cubano? Ou anticomunista? O que causava tanto ódio nos setores conservadores? De qualquer forma a história da América Latina e do Brasil, em particular, vem demonstrando que pessoas ou governos identificados com medidas populares tendem a provocar manifestações de ódio nas classes dominantes. Quando a revolução está em pauta, ao que parece, o ódio tende a aumentar. As reações conservadoras, entretanto, foram de tal

³³⁶ No mandato do Presidente João Goulart, esse número de condecorações duplicou, sendo Portugal e Polônia os que tiveram maior quantidade de agraciados, com mais de cinquenta pessoas condecoradas por cada país. O presidente da Iugoslávia, Marechal Tito (1892-1980), foi condecorado com o Grande Colar, por Goulart, em setembro de 1963.

intensidade que puderam confirmar, como antítese, a força da Revolução Cubana e sua relevância para a América Latina.

A questão que se colocou, entretanto, nesse aspecto das reações extremadas, foi o fato de que a única polêmica histórica, registrada contra a concessão da comenda, ter ocorrido em relação ao líder revolucionário cubano. Por essa ótica, seria um jogo de encenação? Com João Goulart distante³³⁷, Jânio ocupou todo o espaço político do governo. As críticas contundentes fariam a esquerda entender como uma ruptura do presidente com os setores reacionários, o que poderia levá-la a apoiá-lo em seus objetivos bonapartistas³³⁸.

Che era tão mais importante no cenário internacional, que nunca a direita conservadora reclamou do fato do presidente ter em seu gabinete a foto de Abdel Nasser, o líder egípcio responsável pela derrota de ingleses e franceses na nacionalização do Canal de Suez. Jânio guardava tanta admiração ao Presidente do país da África Setentrional que mandou fazer um uniforme semelhante ao de Nasser para ser usado pelo funcionalismo público. Che representava, portanto, uma ameaça muito maior e mais próxima; um perigo real, diriam os reacionários³³⁹.

As divergências em relação à condecoração somaram-se à crise política que envolvia o Presidente Jânio Quadros e o Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, que havia se tornado o principal opositor ao governo. Lacerda foi aumentando o tom das críticas à política externa de Quadros durante aquele mês, marcado pela disputa de Berlim e pela *Aliança para o Progresso*. Em uma de suas falas, o governador declarou:

- Não dou a menor importância às medalhinhas que se dão a caixeiros viajantes soviéticos - disse do Governador, referindo-se à concessão da Ordem do Cruzeiro do Sul, pelo Presidente da República, ao chefe da Missão Comercial soviética. - Quem me considera direitista ou reacionário por isso são os homens que se preocupam muito com a autodeterminação do Congo belga e nada com a autodeterminação de Berlim. Não é certo que o Presidente esteja fazendo exatamente o que prometeu antes de ser eleito; ele prometeu reatar relações com todos os países do mundo, o que é bom, mas não prometeu tratar melhor a URSS que os nossos aliados, como está fazendo. A idéia de que é bonito ser contra os grupos econômicos dá em que se é contra um regime garantido pela Constituição. Ainda não somos um país socialista. Se os que foram eleitos por industriais e banqueiros, apoiando o atual regime, querem modificar a Constituição depois de eleitos, não me culpem por defendê-la. (*JB*, 18/08/1961, p. 4. Grafia original)

³³⁷ Jango estava em Pequim. No dia da condecoração, os jornais noticiaram telegrama de Goulart a Jânio. O *JB* assim noticiou: "Jânio conduz a política externa com patriotismo, disse Goulart em Pequim" (*JB*, 19/08/1961, p.4).

³³⁸ Termo usado por Moniz Bandeira (1979).

³³⁹ O imperialismo e para a burguesia latino-americana a ele associada tinham o Che como um perigo, por sua tese da revolução na América Latina e, fundamentalmente, porque lutou para torná-la real.

A artilharia de Lacerda, portanto, estava apontada para o Leste e para Cuba. O Governador da Guanabara cumpria o papel de manter o anticomunismo aceso na consciência das massas, por meio de mensagens na imprensa, e de sua experiência como jornalista³⁴⁰. Lacerda afirmou que não era contrário a reatar relações com a União Soviética, porém discordava de "tratar melhor" a república socialista. A cobrança política de possíveis apoios financeiros na campanha mostrava que a disposição era usar todas as armas de que dispunha, inclusive lembrar ao Presidente que ele fora eleito com uma generosa ajuda dos liberais.

4.3 Das críticas ao apelo religioso: uma cortina de fumaça?

A expressão "cortina de fumaça" esteve costumeiramente associada a práticas que tentassem encobrir, despistar intenções reais ou iludir adversários. Navios de guerra utilizavam-se desse expediente para encobrir a visão do inimigo. Numa linguagem político-filosófica, a associação pode ser feita com o termo ideologia, considerada, na tradição marxista, como "inversão da realidade" (BOTTMORE, 2001, p. 184). Bobbio, ao tratar das representações políticas, diria que todo poder se cerca de "cortinas fumarentas mais ou menos densas" (1998, p.1105). Nesta perspectiva, tornou-se relevante a análise das alterações de sentido que a imprensa concedeu ao fato da condecoração, incluindo na pauta o apelo religioso.

A presença de Che Guevara foi anunciada pelo jornal *A Noite*, no dia 15 de agosto. Segundo o periódico, a viagem de Guevara ocorreria no dia 16 de agosto. O objetivo seria, conforme anunciado, aproximar laços comerciais:

BRASÍLIA, 15 (Sucursal) - O líder cubano "Che" Guevara é esperado amanhã nesta capital, segundo se informa no Palácio do Planalto. O ministro das Finanças de Fidel Castro vai, então, encontrar-se com o presidente Jânio Quadros, conferenciando sobre as nossas relações com Cuba. Sabe-se que "Che" Guevara pretende incrementar o comércio Brasil-Cuba. Compraria aqui vários produtos que eram fornecidos pelos E.U.A. antes da imposição do bloqueio pelo governo americano. (*A Noite*, 15/08/1961, p. 02)

³⁴⁰ Motta (2000) definiu o ano de 1961 como um marco para o que chamou de "Segundo grande surto anticomunista".

A notícia, portanto, foi veiculada dois dias após a construção do Muro de Berlim³⁴¹. Se Cuba era um "problema" continental, durante o mês de agosto, até a renúncia de Jânio Quadros, os conflitos na Europa dividiram as primeiras páginas dos jornais, particularmente o caso da Alemanha. A bipolaridade apresentava-se, assim, em forma de disputas discursivas pela imprensa.

Che Guevara "não nasceu para ser banqueiro" (CASTAÑEDA, 1997, p. 231), porém sua passagem pelo órgão econômico de Cuba teve uma missão revolucionária. Era um dos melhores nomes da Revolução e o sistema bancário em Cuba estava completamente vinculado à economia capitalista e exploradora. A criação do Ministério da Indústria, com a acumulação de parte das responsabilidades do Banco Nacional, foi uma demanda da dinâmica do próprio processo revolucionário. Defensor da industrialização em Cuba, Ernesto Che Guevara estimulou os debates internos e propôs intensificar intercâmbio externo, principalmente com o mundo socialista. A busca de novos parceiros para trocas comerciais era o caminho para o desenvolvimento econômico cubano. O ano de 1961, porém, começou para Cuba com a declaração do rompimento das relações por parte dos Estados Unidos. A viagem de Che à América do Sul visava, portanto, manter Cuba no sistema interamericano, evitando o isolamento.

Sua chegada no Brasil foi longamente comemorada, como já analisado³⁴². Desde a manhã do dia 18 de agosto, centenas de pessoas aglomeraram-se no aeroporto do Galeão, aguardando o *Britânia*, que traria um dos maiores líderes revolucionários latino-americanos da época. Aos olhos da elite conservadora e da parcela radical da UDN, entretanto, a aeronave que partiu de Montevideú, transportando Guevara e comitiva, parecia um míssil que detonaria a política em solo brasileiro. A visita de Che Guevara foi como jogar mais combustível na fogueira de ódio dos setores conservadores e anticomunistas, contradizendo-se, esses grupos, ao pontuarem a defesa de princípios como "democracia" e "liberdade".

As Forças Armadas, ativas na vida política nacional, sofriam assédio dos jornais pró-imperialistas, que se aproveitavam da ocasião para acirrar mais ainda as contradições entre os militares. Na primeira página de *O Globo*, edição que circulou no dia da condecoração, a

³⁴¹ o que comprova a informação de Carlos Castello Branco, de que Jânio havia divulgado a visita de Che antes mesmo da publicação do decreto da condecoração.

³⁴² Os registros nas biografias de Che Guevara (MAHAJO, 2011; CASTAÑEDA, 1997; ANDERSON, 2012) e no relato de Ricardo Rojo (1983) afirmam que o povo se fez presente em todos os lugares por onde passou Che Guevara, para reverenciá-lo. Os jornais pró-imperialistas afirmavam o contrário ou simplesmente ocultavam essa informação.

manchete no alto da página anunciava: "A visita de Guevara a Frondizi abalou as Fôrças Armadas" [ortografia original]. No corpo da matéria os fatos misturam-se aos boatos:

Segundo afirmaram círculos bem informados, os três Secretários das Fôrças Armadas estariam dispostos a renunciar em sinal de protesto por haver o Presidente Frondizi recebido o Ministro da Economia de Cuba, Ernesto Guevara, em sua residência de Olivos. Embora o Ministro da Defesa, Justo Villar, negasse haver descontentamento nas Fôrças Armadas, em fontes do Govêrno transpirou que o imprevisto encontro de duas horas, ontem, entre Frondizi e Guevara tivera má repercussão entre os militares. (*O Globo*, 19/08/1961, p.1)

A atmosfera da Guerra Fria contribuía para o acirramento das tensões políticas, articulada com um discurso sensacionalista, muitas vezes com tom de dramaticidade. Um dos principais intelectuais do neoliberalismo naquele momento histórico, o jornalista Walter Lippmann assegurava que a notícia não precisava, necessariamente, ser verdadeira (2010, p. 282). No caso da notícia em destaque, identifico pelo menos dois objetivos interligados: 1- tentar criar uma rebeldia nos setores militares brasileiros a partir de um suposto exemplo argentino; e 2- justificar atitudes do meio militar hostis à presença de Che Guevara, da mesma forma utilizando-se o paradigma ocorrido no governo Frondizi.

A reação conservadora revelava a emergência, de forma mais organizada, de um dos principais elementos constitutivos da Guerra Fria: o anticomunismo (TOTA, 2009). Tanto no parlamento quanto na imprensa, o discurso pró-Estados Unidos e anti-União Soviética intensificou-se e ganhou cada vez mais espaço. A Ação Democrática Parlamentar (ADP)³⁴³, grupo de Deputados Federais de vários partidos de direita, lançou um manifesto, lido por seu presidente João Mendes (UDN-BA), no qual reprovava o governo "pela sua contraditória e suspeita posição na política exterior, marcada pelo tratamento melífluo e comprometedor dispensado aos inimigos do regime democrático" (Manifesto da ADP, in *JB*, 22/08/1961, p. 03). A questão internacional revelava-se pauta preponderante naquele momento, no qual os Estados Unidos reforçavam a ideia da bipolaridade mundial.

Ao analisar as fontes, identifiquei palavras que se repetiam, adjetivos usados em relação a Che Guevara. Termos como "apátrida", "aventureiro internacional" e "agitador internacional" eram recorrentes, principalmente usados por alguns parlamentares e parte da

³⁴³ "Bloco interpartidário surgido no primeiro semestre de 1961, com o objetivo de combater a infiltração comunista na sociedade brasileira. Era composto basicamente de parlamentares da União Democrática Nacional (UDN) e, em segundo plano, do Partido Social Democrático (PSD). Congregava também deputados do Partido Republicano (PR), do Partido Social Progressista (PSP), do Partido Democrata Cristão (PDC), do Partido Trabalhista Nacional (PTN), do Partido de Representação Popular (PRP), do Partido Libertador (PL) e um representante do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Fez oposição ao governo do presidente João Goulart (1961-1964) e deixou de existir após a subida dos militares ao poder, em março de 1964. Seu presidente foi o deputado João Mendes, da UDN da Bahia." (LAMARÃO, Sérgio. In: CPDOC-FGV).

imprensa escrita³⁴⁴. As formas linguísticas pejorativas utilizadas pelo setor reacionário demonstravam um posicionamento político parcial e objetivavam, a partir de uma dicotomia comunicacional (CHARAUDEAU, 2010) entre o bem e o mal, apresentar a imagem de Che Guevara vinculada ao lado ruim da história. Em discurso na Câmara Federal, o Deputado Oswaldo Zanello, líder do PRP e integralista, expunha seu ponto de vista, nada diferente daquele que era manifestado pela imprensa burguesa:

É este o homem, agitador profissional, apátrida, comunista viajante que andou por quase todos os países americanos promovendo desordens e agitações levando a intranquilidade à família americana e que hoje, mais fortalecido que nunca no cargo de Ministro da Economia de Cuba, ofende e agride o Brasil na Conferência de Punta del Este que iremos receber, oficialmente convidado pelo Governo brasileiro. (DCN, 18/08/1961, p. 5896)

O Deputado que ajudou a eleger Jânio Quadros utilizou termos similares, alguns idênticos, aos dos jornais conservadores: "apátrida", "comunista viajante", "agitador", numa clara alusão a características deletérias. Ressalte-se ainda a referência ao encontro de Punta del Este, que associava a participação de Che Guevara na conferência com a sua visita ao Brasil. A oratória do parlamentar ocorreu no dia 17 de agosto, um dia antes da chegada de Guevara. Naquele dia, ele foi o único a abordar o tema na sessão da Câmara.

Parecendo ver tudo vermelho (TOTA, 2009), a imprensa burguesa trouxe o confronto político bipolar para o seio da sociedade brasileira, intensificando a propaganda contra Cuba e contra os países socialistas. É bom lembrar que estava em atividade o complexo anticomunista IPÊS/IBAD, que financiou uma campanha ideológica para a opinião pública, com publicações como: *Aliança para o Progresso* (29 mil exemplares); o discurso secreto de Krushev; *Mater et Magistra*; a revolução de Fidel Castro (Theodore Draper) (DREIFUSS, 1981, pp. 653-654).

A capa de *O Globo* na mesma edição do dia 19 de agosto de 1961, destacava: "Grã-Cruz para um Agitador Internacional". Com letras volumosas e iniciais em maiúsculas, o jornal era extremamente contundente na crítica ao governo brasileiro, pela recepção ao Comandante Che Guevara. Dizia ainda a matéria haver um limite que o povo suportaria:

Atingiu esse limite a outorga ao Sr. Ernesto Guevara, *vulgo* "Che" ex-cidadão argentino que renegou sua pátria para servir à causa do bolchevismo no 'front' avançado de Cuba, da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul em seu mais elevado grau. (*O Globo*, 19/08/1961, p. 01).

³⁴⁴ A imprensa que tenho chamado de "pró-imperialista".

O texto continua a exposição de motivos com críticas ao presidente Jânio Quadros e incitação ao ódio à presença de Che Guevara no Brasil:

A visita dêsse senhor ao Brasil já era difícil de engolir. Admitia-se porém, que êle viera a convite próprio, apenas referendado pelo nosso govêrno, que não tivera outra saída.

Entretanto, concedendo-lhe a Grã-Cruz da principal ordem honorífica brasileira, o Presidente parece ter querido desmentir a otimista versão, transformando o agitador profissional, o inimigo da democracia (que êle acaba de renegar, mais uma vez, em Punta del Este), o desalinhado promotor de vários escândalos internacionais, em hóspede bem-vindo e merecedor das maiores homenagens.

Não sabemos como os dignos Ministros da Guerra e da Marinha - não falemos no Ministro do Exterior -, que fazem parte do Conselho da Ordem, podem haver concordado com a indefensável deferência ao sócio de Fidel Castro. Afinal de contas a Ordem foi criada para recompensar os serviços relevantes prestados ao Brasil por personalidades estrangeiras. Que serviços prestou "Che" Guevara a nosso País? (*O Globo*, 19/08/1961, p. 01)

A matéria lançou dúvidas sobre a anuência das Forças Armadas, evitando falar do envolvido diretamente, o Ministro das Relações Exteriores, Afonso Arinos, da ala da "Banda de Música" da UDN: aqueles que faziam barulho. Era de conhecimento público, ainda, que Ernesto Guevara nunca negou sua pátria Argentina, condicionando, inclusive, sua participação na Revolução Cubana à liberação posterior para o projeto de libertação do próprio país das amarras do imperialismo.

No ato de entrega da comenda, o jornal *A Noite*³⁴⁵ pretendeu criar um sentimento de intolerância, fazendo-se passar por defensor da "democracia". O que seria, então, para ele a democracia? Por que a intolerância ao contraditório? A matéria continuou seu discurso autoritário de execração da figura do líder revolucionário. Vejamos o que afirmaram seus editores:

Que o Sr. Jânio Quadros assentisse em recebê-lo, já seria uma demonstração de tolerância excessiva da parte do presidente da República de um país cujo povo sempre cultivou e há de cultivar os princípios da Democracia. Mas que o condecure, como se anuncia que fará hoje, com a Ordem do Cruzeiro do Sul, é demais. Que benemerência recomendaria Che Guevara a essa honra, que só deve ser conferida a quem se tenha revelado à altura de ser com ela contemplada?

O povo brasileiro não aplaude o ato presidencial. (...)

A condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul, símbolo da noção de dignidade humana, cultivada por tantas gerações de brasileiros, não pode assentar-se num peito cheio de ódio faccioso, nem ser depositada em mãos tintas pelo sangue das condenações sumárias sem sobra de processo, nem qualquer respeito pela legalidade. (*A Noite*, 19/08/1961, p. 01)

³⁴⁵ Segundo Dreifuss, o jornal *A Noite* recebia 2 milhões de cruzeiros mensais do complexo IPES/IBAD (1981, p.263). O periódico fazia propaganda comercial do grupo Ultra (Ultragaz e Ultralar), que, Segundo o documentário *Cidadão Boiesen*, o grupo Ultra ajudava a financiar grupos anticomunistas. ver: Cidadão Boiesen. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yGxIA90xXeY>>, acesso em 22/03/2017.

Observe-se que ambos os jornais publicaram matéria com enfoques semelhantes. Em que pese *O Globo*³⁴⁶ ser fruto de uma dissidência de *A Noite*, os contatos entre os editores parecia não ser comum, ou mesmo palatável. Curiosamente, as duas matérias foram publicadas em primeira página, com janela fechada por uma linha, formando a figura geométrica de um quadrado, que as atribuía destaque.

O jornal *A Noite*, por sua vez, estampou na capa de sua edição do dia 19 de agosto de 1961: "Ato decepcionante do Sr. Jânio Quadros", uma chamada nada imparcial. O texto que dava conteúdo à matéria era, da mesma forma, uma pedrada no telhado de vidro do governo Quadros:

Ato decepcionante do sr. Jânio Quadros
 Che Guevara estará hoje em Brasília. Ao que se diz, solicitou, através de interpostas pessoas, que o Sr. Janio Quadros o convidasse para essa visita. Atendido, eis o aventureiro internacional no Palácio do Planalto. A que título? O homem não é sequer cubano. Com a audácia e o espírito sanguinário que caracterizam os atuais dominantes da infeliz nação centro-americana, tem influído no ânimo de Fidel Castro de maneira a trazer a desunião ao Continente, como cabeça de ponte para as insaciáveis ambições do imperialismo vermelho, *sendo notória a sua filiação ao Partido Comunista.* (grifo nosso)
 Será um grave erro do Sr. Jânio Quadros êsse, de rebaixar a Ordem do Cruzeiro do Sul até quem nada fêz por merecê-la. Pelo contrário é um estrangeiro a contribui para a desgraça de um povo amigo e digno de melhor sorte; é um verdadeiro inimigo a trabalhar pela cizânia nas Américas. (...)
 A Condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul, símbolo da nação de dignidade humana, cultivada por tantas gerações de brasileiros, não pode assentar-se num peito cheio de ódio faccioso (...) (*A Noite*, 19/08/1961, p. 01)

O periódico do empresário e parlamentar Mário Martins também seguia uma linha notoriamente parcial. O jogo de palavras com as informações fazia parte da estratégia discursiva para a formação de uma opinião pública voltada para uma determinada posição política. É importante lembrar que o clima da Guerra Fria sustentava-se na lógica da bipolaridade que implicava no acirramento do anticomunismo. Os jornais burgueses bombardearam a sociedade de informações adjetivadas sobre a presença de Che Guevara no Brasil e do gesto do Presidente Jânio Quadros.

Uma mudança repentina na linha editorial de *A Noite* aconteceria em 48 horas. Surpreendentemente, o jornal trocava as críticas por elogios ao Presidente Quadros por estar "preocupado" com os brasileiros asilados em Cuba e, principalmente, com os católicos. O vespertino foi o primeiro a dar a informação de que havia um pedido da Santa Sé para que

³⁴⁶ A editora Globo figurava na lista de contribuintes do IPES, órgão anticomunista que, ao lado do IBAD, contribuíram para a deposição de João Goulart. ver: DREIFUSS, 1981, p.638.

Jânio fizesse uma gentileza a Cuba, como tentativa de negociação para possíveis indultos a religiosos. A veiculação dessa notícia chamou nossa atenção, pois três dias antes o jornal havia publicado severas críticas tanto ao ato de Jânio Quadros quanto ao Comandante Che Guevara. Inspirado na tese de que a passividade é inimiga do historiador (Humboldt, 2010), estranhei essa curiosa alteração na linha editorial do jornal, o que me incentivou a ampliar mais ainda o olhar sobre aquele evento histórico.

Até o dia da publicação da edição de *A Noite*, que divulgou a nova versão, envolvendo o Papa, as elites qualificavam o ato de Jânio como "absurdo". Em seguida à veiculação da informação sobre o suposto pedido da Santa Sé, o tom das críticas sobre a condecoração baixou consideravelmente. Procurado pelo jornal para dar esclarecimentos sobre as motivações do governo para conferir aquela homenagem, o Ministro Afonso Arinos declarou:

Disse que ainda não foram respondidos os apelos feitos para que terminassem as perseguições religiosas e se evitasse a condenação à morte de 44 estudantes cubanos que estão sendo julgados por atividades contra-revolucionárias. (O promotor público que funciona no processo, em Havana, pediu para os estudantes penas de 10 a 20 anos). *O primeiro foi feito pessoalmente pelo presidente Quadros ao ministro da Indústria de Cuba "Che" Guevara* (grifo nosso) e o segundo por meio de carta ao chanceler Raul Roa. (*O Estado de São Paulo*, 24/08/1961, p. 64)

Adotando uma linha discursiva semelhante ao vespertino carioca, *O Estado de São Paulo* informava que houve, por parte do presidente, "apelos" pela vida de estudantes e pela paralisação de perseguições religiosas em Cuba. Os pedidos teriam sido feitos a Che Guevara pessoalmente, quando de sua visita a Brasília.

Nos editoriais de *O Estado de São Paulo*, as palavras reproduziam o mesmo tom de reprovação ao presidente. O periódico paulista havia publicado, inicialmente, o encontro de Che Guevara com Frondizi: "Guevara recebido por Frondizi" (19/08/1961, p. 01). Veiculando notícias via agências *AFP* e *UPI*, o jornal de Julio Mesquita Filho reproduzia, em São Paulo, as mesmas versões que eram divulgadas no Rio de Janeiro, a fim de manter seus leitores com semelhantes compreensões sobre o fato. O cerco ideológico se fechava sobre a opinião pública, ainda mais num momento em que a solidariedade a Cuba crescia no continente e, particularmente, no Brasil. O dado empírico que corroborou esta afirmação foi o povo nas ruas aplaudindo Che Guevara, manifestações que não ocorriam com líderes de direita.

Até o momento, uma versão não científica circulou sobre o que teria motivado Jânio a condecorar Che Guevara. Alguns autores defenderam que teria sido um pedido do Papa João XXIII. Outros de que foi um pedido do Núncio apostólico, na época Monsenhor Armando Lombardi. A seguir vemos como surgiu e se desdobrou essa versão.

Em menos de vinte e quatro horas, uma parte da imprensa mudou o tom das críticas ao ato de Jânio Quadros. Entraria em cena nada mais nada menos que o Papa João XXIII. Para um período histórico de um país eminentemente católico e um Estado cujos vínculos com a religião não haviam desaparecido por completo, as bênçãos de Sua Santidade à contraditória atitude janista cairia muito bem.

Encerrada a cerimônia da condecoração, Che Guevara conferenciou com Jânio Quadros durante quarenta minutos, em particular. Após a conversa reservada com o presidente, Che concedeu entrevista aos jornalistas e almoçou com o então prefeito da Capital, Paulo de Tarso. Em seguida, o anfitrião convidou o “comandante” para um passeio de helicóptero sobre Brasília, onde teve oportunidade de conversar com o visitante e, da parte de Che conhecer as terras do Planalto Central.

Como era um sábado, as repartições públicas não funcionavam. Na segunda-feira, dia 21 de agosto, o Itamarati fez chegar a Havana informações sobre o encontro de Che Guevara com Jânio Quadros. Conforme tratado no capítulo anterior, além de ser uma obrigação protocolar, informar as embaixadas sobre movimentações de líderes dos países, a carta à Embaixada em Havana cumpria dois objetivos: 1- fazer saber, em Washington, que Che Guevara esteve com Jânio Quadros e o tom da conversa; 2- Dar uma satisfação aos grupos de pressão dos asilados sobre seus pedidos de apoio. O telegrama, que, curiosamente, não saiu com o carimbo de "segredo"³⁴⁷, dizia:

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
TELEGRAMA
EXPEDIDO
PARA A EMBAIXADA EM HAVANA
EM /21/VIII/61

G/DPo/501:43

920.(42) (24h)

Entrevista do Presidente da República com o Senhor Guevara.

121 - SEGUNDA-FEIRA - 14h230 - O Presidente da República, ao receber em Brasília o Senhor Guevara, falou-lhe do desagrado com que vemos o fato de não haver sido até agora resolvido o caso dos nossos asilados e fêz-lhe entrega de carta sua, a êsse respeito, ao Doutor Fidel Castro. Na conversa com Guevara o Presidente transmitiu-lhe o apêlo que nos foi formulado pelo encarregado de Negócios do Vaticano aqui, no sentido de ser modificado o tratamento hostil que vem sendo dado aos católicos em Cuba *cujos pontos mais graves podem ser assim sintetizados*(grifo nosso): 1) apropriação pelo Estado das escolas privadas católicas; 2) expulsão em massa de religiosos e religiosas estrangeiros; 3) proibição de comunicação entre os Bispos e os fiéis de suas dioceses através de pastorais ou outros documentos eclesiais normais. Guevara revelou muita simpatia pela gestão.

³⁴⁷ A maioria dos documentos pesquisados no Itamarati, tratando-se de temas relacionados à Cuba saíam com carimbo de "segredo".

EXTERIORES³⁴⁸

A emissão de um telegrama, nem ao menos confidencial para Havana, sobre a conversa que o Comandante Che Guevara teve com Jânio Quadros não era muito comum, mesmo com um tema que remetia ao aspecto religioso. Em clima de Guerra Fria, um telegrama a Cuba para informar fato de tamanha relevância, sem utilizar o mecanismo da criptografia, permitiu inferir que o assunto devia ser de conhecimento geral. Talvez esse fosse o motivo, tendo em vista que a visita de Che Guevara a Frondizi fora revelada por uma interceptação da CIA de um comunicado para autorizar a entrada do Ministro Guevara na Argentina (ROJO, 1983, p.126). A entrevista de Jânio com o ministro cubano que, aos olhos do imperialismo, "tumultuou" a Conferência de Punta del Este e revelou os reais interesses norte-americanos de isolar Cuba diante da América Latina, obviamente não deve ter ficado apenas no nível dos "apelos".

No telegrama constou: "cujos pontos mais graves podem ser assim sintetizados", o que podia remeter à existência de outros pontos, não revelados no documento. Por que os outros pontos não eram importantes? Que pontos eram? Em que pese o assunto sobre a Igreja não constar de uma suposta carta que Che levaria a Cuba (veremos mais à frente), o tema da propriedade privada representava o divisor de águas entre capitalismo e socialismo. A iniciativa privada foi atingida gradativamente, como defesa das agressões ianques. Cada vez que os Estados Unidos impunham um embargo, a resposta de Cuba tinha que ser à altura. Chegou-se ao nível máximo das tensões quando a Revolução começou a extinguir privilégios de setores da burguesia e incorporar ao Estado as escolas particulares. Para o núcleo dirigente da Revolução, de formação filosófica sólida, a educação era o campo da formação ideológica através da qual seriam formadas as consciências. Afirmou Fidel em entrevista a Frei Betto:

A religião em Cuba era propagada principalmente através das escolas particulares dirigidas por religiosos e religiosas, frequentadas pelos filios das famílias mais ricas do país, pela nata da aristocracia ou que se julgava aristocrata, pelas classes médias altas ou por uma parte da classe média em geral. Como já lhe disse, talvez um médico pudesse mandar um filho como aluno externo, pagando o equivalente a dez dólares. Aquele era o veículo principal de propagação da religião em nosso país e, portanto, eram eles que recebiam uma educação religiosa e participavam das atividades religiosas, embora de modo não muito metódico ou rigoroso. (CASTRO, 1985, p. 207)

No momento em que Che Guevara visitou o Brasil, o acirramento das relações entre instituições seculares, como a Igreja, e o Governo Revolucionário haviam aumentado

³⁴⁸ Telegrama G/DPo/501:43. 920.(42) (24h) DCD/CDD/SANT. AHMRE.

consideravelmente. Além das "operações encobertas", o afastamento dos setores reacionários da Igreja teve por causa, fundamentalmente, a encampação das escolas católicas pelo Estado. Cuba era um país eminentemente agrário, com 70% da população camponesa. Não havia, entretanto, igrejas no campo, pois estas concentravam-se nas áreas urbanas. O trabalho apostólico era nulo no campo (CASTRO, 1985, p. 207). Os primeiros conflitos surgiram, acrescentou Fidel, "quando aquele pessoal começou a instrumentalizar a Igreja como um partido contrário à Revolução" (CASTRO, 1985, p. 208). Os conflitos, entretanto, não foram apenas com os católicos, mas com os protestantes também, pois ambas denominações possuíam escolas particulares. Esse foi o centro do problema, antes ainda de *Playa Girón*.

O encontro reservado entre Jânio e Che, como já analisado, abordou pontos como intercâmbio comercial e a indicação de novo embaixador brasileiro em Cuba (*Última Hora*, 15/08/1961, p.4). Rojo (1983, p.131) registrou, entretanto, que a conversa secreta de Guevara com o Presidente do Brasil também "girou em torno dos mesmos temas do encontro com Frondizi: a conveniência de não aderir ao Pacto de Varsóvia, insinuações sôbre a democracia representativa, porta aberta para Cuba na organização norte-americana". A conversa de Che Guevara com Goodwin em Punta del Este, pode ter sido, também, um norteador para os temas discutidos entre o revolucionário cubano e o presidente brasileiro, tendo em vista que o Ministério das Relações Exteriores havia enviado relatório com selo de secreto para o presidente da República, antes do encontro, conforme já evidenciado. O tema, certamente, mais preocupante, era a exportação da revolução cubana, que constou do referido documento.

No dia 22 de agosto de 1961, o jornal *A Noite* publicou, no topo da primeira página, com uma tarja preta vazada em branco: " 'A Noite' desvenda segredo da carta que Guevara levou a Cuba". Logo abaixo, com letras em dimensões que ocupavam parte considerável da página, o jornal informava: "Papa pede a Jânio proteção para católicos cubanos". No corpo da matéria, o periódico acrescentava que Jânio entregara uma carta ao Comandante Guevara, pedindo salvo-conduto para os católicos asilados na embaixada brasileira. Assim foi publicada a notícia:

Apêlo do Papa

Ainda nessa carta, o Sr. Jânio Quadros intercedeu a favor dos católicos de Cuba, revelando ao Sr. Fidel Castro de que, há dias, recebera, por intermédio do encarregado de Negócios do Vaticano junto ao governo brasileiro, um apêlo do Papa João XXIII para sua mediação. Em seu apêlo, o Papa, considerando que o Brasil é uma das maiores nações católicas do mundo e que se encontra em boas relações com o govêrno de Cuba, pediu ao Sr. Jânio Quadros que intercedesse junto ao Sr. Fidel Castro, em nome do Brasil, para que fôsse pôsto um paradeiro às perseguições aos católicos de Cuba. Assim, o Sr. Jânio Quadros solicitava ao "premier" cubano garantias para o livre exercício das práticas religiosas, afirmando esperar que o Sr.

Fidel Castro compreendesse a necessidade de terminar com a perseguição aos católicos, frisando que ao espírito cristão dos brasileiros repugnava toda espécie de restrição à liberdade de culto. Por fim, o Sr. Jânio Quadros frisou que contava com a compreensão do Sr. Fidel Castro e esperava uma urgente solução para o problema por parte do governo de Cuba. (*A NOITE*. 22/08/1961, p.1)

A publicidade dada pelo jornal ao teor do que constava no telegrama do Itamaraty parece que misturava mais uma vez, fatos e boatos, estratégia discursiva muito comum da imprensa política. Em meio a publicações sobre os resultados de Punta del Este, os conflitos em Berlim, o caso do Laos, a viagem cósmica de Gagarín e a ameaça da renúncia de Lacerda, alguns jornais dedicavam-se a alimentar o leitor com versões sensacionalistas.

O Partido Comunista, no Brasil, ainda na clandestinidade, apresentava-se como contraponto ao discurso oficial. O periódico *Novos Rumos*, oficial do PCB, denunciava como "sabotagem" as ações imperialistas em relação à Alemanha³⁴⁹. A intenção dos membros da OTAN, segundo ele, era militarizar a Alemanha de Adenauer impondo um governo que assegurasse a "contenção do comunismo", como já definido pela política externa norte-americana. A posição geográfica da Alemanha, no centro da Europa, afinal, era estratégica (Lippmann, 1944).

A notícia sobre o apelo de *Sua Santidade* a Jânio levou para outra dimensão as interpretações sobre o ato da condecoração: a fé. O Brasil, país de imensa maioria católica, assumiria uma posição que mobilizaria questões espirituais. Com as fotos de João XXIII à esquerda e de Jânio Quadros, de olhar cansado e incógnito, à direita, *A Noite* dizia que "em nome do Brasil, o Presidente da República intercedeu junto a Fidel Castro para que cessem urgentemente as perseguições religiosas" (*A Noite*, 22/08/1961, p. 1).

As declarações do ex-ministro Afonso Arinos indicam que o Núncio apostólico, Armando Lombardi, meses antes da vinda de Guevara, pedira uma movimentação diplomática, junto ao governo cubano, em defesa do bispo de Havana, "que tinha sido detido" (MELO FRANCO, 1983, p.176). As embaixadas em Cuba estavam abarrotadas de asilados, por causa do episódio de *Playa Girón*. Muitos contrarrevolucionários haviam escapado do Exército Guerrilheiro e buscavam as embaixadas como refúgio. Corria a informação de que a embaixada brasileira estava tão cheia que, segundo foi apontado, nem os membros diplomáticos conseguiam permanecer no prédio.

As memórias do Ministro Arinos confirmam, porém, uma versão oficial da história que não envolveu, diretamente, o Papa João XXIII. Até então, não havia outra versão dada

³⁴⁹ *Novos Rumos*, 26/08/1961, p. 02.

por um componente do governo. Em 1996, foi publicada a obra do neto de Jânio Quadros, intitulada *Jânio Quadros: memorial à história do Brasil*. Quadros Neto narra que, em conversa com seu avô, este lhe teria transmitido outra versão, não excludente, do fato que ele mesmo (o avô) havia protagonizado. Segundo esta, houve duas motivações para o fato, uma explícita e uma implícita. Nessa "confissão", o tom das críticas a Cuba foi mais elevado. Quadros teria dito que Leonardo Famá, seu ex-aluno do Colégio Dante Alighieri, falava fluentemente italiano, o que lhe conferiu legitimidade para conversar diretamente com o Papa João XXIII e transmitir a Jânio as preocupações de Sua Santidade. Além disso, afirmou Quadros Neto, Jânio admitiu que tentou "assustar o Presidente Kennedy", pois os Estados Unidos haviam recusado um empréstimo ao Brasil (1996, p. 48).

As alegações de que tivesse havido um pedido direto do Chefe do Vaticano apresetaram-se como um manto para encobrir demais intenções. Moniz Bandeira afirmou que "Janio Quadros convidou o Che porque ele estava chantageando os Estados Unidos para obter mais créditos e poder dar o golpe " com o apoio de Washington (entrevista, 2016).

Além da hipótese de um pedido do Papa, outros elementos não podem ser descartados, tendo em vista que seis dias depois do ato da condecoração, Jânio estaria entregando seu pedido de renúncia à Presidência da República e não encontraria o "apoio" pretendido. Em meio às interpretações da história, ele saiu do governo e confundiu a sociedade, principalmente a esquerda, tentando livrar-se, de algum modo, de sua identificação como reacionário, já que havia condecorado um líder revolucionário.

O *Estado de São Paulo* publicou a seguinte charge:

Figura 35 - Vai medalha, vem acordo



Fonte: *O Estado de São Paulo*, 22/08/1961,p.04. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>, acesso em 10/03/2016.

A construção de sentido por meio de uma intencionalidade (CHARTIER, 2002) cria uma determinada apreensão do real. Na charge, o Presidente Quadros entrega a medalha a Che com a mão direita, gesto acompanhado pela palavra "GRATIDÃO", referente a ambos os lados, indicando que "favores" haviam sido feitos pelos dois. Na mão esquerda de Jânio, esconde-se documento no qual está escrito: "Auxílio Norte-Americano". Conforme analisado, Cuba foi transformada em instrumento de barganha para negociações econômicas com os Estados Unidos. A oferta de empréstimos pelo emissário norte-americano Berle Jr. no início do mandato de Jânio, para o Brasil apoiar a invasão de Cuba, e a *Aliança para o Progresso*, demonstraram que o uso do conflito bipolar EUA-Cuba poderia ser economicamente proveitoso.

A imprensa registrou a visita de Che com muito alarde, por vezes, com informações contraditórias. Como o fato ocorreu num sábado, não houve publicação no domingo, pois algumas editorias não funcionavam em fins de semana. A contenda, porém, alcançou magnitude durante a semana. A imprensa, como ator político, cumpria um papel dialético: incentivava os debates ao mesmo tempo em que informava. Os ecos da condecoração ressoaram, assim, nas ruas, Casas Legislativas e ambientes diplomáticos.

No dia 22, o jornal *Última Hora* (22/08/1961, p.4) publicou nota intitulada "A Guerra dos Boatos". Nela, o porta-voz da Presidência informava que: 1- Jânio Quadros não tomaria mais conhecimento da crise com Carlos Lacerda; 2- não houve definição sobre os limites do Estado da Guanabara; e 3- não tinha "fundamento a notícia de que os Ministros militares teriam recusado assinar o decreto de condecoração de Guevara", visto que a competência para o referido ato era do Presidente da República e do Ministro das Relações Exteriores. Percebe-se, assim, uma tumultuada rede de informações sobre a condecoração naquela semana, que terminaria testemunhando uma das maiores crises da República: a renúncia de Jânio Quadros.

Um pouco acima da notícia, na mesma página, era reproduzido um dos bilhetinhos de Quadros, com orientações aos Ministros do Exterior e Indústria e Comércio, referente à missão comercial a Cuba, no qual estava escrito: "Recomendação especial à nossa missão comercial à Cuba tendo em vista um bom acôrdo comercial com aquêlê país. A oportunidade é excelente, entendi-me a respeito com o Ministro Guevara" (*Última Hora*, 22/08/1961, p.4). O "bilhetinho" era a confirmação de que a conversa de Jânio com Che Guevara girara também em torno de assuntos comerciais. No telegrama do Itamaraty para Havana (transcrito anteriormente), esse assunto foi ocultado pela expressão "entre os pontos mais graves", aposta no documento.

O mesmo jornal, de maior independência ideológica, publicou pequena nota na primeira coluna da quarta página, onde informava:

CARTA A FIDEL - Em carta "amistosa que dirigiu ao "premier" Fidel Castro, por intermédio do Ministro "Che" Guevara, JQ solicitou urgência para tramitação dos processos dos asilados cubanos que se encontram homisiados na embaixada brasileira em Havana. Ao que se apurou, a carta, além de solicitar liberdade para os asilados, frisava ainda se isso um "grande favor" pois atendia a uma "medida de economia" do próprio governo brasileiro. Não houve "ultimatum" que alguns jornais noticiaram. (*Última Hora*, 24/08/1961, p. 4)

A história da carta de Jânio a Fidel surgiu com o telegrama do Itamarati. O próprio Che Guevara disse aos jornalistas, em entrevista que concedeu após a cerimônia, que sua visita ao Brasil tinha tido o objetivo de agradecer ao governo brasileiro pelo apoio dado a Cuba pela Delegação Brasileira na Conferência de Punta del Este. Não mencionou o líder cubano que teria havido conversa sobre os asilados, muito menos que ele era portador de carta de Jânio a Fidel Castro.

No dia 24 de agosto, dois dias depois de o jornal ter relacionado a homenagem a Guevara a um pedido do Papa, uma nova revelação: a condecoração fora uma "reparação" ao Ministro, pois o Brasil havia votado a Carta de Punta del Este com as alterações feitas pela República do Peru, o que levou Che Guevara a não assinar o documento.

Além desta outra versão para a condecoração, o jornal A Noite deu publicidade ao conteúdo da conversa entre Guevara e Goodwin. O repórter do Jornal do Brasil, Hermano Alves, que esteve na Conferência de Punta del Este, foi o responsável por repassar as informações. Segundo o jornalista, Guevara teria afirmado que Cuba não atacaria Guantânamo, pois o país estava disposto a negociar com os EUA e o começo poderia ser a troca por aviões sequestrados. Goodwin, porém, teria manifestado ceticismo em relação às negociações. (*A Noite*, 24/08/1961, p. 01).

Cabe lembrar também a carta de quatro páginas que o Ministro Afonso Arinos havia enviado ao Presidente, com as impressões do representante do Brasil sobre a conversa entre Guevara e Goodwin. Nela, a Igreja Católica foi citada rapidamente, como um dos obstáculos à consolidação da Revolução. A conversa está registrada na versão de Goodwin (um dos protagonistas) e do Encarregado Brasileiro presente ao encontro. Não se tem conhecimento de versão escrita por Che Guevara sobre a conversa que ele teve com o assessor do presidente dos EUA.

4.4 O Papa ou Kennedy ?

Em Cuba, a Igreja Católica apoiou a luta contra a ditadura de Fulgêncio Batista. Após o triunfo, com o desenrolar das tensões internas e externas, o governo revolucionário, porém, foi aprofundando as mudanças. Os debates sobre o novo modo de produção cubano passou pela erradicação da propriedade privada, o que entrou em choque com os interesses econômicos da Igreja, principalmente em relação à propriedade privada. A luta de classes não cessou com a vitória guerrilheira, mas foi acentuada. A diferença era que o poder político estava agora nas mãos dos revolucionários.

O Movimento Cristão liderara parte da população sob o comando de Fidel Castro e dos guerrilheiros de *Sierra Maestra*, pegando, também, em armas. Esse fato, ocultado por segmentos interessados em manter o desconhecimento histórico, permitiu uma série de impropriedades, cometidas ao longo dos anos. O telegrama para a Embaixada Brasileira em Havana (transcrito anteriormente), informando acerca da conversa de Che Guevara e Jânio Quadros, apontou que uma das questões tratadas foi sobre as escolas católicas em Cuba. Por outro lado, em entrevista à TV cubana (também evidenciado anteriormente), o líder revolucionário não mencionou que o tema católico tenha feito parte do diálogo com o presidente brasileiro.

Em maio de 1960, após a divulgação das medidas estatizantes, o *Movimiento Democrata Cristiano*, vinculado à Igreja Católica, lançou manifesto rompendo com as diretrizes do governo revolucionário de Cuba. O Movimento - disse o Encarregado de Negócios em Cuba - aplaudiu e reconheceu as "realizações positivas da Revolução (honestidade administrativa, assistência às classes menos favorecidas e valorização do sentimento nacionalista)", mas não concordava com a primazia do Estado sobre a propriedade privada. Informou ainda, o mesmo movimento, que desistia das atividades públicas (CT-52 de 31.V.60. AHMRE). O rompimento, portanto, de um grupo de católicos com a Revolução resultou das contradições emanadas da luta de classes. Faz-se relevante lembrar que o Presidente Jânio Quadros foi eleito pela primeira vez pelo Partido Democrata Cristão e considerava-se católico.

Após 35 anos de sua renúncia, seu neto, Jânio Quadros Neto, escreveu um memorial ao avô. Segundo ele, a iniciativa buscava resgatar a "memória" do país. Quadros Neto afirmou:

Lembro que nesta conversa perguntei a ele sobre os motivos da condecoração de Ernesto Che Guevara, e, se este ato teve algo a ver com a renúncia: meu avô disse-me que a condecoração do Che teve absolutamente nada a ver com a renúncia. Foi uma coincidência e uma ironia do destino. Sobre os motivos do ato, ele disse que o Che foi o verdadeiro "Dom Quixote" das Américas. Jânio também me contou uma história, que meu querido amigo Leonardo Famá, que foi aluno de meu avô no Colégio Dante Alighieri e trabalhou em todas as campanhas e administrações Janistas, testemunhou e pode confirmar. Alguns meses antes da condecoração do Che, o Papa solicitou direta e secretamente de Jânio sua mediação no caso de alguns sacerdotes católicos presos em Cuba, que estavam na iminência de fuzilamento, no famoso "paredão" da Revolução Cubana. Leonardo Farná, que é descendente de italianos, fala Italiano fluentemente, e era assessor do meu avô na Presidência, falou por telefone com os assessores do Vaticano e com o próprio Papa, em Italiano, como intérprete do Presidente Jânio Quadros. Jânio entrou em contato com o Governo Cubano e tratou do problema com Ernesto Che Guevara. Os padres foram poupados e posteriormente expulsos de Cuba. Além do mais, o Governo Americano estava, na opinião do Jânio, desprestigiando o Brasil. O Governo do Brasil havia solicitado um empréstimo do Governo Americano, que havia sido recusado. O Presidente Jânio quis assustar o Presidente Kennedy e conseguiu... (QUADROS NETO, 1996, p.48)

Quadros Neto publicou as memórias do avô no mesmo ano em que Castello Branco, assessor de imprensa de Jânio Quadros trouxe a público a obra *A renúncia de Jânio Quadros*, publicada às vésperas das eleições de 1998. Após o esclarecimento de Jânio sobre a "conversa com o Papa", acrescentou o elemento fundamental do jogo político daquele conturbado ano de 1961: a Guerra Fria:

No auge da guerra fria, os Estados Unidos da América estavam paranóicos sobre o comunismo. Quando Cuba, um País que praticamente fica no jardim dos Estados Unidos, virou comunista, os americanos temiam que o continente inteiro pudesse seguir o exemplo. Com uma demonstração tão pública e forte de amizade com o regime cubano, Kennedy foi obrigado a levar o Jânio e o Brasil a sério e ajudá-los financeiramente, para reprimir o crescimento do comunismo. O Jânio sabia que a CIA afirmava que, se o Brasil tivesse ficado comunista, o continente inteiro teria ficado também. (QUADROS NETO, 1996, p. 48)

A visita de Che Guevara ao Brasil não pode ser entendida, portanto, como um evento meramente protocolar. O guerrilheiro internacionalista, que agitou a segunda metade do século XX, estava no Brasil, na condição de Ministro de Estado, mas a serviço da revolução. O telegrama enviado pelo Itamarati para a Embaixada Brasileira em Cuba havia sido uma válvula de escape para os incontáveis pedidos dos "grupos de pressão" contrarrevolucionários para libertar os asilados políticos. O problema maior era que, católicos ou não, havia, na Embaixada, cento e vinte e um asilados; a maioria estivera envolvida no episódio da invasão da Baía dos Porcos. O governo cubano avaliava um a um os pedidos para sair do país, tendo em vista os crimes cometidos no país.

Em entrevista à socióloga Aspásia Camargo, Afonso Arinos relatou o fato de uma forma um pouco diferente, na obra *O Intelectual e o Político - encontros com Afonso Arinos* (CAMARGO, 1983). O então Ministro das Relações Exteriores de Jânio Quadros não estava

em Brasília no dia da condecoração, mas foi um dos responsáveis pela assinatura do decreto de homenagem a Che Guevara. A seguir, o trecho de sua entrevista:

A.C. - No mês de agosto, a condecoração de Guevara por Jânio desencadeou uma séria crise, que culminou com a renúncia do presidente. Cordeiro de Farias, por exemplo, interpretou a condecoração como um gesto populista de Jânio, que procurava tirar dividendos eleitorais da política externa. O senhor concorda com essa opinião?

Tenho uma certa possibilidade de esclarecer o episódio, embora não tenha participado da condecoração do Guevara. A vinda do Guevara ao Brasil era resultado de uma conversa que ele havia tido com o Clemente Mariani, então 'ministro da Fazenda, na Conferência de Punta del Este. Acontece que o Núncio Apostólico, que morreu aqui no Rio, monsenhor Lombardi, meu amigo, havia me procurado no Itamarati e levado uma nota verbal - o que em linguagem diplomática significa uma nota escrita, mas não assinada -, pedindo que o presidente usasse a boa vontade e o prestígio que tinha junto a Fidel Castro para liberar o bispo de Havana que tinha sido detido e estava sendo submetido a constrangimentos. Então, escrevi uma carta a Fidel, para ser assinada pelo Jânio, de acordo com a sugestão de dom Lombardi.

Por coincidência, Guevara passava por Brasília naquele momento. Passei a carta por telex para Jânio, pedindo que ele a examinasse, e ele me respondeu: 'Carta não só lida como aprovada e remetida'. Guevara concordara em levar a carta. De fato, entregou-a a Fidel e disso resultaram melhores condições para o bispo de Havana. Mas o Jânio, sem me dizer nada, resolveu condecorar o Guevara, porque tinha sido bastante amável em se dispor a levar a carta. Jânio não fez aquilo por mal, quis ter um gesto amável também. Então, *mandou assinar o meu nome, o do ministro da Guerra e o do ministro da Marinha* (grifo nosso)- os três ministros faziam parte do conselho da Ordem do Cruzeiro do Sul - e deu a comenda ao Guevara. (QUADROS NETO, 1996, p. 176)³⁵⁰

Naquele ano de 1961, havia os asilados e os prisioneiros de *Playa Girón*. Uma leitura desatenta da entrevista leva, involuntariamente, a crer que o Ministro escrevera uma carta pedindo pelos asilados políticos que se encontravam na Embaixada, bem como pelo Bispo de Havana. Como diria Chartier (1991), uma leitura "calma e atenciosa", porém, tornou possível perceber que ele não mencionou o conteúdo da carta. Ele misturou assuntos diferentes com a finalidade, possivelmente, de levar àquela compreensão. Em nenhum momento ele disse que, na carta, havia apelado pelos católicos ou pelo Bispo. Isto pode ser comprovado pela entrevista que ele mesmo concedeu à imprensa de época:

PRÓ-CATÓLICOS

Para testar informações de A NOITE, um dos jornalistas presentes à entrevista coletiva concedida pelo chanceler Afonso Arinos, formulou a seguinte pergunta:

Repórter - E a respeito da intercessão em favor dos católicos cubanos?

Ministro - Não constou da carta. Foi durante a conversa entre o presidente e o ministro Guevara. Aliás, eu não assisti a toda a conversa, mas o presidente me informou, posteriormente, por telefone. Poderíamos dizer melhor que foi uma diligência da Missão da Santa Sé no Brasil. Aliás duas diligências. A primeira

³⁵⁰ Grifo nosso: no decreto original, não constam assinaturas dos ministros militares, apenas do Ministro das Relações Exteriores e do Presidente da República.

efetuada pelo Núncio Apostólico e a segunda pelo Encarregado de Negócios da Nunciatura Apostólica. Foi uma intervenção amistosa junto ao Governo brasileiro. depois, o Encarregado de Negócios do Vaticano me perguntou como ia a nossa intervenção. Comuniquei ao presidente da República a pergunta que me fôra feita e, daí, o presidente conversou com o ministro Guevara. Sei ainda, segundo me informou o presidente da República, que o Ministro Guevara mostrou a melhor compreensão pelo assunto. (*A Noite*, 24/08/1961, p.01. Grafia original)

Como se pode observar pela entrevista, publicada na véspera da renúncia de Jânio, a suposta carta entregue a Guevara, dirigida a Fidel Castro, não continha pedido algum sobre católicos ou estudantes. Deve ser lembrado que a entrevista de Afonso Arinos teve como causa os escândalos proporcionados por Carlos Lacerda. O governador da Guanabara, com currículo marcado por tramas conspiratórias, criticava a política externa e, por conseguinte, o trabalho desenvolvido pelo Ministro Arinos no Ministério das Relações Exteriores. Com o aprofundamento da crise, o ministro foi obrigado a convocar uma coletiva de imprensa para esclarecer vários episódios envolvendo sua pasta. Com relação a Che Guevara, ele esclareceu que os acordos já haviam sido tratados em Punta del Este, sob a coordenação do Ministro Mariani e relacionava-se a três pontos principais: participação de Cuba no sistema interamericano; relações comerciais; relação com os Estados Unidos.

Buscou Arinos, ainda na entrevista, mitigar o escândalo que a imprensa pró-imperialista fizera com a presença de Che Guevara e, principalmente, com o recebimento da medalha, considerada por alguns tradicionalistas como símbolo de honrarias meritocráticas ou de delegação de poder³⁵¹.

Como afirmado no capítulo anterior, a visita de Che Guevara ao Brasil (e também à Argentina) teve, dentre tantos significados, dois aspectos mais relevantes. O primeiro foi o gesto relacionado à participação de Cuba no sistema interamericano, com a resolução do litígio Cuba-EUA; o segundo o fato de, naquele momento, Che representar uma espécie de "símbolo" da revolução continental. O alegado pedido do Núncio ocorreu, conforme o relato, meses antes, o que reforça a hipótese da relação com a crise oriunda da frustrada invasão de Cuba pela CIA. Além disso, o ministro confirmou que ele escreveu uma carta dirigida a Fidel Castro, assinada por Jânio e entregue a Che Guevara. Essa carta, porém, não foi encontrada em nenhum arquivo público pesquisado³⁵².

³⁵¹ Em consulta aos arquivos da CNBB pelo documento "Carta do Núncio Apostólico (1961) - situação dos católicos em Cuba", fui assim informado pela responsável do Centro de Documentação e Informação, Caroline Lustosa: " não localizamos em nosso acervo o documento solicitado". Por mensagem eletrônica.

³⁵² Em correspondência eletrônica (05/07/2017) ao Centro de Estudos Che Guevara, em Cuba, coordenado por Aileida Guevara, filha de Che, recebi informação de que não havia nenhum documento relacionado ao assunto. O

Em entrevista realizada pelo autor com o ex-militante comunista e advogado dos presos políticos, Marcelo Cerqueira, entretanto, foi narrada versão que reforçava a hipótese do pedido católico. Segundo Cerqueira, o Núncio Apostólico pediu a Jânio para chamar Che Guevara com o objetivo de conversar com ele em benefício dos religiosos presos na Embaixada Brasileira. Após receber-me gentilmente em sua casa, onde pude conhecer um pouco daquele militante, vice-presidente da UNE em 1962, disse Cerqueira:

Tem uma lógica. A coisa é a seguinte, a vinda do Che para a reunião no Uruguai não tem nada haver conosco, ele veio independente, ele veio até num avião, a situação de Cuba era boa, tinha a União Soviética que ajudava e ele veio, inclusive, num vôo direto da Cubana, direto a Montevideú. Bom, e o Che tinha prendido vários sacerdotes, que eram contra revolucionários, sacerdotes, que na época do ex-presidente, ajudavam a repressão, indicavam sacerdotes que não cumpriam seu dever com cristo, então o Che Guevara prendeu e ia fuzilar lá no paredão, aí o Núncio Apostólico, com ordem do papa ou não isso eu não sei, mas o Núncio Apostólico, pediu uma audiência ao Janio e pedindo ao Janio, que o Janio chamasse o Che Guevara e que o Che Guevara abortasse a morte dos, acho que eram nove sacerdotes, tem um de alto escalão, monsenhor lá. E os deportassem para a Espanha, que os receberia muito bem, aí ...[que era o franquismo, né?] Aí o Janio fez isso, ele chamou o Che e o Che então deportou, mandou do Brasil um telex, determinando que eles fossem deportados para Madri, diretamente para a Espanha, em função do Che ter... [eu tenho isso na lembrança, não sei se foi o Papa] do Che ter deportado e não matado, no paredão, ele então deu a medalha. Essa que é a história, não tem nada (CERQUEIRA, entrevista ao autor, 21/10/2016).

Cerqueira manteve a versão de que houve relação entre a condecoração e a situação de católicos em Cuba. Segundo sua narrativa, Jânio teria convencido Che Guevara a levar mensagem a Fidel para evitar o "fuzilamento" de sacerdotes. Ao referir-se a um "Monsenhor", pode ser que estivesse se referindo ao Bispo Boza, expulso de Cuba antes da condecoração. A informação, embora semelhante à narrativa do Ministro que assinou o ato de condecoração, diverge com relação à forma utilizada. Segundo Arinos, a ele teria sido entregue, pelo Núncio, uma nota verbal para ser entregue a Jânio.

Uma outra versão foi apresentada pelo então prefeito de Brasília, nomeado por Jânio, Paulo de Tarso dos Santos³⁵³, que, em entrevista ao programa *Provocações*, de Antonio Abujamra, revelou:

Centro de Estudos Che Guevara é, atualmente, o órgão, em Cuba, responsável pelo acervo relacionado a Che Guevara. Informação prestada ao autor pelo Cônsul de Cuba em Brasília.

³⁵³ Paulo de Tarso Santos foi eleito Deputado Federal em 1958, pelo PDC de São Paulo e foi da comitiva de Jânio Quadros na visita que este fez à Cuba em 1960. Participou da campanha de Jânio e, após a vitória no pleito, Quadros nomeou Tarso prefeito da nova Capital Federal. Em 1961, Tarso era defensor da Revolução Cubana e mantinha aproximação com o Presidente da República, Jânio Quadros. Até o fechamento do presente trabalho, a informação era de que Santos residia em São Paulo. Ver: CPDOC-FGV.

AA - No governo Jânio Quadros, prefeito de Brasília, pegou o helicóptero, sobrevoou a capital do Brasil ao lado de: Che Guevara! Bom, discuti com ele como era essa revolução social? Conta, Guevara, Jânio...fala alguma coisa do Guevara.

PT - Olha, o Jânio convidou o Guevara para estar lá, pelas informações que eu tenho, e eu vou correr o risco de dizer isso publicamente, a pedido do governo americano, que disse ao Jânio: é, eu queria que o senhor provocasse um fato importante, realizasse um fato importante sobre o Brasil, para que os Estados Unidos passassem a ter um temor maior pelo comunismo. Aí, Jânio, solícito, resolveu convidar o Guevara e recebeu o Guevara às seis horas da manhã. Seis horas da manhã recebeu o Guevara, pra ficar o menos notório possível. E depois passou o Guevara pra mim. Aí, eu pastoreei o Guevara lá né. É, ele almoçou na minha casa. Muito educado, mas muito sóbrio também. Eu perguntei sobre a revolução de Cuba e ele me deu uma resposta meio difícil, meio dura pra mim, ele disse assim: "perdón, pero yo prefiro hacerla que decirla"³⁵⁴. E eu respeitei muito. Depois entrei num avião e fui mostrar Brasília a Che Guevara. (*Provocações*, 03/09/2012. Transcrita pelo autor)

A informação do prefeito do Distrito Federal, que sobrevoou a capital como Che Guevara, insere um novo elemento e de inquestionável relevância: os Estados Unidos. A condecoração revela-se, assim, de fato, como uma trama internacional, como havia relatado por Rojo ao afirmar que "Em Washington, o terceiro sócio invisível da viagem de Che [à Conferência de Punta del Este], John Kennedy, sofreu também investida por parte de seus inimigos" (1983, p.131). A informação de Paulo de Tarso foi confirmada por Theotônio dos Santos, que afirmou:

(...) bom *ele[grifo nosso]* um dia numa conversa em São Paulo com ele. Ele passou a dirigir o centro que o Darci criou em São Paulo, Centro Cultural, memorial da América latina, é... ele então num papo, ele disse: "- vou te contar uma coisa, o Jânio me disse que ele condecorou o Che a pedido do Kennedy. O Kennedy telefonou pra ele dizendo que precisava de uma demonstração do Brasil de respeito, importância e tal pelo Che e como uma forma de valorizar a política americana de enfrentamento com Cuba, mas mostrando que é uma política que tinha oposição que era uma política que não podia fazer de qualquer maneira e que valorizava inclusive, claro, a Aliança para o Progresso etc." isso foi, essa informação dele muito direta, eu não sei até que ponto ele ia inventar uma coisa dessa, acho que não. Acho que realmente é verdade, pode haver algum detalhe na... digamos, de memória sobre a tensão das razões possíveis pelo Kennedy; se foi o Kennedy que chamou realmente, ou ele chamou o Kennedy, mas os critérios, mas você teve uma notícia similar, através de um neto, né? Ele realmente falou com o Kennedy. Um diálogo com o Kennedy então é... se foi o Kennedy que chamou e pediu pra fazer ou se foi simplesmente... é... uma conversa mais geral, menos explícita, não sei, mas, segundo ele, a conversa... o Jânio disse que fez isso porque...achou que o Kennedy pediu pra... como uma forma de fazer... (SANTOS, entrevista ao autor, 17/09/2015)

³⁵⁴ Perdão, mas eu preciso fazê-la do que falar sobre ela. Tradução dos editores.

De acordo com Santos³⁵⁵, o então Prefeito do Distrito Federal, Paulo de Tarso havia lhe confidenciado, à época, que Quadros tivera uma conversa com Kennedy³⁵⁶. Prática comum, os diálogos entre Chefes de Estado, por vezes, eram feitos por meio de "enviados especiais", pessoas de confiança, conforme evidenciei, inclusive, pela conversa de Guevara com Goodwin. A delegação norte-americana passou pelo Brasil antes da Conferência de Punta del Este. Naquele momento, a questão principal era, sem dúvida nenhuma, o conflito entre Estados Unidos e Cuba, o que os fatos comprovaram.

O presidente da Argentina, Arturo Frondizi, em entrevista a um jornal de Buenos Aires, em 1992, afirmou que a reunião com Che foi um pedido de John Kennedy, com objetivo de "normalizar a relação com Cuba depois do fracasso da baía dos Porcos. Tanto Kennedy quanto (Jânio) Quadros e eu acreditávamos que Guevara era um comunista amigo dos Estados Unidos, ao passo que Fidel Castro era o homem da URSS" (FRONDIZI, apud CASTAÑEDA, 1997, p.247).

O Presidente norte-americano demonstrou estar preocupado com o desenrolar dos acontecimentos em Cuba, com relação à nova proposta de invasão em curso. Kennedy comandava um governo também heterogêneo, no qual não havia consenso sobre a referida invasão (SANTOS, entrevista, 17/09/2015). Para Kennedy, que já havia conversado também com o antecessor de Jânio, Juscelino Kubitschek, a situação estava insustentável. Segundo algumas avaliações, o presidente norte-americano concordava com a ideia de que a *Aliança para o Progresso* seria suficiente para isolar Cuba e manter a Ilha sob a influência do *Pan-americanismo*. É importante lembrar que também o neto de Jânio mencionou em seu livro que Jânio queria "assustar" Kennedy, pois estava negociando recursos para o Brasil.

Uma intervenção ostensiva (que já estava sendo preparada pela CIA) poderia desencadear uma ofensiva soviética, ao mesmo tempo em que facilitava insurreições armadas nos países onde se desenvolviam guerrilhas, como no Brasil, com as Ligas Camponesas. Em tempos de Guerra Fria, a proximidade da Conferência de Belgrado deixava os norte-americanos apreensivos. Isso porque Cuba havia aceitado a oferta da Indonésia para resolver a questão do impasse com os Estados Unidos. A movimentação cubana assustou mais ainda os

³⁵⁵ um dos fundadores da Teoria da Dependência e militante do grupo de esquerda conhecido como Organização Marxista Revolucionária - Política Operária (POLOP). A Polop nasceu de um racha na esquerda comunista no início da década de 1960. Sobre a Polop, ver: MONIZ BANDEIRA, jan/2017.

³⁵⁶ É bom lembrar que Edward Kennedy, o irmão do Presidente dos EUA esteve no Brasil antes da Conferência de Punta del Este, conforme abordado anteriormente e conversou com Jânio.

norte-americanos, porque colocava a questão do conflito fora da esfera do "sistema interamericano", no qual os Estados Unidos podiam ter o controle.

Para fazer a informação chegar até Washington, o governo cubano utilizou a Embaixada Brasileira. Em março de 1961, o embaixador brasileiro foi procurado pelo encarregado de negócios de Cuba, para dizer que a Indonésia tinha oferecido ajuda para fazer gestão junto ao governo dos EUA para tentar resolver a questão cubana, o que o governo cubano aceitou. Acrescentou que o Brasil foi o primeiro a tomar conhecimento do assunto e pedia que o país contribuísse com a Indonésia. Vasco Leitão da Cunha, ainda Embaixador em Cuba, viajou à Ilha, com a finalidade de fazer a proposta a Cuba para intermediar do conflito, pois a invasão era iminente. O governo brasileiro declarou ter interesse em ajudar, razão pela qual pedia informações à Indonésia.

Peço informar ao Embaixador Leitão da Cunha que fui procurado hoje pelo Encarregado de Negócios de Cuba, o qual me veio comunicar haver o Governo cubano aceito a mediação que lhe fora oferecida pela Indonésia, com o objetivo de serem resolvidos, em base bilateral, os problemas entre Cuba e os Estados Unidos, tomando-se por premissa o respeito à soberania cubana. Acrescentou que essa proposta de mediação seria apresentada dentro de poucos dias e que o Brasil era o primeiro país a ser informado da mesma. Finalmente, pediu o apoio do Brasil à iniciativa da Indonésia. Agradei a comunicação e disse ao Encarregado de Negócios, em caráter secreto, que a presente viagem do Embaixador Leitão da Cunha é principalmente motivada por gestão que vai fazer junto ao Governo cubano para apresentar-lhe sugestões tendentes a resolver a questão com os Estados Unidos.

³⁵⁷

A visita de Che Guevara ao Brasil ocorreu no contexto de sua participação na Conferência de Punta del Este, que lançou a *Aliança para o Progresso*. Esta, conforme discutido no capítulo anterior, tinha como objetivos principais: 1- diminuir o "antiamericanismo" acentuado com a tentativa de invasão de Cuba; 2- isolar Cuba da comunidade latino-americana; e 3- criar programas pontuais, com ajuda econômica norte-americana, que impedissem o "exemplo cubano". A oferta da Indonésia, nesse contexto, levava a questão do conflito para o âmbito externo ao sistema interamericano. Sukharno, Presidente do país asiático, havia sido convidado por Jânio para visitar o Brasil. Este havia ainda determinado que o representante brasileiro votasse a favor das propostas dos países

³⁵⁷ Telegrama nº 3150 de 31/03/1961. do Ministro das Relações Exteriores do Brasil para a Embaixada do Brasil em Havana. Seção de Correspondência Especial, Telegramas recebidos/Expedidos, 1960/61, Embaixadas (A-K), caixa 47, Secreto. AHMRE.

africanos na ONU³⁵⁸. Ficara decidido que a Indonésia levaria a proposta de Cuba para a Assembleia da ONU, o que poderia criar problemas para os Estados Unidos.

Jânio Quadros estava em posição mais confortável, no esquema montado com Frondizi e Kennedy, pois não fez segredo sobre a visita do guerrilheiro, além de ter ao seu lado uma das instituições mais poderosas: a Igreja Católica. Nos Estados Unidos, uma pesquisa realizada pelo Instituto Gallup apontara que 65% da população norte-americana era contrária a uma intervenção armada contra Cuba (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 342). Nesse sentido, o Brasil tornava-se, para John Kennedy, um parceiro de extrema relevância, pois reunia as qualidades indispensáveis de uma liderança continental, principalmente com a confirmação da Política Externa Independente, o que acarretaria, por consequência, a redução da influência de Fidel Castro sobre os países da América Latina,.

4.5 Religião ou Revolução

A revolução, como se sabe, "batia à porta" na América Latina. A política de contenção e bloqueio à Cuba pelos Estados Unidos criara o efeito inverso no governo de Fidel Castro, que alimentava movimentos guerrilheiros no continente com a finalidade de dispersar as forças norte-americanas. No Brasil, como analisado, havia movimentos armados, ainda muito incipientes (como do Rio de Janeiro), sendo as Ligas Camponesas, no Nordeste, a maior preocupação do imperialismo. Com esse quadro de lutas sociais acirrado, o Vaticano aparecia no cenário político constituindo-se como um aliado potencial dos setores liberais, tendo o anticomunismo como um princípio. A educação, conforme evidenciei, fora definida pela Igreja Católica como área social de investimento prioritário. Se os Estados Unidos utilizavam em sua propaganda a oposição entre "democracia e comunismo", a Igreja Católica utilizava, por sua vez, a oposição entre "cristianismo e comunismo"³⁵⁹.

A inclusão da Igreja no debate sobre a condecoração colocava a questão no plano extracontinental (Europa), associada a uma instituição de elevado prestígio social, o que não era o caso, naquele momento, dos Estados Unidos. A informação de que houve um pedido do Papa ou do Núncio Apostólico, veiculada pelo jornal *A Noite*, transformou-se num importante

³⁵⁸ Conforme consta de bilhetes escritos pelo presidente. Cf. Cadernos do CHDD, 2010.

³⁵⁹ Telegrama nº43, DPo/600.50(64h) 640.4(50) 19/03/1961. da Embaixada do Brasil junto à Santa Sé. Seção de Correspondência Especial, Cidade do Vaticano, Telegramas, 1960/64, Volume 03724. AHMRE.

instrumento de defesa do ato de Jânio Quadros. Tanto a referida "nota verbal" a que se referiu Afonso Arinos, quanto a suposta carta de Jânio a Fidel Castro não foram por mim localizadas. Em correspondência por meio eletrônico com o filho do Ministro Arinos, este respondeu não ter nenhuma outra informação além das que já existiam. Disse ainda que eu teria "dificuldade" em encontrar maiores informações³⁶⁰.

Deve ser considerado que havia muita confusão e, algumas vezes, contradição, nas informações. O *Correio da Manhã*, por exemplo, sob o título "Condenações", noticiou:

O tribunal revolucionário de Santiago de Cuba impôs pena de 20 anos de prisão aos sacerdotes católicos José Rojo Seijas e Reneiro Lebroz Martinez e Alberto Muller Quintana, sobrinho do bispo-auxiliar de Havana. Todos são acusados de delitos contra os poderes do Estado. O julgamento foi feito contra 78 pessoas. É a primeira vez que os tribunais revolucionários de Cuba condenam à prisão sacerdotes católicos (*Correio da Manhã*, 25/08/1961, p. 01).

O jornal, porém, publicou a matéria no dia da renúncia de Jânio Quadros e um mês antes, portanto, da confirmação da expulsão dos sacerdotes. A notícia fazia parte de uma sequência, cuja manchete era a entrevista de Che Guevara à rádio cubana sobre as conversas que teve por ocasião da Conferência de Punta del Este. A chamada principal do jornal remetia ao conflito bipolar: "Nova advertência dos EUA à União Soviética", buscando, assim, transpor os ânimos mundiais para a realidade continental. É importante ressaltar que as tensões verificadas em agosto de 1961 ainda eram desdobramentos de Praia Girón, pois o movimento contrarrevolucionário não havia desistido de derrubar o governo revolucionário.

O caso polêmico dos sacerdotes cubanos foi tratado na obra citada, de Frei Betto, na qual Fidel Castro afirmou:

Poder-se-ia indagar: houve algum padre fuzilado por delitos contra-revolucionários? Respondo: não. Legalmente era possível? Sim, desde que tivessem cometido delitos graves.

Frei Betto - Havia três padres na invasão da baía dos Porcos.

Fidel Castro - Tenho que verificar isso com exatidão, mas estou quase certo de que eram três.

Tecnicamente todos os invasores incorreram em delito de traição à pátria, porque se você vai para um país estrangeiro inimigo de seu país e, sob as ordens daquele país, invade sua própria pátria, às custas de sangue e da vida de seus concidadãos, tecnicamente isso é traição. Quase todos os códigos a condenam com a pena capital. (CASTRO, in BETTO, 1985, p. 222. Grafia original)

Sobre os fuzilamentos e prisões, Fidel respondeu da seguinte forma:

Houve também casos de cumplicidade com atividades contra-revolucionárias graves, que poderiam ter resultado em severas penalidades, como o fuzilamento.

³⁶⁰ Correio eletrônico recebido em 12/04/2017. Remetente: Afranio de Mello Franco.

Entretanto, não houve um só caso, porque procuramos evitá-lo, sob nenhuma justificativa queríamos fazer o jogo da reação e do imperialismo, dando uma imagem da Revolução fuzilando padre. Sempre se teve esse cuidado. Delitos graves foram cometidos por padres e, no entanto, nunca se lhes aplicou a sentença maior. Não foram muitos, porque uma coisa é a oposição política, a cobertura política e ideológica que se dá à contra-revolução e, outra, a realização de sabotagens ou de graves delitos contra-revolucionários. de fato, não ocorreram muitos, mas mesmo naqueles que justificariam a pena capital, procurou-se evitá-la. Os sacerdotes sempre foram tratados com especial consideração. Houve casos em que foram condenados à prisão por ações contra-revolucionárias; mesmo assim, nunca cumpriram a sentença, tínhamos interesse em que saíssem e estiveram presos o mínimo de tempo. Nos nos interessava a imagem de um padre preso ou da Revolução que prende sacerdotes, ainda que a penalidade se justificasse.

Nisso influiu muito um núncio muito inteligente e capacitado que tivemos aqui, monsenhor Zachí, uma pessoa construtiva, extraordinária, que percebeu a inconveniência de conflitos entre a Igreja e a Revolução e ajudou a evitá-los. (CASTRO, in BETTO, 1985, pp. 222-223)

Conflitos entre a Igreja Católica e a Revolução Cubana foram, portanto, constantes como se observa no relato do primeiro-ministro Fidel Castro. O uso político-ideológico, por ambos os lados, dos fatores resultantes desse conflito, constituía-se elemento central para formação da opinião pública, esta a mais disputada no cenário da Guerra Fria.

As notícias sobre os tribunais guardavam ainda relação com o fato de Guevara ter sido o comandante da Fortaleza de *La Cabaña*, um dos locais onde aconteciam os julgamentos. Na avaliação de Daniel Braddock, subchefe da missão norte-americana em Havana, Guevara era o agente do comunismo internacional e exercia "grande influência sobre Fidel Castro, utilizando La Cabaña como centro de "doutrinação" (ANDERSON, 2012, p. 444). Esse conjunto de informações permite uma compreensão mais apurada das motivações da classe dominante brasileira em intensificar a propaganda anticomunista a partir dos elementos contraditórios do próprio movimento revolucionário.

Alguns dias após a renúncia de Jânio Quadros, uma carta-telegrama da Embaixada Brasileira no Vaticano foi enviada ao Itamaraty, informando sobre a crise com os católicos em Cuba. Dizia o encarregado de negócios que o Monsehor Boza e 135 sacerdotes tinham sido expulsos de Cuba:

CT - 86 - A propósito da expulsão de Monsenhor Eduardo Boza Masvidal, um dos três bispos-auxiliares de Havana, e de 135 sacerdotes, "L'Osservatore Romano" de hoje escreve que "o ato do govêrno cubano, mais um de uma série de gravíssimas manifestações de hostilidade para com a Igreja e a religião católica, que é a da quase totalidade da população de Cuba, revela em toda a sua triste realidade uma situação que, sendo motivo da dor mais profunda para o mundo católico, não pode deixar insensíveis aqueles que ainda confiam nas razões da justiça e da liberdade". Essa advertência está sendo considerada aqui como um prenúncio de censuras mais severas que iriam até a excomunhão de Fidel Castro e de outros chefes cubanos.

H. de Souza-Gomes³⁶¹

O diplomata brasileiro fez, então, uma análise do periódico oficial da Santa Sé. Conforme ele escreveu, foi o órgão oficial da imprensa católica que anunciou a expulsão do Bispo Boza Masdival e de 135 sacerdotes. Acrescentou ainda o brasileiro, em tom romântico e dramático, que o mundo confiava nas "razões da justiça e da liberdade". O Monsenhor Boza era Bispo de *La Habana* e, em 1960, havia sido nomeado Reitor da Universidade Católica. O fato de o Bispo ter sido designado para dirigir uma Universidade Católica demonstrava uma contradição com as informações de "perseguição política", já que a nomeação ocorreu no período revolucionário. "As tensões com a Igreja começaram, disse Fidel a Frei Betto, quando a Revolução se chocou com os setores privilegiados" (CASTRO, Fidel in BETTO, Frei, 1985, p. 202). Antes da Revolução, o arcebispo de Havana, Manuel Arteaga, mantinha boas relações com a ditadura de Batista e, posteriormente, manteve, também, com o novo governo.

Durante o período revolucionário, muitos católicos incorporaram-se à Revolução. Dentre eles, destacou-se o Padre Sardiñas que, por conta própria, buscou os revolucionários ainda em *Sierra Maestra*. O padre participou da guerrilha com apoio, inclusive, de seu bispo. Ele celebrava missas para os guerrilheiros e batizava os filhos dos camponeses. Sardiñas, por vezes, era chamado pelas famílias para ser padrinho de batismo (CASTRO, Fidel in BETTO, Frei, 1985, p. p.191). A luta revolucionária, portanto, não opôs cristãos e não-cristãos, a oposição surgiu da luta de classes nas condições existentes em Cuba naquele momento histórico.

Uma análise do vasto material consultado no Arquivo Histórico do Itamaraty, em Brasília-DF, possibilitou mapear as correspondências entre o Brasil e alguns países da América Latina, Vaticano, Estados Unidos e Cuba, durante os anos de 1960 e 1961. Foram mais de três mil documentos consultados e analisados. Ao classificá-los cronologicamente, foi possível perceber que as correspondências, com pedidos de "clemência" para católicos, estudantes e pessoas acusadas de conspiração, encaminhadas durante o governo de Jânio Quadros e no início governo João Goulart, quando ainda havia rumores sobre um possível retorno do renunciante.

O caso do Bispo Boza e dos sacerdotes católicos deve ser visto à luz dos fatos que ocorriam em Cuba, relacionados à pressão norte-americana e à burguesia mundial que viam em Cuba o perigo de a União Soviética expandir seu domínio para o continente americano.

³⁶¹ CT n° 86, DPo/640.49(24h) 600.(24h) 20/09/1961. da Embaixada do Brasil junto à Santa Sé. Seção de Correspondência Especial, Cidade do Vaticano, Cartas-Telegramas, 1959/62, Volume 03734. AHMRE.

Determinados setores da Igreja Católica envolveram-se, assim, com atividades consideradas, pelo governo cubano, contrarrevolucionárias, dentre eles o Monsenhor Boza e outros sacerdotes³⁶².

Analisado em um plano global, a orientação filosófica da Igreja sempre foi anticomunista. Por sua vez, Che Guevara sempre afirmou sua convicção de guerrilheiro e que aquele era o momento para fazer a revolução. A Encíclica *Mater et Magistra*, mesmo liberal, representou, para a época, uma mudança nos dogmas da Igreja. Após a reunião que Jânio fez com os Cardeais, para firmar o convênio de educação de base com a CNBB (abordado no capítulo III), o Embaixador no Vaticano, Henrique de Souza Gomes, foi visitar Vossas Eminências na Santa Sé, com vistas a transmitir-lhes informações sobre o encontro no Brasil. Voltou para a Embaixada com informações de grande relevância histórica:

A Santa Sé tem indício seguro de que a Bolívia será o primeiro país a ser atingido por um movimento revolucionário à maneira de Cuba e foi escolhida por constituir núcleo ideal para a expansão comunista no continente, pelas seguintes razões: a) o país está praticamente à venda e será comprado por quem oferecer melhor preço (sic); b) sua situação geográfica, limítrofe de cinco países com fronteiras desguarnecidas, favorece penetrações de tôdas as espécies de propaganda; c) desnivelamento social e econômico, falta de educação e instrução do povo e descontentamento há muito reinante a tornam campo ideal para a implantação do regime comunista. O meu interlocutor pareceu profundamente abatido com a grave notícia, afirmando que como Cuba foi "cabeça de ponte", a Bolívia seria o "coração", (sic), da próxima ofensiva soviética na América Latina, que seria facilmente dominada, uma vez ali implantado o regime.³⁶³

A informação do embaixador data de maio de 1961. O ofício foi anterior à Conferência de Punta del Este e à visita de Che Guevara ao Brasil. Será que Che Guevara não foi avisado sobre essa informação? Se a informação sobre a decisão de começar a guerrilha pela Bolívia chegou ao Brasil, era muito provável que tivesse, também, chegado a Washington. Percebe-se que as razões elencadas no documento, para "expansão do comunismo", eram correlatas aos princípios programáticos da *Aliança para o Progresso* e as preocupações reiteradas da Igreja sobre o atraso econômico do continente. Che Guevara chegaria à Bolívia, para a luta guerrilheira, somente em 1966. Cinco anos antes, portanto, a avaliação da Santa Sé indicava que a Bolívia era o "coração" da revolução latino-americana.

Atenta aos movimentos políticos internacionais, a Igreja Católica manteve-se, entretanto, em silêncio com relação à condecoração. Nenhuma nota de qualquer membro da

³⁶² O Arquivo Digital da *Archdiocese of Miami* fala em 131 sacerdotes e não 135 conforme o jornal italiano da época. Ver: http://www.miamiarch.org/CatholicDiocese.php?op=Article_1422412224629, acesso em 22/05/2017.

³⁶³ Telegrama nº 27 de 31/05/1961. AHMRE.

Igreja foi encontrada nos arquivos públicos ou mesmo na imprensa escrita. Nenhum repórter teria procurado o Núncio ou representantes da Santa Sé? As informações colhidas foram passadas à imprensa pelo governo, via Ministério das Relações Exteriores³⁶⁴?

É possível concluir, com base nas fontes consultadas, que Cuba não tinha o interesse de criar incidentes com a Santa Sé. Ao contrário, o país cultivava boas relações com setores da Igreja mais progressista, garantindo uma boa convivência com a instituição.

Uma semana após a condecoração, Jânio Quadros renunciou, gerando uma grave crise política. O golpe foi evitado pela imediata ação de Leonel Brizola que, entrincheirado no Palácio Piratini, em Porto Alegre de metralhadora na mão, exigiu o cumprimento da Constituição (MARKUN, 2011). Começaria a Campanha da Legalidade e não pode ser esquecido que Brizola havia estado com Che Guevara no Uruguai, retornando ao Brasil ao perceber os objetivos duvidosos por que fora enviado como representante brasileiro para a conferência de Punta del Este.

No mês de setembro de 1961, vários pedidos de organizações católicas chegaram ao Brasil, rogando pelos sacerdotes cubanos. Iniciou-se, então, uma campanha de pressão sobre o governo brasileiro, com o objetivo que o Brasil assumisse a intermediação com Cuba.

No dia 21 de setembro de 1961, novo telegrama chegou ao Ministério das Relações Exteriores, pedindo mediação do Brasil em favor de sacerdotes cubanos. Dizia o telegrama:

DAS ORGANIZAÇÕES CATÓLICAS CUBANAS - MIAMI
EM/21/21/IX/61
DPo/600,(24h)
Pedido de mediação para sacerdotes cubanos
Rogamos mediación y garantías de las vidas del Bispo Boza y sacerdotes seculares acusados calumniosamente por el régimen comunista cubano.
ORGANIZACIONES CATÓLICAS CUBANAS³⁶⁵

Miami havia se transformado em cidade dos contrarrevolucionários cubanos, após o triunfo da Revolução Cubana em 1959. O balneário norte-americano virou um verdadeiro centro de conspiração da burguesia cubana e dos agentes da CIA. Os Estados Unidos mantinham em Miami todos os aportes necessários para os grupos anti-Fidel Castro. O ofício das Organizações Católicas Cubanas, a partir de Miami, era uma forma de pressão do movimento dos exilados cubanos para, além de libertar os prisioneiros contrarrevolucionários,

³⁶⁴ Isto não quer dizer que não existam. Eu não as encontrei.

³⁶⁵ Telegrama nº11.283 em 21/09/1961. AHMRE. Tradução do autor: "Rogamos mediação e garantias das vidas do Bispo Boza e sacerdotes seculares acusados caluniosamente pelo regime comunista cubano. Organizações católicas cubanas."

contribuir com a propaganda pelo rompimento de relações diplomáticas com Cuba. Na ausência de Quadros do cenário político, a intensificação do uso político-ideológico do caso dos sacerdotes ajudaria a criar, internamente, um ambiente hostil aos grupos de apoio ao governo Jango, identificado com a esquerda e com Cuba, favorecendo, ainda, a conspiração reacionária que daria o golpe civil-militar em 1964.

No dia seguinte ao ofício das organizações católicas, o Embaixador em Cuba enviou telegrama ao Brasil informando que o Bispo Boza e sacerdotes haviam sido expulsos de Cuba:

DA EMBAIXADA EM HAVANA
EM 22/24/IX/1961
DPo/600.(24h)
Pedido de mediação para sacerdote cubano.

252 - SEXTA-FEIRA - 18hs00 - Resposta ao telegrama de Vossa Excelência nº 129. Obtive informações de boa fonte segundo as quais o Bispo Boza já não se encontra em Cuba, pois foi forçado a embarcar no navio "Covadonga", com destino à Espanha. Em sua companhia foram também embarcados alguns sacerdotes católicos, em sua maioria, espanhóis.
CARLOS JACYNTHO DE BARROS³⁶⁶

O embaixador brasileiro respondeu que o objeto dado causa ao telegrama anterior já não existia, pois o Bispo e os sacerdotes já estariam longe de Cuba. Após passar pela Espanha, o Bispo Boza foi enviado para a Venezuela, de onde continuou a fazer campanha contra o governo de Fidel Castro. Mesmo com a informação sobre a saída dos religiosos de Cuba, grupos continuaram fazendo pressão ao novo governo brasileiro.

A *Ação Católica* começou também a fazer pressão. Apesar de não haver qualquer comprovação de perseguição religiosa em Cuba, a burguesia brasileira, infiltrada na Igreja Católica, pressionava o Ministro San Tiago Dantas:

DO GABINETE= BRASILIA
EM 2/2/X/1961
DPo/600. (24h)
Perseguição da Igreja Católica do Govêrno de Cuba.

1283 - Transmito: "Para Ministério das Relações Exteriores - de São Paulo - Em virtude da perseguição a elementos da Igreja Católica pelo Govêrno cubano, deve o povo brasileiro de comprovada formação cristã, pronunciamentos através do Itamaraty de repúdio à supressão da liberdade de pensamento e de religião aos irmãos de Cuba. Movimento de Adultos da Ação Católica de São Paulo - Setor Paroquial".
GABINETE = BRASILIA³⁶⁷

³⁶⁶ Telegrama nº252, de 22/24/09/1961. DPo. 600.(24h). AHMRE

³⁶⁷ Telegrama nº1283, de 02/2/X/1961. DPo. 600.(24h). AHMRE.

O mesmo ocorreu com os setores tradicionais e conservadores, que pressionavam os católicos com o objetivo de aumentar o movimento contra Cuba. Como dissemos anteriormente, o documento reivindicou a "comprovada formação cristã" do povo brasileiro, com vistas a comover o governo, obrigando-o a tomar posição contrária a administração de Fidel Castro.

Na Câmara dos Deputados, os ecos das lutas sociais transformavam-se em disputas discursivas na tribuna daquela Casa Legislativa. O deputado líder da maioria, Eloi Dutra (1916-1990)³⁶⁸, eleito pelo antigo Distrito Federal (PTB-RJ), em 1958, respondia às impropriedades de Lacerda e defendia a política externa de Jânio. Em seu discurso na primeira sessão após a condecoração, sobre Jânio Quadros afirmou:

O SR. Eloy Dutra - Não iludiu ninguém, diz muito bem V. Exa., e não se devem sentir iludidos agora o Cardeal Dom Jaime Câmara, esse São Francisco de Assis nativo, D. Helder Câmara, e outros que ouviram muito bem as palavras do Sr. Jânio Quadros e que agora, em nome desta civilização cristã, que permite continue esse Estado da Guanabara com 1 milhão de pessoas encarapitadas nos morros e afundadas nos charcos, vivendo em condições sub-humanas, venham defender com toda veemência o não reatamento de relações, como se não tivessem sabido disto antes, isto é, por ocasião da campanha do atual Presidente da República. (*Diário do Congresso Nacional*, 23/08/1961, I, p. 6071).

Os ânimos estavam exaltados, ainda mais com as declarações de Carlos Lacerda, conspirando abertamente contra a legalidade (MONIZ BANDEIRA, entrevista ao autor, 2016). O discurso do Deputado Eloi Dutra indicava que os dogmas da alta hierarquia católica não tinham unanimidade. A resistência do parlamentar buscou desconstruir a lógica de uma "civilização cristã" em contraponto ao não-cristão. A dicotomia que era defendida pelos setores reacionários interessava, afinal, aos propósitos golpistas da direita, avessa à *Política Externa Independente*.

Viria de outro parlamentar do PTB mais uma avaliação política sobre as condecorações que Jânio havia concedido. O Deputado por São Paulo, Salvador Losacco (1917-1993), jornalista e fundador do Pacto de Unidade Intersindical (PUI)³⁶⁹, falou da tribuna:

O Sr. Jânio Quadros, indiscutivelmente o representante de grupos econômicos estrangeiros à frente do Executivo Nacional - e isto se comprova pelos seus atos na

³⁶⁸ Cassado em 1964 pelo "Ato do Comando Supremo da Revolução nº 1 e 2". Sobre os Deputados Federais cassados na ditadura ver: AZEVEDO, 2012.

³⁶⁹ Resultou da grande greve dos 300 mil trabalhadores em São Paulo. Embrião das Centrais Sindicais. CPDOC-FGV/RJ.

política interna do nosso país, colocando a nossa economia em total dependência desses grupos econômicos internacionais - mascara este processo de desnacionalização da nossa indústria, de pauperização do povo brasileiro, com a concessão de comendas, mas não faz acompanhar as palavras e as condecorações de ato algum - que até hoje não houve - para a efetivação daquelas promessas solenemente feitas por ocasião da última campanha eleitoral à Presidência da República (*DCN*, 23/08/1961, p.6071).

Losacco era um dos opositores da política de Jânio Quadros. Para ele, este e Lacerda combinavam o figurino da política. As crises desencadeadas por ambos não passava de um teatro, no qual o povo era mero espectador. As condecorações que Jânio concedera teriam sido, segundo ele, uma forma de mascarar seus atos políticos na política interna, em favor do capital internacional. Acrescentou ainda o Deputado:

Todo este barulho, toda esta agitação, em virtude da concessão da Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul ao Ministro Cubano Ernesto "Che" Guevara, é uma continuação daquela campanha sistemática, deliberada que o Sr. Presidente da República vem promovendo pela imprensa, rádio e televisão, hoje colocados sob a dependência da sua vontade, em virtude dos bilhetinhos do Sr. Presidente da República, que no País valem muito mais do que as leis, as disposições legais reguladoras da manifestação do pensamento (*DCN*, 23/08/1961, p.6071).

Numa linha mais à esquerda do que seu colega de partido, Losacco acusava Jânio de premeditar o momento em que teria poderes absolutos, haja vista a forma de governar por meio de "bilhetinhos". Por essa ótica, a condecoração de Che Guevara seria uma nuvem colocada no céu da política, para impedir a visibilidade dos objetivos reais do Presidente. Losacco denunciou ainda que a imprensa fazia o jogo "desses dois políticos profissionais: o Sr. Carlos Lacerda e o Sr Jânio Quadros", que, segundo o deputado, buscavam monopolizar a atenção da imprensa.

4.6 A tentativa de cancelar a condecoração

A comenda entregue ao Ministro da Indústria de Cuba incomodou a elite política brasileira durante todo o tempo em que ele esteve vivo. A medalha fixada no uniforme do guerrilheiro parecia uma cruz a ser carregada, que os conservadores pretendiam se livrar. As fontes indicaram que duas vertentes explicativas principais estão relacionadas à condecoração

de Che Guevara. Uma delas direciona as motivações para um conflito que opunha Estado Revolucionário e Igreja. A outra, uma trama entre Estados Unidos, Brasil e Argentina, que assegurasse a "segurança hemisférica", neutralizando as ações consideradas de exportação da revolução cubana. Ao considerar esse caminho, identifiquei uma estratégia conservadora para convencer a opinião pública no Brasil, composta por dois elementos fundamentais: 1 - inverter a lógica dos fatos, transformando os grupos contrarrevolucionários em vítimas da Revolução cubana; 2 - intensificar a propaganda para disseminar o ódio de classe, aproveitando-se da religiosidade popular, com vistas a conter o avanço das forças progressistas daquela época, que nutriam simpatia pela Revolução Cubana. Quando Jânio renunciou e as forças progressistas conseguiram impedir o golpe imediato, os grupos de pressão intensificaram as campanhas anti-Cuba, caldeira em ebulição onde foi forjado o golpe burguês-militar³⁷⁰ de primeiro de abril de 1964.

Quando este foi desfechado e os militares assumiram o poder no Brasil, foi iniciado o processo de cassação de lideranças políticas, parlamentares. Enfim de todos aqueles que o novo sistema pode rotular de "comunista". Em meio ao festival de cassações totalitárias, deputados da base reacionária tentaram cassar a condecoração de Che Guevara³⁷¹. A proposição nasceu entre os setores ligados ao novo bloco do poder que outrora haviam criticado a homenagem feita pelo governo Jânio Quadros ao líder revolucionário.

Na ocasião, Nelson Carneiro (PSD/RJ), Pedro Aleixo (UDN/MG), Bilac Pinto (UDN/MG), Martins Rodrigues (PSD/CE), constitucionalistas respeitados, manifestaram opinião de que o Poder Legislativo não tinha competência para interferir em ato de exclusiva competência do Presidente da República (*Última Hora*, 03/12/1962, p.4).

O processo de cassação da comenda a Guevara foi apresentado em 21 de novembro de 1962, pelo Deputado Federal Othon Mader, eleito em 1958 pela UDN do Paraná. O parlamentar deu entrada no pedido de cassação por meio de projeto de lei que tramitou como PL nº 4785/1962. Na epígrafe constava: "Declara sem efeito o decreto do Presidente da República de 18 de agosto de 1961, que conferiu a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul a Ernesto Guevara, Ministro da Indústria de Cuba" (PL 4785/1962. BCD). Em seu primeiro artigo, o projeto previa:

Art. 1º - é Declarado sem efeito o decreto de 18 de agosto de 1961, publicado no Diário Oficial da União da mesma data, expedido por intermédio do Ministério das

³⁷⁰ Perspectiva de LEMOS, 2014.

³⁷¹ Sobre o golpe civil militar de 1964 ver: DREIFUSS, 1978.

Relações Exteriores, pelo qual o Presidente da República, na qualidade de Grã-Mestre das Ordens Brasileiras conferiu a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, no grau de Grã-Cruz, ao Sr. Ernesto Guevara, Ministro da Indústria de Cuba, por não terem sido observadas as exigências do decreto nº 22.610, de 4 de abril de 1933 (PL 4785/1962. BCD).³⁷²

O Projeto de Lei passou por duas Comissões: a de Constituição e Justiça e a de Relações Exteriores, obedecendo ao rito regimental da Câmara. O decreto a que se refere, datado de 1933, restabelecia o Regulamento da Ordem do Cruzeiro do Sul, por Getúlio Vargas, referindo-se ao udenista em vários artigos. Com relação a Che Guevara, concluía que o Presidente e o Ministro das Relações Exteriores haviam cometido irregularidades na concessão da Ordem do Cruzeiro ao ministro cubano. O deputado em questão desafiava sua própria legenda partidária, pois Afonso Arinos ainda era senador pela UDN da Guanabara, pertencendo à ala conhecida como "Banda de Música" pelo barulho que fazia quando ocupava a tribuna. Como justificativa, o deputado, autor do projeto, classificou o ato de Jânio como "injustificado e injustificável", acrescentando que Jânio conspurcou a "alta honraria, conferiu-a a um cidadão apátrida, aventureiro internacional, profissional de revoluções comunistas de ódio e sangue (México e Guatemala)" (PL 4785/1962).

Após uma série de impropriedades, o deputado direitista assim finalizou sua argumentação: "este é o objetivo patriótico e moralizador do projeto que ora é apresentado". Além de incorrer em erro jurídico, pois, segundo o regulamento da Ordem, somente o Presidente da República podia cassar condecorações anteriormente concedidas, o deputado o fez ainda quando Cuba estava vivendo tensão pior ainda, devido à crise dos mísseis.

Na justificativa, nenhuma referência a questões religiosas ou a valores cristãos, como era comum ser invocado em determinadas retóricas políticas. Como fundamento, o deputado invocava o "povo", como sendo o mais interessado no tema, afirmando que ele ficara assustado com a condecoração. São palavras do deputado:

A reação que tal condecoração suscitou na opinião pública nacional foi das mais violentas e de todos os setores da população brasileira surgiram os mais enérgicos protestos. Por sua vez os que ostentavam orgulhosamente tais insígnias, sentiram o esvaziamento e a desvalorização daquele título, que antes desse ato, era uma honrosa e valiosa credencial. Alguns condecorados a devolveram, outros não a usaram mais, tão depreciada ela ficou com a entrada do agitador internacional "Che Guevara" para a sua convivência. Não é demais afirmar que este infeliz decreto pôs por terra todo o sólido prestígio do ex-Presidente Jânio Quadros, que 7 dias depois renunciava à Presidência da República (PL 4785/1962. BCD).

³⁷² Transcrição de inteiro teor.

O deputado fazia, na Câmara, seu relato comovente e dramático, com o objetivo de convencer seus pares a votarem favoravelmente ao projeto. Nas defesas que apresentava, considerava o decreto da condecoração de Guevara um dos principais motivos da perda do "prestígio" do ex-presidente Quadros. Argumentava, ainda, mesmo sem fontes seguras de comprovação, que "alguns condecorados a devolveram". As propostas e ameaças, porém, não resultaram na efetivação da devolução.

De forma espetaculosa, o parlamentar encerrou sua defesa exclamando: "Que se expulse da Ordem, aquele que a envergonha e a degrada: Ernesto Guevara". Além de poder criar um problema diplomático, a proposta do deputado Mader descartava a interpretação, constante de fontes anteriores, tanto imprensa quanto Itamaraty, de que as motivações para a condecoração a Che Guevara tinham tido fundamento na situação dos "católicos perseguidos em Cuba".

Como houve mudança no Legislativo e Mader não foi eleito, o projeto foi arquivado. Em abril de 1963, porém, o deputado pessedista do Rio de Janeiro, Dirceu Cardoso (1913-2003), vice-líder da maioria na Câmara, pediu novamente o desarquivamento.

Desarquivado, o projeto tramitou na Comissão de Constituição e Justiça, na qual foi exarado parecer pela rejeição. Na exposição sobre a constitucionalidade do projeto, o deputado relator Laerte Ramos Vieira ratificou o ato de Jânio, afirmando que nada obstava ao Presidente outorgar o título, tendo em vista ser ele do Conselho da Ordem e seu Grão-Mestre, o que lhe conferia esse poder. Concluía o deputado dizendo que era "impossível revogar ou anular um decreto que concede direito ou prerrogativa de ordem pessoal, através de uma lei". O órgão adequado para anular o decreto seria o Conselho da Ordem, conforme disposto no artigo 15, letra "g" do Regulamento da Ordem do Cruzeiro do Sul.

A Comissão que se reuniu para apreciar e votar o parecer do deputado Laerte Vieira era composta pelos seguintes deputados: Tarso Dutra (Presidente-PSD/RS), Laerte Vieira (Relator - PSD/RJ), Djalma Marinho (UDN/RN), Arnaldo Cerdeira (PSP/SP), Temperani Pereira (PTB/RS)³⁷³, Getúlio Moura (PSD/RJ), Celestino Filho (PSD/GO), Ulysses Guimarães (PSD/SP), Rondon Pacheco (UDN/MG), Pedro Aleixo (UDN/MG), Afonso Celso e Alfredo de Arruda Câmara (PDC/PE).

A Turma "A" da Comissão de Constituição e Justiça rejeitou, por unanimidade, o projeto, no dia 06 de junho de 1963, através da PL 4785/63, declarando sua "injuridicidade". O parecer foi assinado pelo Presidente da Comissão, Deputado Tarso Dutra e pelo Relator,

³⁷³ Teve mandato cassado em 1964 pela ditadura.

Deputado Laerte Vieira. O projeto foi encaminhado, em seguida, para a Comissão de Relações Exteriores.

O Brasil, sob o comando de João Goulart, buscava a definição de seu Projeto de Nação³⁷⁴. No comando do Ministério das Relações Exteriores, San Tiago Dantas havia ajudado o Brasil a reatar relações com a União Soviética, porém não impediu, em janeiro de 1962, que a OEA expulsasse Cuba do "sistema interamericano". Os debates estavam cada vez mais acirrados e uma campanha de conspiração contra o governo Goulart estava em curso, alimentada pela propaganda concebida pela dupla IPES/IBAD. A burguesia empresarial nacional, associada ao capital internacional, reorganizava-se, dessa vez com apoio e participação de setores golpistas das Forças Armadas, alguns os mesmos do 11 de novembro de 1955 (DREIFUSS, 1981).

Foi designado como Relator, pela Comissão de Relações Exteriores, o Deputado João de Medeiros Calmon (1916-1998), eleito em 1962 pelo PSD do Espírito Santo. Calmon também foi eleito, naquele mesmo ano, presidente da *Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão* (ABERT), o que lhe garantiu maior influência na imprensa burguesa. Passou a fazer campanha sistemática contra o governo João Goulart e pediu, após o golpe de 1964, a cassação de todos os parlamentares que tivessem ligação com o Partido Comunista Brasileiro (CALMON, verbete in CPDOC-FGV). No dia 18 de setembro de 1963, o deputado emitiu parecer favorável ao Projeto de Lei do Deputado Othon Mader. Em seu parecer, o capixaba de Colatina argumentou que "se a Lei pode, como o pôde, criar a Ordem (Decreto-lei 1424 de 17 de julho de 1939), dando as regras gerais de sua concessão, pode o menos, ou seja, declarar sem efeito a sua concessão (...)" (Projeto 4785/1963. BCD)³⁷⁵. Ancorava-se o deputado oposicionista no instituto jurídico de "quem pode o mais, pode o menos".

Na justificativa do parecer, o Deputado acrescentou:

O ato, ao qual se pretende tirar efeito, teve repercussão explosiva na vida política. A repulsa de todas as correntes populares, deflagrada, determinou, como causa direta, a renúncia do Presidente da República. - O que se pode dizer é que está faltando, ao Estado, ratificar a vontade popular, neste episódio, e é o que pretende fazer o projeto, iniciado na casa de representação popular do Poder Legislativo (PL 4785/1963. BCD).

³⁷⁴ Uma visão sobre o Projeto de Nação no governo de João Goulart pode ser conhecida em MUNTEAL FILHO; VENTAPANE; FREIXO, 2006.

³⁷⁵ Com o desarquivamento, o projeto passou a ser numerado pela nova data, 1963. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoes>>, acesso em 02/05/2015.

O deputado, que no ano seguinte apoiaria o golpe contra a democracia, apelou para a estratégia discursiva de tomar a parte pelo todo, dizendo que o projeto buscava "ratificar a vontade popular". Não há registro documental de qualquer tipo de pesquisa de opinião sobre a referida proposição, o que fazia do argumento mera figura retórica. Incluiu, em sua argumentação, uma avaliação sobre a renúncia do Presidente Quadros. Segundo ele: "A repulsa de todas as correntes populares, deflagrada, determinou, como causa direta, a renúncia do Presidente da República". O parlamentar colocaria, assim, na condecoração a Che Guevara o motivo para a renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República, em 25 de agosto de 1961.

O agravamento da crise política forjada pelos grupos conspiradores, a partir de uma intensa propaganda ideológica, fez paralisar o andamento do processo no legislativo. No plano internacional, Kennedy havia sido assassinado em 22 de novembro de 1963, abrindo espaço para os setores mais reacionários em termos de política externa dos Estados Unidos. A direita golpista brasileira teria como meta principal a derrubada de Jango, para o quê não poderia dar encaminhamento ao projeto de lei, evitando maiores desagradados por parte dos deputados favoráveis ao golpe, mas contrários a tornar sem efeito um ato de Jânio.

Com tanques, bombas, fuzis e operação *Brother Sam*³⁷⁶, confirmou-se a quebra da democracia e a restrição das liberdades. Estava instaurada, em 1º de abril de 1964, a ditadura. O Congresso, em sua maioria favorável ao golpe, articulou-se aos setores golpistas da imprensa e buscou convencer a população de que se tratava de uma "revolução"³⁷⁷ com eleições indiretas³⁷⁸. Com o novo regime autoritário, Vasco Tristão Leitão da Cunha foi nomeado por Humberto de Alencar Castelo Branco para o Ministério das Relações Exteriores. Como vimos anteriormente, ele havia sido embaixador em Havana no governo Kubitschek, estabelecendo, de alguma forma, linha de continuidade com a grande preocupação na América do Sul: Cuba. Diga-se, inclusive, que o governo cubano havia homenageado o Chefe da Missão Diplomática Brasileira anos antes, como "Correspondente Acadêmico" da

³⁷⁶ Envio de força naval norte-americana em apoio ao movimento golpista. Segundo Dornelas (em entrevista ao autor, 2016), o envio da operação Brother Sam era porque o governo norte-americano tinha informações de que no Rio de Janeiro haveria resistência.

³⁷⁷ Segundo Prado Jr, a transformação social era um anseio popular, motivo pelo qual os golpistas apropriaram-se da palavra "revolução" para inverter o jogo político, como se estivessem propondo as mudanças que a população ansiava, como reforma agrária e erradicação da fome. "Não é por acaso nem por simples exibicionismo que o golpe de 1º de abril de 1964 se enfeitou do nome de 'revolução'" (PRADO Jr., 1977, p.22).

³⁷⁸ Para uma leitura sobre o aparato repressivo do regime implantado a partir de 1964, ver: *Brasil: Nunca mais*, 1990.

Academia Nacional de Artes e Letras daquele país, conforme ofício encaminhado ao então Ministro das Relações Exteriores:

A Embaixada do Brasil em Havana cumprimenta a Secretaria de Estado das Relações Exteriores e tem a honra de remeter-lhe as anexas cópias da correspondência trocada entre a Academia Nacional de Artes e Letras de Cuba e o Chefe da Missão diplomática, por motivo da eleição do Senhor Vasco Tristão Leitão da Cunha para membro correspondente daquela prestigiosa instituição cultural. Havana, em 6 de maio de 1960.³⁷⁹

A honraria ao "Acadêmico Correspondiente" foi aprovada no dia 11 de abril e o processo teve a iniciativa do Dr. Miguel Angel Carbonell Rivero, um dos membros da conceituada instituição acadêmica, bem como do governo revolucionário. O Embaixador recebeu, em Havana, o comunicado de sua nomeação:

Exmo. Sr. Vasco T. Leitão da Cunha,
Embajador del Brasil.
Calles G y 19, Vedado.
Exmo. Señor Embajador
La academia Nacional de Artes y letras, en la junto general ordinaria celebrada el dia de la fecha, se honró aprobando por unanimidad la propuesta que, a iniciativa del Dr. Miguel Angel Carbonell Rivero, le señala a usted para la dignidad de ACADEMICO CORRESPONDIENTE con residencia en Rio de Janeiro, Brasil.
Nuestro otorgamiento reconoce, a un mismo tiempo, su alta jerarquía en el campo de la cultura y la elevada dignidad con que sabe apretar vínculos desde el desempeño de su investidura diplomática.
Con las congratulaciones de todos los señores Académicos que hago más enteramente, queda de usted con la más alta consideración,
a) José Luis Vidaurreta
Secretario General³⁸⁰

O Embaixador Vasco Leitão era considerado, em Cuba, um "amigo" do país, como os meios de comunicação veiculavam. Como afirmado anteriormente, a prática de distinção de homenagens não era determinada pelo aspecto ideológico, mas pela política de incentivo ou das relações exteriores propostas por determinado governo.

Ao novo ministro foi solicitado, pelo Chefe do Gabinete Militar, que fizesse levantamento de todas as condecorações concedidas entre julho de 1961 e março de 1964. Vasco Leitão realizou a tarefa que lhe fora atribuída e encaminhou o resultado ao presidente Castelo Branco, com a seguinte solicitação:

³⁷⁹ Ofício 97/640.231(24h).. AHMRE.

³⁸⁰ Ofício 97/640.231(24h). Anexo. AHMRE.

Muito agradeceria a Vossa Excelência obter de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, a fixação da data para a Reunião do Conselho da Ordem com o objetivo de deliberar, de acordo com o que preceitua o art. 15 letra "g" do Regulamento da Ordem, as decisões de Sua Excelência o Senhor Presidente da República.(OCS/2/483.0(00) de 15/07/1964. AHMRE)

O ministro Leitão da Cunha, atento às intenções subliminares que o pedido indicara, fez saber aos superiores o dispositivo legal que determinava as regras referentes às condecorações e organização da Ordem do Cruzeiro do Sul. Ao indicar a alínea e o artigo do Regulamento da Ordem a serem obedecidos, o ministro não deixou dúvidas sobre as motivações de seu pedido, pois está prescrito: "g) suspender ou cancelar o direito de usar as insígnias concedidas, por qualquer ato incompatível com a dignidade da Ordem" (Decreto Nº 22.610 de 04/04/1933. CLR. Grafia original)³⁸¹.

No dia 17 de junho de 1964, sob a presidência de Raymundo Padilha, a Comissão de Relações Exteriores reuniu-se novamente, já com o parecer favorável do relator João Calmon, proferido no ano anterior. Estiveram presentes na reunião ordinária, os seguintes deputados: José Sarney (UDN/MA), Levy Tavares (PSD/SP)³⁸², Corrêa da Costa (UDN/MT)³⁸³, Leopoldo Peres (PSD/AM), Renato Celidônio (PTB/PR)³⁸⁴, Mendes de Moraes (PSD/GB)³⁸⁵, Henrique Turner (PDC/SP), Teófilo de Andrade (PDC/SP), Milton Cabral (PTB/PB)³⁸⁶, José Resegue (PTB/SP)³⁸⁷, Dias Lins (UDN/PE), José Menck (PDC/SP), Aluizio de Castro (PSD/BA), Antonio de Barros (PSP/SP), João Calmon (PSD/ES), Hermógenes Príncipe (PSD/BA), Ewaldo Pinto (MTR/SP)³⁸⁸ e Newton Carneiro (UDN/PR).

No parecer final da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, constou que:

³⁸¹ Não localizei registros sobre a referida reunião da Ordem.

³⁸² Levi Tavares era Ministro Evangélico. Ver: CPDOC-FGV

³⁸³ Yttrio Corrêa da Costa. Fazendeiro e Engenheiro. Era Suplente na Comissão. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa>>, acesso em 02/02/2017.

³⁸⁴ Cassado pelo AI-5. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa>>, acesso em 02/02/2017.

³⁸⁵ Oficial do Exército. Assumiu como suplente. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa>, acesso em 02/02/2017.

³⁸⁶ Participou da conspiração contra Jango e ingressou na ARENA pós-64. CPDOC-FGV.

³⁸⁷ Entrou para Arena pós-64.

³⁸⁸ Movimento Trabalhista Renovador. Base de apoio de Jânio Quadros. CPDOC-FGV.

(...) apreciando o Projeto nº4785/63, do Sr. Othon Mader, que "Declara sem efeito o decreto do Presidente da República de 18 de agosto de 1961, que conferiu a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul a Ernesto Guevara, Ministro da Indústria de Cuba", opinou, de acôrdo com o parecer do Relator João Calmon, pela sua aprovação, por unanimidade.
Sala da Comissão, em 17 de junho de 1964.³⁸⁹

O parecer foi assinado pelo presidente da Comissão, Deputado Raymundo Padilha, e pelo Relator, Deputado João Calmon. O Legislativo, porém, não deu continuidade à tramitação do parecer dos parlamentares, relativo à cassação da comenda dada a Guevara.

Havia, ademais, um elemento fundamental, cujo vazio explicativo deve ser preenchido. O líder revolucionário Che Guevara, como já abordado, era monitorado pela CIA, órgão de informações norte-americano que operava no mundo, com atividades ligadas à espionagem.

Um dos órgãos usados para o monitoramento de militantes e movimentos de esquerda durante a ditadura, em colaboração com a CIA, foi o CENIMAR - Centro de Informações da Marinha. Em fevereiro de 1967, o CENIMAR informou o governo que a UNE estaria organizando um encontro, no Brasil, com Che Guevara, para o quê pedia atenção máxima das autoridades³⁹⁰. No dia 04 de maio do mesmo ano, o Quartel General da 3ª Zona Aérea, da Aeronáutica, em conjunto com SNI e o Serviço de Segurança da Guanabara, informavam: "Em anexo, segue as fotos de 'Che' Guevara que, segundo consta, agiu, há pouco tempo, em algumas cidades do ESTADO DO RIO, notadamente em SANTO ALEIXO (RJ)"³⁹¹. Nem a CIA, nem a ditadura brasileira conseguiam, porém, encontrar Che Guevara, que já não estava mais em Cuba, mas preparando sua entrada na Bolívia.

A essa altura, os governos latino-americanos alinhados aos Estados Unidos empenhavam-se na captura de Che. O golpe no Brasil tinha, dentre outros objetivos, fechar o cerco ao movimento revolucionário latino-americano. A tomada do poder político em um país que tinha fronteiras com a maioria dos vizinhos da América do Sul representava condição decisiva para impedir o avanço das forças populares no continente. Do Forte Gulik, no Panamá, a CIA e o governo norte-americano controlavam todas as atividades das esquerdas na América Latina, com apoio dos governos a ele submetidos.

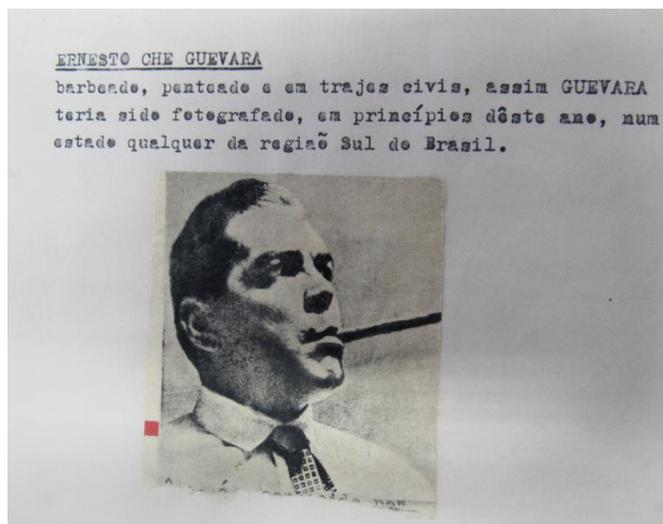
³⁸⁹ Projeto 4785/1963. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoes>>, acesso em 02/05/2015.

³⁹⁰ Secreto nº 233, Cenimar-MIM, de 24/02/1967, Fundo: Polícias Políticas, Secreto 20, maço 1, caixa 394. APERJ

³⁹¹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Informação nº 038/ZONAER-3, 04/05/1967, Fundo: Polícias Políticas, Secreto 20, maço 1, caixa 391. Não constavam do arquivo as referidas fotos de Che Guevara. As hipóteses apresentadas por um dos funcionários é de que poderiam ter sido furtadas ou extraviadas.

Che havia se tornado o guerrilheiro mais procurado pela CIA e pelos exércitos dos países latino-americanos. Sua foto, com o novo rosto, estava circulando pelos órgãos de segurança.

Figura 36 - Foto de Che Guevara disfarçado



Fonte: ErnestoChe Guevara (foto).

Fundo: Polícias Políticas, setor 11, maço 01, caixa 391, 1967. APERJ.

Acima da foto (figura 36), reproduzida da revista *Manchete*, dizia: "ERNESTO CHE GUEVARA. Barbeado, penteado e em trajes civis, assim Guevara teria sido fotografado em princípios deste ano, num estado qualquer da região sul do Brasil". A imagem mostra o Che com aparência modificada ao sair de Cuba. Ele entrou na Bolívia como Adolfo Mena González, um enviado especial da OEA, que efetuaria estudos sobre as relações econômicas e sociais presentes na área rural da Bolívia (GUEVARA, 1988, p.XXXV).

O próprio Che Guevara já havia previsto que o imperialismo não permitiria outra experiência cubana, portanto a organização de novos movimentos guerrilheiros deveriam levar em consideração essa premissa. Os órgãos de repressão brasileiros trabalhavam com a hipótese de que o guerrilheiro pudesse estar no Brasil. Se a importância de Che Guevara, como líder revolucionário, para a esquerda, era notória, para a direita ele era a configuração do perigo, por isso era "caçado". O monitoramento dos passos de Guevara fez os órgãos de repressão abrirem um prontuário específico para o líder revolucionário. As chefias do órgão despachavam os documentos escrevendo: "arquite-se no Prontuário 'Che Guevara'".

Havia muitos boatos de que Che Guevara estaria morto. Como não se comprovasse o boato, a CIA permanecia em alerta e treinava forças especiais para encontrar e assassinar

Guevara, que consideravam uma ameaça. Nesse contexto de busca, a polícia política brasileira encaminhou a foto de Che para os principais órgãos de informação no Brasil e para a CIA, a fim de checar a autenticidade da fotografia. Com esse quadro de tensão internacional em torno da figura do Che, avançar na proposição da Câmara para retirar-lhe a comenda, além de contrariar a legislação em vigor, poderia se transformar em “um tiro no pé”.

No dia 6 de outubro de 1967, dois dias antes da captura na Bolívia, um funcionário do Departamento de Polícia Política e Social, sediado em Niterói, enviou informe para seu chefe, contendo anexos compostos por duas fotos de Che Guevara e uma matéria da Revista *Manchete* do mês de setembro daquele ano. No lugar de nome e assinatura, constavam, apenas iniciais: H.F.T. de SCD-DPPS/RJ³⁹². No título da matéria, uma conclusão: "3 de agosto: Guevara entra no Ministério do Interior, em Havana. Nunca mais foi visto". A revista trazia, ainda, uma avaliação da América Latina e das políticas norte-americanas para a região, afirmando que Che Guevara poderia estar em quatro países: Guatemala, Colômbia, Venezuela ou Bolívia.

Um mês e meio depois, a 23 de novembro, o chefe do DPPS emitiu despacho, escrito à caneta na parte inferior do informe sem número: "Ao prontuário de Ernesto CHE Guevara, que deverá ser mantido até a positivação de morto ou não. Em 23/XI/67"³⁹³. Nesta data, o mundo já havia recebido a notícia de que Che havia sido assassinado pelas forças do ditador René Barrientos. A confirmação oficial foi feita por Fidel Castro, ao discursar em Havana, em 18 de outubro de 1967, ocasião em que reconheceu a morte do combatente. Para os órgãos da repressão no Brasil, a confirmação deveria chegar por intermédio da CIA.

O desaparecimento físico de Che Guevara não fez, entretanto, desaparecerem suas ideias. No Brasil elas retornariam com várias experiências guerrilheiras, a Guerrilha do Araguaia em meados da década de 1970. Na América Latina, a experiência guerrilheira, como instrumento de lutas de transformação, teve seu último sopro de esperança no século XX com o triunfo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), na Nicarágua, em 1979³⁹⁴.

³⁹² Prontuário 29.884. Informe s/n. DPPS/SCD/RJ, Polícias Políticas, Secreto 11, maço 01, caixa 391, 1967. APERJ.

³⁹³ Prontuário 29.884. Informe s/n. DPPS/SCD/RJ, Polícias Políticas, Secreto 11, maço 01, caixa 391, 1967. APERJ.

³⁹⁴ A Frente Sandinista era formada por três forças políticas mais atuantes na Nicarágua: sandinistas, marxistas e cristãos. O grupo majoritário era composto pelos sandinistas, que indicaram Daniel Ortega para assumir o governo. Em 1989, vivendo o contexto das mudanças na União Soviética e a queda do Muro de Berlim, o governo nicaraguense não suportou as sabotagens e o bloqueio econômico norte-americano e negociou a realização de eleições. Violeta Chamorro, candidata apoiada pelos Estados Unidos, venceu o pleito, repercutindo na América Latina como uma derrota do movimento revolucionário. Ver: ZIMMERMANN, 2006.

Um hiato, porém, ocorreu entre sua morte e o arquivamento do projeto que propôs tornar sem efeito o ato do presidente Quadros. A decisão do arquivamento foi publicada na página 1911, coluna 2, no Diário do Congresso Nacional do dia 30 de maio de 1973, pouco antes de completar seis anos de sua morte. O líder guerrilheiro que desafiou o imperialismo levou com ele, simbolicamente, a Cruz que lhe ofertara Jânio Quadros.

CONCLUSÃO

O fato da “incompreensão do passado [nascer] fatalmente da ignorância do passado”, conforme frase de Marc Bloch (2001, p. 65), remete a um diálogo temporal de grande significado. Este assume maior dimensão, quando o fundador da “Escola” dos *Annales* nos diz que “talvez não [fosse] menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”. É então que o sentido da dialética se revela. Passado e presente, através do historiador, dialogam.

O sentido dialético da História deu corpo a este trabalho. Ao longo de quatro capítulos, busquei responder à seguinte questão: por que Jânio Quadros condecorou Che Guevara? Na busca da resposta, analisei a Revolução Cubana, seus impactos e a derrota dos Estados Unidos na batalha de Praia Girón, considerado como marco fundamental da “trama” analisada; estabeleci uma relação entre os fatos anteriores e o Brasil de Jânio Quadros; discuti, a *Aliança para o Progresso* como estratégia de manutenção do "sistema interamericano", na qual o Brasil ocupou papel de destaque na mediação do conflito EUA e Cuba; analisei, por fim, a visita de Che Guevara ao Brasil e sua conseqüente condecoração, a partir do cenário evidenciado, analisando suas várias explicações e desdobramentos, de forma a encontrar um caminho próprio de explicação.

Ao assumir a Presidência da República, Jânio Quadros representou uma ruptura, mas não aquela conhecida por Cuba. Foi uma ruptura pela direita, dos setores conservadores, ligados ao novembro de 1955, que haviam se articulado em torno da candidatura Jânio que, segundo Carlos Lacerda, "ganharia de qualquer jeito" (1987, p.238). O presidente campeão de votos nutriu forte desprezo pelas organizações políticas e pela burocracia, governando por despachos que tomaram a forma de "bilhetinhos". A característica que julguei mais relevante destacar no "homem da vassoura", porém, foi sua ambigüidade. Os atos de Jânio, nesse sentido, não devem compreendidos por apenas um ângulo explicativo, pois eles moveram-se, sempre, em, pelo menos, duas direções.

A eleição de Jânio ocorreu em um clima de euforia. A direita ganhou com seu candidato e a esquerda com o dela: João Goulart, que disputou o cargo em outra chapa e derrotou o candidato apoiado por Jânio. Essa foi a questão fundamental do novo governo. Conforme evidenciei, um dos primeiros atos do Presidente foi criar comissões de inquérito e sindicância para investigar tudo o quanto ele achasse ilegal com relação ao governo anterior. Uma das comissões investigaria os atos do Vice-presidente da República, João Goulart, que

havia sido reeleito, pois fora o vice de Juscelino. Ganhou, inclusive, a eleição com número de votos maior do que Kubitschek.

Goulart estava ligado aos sindicatos, sendo considerado herdeiro de Getúlio Vargas. Jânio Quadros enviou João Goulart para os países europeus e para a China. Enquanto isso, desenvolvia-se a Conferência de Punta del Este, no Uruguai, que ofereceu a oportunidade para a condecoração de Guevara. Dessa forma, o Vice-presidente foi impedido de ter contato com o líder cubano.

Naquela época o Brasil era um país de contrastes colossais. A miséria e a fome era uma realidade. O Nordeste possuía os mais altos índices de pobreza. Nessa região, especialmente, desenvolvia-se uma experiência de organização popular: as Ligas Camponesas, com ajuda de Francisco Julião, advogado dos camponeses. Julião havia participado da comitiva de Jânio Quadros quando este foi a Cuba.³⁹⁵ Na semana que Che Guevara esteve em Brasília, camponeses armados, no Rio de Janeiro, defenderam suas terras de invasores grileiros, demonstrando que o país vivia uma situação explosiva. No interior do PCB discutiam-se as teses sobre reforma ou revolução.

No nível continental, o grau de dependência econômica dos países da América Latina transformou as propostas nacionalistas em ameaças à expansão do capital monopolista, o que favoreceu alianças entre as burguesias nacionais e a esquerda comunista, com vitórias pontuais no plano da democracia representativa. Ao mesmo tempo, acirrava-se a luta de classes, principalmente no campo, com uma ascensão da esquerda revolucionária latino-americana em função da vitória dos guerrilheiros em Cuba e das medidas tomadas pelo governo revolucionário cubano, antilatifundiárias e anti-imperialistas. As empresas norte-americanas tentavam sabotar a revolução, negando-se, por exemplo, a refinar petróleo comprado por Cuba da União Soviética. A resposta do governo cubano foi nacionalizar as companhias petrolíferas, aprofundando as tensões entre os dois países.

A partir do triunfo guerrilheiro e da consolidação do processo revolucionário nos três primeiros anos, Cuba inseriu a América no foco da Guerra Fria e recolocou a revolução armada como possibilidade real para a transformação das estruturas de exploração das sociedades. Uma série de movimentações internacionais começou a ocorrer. Por parte dos Estados Unidos, iniciaram-se pressões sobre os países para romper relações com Cuba e operações secretas, com vistas a invadir a ilha e retomar o controle político do governo. Apostando todas as fichas, num primeiro momento, nas operações secretas, o governo norte-

³⁹⁵ Julião constava, também, dos arquivos da CIA, como indivíduo ligado ao governo cubano

americano apoiou financeiramente e treinou militarmente forças contrarrevolucionárias para invadir Cuba e tentar assassinar os líderes da revolução. A execução do plano fracassou, resultando, por um lado, no enfraquecimento político dos Estados Unidos e, por outro, no fortalecimento de Cuba, declarada por Fidel Castro como socialista.

Diante dessa nova conjuntura, algumas questões passaram a fazer parte da agenda de conversações entre os diferentes países, em especial dos latino-americanos, destacando-se o "conflito EUA e Cuba". Alguns países apresentaram-se como mediadores: Argentina, México, Peru, Equador, Colômbia e Brasil; países que mantinham melhores relações com Estados Unidos e os que haviam desenvolvido um melhor poder de negociação.

Outra questão presente na agenda foi a reivindicação norte-americana de que o conflito não tivesse característica bipolar, mas multipolar. Ao contrário do que no plano mundial, marcado pelo confronto bipolar, o interesse dos Estados Unidos, no plano regional, era envolver na geopolítica todos os países latino-americanos. A estes, por outro lado, interessava manter a perspectiva bipolar, por dois fatores fundamentais: 1- aumentariam o poder de barganha junto aos Estados Unidos; 2- evitariam problemas com a União Soviética, que já havia enviado mensagem, por um embaixador brasileiro, sobre sua disposição de revidar qualquer ataque a Cuba.

Uma terceira questão que ganhou força a partir do conflito entre Cuba e Estados Unidos foram as revoltas na América Latina. Esse processo levou o Vaticano a enviar telegrama ao governo brasileiro, informando sobre as guerrilhas e apontou a Bolívia como lugar onde irromperia a próxima revolução. Parecia, pelos registros nas fontes, que havia o receio dos países da América Latina seguirem o exemplo de Cuba, da África ou da Ásia, com processos de libertação nacional irreversíveis. É importante lembrar que esses movimentos representaram mudanças de perspectiva da política internacional, abrindo a possibilidade para a eclosão de um movimento dos não-alinhados, e que o Brasil participou de Bandung como observador e compareceria novamente em Belgrado.

Nesse contexto, duas estratégias imperialistas estavam em debate: uma de intervenção direta, militar; a outra, indireta, que priorizava a "ajuda econômica". Segundo as fontes consultadas, a primeira opção era defendida por setores mais reacionários, que a compreendiam como forma mais eficaz de resolver os conflitos em lugares miseráveis, onde a luta de classes estivesse mais intensa, enquanto a segunda estratégia foi responsável pela criação da *Aliança para o Progresso*. Esta última estratégia foi perfeitamente entendida por Che Guevara, que denunciou, em Punta del Este, que aquele encontro só acontecia por causa de Cuba e que os delegados deviam agradecer a seu país e a Fidel Castro. O que estava em

jogo era a "Segurança Hemisférica" e a maioria dos governos latino-americanos passou a defender a tese de que somente o desenvolvimento econômico do capitalismo dependente salvaria a América Latina do "perigo vermelho" (TOTA, 2009). Atribuía-se à industrialização e à reforma agrária a responsabilidade por absorver, no modo de produção capitalista, as camadas excluídas da sociedade e, assim, salvaguardar o sistema de mudanças indesejadas.

Nesse cenário de tensões, o Brasil manteve o acordo anterior da Operação Pan-Americana, de monitoramento dos movimentos de esquerda nos países em que possuía embaixadas. Jânio Quadros, que sempre foi declaradamente anticomunista, pretendia, em função da relevância do país, apresentar-se como liderança latino-americana, com inspirações ditatoriais, e capitanear as mediações políticas e econômicas com os Estados Unidos, oportunizando-se, inclusive, das relações com os países socialistas e não-alinhados.

A posição do Brasil, no caso, era determinante. Por seus contrastes, o país possuía uma população miserável, em contraposição a uma classe dominante rica e mesquinha. Sua posição geográfica às portas do Atlântico e bem perto da África, por conta do comércio, concedia-lhe uma vantagem em relação aos demais. Por conta dessas questões, a liderança de Jânio se afirmaria junto aos países latino-americanos. Não foi possível identificar, entretanto, a autoimagem que Jânio se atribuía como líder, se se considerava líder messiânico ou popular. De qualquer forma, sob seu governo, o Brasil pareceu se posicionar entre o moralismo autoritário, simbolizado pela vassoura, e a transformação das estruturas sociais pela via do fuzil e, através dele, pelas forças da Revolução.

As fontes permitiram concluir que Jânio era pressionado pela esquerda e pela direita, no sentido da mudança de suas políticas, ao mesmo tempo em que ele próprio manipulava o cenário político com ações ilusionistas³⁹⁶ e contraditórias. Isso explicaria porque ele autorizou abertura de embaixadas nos países africanos e asiáticos; orientou o voto a favor do ingresso da República Popular da China na ONU; negociou com a Alemanha Oriental, por meio da Missão Dantas. Em abril esteve em Uruguai com o Presidente da Argentina, tendo permanecido por 45 minutos em conversa reservada com Frondizi, conforme informou o jornal *A Noite*. Nesse momento, a Argentina buscava aproximação com os Estados Unidos. (proponho mudar a localização do texto, pois estava solto). Em termos de política interna manteve os efeitos da Instrução 204 e não se empenhou na aceitação do pedido de legalização do PCB.

³⁹⁶ no sentido de desviar a atenção.

No momento em que Che Guevara chegou ao Brasil, Jânio encontrava-se em meio a uma crise com Lacerda. Na troca de acusações, o governador da Guanabara reclamava que não recebia recursos federais para o Estado, enquanto Jânio respondia que eles haviam sido liberados. Essa guerra discursiva tomou conta dos jornais. Em polos opostos, os dois udenistas protagonizaram a entrega de condecorações. No caso de Lacerda, que, quase encontrou com Che Guevara no aeroporto, a condecoração foi dada, na Guanabara, ao líder do movimento contrarrevolucionário, Manoel Antonio de Varona, que estava, na mesma época, no Brasil.

Foi, portanto, no meio de uma crise política no governo, seis dias antes de sua renúncia, que Jânio Quadros recebeu Che Guevara em Brasília. O convite a Che havia sido feito pelo Ministro da Fazenda, em Punta del Este. Conforme evidenciei, houve um acordo em Montevideu, com anuência de Kennedy, para que os dois presidentes: Frondizi e Jânio recebessem Che Guevara. Isso porque, as duas delegações estavam articulando, no âmbito da Conferência de Punta del Este, um encontro de Che com o assessor de Kennedy que, se fosse confirmado, poderia causar graves problemas políticos para o presidente norte-americano, por parte da oposição republicana e dos exilados cubanos.

O aperto de mão entre Jânio e Che Guevara mostrou ao mundo, simbolicamente, que Cuba não estava sozinha na disputa política na América Latina. Essa demonstração de "amizade" poderia mudar a correlação de forças no interior do sistema interamericano, aumentando, assim, o poder de barganha política por parte de Jânio Quadros. Por outro lado, daria a Kennedy argumentos irrefutáveis para acelerar o programa da *Aliança para o Progresso* que, vitorioso, seria mais um elemento em sua campanha pela reeleição. Tudo dependeria, entretanto, dos desdobramentos da Guerra do Vietnam. A história demonstrou, porém, que o intervencionismo acabou vencendo: Kennedy foi assassinado; Argentina e Brasil (mais tarde o Chile, entre outros) sofreram golpes que depuseram seus presidentes, instaurando longos períodos de ditadura militar.

No caso do envolvimento da Igreja Católica, o jornal *A Noite* afirma que a condecoração de Guevara foi um pedido do Papa, possivelmente uma estratégia de blindagem de Jânio em função das críticas recebidas por parte dos militares e de Carlos Lacerda. Em entrevista ao mesmo jornal, conforme por mim revelado, o Ministro Arinos afirmou que "não constou da [suposta] carta" nenhum pedido pelos católicos em Cuba (*A Noite*, 24/08/1961, p.1), mas foi feito verbalmente. Para Moniz Bandeira (entrevista, 2016), o fator preponderante foi a "barganha" que Jânio tentava empreender junto aos órgãos financeiros norte-americanos, ao mesmo tempo em que aproximava a esquerda.

Nem o próprio Jânio Quadros, nem o Ministro Afonso Arinos, ou mesmo os entrevistados na elaboração da tese, entretanto, afirmaram ter havido um pedido para condecorar o líder cubano. Esse, ao que tudo indica, foi um equívoco histórico, decorrente de uma estratégica discursiva de propaganda. Segundo depoimentos de indivíduos que tomaram parte nos acontecimentos, houve pedidos de interferência em defesa de religiosos. Como os pedidos ocorreram ao tempo da condecoração, um fato acabou sendo associado a outro, por uma operação meramente dedutiva.

A carta que Jânio disse ter mandado a Cuba eu não a localizei. O Centro Che Guevara em Cuba informou não ter conhecimento de qualquer documento que Che Guevara tenha levado a Cuba. Nos arquivos brasileiros, especialmente, na Nunciatura, também não localizei a referida carta. As fontes indicam que o registro foi feito apenas em correspondências entre as Embaixadas e não entre Chefes de Estado.

Tudo leva a crer, de acordo com a análise das fontes, que houve uma trama em torno da condecoração, confirmando as hipóteses apresentadas. O ato em si foi decisão do próprio Presidente. Dentre as muitas explicações e significados possíveis, concordamos também com aqueles que afirmam que a condecoração representou um ato de Política Externa Independente, ocorrido em um momento no qual o movimento dos não-alinhados parecia ganhar força, com as independências multiplicando-se, principalmente, no continente africano, levando ao aumento considerável da representação de países afro-asiáticos na Assembleia do ONU, provocando euforia naqueles que apostavam na construção de uma nova ordem. Como disse Barraclough, impactado por esse processo, em livro publicado em 1964:

Entre 1945 e 1960, nada menos de quarenta países, com uma população de 800 milhões – mais de um quarto dos habitantes do mundo – revoltaram-se contra o colonialismo e obtiveram sua independência. Jamais, em toda a história da humanidade, ocorrera uma inversão tão revolucionária, a uma tal velocidade. A mudança na situação dos povos asiáticos e africanos, e em suas relações com a Europa, era o sinal mais certo do advento de uma nova era. (BARRACLOUGH, 1964, pp. 146-147).³⁹⁷

É importante lembrar que a maioria dos estrangeiros que veio ao Brasil em Missão de Estado recebeu igualmente homenagem de Jânio Quadros. No mesmo dia da condecoração de Che Guevara, então Ministro de Cuba, outros dezenove representantes de delegações foram condecorados, a maioria da África. A outorga da medalha havia se constituído, conforme evidenciei, em importante instrumento de Política Externa.

³⁹⁷ O livro teve edições brasileiras anteriores em 1966, 1973, 1975 e 1976.

Havia, conforme analisei, um vácuo político de lideranças entre os países do "sistema interamericano", preenchido por Fidel Castro, em função da Revolução Cubana e do elevado sentimento anti-norte-americano. Como relevante estratégia de projeção internacional, Jânio Quadros tentou confundir a esquerda, para que pudesse retornar ao governo, sem obstáculos, após a renúncia, já que seu sonho era tornar-se o grande líder da América Latina.

REFERÊNCIAS

- AGEE, Philip. **Dentro da "companhia" - diário da CIA**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/ data.
- ALMEIDA BOSQUE, Juan. **Sierra Maestra**. Tradução e notas de rodapé: Shirley Morales Gonçalves. São Paulo: Mandacaru, 1994.
- ANDERSON, John Lee. **Che Guevara: uma biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2ª edição revisada, 2012.
- AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina. A construção da hegemonia**. São Paulo: UNESP, 2002.
- AZEVEDO, Fernando Antonio. **As ligas camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- BAMBIRRA, Vânia. Ascenso e descenso del movimiento popular e insurreccional en latinoamerica. In: BAMBIRRA, Vânia *et all.* **Diez años de insurreccion en America Latina**. Santiago, Chile: Ediciones Prensa Latinoamericana, Tomo I, 1971, pp. 27-75.
- BARATA-MOURA, José. **Materialismo e subjetividade – Estudos em torno de Marx**. Lisboa, Editorial Avante, 1998.
- _____. Algumas etapas da história da dialética. In: _____. **Totalidade e contradição. Acerca da dialética**. Lisboa, Edições Avante, 2012, p. 35-184.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A terra da mãe de Deus**. Prefácio de Maria Yeda Leite Linhares. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988.
- _____. **A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- BARSOTTI, Paulo. PERICÁS, Luiz Bernardo. **América Latina – história, ideias e revolução**. São Paulo: Xamã, 2ª edição, 1998.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à História Contemporânea**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BASSO, Eliane Fátima Corti. **Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.
- BASTOS, Elide Rugai. **As Ligas Camponesas**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____ & RÊGO, Walquiria D. Leão. **Intelectuais e política: a moralidade do compromisso**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.
- BAUMWORCEL, Ana. **As escolas radiofônicas do MEB**. Niterói: UFF, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/As%20escolas%20radiofonicas%20do%20MEB.pdf>>, acesso em 02/03/2016.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o Udenismo; ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1981.

_____. **O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. O governo JK: a esperança como fator de desenvolvimento. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV, 1991, pp. 9-22.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Abril, 1985.

BEZERRA, Gregório. **Memórias - Segunda parte (1946-1969)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª edição, 1980.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder – Duvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 1997.

BOISARD, Stéphane. Pensando as direitas na América Latina objeto científico, sujeitos e temporalidades?. In: **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 30, nº 52, jan/abr 2014, p.85-100.

BOTEGA, Leonardo da Rocha. A visita do revolucionário errante: Che Guevara na Argentina e no Brasil. In: **Revista Semina**, Volume 9, nº 1, 2010 - pub. 1º semestre de 2011, pp.1-19. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/ph/article/viewFile/4634/3111>>, acesso em 30/06/2015.

BRAGA, Paulo Romeu. Os interesses econômicos dos Estados Unidos e a segurança interna no Brasil entre 1946 e 1964: uma análise sobre os limites entre diplomacia coercitiva e operações encobertas. In: **Revista Brasileira de Política Internacional**, nº 45 (2), 2002, pp. 46-65. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292002000200003>, acesso em 02/05/2015.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Conceito histórico de desenvolvimento econômico**. São Paulo: FGV, Textos para discussão, n 157, 2006.

BRUCKMANN, Monica. ;SANTOS, Theotonio dos. La actualidad de Bandung: Por una agenda estratégica de América Latina. In: **América Latina en Movimiento**, v. 504, p. 1-7, 2015. Disponível em: <<https://www.alainet.org/sites/default/files/alai504w.pdf>>, acesso em 04/02/2017.

_____. Recuperando el espíritu de Bandung: China y la integración latinoamericana. In: Martins, Carlos Eduardo. (Org.). **Los retos de la integración y América del Sur**. BUENOS AIRES: CLACSO, 2013, 1ª edição, pp. 107-134. Disponível em: <<https://www.alainet.org/es/articulo/170142>>, acesso em 04/02/2017.

BRUM, Thiago Pereira Caldas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Mestrado em Relações Internacionais). Orientador: Williams Gonçalves. **Ruptura e continuidade: as correntes historiográficas da política externa independente**. 2008, 360 f.

CALDIERI, Sérgio. *Eternas lutas de Edmundo Moniz*. Rio de Janeiro: DINIGRAF, 2011.

CAMARGO, Aspásia; MARIANI, Maria Clara; TEIXEIRA, Maria Tereza (orgs.). Participação especial de Pedro Nava...*et all*. **O intelectual e o político: encontros com Afonso Arinos**. Brasília: Senado Federal: Dom Quixote; Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1983.

_____. **História das Ligas Camponesas**. Disponível em: <https://www.documentosrevelados.com.br/midias/videos/historia-das-ligas-camponesas-por-aspasia-camargo/>, acesso em 06/05/2017.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Populismo Latino-Americano em Discussão. In: FERREIRA, Jorge (org.). **O Populismo e Sua História. Debate e Crítica**. Campinas: Papyrus, 1998. pp.125-165.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História : ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion e BRINGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 2ª edição, 1979.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento - Brasil: JK - JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª edição, 1978.

CARONE, Edgard. 1976. **A Terceira República (1937-1945)**. São Paulo, Ed. Difel, 1976.

_____. **O P.C.B. (1943 a 1964)**. V. 2. São Paulo, Ed. Difel, 1982.

_____. **A República Liberal II - evolução política (1945-1964)**. São Paulo, Ed. Difel, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: O longo Caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed., 2002.

CASTANHO, Amury. **Os caminhos das CEBs no Brasil**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 1988.

CASTAÑEDA, Jorge. **Che Guevara – a vida em vermelho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CASTELLANI, José. **A ação secreta da maçonaria na política mundial**. São Paulo: Landmark, 2. edição, 2007.

CASTRO, Fidel. A história me absolverá. In:_____. **De Moncada à ONU**. Tradução de Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Edições Futuro, 1960.

_____. **As declarações de Havana**. Apresentado por Tariq Ali; tradução Maria Luiza X.A. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Uma revolução só pode ser filha da cultura e das ideias**. (Discurso proferido na Aula Magna da Universidade Central da Venezuela) Havana, Cuba: Gabinete de Publicações do Conselho de Estado, 1999.

_____. In: BETTO, Frei. **Fidel e a Religião**. São Paulo: Brasiliense, 5ª edição, 1985.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CELAM. **Conclusões da Conferência de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1979.

CERVERA, Jesús Arboleya. **La revolución del otro mundo - Cuba y Estados Unidos en el horizonte del siglo XXI**. Bogotá, Colômbia: Ocean Sur, 2007.

CÉSAR, Ana Maria. **A faculdade sitiada**. Recife, PE: CEPE, 2015.

CHALIAND, Gérard. **Mitos revolucionários do terceiro mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. **À beira da falésia - A História entre certezas e inquietudes**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2002.

CHOMSKY, Noam. **Contendo a democracia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.

CLAUDÍN, Fernando. **A crise do movimento comunista - o apogeu do stalinismo**. Tradução e introdução: José Paulo Neto. São Paulo: Global, vol. 2, 1986.

CORDEIRO, Vital Lopes. **A influência política da maçonaria no período da pré-independência no Brasil**. Monografia do Curso de Especialização : Orientador: Casimiro Pedro da Silva Neto. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2008, 79 p.

CORSI, Luiz Francisco. **Estado Novo: política externa e projeto nacional**. São Paulo, Ed. UNESP: FAPESP, 2000.

COUTO, Ronaldo Costa. **Juscelino Kubitschek**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara: Senado Federal, Edições Técnicas, 2011.

CRESPO, Ramon Torreira. **La operación Peter Pan en la memoria historica del pueblo cubano**. Disponível em:
<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/49T15.pdf>, acesso em 22/03/2017.

CURADO, Pedro Rocha Fleury. **A Guerra Fria e a "cooperação ao desenvolvimento" com os países não-alinhados: um estudo de caso sobre o Egito nasserista (1955-1967)**. 2014, 246 f. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

<http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pepi/dissertacoes/TESE_Pedro_doutoradoPEPI.pdf>, acesso em 07/11/2015.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette - Mídia, Cultura e Revolução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de História: o longo caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 2010, pp. 15-31.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado - Ação política, Poder e Golpe de Classe**. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 1981.

DUARTE, Valter; FERREIRA, Ezilda. **A renúncia de Jânio Quadros - componentes históricos e institucionais**. Curitiba: CRV, 2011.

DUMÉNIL, Gérard *et. all.* **Ler Marx**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Edições Unesp, 2011.

DUROSELLE, Jean B. **Todo império perecerá - Teoria sobre las relaciones internacionales**. México: FCE, 1988.

MAY, Ernest R. (org.). **Os Grandes Debates da Política Exterior Norte-americana**. Rio de Janeiro: Record, 1964.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

FERNANDES, Ananda Simões. A reformulação da doutrina de segurança nacional pela escola superior de guerra no Brasil: a geopolítica de Golbery do Couto e Silva. In: **Antíteses**, v. 2, n. 4, jul-dez, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2668/3937>>, acesso em 01/03/2016.

FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: T.A. Queiroz editora, 1979.

_____. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de A. Neves. **O Brasil Republicano – o tempo da experiência democrática da democractização ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

FERRO, Marc. **Falsificações da História**. [Trad. Cascais Franco e Vitor Romaneiro]. Ed. revista e actualizada. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, s/d., 307p.

FICO, Carlos. **O golpe de 1964: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 5ª edição, 1999.

FRANCHINI NETO, Helio. **A Política Externa Independente em ação: A Conferência de Punta del Este de 1962**. Rev. Bras. Polít. Int. 48 (2): 129-151, 2005.

FURIATI, Claudia. **Fidel: uma biografia consentida**. Rio de Janeiro: Revan, 2ª edição revisada e ampliada, 2016.

_____. **ZR, o rifle que matou Kennedy**. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

FURTADO, Celso. **A economia latino-americana - formação histórica e problemas contemporâneos**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2ª edição, 1978.

GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GARCIA, Eugenio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa: documentos históricos (1493-2008)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

GERMER, Claus M. **Marx e o papel determinante das forças produtivas na evolução social**. Crítica Marxista, nº 29, 2009, pp. 75-95.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

_____. Política: história, ciência, cultura etc. **Estudos Históricos - Historiografia**. Rio de Janeiro, v.9 , nº 17, 1996, p.59-84.

_____. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: Soihet; Bicalho; Gouveia (orgs.). **Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de historia**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2005.

_____. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, Jorge (org). **O populismo e sua história**. Debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GONÇALVES, Luiz Eduardo Fonseca de Carvalho. **As relações Brasil-CEPAL**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

GONÇALVES, Williams. A Política Externa Independente: da gênese à prática. In: FREIXO, Adriano & RODRIGUES, Thiago (orgs.). **San Tiago Dantas e a Política Externa Independente**. Rio de Janeiro: Luzes, comunicação, arte & cultura, 2016.

_____. **Política Externa Brasileira: Ayer y Hoy**. Otrosur, Rosario (Argentina), año 2, n.04, noviembre 2005, pp. 09-11.

_____. A Segunda Guerra Mundial. In: Daniel Aarão Reis Filho, Jorge Ferreira, Celeste Zenha. (Org.). **O Século XX - O Tempo das Crises: Revoluções, Fascismos e Guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v. 02, pp. 165-193.

_____. **História das Relações Internacionais - Teorias e Processos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 01. edição, v. 01, 2007, 250p .

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas – A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª edição, 1982.

_____. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991

GUEVARA, Ernesto Che. **El Diario Del Che en Bolívia**. La Habana, Cuba: Editora Política, 1988.

_____. **Obras escogidas (1957-1967)**. Tomo II: la transformacion política, econômica y social, s/ editora e s/ data.

_____. **Textos Econômicos**. São Paulo: Edições Populares, 1987.

_____. **Diário de um combatente**. Tradução Dafne Melo. São Paulo: Planeta, 2012.

_____. La guerra de guerrilhas. *In*: TABÍO, Pedro Alvarez; SOTO, Juan J. (orgs). **Ernesto Che Guevara: Escritos e discursos**. Vedado, La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, setembro de 1972.

_____, CASTRO, Raúl. **La conquista de la esperanza - diários inéditos de la guerrilla cubana (diciembre de 1956-febrero de 1957)**. Exclusivas de Heinz Dieterich y Paco I. Taibo II. La Habana, Cuba: Casa Editora Abril, 1996.

HIPPOLITO, Lucia. **De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira. 1945-64**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos. O breve século XX – de 1914 a 1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

_____. **Como mudar o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HUBERMAN, Leo; SWEEZY, Paul M. **Cuba: Anatomia de uma revolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 4ª edição, 1961.

HUMBOLDT, Wilhelm. Sobre a tarefa do historiador. *In*: MARTINS, Estevão de Rezendo. **História Pensada: Teoria e Método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 71-100.

IANNI, Otavio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civ. Brasileira, 1971.

JAGUARIBE, Helio. **O nacionalismo na atualidade brasileira**. Brasília: FUNAG, 2013.

_____. **Introdução ao desenvolvimento social: as perspectivas liberal e marxista e os problemas da sociedade não repressiva**. Brasília: Funag, 2013.

KONDER, Leandro. **A derrota da idalética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30**. São Paulo: expressão Popular, 2ª edição, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado - contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC/RJ, 2006.

KUSMINOV. Transcrição Fernando Araújo. In: **Problemas**, Revista Mensal de Cultura Política nº 18 - Abr-Mai de 1949. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/18/crise.htm, acessado em 03/02/2015.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 2012.

LE MOS, Renato. Contrarrevolução e ditadura: ensaio sobre o processo político brasileiro pós-1964. In: **Marx e o marxismo**, v. 2, p. 111-138, 2014.

_____. Contrarrevolução, ditadura e democracia no Brasil. In: Carla Luciana Silva; Gilberto Grassi Calil; Marco Antônio Both da Silva. (Org.). **Ditaduras e democracias: estudos sobre hegemonia, poder e regimes políticos no Brasil (1945-2014)**. Porto Alegre: FCM. 1ª edição, 2014, p. 71-88.

LENIN, Vladimir Ilich. **Obras escogidas en Doce Tomos**. Moscú: Editorial Progreso, 1976.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Tradução e Prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª edição, 2010.

_____. **Os Objetivos de Guerra dos Estados Unidos**. Seleções do Reader's Digest. Dez/1944. pp.89-111.

LOSURDO, Domenico. **Para uma crítica da categoria de totalitarismo**. Crítica Marxista, nº17, 2006, pp.51-79.

LÖWY, Michel (org.). **O marxismo na América Latina – uma antologia de 1909 aos dias atuais**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

_____. **El pensamiento del Che Guevara**. Tradución de Aurélio Garzon del Camino. Editora Siglo Veintuno. México, 1971.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 2ª edição reimpressa, 2010.

MAGALHÃES, Mario. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª edição, 2012.

MAHAJO, Francisco Ignacio Taibo. **Ernesto Guevara, também conhecido como CHE**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARINI, Ruy Mauro. **América Latina, dependencia y globalización**. Compilador: Carlos Eduardo Martins. Bogotá: CLACSO y Siglo del Hombre Editores, 2008.

MARET, Suzan; ASCHKENAS, Lea. Operation Pedro Pan: the hidden history of 14.000 cuban children. **Research in Social Problems and Public**, Volume 19, 2011, pp. 171-184.

MARKUN, Paulo. **1961: O Brasil entre a ditadura e a Guerra Civil**. São Paulo: Benvirá, 2011.

MARTINS FILHO, João Roberto. Forças armadas e política, 1945-64: a ante-sala do golpe. In: FERREIRA, J. *et alli* (orgs). **O Brasil republicano - o tempo da experiência democrática - da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livro 3, 2003, 97-126.

_____. Os Estados Unidos, a Revolução Cubana e a contra-insurreição. In: **Revista de Sociologia e Política**, nº12, junho, 1999, pp. 67-82.

MARTINS, Carlos Eduardo. O pensamento social latino-ameicano e os desafios do século XXI. **Comunicação & Política**, v. 30, p. 25-51, 2012.

_____. Imperialismo e dependência: revisitando um clássico. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. outubro, p. 33, 2011.

_____; MARINI, R. M. (Org.) . Ruy Mauro Marini Antologia. 1ª. ed. Buenos Aires: Clacso/Prometeo Livros, 2007. 256p .

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. São Paulo: Hucitec, 9ª ed., 1993.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução de Regis Barbosa e Flavio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 3ª edição, Volume I, Livro Primeiro, 1988.

_____. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Abril Cultural, 2ª edição, 1978, pp.321-404.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. Rio de Janeiro: Vicio de Leitura, 2002.

MELO, Demian Bezerra de. O caráter de classe do golpe de 1964 e a historiografia. In: SILVA, Carla Luciana; CALIL, Gilberto Grassi; SILVA, Marcio Antônio Both da. (Org.). **Ditaduras e Democracia: estudos sobre poder, hegemonia e regimes políticos no Brasil (1945-1964)**. 1ed.Porto Alegre: FCM Editora, 2014, v. 1, p. 89-105.

_____;HOEVELER, R. C. . A agenda anticorrupção e as armadilhas da pequena política. In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. (Org.). DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (org.). **A Onda Conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios**. Rio de Janeiro: Mauad, , 1ª edição, v. 1, 2016, pp. 57-66.

MELO FRANCO, Afonso Arinos de. **Presidencialismo ou parlamentarismo?** Afonso Arinos de Melo Franco e Raul Pila. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 1999.

_____; QUADROS, Jânio da Silva. **História do povo brasileiro**. São Paulo: J. Quadros editores culturais, 1968.

MENDES, Alberto Dias. Che Guevara, um revolucionário intelectual. In: **Atas do XI Colóquio Internacional Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-americano**. Rio de Janeiro: UERJ/Rede Sirius, 2015, pp. 1-9.

_____.; SILVA, Alex Conceição Vasconcelos da. Intelectuais e Poder: impactos de Che Guevara no Brasil. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 15., 2015, Florianópolis. **Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios**, Florianópolis: UFSC, 2015.

_____. Contradições da política do governo Jânio Quadros em 1961. In: **Movimentos, trânsitos & memórias: temas e abordagens**. Niterói, RJ: Universo, 2016, pp. 806-817.

MENEZES, Lená Medeiros de. **Tramas do Mal: a revolução de outubro no plano das representações (1917-1921)**. Rio de Janeiro, UERJ, mimeo, 2000.

_____. **Discursos em oposição: Imagens e representações do imigrante no Brasil (1850-1945)**. CONFLUENZE (BOLOGNA), v. 9, p. 6-24, 2017.

_____. **Da Grande Aliança ao confronto da Guerra Fria**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 412, p. 195-211, jul/set 2001.

MOLON, Newton Castro. **A visita de Che, a mídia e a renúncia de Jânio Quadros - o feitiço contra o feiticeiro: como a mídia contribuiu para o isolamento político do Presidente midiático**. Faculdade Cásper Líbero (Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade). São Paulo, novembro/2006, 174 f.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de história)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª edição, 1978.

_____. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da Tríplice Aliança ao Mercosul 1870-2003)**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

_____. **A renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64**. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1979.

_____. **O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil, 1961-1964**. Rio de Janeiro: Revan; Brasília, DF: EdUnB, 7ª edição revista e ampliada, 2001.

_____. **De matrí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª edição revisada e ampliada, 2009.

MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. **Prestes: Lutas e autocríticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª edição, 1982.

MORAES, João Quartim de (org.). **História do Marxismo no Brasil - Teorias e Interpretações**. Campinas/SP: Unicamp, Volume III., 1998.

MOREL, Marco. **Sociabilidades entre Luzes e Sombras: Apontamentos para o Estudo Histórico das Maçonarias da Primeira Metade do Século XIX**. Estudos Históricos, n.28, Rio de Janeiro, 2001/2.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade Filosofia, USP. São Paulo, 2000, p. 372.

MOURA, Plínio Rolim de. **O líder da América Latina**. São Paulo: Universal, 1960.

MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos (org.). **O século sombrio**. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, p. 261-281, 2004.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo; VENTAPANE, Jacqueline; FREIXO, Adriano de. (orgs.). **O Brasil de João Goulart: Um Projeto de Nação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Contraponto, 2006.

NEVES, Angela de Castro. **Os anos JK**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.

NISBET, Robert. **O conservadorismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

OLIVAL, Fernanda. **As Ordens Militares e o Estado Moderno. Honra, Mercê e Venalidade em Portugal (1641-1789)**. Lisboa: Estar Editora, 2001.

PAGE, Joseph A. **A Revolução que nunca houve - O Nordeste do Brasil (1955-1964)**. Tradução de Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: Record, 1972.

PAIVA, Claudio Lacerda (org.). **Carlos Lacerda: Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Prefácio de Ruy Mesquita, 3ª edição revista e atualizada, 1987.

PENNA FILHO, Pio. **A pesquisa histórica no Itamaraty**. In: Revista Brasileira de política internacional, volume 42, nº 2, Brasília, Jul/Dez. 1999, pp. 117-144.

PÉRES, Manolo Monereo. **Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2ª edição, 1ª reimpressão, 2008.

PIRES, Lucas Rodrigues da Motta. **O Brasil de Juscelino Kubitschek**. São Paulo: Landy, 2006.

PRADO Jr., Caio. **História e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1978.

_____. **A Revolução Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 5ª edição, 1977.

PRESTES, Anita Leocadia. **Da Insurreição Armada (1935) à União Nacional (1938-1945): a virada tática na política do PCB**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2001.

PRESTES, Luiz Carlos. **Problemas Atuais da Democracia**. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, s.d.

PURDY, Sean. Rupturas do Consenso: 1960-1980. In: KARNAL, Leandro *et alii*. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007. pp.235-255.

QUADROS, Jânio da Silva. *Os dois mundos das três Américas*. São Paulo: Martins, 1972.

RATNER, Michel and SMITH, Michael Steven. **Che Guevara and FBI - the U.S. political police dossier on the Latin American revolutionary**. Melbourne, NY: Ocean Press, 1997.

REICHEL, Heloisa Jochims. O “Perigo Vermelho” na América Latina e a Grande Imprensa Durante os Primeiros Anos da Guerra-Fria (1947-1955). In: **Diálogos**, Maringá: DHI/UEM, v. 8, n. 1, p. 189-208, 2004.

REIS, Daniel Araújo (org.). **Outras Modernidades: Textos e Propostas. Vol.1 – Nuestra América e EUA**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. pp.85-100; 105-110.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2ª edição, 2003.

RICUPERO, Bernardo. **Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil**. São Paulo: USP: FAPESP, ed. 34, 2000.

RIDENTI, Marcelo. Ação popular: cristianismo e marxismo In: REIS FILHO, Daniel Araújo e _____. **História do Marxismo no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, vol. V, 2002.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre jornalismo e história. In: AGNÉS, Chauveau & TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ROJO, Ricardo. **Meu amigo Che**. São Paulo: Edições Populares, 1983.

SADER, Eder (org.). **Che Guevara: Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SADER, Emir. **A revolução cubana**. São Paulo: Brasil Urgente, 1982.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Representações do intelectual - as Conferências Reith de 1983**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Theotônio dos. **Evolução histórica do Brasil: da colônia à crise da "Nova República"**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Democracia e socialismo no capitalismo dependente**. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____ *et al.* **Os impasses da globalização: hegemonia e contra-hegemonia**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____ ; MARTINS, Carlos Eduardo; BRUCKMANN, Mônica (orgs.). **Países Emergentes e os novos caminhos da modernidade**. Brasília: UNESCO, 1ª edição, v. 1, 2008.

SANTOS, Paulo de Tarso. **64 e outros anos**. São Paulo: Cortez, 1984.

SARTRE, Jean Paul. **Furacão sobre Cuba**. Apêndices de Rubem Braga e Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

SCHAFF, Adam. O caráter de classe do conhecimento histórico. In: _____. **História e Verdade**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1986. pp. 141 -185.

SEGATTO, José Antônio *et al.* **PCB: Memória fotográfica (1922-1982)**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.

_____. **Reforma e revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954/64)**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

SERRA, Carlos Henrique Aguiar; TEIXEIRA, Carlos Sávio . **As visões de San Tiago Dantas e Roberto Mangabeira Unger acerca da Inserção Brasileira nas Relações Exteriores**. EM TESE (FLORIANÓPOLIS), v. 14, 2017, p. 136-154.

_____. **Intelectuais, Política e Pathos: as trajetórias de San Thiago Dantas e Augusto Frederico Schmidt**. In: IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, Niterói: São Paulo: UFF/AUPPF, 2008.

SILVA, Camila Borges da. **As ordens honoríficas e a Independência do Brasil: o papel das condecorações na construção do Estado Imperial brasileiro (1822-1831)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Tese de doutorado - Departamento de História). orientador: Antônio Edmilson Martins Rodrigues. 2014.

SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência e histórica de desenvolvimento. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1984, p. 209-245.

SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, tempo e história. In: AGNÉS, Chauveau & TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999, págs. 73-92.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 7ª edição, 1982.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. atualizada. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

_____. **Fundamentos do materialismo dialético**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SOSA, Derocina Alves Campos. **Imprensa e História**. Biblos, Rio Grande, 19, pp.109-125, 2006.

SOUZA, Tiago Nogueira de. Ação Democrática Parlamentar: anticomunismo e democracia no debate político brasileiro (1961-1965). In: **Anais do XVI Encontro Regional da Anpuh-Rio**, 28 de julho a 1º de agosto de 2014, 9 páginas.

SYRETT, Harold C. (org.). **Documentos Históricos dos Estados Unidos**. São Paulo: Cultrix, 1980.

SZULC, Tad. **Fidel: um retrato crítico**. Tradução de Jusmar Gomes. São Paulo: Best Seller, 1987.

TALARICO, José Gomes. **José Talarico**. Coordenador: Américo Freire - Rio de Janeiro: FGV, 1998.

TANHAM, George K. **Guerra revolucionária comunista**. Tradução de Ignez de Castilhos França. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, edição revista e atualizada, 1969.

TAVARES, Flavio. **Meus 13 dias com Che Guevara: (o homem-mito que conheci e retratei)**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

_____. **1964: o golpe**. Tradução dos documentos: Cássia Zanon. Porto Alegre: L&PM, 2014.

TOTA, Antonio Pedro. Vendo Tudo Vermelho: Paranoia e anticomunismo. In: **Os Americanos**. São Paulo: Contexto, 2009. pp.175-229.

TRUMAN, Harry. In: MAY, Ernest R. (org.). **Os Grandes Debates da Política Exterior Norte-americana**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1964, pp.193-196.

TSÉ-TUNG, Mao. Sobre a contradição. In: _____. **O pensamento de Mao Tsé-Tung**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 15-63.

VIDESOTT, Luiza. Os Candangos. In: **Risco**, Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo-Usp, nº 1, 2008, pp. 21-38. Disponível em: <http://www.iau.usp.br/revista_risco/Risco7-pdf/02_art02_risco7.pdf>, acesso em 01/06/2016.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. O nacional-desenvolvimentismo e a Política Externa Independente (1951-1964). In: **Revista Brasileira de Política Internacional**, nº 37, 1994, pp.24-36.

_____. **Segunda Guerra Mundial: história e relações internacionais (1931-1945)**. Porto Alegre: UFRGS, 1989.

WASSERMAN, Claudia. **Historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil**. In: Universidade del Atlântico, Revista História Caribe, Barranquilla (Colômbia), nº 12, 2007, pp. 57-76.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ZAPATA, Emiliano. Programa de Ayala (1911). In: REIS, Daniel Aarão (org.). **Outras Modernidades: Textos e Propostas. Vol.1 – Nuestra América e EUA**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. pp.164-167.

ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaraguense**. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Editora Unesp, 1ª edição, 2006.

Fontes

ABREU, Alzira Alves de *et all* (coord. geral). **Dicionário histórico-geográfico brasileiro pós-30**. Rio de Janeiro: FGV, 5v, 2001.

AÇÃO DEMOCRÁTICA PARLAMENTAR. In: **CPDOC-FGV**, verbete. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>, acesso em 04/11/2015.

A NOITE, 04/08/1961, p.03. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

A NOITE, 08/08/1961, p.03. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

A NOITE. 10/06/1961, p.1. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 02/10/2016.

A NOITE, 11/05/1961, p. 2. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 02/10/2016.

A NOITE, 04/08/1961, p.03. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 02/10/2016.

A NOITE, 04/08/1961, p.05. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 02/10/2016.

A NOITE, 11/05/1961, p. 2. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 02/10/2016.

ARQUIVO N. **Programa Globo News**, Produção Cecília Ritto, tempo: 13:40 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XYJPdjlwbU>>, acesso em 02/02/2016.

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Disponível em: <<http://www.arpdf.df.gov.br/>>, acesso em 05/03/2016.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo: José Aparecido de Oliveira. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>, acesso em 22/10/2017.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Notação: JAO 0087(060). Fundo: José Aparecido de Oliveira. Local da foto: São Paulo, 01/10/1960. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>, acesso em 05/06/2016.

Avance, 13/02/1960, p. 01. Telegrama 46/890(24h) (74) de 15/02/1960, anexo 1, p. 1. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Seção AHMRE.

AZAMBUJA, Marcos de. A encrenca. In: **Revista Piauí**, Edição nº 58, 2011. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-encrenca/>>, acesso em 02/10/2016.

BBC News. Operación Peter Pan., tempo: 2:48, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PbQJ5NvXYDM>, acesso em 22/03/2017.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Brasília: UnB, 1ª edição, 1998.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAGA, Roberto Saturnino. **Entrevista concedida a Alberto Dias Mendes**. Rio de Janeiro, 01 jun. 2016. Arquivo digital (1:06:23 h).

BRAGA, Rubem. Trata-se de uma Revolução. In: SARTRE, Jean Paul. **Furacão sobre Cuba**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

BRASIL. Dec. [s/nº] Do 1º de dezembro de 1822. Crêa a Imperial Ordem do Cruzeiro. **Coleção das Leis do Império do Brasil**. Decretos, Cartas e Alvarás, p. 83-86, 1822. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio/colecao2.html>, acesso em 28/02/2016.

BRASIL. Lei de 28 de agosto de 1830. Concede privilégio ao que descobrir, inventar ou melhorar uma indústria útil e um prêmio ao que introduzir uma indústria estrangeira, e regula sua concessão. **Coleção das Leis do Império do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 20, v. 1, parte 1, 1876. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio/colecao2.html>, acesso em 28/02/2016.

BRASIL. Decreto 227-F de 22/03/1890. Declara abolidos todos os títulos, fôros de nobreza e ordens honoríficas estabelecidos pelo antigo regimen, com exceção das ordens de Aviz e do Cruzeiro. **Coleção das Leis da República**. Decretos do Governo Provisório, Terceiro Fascículo, 1 a 31 de março de 1890, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890, pp.455-456. Disponível em: <file:///C:/Users/Alberto/Downloads/collecao_leis_1890_parte2.pdf.pdf>, acesso em 28/02/2016.

BRASIL. Decreto, nº 22.165 de 5 de dezembro de 1932. Restabelece a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. **Coleção das Leis da República**. Atos do Governo Provisório, Volume V, novembro a dezembro, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933, pp.319-320. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em: <file:///C:/Users/Alberto/Downloads/collecao_leis_1932.pdf>, acesso em 20/08/2016.

BRASIL. Decreto Nº 22.610 de 04/04/1933. Aprova o Regulamento da Ordem do Cruzeiro do Sul. Diário Oficial da União, Seção 1 - 7/4/1933, Página 6930 (Publicação Original). Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-22610-4-abril-1933-558463-publicacaooriginal-79763-pe.html>>, acesso em 20/08/2016.

BRASIL. Lei 1802, de 5 de janeiro de 1953. Define os crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social, e dá outras providências. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, **Coleção das Leis da República**, volume I, atos do Poder Legislativo, Leis de janeiro a março, 1953, pp. 5-10. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/republica>>, acesso em 20/08/2016.

BRASIL. Decreto 51.152, de 5 de agosto de 1961. Cria a Comissão Nacional de Planejamento. **Diário Oficial da União**, 05 ago. 1961. Seção 1, Parte I, p. 7115. Biblioteca do Ministério da Fazenda (RJ).

BRASIL. Decreto 50.370 de 21 de março de 1961. Dispõe sobre um programa de educação de base, e adota medidas necessárias à sua execução através de Escolas Radiofônicas nas áreas subdesenvolvidas do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do País a ser empreendida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Coleção das Leis da República**. Coleção das Leis de 1961, volume II, Atos do Poder Executivo, Decretos de janeiro a março, Departamento de Imprensa Nacional, 1961, p.486. Publicado no *DO* de 22 de março de 1961 e retificado no *DO* de 23 de março de 1961. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/republica>>, acesso em 28/02/2016.

BRASIL. Decreto nº 50.620, de 18 de Maio de 1961. Proíbe o funcionamento das rinhas de "briga de galos" e dá outras providências. **Coleção das Leis da República**. Coleção das Leis de 1961, volume IV, Atos do Poder Executivo, Decretos de abril a junho, Departamento de Imprensa Nacional, 1961, p. 216. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/republica>>, acesso em 28/02/2016.

BRASIL. Decreto s/n, de 18 de agosto de 1961. Confere a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, no grau Grã-Cruz a Sua Excelência o Senhor. Ernesto Guevara, Ministro da Indústria de Cuba. **Diário Oficial da União**, 18 ago. 1961. Seção I, Parte I, p. 7527. Biblioteca do Ministério da Fazenda (RJ).

BRASIL. Constituição (1946). In; BALEEIRO, Aliomar. **1946**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012. (Coleção Constituições Brasileiras; v.5).

BRASIL. Diário Oficial, 05/08/1961, Seção I, parte I, p. 7121. In: **Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/republica>>, acesso em 20/08/2016.

BRASIL. Decreto-Lei 1.424, de 17 de julho de 1939. Institui o Grande Colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. **Coleção de Leis da República**. Atos do Poder Executivo, Decretos-Leis, julho a setembro, Volume VI, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939, pp. 21-23. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em: <file:///C:/Users/Alberto/Downloads/collecao_leis_1939_parte1.pdf>, acesso em 28/02/2016.

BRASIL. Projeto de Lei 4785/63. Declara sem efeito o decreto do Presidente da República de 18 de agosto de 1961, que conferiu a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul a Ernesto Guevara, Ministro da Indústria de Cuba. Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=C8CF5A2C874ABE910580809A0C8DF2D8.proposicoesWeb2?codteor=1201855&filename=Avulso+-PL+4785/1962>, acesso em 04/05/2015.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Dados estatísticos: eleições federais e estaduais realizados no Brasil em 1950, v. 2, 1952. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/>>, acesso em 06/06/2015.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Dados estatísticos: eleições federais e estaduais realizados no Brasil em 1954 e 1955, v. 3 (parte 2), 1958. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/>>, acesso em 06/06/2015.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Dados estatísticos: eleições federais e estaduais realizados no Brasil em 1960 e em confronto com anteriores, v. 5, 1963. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/>>, acesso em 06/06/2015.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Dados estatísticos: eleições federais e estaduais realizados no Brasil em 1962 e em confronto com anteriores Referendum 6.163, v. 6, 1964. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/>>, acesso em 06/06/2015.

BRASIL. **Diário do Congresso Nacional**, 18/08/1961, p. 5896. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/diarios/PublicacoesOficiais>>, acesso em 02/10/2016.

BRASIL. **Diário do Congresso Nacional**, 23/08/1961, p.6071. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/diarios/PublicacoesOficiais>>, acesso em 02/10/2016.

BRIZOLA, Leonel de Moura. Carta ao Ministro Clemente Mariani, 10/08/1961, p. 01. Documentos sobre a conferência de montevidéu. Reunião Extraordinária do Conselho Interamericano Econômico e Social no nível ministerial, localização: CMa mf c 1961.06.26/2. CPDOC-FGV. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CMa_MF&pasta=CMa%20mf%20c%201961.06.26/2>, acesso em 02/10/2016.

CALMON, João. In: **CPDOC-FGV**, verbete. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-de-medeiros-calmon>>, acesso em 02/11/2016

Carta-Telegrama Nº 57 de 14.XII.59. Seção de Correspondência Especial, Havana, Cartas-Telegramas, Volume: 01431, Anos 1959-61-62, pp.1-2, AHMRE.

Carta-Telegrama Nº 57 de 14.XII.59. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Cartas-Telegramas, Volume: 01431, Anos 1959-61-62, p.1. AHMRE.

Carta-Telegrama Nº 57 de 14.XII.59. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Cartas-Telegramas, Volume: 01431, Anos 1959-61-62, pp.1-2. AHMRE.

CASTRO, Fidel. **Discurso Pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del gobierno revolucionário, en la magna asamblea popular celebrada por el pueblo de Cuba en la plaza de la Republica, el 2 de septiembre de 1960.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f020960e.html>>, acesso em 28/02/2016.

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de Doble República de Cuba, en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la república, efectuado en 23 y 12, frente al cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961.** Disponível em:

<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>>, acesso em 20/02/2016.

CASTRO, João Augusto de Araújo. Relatório do Ministro João Augusto de Araújo Castro para o Ministro de Estado San Tiago Dantas. 19 de setembro de 1961. In: FRANCO, Alvaro da Costa. **Documentos da política externa independente.** Rio de Janeiro: Centro de História e Documentação Diplomática: Brasília: Funag, vol I, 2007, pp165-169.

CASTRO, João Augusto de Araújo. Relatório do Ministro João Augusto de Araújo Castro, observador do Brasil à Reunião preliminar dos Chefes de Estado e Governo dos países Não-Alinhados. 15 de junho de 1961. In: FRANCO, Alvaro da Costa. **Documentos da política externa independente.** Rio de Janeiro: Centro de História e Documentação Diplomática: Brasília: Funag, vol I, 2007, pp. 94-115.

CASTELLO BRANCO, Carlos. *A renúncia de Jânio - Um depoimento.* Rio de Janeiro: Revan, 1996.

CERQUEIRA, Marcelo. **Entrevista concedida a Alberto Dias Mendes.** Rio de Janeiro, 21 out. 2016. Arquivo digital (35:38 min).

CÉSAR, Ana Maria. **A faculdade sitiada.** Recife, PE: CEPE, 2015.

CIDADÃO BOILESEN. Direção: Chaim Litewski, **Documentário**, tempo: 1:33:00 h, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yGxIA90xXeY>>, acesso em 22/03/2017.

Circular 3.863, de 20 de março de 1961. Mensagem Presidencial ao Congresso Nacional, Política Exterior do Brasil, 20 mar 1961. In: FRANCO, Alvaro da Costa. **Documentos da política externa independente.** Rio de Janeiro: Centro de História e Documentação Diplomática: Brasília: Funag, vol I, 2007, p. 49-59.

CORREIO DA MANHÃ. 10/06/1961, p.01. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.** Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

CORREIO DA MANHÃ, 18/01/1961, p. 1. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.** Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

CORREIO DA MANHÃ, 14/04/1961, p. 1. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.** Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

CORREIO DA MANHÃ, 03/06/1961, 2º caderno, p. 01. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.** Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

CORREIO DA MANHÃ, 09/06/1961, 2º caderno, p.01. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

CORREIO DA MANHÃ, 05/08/1961, p.01. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

CORREIO DA MANHÃ, 24/05/1958, p.03. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

CORREIO DA MANHÃ, 11/08/1961, p.03. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

CORREIO DA MANHÃ, 10/06/1961, p.01. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

CORREIO DA MANHÃ, 18/08/1961, p. 01. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

CRESPO, Ramon Torreira. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/49T15.pdf>>, acesso em 03/04/2017.

CT-52 de 31.V.60. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. (Manifesto do "Movimiento Democrata Cristiano"). Seção de Correspondência Especial, Havana, Cartas-Telegramas, Volume: 01431, Anos 1959-61-62, p.1. AHMRE.

CT-83 de 14.VII.59. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Cartas-Telegramas, Volume: 01431, Anos 1959-61-62, p.1. AHMRE.

CT-83 de 14.VII.59. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Cartas-Telegramas, Volume: 01431, Anos 1959-61-62, p.2. AHMRE..

CT-15 de 29.IV.59. Seção de Correspondência Especial, Havana, Cartas-Telegramas, Volume: 01431, Anos 1959-61-62, p. 01. AMRE.

CT nº 86, DPo/640.49(24h) 600.(24h) 20/09/1961. da Embaixada do Brasil junto à Santa Sé. Seção de Correspondência Especial, Cidade do Vaticano, Cartas-Telegramas, 1959/62, Volume 03734. AHMRE.

DANTAS, San Tiago. Colóquio da Casa das Pedras. In: FONSECA Jr. **Os Colóquios da Casa das Pedras: Argumentos da diplomacia de San Tiago Dantas**. Cadernos do CHDD, Ano 6, nº 11, segundo semestre, 2007, pp. 349-396.

DANTAS, San Tiago. **Política Externa Independente**. Brasília: Funag, 2011, 372p.

Decreto s/n de 18/08/1961. Concessão da Ordem do Cruzeiro do Sul no grau Grã-Cruz a Ernesto Guevara. Cerimonial, Coordenação-Geral de Protocolo (CGPL), Volume: Decretos (1960-1963) Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, Caixa 2016.59. s/ nº. AHMRE.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 02/02/2016.

Leitura da ata de votação para Prefeito de São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I7fzC_q6aBY>, acesso em 13/01/2016.

D'ORNELLAS, Jaques. **Entrevista concedida a Alberto Dias Mendes**. Rio de Janeiro, 11 mai. 2017. Arquivo digital (1:59:49 h).

EISENHOWER, Dwight. Discurso de despedida, 17 de janeiro de 1961. In: MAY, Ernest R. (org.). **Os Grandes Debates da Política Exterior Norte-americana**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1964. pp. 223-228.

ESCOLA DAS AMÉRICAS. In: **Enciclopédia latinoamericana**, disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/e/escola-das-americas>>, acesso em 02/10/2016.

EUA. CIA. Memorandum for the Record, ESC Meeting (427 th), 16 December 1959. Disponível em: <<https://archive.org/stream/CheGuevaraCIA/CIA#page/n23/mode/2up>>, acesso em 12/01/2017.

EUA. CIA. **Special Report: Cuban Subversion in Latin America**, OCI-292/63B, 09/08/1963. Disponível em: < <https://www.cia.gov/library/>>, acesso em 23/03/2015.

EUA. Official History of the Bay of Pigs Operation. In: CIA archives, volumes I a V, disponíveis em:< <https://www.cia.gov/library/>>, acesso em 01/10/2016.

EUA. Archdiocese of Miami. **Mons. Eduardo Boza Masvidal: Obispo del exilio cubano, Siervo de Dios**. Monday, February 24, 2014. Disponível em:< http://www.miamiarch.org/CatholicDiocese.php?op=Article_1422412224629>, acesso em 22/05/2017.

FOLHA DE MINAS. 1957. In: Arquivo Público Mineiro. Notação: FM-1-3-351. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>, acesso em 22/10/2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, 20/08/1961, p.1. In: **Acervo Folha**. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1961/>>, acesso em 05/01/2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. 20/08/1961. . In: **Acervo Folha**. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_20ago1961.htm>, acesso em 04/03/2016.

FRANCO, Alvaro da Costa (org.). **Documentos da Política Externa Independente**. Rio de Janeiro: Centro de História e Documentação Diplomática: Brasília: FUNAG, vol. 1, 2007. Disponível em: < <http://funag.gov.br/>>, acesso em 03/12/2016.

FURIATI, Claudia. **Entrevista concedida a Alberto Dias Mendes**. Rio de Janeiro, 03 ago. 2016. Arquivo digital (57:29 min).

GIRÓN. **Girón: seguimos en la victoria**. Direção: Arturo Mora Iglesias, Division de Programas Variados - TVC, tempo 3:20'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-GsvPVEx34U>, acesso em 02/03/2015.

GOODWIN, Dick. MEMORANDUM FOR THE PRESIDENT. Secret, The White House: Washington, subject: conversation with commandante Ernesto Guevara of Cuba, August 22, 1961. Disponível em : <http://americancentury.omeka.wlu.edu/files/original/3e027f808b843322ec9f28e8e78e93b7.pdf>, acesso em 03/02/2014.

GRATIDÃO. Ilustração, il. p&b. In: **O Estado de São Paulo**, 22/08/1961,p.04. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br>, acesso em 10/03/2016.

GUERREIRO, R.S. Memorando sobre a situação de Cuba, Confidencial, 08 mai 1961. In: **Documentos da política externa independente**. FRANCO, Alvaro da Costa (org.). Rio de Janeiro: Centro de História e Documentação Diplomática: Brasília: Funag, vol I, 2007, p. 64-74.

GUEVARA, Ernesto Che. **Entrevista ao Canal 7 de Buenos Aires**, 1961, Tempo de vídeo: 4:26 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YpjGjySjsLY>, acesso em 04/02/2015.

GUEVARA, Ernesto Che. Prontuário 29.884. Informe s/n. DPPS/SCD/RJ, **Polícias Políticas**, Secreto 11, maço 01, caixa 391, 1967. APERJ.

GUEVARA, Ernesto Che. Che Guevara na Conferência de Punta del Este. Domínio público, 1961, p&b. Disponível em: <http://museuvirtualcheguevara.blogspot.com.br/2012/08/comandante-che-guevara-na-conferencia.html>, acesso em 04/11/2016.

GUEVARA, Ernesto Che. Discurso em Punta del Este, 08/08/1961 (discurso como delegado de Cuba). In: _____. **Obras escogidas (1957-1967)**. Tomo II: la transformacion politica, econômica y social, s/ editora e s/ data, pp. 420-458.

GUEVARA, Ernesto Che. Discurso em Punta del Este, 16/08/1961 (fundamentando a oposição de Cuba a assinar a "Carta de Punta del Este". In: _____. **Obras escogidas (1957-1967)**. Tomo II: la transformacion politica, econômica y social, s/ editora e s/ data, pp. 459-468.

GUEVARA, Ernesto Che. Discurso en la conferencia de la OEA, Punta del Este. **Archivo Historico de Rádio y Televisión Argentina** (RTA). Tempo: 29:14 min. Disponível em: <http://www.archivoprisma.com.ar/registro/che-guevara-discurso-en-la-conferencia-de-la-oea-punta-del-este1962/>, acesso em 01/03/2017.

GUEVARA, Ernesto Che. **Discurso en Universidad de la República** (Uruguay). Tempo 1:01:35 h. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q8NLD3RlrN4>, acesso em 01/03/2017.

IBAD. In: **CPDOC-FGV**, verbete. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>, acesso em 04/11/2015.

IBGE. Censo demográfico de 1960, VII Recenseamento Geral do Brasil, Série Nacional, volume I. **Biblioteca Central do IBGE**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_br.pdf>, acesso em 10/02/2016.

IBGE. Censo demográfico de 1950, Serviço Nacional de Recenseamento, Série Nacional, volume I, Rio de Janeiro, 1956. **Biblioteca Central do IBGE**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf>, acesso em 10/02/2016.

IPÊS. In: **CPDOC-FGV**, verbete. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>, acesso em 04/11/2015.

JORNAL DO BRASIL. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 04/05/2015.

JORNAL DO BRASIL. 18/04/1961.p.1. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

JORNAL DO BRASIL. 02/08/1961, p. 01. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

JORNAL DO BRASIL. 04/08/1961, p.2. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

JORNAL DO BRASIL. 21/08/1961, p.3. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

KANGAS, Paul. **The Nixon-Bush Connection To The Kennedy Assassination.**, disponível em: <<http://johnfitzgeraldkennedy.net/thenixonbushconnectiontothekennedyassassination.htm>>, acesso em 21/07/2017.

KENNEDY, John Fitzgerald. Discurso de posse, em 20 de janeiro de 1961. In: MAY, Ernest R. (org.). **Os Grandes Debates da Política Exterior Norte-americana**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1964. pp.228-232.

KUBITSCHKE, Juscelino. 1958 - Operação Pan-Americana (Carta de JK). In: GARCIA, Eugenio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa: documentos históricos (1493-2008)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, pp. 489-500.

LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Organização de texto, notas e seleção de documentos de Claudio Lacerda Paiva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MAGALHÃES, Sérgio. Pronunciamento. **Diário do Congresso Nacional**, 13/06/1961, p. 3975. Disponível em: < <http://legis.senado.leg.br/diarios/PublicacoesOficiais>>, acesso em 08/09/2016.

MANIFESTO DA AÇÃO DEMOCRÁTICA PARLAMENTAR. **Jornal do Brasil**, 22/08/1961, p.03.

MARIANI, Clemente. Mariani diz em Montevidéu que Brasil fará reformas que desenvolvimento exige. In: **Jornal do Brasil**, 05/08/1961, p.3. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 04/05/2015.

MARIANI, Clemente. Carta ao Governador Leonel Brizola, 15/08/1961, pp. 1-2. Documentos sobre a conferência de montevidéu. Reunião Extraordinária do Conselho Interamericano Econômico e Social no nível ministerial, localização: CMa mf c 1961.06.26/2. CPDOC-FGV. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CMa_MF&pasta=CMa%20mf%20c%201961.06.26/2>, acesso em 02/10/2016.

MEDALHA. Ilustração da medalha do Cruzeiro do Sul. Domínio público, p&b. Disponível em: <<http://www.medal-medaille.com/national-order-southern-cross-commander-ordem-nacional-cruzeiro-comendador-model-issue-1933-1967-p-8674.html>>, acesso em 20/02/2015.

MELO FRANCO, Afonso Arinos; QUADROS, Jânio da Silva. **História do povo brasileiro**. São Paulo: J. Quadros editores culturais, 1968.

MENEZES, Adolpho Justo Bezerra de. **O Brasil e o mundo Ásio-africano**. Brasília: Funag, 2012.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Entrevista concedida a Alberto Dias Mendes**. Rio de Janeiro, 19 nov. 2016. Arquivo digital (3:40:36 h).

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Entrevista concedida a Alberto Dias Mendes**. Rio de Janeiro, 05 abr. 2017. Arquivo digital (42:57 min).

_____. **A renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64**. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1979.

MOVIMENTO TRABALHISTA RENOVADOR. Base de apoio de Jânio Quadros. In: **CPDOC-FGV**, verbete. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>, acesso em 04/11/2015.

NOVOS RUMOS. 30/12/1960 a 05/01/1961, p. 9. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/novos/index.htm>>, acesso em 09/5/2016.

NOVOS RUMOS, 21 a 27 de abril de 1961, p.1. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/novos/index.htm>>, acesso em 09/5/2016.

NOVOS RUMOS, 25 a 31/03/1960, p.3. Disponível em:
<<https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/novos/index.htm>>, acesso em 09/5/2016.

NOVOS RUMOS, 15 a 25/02/1960, p. 03. Disponível em:
<<https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/novos/index.htm>>, acesso em 09/5/2016.

O CRUZEIRO, 15/10/1961. In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em:
<<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>>, acesso em 04/03/2015.

OCS/2/483.0(00) de 15/07/1964. Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. Cancelamento do uso de insígnias por personalidades estrangeiras. Vasco Leitão da Cunha (Ministro). Cerimonial, Coordenação Geral de Protocolo (CGPL), Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, Decretos (1960-1963)(1964-1969), caixa 2016.59. AHMRE.

OEA. **Carta de la Organización de Estados Centroamericanos**. San Salvador, El Salvador, out/1951. Disponível em:
[http://www.internationaldemocracywatch.org/attachments/230_Carta%20de%20la%20Organizacion%20de%20Estados%20Centroamericanos%20\(ODECA\).pdf](http://www.internationaldemocracywatch.org/attachments/230_Carta%20de%20la%20Organizacion%20de%20Estados%20Centroamericanos%20(ODECA).pdf)>, acesso em 03/07/2016.

OEA. Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR). Disponível em:
<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/legislacao/segurancapublica/tratado_interamericano_assistencia_reciproca_riodejaneiro.pdf>, acesso em 03/04/2017.

OEA. Documentos sobre a conferência de montevidéu. Reunião Extraordinária do Conselho Interamericano Econômico e Social no nível ministerial. In: **CPDOC-FGV/RJ** localização: CMa mf c 1961.06.26/2.. Disponíveis em:
<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CMa_MF&pasta=CMa%20mf%20c%201961.06.26/2>, acesso em 02/10/2016.

O ESTADO DE SÃO PAULO. 30/04/1959, p.2. Disponível em:
<<http://acervo.estadao.com.br/>>, acesso em 09/07/2015.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 05/08/1961, p. 01. Disponível em:
<<http://acervo.estadao.com.br/>>, acesso em 09/07/2015.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 05/08/1961, p.02. Disponível em:
<<http://acervo.estadao.com.br/>>, acesso em 09/07/2015.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 13/06/1961, p. 3. Disponível em:
<<http://acervo.estadao.com.br/>>, acesso em 09/07/2015.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 20/08/1961, p. 03. Disponível em:
<<http://acervo.estadao.com.br/>>, acesso em 09/07/2015.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 20/08/61, p. 03. Disponível em:
<<http://acervo.estadao.com.br/>>, acesso em 09/07/2015.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 24/08/1961, p. 64. Disponível em:
<<http://acervo.estadao.com.br/>>, acesso em 09/07/2015.

Ofício 375, Bogotá, em 22 de dezembro de 1961. Da Embaixada em Bogotá. Seção de Correspondência Especial, Ofícios, Embaixadas (A-L), caixa 07, Secreto, 1960/62. AHMRE.

Ofício 98/960 de 03/05/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Ofícios, Volume: 01416, Jan/Jun 1961. AHMRE.

Ofício 222 / 600 (24h) - Secreto, Manágua, 3 de agosto de 1961 - Ação contra Cuba. (mantida a ortografia original do documento). Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Ofícios, Volume: 01417, Julho-Dez 1961. AHMRE.

Ofício 97/640.231(24h). Da Embaixada em Havana. Seção de Correspondência Especial, Ofícios, Havana, vol. 01414, maio-agosto 1960. AHMRE.

Ofício 97/640.231(24h). Anexo. Da Embaixada em Havana. Seção de Correspondência Especial, Ofícios, Havana, vol. 01414, maio-agosto 1960. AHMRE.

Ofício s/n. Informações para entrevista do Pres. da República com o Ministro da Economia de Cuba, Sr. Guevara. Localização: RC 61.07.26 e/ag, p.2-3. CPDOC-FGV/RJ.

Ofício s/n. BEC/DPC/DEC/DOR. CUBA, informações para entrevista do Pres. da República com o Ministro da Economia, Sr. Guevara. Confidencial, (Afonso Arinos) Gabinete-Rio, Localização: RC 61.07.26 e/ag, p.2-3. CPDOC-FGV/RJ.

O GLOBO, 05/08/1961, p.06. **Acervo O Globo**. Disponível em
<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

O GLOBO, 04/08/1961, p.06. **Acervo O Globo**. Disponível em
<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

O GLOBO, 05/08/1961, p.06. **Acervo O Globo**. Disponível em
<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

O GLOBO, 04/08/1961, p.06. **Acervo O Globo**. Disponível em
<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

O GLOBO, 08/08/1961, p. 02. **Acervo O Globo**. Disponível em
<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

O GLOBO, 04/08/1961, p.06. **Acervo O Globo**. Disponível em
<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

O GLOBO, 07/08/1961, p.06. **Acervo O Globo**. Disponível em
<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

O GLOBO, 19/08/1961, p.1. **Acervo O Globo**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

OPERACIÓN PETER PAN. Direção: Estela Bravo, tempo: 57: 32, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F1rr6lPHiMA>>, acesso em 22/03/2017.

PACTO DE UNIDADE SINDICAL (PUI). In: **CPDOC-FGV**, verbete. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>, acesso em 04/11/2015.

PIJÂNIO. In: **Agência Senado**, p&b,. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias>>, acesso em 02/10/2016.

QUADROS, Jânio. Bilhetes do Presidente Jânio Quadros ao Ministério das Relações Exteriores. **Cadernos do CHDD**, Brasília, DF: Funag, Ano V, nº 8, 2006, pp. 313-484.

QUADROS NETO, Jânio. **Jânio Quadros: memorial à história do Brasil**. São Paulo: Rideel, 1996.

Revolución, 02/06/1960, p. 01 (Foto: Calderín). Telegrama 137/621.5(24h) de 10/06/1960, anexo único, p.1. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01433, Ano 1959-1960, AMRE.

Revolución, 02/06/1960, p.1. Telegrama 137/621.5(24h) de 10/06/1960, anexo único, p.2. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01433, Ano 1959-1960, AMRE.

SABINO, Fernando. A revolução dos jovens iluminados. In: SARTRE, Jean Paul. **Furacão sôbre Cuba**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

SANTOS, Theotônio. **Entrevista concedida a Alberto Dias Mendes**. Rio de Janeiro, 17 set. 2015. Arquivo digital (1:41:03 h).

SANTOS, Paulo de Tarso. Entrevista de Paulo de Tarso a Antonio Abujamra. Programa Provocações nº 128, bloco 1, **TV Cultura Digital**. Tempo 12:44 minutos, 03/09/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zU7_mJaC8wg>, acesso em 02/11/2017.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Origem da "Aliança Para o Progresso" - I. In: **O Globo**, 08/08/1961, p. 02. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>, acesso em 03/07/2015.

SCHNEIDER, Erno. Jânio: uma foto que interpretou a história. In: **Agência Senado**, Uruguaiana (RS), p&b, 21 abr. 1961. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/08/25/janio-uma-foto-que-interpretou-a-historia>>, acesso em 15/04/2016.

Telegrama 137/621.5(24h) de 10/06/1960, anexo único, p. 1. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01433, Ano 1959-1960. AHMRE.

Telegrama 137/621.5(24h) de 10/06/1960, anexo único, p. 2. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01433, Ano 1959-1960. AHMRE.

Telegrama 60. DC/SRC/SI/430.1(24h) de 20/21/04/1961. Da Embaixada em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01424, Ano 1960. AHMRE.

Telegrama 336. DPo600(24h) de 28/29/X/1960. Da Embaixada do Brasil em Havana para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01424, Ano 1960. AHMRE.

Telegrama 87. DPo600.(24) de 15/04/1961. Da Embaixada em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 88. DPo600.(24) de 15/04/1961. Da Embaixada em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961, p. 1. AHMRE.

Telegrama 89. DPo600.(24) de 15/04/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 90. DPo600.(24) de 17/19/04/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 91. DPo600.(24) de 19/04/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 94. DPo600.(24) de 20/21/04/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 96. DPo600.(24) de 21/21/04/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama Nº 282 de 20/04/1961. DPo /601.3 (24h) 960. Urgente-Secreto. Guerra civil cubana - relações interamericanas. Da Embaixada em Washington. Secreto Q-W, telegramas CTs recebidas e expedidas, 1960-61. AHMRE.

Telegrama 98. DPo601.3(24h) de 25/25/04/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 105. DPo601.03(24) de 28/28/04/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961, p.01. AHMRE.

Telegrama 112.DPo922.31(24h)(42)de 08/9/05/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 111. DPo/(sem numeração) de 08/09/05/1961. Da Embaixada em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 106. DPo922.31(42)(24h) de 28/29/04/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 1124. DPo/601.3(24h) de 15/16/05/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 123. DPo900.01(00) de 15/16/05/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 132. DPo900.01(00) de 26/27/05/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01425, Ano 1961. AHMRE.

Telegrama 63, de 3/4/IV/1960. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Havana, Telegramas, Volume: 01424, Ano 1960. AHMRE.

Telegrama 93 de 09/06/1961. Da Embaixada brasileira no Vaticano para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Telegramas, Volume 03724, Cidade do Vaticano, 1960-1964. AHMRE.

Telegrama 72 de 04/05/1961. Da Embaixada brasileira no Vaticano para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Telegramas, Volume 03724, Cidade do Vaticano, 1960-1964. AHMRE.

Telegrama Secreto nº 89. DPC/DPo/SSN de 5/08/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondências Especiais. Havana, Telegramas, 1961, vol 01425, Caixa 07. AHMRE.

Telegrama 146, da Embaixada brasileira em Havana em 12/06/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondências Especiais. Havana, Telegramas, 1961, vol 01425, Caixa 07. AHMRE.

Telegrama Nº 343 de 16/V/1961 DAm/DOr/DPo/812.(42)(22). Secreto-Urgente, da embaixada do Brasil em Washington, acôrdo Financeiro Brasil - EEUU, Crise política Cuba - EEUU, Secreto Q-W, telegramas CTs recebidas e expedidas, 1960-61. AHMRE.

Telegrama 218. 08/V/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Telegramas recebidos/expedidos, Embaixadas A-K, Caixa 47, Anos 1960/61. AHMRE.

Telegrama 266. 15/15/VI/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Telegramas recebidos/expedidos, Embaixadas A-K, Caixa 47, Anos 1960/61. AHMRE.

Telegrama 260. 09/VI/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Telegramas recebidos/expedidos, Embaixadas A-K, Caixa 47, Anos 1960/61. AHMRE.

Telegrama 310. 04/IV/1961. Da Embaixada brasileira em Havana para a Secretaria do Ministério das Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Telegramas recebidos/expedidos, Embaixadas A-K, Caixa 47, Anos 1960/61. AHMRE.

Telegrama G/DPo/501:43. 920.(42) (24h) DCD/CDD/SANT. Entrevista do Presidente da República com o Senhor Guevara. Da Secretaria de Relações Exteriores para a Embaixada em Havana. Localização X1.05.02.4, caixa 02, maço 81588. AHMRE.

Telegrama nº 3150 de 31/03/1961. do Ministro das Relações Exteriores do Brasil para a Embaixada do Brasil em Havana. Seção de Correspondência Especial, Telegramas recebidos/Expedidos, 1960/61, Embaixadas (A-K), caixa 47, Secreto. AHMRE

Telegrama nº43, DPo/600.50(64h) 640.4(50) 19/03/1961. da Embaixada do Brasil junto à Santa Sé. Seção de Correspondência Especial, Cidade do Vaticano, Telegramas, 1960/64, Volume 03724. AHMRE.

Telegrama nº 27 de 31/05/1961, da Embaixada no Vaticano. Seção de Correspondência Especial, Cidade do Vaticano, Telegramas, Volume 03734, Caixa 47, 1959-1962. AHMRE.

Telegrama nº252, de 22/24/09/1961. DPo. 600.(24h). Embaixada do Brasil em Havana. DCD/CDO/Seção de Antecedente, Assunto: 82.421 a 82.423. AHMRE

Telegrama nº11283 em 21/09/1961. DPo. 600.(24h). Embaixada do Brasil em Havana. DCD/CDO/Seção de Antecedente, recebido, Assunto: 82.421 a 82.423. AHMRE.

Telegrama nº1283, de 02/2/X/1961. DPo. 600.(24h). Do Gabinete em Brasília. DCD/CDO/Seção de Antecedente, Assunto: 82.421 a 82.423. AHMRE.

Telegrama nº 107, de 6/7/V/1961, pp.1-2. Da Embaixada em Bogotá. Seção de Correspondências Especiais. Caixa 07, Embaixadas, secretos, Vol. A-L, Ano 1960/62. AHMRE.

Telegrama secreto nº 490. Da Secretaria de Relações Exteriores. Seção de Correspondência Especial, Telegramas recebidos/expedidos, Volume Q-W, 1960/61, caixa 48. AHMRE.

Telegrama nº 26, expedido em 17 de julho de 1961. Da Embaixada brasileira no Vaticano. Volume 03724, Cidade do Vaticano, Telegramas, 1960-1964. AHMRE.

Telegrama G/DPo/501:43. 920.(42) (24h) DCD/CDD/SANT. Entrevista do Presidente da República com o Senhor Guevara. Da Secretaria de Relações Exteriores para a Embaixada em Havana. Seção de Correspondência Especial, Telegramas recebidos/expedidos, Localização X1.05.02.4, caixa 02, maço 81588. AHMRE.

THE NEW YORK TIMES (1851 - 2003), Jan 4, 1959, pg. E6. Disponível em: <www.nytimes.com>, acesso em 10/02/2016.

THE NEW YORK TIMES, 08/03/1959, p. 22. Disponível em: <www.nytimes.com>, acesso em 10/02/2016.

TRUMAN, Harry S. A Doutrina Truman, mensagem ao Congresso, 12 de março de 1947. In: MAY, Ernest R. (org.). **Os Grandes Debates da Política Exterior Norte-americana**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1964. pp.194-196.

ÚLTIMA HORA. 02/08/1961, p.06. . In: **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em 07/04/2015.

VATICANO. **Documentos do Concílio Vaticano II - Constituições, Decretos, Declarações**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm>, acesso em 06/09/2015.

WESTIN, Ricardo. Em 1961, presidente Jânio Quadros criou uniforme para os funcionários federais, 24/10/2014, **Agência Senado**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/10/24/em-1961-presidente-janio-quadros-criou-uniforme-para-os-funcionarios-federais>>, acesso em 02/10/2016.

YTTRIO CORRÊA DA COSTA. Fazendeiro e Engenheiro. Era Suplente na Comissão. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa>>, acesso em 02/02/2017.